
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00457317 6



Gloria a Venus

HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO

EM TODOS OS POVOS DO MUNDO

DESDE A MAIS REMOTA ANTIGUIDADE ATÉ AOS NOSSOS DIAS

OBRA NECESSARIA AOS MORALISTAS,
UTIL AOS HOMENS DE SCIENCIA E LETTRAS E INTERESSANTE PARA TODAS AS CLASSES

POR

PEDRO DUFOUR

MEMBRO DE DIVERSAS ACADEMIAS E SOCIEDADES SCIENTIFICAS

NOTAVELMENTE AMPLIADA E ENRIQUECIDA COM VALIOSOS ESTUDOS POR D. AMANCIO PERATONER

E OUTROS ESCRIPTORES, E SEGUIDA DE UM IMPORTANTE TRABALHO

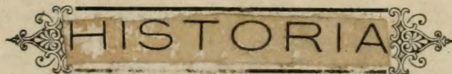
SOBRE A HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO EM PORTUGAL

DESDE OS TEMPOS MAIS OBSCUROS DA LUSITANIA
ATÉ NOSSOS DIAS

ILLUSTRADA COM PRIMOROSAS GRAVURAS



LISBOA
EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA—EDITORA
ESCRIPTORIO E OFFICINA TYPOGRAPHICA
5—PATEO DO ALJUBE, Á SÉ—5

1885

HQ
111
L219
1885
t.1



LISBOA
TYP. DA EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA
5 — PATEO DO ALJUBE — 5
1885

HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO

PROEMIO



Se é difficil definir a palavra *Prostituição,* quanto mais difficil não será fazer a sua historia nos tempos antigos e modernos! Esta palavra que marca, exactamente como um ferro em braza, uma das mais tristes miserias da humanidade, emprega-se menos em sentido proprio do que no figurado, e apparece frequentemente na linguagem fallada ou escripta, despida da sua verdadeira accepção. Os illustres e conspicuos auctores do *Diccionario da Academia Franceza,* na sua ultima edição, não encontraram para esta palavra melhor definição do que: *Abandono á impudicicia.* E antes d'elles outro philologo francez, Richelet, teve de contentar-se com esta, ainda mais vaga: — *Desregramento de vida.* Todavia o mesmo escriptor, mediocremente satisfeito com similhante explicação, teve de completar o seu pensamento com uma phrase menos amphibologica: «Abandono illegitimo que uma mulher faz do seu corpo a outra pessoa, para que esta tenha com ella prazeres prohibidos.» Esta phrase, que suggeriu aos auctores do *Diccionario da Academia* a sua definição, não diz ainda

tudo o que comprehende a palavra prostituição, porque o abandono de que se trata tem sido em certas circumstancias praticado por pessoas de ambos os sexos, e porque os prazeres prohibidos pela religião ou pela moral são auctorisados, ou quando menos, tolerados pela lei. É nossa opinião que a definição da palavra deve ir buscar-se á sua raiz etymologica (*prostituitio*) e entender-se por ella — *todo o trafico obsceno do corpo humano.*

Este trafico, que a moral reprova, existiu em todos os tempos e em todos os povos do mundo, revestindo as mais estranhas e variadas fórmas. Atravez das idades, modificou-se segundo as leis e os costumes, obteve ordinariamente a protecção do legislador, entrou nos codigos politicos e — o que é mais — nas ceremonias religiosas: fez valer por toda a parte a sua perniciosa influencia, e em nossos dias, sob o imperio do aperfeiçoamento philosophico das sociedades, é o auxiliar da manutenção dos sãos principios, o guarda immoral da moralidade publica, o triste mas indispensavel tributario das paixões brutaes do homem.

A prostituição é uma das chagas mais vergonhosas da pobre humanidade, mas este mal, tão antigo como o mundo, tem logrado encontrar abrigo e protecção no proprio lar domestico, no recinto dos templos pagãos, e sob o veu protector da tolerancia juridica. Esta chaga infame, que ainda hoje corroe e devasta o corpo social, encontrou na philosophia e na religião christã, senão um remedio absoluto, pelo menos um poderoso correctivo, e, á medida que os povos se vão melhorando e illustrando, o mal inevitavel da prostituição diminue de intensidade, circumscrevendo de certo modo os seus damnos. Não nos é dado esperar pelo seu completo desapparecimento, visto que os instinctos viciosos, a que corresponde, são desgraçadamente innatos na especie humana; no emtanto, podemos prevêr com toda a certeza que chegará um dia em que a prostituição terá de occultar-se no fundo das sentinas publicas, para assim não offender mais os olhares das pessoas honestas.

Já na actualidade, por toda a parte, tanto em França como nos demais paizes submettidos a um governo regular, a prostituição vê decrescer progressivamente o numero dos seus agentes e o das suas victimas. Observa-se que ella retrocede perante o desenvolvimento da razão moral, como se fôra accessivel a um sentimento de pudor: não queremos dizer que abdique, mas o que é certo é que se vae sentindo desthronada e que se envolve no seu manto de cortezã, perdida completamente a esperança de reconquistar a sua corôa impudica. Não está longe o dia em que a prostituição se envergonhe de si propria, em que sáia para sempre do santuario dos costumes, em que venha a cahir na obscuridade, e pouco depois no olvido. Ha enfermidades no coração humano, que, como certas enfermidades physicas, acabam por gastar-se, perdendo o seu caracter epidemico, sob o influxo de um bom

regimen de vida. Hoje em dia apenas conhecemos a lepra de nome, e quando por acaso se encontra uma reliquia d'essa terrivel peste da antiguidade, reconhece-se com grande jubilo que essa enfermidade já não tem forças para propagar-se.

Na occasião, portanto, em que a prostituição tende visivelmente a desapparecer, sumindo-se da recordação dos homens e dos costumes dos povos, pareceu-nos opportuno o ensejo de lhe escrevermos a historia. O historiador apodera-se do passado, reanima e faz viver o que não existe para ensinamento do presente e do porvir, e dá corpo e voz á tradição. O vasto e curiosissimo assumpto de que vamos tratar, soccorrendo-nos da erudição e estribando-nos na mais severa prudencia, assumpto delicado e ao mesmo tempo escabroso, liga-se intimamente á historia das religiões, das leis e dos costumes, mas foi sempre cuidadosamente posto de parte pelos escriptores, que tomaram a peito historiar os costumes, as leis e as religiões antigas e modernas. Só alguns archeologos, como Meursio, Laurencio, Musonio, etc., se atreveram a tratar d'elle em extensas dissertações latinas, em que a lingua de Juvenal pôde corajosamente arrostar com a escabrosidade das palavras e dos factos.

Pelo que nos diz respeito, apesar de sermos tambem archeologos, nunca nos esqueceremos de que escrevemos em lingua vulgar, afim de termos bem presente o respeito que se deve ao publico. Não esqueceremos tambem que este livro, preparado lentamente em proveito da sciencia, deve prestar serviços á moral, e que tem especialmente por fim inspirar o horror do vicio, revelando as suas torpezas. Os lacedemonios mostravam á juventude o repugnante espectaculo dos escravos embriagados, para a ensinarem a fugir da embriaguez. Deus nos preserve de procurar tornar o vicio amavel, ainda que, historiadores fieis da antiguidade, tenhamos de o apresentar coroado de flores! É n'isto principalmente que vamos distanciar-nos dos archeologos e dos sabios, propriamente ditos, os quaes jámais se preoccupam com a moralidade dos factos, nem tratam de tirar d'elles consequencias philosophicas. Discreteiam largamente, por exemplo, sobre o culto escandaloso de Isis, de Astarté, de Venus e de Priapo, revelam as suas monstruosidades, descrevem prolixamente as suas infamias, mas não se lembram de nos purificarem depois d'isto o pensamento, e de nos tranquilisarem o espirito, oppondo a essas impuras e degradantes imagens as castas lições da philosophia e a acção benefica do christianismo.

A prostituição, na historia antiga e moderna, reveste tres fórmas distinctas, ou reduz-se a tres graus que pertencem a tres épocas differentes da vida dos povos: 1.º—A prostituição hospitalar ou domestica —2.º A prostituição sagrada ou religiosa—3.º A prostituição legal ou civil.

Estas tres denominações resumem perfeitamente as tres especies de prostituição, que Rabuteaux qualifica n'estes termos, n'um excel-

lente trabalho sobre o mesmo assumpto, que nos propomos tratar debaixo de um ponto de vista mais geral.

«Por toda a parte, diz o erudito escriptor, até onde a historia nos permitte penetrar, em todos os povos e em todos os tempos, vemos como um facto mais ou menos geral a mulher, acceitando a mais odiosa escravidão, entregar-se sem eleição nem prazer aos grosseiros estimulos que a excitam e provocam. A's vezes, por se ter extinguido dentro d'ella completamente a luz moral, a nobre e doce companheira do homem perde n'essas sombrias trevas os ultimos restos da sua dignidade, e perfeitamente indifferente ao homem que a possue, vem a ser uma coisa vil entre os presentes da hospitalidade: as relações sagradas de que emanam os gozos ineffaveis do lar domestico e as doçuras da familia, não teem nem valor nem importancia entre aquelles povos degenerados. Outras vezes, no antigo Oriente, por exemplo, e em todos os povos que alli foram beber as velhas tradições, por um consorcio muito mais repugnante ainda, o sacrificio do pudor da mulher ligava-se aos dogmas de um naturalismo monstruoso, que exaltava todas as paixões, divinisando ainda as mais brutaes; e é assim que o rito sagrado de um culto degenerado e absurdo, e o estipendio pago a sacerdotisas impudicas vem a ser uma offerenda feita aos deuses. N'outros povos, emfim, nos que occupam o logar mais elevado na escala moral, a miseria ou o vicio entregam aos grosseiros impulsos dos sentidos e aos seus desejos cynicos uma classe inteira, relegada para a ultima escoria social, tolerada, mas ferida de infamia, a classe d'essas infelizes mulheres para quem a dissolução e a vergonha chegaram a ser um officio.»

Assim, pois, Rabuteaux considera como uma odiosa escravidão o que nós consideramos um obsceno trafico. Effectivamente, n'estas tres fórmas principaes, a prostituição apresenta-se-nos mais venal do que servil, porque é sempre voluntaria e livre. Hospitalar, representa uma troca de cumprimentos, de conveniencias, digamol-o assim, com um estrangeiro, um desconhecido, que se torna de repente um amigo; religiosa, compra, a preço do pudor por ella immolado, os favores de um deus e a consagração do sacerdote; legal, estabelece-se e põe-se em pratica exactamente como os outros officios: tem, como elles, os seus direitos e os seus deveres, as suas mercadorias, os seus estabelecimentos e mercadores: vende e ganha, visto que, como o mais honesto dos commercios, não tem outro fim senão o lucro. Para que estas tres classes de prostituição possam ser collocadas na cathegoria das escravidões moraes e physicas, seria mister que a hospitalidade, a religião e a lei as tivessem creado violentamente, obrigando-as a existir, a despeito de todas as repugnancias e resistencias da natureza. Mas o que é certo é que em tempo algum a mulher foi escrava a ponto de não ser dona do seu corpo, já no lar domestico, já no santuario do templo, já nos prostibulos das cidades.

A verdadeira prostituição começou no mundo, no dia em que a mulher se vendeu como uma mercadoria, e este commercio, como todos os outros, teve de submetter a uma multidão de condições diversas. Quando a mulher se entregava, obedecendo aos desejos do seu coração ou aos estimulos da carne, era o amor que obrava, o amor ou a vontade, e não a prostituição que calcula ou negoceia. Como a sensualidade e o amor, a prostituição remonta tambem á origem dos povos e á infancia das sociedades.

No estado primitivo da natureza, quando os homens começaram a procurar-se e a reunir-se, a promiscuidade dos sexos é o resultado inevitavel da barbarie, que não tem outra norma de conducta alem do instincto. A profunda ignorancia em que vegeta a alma humana occulta-lhe as noções elementares do bem e do mal. A prostituição começa a existir n'essa época: a mulher, a fim de obter do homem uma parte do resultado da pesca ou da caça, consente sem duvida em entregar-se a uma paixão que não sente: por uma concha nacarada, por umas pennas vistosas de uma ave rara, por uma bijouteria de um metal brilhante, ella concederá sem inclinação nem prazer a uma paixão alheia os favores ou privilegios do seu amor.

Esta prostituição selvagem, é, como se vê, anterior a toda a religião e a toda a lei civil, e, por tanto, desde os primeiros tempos da infancia dos povos, a mulher não cede á escravidão,— cede á sua cobiça e ao seu proprio interesse.

Quando os homens se reuniram, quando um laço social os agrupou em familias, quando a necessidade de se amarem e favorecerem mutuamente produziu uniões duradouras e fixas, o dogma da hospitalidade deu origem a outra especie de prostituição, que deve ser egualmente anterior ás leis religiosas e moraes. A hospitalidade não era senão a applicação d'este preceito, innato talvez no coração humano, e procedente mais de uma previsão egoista do que de uma generosidade desinteressada, que ensinou depois a caridade evangelica: «Faze pelos outros aquillo que queres que façam por ti.» Effectivamente, no meio dos bosques em que vivia, o homem sentia a necessidade de encontrar sempre, e em toda a parte onde se dirigisse, um logar no lar domestico e na meza dos seus similhantes, quando as suas correrias o conduzissem longe da sua cabana de ramos de arvores e do seu pobre leito de pelles de animaes: era uma condição geral que veio a fazer da hospitalidade um dogma sagrado, uma lei inviolavel. O hospede em todos os povos antigos era acolhido com respeito e alegria.

A chegada de um hospede era um acontecimento de bom agouro, e a sua presença trazia sempre a felicidade ao lar que o acolhia.

Em troca d'esta benefica influencia, que o hospede trazia comsigo e espalhava largamente por todos os pontos que percorria, era justo que cada qual procurasse ser-lhe agradavel, e decerto que todos o eram na proporção dos seus recursos. D'aqui essa admiravel solici-

tude que o rodeava, d'aqui os milhares de cuidados de que era objecto. O marido cedia de boamente o seu leito e a sua mulher ao hospede benefico, enviado pelos deuses, e a mulher, docil para com um costume que lisongeava a sua curiosidade ingenita, prestava-se com a melhor vontade ao acto mais delicado e exquisito das praticas da hospitalidade. Verdade seja que não se prestava desinteressadamente, mas sim com a mira nos presentes que o estrangeiro costumava fazer no dia seguinte á sua amante de uma noite, ao dar-lhe o beijo affectuoso da despedida.

E não era esta ainda a unica vantagem que a mulher tirava da sua prostituição auctorisada, prescrita até mesmo por seus paes e por seu esposo. Entregando-se nos braços do hospede benefico, tinha sempre ante os olhos a probabilidade de receber as caricias de um deus ou de um genio, que a fizesse mãe de uma illustre e gloriosa descendencia, porque em todas as religiões, tanto nas da India, como nas da Grecia e do Egypto, era crença unanimemente recebida o transito e hospedagem dos deuses entre os homens, debaixo de uma fórma humana. O viajante, o mendigo, o ser disforme e desgraçado, que fazia parte da familia desde que transpunha o humbral da casa ou da tenda, e que n'ella se installava como dono, graças á pratica salutar da hospitalidade, podia muito bem ser Brahma, Osiris, Jupiter, ou qualquer outro deus disfarçado, que houvesse descido á terra para vêr de perto os mortaes, e experimental-os na sua fé e na sinceridade do seu culto. A mulher ficaria então purificada pelas amorosas caricias de uma divindade. Eis como a prostituição hospitalar, commum a todos os povos primitivos, veio a perpetuar-se por tradição e por habito nos costumes da civilisação antiga.

A prostituição sagrada era quasi contemporanea d'esta primitiva prostituição, que foi de certo modo um dos mysterios do culto da hospitalidade. Logo que as religiões nasceram do temor e espanto que imprimira no coração do homem o aspecto das grandes commoções da natureza, assim que o vulcão, a tempestade, o raio, o tremor de terra, e a colera formidavel do oceano fizeram inventar os deuses, a prostituição offereceu-se em sacrificio a esses deuses terriveis, mas não implacaveis, e o sacerdote apropriou-se muito naturalmente de uma offerenda, de que os deuses a quem ella era destinada não podiam tirar o menor proveito. Os homens, ignorantes e credulos, levavam ao altar tudo quanto possuiam de mais precioso, o leite das suas vaccas, a carne da sua caça e da sua pesca, as obras das suas mãos, e as mulheres não tardaram a offerecer-se a si proprias em sacrificio ao deus, quer dizer, ao idolo e ao sacerdote, e o sacerdote e o idolo recebiam a offerenda, tanto da virgindade da donzella, como do pudor da mulher casada. As religiões pagãs, nascidas da casualidade e do capricho, estabeleceram depois os seus dogmas e os seus principios, accommodaram-se aos costumes e assimillaram-se aos governos dos estados politicos. Os phi-

losophos e os sacerdotes haviam preparado com a sua intelligencia esta fraude engenhosa, mas abstiveram-se cuidadosamente de tocar nas velhas usanças da prostituição sagrada. Nada mais fizeram do que regular e dirigir o seu exercicio, cercando-o de ceremonias estranhas e secretas. A prostituição veio a ser desde então a essencia do culto de certos deuses e deusas, que a ordenavam, permittiam ou alentavam. D'aqui os mysterios de Lampsaco, de Babylonia, de Paphos e de Memphis; d'aqui o trafico infame que se fazia á parte dos templos; d'aqui esses idolos monstruosos a que as virgens da India se prostituiam; d'aqui finalmente o impudico predominio que os sacerdotes se arrogavam, sob os auspicios das suas grosseiras e impuras divindades.

A prostituição devia inevitavelmente passar da religião aos costumes e ás leis, e então a prostituição legal apoderou-se da sociedade, corrompendo-a até á medulla. Esta prostituição, cem vezes mais perigosa do que a que se exercia occultamente á sombra dos altares e dos bosques sagrados, mostrava-se sem veu algum aos olhos dos povos e nem sequer se cobria com o pretexto fallaz de uma necessidade publica, pondo um freio aos extravios do vicio. Foi então que os legisladores, attentando no perigo que a sociedade corria, tiveram o valor de oppôr um dique á prostituição, encerrando-a em prudentes limites. Alguns houve que pretenderam aniquilal-a, mas vãs tentativas foram essas, porque nem sequer se atreveram a perseguil-a nos asylos inviolaveis, que a religião lhe abriu em certas festas e occasiões solemnes. Ceres, Baccho, Venus e Priapo protegiam-na contra a auctoridade dos magistrados, e por outra parte, o mal havia penetrado tão profundamente nos costumes do povo, que não seria possivel extirpal-o sem ir tocar nas raizes do dogma religioso. Só uma nova religião podia vir em auxilio do legislador politico e fazer com que desapparecesse a prostituição sagrada, pondo um freio salutar á prostituição legal.

Tal foi a obra do christianismo, que desthronou o poder dos sentidos, proclamando o triumpho completo e indiscutivel do espirito sobre a materia.

E, sem embargo, Jesus Christo, no seu Evangelho, rehabilitara a cortezã, perdoando á Magdalena e admittindo esta grande peccadora ao regenerador convivio da palavra divina. Jesus Christo chamou a si tanto as virgens insensatas, como as virgens prudentes, mas inaugurando a éra do arrependimento e da expiação, ensinou admiravelmente o pudor e a continencia. Os seus apostolos e successores, para derribarem os deuses da sensualidade, annunciaram ao mundo christão que o verdadeiro Deus não visitava senão as almas castas e não incarnava senão em corpos isemptos de toda a mancha. N'esta época de civilisação avançada, não existia já a prostituição hospitalar, e a prostituição sagrada, que se envergonhava pela primeira vez do seu impudor, encerrou-se nas sombras dos seus templos, que lhe eram disputados por um novo culto, severo, rigido e verdadeiramente moral. O paganismo,

atacado por todos os lados, não tentou sequer defender, como uma das suas fórmas favoritas, esta prostituição, que a consciencia publica repellia como um escandalo.

Assim, pois, a prostituição sagrada deixou de existir, pelo menos ostensivamente, antes que o paganismo tivesse abdicado completamente do seu culto e dos seus templos. A religião do Evangelho ensinava os seus neophytos a respeitarem-se a si proprios; a castidade e a continencia eram já virtudes obrigatorias para toda a gente, em vez de serem, como antigamente, o privilegio de alguns philosophos. A prostituição não tinha já motivo nem occasião de se envolver n'um manto religioso, para se occultar nas trevas do santuario. No emtanto, tão profundamente havia penetrado nos costumes religiosos, tantos gozos e voluptuosidades havia proporcionado aos ministros dos altares, que sobreviveu ainda a todas as perseguições da austera moral christã, apparecendo aqui e alli no fundo de alguns conventos, procurando insinuar-se no culto indecente de alguns santos. O vulgo ignorante e grosseiro continuou n'algumas partes a adorar Priapo, sob o nome de *S. Guignolet,* ou *Guerlichon,* e na origem do christianismo a prostituição sagrada punha as mulheres estereis em relações directas com as estatuas phallopheras d'aquelles *bemaventurados!*

A reacção não devia fazer-se esperar. A nobre moral de Christo havia illuminado os espiritos, encadeado as paixões, exaltado os sentimentos e purificado os corações. Nos principios da nova crença, julgou-se que a prostituição se apagaria dos costumes, sem que fosse mister pôr diques legaes ás impurezas d'aquella torrente immunda, que Santo Agostinho compara ás cloacas construidas nos mais esplendidos palacios, para desviar os miasmas infectos e assegurar a salubridade do ar. A sociedade nova, que se havia fundado no meio do mundo antigo, e que seguia os preceitos salutares da moral evangelica, fez uma guerra implacavel á prostituição, fosse qual fosse a fórma sob que ella se apresentasse. Os bispos, os synodos e os concilios denunciavam-a por toda a parte á indignação dos fieis, obrigando-a a acolher-se ás mais densas trevas, para se subtrahir ás penas pecuniarias, ou corporaes, com que era incessantemente perseguida. Mas a sabedoria dos legisladores christãos confiou demasiado na auctoridade religiosa. Grande foi decerto a solicitude e zelo que desenvolveram na repressão de todas as manifestações da concupiscencia, mas não contaram com as affeições, os instinctos e os temperamentos. A prostituição não podia desapparecer, sem expôr a gravissimos perigos o repouso, a tranquilidade e a honra das mulheres virtuosas. Assim, vêmol-a bem depressa entrar desaforadamente nos seus infames dominios, e arrostar muitas vezes com a lei, que a procurava reter nos mais apertados limites, esforçando-se por afastal-a dos olhares pudicos e honestos. O christianismo, fazendo do matrimonio uma instituição de verdadeira moralidade, e elevando a condição da mulher ao mesmo

nivel da do esposo, que a tomava por companheira ante Deus e ante os homens, condemnou a prostituição a viver fóra da sociedade em tenebrosos antros e debaixo do sêllo da infamia publica.

Comtudo, a prostituição não deixava de ter uma existencia bem segura, considerada como um mal necessario. Era expulsa das cidades, mas lá ia encontrar refugio nos suburbios, nas encruzilhadas dos caminhos, á sombra dos bosques, no meio dos campos. Distinguia-se nos diversos povos por certas côres, reputadas infames, por certos modos de vestir e adornos exclusivamente seus, mas apesar d'isto não deixava de exercer a sua abominavel profissão, e se inspirava horror ás pessoas honestas e piedosas, attrahia continuamente a juventude licenciosa, os velhos libertinos e todos finalmente os que não tinham que perder nem respeitabilidade nem a reputação. Póde dizer-se que nunca deixou de existir, muito embora os escrupulos moraes ou religiosos de um rei, de um principe ou magistrado tivessem chegado ao extremo de a querer aniquilar com um excesso de penalidades. As leis que haviam pronunciado a sua abolição não tardavam muito em ser abolidas, e esta odiosa necessidade social permanecia constantemente no corpo dos estados, como uma ulcera incuravel, cujo progresso a medicina não logra impedir.

Tal é o papel da prostituição, desde muitos seculos, em todos os paizes em que ha uma policia intelligente. É a esta especie que deve chamar-se *prostituição legal:* a religião prohibe-a, a moral reprova-a, mas a lei auctorisa-a.

Todavia a prostituição legal comprehende não sómente as creaturas que confessam e praticam officialmente a sua abjecta profissão, mas tambem todas as mulheres, que sem terem diploma para se entregarem aos prazeres sensuaes do publico, fazem commercio dos seus encantos sob titulos mais ou menos respeitaveis. Ha propriamente fallando duas classes de prostituição legal: a que tem o direito de exercer-se e possue uma auctorisação pessoal, e a que não tem esse requisito e se auctorisa com o silencio da lei a seu respeito — uma, dissimulada e occulta; outra, patente e reconhecida. Em virtude d'esta distincção entre as duas classes de mulheres prostituidas, que se aproveitam do beneficio da lei civil, podem avaliar-se as differentes cathegorias a que se estende essa prostituição de contrabando, a respeito da qual o legislador fechou os olhos, e o moralista duvida se deve ou não entregal-a aos juizos da opinião. Quanto mais a prostituição perde o seu caracter de trafico habitual, mais se afasta do limite legal de infamia a que a algema o seu destino. Quando transpõe o circulo ainda indefinido dos seus vergonhosos mercados, perde-se nos vagos espaços do galanteio e da voluptuosidade. Vê-se, pois, que não é facil determinar limites exactos e fixos á prostituição legal, por isso que não se sabe bem onde começa e onde acaba.

O que deve, porém, desde já ficar bem claramente definido no es-

pirito dos nossos leitores, é a distincção enorme que separa da prostituição antiga a prostituição moderna. Esta, puramente legal, tolerada muito mais do que permittida, sob a dupla censura da religião e da moral; aquella, pelo contrario, igualmente condemnada pela philosophia, mas consagrada pelos costumes e pelos dogmas religiosos. Antes da era christã, a prostituição encontra-se por toda a parte: no lar domestico, no templo, nas estradas; sob a influencia do Evangelho, não ousa mais apparecer senão a certas horas da noite, nos sitios mais escusos e longe dos olhares das pessoas honestas. Mais tarde, porém, para ter a liberdade de se apresentar em publico e para se subtrahir á policia dos costumes, adopta trajos e designações que não alarmem o senso moral das familias, e arranja uma mascara de decencia para exercer livremente o seu officio impudico sem vigilancia nem contratempos. Mas sempre tambem, ainda mesmo que a lei seja impotente ou muda, a opinião publica protesta contra estas hypocritas metamorphoses da prostituição legal.

Dissémos já o bastante para que se posssa prevêr o plano da nossa obra, fructo de tantas investigações e estudos absolutamente novos. Quanto ao seu objecto, não julgamos inutil insistir, para o tornar facilmente comprehensivel. Em presença de similhante assumpto, um escriptor que se respeita e que respeita os seus leitores deve procurar tornar o vicio detestavel, muito embora elle se apresente com adornos seductores: basta para isso apontar-lhe as funestas consequencias. A nossa obra não é um livro de austera moral. É uma historia extremamente curiosa, cheia de quadros interessantes, cuja nudez velaremos com cuidado, sobretudo quando apresentarmos os que nos subministram os auctores gregos e romanos. Vêr-se-ha, porém, em todas as épocas e paizes que as sabias advertencias dos philosophos e dos legisladores protestaram sempre contra os extravios das paixões sensuaes. Moysés consagrava a castidade no codigo que deu aos hebreus; Solon e Lycurgo castigavam severamente a prostituição na voluptuosa patria das cortezãs; o senado romano declarava infame a dissolução dos costumes em presença dos sordidos mysterios de Isis e de Venus; Carlos Magno, S. Luiz e todos os reis que se consideravam como *pastores de homens*, segundo a bella expressão de Homero, cuidaram sempre de purificar os costumes dos seus povos e de conter a prostituição na sua obscura e abjecta escravidão.

Isto não era, ainda assim, senão a acção vigilante da lei, mas ao mesmo tempo a philosophia nas suas lições e nos seus escriptos ensinava a continencia e o pudor. Pythagoras, Platão, Aristoteles e Cicero punham a sua eloquente voz ao serviço da moral mais pura. Quando o Evangelho rehabilitou o matrimonio, quando a castidade veio a ser emfim um preceito religioso, a philosophia christã não fez mais do que repetir os conselhos da philosophia pagã. Ha dezoito seculos que a cathedra de Jesus Christo troveja e fulmina sobre o antro da pros-

tituição. Aqui, a lama e as trevas; alli, a agua pura e santa. em que se lavam as manchas do coração, e a luz vivificante, que vem de Deus.

Este livro divide-se em quatro partes, cuja reunião apresenta a historia completa da prostituição nos tempos antigos e modernos e em todos os povos.

A primeira parte, que nos apresenta a prostituição sob as suas tres fórmas particulares, seguindo as leis da hospitalidade, da religião e da politica, comprehende tão sómente a antiguidade grega e romana. As fontes e os materiaes são tão abundantes e ricos para esta primeira parte, que ella só por si poderia abranger a extensão de muitos volumes, se se houvesse de dar ao assumpto todo o seu desenvolvimento. As Cartas de Alcyphronte, os *Deipnosophistas,* de Atheneu e os *Dialogos*, de Luciano, fazem-nos sentir menos a perda dos tratados historicos, que Gorgias, Ammonio, Antiphanes, Apollodoro, Aristophanes, e outros auctores gregos escreveram sobre a vida e costumes das cortezãs. Meursio, Musonio e muitos outro sabios modernos, entre outros o professor Jacob de Gotha, não julgaram este assumpto indigno das suas graves dissertações. A antiga Roma não nos legou um livro consagrado a esta materia, que todavia não lhe era estranha, mas os auctores latinos, os poetas principalmente, fornecem-nos maior quantidade de materiaes do que nós poderiamos empregar. Por outra parte, sabios em *us,* como Laurentius, Cheveronius, etc., não deixaram de dissertar sobre os arcanos da prostituição romana. Mas n'esta primeira parte da nossa obra, démos o maior desenvolvimento á historia da prostituição do povo-rei.

Effectivamente, nenhum outro povo nos apresentaria um quadro mais espantoso da corrupção dos costumes. Nenhum outro se despenhou tambem tão rapida e fatalmente na voragem da mais infrene dissolução. Estas palavras de um douto escriptor contemporaneo são perfeitamente justas e verdadeiras: «Não houve crime, por mais horroroso, nem escandalo, por mais hediondo e abominavel, que a cidade eterna não contemplasse impunemente.»

As austeras virtudes dos primeiros tempos d'aquelle florescente estado desappareceram rapida e totalmente, logo que as aguias romanas se espalharam victoriosas por todo o mundo conhecido, e trouxeram á cidade sagrada nas presas insaciaveis o despojo opimo de cem povos conquistados. De envolta com esses despojos, vinham tambem os germens fataes da corrupção, que em breve espaço deviam minar as entranhas do imperio e derruir aquelle orgulhoso edificio, expondo-o ás flagellações da historia, ao latego implacavel dos satyricos e ao despreso da posteridade.

Perdidas todas as noções da honra, do dever e da virtude, o estado era apenas um nome, a familia uma ironia, a religião um sarcasmo, uma enorme impiedade.

São estas as palavras de um erudito escriptor, que é ao mesmo

tempo um medico distinctissimo, e completando este quadro fiel da dissolução romana, accrescenta:

«A familia não existia.

«Os lares domesticos eram continuamente manchados pelo incesto e pela prostituição.

«Não havia respeito algum pelas mulheres. O censor Metello diz que se a especie humana podesse perpetuar-se sem ellas, fôra um grande beneficio para a republica exterminar tão grande mal.

«Como nenhum interesse levava ao matrimonio, o celibato era a condição commum. Promulgada a lei Pappia Poppèa, o divorcio constituia o adulterio legalisado.

«Os infanticidios eram frequentes, as exposições numerosas em todas as vias publicas. A vestal polluira o veu do santo pudor; todos sacrificavam á Venus impudica. Tão desenfreado corria o delirio das paixões brutaes, que o senado viu-se constrangido, no anno 19 de Jesus Christo, a prohibir ás filhas, netas e viuvas dos cavalleiros romanos de darem o seu nome no livro policial das que traficavam com o corpo. Tacito refere que altas matronas se declaravam meretrizes para evitarem as penas contra a prostituição.

«Ahi está o quadro d'aquelle grande imperio. Servidão abjecta no vulgo, nenhuma noção dos direitos, nenhuma observancia dos deveres. Corrupção profunda em toda a aristocracia. O mundo romano é um grande corpo gangrenado, comido nas entranhas pelos vermes dos sepulchros. Não hade ser elle quem recolha os restos da sua civilisação moribunda; por baixo d'esse povo, nas camadas mais humildes, já lavra o germen da nova religião.

«A Roma dos Césares é menos admiravel do que a Roma das catacumbas.»

Foi n'esta corrupção espantosa do imperio romano, corrupção que devastava aquelle enorme corpo social, desde o occidente ao oriente, que se fez ouvir o verbo meigo e consolador do Nazareno. No imperio dos Cesares, a palavra inspirada do Redemptor dos opprimidos foi a aurora de uma nova era e a promessa vivificadora de um futuro mais auspicioso. Os dissolutos da Roma imperial estremeceram ao ouvirem o annuncio da nova crença. Lentulo, consul romano, que estava em Jerusalem, descreve para Roma nos seguintes termos a impressão que lhe fizera o Divino Mestre:

«Chegou, diz elle, a esta cidade, onde se conserva ainda, um homem extraordinario. Chama-se Jesus. Muitas pessoas consideram-no como um propheta de verdade, e os adeptos denominam-no o Filho de Deus. Cura os enfermos e resuscita os mortos. É de aspecto veneravel, alta estatura, e por tal modo respeitosa, que a todos inspira amor e humildade. O cabello é castanho, espesso e alinhado na testa, onde está separado á maneira dos Nazarenos, cahindo-lhe depois em madeixas ondeantes sobre as espaduas; fronte vasta, rosto sereno, sem

rugas nem manchas e um tanto córado; a bocca e o nariz são de uma fórma perfeita; a barba, que elle deixa crescer, é da côr dos cabellos, não muito comprida, e separada no queixo; as feições respiram a perseverança e a candura; os olhos são grandes e brilhantes, terriveis quando reprehendem, suaves e cheios de bondade, quando exhortam e aconselham. Lê-se-lhe na physionomia uma completa confiança; está sempre sério; nunca ninguem o viu rir, posto que por mais de uma vez tenha chorado. Falla pouco, mas tudo o que diz é auctorisado; finalmente, tudo em tal homem parece sobrehumano.»

Assistiremos n'este livro á fundação do christianismo, ouviremos as palavras de perdão do Redemptor, cahindo como um balsamo celestial no coração das peccadoras, e erguendo-as do lodaçal em que jaziam. Veremos o admiravel contraste da castidade dos filhos de Jesus Christo com a espantosa dissolução dos sectarios do paganismo, e registaremos a constancia dos martyres, no meio das terriveis e odiosas perseguições de que foram victimas.

A primeira perseguição que soffreram os christãos foi no tempo de Nero, que lhes quiz attribuir o incendio da cidade. Depois de ter sacrificado a Ceres, Vulcano e Proserpina, sem aplacar a irritação das turbas por tamanho maleficio, virou o seu furor sanguinario contra os sectarios da nova religião, fazendo-lhes pagar o crime de que elle fôra o detestavel auctor. Alguns d'elles vestidos de pelles de animaes, serviram de pasto á voracidade dos cães; os outros, untados de resina e materias inflammaveis, arderam nos jardins, illuminando as folias do imperador incestuoso.

Este espectaculo foi muito do gosto do povo, como eram todos aquelles em que escorria o sangue humano.

Acompanharemos os martyres n'esta via dolorosa, e apontaremos á indignação das almas bem formadas os espantosos excessos dos vicios imperiaes.

O nosso trabalho acompanha fielmente todas as vicissitudes da civilisação romana, desde os tempos austeros da republica, até á espantosa dissolução que precedeu o advento do christianismo, e se prolongou por muito tempo ainda, depois que a voz inspirada dos apostolos abalou os eccos impudicos da nova Babylonia.

Eis o motivo, porque a historia da prostituição romana abrange uma parte importante do primeiro volume da nossa obra.

Temos tão pouco que dizer da prostituição egypcia, judia, e babylonica, que não tivemos escrupulo de referir ás antiguidades hellenicas os capitulos que consagramos áquelles antigos povos, em que a prostituição hospitalar deixara vestigios tão profundos.

A segunda parte da nossa obra, a mais consideravel e interessante das quatro que a constituem, pertence exclusivamente á França. Aqui seguiremos passo a passo, provincia por provincia, povo por povo a historia da prostituição, desde os gaulezes até aos nossos dias. Não dei-

xaremos por certo de apontar vestigios, apenas conhecidos, da prostituição sagrada, mas, não obstante, será a prostituição legal a que esta parte da nossa obra desentranhará da historia da jurisprudencia, da policia, da religião e dos costumes. Este assumpto de uma alta importancia e de uma reconhecida moralidade não havia ainda sido tratado até agora. Parent-Duchatelet, que era um observador e não um historiador ou archeologo, não viu nem julgou a prostituição senão sob o aspecto da administração, da hygiene e da estatistica. As obras do mesmo genero, publicadas por Berand e por Sabatier, comprehendem mais alguns factos historicos que o volumoso tratado da *Prostituição na cidade de Paris,* mas nenhuma d'ellas tem importancia, senão sob o ponto de vista da legislação.

A historia dos costumes e dos seus variados aspectos está ainda por fazer, e nós extrahimol-a, facto por facto, dos historiadores, dos chronistas, dos poetas, de todos os auctores emfim, que apontaram, de passagem que fosse, um pormenor relativo ao assumpto, tão vasto e tão complexo, que somos os primeiros a tratar. Algumas paginas do *Tratado de Policia*, de Delamarre, o *Repertorio de Jurisprudencia*, de Merlin, encyclopedias e compendios analogos, era tudo quanto existia sobre esta materia, antes da excellente monographia que Rabuteaux publicou como appendice á sua grande obra intitulada *A Idade Média e a Renascença.* O douto escriptor limitou o seu erudito trabalho ao que elle proprio denomina o serviço dos costumes. Nós accrescentaremos a tudo isto a historia da prostituição em França e a pintura sempre decente dos seus caracteres exteriores e do seu culto secreto, em presença dos documentos mais authenticos. Penetraremos com a luz da sciencia na mão nos antros da rua *Baillehoè* ou de *Huleu;* introduzir-nos-hemos com os eroticos do seculo XVIII nas casas das *impuras;* penetraremos nos bosques reaes do *Parc-aux-Cerfs;* desceremos, cobrindo o rosto de vergonha, aos infectos lupanares do *Palais-Royal,* e por toda a parte, tanto no lupanar aristocratico improvisado nos paços dos monarchas, como nos gabinetes voluptuosos dos gentis-homens da côrte, como nos sordidos antros do vicio plebeu, escreveremos, com lettras de fogo nas paredes, esta phrase muito mais significativa do que a do festim de Balthazar: —*Sem bons costumes, não ha Deus, nem patria, nem ordem, nem felicidade!*

A terceira parte d'este livro destina-se á historia da prostituição no resto da Europa. A Italia, a Peninsula Iberica, a Inglaterra, a Allemanha, etc., etc., trarão por sua vez um contingente de factos singulares a esta galeria de costumes, que veremos modificarem-se segundo os tempos e os paizes. Os materiaes para esta parte da nossa obra estão dispersos, como os que dizem respeito á França, sem nunca haverem sido compilados, se exceptuarmos o notavel tratado da prostituição de Londres. Ryan, auctor d'este tratado, não se occupou senão do que elle proprio viu, e por conseguinte não entram no seu livro os

factos do passado. A Peninsula Iberica, com o seu illustre *Celestina*, faz-nos conhecer essa prostituição refinada, que provavelmente herdou da Italia. A esta nação, brilhante gyneceu de cortezãs e rufiões, attribuiremos a origem d'essa terrivel peste do amor e dos prazeres venereos, que os italianos do seculo XVI attribuiram aos francezes, como se Carlos VIII não tivesse ido infeccionar-se no cerco de Napoles. Teremos tambem o cuidado de mencionar a Laponia, o unico paiz da Europa, em que a prostituição hospitalar ainda existe em nossos dias.

Finalmente, a quarta parte d'esta historia, muitas vezes triste e dolorosa, conduzir-nos-ha a todos os paizes situados fóra da Europa, á Asia, á Africa, á America, e por toda a parte encontraremos, tanto na India civilisada, como entre os selvagens do mar do Sul, as tres fórmas principaes da prostituição: hospitalar, sagrada e legal. Esta ultima fórma, no emtanto, apparecerá alli menos frequentemente que as outras duas, antes da civilisação moderna haver passado o seu nivel sobre os costumes religiosos e domesticos das quatro partes do mundo. As religiões da India, a hospitalidade do Taiti, a legislação das mulheres publicas nos Estados-Unidos, darão logar a contrastes, que a distancia dos logares, e das épocas mais interessantes tornará para o observador. Em vão procuraremos em todo o mundo um povo, que não tenha acceitado como um mal necessario a lepra da prostituição.

A leitura da nossa obra, insistimos n'esta declaração previa, conterá grandes ensinamentos e será para todos de uma verdadeira utilidade. N'ella se aprenderá sobre tudo, a dar graças á Providencia por nos haver permittido viver n'uma época, em que a prostituição se apaga dos costumes e os sentimentos da honra e da virtude nascem por si mesmos nos corações. É mister saber o que foi a prostituição no tempo dos nossos maiores, para se avaliar bem do melhoramento social que cada dia se vae accentuando, e cujos beneficios o futuro tornará ainda muito maiores.

A prostituição é uma enfermidade publica: — *descrever os seus symptomas e estudar as suas causas é preparar-lhe o remedio.*

HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO

PRIMEIRA PARTE

Antiguidade — Grecia — Roma

CAPITULO I

SUMMARIO

A Chaldêa, berço da prostituição hospitalar e da prostituição religiosa. — Babylonia, Venus Milita. — Lei vergonhosa dos babylonios. — Mysterios do culto da deusa Milita. — Culto de Venus Urania na ilha de Chypre. — O propheta Baruch e Herodoto. — Prostituição sagrada das mulheres de Babylonia. — Offerendas para tornar Venus propicia. — O campo sagrado da prostituição. — Espantosa corrupção dos babylonios — A sua sciencia na arte dos prazeres sensuaes. — Impudor dos babylonios nos festins. — Prostituição sagrada na Armenia. — Templo de Venus Anaitis. — Serralho de ambos os sexos. — Hospedes de Venus. — O recinto sagrado. — Sacerdotisas de Anaitis. — A prostituição sagrada na Syria. — Culto de Venus, de Adonis e de Priapo. — A Astarté dos phenicios. — Festas nocturnas e devassidões infames que se realisavam sob os auspicios e em honra de Astarté. — A deusa dos Sidonios. — A prostituição religiosa na ilha de Chypre. — As jovens de Amathunta. — Aypris, favorita do rei Cyniras, fundador do templo de Paphos. — Phallos offerecidos em holocausto. — A Venus hermaphrodita de Amathunta, denominada a *deusa Dupla*. — Mysterios do culto de Astarté. — Philtros amorosos dos Magos. — A prostituição religiosa nas colonias phenicias. — As tendas das raparigas em Sica-Veneria. — Principaes caracteres do culto de Venus, descriptos por Santo Agostinho. — Culto hermaphrodita na Asia Menor. — Festas em honra de Adonis em Biblos. — Ritos do culto de Adonis. — A sua estatua phallofera. — Templos de Venus Anaitis em Zelo e em Comanes, em Sustra e Ecbathana. — A prostituição entre os Parthas e as Amazonas. — Effeminação dos Lydios. — Sepulchro do rei Alyates, pae de Creso, construido quasi todo com o dinheiro da prostituição. — As cortezãs, musicas e bailarinas do exercito lydio. — Orgias dos antigos persas em presença de suas mulheres e filhas. — As 329 concubinas de Dario.



Á CHALDÊA, antigo berço das sociedades humanas, que se devem ir procurar os primeiros vestigios da prostituição. Uma parte da Chaldêa, a que confinava ao norte com a Mesopotamia e comprehendia o paiz de Ur, patria de Abrahão, tinha por habitantes povos pertencentes a uma raça selvagem, que se acolhia nas montanhas e não conhecia outra arte ou profissão além da caça. Foi este povo de caçadores rudes como as montanhas que inventou a hospitalidade e a prostituição, que era de certo modo a sua expressão franca e brutal. Na outra parte da Chaldêa, limitrophe da Arabia deserta, região que se desdobrava em ferteis campinas, outro povo pastor de indole doce e pacifica

andava errante apascentando os seus numérosos gados. Este povo observava os astros, creava as sciencias, e inventando as religiões inventou tambem a prostituição sagrada ou religiosa. Quando Nemrod, aquelle rei conquistador a quem a Biblia chama *o caçador forte deante de Deus,* sujeitou ao seu dominio as duas provincias e os dois povos da Chaldêa, quando fundou a grande cidade de Babylonia na foz do Euphrates, no anno do mundo 1402, segundo os livros de Moysés, deixou misturar as crenças, as ideias e os costumes das differentes raças dos seus subditos, e nem sequer dirigiu essa fusão que se operou lentamente sob a influencia do habito. Assim, a prostituição religiosa e a hospitalar significaram desde logo uma só e a mesma cousa, vindo a ser simultaneamente uma das fórmas mais caracteristicas do culto de Venus ou Milita.

Ouçamos Herodoto, o venerando pae da historia e o mais antigo colleccionador das tradições do mundo:

«Os babylonios tinham uma lei extremamente vergonhosa. Toda a mulher nascida n'aquelle paiz era obrigada uma vez na vida a ir ao templo de Venus para se entregar a um estrangeiro. Muitas d'ellas, orgulhosas pelas suas riquezas, desdenhavam de confundir-se com as mulheres das classes inferiores e faziam-se conduzir ao templo em sumptuosos carros cobertos, nos quaes permaneciam sentadas, tendo ao lado um grande numero de escravos que as tinham acompanhado; mas a maior parte das outras concorrentes sentavam-se no pavimento do templo, em sitios circumscriptos por cordas estendidas. Os estrangeiros passeavam pelas ruas intermedias e escolhiam a seu gosto uma d'aquellas mulheres. Logo que uma concorrente se sentava no logar sagrado, não podia voltar a casa sem que algum estrangeiro lhe tivesse atirado dinheiro ao regaço, e sem que tivesse commercio com ella fóra do recinto sagrado. Ao atirar-lhe o dinheiro, o estrangeiro dizia-lhe:

—«Invoco a deusa Milita.

«Por mais diminuta que fosse a quantia, não receiava ser recusado. Era a lei que o prohibia, considerando aquelle dinheiro como sagrado. A mulher seguia o estrangeiro sem que lhe fosse permittido mostrar desagrado ou má vontade.

«Uma vez cumprido o preceito que a trouxera ao templo da deusa, apenas se entregava ao estrangeiro, voltava para sua casa, e então não era possivel seduzil-a com todo o dinheiro do mundo. As mulheres, a quem coubera em sorte o grande attractivo da belleza, não permaneciam por muito tempo no templo; não succedia o mesmo ás feias, que não podiam satisfazer á lei tão breve como desejavam. Havia algumas que permaneciam no recinto sagrado, esperando um estrangeiro, tres e quatro annos.» (Livro 1.º, pag. 199.)

Esta prostituição sagrada, por mais extraordinaria, inverosimil e monstruosa que pareça, é um facto de incontestavel verdade historica. O culto de Milita ou Venus Urania estendia-se de Babylonia á ilha de Chypre e á Phenicia. O propheta Baruch, que Herodoto não consultou por certo, e que se lamentava com Jeremias dois seculos antes do historiador grego, refere as mesmas torpezas na epistola de Jeremias aos judeus, que Nabuchodonosor levára captivos para Babylonia:

«Mulheres cingidas de cordas sentam-se á beira das estradas e queimam perfumes. (*Succendentes ossa olivarum.*) Quando uma d'ellas attrahida por algum transeunte se abandona á impudicicia, lança em rosto á que lhe fica mais proxima a desgraça de não ter sido digna como ella das caricias impudicas d'aquelle homem, e de não ter podido quebrar a corda de que está cingida. (Baruch, c. 6.)

A corda que rodeava o corpo da mulher consagrada a Venus significava o pudor que só as detinha por um debil laço, que um amor impetuoso devia quebrar facilmente. O estrangeiro a quem agradava alguma d'estas mu-

lheres, tomava a extremidade da corda que a cingia, e arrastava d'este modo a sua conquista para debaixo dos cedros e lentiscos, que prestavam a sua sombra á consummação d'aquelle mysterio. O sacrificio era sobremodo grato a Venus, quando o sacrificador, no seu amoroso transporte, quebrava impetuosamente todos os laços que lhe causavam estorvo. Os sabios, que teem commentado esta passagem de Baruch, não estão, porém, de accordo sobre a especie de offerenda que as consagradas queimavam para tornarem a deusa propicia. Segundo uns, era um pequeno pão de cevada ou de trigo; segundo outros, era um philtro que excitava os desejos e predispunha para a sensualidade; outros, finalmente, por uma explicação mais natural, opinam que se tratava do fructo perfumado da arvore do incenso.

Herodoto vira por seus proprios olhos, ahi pelo anno 440 antes de Christo, a prostituição sagrada das mulheres de Babylonia. E' provavel até que, na sua qualidade de estrangeiro, o venerando pae da historia chegasse a deitar algum dinheiro no regaço de uma formosa babylonia. Tres seculos e meio depois d'elle, outro viajante, Strabão, foi tambem testemunha d'aquella dissolução de costumes, e refere que todas as mulheres de Babylonia obedeciam ao oraculo, entregando-se a um estrangeiro, que consideravam como um hospede benefico. Esta prostituição não se verificava senão n'um templo, onde se estabelecera desde os primeiros tempos da fundação de Babylonia. E' verdade que o templo de Milita era pequeno para conter todos os adoradores da deusa, mas em volta d'elle estendia-se um amplo recinto que continha capellas, bosquesinhos, fontes e jardins. Era o campo da prostituição. As mulheres, que alli entravam, achavam-se n'um logar sagrado em que a presença do pae ou do marido não podia perturbar os seus prazeres amorosos. Nem Herodoto nem Strabão nos fallam da parte que cabia ao sacerdote nas offerendas das piedosas devotas de Milita; mas Baruch representa-nos os sacerdotes babylonios como homens que nada recusavam.

Comprehende-se perfeitamente como este espectaculo permanente da prostituição religiosa devia corromper os costumes de Babylonia. Effectivamente aquella cidade immensa, povoada de milhões de habitantes espalhados n'uma área de cinco leguas, veio a ser em breve um espantoso foco de impudicicia. Foi destruida em parte pelos persas, que se apoderaram d'ella no anno 331 antes de Christo, mas a ruina de alguns grandes edificios, o saque dos palacios e mausoleus, a destruição das suas admiraveis e soberbas muralhas, não purificaram o ar pestilencial da prostituição, que se perpetuou em Babylonia, como na sua propria patria, emquanto alli existiu um tecto que a abrigasse. O proprio Alexandre Magno ficou assombrado com a libertinagem babylonica, quando alli foi tomar parte n'essa espantosa orgia, em que perdeu a vida.

«Não havia no mundo povo tão corrompido como aquelle, diz Quinto Curcio, um dos historiadores do famoso conquistador de Babylonia: nenhum outro foi mais habil ou entendido na arte dos prazeres sensuaes. Os paes permittiam que suas filhas se prostituissem pelo dinheiro de seus hospedes, e os maridos não eram menos indulgentes n'este ponto a respeito de suas mulheres. Os babylonios degradavam-se sobre tudo na embriaguez, causa de todas as desordens. As mulheres appareciam ao principio com uma certa modestia nos banquetes; mas d'ahi a pouco despojavam-se de suas roupagens até ficarem completamente nuas. E não eram mulheres publicas as que assim se entregavam á impudicicia; eram as mais qualificadas da nobreza, mães e filhas.»

O exemplo de Babylonia fructificou em breve tempo, e o culto de Milita, bem como a prostituição que o acompanhava, propagaram-se pela Asia e pela Africa até ao fundo do Egypto e da Persia. Em cada um d'estes paizes, porém, a deusa tomava um nome novo e o seu culto adoptava novas fórmas, sob as quaes reapparecia sempre a prostituição sagrada.

Na Armenia, Venus era adorada sob o nome de Anaitis, e foi-lhe erigido um templo á imitação do que a deusa Milita tinha em Babylonia. Em volta d'este templo estendia-se um vasto recinto que encerrava uma população consagrada aos ritos da deusa. Só os estrangeiros tinham o direito de entrar n'esta especie de serralho de ambos os sexos e de pedir alli uma hospitalidade que nunca lhes era recusada. Todo o que era admittido na cidade amorosa devia, segundo um uso antiquissimo, comprar por um presente os favores com que era distinguido; mas, como não ha costume que tarde ou cedo não caia em desuso, em épocas de decadencia a mulher a quem o hospede de Venus havia distinguido com as suas caricias, obrigava-o a acceitar um presente mais consideravel do que o que d'elle havia recebido. Os iniciados e iniciadas do recinto sagrado pertenciam ás melhores familias do paiz e entravam ao serviço da deusa por tempo mais ou menos dilatado, segundo o voto de seus paes. Quando as jovens sahiam do templo de Anaitis, deixando nos altares da deusa tudo quanto haviam ganho á custa do seu pudor, não tinham de envergonhar-se da profissão que haviam exercido, e nem lhes faltavam maridos, que iam ao templo informar-se dos antecedentes religiosos das jovens sacerdotisas. E, cousa devéras extranha! as que tinham acolhido mais estrangeiros no seu seio impudico eram exactamente as que maior valor tinham para os pretendentes. E' preciso accrescentar que para o culto de Anaitis se requeria sempre a condição da belleza e da mocidade, a fim de agradar á deusa e aos seus adoradores. E' Strabão quem nota esta particularidade, que não se encontra no culto das outras Venus.

Estas differentes deusas da sensualidade tinham-se dispersado por toda a Syria e haviam estabelecido em toda a parte o seu culto de prostituição com certas variantes de ceremonial. Venus, debaixo d'estes diversos nomes, deificava os orgãos sexuaes da mulher, a concepção feminina, a natureza femea; era, pois, muito natural deificarem-se tambem os orgãos sexuaes do homem, a geração masculina, a natureza mascula. Os homens haviam inventado o culto de Venus; as mulheres inventaram o de Adonis, que, materialisando-se, em pouco tempo veio a ser o de Priapo, vendo-se na antiguidade reinar os dois cultos, um junto do outro, na melhor intelligencia. Aos phenicios, porém, é que se deve attribuir a propagação dos dois cultos, que frequentemente formavam um só, misturado-se um com o outro. A Venus dos phenicios chamava-se Astarté, e tinha templos em Tyro, em Sidonia e nas principaes cidades da Phenicia, sendo, porém, os mais celebres os de Heliopolis, Syria e Afaque, nas proximidades do monte Libano. Astarté tinha os dois sexos nas suas estatuas, representando ao mesmo tempo Venus e Adonis. A promiscuidade dos dois sexos ainda melhor se traduzia no disfarce dos homens em mulheres e das mulheres em homens nas festas nocturnas da deusa. Graças a estes disfarces, reinava n'essas festas a mais infame devassidão, e o proprio sacerdote era quem preceituava o ceremonial ao som dos pifanos e pandeiros. Esta monstruosa promiscuidade que se realisava, sob os auspicios da *boa deusa*, tinha como consequencia fatal uma multidão de filhos perdidos, que nunca podiam reconhecer seus paes, e que vinham por sua vez, no alvorecer da mocidade, encontrar suas mães nos impudicos mysterios de Astarté. Havia, no entanto, uma especie de matrimonio, fóra da prostituição religiosa, a que se entregavam homens e mulheres, pois que os phenicios, segundo a auctoridade de Eusebio, prostituiam suas filhas virgens aos estrangeiros, para maior gloria da virtude da hospitalidade. Estas torpezas, que a sua antiguidade não podia de fórma alguma absolver, continuaram até ao quarto seculo da era vulgar, e foi preciso que Constantino Magno pozesse cobro a esta espantosa dissolução de costumes, prohibindo-a por leis sevéras e mandando destruir o templo de Astarté, que substituiu em Heliopolis por uma egreja christã.

Esta Astarté, que a Biblia chama a *deusa dos Sidonios*, teve altares não menos impuros na ilha de Chypre, onde os phenicios, povo industrioso e commercial, levaram muito cedo a prostituição sagrada. Dizia-se que Venus, nascida do mar, como o brilhante planeta Urano, que os pastores chaldeus viam sahir das ondas nas serenas noites do estio, escolhera para seu imperio terrestre aquella ilha risonha, que os deuses lhe haviam concedido apenas nascera, como pela bocca de Homero nos contam as tradições gregas. Era a Astarté dos phenicios, e a Urania dos babylonios: tinha na sua ilha vinte templos famosos, os mais celebres dos quaes eram os de Paphos e Amathunta, onde a prostituição sagrada se exercia em mais larga escala do que n'outra parte qualquer.

Conta uma antiga fabula que as jovens de Amathunta tinham sido castas; e, singularmente obstinadas na sua castidade, quando Venus appareceu nas suas praias entre a espuma lactea do mar, indignaram-se contra a nova deusa, que se lhes apresentava completamente nua. A deusa, offendida por similhante acolhimento, ordenou-lhes que se prostituissem com os estrangeiros para expiarem o seu procedimento, mas de tão má vontade se prestaram as castas virgens ao preceito da deusa, tanta repugnancia mostraram em cumpril-o, que Venus, a protectora dos amores, no auge da indignação transformou-as a todas em pedras.

A lição aproveitou ás formosas filhas de Chypre. D'ahi por diante todas ellas se consagraram á prostituição em honra da deusa, e passeavam á tarde á beira-mar para se venderem aos estrangeiros que aportavam á ilha. Isto succedia ainda no segundo seculo, em tempo de Justino, que refere estes passeios das mulheres de Chypre pelas praias; mas no tempo d'este historiador o producto da prostituição já não era depositado, como primitivamente fôra, no altar da deusa. O indecoroso lucro guardava-se cuidadosamente n'um cofre até perfazer o dote que levavam a seus maridos, e que estes acceitavam sem manifestarem o menor escrupulo.

As festas de Venus attrahiam á ilha uma grande multidão de adoradores, e eram acompanhadas de actos ou emblemas de prostituição. Attribuia-se a fundação do templo de Paphos ao rei Cyniras, e os sacerdotes da ilha pretendiam que a favorita d'este monarcha, chamada Cypris, soubera adquirir tão grande fama de habilidade e intelligencia em materia de amor, que a propria deusa adoptara o nome d'esta sua fervorosa adoradora. A Venus que se adorava em Paphos era, pois, a imagem, ou personificação da natureza femea, o mesmo que a deusa Milita de Babylonia. Assim nos sacrificios que lhe eram offerecidos apresentava-se no altar, sob o nome de *arposis*, ou um phallo, ou uma moeda de prata. Os iniciados não se contentavam com a allegoria.

A principio a deusa era representada por um cone, ou pyramide de pedra branca, que foi mais tarde transformada em estatua de mulher. A estatua do templo de Amathunta representava, ao contrario d'esta, uma mulher barbada com todos os attributos do homem, sob um trajo feminino. Aquella Venus era hermaphrodita, segundo Macrobio (*putant eamdam marem ac feminam esse.*) E' este o motivo porque Catullo a invoca, qualificando-a de dupla deusa de Amathunta (*duplex Amathusia.*)

Os mysterios mais secretos d'esta deusa verificavam-se no bosque sagrado que rodeava o templo, e n'aquelle recinto sempre virente ouvia-se suspirar o *iunx,* ou ave sagrada de Astarté. Esta ave, cuja carne servia aos magos para a composição de philtros amorosos, era a arveloa vulgar. Se é certo que veio de Chypre para as nossas regiões, a distancia percorrida desculpa a mudança que soffreu. Na ilha havia ainda outros templos, em que o culto de Venus seguia os mesmos ritos. Em Cinysia, em Thamasa, em Aphrodisia e sobretudo em Idalia, a prostituição religiosa tinha os mesmos pretextos, senão as mesmas fórmas.

De Chypre foi novamente invadindo todas as ilhas do Mediterraneo, penetrou na Grecia e chegou á Italia. A marinha mercante dos phenicios espalhava-a por toda a parte onde ia levar ou buscar as suas mercadorias. Cada povo, acceitando de muito bom grado um culto que lisongeava as suas paixões, accrescentava a esse culto signaes evidentes da sua indole e dos seus costumes. Nas colonias phenicias, a prostituição sagrada conservou o sello de mercantilismo que caracterisava aquella raça de commerciantes; em Sicca-Veneria, no territorio de Carthago, o templo de Venus, que se chamava em lingua tyria *Succoth, Benoth*, ou *Tendas das jovens*, era effectivamente um asylo de prostituição, onde as raparigas iam ganhar o dote com a vergonha do seu corpo, *injuria corporis*, segundo a phrase de Valerio Maximo. Essas pobres mulheres só se consideravam verdadeiramente honradas, depois de alli haverem soffrido aquella infame iniciação; só depois de a terem feito podiam casar vantajosamente. Póde inferir-se de certas passagens da Biblia que este templo, como os de Astarté em Sidonia e em Ascalon, estava completamente cercado de pequenas tendas, onde as jovens carthaginezas se consagravam á Venus phenicia. Era tal a concorrencia n'essas tendas, que as adoradoras da deusa se prejudicavam mutuamente e não podiam regressar a Carthago tão depressa como desejavam, para alli encontrarem marido.

Os templos de Venus eram ordinariamente construidos em elevações, d'onde se avistava o mar, para que os marinheiros, fatigados das suas navegaçoes, podessem avistar de longe como um pharol a branca mansão da deusa, que lhes offerecia repouso e prazer. Comprehende-se com effeito que a prostituição hospitalar devia ter sido estabelecida em proveito dos mareantes, ao longo das costas onde podiam arribar. E esta prostituição veio a ser sagrada ou religiosa, logo que o sacerdote, querendo tomar parte n'ella, a cobriu de certo modo com o veu da deusa que a protegia. Santo Agostinho, na sua *Cidade de Deus*, descreve os principaes caracteres do culto de Venus, observando que havia tres Venus, em logar de uma: — a das virgens, a das mulheres casadas e a das cortezãs, deusa impura a quem os phenicios, segundo diz este padre da Egreja, sacrificavam o pudor de suas filhas antes de as casarem.

Toda a Asia Menor abraçou com enthusiasmo um culto que divinisava as paixões e os apetittes sensuaes, culto que com frequencia associava Adonis a Venus. Adonis, de quem os hebreus tiraram o nome do Deus Creador do Universo, (*Adonai*,) personificava a natureza mascula, sem a qual é impotente a natureza femea. Assim, nas festas funebres que se celebravam em honra d'aquelle deus caçador, devorado por um javali e tão chorado por Venus, sua divina amante, symbolisava-se a extincção das forças physicas e materiaes, que se perdem pelo abuso, e que não se recobram senão depois de um repouso absoluto. Durante estas festas, celeberrimas em Biblos e na Syria, e que attrahiam uma immensa multidão cosmopolita em redor do grande templo de Venus, as mulheres deviam consagrar os seus cabellos ou o seu pudor á deusa.

Uma d'estas festas denominava-se do *lucto*, festa pathetica em que se pranteava a morte de Adonis, e alli as mulheres batiam-se mutuamente com as mãos e ás vezes com varas. Seguia-se pouco depois a da *alegria*, que commemorava a resurreição de Adonis. Por essa occasião expunha-se debaixo do portico do templo a estatua phallofera do deus resuscitado, e todas as mulheres presentes eram obrigadas a ceder os cabellos ao altar e o corpo á prostituição. As que preferiam conservar as tranças reuniam-se n'uma especie de mercado onde sómente os estrangeiros tinham o privilegio de entrar. Alli estavam á venda um dia inteiro, diz Luciano, entregando-se ao trafico deshonesto tantas vezes quantas eram sollicitadas e retribuidas. Todo o dinheiro produzido por este dia laborioso era alli mesmo dispendido em sacrificios á deusa. Assim se celebravam os amores de Venus e de Adonis. E' para estranhar que os habitan-

tes do paiz fossem tão affeiçoados a um culto, em que suas mulheres obtinham todo o beneficio dos mysterios de Venus; note-se, porém, que os estrangeiros não eram menos interessados do que ellas n'aquelles mysterios, que pareciam instituidos expressamente para elles. O culto de Venus era, pois, de certo modo sedentario para as mulheres e nómada para os homens, visto que estes podiam visitar alternadamente os diversos templos da deusa, aproveitando-se por toda a parte das vantagens reservadas aos estrangeiros e aos hospedes.

Effectivamente, na Asia Menor havia por toda a parte templos dedicados a Venus, e a prostituição religiosa presidia a esta festas impudicas da deusa, debaixo dos nomes de Milita, Anaitis, Astarté, Urania, Myrta, ou qualquer outra invocação symbolica. Havia em Zela e em Comanes dois templos de Venus Anaitis que attrahiam ás suas grandes solemnidades uma multidão immensa de adoradores alegres e enthusiastas. Esses dois templos enriqueciam prodigiosamente com o dinheiro dos mancebos licenciosos que alli concorriam de toda a parte afim de cumprirem os seus votos immoraes. (*Causa votorum,* diz Strabão.) Emquanto duravam as festas, os arredores do templo de Comanes povoavam-se de homens de todas as nações, offerecendo uma estranha mistura de linguas e de trajos. As mulheres que se consagravam á deusa do amor e que ganhavam ouro com o seu corpo (*Corpore quæstum facientes*) eram tão numerosas como em Corintho, accrescenta Strabão, que foi testemunha de tão pasmosa concorrencia. O mesmo succedia em Sustra e em Ecbathana, na Media, entre os parthas, que foram discipulos e émulos dos persas em questões de sensualidade e de luxuria, e até no paiz das Amazonas, que se desprendiam da sua habitual continencia, introduzindo estranhas desordens no culto da sua Venus, que apesar d'isto ellas denominavam Arthemisa, a *Casta.* Mas foi na Lydia, onde a prostituição sagrada penetrou mais profundamente nos costumes. Os lydios, que se vangloriavam de haver inventado todos os jogos de asar, e que se dedicavam a elles com uma especie de furor, viviam na ociosidade, a eterna conselheira da dissolução dos costumes. Tudo quanto era prazer era por elles praticado, sem necessidade de pretextos religiosos, nem de occasiões de festas sagradas. Adoravam a Venus com todas as impurezas que o seu culto havia admittido, e além d'isso, todas as raparigas do paiz se consagravam á deusa do amor, praticando por conta propria a mais desaforada prostituição.

«Ganham assim o dote, diz Herodoto, e continuam n'este vil commercio até encontrarem marido.»

Este dote tão immoralmente adquirido dava-lhes o direito de escolherem marido, e este não podia recusar a escolha feita em seu favor. Parece que as lydias não faziam mau negocio, visto que quando se tratou de erigir um mausoleu ao rei Alyates, pae de Creso, ellas contribuiram para este enorme dispendio de commum accordo com os negociantes e artistas da Lydia. Foi sumptuoso o mausoleu, e as suas inscripções commemorativas determinavam a parte que na construcção tiveram as tres classes que acabamos de nomear, sendo a das cortezãs muito mais consideravel do que as dos outros subscriptores.

Tendo sido subjugados pelos persas, os lydios em breve communicaram aos seus vencedores o veneno da prostituição a que se entregavam. Os lydios que tinham no seu exercito uma multidão de mulheres musicas e bailarinas, maravilhosamente exercitadas na arte da sensualidade, despertaram a attenção dos persas para aquellas mulheres que tocavam lyra, flauta, psalterio e tambores. A musica veio então a ser o estimulo da libertinagem, e não houve d'ahi ávante banquete algum em que a embriaguez e a licença não fossem provocadas pelos sons dos intrumentos, pelas canções impudicas e pelas danças lubricas das cortezãs. Os antigos persas nem sequer escondiam aquelle vergonhoso espectaculo, aquelles preludios de orgias desaforadas, da vista de suas mulheres e de suas filhas, que vinham tomar parte nos festins, coroa-

das de flores e com o rosto descoberto, ellas que viviam ordinariamente encerradas no interior de suas casas, e que só d'alli sahiam envoltas em densos veus, para visitarem o templo de Myrta, a Venus dos persas. Incitadas pela musica, aquecidas pelo vinho, exaltadas pela voluptuosa pantomima das bailarinas, raparigas e matronas, mulheres de elevada posição, mulheres respeitaveis em summa, perdiam bem depressa toda a compostura, e de taça em punho acceitavam e retribuiam as mais deshonestas provocações, em presença de seus paes, de seus irmãos, de seus maridos e até dos proprios filhos. Edades, sexos, classes, tudo se confundia, sob o imperio de uma vertigem irresistivel: os cantos, as danças e as provocações redobravam, e o santo pudor, cujos olhos e cujos ouvidos se escandalisavam d'aquella desaforada orgia, envolvia-se cheio de vergonha nas prégas do seu manto, e fugia d'aquellas scenas de uma inverosimil sensualidade. Operava-se então uma horrivel promiscuidade na sala do festim, transformada em lupanar. O banquete com todos os seus lubricos intervallos prolongava-se d'este modo até que a luz da madrugada vinha fazer empallidecer as tochas, e os convivas de ambos os sexos, uns semi-nus, outros nus de todo, cahiam, prostrados pela desordem d'essa infernal orgia, nos seus leitos de prata e de marfim! Tal é a relação que Macrobio e Atheneu nos legaram d'esses escandalosos festins, que Plutarcho procura cohonnestar, ao passo que não deixa de confessar que os persas haviam imitado os parthas, que se entregavam com furor a todos os desvarios e arrebatamentos da embriaguez.

Além d'isto, desde a mais remota antiguidade, os reis da Persia tiveram sempre milhares de concubinas musicas, aggregadas ao seu sequito, e Parmenio, general de Alexandre de Macedonia, encontrou nos despojos e bagagens de Dario, depois da derrota de Arbella, trezentas e vinte e nove cortezãs, duzentos e setenta e sete cosinheiros, quarenta e seis tecedores de corôas, e quarenta perfumistas. Eram os ultimos restos do luxo e poderio d'esse famoso rei da Persia!

CAPITULO II

SUMMARIO

A prostituição no Egypto, auctorisada pelas leis.— Cobiça dos egypcios.— Arte inimitavel d'este povo para excitar e satisfazer as paixões.— Fama das cortezãs do Egypto.— Culto de Osiris e de Isis.— Osiris, emblema da natureza mascula.— Isis, emblema da natureza femea.— A Joeira mystica, o Tau sagrado e o olho sem sobrancelhas das procissões de Osiris.— A vacca de leite.— As cystophoras e os phallos das procissões de Isis.— A prostituição religiosa no Egypto.—Iniciações impudicas dos neophytos de ambos os sexos reservados aos sacerdotes.— Opinião de Santo Epiphanio sobre estas ceremonias occultas.— Festas de Isis em Bubasta.— Obscenidades das mulheres que alli concorriam.— Subterraneos em que se realisavam as iniciações de Isis.— Profanação dos cadaveres das mulheres jovens pelos seus embalsamadores.— Ramsés prostitue a filha para descobrir o ladrão do seu thesouro. — Subtileza do ladrão, a quem o rei dá a filha em casamento.— A filha de Cheope e a grande pyramide.— A pyramide do meio.— A pyramide de Micerino e a cortezã Rodopisa.—Historia de Rodopisa e de seu amante Caraxo, irmão da poetisa Sapho.— Rodopisa. — Dorica.— Esopo e esta cortezã. — O rei Amasis, a aguia e a sandalia de Rodopisa.— Epigramma de Pausidipe.— Neucratis, cidade das cortezãs. — A cortezã Archidice.— Os Ptolomeus.— Ptolomeu Philadelpho e as suas cortezãs Cleine, Mneside, Pothyne e Myrthion.— Strastonice.— A bella Bibistica.— Ptolomeu Philopator e Irene. — A cortezã Hippeia, ou a *Egua*.



O EGYPTO, apesar de toda a moral dos seus sabios e dos seus sacerdotes, não logrou ficar indemne da praga da prostituição. Grandes eram as suas relações de visinhança e de commercio com os phenicios, e por isso não podia deixar de acceitar alguma cousa da religião, que lhe vinha de Tyro e de Sidonia, de mistura com a purpura e o incenso das naus phenicias. Mas o Egypto deixou aos seus irrequietos visinhos os dogmas da sua religião, para tão sómente lhes adoptar o culto; e assim foi que, apesar de Venus não ter tido altares com a sua invocação no imperio de Isis e Osiris, a prostituição reinou alli desde os tempos mais remotos, ostentando-se ainda mais no meio das cidades, quasi publicamente, do que no santuario dos templos.

Não era a prostituição hospitalar. O lar domestico dos egypcios foi sempre inacessivel aos estrangeiros, por causa do horror que elles lhes inspiravam. Não era tambem a prostituição sagrada, porque, entregando-se a esta vida desregrada, as mulheres não cumpriam um voto religioso. Era a prostituição legal em toda a sua primitiva simplicidade. As leis auctorisavam, protegiam e justificavam até o exercicio d'este infame commercio. A mulher vendia-se, como se fôra uma mercadoria, e o homem que a comprava a dinheiro desculpava o odioso trafico que ella não acceitava senão por cubiça. A egypcia mostrava-se tão cubiçosa como a phenicia, mas não tractava de occultar a sua avidez grosseira sob as apparencias de uma practica religiosa. Era egualmente de natureza fogosa, como se o ardor do sol ethiopico lhe houvesse penetrado no seio libidinoso, e tinha sobre tudo, se dermos credito a Ctesias e Atheneu, aptidão e talento incomparaveis para inflammar e satisfazer as paixões dos homens. Mas tudo isto não passava de uma habil estrategia

para obter muito maiores lucros. E foi d'esta arte que as cortezãs egypcias lograram alcançar uma fama ruidosa, que procuraram sempre manter em todo o mundo.

A religião egypcia, como todas as religiões da antiguidade, havia divinisado a natureza fecunda e geradora debaixo dos nomes de Osiris e Isis. Estas duas divindades foram originariamente as unicas do Egypto. Osiris e o sol representavam o principio da vida masculina: Isis, ou a terra, o principio da vida feminina. Apulleo, que havia sido iniciado nos mysterios da deusa, fal-a expressar nos seguintes termos:

«Eu sou a natureza, a mãe de todas as cousas, a primeira das divindades, a rainha dos mares, a mais antiga habitadora dos ceus, a imagem uniforme dos deuses e das deusas... Eu sou a unica divindade adorada no universo sob diversas formas, nomes e ceremonias. Os phenicios chamam-me a mãe dos deuses; os de Chypre, a Venus de Paphos.»

Isis não era senão Venus, e o seu culto mysterioso recordava por uma grande multidão de allegorias a funcção que a mulher ou a natureza femea desempenham no Universo.

Osiris, seu esposo, era o emblema do homem, ou da natureza mascula, que tem necessidade do concurso da natureza femea para crear novos seres. O boi e a vacca eram, pois, os symbolos de Osiris e de Isis. Os sacerdotes da deusa levavam nas ceremonias a *Joeira* mystica, que recebe o grão e os seus despojos, mas apura sómente o primeiro, desprezando os segundos: os sacerdotes do deus levavam o sagrado *Tau*, ou a chave que abre as mais solidas e difficeis fechaduras. O Tau symbolisava o orgão masculino; a Joeira, o orgão feminino. Havia ainda o olho sem sobrancelhas ou com ellas, que se collocava ao lado dos attributos de Osiris para simular as relações de ambos os sexos. Assim nas procissões de Isis, immediatamente depois da vacca de leite, as raparigas consagradas, que se chamavam *cystophoras*, conduziam a cyste mystica, feita de junco, que continha pequenos pães redondos ou ovaes furados no centro. Junto das cystophoras uma sacerdotisa levava no seio uma urna de ouro em que se guardava o phallo, que era segundo Apulleo a adoravel imagem da divindade suprema e o instrumento dos mysterios mais secretos. Este phallo, o symbolo da virilidade humana, apparecia sem cessar e sob todas as fórmas no culto egypcio, e era a representação figurada de uma parte do corpo de Osiris, que Isis não pudera encontrar, quando reunira e conjugara os membros dispersos de seu esposo, morto ou mutilado pelo odioso Typhon, irmão da victima. Póde avaliar-se o que seria o culto de Isis e Osiris, pelos proprios objectos que eram os seus mysteriosos symbolos.

Em similhante culto a prostituição religiosa devia ter a mais ampla latitude. O sacerdote aproveitava-a largamente fazendo d'ella um dos rendimentos mais productivos do culto, pelo menos nos primeiros tempos. A prostituição reinava com toda a sua licença nas iniciações. O deus e a deusa haviam delegado todos os seus poderes nos seus ministros, os quaes largamente se aproveitavam de similhante concessão, iniciando os neophytos de ambos os sexos nas mais infames e escandalosas desordens.

Santo Epiphanio diz que estas ceremonias occultas eram uma allusão aos costumes dos homens antes do estabelecimento da sociedade. As iniciações consistiam na promiscuidade dos sexos e em todas as licenças sensuaes da mais grosseira e brutal libertinagem. Herodoto refere-nos o modo como se preparavam para as festas de Isis os adoradores da deusa, que tinha o nome de Diana na cidade de Bubasta:

«Homens e mulheres, completamente confundidos sem decoro ou compostura, dirigem-se a Bubasta por agua, indo em cada barca um grande numero de pessoas de um e outro sexo. Emquanto dura a navegação, as mu-

lheres manifestam uma grande alegria e algumas d'ellas fazem resoar as suas pandeiretas, em quanto os homens tocam flauta. Os outros passageiros cantam e batem palmas. Ao passarem em frente de alguma povoação, approximam a barca da praia, e as mulheres desatam em grande gritaria, enchendo de improperios quantas vêem em terra. Estas respondem aos insultos, erguendo os vestidos de uma maneira indecente.»

Taes obscenidades eram apenas o preludio das que iam ser praticadas em redor do templo, onde todos os annos vinham pelo menos oitocentos mil peregrinos entregar-se a incriveis excessos de libertinagem.

As horriveis desordens, a que dava occasião o culto de Isis, praticavam-se nos subterraneos, onde o iniciado não penetrava senão depois de um certo tempo de prova e purificação. Herodoto, confidente e testemunha d'esta prostituição, que os sacerdotes egypcios lhe haviam revelado, diz a tal respeito o sufficiente para que as suas proprias reticencias nos permittam adivinhar o o que não diz.

«Foram os egypcios os primeiros que por principio de religião prohibiram ter-se commercio com as mulheres nos logares sagrados e ainda mesmo entrar n'esses logares depois de relações carnaes com o outro sexo, sem previamente se ter procedido a abluções. Quasi todos os povos, exceptuando o Egypto e a Grecia, têem commercio carnal nos logares sagrados, ou entram n'esses logares sem se lavarem depois de o haverem tido em logar profano. Julgam que n'isto os homens devem proceder exactamente como os animaes. E, se não, dizem elles, veja-se como os animaes e as differentes especies das aves se cobrem nos templos e nos outros logares consagrados aos deuses: se esta acção fôra desagradavel á divindade, não a praticariam os proprios irracionaes.»

Herodoto, que não approva taes razões, abstem-se todavia de revelar os segredos dos sacerdotes egypcios, sob cuja protecção e amizade vivera em Memphis, em Heliopolis e em Thebas.

Só indirectamente nos dá a conhecer os costumes particulares e publicos do Egypto, mas por certos pormenores que deixa transparecer, podemos fazer ideia da espantosa corrupção d'este antigo povo. Nem sequer os cadaveres das raparigas eram respeitados, e por isso não eram entregues aos embalsamadores, senão tres ou quatro dias depois da morte.

A historia dos reis do Egypto apresenta-nos todavia na obra do citado historiador dois estranhos exemplos de prostituição legal. Ramsés, que reinou pelo anno de 2244 antes de Jesus Christo, querendo descobrir um habil ladrão que lhe havia roubado o seu thesouro, imaginou uma astucia, «que parece inacreditavel,» diz Herodoto, cuja credulidade havia sido posta á prova com muita frequencia: «prostituiu sua propria filha, ordenando-lhe que fosse a um logar de libertinagem e que alli acceitasse sem escolha nem preferencia todos os homens que se lhe apresentassem, com a condição de cada um d'elles lhe dizer previamente tudo quanto na sua vida tivesse feito em questões de malvadez ou de astucia.» O ladrão amputou um braço a um cadaver, escondeu-o debaixo do manto e foi visitar a filha do rei, gabando-se-lhe da astucia e subtileza com que havia roubado o thesouro. A princeza ao ouvir similhante revelação procurou retel-o, visto que para isso estava n'aquella degradação, mas como ambos se achavam ás escuras não apanhou senão o braço do morto, em quanto o vivo se punha a salvo. Esta nova subtileza de tal modo o recommendou á estima do rei, que este lhe perdoou o roubo e o casou com a filha, que elle já havia conhecido n'aquelle logar impudico.

Esta pobre princeza sahiu mais depressa da sua abjecção do que a filha de Cheopis, que foi rei do Egypto doze seculos antes do nascimento de Christo. Cheopis mandou construir a grande pyramide, que custou vinte annos de trabalho e incalculaveis despezas.

«Collocado em grande apuro em consequencia do enorme dispendio da construcção, diz Herodoto, o rei chegou á extrema infamia de deshonrar sua propria filha, enviando-a para um logar de prostituição, com ordem de extorquir aos seus amantes uma certa somma de dinheiro. Ignoro a cifra que attingiu esse dinheiro, porque os sacerdotes não me revelaram esse pormenor; o que sei é que a princeza não só executou á risca as ordens d'el-rei seu pae, mas até quiz fazer á sua custa outro monumento. E, para isso, ordenava a todos os que iam ter com ella que lhe levassem uma pedra para certa obra que desejava fazer. Essa obra, segundo os sacerdotes me asseveraram, foi a pyramide do meio.»

A sciencia moderna não calculou por emquanto o numero de pedras que entraram na construcção d'esse monumento.

A construcção de uma pyramide, por mais dispendiosa que fosse, não parecia superior aos recursos de uma cortezã. Por isso, apesar da chronologia e da historia, attribuia-se geralmente no Egypto a construcção da pyramide de Micerino á cortezã Rodopisa. Esta cortezã não era egypcia de nascimento, mas havia feito no Egypto a sua fortuna muito tempo depois do reinado de Micerino. Rodopisa, viveu em tempo de Amasis, era oriunda da Thracia, e fôra companheira de escravidão do celebre fabulista Esopo em casa de Yadmon em Samos. Foi conduzida ao Egypto por Xanto, de Samos, que fazia com ella uma especulação infame, ainda que muito lucrativa por certo, tendo-a comprado expressamente para este fim. A fama da sua belleza e encantos attrahira-lhe uma grande multidão de amantes, e entre elles Caraxo, de Mytelene, irmão da celebre poetiza Sapho. Este mancebo de tal modo se apaixonou da formosa cortezã que chegou a dar uma somma consideravel pelo seu resgate.

Apenas se viu liberta da escravidão infame em que vivera, Rodopisa permaneceu no Egypto, onde a sua formosura e talento lhe grangearam uma fortuna fabulosa, de que fez um uso bem singular, empregando a decima parte na construcção de uns colmilhos de ferro, que offereceu, não se sabe bem em virtude de que voto, ao templo de Delphos, onde existiam ainda no tempo de Herodoto.

Este grave historiador falla d'esses dentes symbolicos, como de uma coisa insignificante, sem procurar investigar a significação d'aquella estranha offerenda. No tempo de Plutarcho apenas se mostrava já o sitio em que haviam estado. A tradição popular de tal modo chegou a confundir os colmilhos do templo de Apollo em Delphos e a pyramide de Micerino, construida muitos seculos antes d'elles, que todos no Egypto se obstinavam em attribuir a Rodopisa a construcção d'esta pyramide. Segundo uns, fôra ella que havia custeado a obra; segundo outros, (Strabão e Diodoro da Sicilia seguem ao que parece esta erronea opinião) foram os seus amantes que mandaram erigir a pyramide á sua custa para comprazerem com os desejos que a tal respeito lhes manifestara a cortezã. D'onde temos de colligir que esta mulher ambiciosa era muito affeiçoada ás pyramides.

Rodopisa, a quem os gregos chamam Dorica, celebre em toda a Grecia, abriu a lista dos seus amantes por Esopo, que, feio e corcunda como era, deu uma das suas fabulas para obter todos os favores da bella Rodopisa. O beijo lascivo do poeta designou-a aos olhares da posteridade. O bello Caraxo, a quem a cortezã devia a liberdade e a base da sua opulencia, permittiu-lhe que se estabelecesse em Neucratis, onde ia vel-a todas as vezes que se dirigia ao Egypto para negociar com os seus vinhos. Rodopisa amava este galhardo mancebo o sufficiente para lhe ser fiel em quanto elle permanecia em Neucratis, onde ia, como os leitores suppõem, levado mais pelo amor do que pela ideia do commercio. N'uma das ausencias do apaixonado Caraxo, Rodopisa, sentada no terraço do seu palacio, contemplava a corrente do Nilo, procurando descobrir no hori-

sonte a vella do navio que havia de trazer o seu amado. Uma das sandalias tinha-lhe escorregado do pé e scintillava com os seus ricos bordados de ouro e pedraria em cima de um tapete; uma aguia viu a primorosa sandalia, desceu rapida sobre ella, e levou-a no bico para as alturas.

N'essa occasião o rei Amasis achava-se em Neucratis com a sua côrte. A aguia que havia roubado a sandalia da formosa cortezã, sem que ella tivesse dado por tal cousa, foi deixal-a cahir sobre os joelhos do Pharaó.

Nunca o rei vira em sua vida uma sandalia tão pequena e graciosa, e teve a curiosidade de saber quem seria a dona d'aquella joia delicada. Quando conseguiu descobril-a, depois de ter calçado aquella preciosidade nos pés de todas as mulheres do seus estados, fez de Rodopisa a sua favorita. Apesar d'isto a favorita de Amasis não renunciou ao amor de Caraxo, e a Grecia celebrou nos cantos dos seus poetas os amores de Dorica, a quem Sapho, irmã de Caraxo, perseguiu com as suas amargas censuras.

Pausidippo, no seu livro sobre a Ethiopia, dedica este epigramma á amante de Caraxo:

«Um laço de fitas vistosas adornava as tuas compridas tranças, perfumes voluptuosos exhalavam-se da tua fluctuante tunica.

«E, tão exaltada como o vinho que ferve em crystallinas taças, apertas em teus braços o bello Caraxo...

«Os versos de Sapho asseguram-te a immortalidade, e Neucratis conservará a memoria dos teus amores, em quanto as curvas quilhas fenderem as aguas do magestoso Nilo.»

Neucratis era a cidade das cortezãs. Parece que todas alli haviam aproveitado as lições de Rodopisa. Os seus encantos e seducções fizeram por muito tempo as delicias da Grecia, que enviava com frequencia a Neucratis os seus libertinos, e todos elles volviam á patria, contando maravilhas da divina prostituição do Egypto.

Depois de Rodopisa, outra cortezã chamada Archidice adquiriu tambem pelos mesmos meios uma celebridade ruidosa, posto que, na opinião de Herodoto, essa celebridade estivesse longe de igualar a da sua predecessora. No entanto, sabe-se que ella punha um preço tão elevado aos seus favores, que ainda os homens mais ricos tinham de arruinar-se para compral-os. E, comtudo, foram muitos os que se arruinaram. Um moço egypcio, doidamente enamorado d'ella, quiz depôr-lhe aos pés a sua fortuna: como ella não attingisse, porém, o preço estipulado, Archidice repelliu-o, recusando-lhe desdenhosamente as riquezas. O apaixonado da cortezã nem mesmo assim se deu por vencido, e invocando Venus, a deusa complacente concedeu-lhe em sonhos gratuitamente o que só poderia possuir em realidade por um preço exorbitante. A cortezã veio a saber o que se tinha passado sem o seu concurso, e chamou á presença dos magistrados aquelle devedor insolvente, exigindo-lhe o preço do seu deleite. Os magistrados julgaram esta estranha causa com a maior sabedoria, auctorisando solemnemente Archidice a sonhar que havia sido paga. (Vejam-se as notas de Larcher, traductor de Herodoto.)

A grande época das cortezãs egypcias parece haver sido a dos Ptolomeus, tres seculos antes de Christo, mas já então entre aquellas mulheres celebres umas eram gregas, outras asiaticas, e quasi todas ellas haviam começado a sua carreira por tocar flauta nos banquetes dos magnates.

Ptolomeu Philadelpho teve a seu serviço um grande numero d'estas cortezãs. Uma d'ellas, Cleiné, exercia as funcções de copeira, e o seu real amante mandou erigir-lhe estatuas, em que a cortezã era representada vestida com uma tunica fluctuante, e tendo na mão um *rithon*, ou taça.

Outra cortezã famosa, Mnesyde, deleitava os ocios do monarcha com os sons da sua lyra; Pothyne entretinha-o com a graça e vivacidade da sua ale-

gre conversação; Myrtheon, que elle havia arrancado um dia de um logar de prostituição frequentado pelos barqueiros do Nilo, embriagava-o com as delicias do seu amor. Este Ptolomeu pagava generosamente todos os serviços que se lhe prestavam, e honrou com um soberbo mausoleu a memoria de Stratonice, que lhe havia deixado dulcissimas recordações, apesar de ser grega e não egypcia.

Aquelle rei voluptuoso não manifestava repugnancia alguma pelas filhas da Grecia, e por isso mandou vir de Argos a formosa Bibitica, que descendia da raça dos Atrides, apesar de procurar esquecer a sua origem o mais alegremente que podia.

Ptolomeu Evergetes, filho do Philadelpho, não prodigalisou tanto os seus amores, como o seu real progenitor, contentando-se com Ireve, que levou para Epheso, capital do seu governo, e onde viveu exclusivamente com ella até ao seu ultimo momento.

Ptolomeu Philopator deixou-se dominar por uma astuta cortezã chamada Agathoclea, que reinou sob o seu nome no Egypto com a mesma auctoridade que exercia no interior do seu palacio, e tudo isto muito a contento do debil Philopator.

Outro Ptolomeu não podia passar sem uma hetaria subalterna, a quem chamava *Hippea,* ou *Egua,* porque esta cortezã dividia as suas caricias entre o rei o o seu palafreneiro-mór.

O monarcha gostava muito de beber com ella. Um dia em que a cortezã bebeu excessivamente, Ptolomeu disse-lhe rindo-se, e passando-lhe a mão pelas costas:

— A minha *Egua* comeu hoje muito feno...

D'aqui a alcunha de *Hippea,* ou *Egua,* porque d'ahi ávante foi sempre designada.

CAPITULO III

SUMMARIO

A prostituição hospitalar entre os hebreus.— Os filhos dos anjos.— O diluvio.— Sodoma e Gomorrha.— As filhas de Loth.— A prostituição legal estabelecida pelos patriarchas.— Joseph e a mulher de Putiphar.— Thamar e Judá.— As mulheres estrangeiras.— O rei Salomão permitte que as cortezãs se estabeleçam nas cidades.— Apostrophe do propheta Ezequiel a Jerusalem, a grande prostituta.— Leis de Moysés.— Prostituição permittida por este legislador.— Trafico que os hebreus faziam com suas filhas.— Inflexibilidade de Moysés a respeito dos crimes contra a natureza.— Razões que decidiram Moysés a excluir da prostituição legal os judeus.— O capitulo XIII do Levitico.— Enfermidades secretas das judias.— Precauções hygienicas de Moysés.— Rôlas offerecidas em holocausto para obter a cura de certas enfermidades dos judeus.— A lei dos zelos.— O pequeno pão dos zelos e as aguas amargas da maldicção.— A prostituição sagrada entre os hebreus.— Culto de Moloch e de Baal-Phegor.— Superstições obscenas e offerendas immundas.— Os molochitas.— Os effeminados.— Os mysterios infames.— O preço do cão.— As consagradas.— As enfermidades vergonhosas dos israelitas.— Zambri e a meretriz de Madian.— Os effeminados exterminados por Moysés reapparecem sob o sceptro de Judá.— Asa expulsa-os novamente.— Maacha, mãe de Asa, grande sacerdotisa de Priapo.— Reapparecem novamente os effeminados e são dizimados por Jozias.— Excessos dos israelitas com as filhas de Moab.— Costumes das meretrizes moabitas.— Expedição contra os madianitas.— Exterminio das mulheres prisioneiras por ordem de Moysés.— Leis de Moysés sobre a virgindade.— Meios de a comprovar entre os judeus.— Penas contra o adulterio e a violação —A compra de uma virgem.— A concubina de Moysés.— Castigo do Senhor a Maria, irmã de Moysés.— Recommendação de Moysés aos hebreus sobre os prazeres do amor.— A filha de Jephté.— Os espiões de Josué e de Rab.— Samsão e a meretriz de Gasa.— Dalilla.— O levita de Ephraim e a sua concubina.— Infamia dos benjamitas.— A virgem de David.— Excessos de Salomão.— As suas setecentas mulheres e as suas trezentas concubinas.— Quadro e caracter da prostituição no tempo d'este rei, extrahidos do seu livro, os *Proverbios*.— Os prophetas Isaias, Jeremias e Ezequiel.— O templo de Deus em Jerusalem.— Theatro do commercio das prostitutas.— Jesus expulsa-as do templo.— Maria Magdalena em casa do Pharizeu.— Jesus perdoa á cortezã os seus peccados.



Os hebreus, oriundos da Chaldêa, haviam d'alli trazido os costumes da vida pastoril. Podemos, portanto, dizer com segurança que a prostituição hospitalar existiu desde as épocas mais remotas tanto na raça judia como entre os pastores chaldeus. Nos livros santos encontram-se vestigios d'esta asserção. No emtanto, a prostituição sagrada era fundamentalmente antipathica á religião de Moysés, e este grande legislador, que estava firmemente resolvido a pôr um freio a um povo preverso e corrompido, esforçou-se em reprimir em nome de Deus os espantosos excessos da prostituição legal. D'aqui essa dura e terrivel penalidade que traçou com caracteres de sangue nas tábuas da lei, e que mal bastava para conter as monstruosas desordens do povo escolhido.

O mais antigo exemplo que talvez exista da prostituição hospitalar temos de procural-o no Genesis. No tempo de Noé os filhos de Deus ou os anjos desceram á terra para conhecerem as filhas dos homens, e tiveram d'ellas filhos, que foram os gigantes. Estes anjos vinham pela noite adeante á tenda de um patriarcha pedir-lhe hospitalidade, e deixavam-lhe, ao retirarem-se mais ou menos satisfeitos do que tinham encontrado, vivas recordações da sua visita. O Genesis não nos diz por que signal authentico podia distinguir-se um anjo

de um homem; o caso apenas se revelava ao cabo de nove mezes pelo nascimento de um gigante. Estes gigantes não herdavam as virtudes de seus paes no meio da profunda iniquidade sempre crescente em que jaziam os homens d'essa época; de modo que o Senhor, indignado de vêr a especie humana tão degenerada e corrompida, arrependeu-se de a ter creado e resolveu aniquillal-a, com excepção de Noé e de sua familia.

O diluvio renovou a superficie da terra, mas as paixões e vicios, que Deus quizera afogar nas grandes aguas, de novo appareceram e se multiplicaram com os homens. Nem a propria hospitalidade foi uma cousa respeitada e respeitavel nas cidades malditas da Pentapole. Quando os dois anjos que haviam annunciado a Abrahão que Sara, a sua velha esposa, lhe havia de dar um filho, foram a Sodoma e se hospedaram em casa de Loth para alli passarem a noite, os habitantes da cidade, desde o mais novo até ao ancião, cercaram a casa, e chamando por Loth, disseram-lhe:

—Onde estão esses mancebos que vieram visitar-te? Obriga-os a sahir, porque os queremos conhecer.

—Meus irmãos, rogo-vos que não offendaes os meus hospedes. Tenho duas filhas que ainda não conheceram varão. Entregar-vol-as-hei para que façaes d'ellas o que quizerdes, comtanto que respeiteis estes mancebos, que recebi debaixo do tecto da minha casa.

Loth, que assim fazia o sacrificio do pudor de suas filhas á hospitalidade, não teria concedido de boamente aos seus dois hospedes o que offerecia bem a seu pesar a uma populaça indigna?

Emquanto ás filhas d'este patriarcha, o espectaculo da chuva de fogo sobre Sodoma e Gomorrha não lhes inspirou sentimentos de pudor e de continencia. Ambas ellas, uma apoz a outra, abusaram estranhamente da embriaguez de seu desgraçado pae.

Temos n'este caso a prostituição, apesar de que ella não seja ainda a legal, a que se realisa em virtude de um uso que a lei não condemna. Esta especie de prostituição manifesta-se entre os hebreus desde o tempo dos patriarchas, dezoito seculos antes de Christo, na época em que o casto Joseph, escravo e intendente do eunucho Putiphar no Egypto, resistia ás impudicas provocações da mulher do seu senhor, deixando-lhe entre as mãos a capa, afim de poder salvaguardar a virtude. Um dos irmãos de Joseph, Judá, o quarto filho de Jacob, casára successivamente com uma rapariga chamada Thamar dois filhos que tinha tido de uma chananêa. Estes dois filhos, Her e Onan, morreram sem successão, e a viuva dispunha-se a contrahir terceiro matrimonio com o ultimo irmão, chamado Sela. Judá, porém, não quiz consentir n'este novo matrimonio, para o qual os precedentes, que haviam sido estereis, eram de mau agouro. Thamar, descontente com esta opposição do sogro, imaginou um meio bem singular de lhe provar que não era ella a infecunda. Sabendo que Judá tinha de ir aos montes de Tinnath proceder á tosquia dos seus gados, despojou-se dos seus vestidos de viuva, ataviou-se com outros mais alegres, cobriu o rosto com um véu, e foi sentar-se na encruzilhada de um caminho por onde o velho tinha de passar.

Quando Judá a viu, (*Genes.*, cap. 38) julgou que aquella mulher era uma meretriz, e approximando-se d'ella, disse-lhe:

—Queres que me detenha comtigo?

—E que me darás em paga das minhas caricias? perguntou-lhe Thamar.

—Mandar-te-hei o melhor cordeiro dos meus rebanhos.

—Faça-se em mim segundo o teu desejo, se me deixares uma prenda até que cumpras a tua promessa.

—E que prenda queres tu que te dê?

—O teu annel, o teu bracelete e esse baculo que levas na mão.

Judá deteve-se com ella, e Thamar concebeu.

Em seguida continuou o seu caminho, separando-se de Thamar, que voltou a casa e tornou a envergar a sua luctuosa tunica.

Judá apressou-se a cumprir a sua palavra, mandando-lhe por um pastor o promettido cordeiro, e dando ordem ao seu emissario para receber da mulher com quem estivera os objectos que lhe deixára. Como o pastor não encontrasse, porém, no sitio indicado pelo amo aquella a quem procurava, perguntou aos que passavam:

—Sabeis para onde iria a meretriz que costumava estar sentada n'este sitio?

—N'este sitio, responderam-lhe, nunca houve meretriz nenhuma.

O rapaz, de volta a Tinnath, disse a seu amo:

—Não encontrei a mulher, e os passageiros a quem pedi informações disseram que não havia meretrizes n'aquelle sitio.

Pouco tempo depois, annunciaram a Judá que Thamar estava gravida, e, ao saber de tal escandalo, o velho indignado ordenou que fosse immediatamente queimada como adultera. Foi então que Thamar lhe fez reconhecer o auctor do fructo que trazia nas entranhas, restituindo-lhe o annel, o bracelete e o baculo.»

E' este por sem duvida o mais antigo exemplo de prostituição legal que a historia nos póde apresentar, pois que o facto referido por Moysés com todas as circumstancias que o caracterisam, remonta ao seculo XXI antes de Christo. Vemos já a prostituta hebreia sentada á beira dos caminhos para se entregar ao primeiro viandante que a sollicite. Era este desde a mais remota antiguidade o papel que desempenhava a prostituição entre os hebreus. Os livros santos estão cheios de passagens que nos mostram as encruzilhadas dos caminhos como uns mercados do mais infame dos commercios, como umas feiras de meretrizes, que, envoltas n'um amplo veu, como n'um sudario, ou estavam inertes para alli, ou vestidas e adornadas com trajos e atavios deshonestos, queimando perfumes, entoavam voluptuosos cantos ao som da lyra, da harpa ou do pandeiro, e dançavam ao compasso da flauta e de outros instrumentos.

Não eram hebreias a maior parte das meretrizes, pois que a Escriptura lhes chama ordinariamente mulheres estrangeiras. Eram syrias, egypcias, babylonias, que sobresaíam na arte lubrica de excitar os sentidos. A lei mosaica prohibia expressamente ás mulheres hebreias de servirem de auxiliares da prostituição, posto o auctorisasse a respeito dos homens, uma vez que não o condemnava. Explica-se, pois, como as mulheres estrangeiras não tinham o direito de prostituir-se no recinto das cidades, e porque motivo os caminhos publicos tinham o privilegio de servir de asylo a estas leviandades.

Não houve excepção n'estes costumes, senão em tempo de Salomão, que permittiu ás cortezãs o estabelecerem-se nas cidades. Nem antes nem depois d'esta regra se encontravam nas ruas de Jerusalem. Viam-se apenas sentadas como em vil e infame leilão ao longo dos caminhos, onde erguiam as suas tendas cobertas de pelles ou de panos de côres vivas.

Quinze seculos depois da aventura de Thamar, dizia o propheta Ezequiel na sua linguagem symbolica:

«Tu estabeleceste, oh Jerusalem! um lupanar em cada encruzilhada; arvoraste em cada caminho a bandeira da tua deshonra, e fazendo o mais abominavel emprego da tua belleza, entregaste-te a todos os que passavam.» (*Divisisti pedes tuos omni transeunti.*)

A permanencia dos hebreus no Egypto, onde os costumes estavam tão corrompidos, acabou de prevertel-os, fazendo-os retroceder ao estado da natureza. Viviam n'uma promiscuidade vergonhosa, quandó Moysés os arrancou da escravidão e lhes deu um codigo de leis religiosas e politicas. Conduzindo-os

á terra da promissão, teve necessidade de recorrer a uma penalidade terrivel para conter os excessos da corrupção moral que deshonrava o povo de Deus. O legislador fez-lhe ouvir do alto do Sinay estas palavras que o Senhor pronunciou em meio de relampagos e trovões :

— Não fornicarás! Não desejarás a mulher do teu proximo!

Em seguida, o legislador não teve escrupulo de regular em nome de Jehovah as fórmas de uma prostituição, que fazia essencialmente parte da escravatura.

«Se alguem vendeu como escrava uma sua filha, diz Moysés, esta não poderá abandonar o serviço do seu senhor á imitação dos outros servos. Se desagradar a seu senhor, este que a expulse, mas não terá poder para a vender a estrangeiros, se quizer desembaraçar-se d'ella. Se tomar outra, proverá ao dote e ao vestido da sua escrava e não lhe negará o preço do seu pudor. (*Pretium pudicitiæ non negabit.*) Faltando a estas condições, a escrava sahirá da sua escravidão sem dever cousa alguma ao seu senhor.»

Esta passagem, que os commentadores entenderam de diversos modos, prova á evidencia que entre os hebreus, pelo menos antes da redacção definitiva das tábuas da lei, o pae tinha o direito de vender sua filha a um senhor, que fazia d'ella sua concubina pelo tempo determinado no contracto da venda. Vê-se tambem n'esta singular legislação que a filha vendida d'este modo em proveito de seu pae não obtinha nenhuma vantagem pessoal pelo sacrificio a que se obrigava, excepto no caso em que o senhor, depois de a ter promettido a um filho seu, quizesse substituil-a por outra concubina.

Fica, pois, claramente estabelecido que os hebreus traficavam entre si com a prostituição de seus filhos.

Moysés, o sabio legislador que fallava aos hebreus pela bocca de Jehovah, dirigia-se a peccadores incorregiveis, e teve de deixar-lhes por prudencia, e como indemnisação do que lhes tirava, a liberdade de terem commercio com meretrizes estrangeiras. No emtanto, foi intransigente com a sodomia e á bestialidade.

«O que tiver relações carnaes com uma besta de carga, será punido de morte», diz elle no *Exodo,* cap. XXII.

«Não terás relações sexuaes com um homem como com uma mulher, diz ainda o legislador no *Levitico,* cap. XVIII, porque é uma abominação.»

«Não cohabitarás com as bestas nem te mancharás com ellas.»

«A mulher não se prostituirá com um animal, nem se misturará com elle, porque é uma abominação.»

No emtanto, ao passo que fallava d'estas abominações, Moysés, desculpa os hebreus, que não as tinham inventado e que as commettiam a exemplo de outros povos.

«Os povos que eu aparto do vosso lado, diz o caudilho de Israel, estão manchados por todas as torpezas sensuaes. A terra que habitam está maldita, e eu vou castigar a sua iniquidade, e a terra tragará os seus habitantes.»

Moysés, que conhece a obstinação do seu povo nos seus infames costumes, junta a ameaça aos rogos, para vêr se consegue pôr um freio salutar aos desarranjos dos sentidos.

«Todo aquelle que tiver feito uma só d'estas abominações será tirado do meu povo.»

Todavia não era isto ainda bastante para intimidar os culpados, e o legislador insiste muitas vezes na penalidade que se lhes deve applicar:

«Os dois auctores da abominação morrerão igualmente apedrejados ou queimados, o homem e a besta, a besta e a mulher, o varão e o seu cumplice varão.»

Moysés tinha, pois, previsto que o sexo feminino podia tambem entre-

gar-se a similhante monstruosidade, e recommendava constantemente aos israelitas a necessidade de não se parecerem com os povos que ia expulsar da terra de Chanaan.

«Não seguireis os erros d'essês povos, dizia o Eterno, porque elles fizeram todas as abominações que eu vos prohibo.»

O fim evidente da lei de Moysés era impedir quanto fosse possivel que a raça hebreia degenerasse, em consequencia dos excessos que já lhe haviam viciado o sangue e empobrecido a natureza. Estes excessos sensuaes acarretavam de mais a mais um grande prejuizo ao desenvolvimento da população e á saude publica. Taes foram, por certo, os dois principaes motivos que determinaram o legislador a não tolerar a prostituição legal senão entre as mulheres estrangeiras. Entre as mulheres do seu povo prohibia-a absolutamente.

«Não prostituirás tua filha para que a terra não seja manchada de impureza. (*Levit.*, XIX.)»

«Não haverá prostitutas entre as filhas de Israel nem correctores de prostitutas entre os filhos de Israel.» (*Deuteron.*, XXIII.)»

Estes dois artigos do codigo de Moysés regularam a prostituição entre os hebreus, quando estes se fixaram na Palestina, constituindo-se em corpo de nação sob o governo dos seus juizes e dos seus reis. Os logares de prostituição eram dirigidos por estrangeiros, ordinariamente syrios, e as mulheres de prazer ou consagradas, como se lhes chamava, eram todas estrangeiras, syrias tambem pela maior parte. As razões que dicidiram Moysés a excluir as mulheres hebreias da prostituição legal, podem perfeitamente deduzir-se dos capitulos de *Levitico,* em que o legislador não escrupulisa em revelar as enfermidades secretas a que então estavam sujeitas as mulheres da sua raça. D'aqui todas as precauções que toma para que as uniões sejam saudaveis e prolificas. Não póde explicar-se de outro modo o capitulo XVIII do *Levitico,* onde o legislador enumera todas as pessoas do sexo feminino, cujas tunicas não poderia levantar o bom israelita (*turpitudinem non discoperies*), sob pena de desagradar ao Senhor.

Assim, pois, o hebreu não podia sem crime conhecer sua mãe ou sogra, sua irmã ou cunhada, sua filha ou neta, sua tia paterna ou materna, sua prima co-irmã ou sobrinha. Moysés julgou estabelecer d'este modo os graus de parentesco que tornam uma alliança imcompativel e mais contraria ainda ao estado physico de uma sociedade, do que á sua organisação moral. Por motivos analogos, prohibiu tambem e ás vezes com pena de morte, ter copula com a mulher nos dias da sua indisposição menstrual. Verdade seja que o perigo era mais grave no povo hebreu do que em qualquer outro povo.

Por mais bellas que fossem as hebreias com os seus olhos negros e rasgados, a sua bocca voluptuosa com dentes de perolas e labios de coral, a sua estatura flexivel, as suas fórmas opulentas, essas mulheres, cujo seductor retrato achamos no *Cantico dos Canticos,* padeciam, segundo nos diz Moysés, enfermidades secretas, nas quaes certos archeologos da medicina pretenderam encontrar os symptomas da syphilis. Como esse mal, decerto, não lhes viria de Napoles nem da America, achamos imprudente e arriscado pronunciarmo-nos em assumpto tão delicado. Em todo o caso, não podemos deixar de approvar as precauções de Moysés para perservar de tal infecção a saude dos hebreus, e para impedir o germen da degeneração da sua raça.

Segundo outros commentadores, pouco ou nada competentes em medicina, mas atilados theologos por certo, não se tracta senão do fluxo de sangue e das hemorrhoidas n'esse terrivel capitulo do *Levitico,* cuja traducção omittimos por decencia. O texto da Vulgata não deixa duvidas a respeito da natureza d'este fluxo, ou pelo menos da sua origem; (*Vir qui patitur fluxum seminis immundus erit; et tunc indicabitur huic vitiis subjacere, cum per singula mo-*

menta adhæserit cari ejus atque concreverit fœdus humor.) Eis aqui porque Moysés prescreveu abluções tão rigorosas e provas tão austeras aos que *fluiam*, segundo a expressão das traducções orthodoxas da Biblia.

O enfermo que tornava impuro tudo aquillo que tocava e cujos vestidos deviam ser lavados no mesmo instante em que se manchavam, apresentava-se á entrada do tabernaculo ao oitavo dia do seu fluxo, e sacrificava duas rôlas ou dois pombos, um pelo seu peccado, outro em holocausto. Estes dois pombos que o paganismo havia consagrado a Venus, por causa do ardor e frequencia das suas caricias, representavam evidentemente os dois auctores de um peccado que havia tido tão nojentas consequencias. O sacrificio expiatorio não curava o enfermo, o qual permanecia separado de Israel e longe do tabernaculo até que terminava a sua doença.

Moysés dá ainda importantes regulamentos de policia tendentes a impedir quanto possivel que uma enfermidade immunda, que viciava as fontes da geração entre os hebreus, não se propagasse, augmentando os seus estragos e acabando por infeccionar todo o povo de Deus.

Apesar de tudo isto, a enfermidade tinha-se de tal modo aggravado, e tanto se propagára, durante a estada do povo no deserto, que Moysés teve de expulsar do campo todos os que d'ella estavam atacados. (*Numeros*, cap. v.)

Por ordem do Senhor, os filhos de Israel expulsaram tambem sem piedade nem compaixão todos os leprosos e todos os que *fluiam*. Podemos crêr, sem receio de nos enganarmos, que aquelles desgraçados, a quem sem duvida o Senhor não enviou o manná, morreram á fome e ao frio, se não foi que succumbiram á sua cruel enfermidade.

Seja-nos licito ainda attribuir a este mal estranho e odioso a lei dos zelos, que Moysés formulou para tranquillisar os maridos que accusavam suas mulheres de lhes haverem prejudicado a saude, commettendo um adulterio, de que ellas proprias conservavam a triste prova. Disputas frequentes e inextinguiveis surgiam por este motivo no interior das tendas. O marido desconfiava de sua mulher e procurava as provas das suas suspeitas no estado de saude reciproca; a mulher jurava e perjurava em vão que não se havia manchado com o crime de adulterio, imputando por sua vez ao marido as accusações que este lhe fazia.

Então o marido e a mulher apresentavam-se ao sacrificador. O marido offertava por sua mulher um pequeno pão de cevada sem azeite, e os dois permaneciam de pé em presença do Senhor. O sacrificador collocava a offerenda nas mãos da mulher, tendo nas suas as aguas amargas que traziam a maldição.

«Se nenhum homem te conheceu, dizia-lhe, e se não te manchaste de impureza, estás isempta da maldição d'estas agúas. Se, porém, te manchaste, ou se qualquer homem além de teu marido te conheceu, que o Senhor te entregue á execração a que debaixo de juramento te sujeitas, e que estas aguas de maldição entrem nas tuas entranhas para te incharem o ventre e seccarem a perna.»

A mulher respondia — assim seja — e bebia as aguas amargas, em quanto o sacrificador punha a offerenda sobre o altar.

Se mais tarde o ventre da mulher inchava, ou a perna se lhe seccava, era convicta de adulterio e vinha a ser infame aos olhos de Israel. O marido, pelo contrario, achava-se justificado, se não curado do seu mal, com a compaixão e os louvores do povo, que o chamava victima innocente, visto que, apesar de não ter bebido as aguas amargas em presença do sacerdote, tinha com frequencia a maior parte das enfermidades asquerosas e accidentes terriveis que a execração fazia pesar sobre sua mulher culpada. Quando esta podia manifestar a sua innocencia com o bom estado do seu ventre ou da sua perna, não ti-

nha que soffrer mais as censuras de seu marido e podia ter filhos do seu semen.

Como se vê, Moysés não se occupava sómente de moralisar os israelitas, pretendia tambem destruir os germens das suas enfermidades secretas, collocando as suas leis de hygiene publica debaixo da salvaguarda e santificação do tabernaculo. Mas os israelitas atravessando os povos estrangeiros, moabitas, ammonitas, chananeus e todas aquellas raças cynicas, mais ou menos corrompidas e idólatras, contagiavam-se dos vicios e gostos de seus hospedes ou alliados. Ora a prostituição mais audaz e escandalosa era a que florescia, digamol-o assim, entre os incestuosos descendentes de Loth e suas filhas. A prostituição religiosa, sobretudo, havia ampliado o seu infernal imperio com o culto dos falsos deuses que os habitantes do paiz adoravam com um phrenesi deploravel. Moloch e Baal-Phegor eram os monstruosos idolos da prostituição de que os hebreus se deixaram corromper. Por mais severo que se mostrasse Moysés nos seus castigos contra os libertinos do povo, nem por isso o mau exemplo deixou de ser seguido, e uma multidão de superstições obscenas ficaram incarnadas nos costumes hebreus, posto que se houvessem destruido os altares de Baal e de Moloch, onde se levavam as impudicas offerendas. No capitulo XX do *Levitico*, e no XXIII do *Deuterononio*, Moysés infligiu um stygma de infamia a esse culto execravel e aos apostatas que o praticavam em offensa do verdadeiro Deus de Israel.

«Qualquer dos filhos de Israel ou dos estrangeiros que haja em Israel, que der o seu semen ao idolo de Moloch, será punido de morte: o povo deve apedrejal-o.»

Assim falla o Senhor a Moysés, ordenando-lhe que separasse do seu povo os manchados de tão immunda abominação.

No *Deuteronomio* condemna Moysés certas impurezas que dizem mais respeito a Baal do que a Moloch:

«Não offerecerás, diz elle, no templo do Senhor o lucro da prostituição, nem o preço do cão, qualquer que seja o voto que tenhas feito, porque estas duas cousas são abominações deante do Senhor teu Deus.»

Os sabios tem-se dado a um improbo trabalho para descobrir o que eram esses idolos moabitas Moloch e Baal-Phegor e tiraram do Thalmud e dos commentadores judeus os mais estranhos dados sobre o assumpto. Moloch, segundo elles, era representado por um homem com cabeça de bezerro, o qual com os braços estendidos esperava que lhe offerecessem em sacrificio a flòr da farinha, rôlas, cordeiros, carneiros, bezerros, touros e creanças. Estas differentes offerendas collocavam-se em sete boccas que se abriam no meio do ventre d'aquella ávida divindade de metal, collocada sobre um immenso forno, que se accendia para consumir ao mesmo tempo as sete especies de offerendas.

Durante o holocausto, os sacerdotes de Moloch faziam uma terrivel musica com sistros e tambores a fim de não deixarem ouvir os gritos das victimas. Era então que se realisavam as infamias malditas por Jehovah: os molochitas entregavam-se a praticas dignas da patria de Onan, e animados pelo ruido cadenciado dos instrumentos musicos, agitavam-se em redor da estatua incandescente, que apparecia vermelha atravez do fumo, gritavam phreneticamente e, segundo a expressão biblica — *davam posteridade a Moloch*...

Esta abominação de tal modo se espalhou em Israel que alguns insensatos ousaram introduzil-a no culto de Jehovah e mancharam com estas impurezas o sanctuario. A colera de Moysés fulminou então raios de justiça, e o grande legislador repetiu estas palavras do Senhor:

«Indignarei o meu rosto contra os sectarios de Moloch, e expulsal-os-hei do meu povo.»

Este Moloch, ou Molec, não era outro senão a Milita dos babylonios, a

Astarté dos filhos de Sidonia, a Venus geradora, a mulher divinisada. D'aqui as offerendas que se lhe faziam: flôr de farinha para significar a substancia da vida; rôlas para indicar as ternuras do amor: cordeiros para significar a fecundidade; carneiros para caracterisar os ardores dos sentidos; bezerros para indicar a exhuberancia da natureza; touros symbolisando as forças creadoras, e, finalmente, creanças para indicar o objecto do culto da deusa.

Comprehende-se agora que, por uma vergonhosa exaggeração do zelo religioso, os fieis adoradores de Moloch, não tendo filhos para offerecer ao deus, lhe davam uma impura compensação d'aquelle cruel sacrificio. De resto, parece que o culto d'este immundo Moloch teve menos adoradores que Baal-Phegor entre os hebreus.

Baal-Phegor, ou Bel-Phegor, que era o deus favorito dos madianitas, foi acceite pelos hebreus com uma paixão que demasiado prova a obscenidade dos seus mysterios. Este deus impuro póz por varias vezes em perigo a religião de Abrahão e de Jacob. O seu detestavel culto, acompanhado das mais infames desordens, nunca foi completamente destruido no povo hebreu, que o praticava secretamente nos bosques e nas montanhas. E' fora de duvida que este culto era o mesmo de Adonis ou Priapo. Os monumentos que representavam o deus faltam-nos completamente, e apenas alguns escriptores judeus fizeram fallar a tradição a respeito de Baal e de suas estatuas e ceremonias.

Limitar-nos-hemos, pois, a apresentar com todas as reservas prescriptas pela decencia as escandalosas imagens que Selden, Mignot e Dulaure procuraram reconstruir com os esforços da sua erudição.

Segundo Selden, que se apoia na auctoridade de Origenes e de S. Jeronymo, Bel-Phegor costumava representar-se ou por um gigantesco emblema da geração mascula, chamado na Biblia *species turpitudinis*, ou por um idolo que tinha a tunica erguida e deitada por cima da cabeça para mostrar as suas torpezas, *ut turpitudinem membri virilis ostenderet*. Segundo Vignot, a estatua de Bel-Phegor era monstruosamente hermaphrodita, e segundo Dulaure não era notavel senão pelos attributos de Priapo. Mas todos os sabios, fundando-se nas santas escripturas e nos commentarios dos Padres da Egreja, estão de accordo no assumpto da prostituição religiosa que era o principal elemento de tão monstruoso culto.

Os sacerdotes do idolo eram jovens, imberbes, depilados em todo o corpo, e ungidos com oleos odoriferos. Deviam ser de uma notavel formosura. Estes sacerdotes faziam um commercio impuro no sanctuario de Baal. A Vulgata denomina-os effeminados (*effaeminati*); o texto hebraico *Kedeschim*, quer dizer consagrados. A's vezes estes consagrados não eram senão mercenarios destinados ao serviço do templo. O seu officio habitual consistia no uso, mais ou menos activo, dos seus infames mysterios. Vendiam-se como meretrizes aos adoradores do deus, e depositavam sobre o altar o lucro vergonhoso da sua prostituição.

Não é tudo ainda. Tinham tambem cães adestrados em taes ignominias, e o impuro producto que tiravam da venda ou aluguer d'estes animaes era do mesmo modo applicado á sustentação do culto. Finalmente, em certas ceremonias que praticavam de noite no interior dos bosques, quando os astros velavam o seu disco, de vergonha e de espanto ao que parecia, sacerdotes e consagrados atacavam-se de faca em punho e feriam-se excitados pelo vinho e pela musica, cahindo confusamente n'um mar de sangue impuro.

Eis o motivo porque Moysés não consentia que houvesse bosques em redor dos templos. Eis o motivo por que envergonhado das torpezas, que denunciava á cólera e maldição do ceu, prohibiu que se offerecesse na casa de Deus o lucro da prostituição e o *preço do cão*. Os effeminados formavam uma seita que tinha o seu rito e as suas iniciações, seita que se multiplicava em

segredo, e apesar dos esforços que o legislador fizera para a aniquillar, sobreviveu á ruina dos seus idolos e chegou a penetrar na casa do Senhor.

A origem d'estes effeminados deve attribuir-se, sem duvida alguma, á multidão de enfermidades obscenas que viciaram o sangue das mulheres e que as tornaram verdadeiramente perigosas, antes de Moysés haver purgado o seu povo expulsando d'elle os contaminados. Quando a saude publica melhorou algum tanto, os hebreus que se consagravam ao culto de Baal, não se contentavam já com os seus effeminados, e estes vendo-se menos procurados, imaginaram, como recurso contra a diminuição dos seus rendimentos, consagrarem egualmente a Baal uma associação de mulheres, que se prostituiam em beneficio do altar.

Estas mulheres chamadas tambem *Kedeschott* na linguagem biblica, não residiam com elles no portico nem no recinto sagrado; estavam alojadas em tendas, nas immediações do templo, onde provocavam á prostituição, queimando perfumes, vendendo philtros e tocando instrumentos musicos. Estas estrangeiras continuaram o seu vergonhoso officio em proveito proprio, quando o templo de Baal já não recebia offerendas. Eram ellas, que professando desde a infancia um tão indigno sacerdocio, serviam exclusivamente ás necessidades da prostituição entre os hebreus.

A historia da prostituição religiosa d'este povo começa, portanto, no tempo de Moysés, que não conseguiu abolil-a, e reapparece aqui e alli nos livros santos até á época dos Machabeus.

Quando Israel acampou em Sittim, paiz dos moabitas, quasi á vista da terra promettida, o povo entregou-se á sensualidade com as filhas de Moab, que o convidaram a fazer sacrificios no altar de Bel-Phegor, iniciando-o no seu culto. O Senhor chamou Moysés e ordenou-lhe que castigasse os que tinham prevaricado. Uma enfermidade terrivel originada da mesma incontinencia dos israelitas já os estava dizimando, e morreram d'ella vinte e quatro mil. Moysés convocou os juizes de Israel para expulsar do povo os culpados.

«Succedeu que um dos filhos de Israel chamado Zambri entrou em presença de seus irmãos em casa de uma rameira do paiz de Madian, á vista de Moysés e da assembleia dos juizes que choravam á porta do tabernaculo. Então Phineas, neto de Aarão, tendo visto similhante escandalo, accendeu-se n'uma ira santa, tomou um punhal, entrou atraz de Zambri na casa da peccadora e atravessou com o mesmo golpe o homem e a mulher.»

Este ruidoso castigo fez cessar a peste que assolava Israel e aplacou a colera do Senhor. Mas o mal moral tinha raizes mais profundas que o mal physico, e as abominações de Bel-Phegor reappareceram com frequencia no meio do povo escolhido. Nunca ellas foram mais insolentes e cynicas do que sob o sceptro dos reis de Judá. Durante o reinado de Roboam, 980 annos antes de Christo, os effeminados estabeleceram-se no paiz e commetteram todas as monstruosidades dos povos que o Senhor havia exterminado em presença de Israel. Asa, um dos successores de Roboam, fez desapparecer os effeminados, limpou o seu reino dos idolos que o deshonravam, expulsou sua propria mãe Maacha, que presidia aos mysterios de Priapo (*in sacris Priapi*) e destruiu o templo que ella havia edificado sob a invocação d'este deus, cuja estatua impudica fez em pedaços (*simulacrum turpissimum.*) Josaphat que reinou em seguida exterminou o resto dos effeminados, que haviam conseguido subtrahir-se ás sevéras perseguições de Asa, seu pae.

Não obstante, os effeminados não tardaram em voltar; reedificaram-se os templos de Baal e suas torpissimas estatuas insultaram de novo o pudor publico, porque dois annos depois o rei Josias teve de fazer guerra implacavel aos deuses falsos e ao seu culto obsceno, que começava a viciar em Jerusalem as puras praticas da religião verdadeira. Arruinaram-se os templos, destruiram-se

*

os idolos, queimaram-se os bosques a cuja sombra se commettiam as abominações malditas, e nem foram tambem respeitadas as tendas que os infames sodomitas ousaram levantar no interior do proprio templo de Salomão, e que, adornadas pelas mãos dos consagrados de Baal, serviam de asylo a uma prostituição já sacrilega.

Um antigo commentador judeu dos livros de Moysés accrescenta muitos pormenores de costumes, que lhe ministrou a tradição, ao que diz o capitulo xv dos Numeros em que se mencionam os excessos dos israelitas com as filhas de Moab. Estas mulheres levantaram tendas desde Bet-Aiscimot até Ar-Ascateg. Vendiam alli toda a especie de joias e quincalherias, e os hebreus comiam e bebiam n'aquelle campo de prostituição. Quando um d'elles sahia a espairecer e passeava ao longo das tendas, uma das numerosas meretrizes chamava-o do interior da sua tenda, onde estava reclinada.

—Compra-me alguma cousa, dizia. O hebreu comprava, e no dia seguinte tornava a comprar incitado pelo mesmo convite.

Ao terceiro dia, a meretriz dizia-lhe:

—Entra, tu és o dono e o senhor da minha tenda.

O homem entrava na tenda, onde lhe era offerecida uma taça de vinho ammonita a trasbordar.

—Bebe, se queres, dizia-lhe a bella filha de Moab.

O israelita não se fazia rogar e ao calor do vinho e dos amores concluia por adorar a Bel-Phegor, cuja imagem impudica tirava do seio a astuta meretriz.

Aquellas mulheres de Moab talvez fossem em parte responsaveis dos flagellos que affligiam Israel, em consequencia das idolatrias em que ellas o fizeram cahir, porque depois da triumphante expedição mandada por Moysés contra os madianitas, o legislador ordenou que todas as mulheres prisioneiras fossem immoladas.

«Estas mulheres, dizia elle a seus caudilhos, foram as que por suggestões de Balaam, seduziram os filhos de Israel e os fizeram peccar contra o Senhor, mostrando-lhes a imagem do seu idolo.»

E sem compaixão alguma mandou matar todas as mulheres que tinham perdido a sua virgindade (*mulieres quæ noverunt viros in coitu.*)

Moysés em vinte passagens dos seus livros parece preoccupar-se muito com a virgindade das mulheres. Esta virgindade era um dote obrigatorio que a hebreia trazia ao matrimonio, e póde suppôr-se que os homens d'este povo, por pequenos que fossem os seus conhecimentos das sciencias naturaes, tinham meios seguros de provar a virgindade, quando existia, ou a sua falta no caso contrario. Assim, (*Deuteron.*, cap. XXII), quando um marido accusava sua mulher de não haver entrado virgem no thalamo nupcial, os paes da accusada apresentavam-se perante os anciãos sentados ás portas da cidade, e exhibiam a seus olhos as provas, desdobrando a camisa que a filha vestia na noite das bodas. N'este caso, impunha-se silencio ao marido suspeitoso, que nada podia objectar contra uma virgindade tão claramente comprovada. Mas, no caso contrario, quando a pobre mulher não podia apresentar similhante prova, era condemnada como prostituida na casa paterna, deante da qual era punida, apedrejando-a o povo até que expirasse.

Moysés, como todos os legisladores, infligiu a pena de morte contra os adulteros. Pelo que diz respeito á violação, só a de uma noiva era punida de morte, castigo que attingia tambem a violada, a não ser que o crime não tivesse sido commettido n'um despovoado; de outro modo, suppunha-se que a mulher tinha sido connivente, uma vez que não havia gritado, ou gritára pouco. Se a noiva não tinha recebido o annel dos esponsaes, o estuprador era então obrigado a casar com ella, *quia humiliavit illam*, e a pagar ao pae da sua vi-

ctima cincoenta siclos de prata, o que se chamava na lei *a compra de uma virgem.*

Mais indulgente com os homens do que com as mulheres, Moysés prescreveu a estas uma castidade tão rigorosa, que a mulher casada que visse seu marido em rixa com outro homem, não podia correr em seu auxilio sob pena de se expôr a perder a mão, porque a lei estabelecia o castigo de se cortar a mão da mulher, que por descuido ou por qualquer outra causa tocasse nas partes pudendas, e era costume entre os hebreus recorrer a este temivel ataque, que tendia a mutilar a raça de Israel. Para impedir estes perigosos combates teve Moysés de prohibir a entrada no templo aos eunuchos, fosse qual fosse o motivo porque tivessem chegado a esse estado (*Deuteron.*, cap. XXIII.)

Mas todos estes rigores da lei não se applicavam senão ás mulheres hebreias; as estrangeiras ainda que estivessem em Israel, ou com Israel, não eram de modo algum incommodadas. O proprio Moysés conhecia bem o merecimento d'aquellas estrangeiras, pois que velho, tendo mais de cem annos, tomou uma d'ellas por mulher, ou antes por concubina, ethiope de origem e idolatra de religião, mas que, apesar d'estes predicados não deixára de agradar ao legislador e caudilho de Israel. Maria, a irmã do favorito de Jehovah, teve que arrepender-se de haver murmurado da bella ethiope, pois que, tendo-se Moysés entristecido e o Senhor encolerisado, Maria cobriu-se de lepra branca como a neve, em castigo da sua murmuração.

Moysés que não prégava nunca de exemplo teria encontrado grandes difficuldades em impôr aos israelitas uma continencia que elle proprio não podia guardar. Recommendava-lhes apenas a moderação nos prazeres dos sentidos e a honestidade nos actos exteriores. O amor, pois, segundo a sua lei, era uma especie de mysterio que não devia gosar-se senão em certas condições de tempo, logar e decencia.

Havia além d'isso muitas precauções a tomar no proprio interesse da saude publica. As mulheres hebreias estavam sujeitas a certos achaques hereditarios que o abuso das relações sexuaes podia exacerbar. As familias concentrando-se, por assim dizer, em si mesmo vieram a empobrecer e a viciar o sangue. Sendo a intemperança o vicio dominante dos israelitas, o seu legislador, que teria sido impotente para os tornar castos, apenas lhes prescreveu a moderação.

«Que os filhos de Israel, disse o Senhor a Moysés, tragam franjas de purpura nos seus mantos, para que a vista d'ellas lhes recorde os meus preceitos e afaste os seus desejos das mulheres sensuaes. (*Numeros.*, cap. XV.)

As estrangeiras ou mulheres de prazer não eram tão abominaveis em Israel que seus filhos não podessem exercer altos cargos e ter uma certa auctoridade no povo de Deus. O honrado Jephté era filho de uma cortezã de Galaad, e nem por isso deixou de ser um dos cabos de guerra mais estimados dos israelitas. Um commentador dos livros sagrados julga que Jephté, para expiar a prostituição de sua mãe, teve que consagrar a Deus a virgindade de sua filha unica. E' difficil acreditar-se que Jephté immolasse realmente sua filha, e é preciso vêr apenas n'aquelle holocausto humano um emblema bastante intelligivel. A filha de Jephté chora com as suas companheiras a sua virgindade por espaço de dois mezes antes de tomar a luctuosa tunica de viuva e de se consagrar ao serviço do Senhor.

Outro commentador, mais preoccupado da archeologia, vê no retiro d'esta donzella na montanha, uma iniciação no culto de Bel-Phegor, que tinha os seus templos, as suas estatuas e os seus bosques sagrados nos *logares elevados,* como se lê com frequencia na Biblia. E', pois, muito provavel que Jephté consagrasse sua filha á prostituição, ou ao officio que sua mãe havia exercido.

Além d'isso, os livros de Josué e dos Juizes não manifestam uma grande aversão pelas meretrizes. Quando Josué mandou os seus dois espiões a Jeri-

chó, estes chegaram de noite a casa de uma rameira, chamada Rahab, e *dormiram alli*, diz a Biblia. Esta mulher tinha a sua morada sobre a muralha como as outras da sua classe, que não tinham o direito de viver no interior das cidades. Quando por ordem do rei foram prender os espiões, Rahab occultou-os no terraço da sua casa, e d'ahi a pouco deu-lhes a liberdade, facilitando-lhes a fuga pela janella com auxilio de uma corda. Os espiões prometteram, em demonstração do seu reconhecimento, respeitar a sua vida e a de todos os que se achassem ao abrigo do seu tecto no dia da tomada de Jerichó.

Josué não se esqueceu de cumprir a promessa que os seus emissarios tinham feito á meretriz, a qual foi effectivamente exceptuada do massacre, juntamente com seus paes, irmãos e demais parentes, quando o exercito triumphante entrou na cidade.

«E Rahab viveu no meio de Israel até hoje», diz o auctor do livro de Josué, que não parece muito escandalisado da residencia d'aquella meretriz estrangeira no seio do povo escolhido. Não foi certamente a unica, e o historiador sagrado tem occasiões frequentes de fallar d'estas mulheres.

Não nos deteremos no nascimento de Samsão, no qual poderiamos descobrir alguns indicios de prostituição religiosa, nem faremos notar tambem que sendo sua mãe esteril, um homem de Deus, cujo rosto se assimilhava ao de um anjo, veio annunciar-lhe que pariria um filho. Apresentaremos sómente Samsão, o escolhido do Senhor, na cidade de Gaza, onde vê uma meretriz e entra em casa d'ella. O Senhor, apesar d'isto, não lhe retira a sua graça, pois vemos que á meia noite Samsão se levanta tão valente e cheio de coragem como se acordasse de um somno tranquillo e reparador, e arrancando as portas de Gaza as transporta para o cume de uma montanha.

Amou depois outra mulher, que se chamava Dalilla e vivia n'uma tenda junto á torrente do Cedron. Dalilla era meretriz tambem, e a sua traição, que os philisteus compraram a peso de ouro, prova que não estava muito satisfeita com a generosidade do seu amante. O Senhor não censurava a Samsão o uso que fazia das suas forças, e só o abandonou quando as tesouras da meretriz despojaram dos fartos cabellos a cabeça do nazareno. Dalilla abandonou-o tambem, sem querer já adormecel-o no regaço com as caricias do seu amor.

Os hebreus podiam ter concubinas na sua propria casa sem offenderem o Deus de Abraham o qual tambem tivera uma. Gedeão teve uma concubina, que lhe deu um filho, além dos setenta filhos que suas mulheres já lhe haviam dado.

Um levita de Ephraim tomou no paiz de Bethlem uma concubina que peccou com elle e o deixou logo para voltar á casa paterna. Por sua desgraça, o levita foi alli buscal-a outra vez, e á volta, acceitando a hospitalidade que lhe offerecera um ancião de Guibha, entrou em casa d'elle, para pernoitar com os seus dois jumentos, a concubina e um escravo.

Os viajantes lavaram os pés, segundo era costume, comeram e beberam. Mas quando já se tinham deitado, os habitantes de Guibha, descendentes da tribu de Benjamin, cercaram a morada do velho e batendo á porta disseram ao dono da casa:

— Entrega-nos o homem que pernoita em tua casa para *o conhecermos*, (*ut abutemur eo.*)

O ancião chegou á porta e disse áquelles filhos de Belial:

— Meus irmãos, não queiraes commetter similhante abominação; este homem é meu hospede e eu devo protegel-o. Tenho uma filha virgem, e o meu hospede uma concubina. Se é da vossa vontade, entregar-vol-as-hei ambas, para que as conheçaes, mas supplico-vos que não vos mancheis com um peccado contra a natureza.

Aquelles insensatos persistiram nas suas infames exigencias, até que o levita de Ephraim lhes entregou a sua concubina, da qual abusaram toda a



O levita de Ephraim

noite. No dia seguinte deixaram-n'a ir embora, mas a desgraçada apenas teve forças para se arrastar até á porta da casa em que dormia o seu amante, cahindo morta defronte d'ella.

N'este deploravel estado a encontrou o levita quando se levantou, e ainda que até certo ponto elle proprio a tivesse sacrificado, não foi menos ardente na vingança. Todo Israel tomou parte n'este aggravo e se armou contra os benjamitas, que foram quasi completamente exterminados.

O resto da tribu culpada nunca mais teria tido posteridade, se as outras tribus, que tinham jurado não darem nunca as suas filhas áquelles adoradores de Belial, não tivessem feito prisioneiras as filhas de Jabes em Galaad, nem roubado as filhas de Silo em Chanaan, para repovoarem o paiz que aquella guerra deixára quasi deserto. Os benjamitas casaram com estrangeiras e idolatras.

Estas estrangeiras não tardariam muito em restabelecer o culto de Moloch e de Bel-Phegor em Israel, como fizeram mais tarde as concubinas de Salomão. No tempo d'este rei, que floresceu mil annos antes de Christo, e elevou o povo judeu ao mais alto grau de prosperidade, a licença dos costumes chegou a um extremo inverosimil. O rei David nos seus ultimos dias contentava-se com uma terna virgem, que o cercava de cuidados e de caricias, e o acalentava de noite no seu leito. O Senhor, apesar d'esta leviandade, derradeira pieguice de um velho enregelado já pelos annos, não se retirou d'elle e continuava a visital-o ainda com a mesma frequencia. Mas Salomão, depois de um reinado magnifico e glorioso, deixou-se arrebatar pelo fogo das paixões sensuaes e amou, além da filha de um Pharaó do Egypto, que havia desposado, uma infinidade de mulheres estrangeiras, moabitas, ammonitas, idumeias, sydonias, egypcias e outras das quaes o Deus de Israel lhes havia ordenado que fugisse, como de seres perigosissimos.

Não obstante as prescripções do Senhor, Salomão entregava-se com phrenesi a estes excessos de incrivel incontinencia (*His itaque capulatus est ardentissimo amore.*) Chegou a ter setecentas mulheres e trezentas concubinas, que lhe desviaram o coração do verdadeiro Deus, pois adorou a Astarté, deusa dos sydonios, a Camos, deus dos moabitas e a Moloch, idolo dos ammonitas. Erigiu templos e estatuas a estes falsos deuses nos montes fronteiros a Jerusalem, e elle proprio ia incensal-os, offerecendo-lhes impuros sacrificios. Estes sacrificios offerecidos a Venus, Adonis e Priapo, sob os nomes de Astarté, Camos e Moloch, tinham por sacerdotisas as mil mulheres e concubinas de Salomão. Houve no tempo d'este rei voluptuoso e sabio um grande numero de estrangeiras que viviam da prostituição no meio de Israel. Duas cortezãs foram as heroinas do celebre juizo de Salomão. A Biblia faz comparecer estas duas mulheres de má vida (*meretrices*) perante o throno do monarcha, que as ouve e julga sem lhes manifestar desprezo.

N'aquella época, pois, a prostituição tinha entre os hebreus uma existencia auctorisada, protegida, legal. As mulheres estrangeiras, que por assim dizer, tinham o monopolio, introduziram-se no seio das cidades e alli exerceram a sua vergonhosa industria, publica e descaradamente, sem receio nem de penas corporaes nem pecuniarias. Dois capitulos do *Livro dos Proverbios,* o v e o vii são quasi um quadro da prostituição e do seu caracter n'aquella época. Poderia deduzir-se de certas passagens do capitulo v que aquellas estrangeiras não estavam isentas das terriveis enfermidades nascidas dos abusos sensuaes e que as communicavam aos libertinos que d'ellas se approximavam.

«O mel distilla-se dos labios de uma cortezã, diz Salomão; a sua bocca é mais suave que o azeite, mas deixa vestigios mais amargos que o absyntho e mais agudos que uma espada de dois gumes. Sê surdo á sua voz, e não te approximes da porta de sua casa, com receio de entregares a tua felicidade ao teu inimigo e o resto da tua vida a um mal cruel; com receio de esgotares as

tuas forças em proveito de uma meretriz e de enriqueceres a sua casa á custa da tua.»

No capitulo VII vê-se uma scena de prostituição, que bem pouco differe nos pormenores das que se reproduzem em nossos tempos sob o vigilante olhar da policia. E' uma scena que Salomão por certo tinha visto de uma janella do seu palacio, e que copía do natural, como poeta e como philosopho:

«De uma janella de minha, casa diz Salomão, atravez das gelozias tenho visto e vejo os homens, que se me afiguram muito pequenos.

«Vejo o joven insensato que atravessa a rua e se dirige á casa da esquina ao crepusculo da noite, atravez das trevas.

«Eis que uma mulher corre para elle, ataviada como as cortezãs, sempre disposta a alliciar as almas, cheia de afagos, nervosa, de modo que nunca está socegada. umas vezes á porta da sua casa, outras, nas esquinas e nas praças, armando as suas ciladas.

«Abraça o mancebo inexperiente e beija-o com amoroso carinho.

«Fiz por ti, diz-lhe ella, offerendas ao Senhor: devem hoje cumprir-se os meus votos e por isso sahi ao teu encontro desejando vêr-te, oh meu amado!

«Apertei as cordas do meu leito, cobri-o com esplendidos tapetes vindos do Egypto, perfumei-o com myrrha, aloes e cinammo.

«Vem, oh meu amado, vem! Embriaguemo-nos de amor e gosemos os nossos ardentes beijos até ao romper do dia!

«Porque o meu senhor (*vir*) não está em casa, foi para uma viagem longiqua com uma bolsa de dinheiro, e não voltará antes da lua cheia.

«A meretriz enfeitiça o moço inexperiente com tão doces palavras, e com a seducção de seus labios acaba por attrahil-o.

«Elle então segue-a como o novilho se dirige ao altar do sacrificio, como o cordeiro que retouça alegremente sem saber que vão matal-o, e que o sabe sómente quando o ferro mortal lhe atravessa o coração; como a ave que vae cahir n'um laço, sem saber que a morte n'elle se esconde.

«Pois bem, filhos meus, escutae-me, e prestae attenção ás palavras da minha bocca:

«Que o vosso coração não se deixe levar nunca pelos carinhos d'essa mulher impura, porque ella já feriu gravemente alguns homens, e os mais fortes foram mortos por ella.»

Salomão, no meio das orgias das suas concubinas, celebrando os mysterios de Moloch e de Baal, o grande rei Salomão, decerto esqueceu os seus proverbios. No emtanto, o grande prevaricador veio por fim a arrepender-se e morreu na paz de Jehovah.

A praga da prostituição adheriu sempre como a lepra ao povo judeu, não só a prostituição legal que o codigo de Moysés tolerava em muitos dos costumes domesticos, mas tambem a prostituição religiosa, conservada no meio de Israel pela presença de tantas mulheres estrangeiras, educadas no culto de Moloch, de Camos e de Bel-Phegor.

Os prophetas, que Deus suscitava sem cessar para corrigir o seu povo, achavam-n'o occupado em sacrificar aos deuses de Moab e de Ammon no alto das montanhas e á sombra dos bosques sagrados. O ar resoava com os canticos licenciosos e saturava-se dos perfumes que as meretrizes queimavam nos immundos altares. Havia tendas ou asylos de prostituição nas encruzilhadas de todos os caminhos e até ás portas do templo do Senhor. E era mister que o escandalo do espectaculo affligisse sem cessar o propheta, para que as suas prophecias a cada passo reflectissem impudicas imagens. Isaias diz á cidade de Tyro que ella se prostituiu com todas as nações da terra:

«Toma uma cythara, oh cortezã condemnada ao olvido, dança em redor da cidade, canta e faz resoar o teu instrumento afim de que se lembrem de ti.»

Vê-se por esta passagem do propheta que as *estrangeiras* recorriam aos attractivos da musica para annunciarem a sua *mercadoria*.

Jeremias diz a Jerusalem, que exhala por todas as partes as emanações do amor physico:

«Vagueias, oh cortezã, por todas as collinas e prostitues-te debaixo de todas as arvores!»

Jeremias representa-nos com as mais negras côres os impuros filhos de Israel, que se manchavam de luxuria em casa das cortezãs e vinham a dar em correctores da prostituição.

Quando os judeus foram conduzidos ao captiveiro de Babylonia, não tinham que admirar-se do que alli podessem vêr quanto a excessos e desordens obscenas, pois já conheciam o culto de Milita sob o nome de Moloch. O proprio Jeremias mostra-lhes cheio de indignação os sacerdotes que traficavam com a prostituição, os deuses que a ella presidiam, o ouro dos sacrificios pelo trabalho das meretrizes, e a meretriz devolvendo aos altares o centuplo do que d'elles havia recebido.

Mas Israel pode agora no campo da prostituição dar lições a todos os povos que lh'a communicaram. O propheta Ezequiel faz-nos uma pintura espantosa da corrupção judaica. Nas suas prophecias, não se vêem senão logares immundos abertos a todos os que passavam, tendas de libertinagem armadas em todos os caminhos, casas de immoralidade e de escandalo apontadas a cada passo, meretrizes vestidas de seda, resplendentes de joias e impregnadas de perfumes; n'uma palavra, só se descrevem nas suas prophecias scenas de infamia e de dissolução. Jerusalem, a grande prostituta que se deu aos filhos do Egypto, faz presentes aos seus amantes, em vez de os receber d'elles.

«Entregar-te-hei ás mãos d'aquelles a quem te abandonaste, diz-lhe o Senhor. Elles destruirão a tua mancebia, demolirão o teu albergue, despojar-te-hão dos teus vestidos, roubarão os teus vasos de prata e ouro e deixar-te-hão nua e cheia de ignominia!»

Era preciso que Jerusalem tivesse levado ao cumulo as suas prevaricações, para que o propheta a ameaçasse com o terrivel castigo de Sodoma. A prostituição que por certo mais affligia os homens de Deus era a que insistia em abrigar-se debaixo das abobadas do templo. O templo de Salomão, a casa do Deus de Israel, era ainda no tempo dos Machabeus, seculo e meio antes de Christo, o ponto de reunião das prostitutas, que iam alli procurar os seus amantes. (*Templum luxuria et comessassionibus gentium erat plenum et escortantium cum meretricibus.*)

Deve crer-se que este estado de cousas não mudou até que Jesus expulsou do templo os vendilhões, e ainda que os evangelistas não se expliquem sobre a especie de commercio de que Jesus purificou a casa do Senhor, bem se adivinha qual elle poderia ser. De resto, no Evangelho de S. Marcos falla-se em mercadores de rôlas, e é de crer que estas aves predilectas de Venus e de Moloch não estivessem alli senão para occorrer ás offerendas dos amantes. A lei dos zelos, tão poeticamente imaginada por Moysés, não prescrevia aos esposos o sacrificio de uma rôla, mas sim o de um pequeno pão de farinha de cevada.

Jesus, que foi implacavel com os hospedes immundos do templo, mostrou-se, não obstante, indulgente para com as mulheres, como se tivesse piedade da sua fraqueza. Quando a Samaritana, aquella estrangeira que tivera cinco maridos e que vivia em concubinato com um homem, o encontrou sentado junto de um poço, Jesus não lhe dirigiu nenhuma censura, antes lhe fallou com muita affabilidade, bebendo da agua que ella acabava de tirar do poço. Os discipulos de Jesus admiraram-se de vêr o Mestre em companhia de tal mulher e disseram-lhe desdenhosamente:

— Porque falla com esta creatura?

Os discipulos não eram tão tolerantes como o Mestre, pois que já de outra vez tinham querido apedrejar, segundo a lei de Moysés, uma mulher adultera, que Jesus salvou dizendo:

— O que estiver limpo de peccado que lhe atire a primeira pedra.

Finalmente, o Filho do Homem não receiou absolver publicamente uma cortezã, porque ella tinha vergonha da sua infame profissão. Estando á meza em casa do Pharizeu de Capharnaum, uma mulher de má vida (*peccatrix,*) que vivia na cidade, levou um vaso de alabastro cheio de um oleo odorifero, molhou com suas lagrimas de penitencia os pés do Salvador, ungiu-lh'os de perfumes, e em seguida enxugou-lh'os com os seus compridos cabellos.

Vendo isto, o Pharizeu disse comsigo mesmo:

— Se este homem fosse propheta, saberia perfeitamente quem é a mulher que se atreve a tocar-lhe porque é uma peccadora.

E Jesus disse-lhe:

— Quero dizer-te uma cousa.

— Dizei, Mestre.

— Um crédor tinha dois devedores; um devia-lhe quinhentos dinheiros e o outro cincoenta.

Mas, como não tivessem com que pagar-lhe, perdoou a ambos as suas dividas. Agora, dize-me, a qual d'esses homens amava mais o credor?

— Penso que amava mais áquelle a quem mais perdoou.

— Pensaste muito bem, respondeu o Mestre.

E, voltando-se para a mulher, disse a Simão:

— Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste agua para os pés; mas ella lavou-m'os com as suas lagrimas e enxugou-m'os com os seus cabellos; não me deste o osculo fraternal, e ella não cessou ainda de beijar me os pés; não me ungiste a cabeça de perfumes, e ella está-me ungindo os pés. Por isso te digo que perdoados lhe são os seus muitos peccados, pelo muito que amou. (*Quoniam dilexit multum; cui autem minus dimittitur minus diligit.*)

E em seguida disse á mulher:

— Perdoados te são os teus peccados.

Estas palavras de Jesus teem sido commentadas e atormentadas de muitos modos, mas é fóra de duvida que o filho de Deus, pronunciando-as, não quiz animar a peccadora a continuar no mesmo genero de vida. Jesus expulsou os sete demonios que possuiam esta mulher, chamada Maria Magdalena, e que não seriam talvez senão sete libertinos com quem ella peccava.

Magdalena, d'esse momento em diante, purificou-se pelo seu exemplar e doloroso arrependimento, e veio a ser uma santa. Seguiu os passos do divino redemptor que a havia salvado, regou-os com as suas lagrimas até ao cimo do Calvario, e sentou-se, chorando sempre com amargo desconforto, junto do sepulchro do Salvador crucificado. Foi a ella, antes de outra qualquer pessoa, que elle appareceu resuscitado, como que para lhe dar um testemunho evidente da sua misericordia e perdão. A grande peccadora foi collocada no numero das santas, e se durante a edade media não foi muito honrada, sendo a padroeira das meretrizes, que não imitavam a sua conversão, consolava-as ao menos com o seu exemplo, e mesmo no fundo dos seus albergues malditos lhes ensinava com a fé, a esperança e a caridade o difficil caminho do ceu. (*Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.*)

CAPITULO IV

SUMMARIO

A prostituição religiosa na Grecia.—As Venus gregas.—Venus Urania.—Venus Pandemos.— Pythos, deusa da persuasão.—Solon e o seu templo á prostituição.—Templos de Venus Popular em Thebas e em Megalopolis.— Offerenda de Harmonia, filha de Cadmo, a Venus Pandemos.—Venus Hetaria.— A cidade de Abydos, libertada por uma cortezã.—Templo da Venus Hetaria em Epheso.—As Symetas.—Templo da Venus Hetaria em Samos.— Venus Peribasia.—Venus Salacia ou Lubrica.—A sua estatua de prata por Dedalo.— Dons offerecidos a Venus Peribasia pelas cortezãs.—Venus Melanisa ou Negra, deusa da noite amorosa.—Seus templos.—Venus Mucheia.— Venus Castnia. —Venus Scotia, ou Tenebrosa.—Venus Derceto.—Venus Mechanitis.—Venus Calipygia.— Origem do culto de Venus Derceto.—O juizo de Paris.—Origem do culto de Venus Calipygia.—As aphrodiseias — As mil cortezãs do templo de Venus em Corintho. — Offerenda de cincoenta hetarias feita a Venus pelo poeta Xenephonte de Corintho.— Procissão das consagradas.—Funcções das cortezãs nos templo de Venus.—Mysterios de Ceres.— O pontifice Archias.—Cothyna, famosa cortezã de Esparta.—Celebração das festas de Adonis.—Venus Laena e Venus Lamia.



A prostituição religiosa existiu na Grecia desde que houve deuses e templos: remonta, pois, á origem do paganismo grego. Esta theogonia, que a imaginação poetica da raça hellenica creára mais de dezoito seculos antes da era moderna, não foi de certo modo mais do que um poema allegorico sobre as phases do amor no universo. Todas as religiões tiveram o mesmo berço; em toda a parte predominava e inspirava cultos a natureza feminina, abrindo-se e concebendo ao fecundo contacto da natureza masculina; existiram sempre o homem e a mulher divinizando-se nos attributos mais significativos dos seus sexos.

A Grecia recebeu, pois, da Asia o culto de Venus e o de Adonis; e como não eram bastantes estas duas divindades amorosas, a Grecia multiplicou-as sob uma infinidade de nomes differentes, de tal modo que houve quasi tantas Venus como templos e estatuas. Os sacerdotes e os poetas que de commum accordo se encarregaram de inventar e escrever os annaes dos seus deuses, não fizeram mais do que desenvolver um thema unico, que foi o do goso sensual. N'esta engenhosa e encantadora mythologia o amor reapparecia a cada instante com os mais variados caracteres, e a historia de cada um dos deuses ou deusas era apenas um hymno voluptuoso em honra dos sentidos.

Comprehende-se sem difficuldade que a prostituição, que se manifesta sob tão diversos aspectos na odysseia das metamorphores dos deuses e das deusas, devia ser um reflexo dos costumes gregos dos tempos de Oxyges e de Innaco. Uma nação, cujas crenças religiosas não eram mais do que um conjuncto de lendas impuras, podia acaso sêr continente e casta?

A Grecia acceitou desde os tempos heroicos o culto da mulher e do homem

divinisados, segundo Babylonia e Tyro o haviam estabelecido em Chypre. Este culto saiu da ilha que lhe era especialmente consagrada para se estender de ilha em ilha no archipelago, e para invadir dentro em breve Corintho, Athenas e todas as cidades da terra Jonica. Então, á medida que Venus e Adonis se naturalisavam na patria de Orpheu e de Hesiodo, iam perdendo um pouco da sua origem chaldeia e phenicia; adaptavam-se, por assim dizer, a uma civilisação mais refinada, mas não menos corrompida. Venus e Adonis estavam alli mais velados do que na Azia Menor, mas sob aquelle veu existiam delicadezas de dissolução, ignoradas por certo nos recintos sagrados de Milita e nos bosques mysteriosos de Bel-Phegor.

Escasseiam-nos os dados para reconstituirmos em todos os seus pormenorse secretos o culto das Venus gregas, sobre tudo nas épochas anteriores aos bellos seculos da Grecia. Os poetas apenas nos offerecem alguns vestigios dispersos, que não precisam cousa alguma, ainda que tudo indiquem. Os philosophos evitam a descripção dos quadros, espraiando-se ao acaso em vagas generalidades moraes. Os historiadores não registram mais do que factos isolados, que muitas vezes não teem connexão. Os monumentos, emfim, excepto algumas medalhas e inscripções, desappareceram. Só temos noções amplas e numerosas dos principaes Venus, cujos nomes e attributos mais particularmente se referem aos assumptos de que tractamos. A simples enumeração d'estas Venus dispensar-nos-ha de recorrermos a conjecturas mais ou menos estribadas em provas e apparencias. A prostituição religiosa, deixando de exercer-se em beneficio do templo e do sacerdote, imprimira profundamente nos ritos e usos religiosos o sêllo do seu imperio.

A Venus, que por assim dizer, personificava esta prostituição chamava-se Pandemos. Socrates diz no *Banquete de Xenophonte* que ha duas Venus, uma celeste ou divina, e outra Pandemos, ou humana. O culto da primeira, segundo o philosopho, é casto, e o da segunda impuro. Socrates vivia no seculo v antes de Christo como um philosopho sceptico, que submette todas as questões, ainda mesmo as religiosas, ao seu inflexivel juizo.

Platão, no seu *Banquete*, falla tambem de duas Venus, mas é menos severo a respeito de Pandemos.

«Ha duas Venus, diz elle, uma extremamente antiga, sem mãe, e filha de Urano, de quem teve o nome de Urania; a outra mais nova, filha de Jupiter e de Dione, é por nós denominada Venus Pandemos.»

Foi a Venus popular a primeira divindade que Theseu fez adorar ao povo que havia reunido dentro das muralhas de Athenas; a primeira estatua de deusa, que foi erigida na praça d'aquella cidade nascente. Esta antiga estatua, que já não existia quando Pausanias escreveu a sua *Viagem á Grecia*, e que havia sido substituida por outra sem duvida mais modesta que a primeira, era um incitamento permanente á prostituição.

Os sabios não estão de accordo a respeito da posição que o esculptor lhe déra, mas no entanto póde suppôr-se que essa posição traduzia o caracter especial da deusa. Theseu, para que este caracter fosse ainda mais claramente significado, pôz ao lado da estatua de Pandemos a de Pythos, deusa da persuasão. De tal modo exprimiam as duas deusas o que os artistas tinham tido em vista, que a toda a hora, tanto de dia como de noite, o povo corria a fazer acto de obediencia publica na sua presença.

Por este motivo, quando Solon reuniu com o producto do seu *Dicterion* as sommas necessarias para erigir um templo á deusa da prostituição, foi erigil-o defronte da estatua, que attrahia em volta do seu pedestal uma procissão de fieis sectarios. As cortezãs de Athenas mostravam-se muito satisfeitas nas festas de Pandemos, que se celebravam no quarto dia de cada mez e davam logar a grandes excessos de zelo religioso. N'estes dias as cortezãs só exer-

ciam a sua profissão em proveito da deusa, gastando em offerendas o dinheiro que haviam ganho sob os auspicios de Pandemos.

Este templo, dedicado por Solon á Venus popular, não era o unico que attestava o culto da prostituição na Grecia. Havia outros em Thebas, na Beocia e em Megalopolis da Arcadia. O de Thebas datava do tempo de Cadmo, fundador d'esta cidade. Refere a tradição que a estatua que havia n'este templo fôra fabricada com os esporões de bronze das naus que haviam trazido Cadmo á costa thebana. Fôra uma offerenda feita por Harmonia, filha de Cadmo. Esta princeza, indulgente com os prazeres do amor, comprazia-se em consagrar aquelle eloquente symbolo á deusa, destinando-lhe os esporões de metal, que, penetrando nas areias da praia, d'ellas fizeram sahir uma cidade.

No templo de Megalopolis a estatua de Pandemos era acompanhada de outras duas, que representavam a deusa sob duas figuras diversas, mais decentes e menos nuas. Todas as estatuas de Pandemos tinham, no entanto, um aspecto descarado; por isso, logo que os costumes melhoraram alguma coisa, essas estatuas foram envolvidas em veus.

A que havia em Elide, onde Pandemos teve tambem um templo celebre, foi restaurada pelo famoso estatuario Scopas, o qual mudou completamente a posição da deusa, e se contentou com um emblema muito transparente, pondo Venus a cavallo n'um bode com cornos de ouro.

Venus era adorada em muitos logares da Grecia sob o nome de Hetaria ou Cortezã, nome que francamente annunciava que genero de acções de graças lhe eram tributadas. Os seus adoradores habituaes eram as cortezãs e os seus amantes, os quaes nunca deixavam de lhe offerecer sacrificios com o fim de obterem a protecção d'esta deusa complacente. Aquella Venus, tão deshonesta, que tinha um culto tão impuro, recordava um facto historico que fazia honra ás cortezãs, mas que por desgraça se referia aos tempos fabulosos da Grecia.

Segundo uma tradição de que se orgulhava a cidade de Abydos, esta cidade reduzida na mais remota antiguidade á escravidão, havia sido libertada por uma cortezã. N'um dia de festa, os soldados estrangeiros, senhores da cidade e sentinellas das suas portas, embriagaram-se n'uma orgia de cortezãs abydas e adormeceram ao som melodioso das suas flautas. Uma das cortezãs apoderou-se das chaves da cidade, onde entrou, e foi avisar os seus compatriotas, que se armaram immediatamente, mataram as sentinellas adormecidas, e repelliram da praça o inimigo. Em memoria do modo como haviam recobrado a sua liberdade, os naturaes ergueram um templo a Venus Hetaria.

Venus Hetaria tinha outro templo em Epheso, mas ignora-se se a sua origem teria sido tão honrosa como a do templo de Abydos. Cada um d'estes templos tinha a sua tradição particular. O do promontorio Simas no Ponto Euxino construiu-se, segundo a tradição, a expensas de uma bella cortezã, que habitava n'aquelle sitio, e que esperava á beira-mar que Venus, a filha das ondas, lhe enviasse passageiros. Em memoria d'aquella sacerdotisa, as cortezãs chamaram-se *Simetas,* nas immediações do promontorio que convidava de bem longe os marinheiros ao culto da deusa, e lhes offerecia grutas consagradas a esse culto.

O templo de Venus Hetaria em Samos, que se denominava da deusa das canas e dos pantanos, foi edificado com o producto da prostituição das cortezãs que seguiram Pericles á ilha de Samos, e que negociaram com os seus encantos por sommas verdadeiramente enormes. (*Ingentem ex prostituta forma quœstum fecerant,* diz Atheneu, cujo grego é muito mais energico do que esta traducção latina.) Mas, embora Venus tivesse o nome de Hetaria, as festas que se celebravam em Magnesia sob o nome de *Hetariades;* não lhe pertenciam, pois haviam sido instituidas em honra de Jupiter Hetario desde a expedição dos Argonautas.

Não fôra bastante dar-se a Venus o nome das cortezãs que lhe dirigiam culto e a invocavam nos seus prazeres; outros se lhe davam ainda que não deixariam de convir ás suas sacerdotisas predilectas. O de *Peribasia,* por exemplo, em latim *Divaricatrix,* alludia aos movimentos e convulsões do prazer sensual. Esta Venus era adorada nominalmente entre os Argivos, como nos revela S. Clemente de Alexandria, que não escrupulisa em explicar o escandaloso nome de Peribasia.

A Peribasia dos gregos veio a ser a Salacia, ou a Venus Lubrica dos romanos, que tomou ainda outros nomes analogos e mais caracteristicos. Dedalo, o famoso architecto do labyrintho de Creta, dedicou a esta Venus uma estatua de prata massiça. Os dons offerecidos á deusa alludiam ás qualidades que se lhe attribuiam, e esses dons eram ás vezes riquissimos, em harmonia com a qualidade das mulheres que os depositavam no altar ou os collocavam no pedestal da deusa. Ordinariamente estas offerendas eram phallos de ouro, de prata, de marfim ou de nacar; outras vezes eram tambem joias preciosissimas e sobretudo espelhos de prata brunida com molduras e inscripções. Estes espelhos foram sempre considerados como attributos da deusa e das cortezãs. Venus era representada com um espelho na mão e tambem com um vaso ou caixa de perfumes, porque dizia o poeta grego: «Venus não imita Pallas, que se banha ás vezes, mas que nunca se perfuma.»

As cortezãs, que tanto interesse tinham em conservar Venus propicia aos seus prazeres e á sua desmarcada ambição, despojavam-se por sua causa dos adornos que tinham em maior estimação. A sua primeira offerenda devia ser um cinto; traziam-lhe tambem pentes, pinças de arrancar os cabellos, alfinetes e outras bugigangas de ouro e prata, que as mulheres honestas não costumavam usar, e que Venus Hetaria podia acceitar sem escrupulo das suas humildes adoradoras. Por isso, o poeta Phileteres exclama com enthusiasmo no seu *Corinthiasta:*

«Não é sem razão que se vêem por toda a Grecia templos consagrados a Venus-Prostituta, e não a Venus-Casada.»

Venus tinha na Grecia muitas outras denominações, que se referiam a certas particularidades do seu culto, e os templos que se lhe consagravam debaixo d'estas denominações, ordinariamente obscenas, eram mais frequentados e estavam mais ricamente ornados do que os de Venus-Pudica. Era adorada com o nome de *Melanisa,* ou a *Negra,* como numen da noite amorosa. Foi ella que appareceu a Lais para lhe dizer que os amantes lhe accudiriam de todas as partes com presentes magnificos. Tinha templos em Melangia de Arcadia, em Cranio, perto de Corintho e em Thespias da Beocia, e esses templos estavam rodeados de bosques impenetraveis á luz, em cujas trevas propicias podiam tentar-se aventuras amorosas. Chamava-se *Mucheia,* ou a deusa dos Albergues, *Castnia,* ou a deusa dos deleites impudicos, *Scotia* ou a *Tenebrosa, Derceto,* ou *Mulher publica, Calipigya,* ou a deusa das bellezas secretas.

Venus, verdadeiro Protheu do amor, ou antes da sensualidade, tinha para cada uma das suas transformações uma mythologia especial, sempre engenhosa e allegorica, mas representando sempre a mulher que sente e satisfaz o instincto sexual. A fabula contava que Derceto, a Venus publica, a deusa da Syria, cahira do Olympo ao mar, onde encontrou um grande peixe, que se offereceu para a conduzir ás costas da Syria, favor que a deusa lhe compensou, pondo o seu salvador no numero dos astros.

Para traduzir esta bella fabula na linguagem dos homens, póde imaginar-se uma bella syria perdida em um naufragio e salva por um pescador que se enamora d'ella. O nome de Derceto significava bem as suas idas e vindas ás costas da Syria, com o pescador que a tinha recolhido na sua barca.

Os sacerdotes de Derceto deram á allegoria uma fórma muito mais mys-

tica. Segundo elles, nas épocas contemporaneas do cháos, cahiu do ceu sobre o Euphrates um ovo gigantesco. Os peixes trouxeram-n'o para a praia, as pombas incubaram-no, e Venus, a deusa do amor e da formosura, sahiu d'esse ovo maravilhoso. Eis a razão porque as pombas e os peixes eram consagrados a Venus, ignorando-se porêm a que especie de peixes dava Venus a preferencia.

Havia finalmente outra Venus chamada *Mechanitis,* ou *Mechanica,* cujas estatuas eram de madeira, com os pés, as mãos e uma mascara de marmore. Estas estatuas moviam-se por meio de molas occultas, tomando as posições mais caprichosas.

Venus era sem duvida, debaixo dos seus diversos aspectos, a deusa da belleza, mas a belleza que ella divinisava era mais a do corpo do que a do rosto. Os gregos, mais affeiçoados á estatuaria do que á pintura, preoccupavam-se mais com a fórma do que com a côr. A belleza do rosto pertencia indistinctamente a todas as deusas do pantheon grego, ao passo que a belleza do corpo era um dos divinos attributos de Venus. Quando o pastor troyano Páris adjudicou a maçã de ouro á mais bella das tres deusas rivaes, não decidiu a sua escolha senão depois de as ter visto nuas.

Venus não representava, pois, a belleza intelligente, a alma da mulher, mas sim a belleza material — o corpo da mulher. Todos os poetas e artistas lhe attribuiram uma cabeça muito pequena, de fronte baixa e estreita, mas em compensação desenvolveram-lhe o corpo, dando-lhe membros amplos, cheios e flexiveis. A perfeição da belleza de Venus começava sobretudo na cintura. Os gregos tinham-se como os mais intelligentes do mundo n'este genero de belleza. Não obstante, não foi na Grecia, mas sim na Sicilia, onde se erigiu um templo a Venus Calipigya. Este templo deveu a sua origem a um juizo que não teve tanta fama como o de Páris, porque as partes não eram deusas, nem o juiz teve que decidir entre tres.

Duas irmãs das proximidades de Syracusa disputavam um dia, emquanto se banhavam, o premio da belleza. Um joven syracusano, que por alli passava, viu as peças do processo sem ser visto, deitou-se de joelhos, como se estivesse em presença da propria Venus, e disse muito commovido por aquella seductora visão que a mais alta devia cingir a fronte com os louros da victoria. As duas rivaes fugiram semi-nuas, e o rapaz regressou á cidade, onde contou o que acabava de vêr. Um seu irmão, admirado tambem da narração que acabava de ouvir, sustentou que se contentaria com a segunda das competidoras, e os dois, verdadeiramente apaixonados, reuniram o que tinham de mais precioso e apresentaram-se ao pae das formosissimas jovens, pedindo-as em casamento.

A que fôra vencida no estranho certamen adoecera do pesar da sua derrota. No entanto, sollicitou a revisão da causa, e os irmãos de commum accordo proclamaram que ambas ellas mereciam a palma da victoria, se o arbitro examinasse uma pelo lado direito e a outra pelo esquerdo. As donzellas casaram com estes apaixonados arbitros, e levaram para Syracusa a fama da sua belleza, que augmentava de dia para dia. Encheram-nas de presentes, e tantas riquezas amontoaram, que poderam erigir um sumptuoso templo á deusa da belleza, origem da sua fortuna.

A estatua que se admirava n'este templo participava ao mesmo tempo dos encantos secretos das duas irmãs, e a reunião de ambos os modêlos n'uma só copia, havia formado o typo perfeito da belleza calipigya. O poeta Cercidas de Megalopolis foi quem immortalisou esta copia, sem ter visto os originaes. Atheneu refere a mesma anecdota, cujo transparente veu encobre evidentemente a historia de duas cortezãs de Syracusa.

Se as cortezãs erigiam templos a Venus, estavam portanto auctorisadas, pelo menos nos antigos tempos da Grecia, e offereceram sacrificios á deusa e

a tomarem uma parte activa nas festas publicas, sem prejuizo de outros direitos, como por exemplo os que pertenciam ás *Aphrodiseias,* que celebravam alguns dos mysterios do culto particularmente e á porta fechada.

Por vezes costumavam tambem desempenhar as funcções de sacerdotisas nos templos de Venus, aos quaes iam aggregar-se como auxiliares para sustentarem o sacerdote e augmentarem o rendimento do altar. Strabão diz expressamente que o templo de Venus em Corintho possuia mais de mil cortezãs que a devoção dos seus adoradores lhe havia consagrado. Era um uso geralmente estabelecido na Grecia consagrar assim a Venus um certo numero de jovens, ou a fim de tornar a deusa propicia, ou mesmo em acção de graças por ella haver escutado os votos dos seus fieis. Xenophonte, de Corintho, ao partir para os Jogos Olympicos, promette a Venus consagrar-lhe cincoenta hetarias, se a deusa lhe conceder os louros da victoria. Volta á cidade vencedor e cumpre religiosamente a sua promessa.

«Oh soberana de Chypre! exclama Pindaro, na ode composta em honra d'esta offerenda: Xenophonte acaba de trazer ao teu bosque sagrado cincoenta mulheres formosissimas!»

E, dirigindo-se a esse impudico esquadrão da deusa dos amores, o poeta accrescenta:

«Oh mulheres formosas, que recebeis e acolheis todos os estrangeiros, e lhes concedeis uma doce e encantadora hospitalidade, oh sacerdotisas da deusa Pythos na rica e esplendida Corintho! Vós sois as que fazendo arder o incenso ante a imagem de Venus e invocando a Mãe dos amores nos attrahis o seu celeste patrocinio, e nos proporcionaes os doces momentos que gozamos nos leitos voluptuosos, em que se colhe o saboroso fructo da belleza!»

Esta consagração das cortezãs a Venus era principalmente usada em Corintho. Quando a cidade tinha que fazer alguma supplica á deusa, nunca deixava de a confiar ás *consagradas,* que eram as primeiras a entrar no templo e as ultimas tambem a sahir d'elle. Segundo Corneliano de Heraclêa, Corintho em certas circumstancias solemnes, fez-se representar ante a deusa por uma procissão innumeravel de cortezãs, vestidas com o trajo da sua profissão.

O emprego d'estas cortezãs nos templos e bosques da deusa está sufficientemente comprovado pelos monumentos figurados, que são menos discretos n'este ponto que os escriptos modernos. As pinturas das taças e dos vasos gregos, citados pelo sabio Mr. Lajard em presença das descripções de MM. de Vitte e Lenormand, não nos deixam duvidas sobre a prostituição religiosa que se perpetuou no culto de Venus. Um d'estes vasos, que fazia parte da celebre collecção Durand, representa um templo de Venus, no qual uma cortezã, por intervenção de um escravo, recebe as propostas de um estrangeiro coroado de myrtho e que está fóra do templo com uma bolsa na mão. No segundo vaso, outro estrangeiro, egualmente coroado de myrtho, está sentado n'um leito, na attitude de ajustar o preço da impureza com uma cortezã em pé deante d'elle. Mr. Lajard attribue a mesma significação a uma pedra talhada em numerosas facetas, cinco das quaes têem gravadas figuras de animaes symbolicos do culto da Venus Oriental, representando a sexta uma cortezã, que se vê a um espelho ao mesmo tempo que se entrega a um estrangeiro. O que se passava nos templos e bosques sagrados não deixou porém indicios mais caracteristicos nos auctores da antiguidade, os quaes não ousaram revelar os mysterios de Venus.

Apesar de serem bem acceites e muito estimadas até no culto de Venus, as cortezãs não podiam intrometter-se senão muito particularmente no das outras divindades. Era assim que tinham de celebrar escondidamente no interior das casas as *Aloenas,* festas de Ceres e de Baccho, que se realisavam depois das vindimas. Uma ceia licenciosa era o ritual d'estas festas, e por essa occasião as alegres cortezãs reuniam-se com os seus amantes, para comer, beber,

cantar, tocar, dançar, etc. «Na proxima festa das Aloenas, escreve Megara a Bacchis, nas cartas de Alciphronte, reunir-nos-hemos em Colyte em casa do amante de Thessala para ceiarmos. Faz toda a diligencia por vir ter comnosco.» «Estamos nas Aloenas, escreve Thais a Thessala. Eis-nos todos reunidos em minha casa para celebrarmos a vespera da festa.» Estas scenas chamadas *pequenos mysterios de Ceres* eram pretextos de libertinagem que costumavam durar muitos dias e muitas noites.

Parece que em certos templos de Ceres, em Eleusis, por exemplo, as cortezãs, de cujo contacto e presença fugiam as mulheres honradas, tiveram de obter licença para abrirem, e abriram effectivamente, uma divisão exclusivamente para ellas. N'esta secção reservada, nem os proprios sacerdotes tinham o direito de entrar, e uma das cortezãs presidia ás ceremonias religiosas, que todas ellas, como outras tantas vestaes, aformoseavam com uma apparencia de honestidade e decoro. Durante estas ceremonias, as velhas cortezãs davam lições ás jovens na sciencia e pratica dos mysterios da *Boa Deusa*. O pontifice Archias, que tomou a liberdade de offerecer um sacrificio a Ceres de Eleusis na secção do templo destinado ás cortezãs, sem intervenção nem licença da grande sacerdotisa, foi accusado de impiedade pelo orador Demosthenes e condemado pelo povo.

Todos os deuses, do mesmo modo que todas as deusas, acceitavam no emtanto as offerendas que lhes eram feitas pelas cortezãs, posto que ellas não penetrassem nos templos, cuja entrada lhes era prohibida. A famosa cortezã Cotina, que se tornára sufficientemente celebre para inscrever o seu nome no dicterion que havia occupado perto de Colonas, frente a frente do templo de Baccho, dedicou em honra de um dos seus galantes espartanos um touro de bronze que foi collocado na fachada do templo de Minerva Calcidense. Este touro votivo estava ainda no monumento a que fôra destinado em tempo de Atheneu. Verdade seja que o touro era o animal predilecto de um deus que se mostrava naturalmente menos severo com as cortezãs, de Adonis deificado por Venus, sua divina amante.

As festas de Adonis estavam além d'isso de tal modo ligadas ás de Venus, que não se podia adorar uma sem prestar immediatamente homenagem ao outro. Adonis havia tambem tido nos tempos antigos uma grande parte nas offerendas da prostituição religiosa, antes do seu culto se ter confundido com o de Priapo. As cortezãs das differentes condições aproveitavam as festas de Adonis, que attrahiam de toda a parte um grande numero de estrangeiros, para exercerem a sua industria sob os auspicios do deus e em seu beneficio, nos bosques que rodeiavam os seus templos. «No sitio a que vou conduzir-te, diz um corrector de prostitutas a um cosinheiro que havia persuadido a seguil-o, ha um logar de prazer, e uma famosa hetaria celebra alli as festas de Adonis com uma multidão de companheiras.» Os athenienses, apesar da justa censura que os seus moralistas fazem á vida infame das cortezãs, não as julgavam menos dignas do Olympo do que dos seus templos. E' sabido que Athenas erigiu templos e estatuas a Venus Leana e a Venus Lamia para divinisar as duas cortezãs favoritas de Demetrio Poliorcetes.

CAPITULO V

SUMMARIO

Motivos porque Solon fundou em Athenas um estabelecimento de prostituição.— O que diz sobre este assumpto o historiador Nicandro.— Solon e o poeta Philemon.— Tarifa da prostituição fixada por Solon.— As dicteriadas consideradas como funccionarios publicos.— Regulamento de Solon para as cortezãs de Athenas.— Festins publicos instituidos por Hippias e Hipparco. — Decreto do tyranno Pisistrato para os dias consagrados á libertinagem publica. —Vicios vergonhosos dos athenienses.— Costumes particulares das mulheres de Esparta e de Corintho.— Vida licenciosa das Espartanas. — Inutilidade das cortezãs em Esparta.— Indifferença de Licurgo a respeito da incontinencia das mulheres.— De como o frequentar as cortezãs se considerava uma cousa naturalissima.— Missão dos poetas comicos e dos philosophos.— O Areopago.— Legislação da prostituição atheniense.— Situação difficil das cortezãs por effeito das leis.—Bacchis e Myrrina.—Euthyas accusa de impiedade a cortezã Phryné.—Singular defeza do seu advogado Hiperides.— A cortezã Theocris, sacerdotisa de Venus, condemnada á morte em virtude de uma accusação de Demosthenes.— Iséa.— Decretos do Areopago sobre a prostituição.— A hetaria Nemeia.— Triste condição dos filhos das concubinas e das cortezãs.— Hercules, deus da bastardia.— Infamia da lei para com os bastardos.— Os dialogos das cortezãs de Luciano.— Aristophonte e Calyades.— Lei chamada da prostituição.— Singularidade monstruosa das leis athenienses.— Tribunaes subalternos de policia.— Suas funcções.



o tempo em que Solon deu leis aos seus concidadãos, a prostituição sagrada existia em todos os templos de Athenas, e foi o que obrigou decerto este legislador a estabelecer a prostituição legal. Quanto á prostituição hospitalar, contemporanea dos tempos heroicos da Grecia, havia já desapparecido sem deixar rasto algum nos costumes. O matrimonio era demasiado protegido pelas leis e a legitimidade dos filhos demasiado necessaria tambem á honra da republica, para que a recordação das metamorphoses e da incarnação humana dos deuses podesse ainda prevalecer contra a fé conjugal e o respeito da familia.

Solon viu como os altares e os sacerdotes enriqueciam com o producto da prostituição das consagradas que só se vendiam aos estrangeiros, e pensou naturalmente em procurar ao Estado os mesmos beneficios, fazendo-as servir ao mesmo tempo para os prazeres da juventude e para a segurança das mulheres honestas.

Como estabelecimento de utilidade publica, fundou, pois, um grande *Dicterion,* onde escravas compradas e mantidas a expensas do Estado tiravam um imposto quotidiano aos vicios da população, e se esmeravam, bem torpemente na verdade, em augmentar os rendimentos da republica.

Frequentemente se tem pretendido, por falta de provas historicas, isentar o sabio legislador Solon da responsabilidade moral da libertinagem instituida legalmente em Athenas. Aquelle grande legislador, diz-se, cujo codigo

respira pudor e castidade, não podia contradizer-se de similhante modo, abrindo elle proprio a porta á dissolução dos costumes dos seus concidadãos. Mas n'um facto d'esta natureza, que parecia estar muito abaixo da dignidade da historia, a tradição, recolhida por Atheneu e conservada tambem nas obras que existiam no seu tempo, era como que um écco d'aquelle dicterion, que havia tido Salon por fundador e que se orgulhava da sua origem.

Nicandro de Colophon, na sua historia de Athenas, hoje perdida, dizia expressamente que Solon, indulgente com a ardente mocidade, não só comprára escravas e as collocára em *logares publicos,* mas até edificára um templo a Venus Cortezã com o dinheiro reunido pelas impuras habitadoras d'aquelles logares.

«Oh Solon! exclama o poeta Philemon nos seus *Delphienses,* comedia que não chegou até nossos dias — Oh Solon! tu és por este facto o bemfeitor da republica! Tu não viste em estabelecimento tão benefico senão a saude e a tranquillidade do povo. Elle era absolutamente necessario n'uma cidade cuja fogosa juventude não póde deixar de obedecer á mais imperiosa das leis da natureza. Tu preveniste grandes males e desordens inevitaveis, pondo em casas destinadas a esse uso as mulheres que compraste para as necessidades do publico, e que eram obrigadas pelo seu estado a outorgar os seus favores a todo aquelle que quizesse pagar-lh'os.»

A esta invocação que a gratidão sem duvida inspira ao poeta comico, accrescenta Atheneu, segundo Nicandro, que a tarifa estabelecida por Solon era modica, e que as *dicteriadas,* julgavam estar desempenhando funcções publicas.

«O commercio que se tinha com ellas não trazia rivalidades nem vingança de nenhuma especie, nem se tinha que soffrer da sua parte demoras, desdens ou censuras.»

Ao mesmo Solon se devia sem duvida o regulamento interior d'aquelle estabelecimento, que foi por muito tempo administrado como os demais ramos do serviço publico e teve sem duvida á sua frente um alto funccionario.

Póde suppôr-se com grandes probabilidades de acerto que as mulheres communs estavam então completamente separadas da vida civil da povoação.

Não lhes era licito sahir da sua officina legal, e muito menos apresentarem-se em actos publicos de festas civicas ou religiosas. Se, por tolerancia, se lhes permittia sahir á rua, deviam usar um trajo exclusivamente proprio, pelo qual eram reconhecidas, e afastar-se de certos sitios onde a sua presença podia causar escandalo ou distracção. Sendo além d'isso estrangeiras, não tinham direito algum a reivindicar na cidade, e as filhas do paiz que se dedicavam á prostituição, perdiam *ipso facto* todos os privilegios e direitos do nascimento.

Não possuimos as leis redigidas por Solon para regular a prostituição legal, mas podemos formular assim as suas principaes disposições, amplamente comprovadas por uma multidão de factos que encontramos dispersos nas obras dos auctores gregos.

No entanto, o codigo de Solon a respeito das mulheres do grande dicterion sustentado a expensas da republica, perdeu dentro em pouco a sua severidade, pois, cousa de um seculo depois, cortezãs vindas de toda a parte invadiram a sociedade do povo grego, ousando confundir-se com as mulheres honradas até no proprio fôro. Hippias e Hippaco, filhos de Pisistrato, tyranno que opprimiu Athenas 530 annos antes da éra moderna, estabeleceram festins publicos em que se reunia o povo á mesma meza, e n'estes festins as cortezãs eram auctorisadas a tomar assento ao lado das matronas, porque os filhos do tyranno haviam resolvido corromper o povo para melhor o subjugarem. Assim, pois, para melhor nos servirmos da expressão de Plutarcho, chegavam constantemente á Grecia ondas de mulheres publicas, e como dizia o historiador grego Idomeneo, cujas obras conhecemos por fragmentos, Pisistrato que inspi-

rava estas orgias ordenou que os campos, vinhas e jardins estivessem patentes a toda a gente nos dias consagrados á libertinagem publica, afim de cada qual poder refocillar-se n'elles, sem ser obrigado a occultar-se no mysterio do dicterion de Solon.

O legislador de Athenas teve dois motivos evidentes e imperiosos para regulamentar, como o fez, a prostituição: propôz-se em primeiro logar pôr ao abrigo da violencia e do insulto o pudor das donzellas e a honestidade das mulheres casadas; além d'isto quiz afastar a juventude das vergonhosas tendencias que a deshonravam e embruteciam. Athenas chegára a ser o theatro de todas as desordens moraes. O vicio contra a natureza propagava-se de uma maneira horrorosa, ameaçando impedir a progressão social.

Solon não devia esperar que aquelles libertinos viessem a tornar-se bons cidadãos. O legislador pretendeu proporcionar-lhes os meios de satisfazerem as necessidades dos sentidos sem se entregarem aos desvairamentos da imaginação. No entanto, não conseguiu senão corrigir uma diminuta parte dos seus concidadãos; os outros sem renunciarem aos seus infames habitos, contrahiram os de uma libertinagem mais natural, ainda que não menos funesta. Foi sómente pelo que respeitava á tranquillidade e segurança das mulheres honradas que o objectivo de Solon se realisou completamente. A prostituição legal estava então, para que assim o digamos, na sua infancia e não tinha grande clientella. Era apenas conhecida n'esse tempo, e só gradualmente foi penetrando nos costumes. O povo só se entregou a ella, depois de ter tido em certo modo a experiencia.

E assim foi que as leis de Solon foram cahindo pouco a pouco em esquecimento, por causa das necessidades publicas, e obliteraram-se successivamente sob o imperio da corrupção dos costumes, que não se depuraram civilisando-se. No emtanto, o lar domestico foi respeitado, pelo menos em Athenas, não penetrando n'elle o veneno da prostituição. Assim, quando Venus Pandemos incitava os seus adoradores ao esquecimento de toda a decencia, e quando o Pireu augmentava ás portas de Athenas o dominio designado ás cortezãs, o pudor conjugal guardava a entrada da casa do cidadão, que ia offerecer sacrificios á deusa e ceiar com os seus amigos á meza das suas concubinas.

A vida privada das mulheres de Esparta e sobretudo de Corintho, não era tão regular como a das athenienses; e no emtanto n'aquellas duas cidades a prostituição não havia sido submettida as leis especiaes. Era livre, para empregarmos aqui uma expressão moderna, e podia produzir-se impunemente sob todas as fórmas e em todas as condições possiveis. Em Corintho, cidade de commercio e de transito, o prazer era um grande negocio para os seus habitantes e para os estrangeiros, que affluiam alli de todas as partes do mundo, julgando conveniente deixar á vontade ou ao capricho de cada qual o completo gozo de si mesmo. Em Esparta, cidade de virtudes republicanas e austeras, a prostituição não podia ser mais do que um accidente, uma excepção quasi indifferente. Lycurgo não havia pensado n'isto sem duvida. A continencia e a castidade nas mulheres pareciam-lhe superfluas senão ridiculas.

Este legislador havia-se tão sómente proposto governar os homens e tornal-os mais bravos e corajosos, bons guerreiros finalmente. Das mulheres nem sequer cuidava. Lycurgo, como diz declaradamente Aristoteles na sua *Republica* (Liv. II, cap. 7) só pretendeu impôr aos homens a temperança. Das mulheres não se occupou. Estas já muito tempo antes d'elle viviam na dissolução dos costumes, entregando-se quasi publicamente a todos os excessos sensuaes (*in summa luxuria*, diz a versão latina de Aristoteles.) O celebre legislador nada mudou a este estado de cousas. As jovens de Esparta, que recebiam uma educação inconveniente ao seu sexo, misturavam-se varonilmente e meio nuas nos exercicios dos homens, correndo e luctando com elles, que,

pela sua parte, mostravam não dar pela differença de um sexo que as mulheres pretendiam fazer esquecer. Um marido que fosse surprehendido a sahir do quarto de cama de sua mulher ficaria decerto envergonhado de ser tão pouco espartano. Comprehende-se que entre similhantes homens, as cortezãs teriam sido completamente inuteis. Nunca elles se teriam permittido os desvarios sensuaes a que os moços athenienses eram tão inclinados. A amizade dos espartanos entre si era apenas uma fraternidade de armas, tão pura como era depravada a dos athenienses.

As mulheres de Esparta não se sujeitavam todas a esta abnegação do seu sexo e da sua natureza, e muitas d'ellas offereciam-se voluntariamente aos actos da mais desaforada licença sem exigirem por isso retribuição de especie alguma. Nada poderiam lucrar, portanto, as cortezãs n'uma cidade, em que casadas e solteiras lhes podiam fazer uma terrivel concorrencia. Não é sem razão que Platão attribue a Lycurgo no primeiro livro das suas leis a incontinencia das mulheres de Esparta, pois que aquelle legislador nem deu remedio ao mal nem mesmo se dignou vituperal-o.

Como se vê, a prostituição era tolerada, se não é que se achava mesmo organisada nas republicas gregas, onde era considerada como um mal necessario que obviava a maiores calamidades. Com muitissima razão póde Atheneu dizer (Liv. XIII, cap. 6):

«Muitos dos personagens que teem tomado parte no governo da republica se teem occupado das cortezãs, vituperando-as uns e elogiando-as outros.» Não era vergonhoso para um cidadão, por elevada que fosse a sua posição, frequentar as cortezãs, ainda antes de Pericles, em cuja época esta classe de mulheres chegou de certo modo a reinar na Grecia. Nem mesmo eram censuraveis as relações que com ellas se tinha, por isso, descrevendo os costumes de Athenas, um comico latino julgou-se auctorisado a declarar expressamente que um mancebo devia frequentar as casas publicas para completar a sua educação (*Non est flagitium scortari hominem adolescentulum.*)

Os poetas comicos, sem embargo, do mesmo modo que os philosophos, tinham a missão moral de castigar a libertinagem, fazendo-a envergonhar algumas vezes, e sómente os seus epigrammas conseguiam pôr um freio á licença dos costumes, que elles vigiavam, já que a lei não se occupava d'esta missão. «Uma cortezã é o flagello de quem a sustenta, exclamava o camponez de Aristophanes.»

—«Se já alguma vez amaste uma cortezã, dizia em alta voz Anaxylas, no seu *Neottis,* dize-me se ha um ente mais perverso.»

Comtudo, a lei não era sempre muda e impotente para as mulheres de má vida, fossem hetarias, musicas ou dicteriadas, pois não só lhes negava severamente todos os direitos annexos á condição de cidadão, mas até punha limites aos seus excessos. O Areopago fixava com frequencia a sua elevada attenção na conducta d'estas mulheres, e castigava-as muitas vezes do modo mais rigoroso. Segundo muitas passagens de Alciphronte, parece que as cortezãs eram solidarias perante a lei, e por conseguinte repugnantes para todos. Póde presumir-se que se tractava de um imposto proporcional, applicavel a qualquer mulher que não justificasse o seu titulo de cidadã. E assim eram muitas vezes obrigadas a trazer ás arcas do thesouro publico o que tinham extorquido á bolsa dos cidadãos.

Esta singular legislação dava logar a um paradoxo verdadeiramente singular. Segundo certos eruditos, as cortezãs de Athenas tinham fundado uma corporação, um collegio, que se compunha de diversas ordens de mulheres occupadas no mesmo officio, e classificadas hierarchicamente sob estatutos ou regulamentos relativos á sua desprezivel industria.

Este alto tribunal chamava a causa á sua presença, quando alguma cor-

tezã impellia um cidadão a commetter uma acção indigna, e do mesmo modo quando a sua influencia era prejudicial aos mancebos, até ao ponto de os induzirem a dissipar a sua fortuna, de os desviarem do serviço da republica ou de lhes suggerirem ideias de impiedade. As penas eram ás vezes capitaes e bastava o odio ou a vingança de um amante desprezado para produzir uma tempestade terrivel contra uma mulher, que não tinha nenhum apoio e que podia ser condemnada sem defeza.

«Arrisca-te a exigir alguma cousa de Euthyas em troca do que houveres de conceder-lhe, escrevia a amavel Bacchis á sua amiga Myrrina, e verás como és accusada de ter incendiado a frota ou violado as leis fundamentaes do Estado.»

Ora Euthyas foi o mesmo delator indigno que accusou de impiedade a bella Phryné. No entanto, o advogado Hiperides não desdenhou de encarregar-se da defeza da cortezã, que lhe pagou esplendidamente quando foi absolvida.

«Graças vos sejam dadas, supremos e justos deuses! escrevia-lhe ingenuamente Bacchis, depois d'este memoravel julgamento. Nossos beneficios são legitimos pelo bom desenlace d'este processo iniquo. Tu adquiriste, ó Hiperides, os mais sagrados direitos ao reconhecimento de todas as cortezãs. Se consentes em coordenar e publicar a oração que pronunciaste em defeza de Phryné, todas nós nos compromettemos a erigir-te uma estatua de oiro á nossa custa, em qualquer ponto da Grecia por ti indicado.»

A historia não nos diz se Hiperides publicou a defeza de Phryné, nem tão pouco se as cortezãs lhe erigiram por subscripção a estatua de oiro n'algum templo de Venus Pandemos ou Peribasia.

Uma accusação intentada contra uma cortezã produzia um enorme espanto na corporação a que pertencia a accusada. Theocris, velha cortezã que entendia tambem de magia e de philtros amorosos, foi condemnada á morte por ter aconselhado os escravos, segundo a accusação de Demosthenes, a enganarem os seus senhores, e haver-lhes facilitado o meio de o fazerem. Theocris estava não obstante aggregada como sacerdotisa a um templo de Venus. Por occasião do processo de Phryné, Bacchis expressa-se n'estes termos:—«Se por não havermos obtido de nossos amantes o dinheiro que lhes pedimos; se por termos outhorgado nossos favores aos que nol-os pagam generosamente somos declaradas culpadas de impiedade, será mister renunciar a todas as vantagens da nossa profissão e a deixar de negociar com os nossos encantos.»

A accusação de impiedade era a mais frequente contra as cortezãs, accusação muito mais terrivel que outra qualquer, por isso mesmo que não se fundava senão em factos que facilmente podiam ser falseados. As cortezãs exerciam as funcções de sacerdotisas em certos templos e festas; apesar d'isso, porém, a presença de uma d'ellas n'um templo podia muito bem ser qualificada de impiedade.

«Não é licito, dizia Demosthenes na sua oração contra Neera, não é licito a uma mulher que foi encontrada em flagrante delicto de adulterio, entrar em nossos templos, bem que as leis o tolerem a uma estrangeira e a uma escrava. As mulheres surprehendidas em adulterio são as unicas a quem deve ser prohibida a entrada no templo.»

Antes de Demosthenes, o orador Iseu, que foi mestre d'aquelle grande orador, tinha tambem declarado em julgamentos solemnes que uma mulher publica entregue a uma vida licenciosa não podia sem impiedade penetrar no interior de um templo nem assistir aos mysterios secretos do culto. Estas desgraçadas mulheres achavam-se alli expostas continuamente ás perseguições judiciaes, sob o pretexto de impiedade; estavam por assim dizer fóra da lei, e o Areopago ante o qual eram conduzidas segundo os caprichos e as velleidades

de inimigos poderosos, não tinha o menor escrupulo em as condemnar. Um decreto do Areopago prohibia ás cortezãs e ás escravas o uso de appellidos tomados dos jogos sagrados. Sem embargo, houve em Athenas uma hetaria que se denominava *Nemeia*, porque o seu amante se havia distinguido nos jogos Nemeios, e talvez mesmo para se collocar sob os auspicios de Hercules. O Areopago não lhe disputou esse nome de bom agouro, tolerando este abuso. Por outro decreto do Areopago prohibia-se egualmente ás cortezãs celebrar as festas dos deuses ao mesmo tempo que as matronas e as mulheres livres ou cidadãs. Não obstante isto, nas Aphrodiseias, como refere Atheneu sob o testemunho de Alexis, mulheres livres e cortezãs confundiam-se na meza dos festins publicos que se davam em honra de Venus. Assim, pois, a impiedade existia onde quer que havia uma cortezã, e se escapava á pena legal era mais por fortuna do que por habilidade ou astucia. Esta difficil situação, em que expressamente a lei as collocava para poder dominal-as, explica o numero e a riqueza das offerendas que faziam aos deuses para obterem a sua protecção.

A lei não poupava humilhação de especie alguma ás cortezãs. Os filhos que nasciam d'ellas, como os das concubinas, participavam da ignominia de suas mães, ignominia de que não se purificavam até terem servido com gloria a republica. A condição pessoal das concubinas differia essencialmente da das cortezãs, e não obstante a condição dos filhos de umas e outras era identica. Os bastardos que eram innumeraveis, porque innumeraveis eram as cortezãs em Athenas, estavam como que segregados da população livre. Não tinham um trajo especial nem um signal qualquer que os distinguisse, mas desde a sua infancia brincavam á parte e exercitavam-se seggregados dos outros mancebos, n'um terreno dependente do templo de Hercules, que era considerado o deus da bastardia. Quando chegavam a homens, eram inhibidos de herdar, de fallar perante o povo, de serem cidadãos emfim.

Finalmente, os filhos das cortezãs para cumulo de ignominia não tinham a obrigação commum de manterem os auctores de seus dias, facto mencionado por Plutarcho na *Vida de Solon*. Não estavam sujeitos a nenhum dever filial para com aquelles que não reconheciam nenhuma obrigação paterna. E assim se explica a razão por que a maior parte das cortezãs expunham na rua os fihos recemnascidos, confiando-os á republica, que era para elles menos madrasta. Estas exposições de creanças eram tão frequentes em Athenas, que nos *Dialogos das Cortezãs* Luciano fazia uma excepção bem honrosa por certo em favor de uma das suas heroinas, que dizia á sua companheira: «Será preciso que eu crie uma creança, porque não julgo que me seja possivel expôr a que estou para ter.» Sob o archontado de Euclides, o orador Aristophanes fez promulgar uma lei que declarava bastardo todo aquelle que não provasse que era filho de uma cidadã ou mulher livre. Para zombar d'este excessivo rigor, o poeta comico Caliades pôl-o em scena, e bem justa foi a censura d'este poeta que era filho da cortezã Cloris.

Regulamentando a prostituição, Solon havia-lhe posto diques salutares, visto que resolveu conservar a uma certa distancia da sociedade os miseraveis instigadores da libertinagem, que pretendiam crear uma industria corrompendo os jovens de ambos os sexos. Creou, pois, uma lei chamada da prostituição, que apenas conhecemos pela citação que d'ella faz Eschynes em um dos seus discursos. «Todo o que se tornar seductor de um joven ou de uma joven da classe livre será castigado com o ultimo supplicio.» Sem embargo, pouco depois da lei suavisou-se e inventaram-se palliativos que desnaturaram o seu verdadeiro caracter. A pena de morte foi substituida por uma multa de vinte drachmas, em quanto que a multa era de cem drachmas pelo rapto de uma mulher livre. A pena capital apenas se conservou no texto da lei, e ainda assim, como affirma Plutarcho, as mulheres depravadas que exerciam abertamente o des-

honroso officio de medianeiras, não estavam comprehendidas na categoria dos culpados que esta lei devia castigar. Em vão Eschynes pediu a applicação de uma lei que nunca fôra completamente cumprida. De resto, era muito difficil traçar o limite em que começava o crime, em vista do qual se havia feito aquella lei terrivel, porque o uso na Grecia auctorisava um amante a raptar a sua amada, contanto que ella consentisse, e que seus paes não puzessem obstaculos.

Bastava, portanto, obter previamente o assentimento dos paes de uma joven que se desejava possuir. Preveniam-se do dia em que o rapto se devia realisar, apenas com o fim de apparentar uma certa resistencia. Quando uma joven, ou sua mãe por ella, tinha recebido de um homem um presente, essa joven não era já considerada como virgem, bem que a sua virgindade estivesse intacta; no emtanto, não era tambem considerada como prostituta.

O Areopago, que julgava as cortezãs e os seus odiosos parasitas, quando o crime lhe era denunciado pela voz do povo ou por qualquer cidadão, não se dignava occupar-se dos simples delictos que podia commetter aquelle povo impuro, dado aos maus costumes e submettido ás rigorosas prescripções da policia. O conhecimento d'estes delictos resultantes do exercicio da prostituição, pertencia certamente aos tribunaes subalternos da policia edilitaria. Eram elles que faziam observar os regulamentos relativos ao trajo especial que deviam usar as cortezãs, aos logares destinados á sua residencia e passeios, aos impostos pertencentes á sua vergonhosa profissão e a todos os actos emfim da sua vida publica.

CAPITULO VI

SUMMARIO

Differentes categorias das cortezãs athenienses.— As dicteriadas.— As auletridas.— As hetarias.— Pasiphae. — Condições diversas das mulheres de má vida.— Demosthenes contra a cortezã Neera.— Rendimento consideravel do imposto sobre a prostituição.— O Pornicontelos.— Os seus collectores.— Horas a que podiam sahir as cortezãs.— O porto do Pireu destinado ao dominio da prostituição.— O Ceramico, mercado da prostituição elegante.— Uso singular: profanação dos tumulos do Ceramico.— O porto Phalereo e o arrabalde de Estiron. — A grande praça do Pireu. — Themistocles conduzido por quatro hetarias em guisa de cavallos.— Taboletas impudicas das casas de prostituição.— Carta de Panope a seu marido Etibulos.— Policia dos costumes concernente ao trajo das cortezãs.— O trajo florido.— Leis sumptuarias.— Trajos das cortezãs lacedemonias.— Lei terrivel de Zaleuco, discipulo de Pythagoras, contra o adulterio.— Suidas e Hermogenes.— Lei sumptuaria de Filippe da Macedonia.— Trajo ordinario das athenienses de distincção.— Trajo das cortezãs de Esparta.— Moda caracteristica das cortezãs gregas.— Degradação legal das serventes das cortezãs.— Preversão d'estas creadas.



As cortezãs de Athenas formavam muitas classes, de tal modo distinctas entre si, que as leis dos costumes que as regiam deviam igualmente variar, segundo as differentes categorias d'estas mulheres publicas. Havia tres categorias principaes, que por sua vez se dividiam em outras muitas classes mais ou menos homogeneas: as *dicteriadas,* as *auletridas* e as *hetarias.* As primeiras eram de certo modo as escravas da prostituição; as segundas as auxiliares; as terceiras as rainhas. As dicteriadas foram as que Solon reuniu em casas publicas, onde mediante o preço estipulado pelo legislador, pertenciam a todos que entravam n'essas casas chamadas *Dicterions,* em memoria de Pasiphae, mulher de Minos, rei de Creta (*Dictæ,*) a qual teve a phantazia de se introduzir no ventre de uma vacca de bronze para facilmente receber as caricias de um verdadeiro touro. As auletridas, ou tocadoras de flauta tinham uma existencia mais livre, visto que iam exercer a sua habilidade nos festins quando eram convidadas, penetrando assim no interior do domicilio e da vida privada dos cidadãos. A sua musica, os seus canticos e as suas danças lascivas não tinham outro fim senão excitar e exaltar os sentidos dos convivas, que immediatamente as faziam sentar a seu lado. As hetarias eram cortezãs, sem duvida, pois que traficavam com os seus encantos, entregando-se impudicamente aos que lhes pagavam; no entanto, reservavam-se uma parte da sua vontade e livre arbitrio, pois não se vendiam ao primeiro que chegava, tinham preferencias e aversões, nunca faziam uma abdicação formal do seu direito de escolher um amante, nem pertenciam senão áquelle que conseguia agradar-lhes. Além d'isto, pelo seu talento, instrução e delicada finura, podiam competir com os homens mais eminentes da Grecia.

Estas tres categorias de cortezãs não teriam tido entre si a mais leve relação, se não fôra o mesmo fim para que foram instituidas: todas tres serviam para satisfazer a sensualidade dos athenienses, desde o mais illustre até ao mais infimo. Havia graus na prostituição do mesmo modo que no povo, e a altiva hetaria do Ceramico differia tanto da vil e abjecta dicteriada do Pireu, como o brilhante Alcibiades se distanceava de um grosseiro mercador de couros. Se os documentos sobre a legislação da libertinagem atheniense não nos apparecem senão raros e imperfeitos, podemos reconstituil-os com a imaginação, comparando as diversissimas condições das mulheres que faziam trafico e mercancia do seu corpo. As hetarias, aquellas ricas e poderosas soberanas, que contavam na sua clientella generaes e magistrados, poetas e philosophos, não dependiam senão do Areopago. As auletridas e as dicteriadas eram mais commummente entregues aos tribunaes subalternos, bem que estas ultimas, ainda mesmo submettidas a uma especie de escravidão infamante, houvessem conquistado o direito de ter juizes fóra do recinto da sua prisão obscena. A maior parte das dicteriadas e auletridas eram estrangeiras, de obscuro e servil nascimento. Em todo o caso, uma atheniense, que por miseria, por vicio ou leviandade cahia n'esta classe abjecta da prostituição, ficava por esse facto apeada de todos os seus direitos, considerando-se que renunciára ao seu nome, á sua hierarchia e á sua patria. Sem embargo, a hetaria grega que não soffria a mesma degradação, obstinava-se ás vezes em conservar o seu titulo de cidadã, e era preciso um decreto do Areopago para lh'o arrancar. Demosthenes, no julgamento da cortezã Neera, exclamava no auge da indignação:

«De que não é capaz a mulher impudica que se entrega a todos os homens que lhe pagam? Direis que é uma cidadã essa mulher infame, reconhecida publicamente por uma prostituta?»

Parece que todas as cortezãs, de qualquer condição que fossem, estavam consagradas ao serviço publico, sob a dependência absoluta do povo; pois que não podiam sair do territorio da republica sem haverem pedido e obtido préviamente uma permissão, que os archontes só lhes concediam com algumas condições bem garantidas de regresso. Em certas circumstancias, o collegio das cortezãs foi declarado util e necessario ao estado.

Effectivamente, as cortezãs chegaram a multiplicar-se tanto em Athenas e na Attica que o imposto annual que pagavam ao fisco em razão da sua industria constituia um rendimento fabuloso. Este imposto especial (*Pornicontelos,*) que o orador Eschynes suppõe mais antigo que os estabelecimentos e leis de Solon, estava arrematado todos os annos a uns especuladores, que se encarregavam de o explorar, e mediante o pagamento d'este imposto, as cortezãs tinham o direito da tolerancia e protecção publica. Concebe-se que um imposto d'esta natureza devia melindrar a principio as honestas e pudibundas susceptibilidades dos cidadãos virtuosos. O que é certo, porém, é que estes cidadãos se foram habituando a elle e que a administração urbana não se pejou de proseguir na arrecadação d'este imposto, tirando utilidades e proventos importantes d'esta deshonrosa fonte de receita. Quanto aos arrendatarios do imposto, não omittiam meio algum de o tornar o mais productivo possivel, e é de crer que elles inventassem uma multidão de leis sumptuarias para avultar as multas e crear outras novas; por este motivo as cortezãs e os arrecadadores do *Pornicontelos* estavam continuamente em guerra aberta. As vexações de uns pareciam crescer á medida da submissão das outras, e todos os annos por conseguinte a prostituição e o producto do imposto seguiam em proporção ascendente.

Diz Atheneu que as mulheres publicas, provavelmente as dicteriadas, não podiam sahir das suas habitações senão depois do sol posto, e á hora em que nenhuma matrona ousaria mostrar-se nas ruas sem expôr a sua reputação. Não podemos nem devemos tomar á lettra esta passagem de Atheneu, pois que to-

das as cortezãs que viviam no Pireu, extra-muros da cidade, passeavam de manhã e á tarde no porto. E' possivel que estas mulheres não fossem admittidas na cidade para fazerem as suas compras ou as suas conquistas, até ao cahir da tarde, quando as sombras as cobriam com um veu decente. Em todo o caso, não podiam passar a noite dentro da cidade, incorrendo n'uma pena quando alli eram encontradas depois de certa hora. Era-lhes do mesmo modo prohibido commetter actos de libertinagem junto das habitações dos cidadãos honestos, costume que existia nas cidades do Oriente desde a mais remota antiguidade, e se manteve em Athenas, emquanto o Areopago tratou de pôr limites á prostituição legal.

O porto do Pireu foi designado para dominio da prostituição. Este porto formava uma especie de cidade composta de cabanas de pescadores, de armazens e depositos de mercadorias, de casas de hospedagem, de tascas e logares suspeitos, ou de casas destinadas ao prazer. A população fluctuante d'este arrabalde ou suburbio de Athenas comprehendia os estrangeiros, os libertinos, os jogadores e outra gente de maus costumes e de má vida, que constituia uma clientella bastante lucrativa para as cortezãs. Estas habitavam entre os seus freguezes habituaes, e não tinham que ir em demanda de aventuras á cidade, sob a austera vigilancia dos magistrados e a aversão das matronas. Estavam perfeitamente no Pireu, onde affluiam cortezãs de todos os paizes do mundo. Esta affluencia prejudicial aos interesses de todas fez com que algumas mudassem a direcção dos seus passeios. As mais orgulhosas e triumphantes approximaram-se de Athenas e começaram a mostrar-se no Ceramico.

O Ceramico, de que se apoderaram as hetarias, deixando o Pireu ás dicteriadas e musicas, não era aquelle opulento bairro de Athenas que tomou o nome de Ceramo, filho de Baccho e de Ariadna. Era um arrabalde que comprehendia o jardim da academia e o sepulchro dos cidadãos mortos com as armas na mão em defeza da republica. Estendia-se ao longo da muralha, desde a porta de Ceramico até á porta Dipila. Era um logar delicioso. Alli os bosques de arvores copadas, os porticos adornados de estatuas e inscripções offereciam doces refrigerios contra os ardores do sol. As cortezãs de primeira ordem apropriaram-se d'aquelle local pittoresco, como se o houvessem conquistado aos illustres mortos que alli repousavam. Em pouco tempo, o Ceramico tornou-se o mercado publico da prostituição elegante. Ia-se alli buscar fortuna, alli se iniciavam as primeiras relações, alli se realisavam as entrevistas, alli se faziam os negocios de amor. Quando um moço atheniense via uma hetaria, cujos favores desejava, escrevia no muro do Ceramico o nome d'esta bella, adjectivado de lisonjas. Luciano, Alciphronte e Aristophanes referem este singular costume. A cortezã mandava uma sua escrava a vêr os nomes que haviam sido inscriptos de manhã, e quando o d'ella estava inscripto não tinha mais do que ir collocar-se junto da inscripção para indicar que acolhia o pretendente com prazer. O amante apresentava-se então a offerecer as suas condições, as quaes nem sempre eram acceites, porque as hetarias triumphantes não estavam todas sujeitas á mesma tarifa, e porque além d'isso se permittiam certos caprichos em consequencia da sua singular belleza. Assim muitas declarações de amor só acarretavam confusão e vergonha aos que as haviam feito. Comprehende-se perfeitamente que estas cortezãs pelos seus desdens e altivez deviam crear inimizades implacaveis.

As dicteriadas e as musicas ou tocadoras de flauta, assim como as hetarias da especie mais infima, vendo que as mais vantajosas galanterias se negociavam no Ceramico, arriscaram-se a vir para elle, ou pelo menos a approximarem-se o mais possivel, deixando successivamente o porto do Pireu, o do Phalereo, o arrabalde de Estiron e os arredores de Athenas, para disputarem a clientella ás hetarias de alto cothurno.

As leis que as impediam de se apresentarem alli em trajo de cortezãs foram abolidas de facto, visto que deixaram de ser applicadas. Foi então que o descaramento das cortezãs chegou a um verdadeiro cumulo. As mais infimas da classe começaram a invadir todas as avenidas do Ceramico, principalmente junto da porta Dipila, dedicando-se alli ao seu infame commercio. As sombrias avenidas d'aquella mansão de mortos illustres, e a macia relva que cercava os tumulos favoreciam admiravelmente o exercicio da prostituição, que se apoderou completamente d'aquelle logar sagrado. «Junto da porta do Ceramico, diz Exiquio, junto d'este sitio glorioso, vieram as cortezãs armar as suas tendas.» Luciano é ainda mais explicito: — «Na extremidade do Ceramico, diz elle, junto da porta Dipila está estabelecido o grande mercado das hetarias.» Alli vendia-se e comprava-se a mulher por todo o preço, e muitas vezes a infame mercadoria era entregue ao seu possuidor á sombra de algum dos gloriosos monumentos erigidos a um illustre cidadão morto no campo da batalha pela salvação da republica. A' noite, sob as densas trevas do recinto, a terra nua ou atapetada de musgo offerecia um leito delicioso á libertinagem publica, e ás vezes o transeunte retardado, que atravessava o Ceramico por uma noite escura, accelerava o passo para sahir do jardim da academia, por julgar que ouvia gemer os manes sob as profanadas sepulturas!

A invasão do Ceramico pelas mulheres publicas não despovoou ainda assim completamente o Pireu. Ficou ainda um grande numero d'ellas n'aquelle vasto arrabalde de Athenas, que recrutava os seus habitantes entre os viajantes e commerciantes de todos os paizes do mundo conhecido. O mesmo succedia no porto Phalereo e no arrabalde de Estiron, onde affluiam tantas cortezãs como estrangeiros. O centro principal d'este impuro commercio era uma grande praça que se abria na porta do Pireu em frente da cidadella. Esta praça rodeada de arcadas, debaixo das quaes só se viam jogadores que se entregavam a ruinosos jogos de azar, preguiçosos que iam para alli dormir e philosophos acordados, enchia-se ao escurecer de uma multidão innumeravel de mulheres, quasi todas estrangeiras, umas cobertas de veus, outras quasi nuas. Estas mulheres, nas mais desencontradas posições, em pé, sentadas, ou passeando, silenciosas ou desenvoltas, comedidas ou obscenas, excitavam os desejos e a lubricidade dos transeuntes.

O templo de Venus Pandemos, erigido por Solon n'esta praça, parecia presidir ao genero de commercio que n'ella tão escandalosamente se fazia. Quando a cortezã queria vencer uma resistencia, obter um preço mais elevado, pedir arrhas ou prendas que servissem de garantia aos seus contractos, invocava Venus sob o nome de Pythos, ainda que Pythos fosse uma deusa completamente distincta de Venus na mythologia grega. Confundiam-nas as cortezãs unicamente para darem a entender que a persuasão era inseparavel do amor. De resto, podiam vêr-se figurar no sanctuario do templo as estatuas de marmore das duas deusas, que alli se achavam installadas no centro do seu imperio. Muitos contractos, que Venus e a sua companheira haviam inspirado e concluido, firmavam-se em seguida debaixo do portico do templo, ou á beira-mar, ou ainda ao longo do vasto muro construido por Themistocles para ligar o Pireu com a cidade de Athenas.

A reputação do Pireu e a do Ceramico de tal modo se achavam enraizadas nos costumes do hetarismo, que Themistocles, filho de uma cortezã, fez alarde do seu nascimento passeando impudicamente desde o Pireu até ao Ceramico n'um carro magnifico tirado por quatro hetarias em guisa de cavallos. Atheneu refere este facto inacreditavel sob o testemunho de Idomeneu, que o punha em duvida. Muitos commentadores pretendem ver n'esta passagem citada por Atheneu não uma quadriga de cortezãs, mas sim cortezãs sentadas na quadriga ao lado de Themistocles. E nós sentimo-nos vacillar, ao termos de

sustentar contra o proprio Atheneu que Themistocles houvesse imaginado um meio tão singular de applicar as cortezãs ao tiro dos carros.

Além d'estas inacreditaveis scenas de immoralidade ao ar livre, outras havia no Pireu á porta fechada. O grande dicterion, fundado por Solon junto do sanctuario de Pandemos, não bastou dentro em pouco tempo para as necessidades da corrupção publica, e uma grande multidão de dicterions se fundaram successivamente sem o menor escrupulo, sob os auspicios da lei fiscal que arrematava a prostituição aos especuladores. Os estabelecimentos d'esta ordem, que a cada passo se encontravam nas ruas do Pireu e nos outros arrabaldes de Athenas, reconheciam-se pelas suas taboletas, que eram em toda parte as mesmas, differençando-se apenas no tamanho: eram o attributo obsceno de Priapo. Não era possivel entrar-se, pois, n'aquelles logares sem se declarar bem claramente o que ia alli fazer-se. Um philosopho grego, vendo um mancebo que procurava introduzir-se cautelosamente n'um dicterion, chamou-o pelo seu nome. O moço, ouvindo-se nomear, voltou-se e abaixou a cabeça cobrindo-se de rubor.

—Animo, meu filho, disse-lhe o philosopho; esse rubor é o principio da virtude!...

Havia, além das casas publicas, casas particulares que as hetarias tomavam de aluguer para usos da sua profissão. Não viviam sempre alli. Iam lá sómente passar alguns dias ou noites de amor em companhia dos seus amantes. Havia então festins, danças e musicas n'esses voluptuosos albergues onde não se podia entrar sem pagar. Alciphronte pôde obter uma curiosa carta que Panope escrevia a seu marido Eutibulo.

«A tua leviandade, dizia-lhe ella, a tua inconstancia e a tua libertinagem fazem com que me desprezes a mim e a teus filhos, para te consagrares inteiramente a Galena, filha de um pescador, que para aqui veio de Hermione pôr uma casa de aluguer e ostentar os seus encantos no Pireu, onde negoceia com elles com grande prejuizo da incauta mocidade. Os marinheiros vão divertir-se com ella, enchendo-a de presentes, que a infame não recusa, porque é um abysmo que tudo absorve.»

A policia dos costumes, que circumscreveu em certos districtos o escandaloso commercio das cortezãs, impoz-lhes como ás escravas a vergonha de um trajo especial que revelava a toda a gente e em toda a parte o deshonroso officio que professavam. Esta lei sumptuaria da prostituição parece ter existido em todas as cidades da Grecia e suas colonias. No emtanto, se certas côres deviam apontar á desconfiança publica as mulheres que as usavam, não eram as mesmas em Athenas que em Esparta, em Syracusa ou n'outras partes quaesquer. Foi sem duvida Solon quem primeiramente decretou um trajo caracteristico para as escravas que consagrou á libertinagem no seu dicterion. Este trajo era provavelmente de um riscado de côres vivas, porque as mulheres que o legislador mandou buscar ao Oriente para uso da republica apresentaram-se vestidas com o seu trajo nacional, de lã ou de seda de diversas côres. A lei de Solon não era mais de que a sancção de um antigo costume, e o Areopago, formulando a lei, decretou que as cortezãs usassem de ahi por diante um trajo florido. D'aqui, as variações infinitas do trajo das cortezãs, que cada uma modificava a seu gosto, interpretando a seu modo o texto da lei. Segundo umas, não deviam apresentar-se em publico senão com grinaldas de flores; segundo outras, as flôres deviam apenas ser pintadas nos vestidos; umas vezes, adornavam-se com as côres mais garridas e attrahentes, outras vestiam-se de ouro e purpura. Em breve a lei sumptuaria teve de pôr um freio a este luxo desatinado, prohibindo ás cortezãs os vestidos de uma só côr, os tecidos preciosos, a purpura e os adornos de ouro, quando tivessem de sahir á rua.

A prohibição dos tecidos preciosos e dos adornos de ouro não era toda-

via geral para as cortezãs de todas as cidades gregas, porque em Syracusa só as mulheres honradas é que não podiam usar vestidos bordados de purpura, tingidos de côres vivas ou enfeitados a ouro, que eram precisamente os symbolos da prostituição. Em Esparta havia exactamente as mesmas prohibições para as damas honestas e respeitaveis. «Louvo a antiga cidade dos lacedemonios, diz S. Clemente de Alexandria, (*Pædag.*, livr. II, cap. 10) que permittiu ás cortezãs os trajos floridos e os adornos de ouro, prohibindo ás mulheres casadas este luxo concedido apenas ás mulheres de má vida.» Atheneu reproduz uma passagem de Philarco, que no livro XXV das suas historias approva uma lei similhante que existia em Syracusa. As côres vivas, os cintos de purpura e os adornos de ouro constituiam o trajo obrigado das hetarias syracusanas.

Vêmos, além d'isto, desde a mais remota antiguidade, que as meretrizes da Biblia se vestiam de tecidos brilhantes e se adornavam de flores. Solon não fez mais do que conformar-se com os costumes do Oriente, prescrevendo ás cortezãs que conservassem o seu trajo nacional. Zaleuco, o legislador dos locrienses, seguiu o systema de Solon, quando impoz igualmente ás cortezãs da sua colonia grega o estygma do trajo florido, como refere Diodoro da Sicilia. Zaleuco, discipulo de Pythagoras, era mui pouco indulgente com as paixões sensuaes, e se tolerou a prostituição, foi para não deixar pretexto algum ao adulterio, que castigava com a horrivel pena de tirar os olhos ao culpado. Suidas, no seu *Lexicon*, falla das cortezãs vestidas de trajos floridos, isto é, segundo a explicação que elle proprio dá: «As que usam trajos floridos, pintalgados de diversas côres; porque existia em Athenas uma lei que ordenava ás cortezãs o usarem trajos floridos, adornados de flores ou de côres variadas, para que este adorno as designasse ao primeiro aspecto.»

Parece muito provavel que as cortezãs de Athenas se apresentassem coroadas de rosas, porque as corôas de ouro lhes eram prohibidas, sob pena de pagarem uma avultada multa pecuniaria. «Se uma hetaria, diz Hermogenes na sua rhetorica, usar joias de ouro, que lhe sejam confiscadas em proveito da republica.» Do mesmo modo se confiscavam as corôas de ouro e os vestidos dourados que uma cortezã ousava apresentar publicamente. Uma lei de Filippe de Macedonia impunha uma multa de mil drachmas á cortezã que se désse ares de princeza, cingindo corôa de ouro. Estas leis sumptuarias não seriam applicadas senão mui raras vezes, e as ricas hetarias, que eram como que as rainhas da Grecia sabia e lettrada, não tinham certamente nada que temer dos regulamentos de policia aos quaes sómente as dicteriadas estavam submettidas.

O trajo ordinario das athenienses de distincção differia essencialmente do das estrangeiras de má vida. Este trajo era elegante e decente. Compunha-se de tres peças, a tunica, a sobre-tunica e o manto. A tunica, branca, de lã ou de linho, prendia-se nos hombros com dois ou tres botões e era segura debaixo do seio por um largo cinto da mesma fazenda; d'alli para baixo cahia em pregas ondulantes até ao artelho. A sobre-tunica, mais curta que a tunica, prendia-se tambem na cintura por um cinto e terminava na sua parte inferior por franjas de côres variadas; ás vezes tinha mangas que não cobriam senão uma parte do braço. O manto umas vezes posto a tiracollo, outras desdobrado sobre o corpo, parecia não ter outro fim senão modelar as fórmas das cortezãs. A principio empregavam-se, como diz Barthélemy na *Viagem de Anacharsis*, tecidos preciosos, que o esplendor do ouro fazia realçar, ou tecidos asiaticos em que brilhavam esplendidas flores com as côres naturaes. Em breve foi, porém, este luxo reservado para os mantos com que se cobriam as estatuas dos deuses, e para os trajos do theatro; e para evitar que as mulheres honestas fizessem uso de tecidos recamados de flores, bastou ordenar ás mulheres de má nota que os usassem. Estas mulheres tinham tambem o privilegio da sua immodestia e podiam sahir á rua com o cabello solto, o seio nu e o resto do corpo

não muito vestido, pois que podiam apresentar-se envolvidas n'um veu de gaze. Em Esparta, pelo contrario, as cortezãs deviam andar amplamente vestidas com tunicas largas até arrastar, e sobrecarregadas com adornos de ourivesaria, porque o trajo das lacedemonias era tão simples como modesto.

Era uma tunica extremamente curta e uma sobre-tunica estreita que chegava ao artelho. As jovens que tomavam parte em todos os exercicios de força e de destreza, que a educação espartana impunha aos homens, vestiam-se mais simplesmente ainda. Uma tunica sem mangas, segura nos hombros com broches de metal, e que o cinto não deixava passar da altura do joelho, era aberta na parte inferior, de modo que metade do corpo ficava a descoberto. Quando estas bellas e robustas jovens se exercitavam na lucta, na carreira ou no assalto, as cortezãs mais lascivas e mais desenfreadas não se lhes teriam avantajado.

Finalmente, um dos signaes que melhor caracterisavam as cortezãs gregas, ainda que não fosse prescripto pelas leis sumptuarias, era a côr arruivada dos cabellos. Tingiam-nos com açafrão e com outras plantas que os tornavam ruivos, por mais pretos que elles fossem. O poeta comico Menandro escarnece d'estes cabellos arruivados, que não eram muitas vezes senão postiços, verdadeiras cabelleiras feitas com cabellos das raças septentrionaes ou compostas de crinas douradas. S. Clemente de Alexandria diz expressamente que é uma vergonha para uma mulher honesta apresentar-se com os cabellos amarellos. Póde deduzir-se d'esta passagem de S. Clemente que as mulheres honradas haviam imitado esta moda, inventada pelas cortezãs para se igualarem ás deusas representadas pelos poetas, pintores e estatuarios com esplendidos cabellos de ouro.

Este refinamento do toucado exigia por certo o concurso de muitas creadas, experimentadas na arte do toucador, não obstante uma antiga lei de Athenas prohibir ás cortezãs servirem-se d'estas mulheres assalariadas, ou de escravas. Esta lei, que não se cumpria com frequencia, degradava a mulher livre que se punha ao serviço de uma cortezã, e privava-a até do seu titulo de cidadã, confiscando-a como escrava em proveito da republica. Parece tambem, que a creada, pelo simples facto de ter servido n'uma d'estas casas publicas vinha a ser tambem cortezã e podia ser empregada nos dicterions do estado. Pois, apesar d'esta severa lei, as cortezãs tiveram sempre creadas, e estas, novas ou velhas, eram ordinariamente mais prevertidas que as cortezãs, cuja vergonhosa industria favoreciam com os seus serviços.

CAPITULO VII

SUMMARIO

Auctores que escreveram tractados sobre as hetarias.— Historia das cortezãs illustres por Calistrato.— As Deipnosophistas de Atheneu.— Aristophanes de Bysancio.— Apollodoro, Admonio, Antiphanes, Gorgias,— A Thalatta de Diocles.— A Corianno de Herecrates.— A Thais de Menandro.— A Clepsydra de Eubulo.— As 135 hetarias de reputação em Athenas.— Classificação das cortezãs por Atheneu.— Dicteriadas livres.— As lobas.— Descripção de um dicterion.— Preços correntes nos logares de prostituição.— Occupação das dicteriadas.— O *pornobosceion*, ou dono de um dicterion.— As velhas cortezãs ou matronas.— Sua sciencia para preverter as jovens.— Elogio das mulheres de prazer por Atheneu.— Os dicterions, logares de asylo.— Tarifa das hetarias de infima classe e das dicteriadas livres.— Phryné de Thespias.— Lais.— O aldeão Aniceto e o avaro Febiano.— Cobiça das cortezãs.— O pescador Talasion.— Origem dos sobrenomes de algumas dicteriadas.— As Sphynges.— O arcadio e o jardineiro.



RA TAL a distancia social entre a condição de uma dicteriada e a de uma hetaria, que a primeira considerada ao mesmo nivel das escravas, das libertas e das estrangeiras, arrastava na obscuridade do vicio uma existencia sem nome, em quanto que a segunda, embora privada da classe e titulo de cidadã, vivia no meio dos homens mais eminentes da Grecia. Póde, pois, suppôr-se que os escriptores, poetas ou moralistas, que compunham volumosos tractados sobre as cortezãs da sua época, não se dignavam occupar-se das dicteriadas, excepto de algumas cuja singularidade de caracter e de costumes chamava mais particularmente a attenção dos curiosos de anecdotas eroticas. Estas anecdotas eram o assumpto favorito da conversação dos libertinos de Athenas, e muitos auctores tiveram o cuidado de as recolher nas suas obras, mas infelizmente não nos restam d'esses livros consagrados á historia da prostituição, mais do que trechos isolados e dispersos, que Atheneu incluiu no livro XIII das suas *Deipnosophistas*.

Póde no emtanto suppôr-se que nada de notavel teriamos encontrado a respeito das dicteriadas nos escriptos que Aristophanes, Apollodoro, Admonio, Antiphanes e Gorgias compozeram em diversos generos litterarios a respeito das cortezãs de Athenas. As hetarias e, ainda assim, as mais famosas entre ellas, eram as que se encarregavam de ministrar materiaes a estas compilações pornographicas. Calistrato redigiu a historia das cortezãs tão gravemente como Plutarcho as vidas dos homens illustres; Machon compilou os factos notaveis das hetarias de nomeada; muitos poetas comicos puzeram em scena as desor-

dens d'estas mulheres mais galantes do que publicas,— Diocles na sua *Thalatta*, Herecrates na sua *Corianno*, Menandro na sua *Thais* e Eubulo na sua *Clepsydra*.

Ainda mesmo, porém, tivessem chegado a nossos dias estes numerosos opusculos, que Atheneu apenas cita nas suas obras, não estariamos melhor informados a respeito das dicteriadas que se succederam na sua indigna profissão sem deixarem vestigios pessoaes da sua infamia. Mesmo aquellas que alcançaram grande fama pelos seus vicios e aventuras não suscitavam mais do que uma recordação de despreso na memoria dos homens.

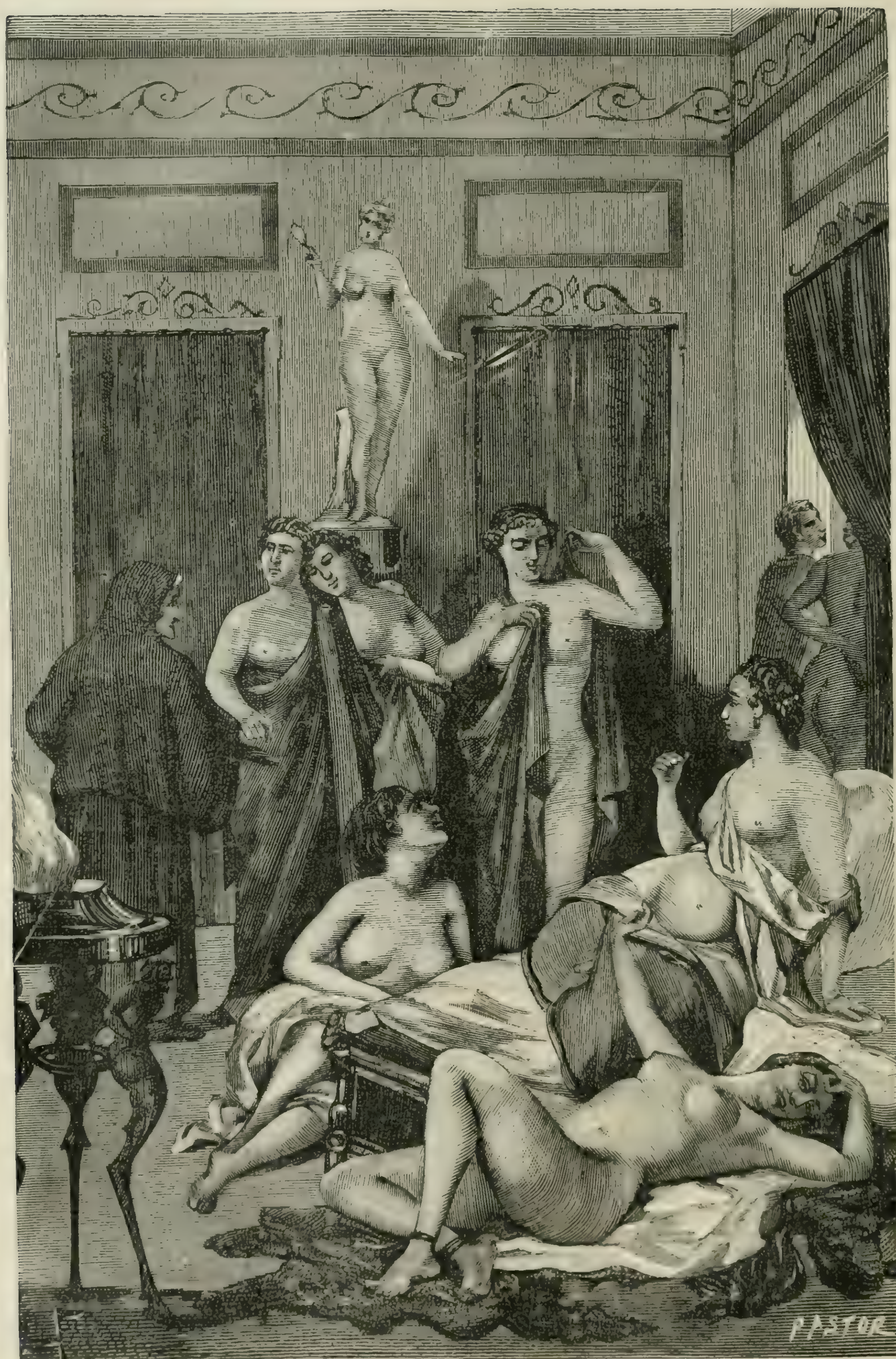
Aristophanes de Bysancio, Apollodoro e Gorgias apenas enumeraram cento e trinta e cinco hetarias, que tinham tido fama ruidosa em Athenas e cujos feitos e ditos podiam passar á posteridade. Este pequeno numero de celebridades mais fazia sobresahir a infinidade de mulheres que serviam á prostituição em Athenas, e que pouco se importavam com a honra de serem citadas na historia, comtanto que tivessem a fortuna de recolher muito dinheiro. Houve em Athenas um tão fabuloso numero de cortezãs, que, no dizer de Atheneu, nenhuma cidade do mundo por maior que fosse poderia apresentar mais. Generalisando assim, Atheneu comprehendia n'este numero as dicteriadas, as hetarias e as tocadoras de instrumentos de musica. O historiador tem no emtanto o cuidado de distinguir sempre entre estas tres classes de mulheres publicas, e parece querer dividir ainda as dicteriadas em duas especies — uma que constitue a ultima ordem das hetarias, e a outra com que povôa os logares de prostituição publica.

Em virtude d'estas differentes designações, estamos inclinados a inferir que as dicteriadas que prestavam serviço assalariado nas casas de libertinagem e que se alugavam n'estes estabelecimentos, não eram as mesmas que se vendiam por conta propria, prostituindo-se nas tabernas, nas lojas de barbeiro, debaixo dos porticos, nos campos e junto dos sepulchros. As bacchantes populares, que se viam divagar de noite pelos sitios afastados, tomaram a designação de *lobas*, ou porque iam pelas trevas buscar a sua presa como as lobas famintas, ou porque annunciavam a sua presença e os seus desejos com gritos de animaes ferozes. E' esta, pelo menos, a etymologia que Dionyzio de Halicarnaso reputa a mais provavel.

As dicteriadas clausuradas eram quasi sempre estrangeiras, escravas compradas por toda a parte pelos especuladores. Pelo contrario as dicteriadas livres eram gregas, a quem o vicio e a miseria, ou uma causa qualquer tinham feito cahir n'este aviltamento, e que ainda assim occultavam com um resto de pudor o degradante officio em que viviam. Estas infelizes cujos amores protegia apenas o acaso não encontravam nos seus passeios nocturnos senão marinheiros, libertos e vagabundos, tão despreziveis como ellas. E' de crêr que procurassem subtrahir-se o mais que podiam á affronta do trajo florido e da cabelleira ruiva, que não servia senão para estigmatisal-as publicamente.

De resto, não tinham mais do que fazer um signal exterior para se darem a conhecer aos frequentadores, pois não se mostravam em publico e apenas andavam nas trevas dos sitios mais afastados, onde era preciso ir procural-as ás apalpadellas. Pouco importava pois á natureza do seu commercio que fossem novas ou velhas, bellas ou horrendas, bem vestidas ou maltrapilhas; a noite tudo encobria, e o amante meio embriagado não exigia tão pouco vêr claramente a prostituta.

Succedia exactamente o contrario nos dicterions, onde se exercia uma especie de policia municipal. Nada se recusava á vista, e além d'isto exhibia-se com complacencia tudo o que podia recommendar mais particularmente a formosura das dicteriadas. Xenarco, auctor do *Pentathle*, e Eubulo, do *Pannychis*, representam-nos estas mulheres em pé e collocadas em tileira no sanctuario



O Dicterion ou casa de prostituição instituida por Solon em Athenas

da libertinagem, sem outro vestido além de um amplo e transparente veu em que os olhares lubricos dos frequentadores não encontravam o menor obstaculo. Algumas d'ellas, por um refinamento de lubricidade, costumavam velar o rosto e apertar o seio com um fino tecido que lhe modelava as fórmas, deixando tudo o mais a descoberto. Eubulo compara-as áquellas nymphas que o Eridano vê brincar nas suas ondas crystallinas. E não só á noite, mas de dia, em pleno dia, os dicterions punham em evidencia todos os seus thesouros de impudicicia. Esta exposição da nudez servia de taboleta a estas casas, muito melhor ainda que o phallo pintado ou esculpido que se lhes via á porta. No emtanto, segundo outros archeologos, tão escandalosos espectaculos apenas se viam no pateo interior das casas.

Houve sem duvida em Athenas dicterions mais ou menos crapulosos, sobretudo quando se deu de arrematação o rendimento d'este vicio. No emtanto na sua origem reinava n'aquelles estabelecimentos a igualdade mais republicana, porque todos elles eram administrados pelo estado. O preço era sempre o mesmo para todos os frequentadores, e não era avultado. Philemon diz-nos que era um obolo, o que equivaleria a 40 ou 45 réis da nossa moeda.

«Solon, diz Philemon, comprou mulheres e collocou-as em sitios publicos, onde providas de tudo quanto necessitavam eram communs a todos os que pretendiam gosal-as. Estão alli no estado da natureza, dir-vos-hão. Não vos admireis. Ora vêde bem. Não tendes motivo para vos alegrardes? Abre-se a porta, se assim o desejaes, basta que deixes um obolo. Pois bem: entrae! Não vos farão cumprimentos importunos, nem terão hypocrisias revoltantes. Aquella que mais vos agradar e que escolherdes receber-vos-ha de braços abertos onde e quando desejardes.»

Eubulo compunha as suas comedias gregas, de que não restam senão fragmentos, trezentos e setenta annos antes de Christo, e no seu tempo o preço da entrada nos dicterions não era ainda muito elevado. De resto, apesar da barateza, não havia o menor perigo, como se a previsão de Solon tivesse attendido a tudo na sua famosa instituição.

«Pódes comprar o prazer d'estas mulheres, diz Eubulo, não corres o menor perigo.» (*A quibus tuto ac sine periculo licet tibi paucis nummis voluptatem emere.*) No emtanto a traducção latina não é tão expressiva como o original grego que temos presente.

Nada mais sabemos, pois, com precisão a respeito dos preços das prostitutas de Athenas, mas podemos presumir que esses preços variavam com frequencia, em razão da taxa que o Senado impunha aos arrematantes e especuladores dos dicterions.

Estas casas publicas não eram frequentadas sómente pelos marinheiros e commerciantes que arribavam ao Pireu de todas as partes do mundo. Os cidadãos mais distinctos, quando estavam ebrios, ou quando o demonio da luxuria os tentava, não receiavam entrar nos estabelecimentos de tolerancia fundados por Solon, cobrindo no emtanto o rosto com o manto.

A porta d'estas casas estava aberta noite e dia, sem que houvesse como nas outras um cão preso com uma corrente de ferro no vestibulo. Apenas uma cortina de lã de côres vivas impedia os que passavam de vêr o pateo rodeado de porticos abertos, debaixo dos quaes as mulheres esperavam os visitantes, em pé, sentadas ou deitadas, occupadas em pulir as unhas, em alisar o cabello, em ungir-se com perfumes, dissimulando d'est'arte os seus defeitos physicos, e pondo em evidencia as suas bellezas mais secretas. Ordinariamente uma velha feiticeira da Thessalia, habil na composição de philtros e feitiços, sentava-se no chão por de traz da cortina, e era encarregada de introduzir os libertinos, depois de se ter informado das suas affeições e propostas.

Não é provavel que o numero dos dicterions se restringisse em virtude

das leis de Solon e do Areopago. A industria particular tinha o direito de crear, pelo menos extramuros, estabelecimentos d'esta classe e de os organsiar a seu gosto, comtanto que pagasse exactamente ao fisco o seu imposto, o qual segundo todas as probabilidades devia ser fixo e cobravel por cabeça, segundo o numero das dicteriadas. Não temos dados para suppôr que fosse proporcional e progressivo. Um dicterion em voga produzia fartos beneficios ao seu proprietario, que devia ser estrangeiro; no emtanto, illudindo esta condição legal, via-se com frequencia o cidadão de Athenas, dominado pela ambição, consagrar o seu dinheiro a esta especulação indigna, e enriquecer com o producto da libertinagem publica, explorando a prostituição sob um nome supposto.

Os poetas comicos não cessavam, porém, de apontar ao desprezo das pessoas honestas as ávidas complacencias dos proprietarios que alugavam as suas casas para collegios de dicteriadas.

O dono de uma casa de prostituição chamava-se *Pornobosceion.*

A concorrencia multiplicou as emprezas d'este genero, e as velhas cortezãs, que já não podiam auferir lucros pela perda total dos seus encantos, começaram bem depressa a utilisar a sua grande experiencia.

Foi então que se estabeleceram estranhas escolas nos arrabaldes de Athenas, onde se ensinava sem a menor reserva a arte e os segredos da prostituição, sem que os magistrados podessem intervir para a repressão d'estas desordens. As mestras d'estas impuras escolas tinham assoldadado umas desgraçadas, que ellas haviam talvez prostituido, e a educação que alli se dava a estas alumnas do vicio motivava talvez o titulo de matronas, que descaradamente se attribuiam áquellas preversas directoras.

Alexis, n'uma comedia intitulada *Insostasion,* de que Atheneu nos conservou alguns fragmentos, faz um quadro pittoresco dos artificios que as matronas empregavam para metamorphosear as suas educandas:

«As matronas, diz o supracitado auctor, tomam a seu cargo as jovens que não estão ainda bem instruidas no officio, e em pouco tempo as transformam a ponto de lhes mudarem os sentimentos, assim como lhes mudam singularmente o rosto e todo o corpo. E' pequena uma alumna? Mette-se-lhe no calçado um pedaço de cortiça. E' muito alta? Faz-se-lhe usar um calçado de sola extremamente delgada, e ensina-se-lhe a encolher a cabeça entre os hombros, o que diminue bastante a altura. E' pobre de nadegas? Põe-se-lhe uma almofada que as avulte, de modo que os que a vejam passar não possam deixar de enamorar-se da perfeição das suas fórmas. Tem um ventre muito elevado? Deprime-se com espartilhos. Tem o cabello claro? Ennegrece-se com tintas especiaes: se o tem preto, dá-se-lhe facilmente outra côr. Se fôr descórada, ha ainda o recurso do carmin.

«Tem alguma belleza particular em qualquer parte do corpo? N'esse caso põe-se bem em relevo essa belleza occulta. Se tem uma dentadura magnifica, obrigam-n'a a rir constantemente ou a trazer sempre um ramo de myrtho nos labios, de modo que a pobre mulher, bom grado ou mau grado seu, tem que patentear todos os seus encantos.»

As matronas eram eximias n'estes refinamentos de garridice e de toucador, que tinham por objecto excitar os desejos e a curiosidade dos seus frequentadores. Não se limitavam, porém, a satisfazer sómente a vista, ensinavam ás suas discipulas tudo o que a sensualidade tem podido inventar de mais engenhoso, de mais extravagante e de mais infame. Assim Atheneu, que não falla d'estas cousas senão por tradição talvez, faz o elogio d'estas mulheres da alta escola, nos seguintes termos: «Ficarás satisfeito com as mulheres que trabalham nos dicterions.»

Os dicterions, de qualquer natureza que fossem, gosavam o privilegio da inviolabidade, visto que eram considerados como logares de asylo, onde o ci-

dadão se achava sob a protecção da hospitalidade publica, e ninguem tinha o direito de alli penetrar para commetter um acto de violencia. Os devedores estavam n'esses estabelecimentos ao abrigo das perseguições dos seus crédores, e a lei punha uma especie de barreira moral entre a vida civil e essa vida secreta, que começava á porta do dicterion. Uma mulher casadã não podia entrar jámais n'aquelles inviolaveis aposentos para alli procurar seu marido, nem mesmo um pae para procurar seus filhos. Apenas entrava n'aquelle mysterioso albergue, cada individuo era decerto modo sagrado, e perdia durante todo o tempo que passava n'aquelle logar immune o seu caracter individual, o seu nome e personalidade.

«A lei não permitte, diz Demosthenes no julgamento de Neera, que o cidadão possa ser surprehendido em adulterio com as mulheres que estão n'um logar de prostituição, ou que se estabelecem para este trafico em qualquer logar publico.»

Apesar d'isso, as cortezãs eram estrangeiras, escravas ou libertas, mas não era a ellas a quem a lei considerava e parecia respeitar, mas sim aos cidadãos que iam, em virtude d'um contracto tacito e debaixo da salvaguarda da lei, cumprir um acto de que apenas eram responsaveis para comsigo proprios. Póde suppôr-se que o prazer na Grecia fazia parte da religião e do culto, e foi por isso que Solon edificou o primeiro templo de Venus Pandemos em frente do primeiro dicterion de Athenas, afim de que a deusa podesse presidir ao mesmo tempo aos actos que em uma e outra parte se consummavam. Segundo a crença dos fervorosos adoradores de Venus, o homem estava consagrado em quanto se entregava ás praticas do seu culto, que era o mesmo nos templos e nos dicterions.

Os auctores antigos subministram-nos muitos outros pormenores ácerca das dicteriadas livres e das hetarias subalternas que exerciam a prostituição errante, ou que a estabeleciam audazmente em sua propria casa. Não só sabemos os variados preços dos seus favores, os costumes ordinarios dos seus amores, as diversas phases da sua existencia dissoluta, mas até mesmo conhecemos os seus sobrenomes ou alcunhas e a origem d'essas denominações que caracterisavam com demasiada liberdade os seus costumes mais intimos.

O estipendio ou paga das dicteriadas livres e das hetarias da infima classe nada tinham de fixo nem de proporcionado, segundo a belleza e o merecimento de cada uma. Este estipendio nem sempre se pagava em moeda corrente; podia tambem tomar a fórma de um presente, que de ordinario a cortezã exigia antes do acto. A importancia da paga era o que estabelecia o logar que a cortezã occupava na corporação das hetarias. A verdadeira distincção, porém, que estas mulheres podiam reivindicar entre si e que os homens que se occupavam do seu commercio se encarregavam de lhes attribuir, era a que procedia dos seus dotes, talentos e sciencia. As que viviam nas tabernas entre marinheiros ebrios e pescadores rudes e intractaveis nunca se atreveriam a pedir grandes quantias: umas contentavam-se com um cesto de pescaria, e algumas até se prostituiam gratuitamente em honra de Venus, embora fizessem pagar o dobro no dia seguinte. As cortezãs de Luciano iniciam-nos em todas estas variedades de preço, que ás vezes exigiam com um modo imperioso, e outras vezes do modo mais humilde.

«Viu-se alguma vez já, exclamava com indignação uma d'estas mulheres perdidas, contractar-se uma Venus por uma noite inteira, dando-se-lhe apenas cinco drachmas de recompensa?» Outra d'estas mulheres, Charicleia, era tão complacente e facil, que concedia todos os seus favores, sem exigir retribuição alguma. Luciano declara no seu *Toxaris* que nunca se tinha visto uma cortezã tão generosa.

Quando as hetarias das tabernas do Pireu queriam agradar aos seus

amantes e extorquir-lhes algum presente, preparavam a sua voz mais melodiosa, davam ao rosto uma expressão de amabilidade e tomavam a sua attitude mais sympathica. Ao velho, diz Xenarco no seu *Pentathlo,* citado por Atheneu, chamavam-lhe pae, aos rapazes irmãosinhos. «E's fiel a Chereas, e desprezas por elle os outros. Louca! perdeste as minas do lavrador de Acharne e a mina de Antiphon.» Uma mina representa dezesete mil réis da nossa moeda, de modo que não sabemos o que havemos de admirar mais, se a generosidade do lavrador, ou a fidelidade d'aquella hetaria ao seu amante Chereas.

Machon, que recolheu com cuidado as acções e ditos mais notaveis das cortezãs, refere que Merico regateou o preço da famosa Phryné de Thespias, a qual acabou por acceitar uma mina ou dezesete mil réis.

—E' demasiado, dizia-lhe Merico. Ainda ha poucos dias te contentaste com dois pésos de ouro (uns seis mil e oitocentos réis), que te offereceu um estrangeiro.

—Pois bem, respondeu-lhe vivamente Phryné, espera que eu esteja de feição e levar-te-hei o mesmo.

Gorgias, na sua obra sobre as cortezãs de Athenas, faz menção de uma hetaria da infima classe, chamada *Lemen,* como quem diz *Ramelosa,* que era muito querida do orador Itatocles, e que, não obstante, se entregava a todos os que a sollicitavam, por dois drachmas, (uns setenta réis) pelo que a denominavam tambem *Didrachma* e *Parorama.* Finalmente, se dérmos credito a Atheneu, Lais já muito velha e obrigada a continuar na sua profissão, modificando o preço dos seus encantos preteritos, apenas recebia um peso de ouro (uns tres mil e quatrocentos réis) dos raros curiosos que tinham desejo de verificar até que ponto de degradação tinha podido chegar a belleza de uma das mais celebres hetarias gregas. Era este na grande maioria dos casos o destino das cortezãs. Depois de haverem attingido o mais alto grau da fortuna e da fama, depois de terem visto a seus pés poetas, philosophos, magistrados, generaes e principes, desciam rapidamente os degraus d'esta prosperidade ficticia e chegavam com a idade ao abandono e ao olvido. O dicterion offerecia então um refugio a estas ruinas da belleza e do amor, e foi assim que veio a terminar seus dias Glycera, a bella amante de Menandro. Felizes as que logravam amontoar com que passar uma velhice independente e tranquilla! Felizes as que, como Escione, Hippaphesis, Theoclèa, Sameta, Legisca, Anthèa e Philire souberam renunciar ao seu officio antes que elle tivesse renunciado a ellas! Lysias, no seu discurso contra Lais, felicitava estas hetarias por terem procurado, jovens ainda e formosas, transformar-se em mulheres honradas.

As cortezãs, que iam para os dicterions mercadejar com o seu corpo por um salario determinado, faziam-se ás vezes pagar tão largamente ainda mesmo pelos pescadores, que estes pobres diabos se deixavam despojar completamente, vendo-se em seguida substituidos por outros, que ainda outros vinham dentro em pouco substituir. «Esqueceste-te, oh cruel! escrevia tristemente o lavrador Aniceto á altiva Febiana, a quem havia enriquecido com os seus presentes sem que ella se dignasse conceder-lhe a esmola de um olhar,—esqueceste-te dos cestos de figos, dos saborosos queijos, das bellas gallinhas que te mandei! Todas as commodidades e bem estar de que estas gosando, quem t'os deu senão esta paixão que me consome? E que me resta já agora além da vergonha e da miseria?...»

Alciphronte, que nos conservou esta carta como um documento eloquente da desaforada cubiça das cortezãs, apresenta-nos tambem o pescador Talasero namorado de uma d'ellas a quem manda todos os dias todo o peixe que pescava. Atheneu cita versos de Anaxylas, que no seu *Neottis* faz um espantoso retrato das cortezãs do seu tempo.

«Se todas estas hetarias são outras tantas sphynges que, longe de falla-

rem com franqueza, apenas nos propõem enigmas! Cobrem-vos de caricias, fallam-vos do seu amor e do prazer que lhes causam os osculos que lhes daes, mas em seguida dizem-vos sem rodeios:

—Meu amado, preciso de um tamborete, de uma tripode, de uma meza de quatro pés e de uma escrava de dois...

«Quem é intelligente para comprehender isto, salva-se como Edipo, e julga-se bem feliz por haver sido talvez o unico que tenha escapado ao naufragio, mas o pobre homem, que espera ainda o amor que sollicitou, vem a ser presa do monstro, fatalmente.»

Esta passagem de um poeta grego, passagem que desappareceu como tantas outras, fez crêr ao commentador que a alcunha de sphynges que geralmente se applicava ás cortezãs, lhes havia sido dada por causa dos seus pedidos enigmaticos. Não é exacto. Esta alcunha provinha-lhes da sua larga permanencia nas praças publicas e nas encruzilhadas dos caminhos, onde se acocoravam immoveis e ordinariamente silenciosas, envoltas nas prégas dos seus amplos veus. Seja, porém, o que fôr, a sphynge, segundo a observação de Pancirolo, era o emblema das mulheres publicas.

Os sobrenomes, ou alcunhas particulares das cortezãs, offereciam menos duvida, e para os comprehender bastava saber as circumstancias que os haviam occasionado. Raras vezes eram estas alcunhas lisongeiras para as que os tinham. Assim á seductora Synope, que não podia chamar-se velha, denominavam-na *Abydos,* ou o *Abysmo;* Phanostrate, que nunca tivera, segundo diz Apollodoro de Bysancio, uma clientella muito distincta, chegou insensivelmente a um cumulo tal de miseria, que foi denominada *Phtheropyle,* porque se encontrava sentada na rua, entregue nas suas horas vagas á asquerosa tarefa de matar os vermes que a devoravam. Estas duas dicteriadas conquistaram por seus defeitos a popularidade que lhes attrahia curiosos e que auctorisava Demosthenes a cital-as na tribuna em muitos dos seus discursos. Antiphanes, Alexis, Calycrates e outros escriptores não desdenharam de citar tambem aquellas duas cortezãs. Eram dois typos muito conhecidos, pelo menos a distancia, e que completavam uma collecção de hetarias da classe mais infima. N'esta collecção figuravam, a *Enfadonha,* a *Peixeira* e a *Gallinha;* esta ultima era assim chamada porque costumava cacarejar exactamente como uma gallinha que chama pelo gallo; a segunda ia esperar os homens nos caminhos e pescava-os com uma especie de anzol; a primeira finalmente não se cançava de urdir, digamol-o assim, a velha teia dos seus gastos amores e loucuras.

Antiphanes, que apontou no seu livro as diversas qualidades das dicteriadas, falla ainda de um *Arcadio* e de um *Jardineiro,* que não teremos a ingenuidade de tomar por mulheres. Atheneu falla tambem da *Borracha,* que estava sempre atascada em vinho, e não aquecia nunca por mais que bebesse. Syneris foi chamada a *Lanterna,* porque cheirava continuamente a azeite; Theocra, a *Gralha,* porque era negra; Callisto, sua filha era a *Porca,* porque costumava a grunhir como este animal; Nico, a *Cabra,* porque tinha arruinado um certo Talo tão promptamente como a cabra retouça as vergonteas da oliveira; Clepsydra, cujo verdadeiro nome se ignora, era assim denominada porque não permittia que os homens se demorassem com ella mais tempo do que o marcado no seu relogio de areia, um quarto de hora, na opinião de alguns commentadores, uma hora segundo os mais generosos. Eabulo fez uma comedia sobre este assumpto, introduzindo n'ella esta assuta cortezã, que conhecia tão perfeitamente o valor do tempo.

Atheneu, que tirava punhados de pormenores de livros que nós não possuimos, caracterisa pelas suas alcunhas muitas dicteriadas, cuja historia se limita muitas vezes a estes nomes ás vezes amphibologicos. Com toda a fleugma de um erudito, que não receia esgotar a materia, vae innumerando as alcunhas

que lhe ministravam as suas auctoridades, Timocles, Menandro, Palemon e todos os pornographos gregos: — a *Filha de Nanno,* que sustentava os seus amantes; as duas irmãs *Aphies,* Antis e Estragonion, notaveis pela sua alvura, pela sua figura delicada e por uns olhos extremamente rasgados, que lhe tinham feito merecer o nome de um dos mais bellos peixes do mar da Grecia; a *Cisterna* era a bella Pausanias, que cahiu um dia n'um tonnel de vinho. «Acaba-se o mundo, não ha que duvidar! dizia a hetaria Glycera, celebre pelos seus ditos espirituosos: — Pois se nós vemos a Cisterna dentro do tonnel!» Atheneu e Luciano citam ainda muitas hetarias da infima classe, que não eram designadas senão pelas suas alcunhas: Astra, ou o *Astro;* Cymbalium, ou a *Campainha;* Connallys, ou a *Barbuda;* Nykoon, ou a *Mosca;* Ischas, ou a *Barca;* Lampyris, ou o *Pyrilampo;* Melisa, ou a *Abelha;* Grocale, ou o *Grão de areia;* Crobyle, ou o *Annel de cabello,* etc., etc. Algumas dicteriadas tinham alcunhas que se explicam por si mesmas: — a *Chimera,* a *Gorgona,* etc. Outras como Doris, Euphrosine, Myrtalis, Lysidis, Evordis, etc., escaparam ás honras da alcunha qualificativa.

Ordinariamente a alcunha referia-se a um epigramma mais ou menos mordaz, mais ou menos lisongeiro, que se perpetuava melhor na tradição do que se fosse gravado no marmore ou no bronze. O epigramma passava de bocca em bocca, e com elle a alcunha que vinha a ser como que um sêllo indelevel da cortezã que a tinha merecido. Assim, o poeta Amonides tendo tido razão de queixa contra uma dicteriada, disse a respeito d'ella: «Se vier mostrar-se nua, fugiremos d'ella para além das columnas de Hercules!» Outro poeta accrescentou: «Ao vel-a, o pae foi o primeiro que fugiu d'ella.» E a pobre cortezã foi denominada *Antipatra.*

Outras duas cortezãs tinham o singular costume de resistir aos homens, e de se defenderem tenazmente até serem tomadas de assalto, como que para disfarçarem a si proprias a vergonha do seu trafico. Timocles, surprehendido de encontrar uma tal resistencia em mulheres publicas, denominou uma d'ellas a *Donzella* e a outra a *Mulher que bate,* dedicando-lhe estes versos: «Póde dizer-se que entra no Olympo aquelle que logra passar uma noite ao lado de Corisca e de Cametypa. Que valor e que coragem de mulheres! E que encantos n'aquella resistencia! Ambas ellas luctam contra o vencedor e é mister conquistar os seus favores á viva força. Esbofeteiam-nos e mordem-nos, enraivecidas, mas, oh delicia suprema! é encantadora a mão que nos bate e é o puro marfim que nos dilacera!»

CAPITULO VIII

SUMMARIO

Perigos que corria a mocidade de Athenas frequentando as hetarias da infima classe.— O que diz Anaxylas das hetarias.— Descripção que faz do hetarismo.— Sciencia das mulheres de má vida no emprego das pinturas.— O pederote.— Dryantides e sua mulher Chronion.— Modo como as cortezãs pintavam o rosto.— Os pintores das cortezãs, Pausanias, Aristides e Niophanes.— Carta de Thais a Thessala a respeito de Megara.— Amor de Carmides pela velha Philemacia.— As velhas hetarias.— Como estas mulheres attrahiam os transeuntes.— Conselhos de Crobyle a sua filha Corinna.— A hetaria Lyra.— Censuras da mãe de Musario a sua filha.— A escrava Salamina e o seu amante Gabelo.— Simalion e Petala.— Dialogo entre a hetaria Myrtale e Dorion. — Os mercadores de Bithynia —Sacrificios das cortezãs aos deuses.— A dicteriada Lysides.— Singular offerenda d'esta cortezã á Venus Popular.— Os commentarios da Anthologia grega.— Explicação do celebre proverbio: —*Não se vae impunemente a Corintho.*— O mangericão.—Dyonizio na cidade de Corintho.—D'onde sahiram as numerosas cortezãs de Corintho.—O amor á phenicia. — As *bellas obras* das Lesbias.— Preceitos theoricos do hetarismo.— Codigo geral das cortezãs.— Cartas de Aristhetenes.— Laços empregados pelas cortezãs na caça dos amantes.— Os muros do Ceramico.— O Cachymos das cortezãs.— Infame officio de Nicarete, liberta de Carisio.— As *educandas.*— Elevado preço das solteiras e das mulheres casadas.— Penalidade do adulterio.— Supplicio do rabano negro.— As leis de Dracon.—Philomena.— Philtros soporificos e philtros amorosos.— As feiticeiras da Thessalia e da Phrygia.— Ceremonias mysteriosas que acompanhavam a composição de um philtro.— Melisa.— Diversidade dos philtros.— Processos magicos.— Philtros preservativos.—Zelos e rivalidades das cortezãs.— O amor lesbio.— Sapho, auctora do escandaloso desenvolvimento d'este amor.



S VERDADEIRAS dicteriadas de Athenas eram menos perigosas para os mancebos da cidade e até mesmo para os homens de edade madura, do que as hetarias subalternas, porque nem se imagina bem até que ponto chegava a avidez e a cubiça d'estas sordidas creaturas, que não tinham, ao que parecia, outro fim em vista senão arruinar os mancebos inexperientes e os velhos insensatos. Evidentemente Solon propôz-se pôr um freio á rapacidade das cortezãs livres, creando a instituição das cortezãs escravas; e muito melhorou com effeito os costumes esta instituição, que economisava consideravelmente o dinheiro e o tempo dos cidadãos. No emtanto, estas dicteriadas eram umas pobres escravas, compradas fóra da Grecia e reunidas alli de todos os paizes sob o regimen de uma legislação uniforme do prazer. Em geral, estas mulheres não tinham a mais leve noção dos usos gregos, não conheciam a cidade fundada por Minerva, onde exerciam a sua vergonhosa profissão, nem sequer fallavam a lingua d'este povo para onde vinham consignadas como mercadorias estrangeiras.

A sua belleza e o emprego mais ou menos habil que sabiam fazer d'ella não eram um attractivo sufficiente para os athenienses, os quaes em questões de sensualidade queriam que o seu espirito fosse satisfeito, ou pelo menos excitado, do mesmo modo que os seus sentidos physicos.

As hetarias da classe infima não podiam, pois, deixar de encontrar em Athenas mais amantes do que as escravas dos dicterions. Estas hetarias sahidas d'entre o povo e pervertidas desde tenra idade pelos conselhos das mães ou das mulheres que as creavam, raras vezes eram tão bellas como as dicteriadas, em compensação, porém, tinham mais recursos naturaes, e a sua mesma preversidade e corrupção tomava formas excitantes, engenhosas, e agradaveis. Por isso o seu imperio estabelecia-se facilmente por meio da palavra sobre as desgraçadas e imprudentes victimas, que haviam attrahido e fascinado pela voluptuosidade. Eram geralmente temidas e apontadas a dedo, como escolhos vivos, mas apesar d'isso, vinham sem cessar naufragar n'estes mesmos escolhos os pilotos mais prudentes, os nadadores mais habeis e os barcos mais solidos.

Estes naufragios continuos da honra, da virtude e da fortuna faziam as delicias, a gloria e a reputação das funestas sereias que os haviam causado. Ouçamos Anaxylas, na sua comedia *Neottis:*

«Aquelle que já uma vez se deixou cahir nas redes de uma hetaria, diga-me se ha animal mais feroz do que ella. Effectivamente, o que é comparado com essa mulher perigosa, um temivel dragão, uma chimera que respira chammas, uma Carybdis, uma Scylla, um cão marinho trifauce, uma sphynge, uma hydra, uma leôa, ou uma vibora? Que são ao lado d'ella essas harpias aladas? Não, não é possivel que nenhum d'estes monstros iguale sequer a maldade d'esse execravel aborto, que excede tudo quanto ha no mundo de mais preverso.»

Estas hetarias, corrompidas desde a infancia pelas lições de velhas infames, não conservavam nenhum sentimento humano. A's vezes fingiam guardar fidelidade a um amante, quando este lhes dava tanto como vinte, mas bem depressa se entregavam ao maior numero possivel sem cuidarem senão de tirar o melhor partido da sua infame e escandalosa impudicicia. Aconselhavam o roubo, a fraude, o assassinio até, se isso lhes convinha; e os desgraçados que já não tinham com que lhes pagar viam-se obrigados a renunciar ás suas caricias, ou a não hesitarem deante de nenhum crime para as não perderem. E não eram sómente filhos-familias, herdeiros de nomes illustres, esperançosos oradores, poetas e philosophos noviços os que as hetarias do Pireu se compraziam em despojar; eram tambem marinheiros, soldados, camponezes, jogadores, estes ultimos, principalmente, que eram sempre os mais generosos.

O que mais surprehende é que estas mulheres, cuja perniciosa influencia tinha tanto prestigio, não eram na grande maioria dos casos ideaes de formosura. Tinham algumas até uma belleza muito duvidosa, o que necessariamente devia succeder a quem desde os tenros annos vivia entregue a uma vida de desordens e de excessos.

Anaxylas faz-nos uma descripção bem pouco lisongeira dos principaes monstros do seu tempo:

«Vejam Plangon, diz elle, uma verdadeira chimera que destroe os estrangeiros a ferro e fogo. No emtanto bastou um soldado de cavallaria para a deixar vencida, pois que fugiu, roubando-lhe tudo quanto tinha em casa. Quanto a Synope, não pode dizer-se que é uma segunda hydra? E' velha já e tem por visinha Gnathenes, a das cem cabeças; mas Nannion que differença tem de Scylla, a das tres fauces? Não procura ella devorar o terceiro amante depois de já ter dado conta dos dois primeiros? Apesar d'isso, conta-se que este, muito mais feliz que os outros, se salvou do abysmo á força de remos. Emquanto a Phryné, não lhe vejo grande differença de Carybdis, porque tambem devorou o piloto e o barco. Theano é uma astuta sereia que tem olhos e voz de mulher e pernas de ganso.»

Esta passagem de uma comedia grega citada por Atheneu inicia-nos nas

degradações do hetarismo e vemos alli figurar famosas cortezãs que haviam sido nos seus tempos aureos as mais bellas, as mais opulentas e as mais triumphantes da Grecia.—Plangon, Synope, Gnathenes, Phryné e Theano, ao anoitecer da sua vida dissoluta, não differiam já das lobas e das sphynges do Ceramico!

Em cem passagens differentes dos escriptores da antiguidade grega encontramos a prova bem clara de que a velhice não era um defeito irreparavel entre as mulheres de má vida, ou porque tivessem uma arte maravilhosa para encobrir os estragos dos annos, ou porque se recommendassem aos frequentadores menos pelas suas vantagens do que pela reputação da sua libidinosa experiencia. Jovens ou velhas, enrugadas ou frescas, retocavam o rosto com o *pederote,* uma especie de tinta extrahida da flor de uma planta egypcia, ou da raiz do acantho. Esta tintura vegetal misturada com vinagre dava á pelle mais amarella a côr fresca da face das creanças. Quanto ás rugas, havia primeiramente o cuidado de as encher com colla de peixe e alvaiade, de modo que a pelle ficava como uma superficie lisa para receber as côres da juventude, que se estendiam com um pincel sedoso. Um rosto pintado era como que um stygma da prostituição. «Pretenderás tu, oh Chronion, escreve Dryantides a sua mulher nas cartas de Alciphronte, pôr-te ao mesmo nivel d'essas mulheres de Athenas, cujo rosto pintado denuncia os costumes depravados a que se entregam? Com o vermelhão e o alvaiade nas mãos disputam a arte aos mais eximios pintores, tão habeis são em dar as tintas que julgam convenientes aos seus designios.»

Como as hetarias publicas não se mostravam de perto mas só á noite, á luz das tochas ou das lanternas, conservando-se de dia a conveniente distancia, não deixavam de tirar proveito do singular esplendor que as pinturas lhes davam á tez. De resto, bastava-lhes que o effeito se produzisse e que o imprudente que lhes seguisse os passos até á obscuridade do albergue ficasse excitado pelo primeiro aspecto da prostituta. A estreita cella, ou aposento para onde ella conduzia a sua presa, não deixava penetrar luz sufficiente para que a desillusão se succedesse á descoberta d'aquelles mysterios do toucador.

Quando as mulheres honestas, sem duvida para disputarem seus maridos ao amor das hetarias, tiveram a fatal ideia de imitar os artificios das seducções das suas rivaes, soffreram uma decepção terrivel nas primeiras tentativas. «Nossas mulheres, dizia Eubulo na sua comedia das *Ramalheteiras,* não cobrem a pelle de alvaiade nem se pintam de vermelho, como vós costumaes fazer. De modo que, se de verão sahís á rua, correm-vos pelas faces abaixo dois regatos de tinta. Os vossos cabellos, com esses pós brancos que lhes deitaes, em vez da graça e frescura da mocidade, apresentam a triste alvura da velhice!»

Se o uso das pinturas era geral entre as hetarias subalternas, o modo de as preparar e a sua applicação apresentava variedades infinitas, que correspondiam aos differentes graus de uma verdadeira arte. Póde suppôr-se que as noviças se faziam pintar antes de aprenderem a pintar-se a si mesmas. Effectivamente, n'um paiz em que se pintavam com côres brilhantes as estatuas de marmore, devia exigir-se que os rostos humanos se pintassem com a maxima verdade. Crêmos, pois, que os artistas que se chamavam pintores de cortezãs, como Pausanias, Aristides e Niophanes, citados por Atheneu, não se limitavam a fazer retratos de hetarias e a representar as suas academias eroticas; em certas circumstancias, não desdenhavam de pintar o rosto de uma cortezã, como pintavam nos templos as estatuas dos deuses e das deusas. Segundo os preceitos de um poeta grego, a belleza deve incessantemente variar para ser sempre belleza, e são as variantes da physionomia que prolongam os ardores do desejo.

Quando uma cortezã tinha aprendido a arte de se pintar, o gosto e o costume faziam-na progredir n'essa arte, em que todas pretendiam sobresahir,

apesar de que nem todas o conseguiam. Nas cartas de Alciphronte, Thais escreve á sua amiga Thessala a respeito de Megara, a mais desacreditada de todas as cortezãs:

«Com a maior insolencia, diz a famosa cortezã, essa mulher tem fallado das minhas pinturas. Esqueceu já decerto a miseria em que a encontrei quando nem sequer tinha um espelho para se vêr. Não se conhece a desgraçada! Se soubesse que a sua pelle é da côr da sandaraca, ousaria fallar da minha?» Vê-se que usando todas as hetarias pinturas, as mais velhas estabeleciam d'este modo uma especie de igualdade entre ellas, e reservavam-se outras vantagens que as mais jovens não logravam adquirir, senão depois de uma larga pratica. Eis o motivo porque muitas vezes succedia ser uma cortezã velha e feia preferida a uma joven e formosa hetaria, preferencia que esta não podia explicar senão attribuindo o absurdo a algum philtro magico.

Nos dialogos de Luciano, Thais admira-se de que o amante de Glycere a tenha deixado por Gorgona. «Que encantos poderia encontrar esse homem n'uns labios mortos, n'umas faces velhas e encarquilhadas? Enamorar-se-hia d'aquelle nariz, d'aquella cabeça calva, ou então d'aquelle comprido e afiado pescoço?»

Nos mesmos dialogos, Triphene zomba da velha Philemacia a quem deram a alcunha de *Embusteira.*

— Reparaste bem na sua edade e nas suas rugas? perguntava elle a Carmide.

— Jura e torna a jurar que não tem mais de vinte e dois annos.

— Mas a que dás tu mais crédito, a esses juramentos ou aos teus olhos? Não viste como lhe alvejavam as cãs? Se a visses nua...

— Nunca me concedeu esse favor!...

— E com razão, porque tem o corpo pintado como um leopardo.

Estas velhas hetarias, quando estavam bem pintadas e bem vestidas, assomavam a uma alta janella que deitava para a rua, e alli, com um ramo de myrto que agitavam entre os dedos, como se fosse uma varinha magica, permaneciam muitas horas fazendo alarde das suas graças e sollicitando todos os que passavam. Quando alguem parava, a cortezã fazia um signal conhecido, approximando o pollegar do annular figurando um annel, com a mão meia fechada. Em resposta a este signal, o homem não tinha mais do que levantar o indicador da mão direita, e no mesmo instante a mulher desapparecia da janella para vir recebel-o. O amante então apresentava-se á porta e encontrava no vestibulo uma servente, que o conduzia em silencio com o dedo posto nos labios a um aposento que não recebia outra luz, senão a que entrava pela porta, e isso ainda quando se afastava a cortina que a cobria.

No momento em que o excitado amante ia transpôr o limiar, a creáda detinha-o pelo braço e exigia-lhe a somma fixada pela dona da casa, e que elle devia dar immediatamente sem regatear. Feito isto podia penetrar no aposento, correndo-se immediatamente a cortina sobre elle. A cortezã, que apenas havia entrevisto em plena luz, apparecia-lhe como uma visão na sombra da cella, onde apenas entrava uma debil claridade atravez da cortina. Não se tratava de juventude, de frescura, de belleza, pura e candida n'aquella voluptuosa obscuridade, que não era por certo desfavoravel ás fórmas do corpo, mas que tornava inutil tudo o que o tacto não percebia.

A edade, porém, em breve tirava definitivamente ás cortezãs o privilegio de passarem por jovens, e n'esse triste anoitecer dos seus encantos tinham que retirar-se da scena, ainda que não renunciassem por esse facto aos proventos do officio, visto que então se consagravam á educação das hetarias jovens e inexperientes, continuando assim a viver da prostituição. De resto, tinham duas industrias bastante lucrativas: compunham philtros para os amantes e cosme-

ticos para as cortezãs, e exerciam além de tudo isto o officio de parteiras. Febiana, que não podia dizer-se velha, escreve ao velho Aniceto, que tinha querido ir visital-a: «Uma das minhas visinhas que estava com as dôres do parto mandou-me chamar, e eu fui a sua casa a toda a pressa levando os instrumentos da arte.»

Estas velhas cortezãs eram tambem muito habeis na arte de seduzir e corromper uma joven noviça. As cartas de Alciphronte e os dialogos de Luciano estão cheios da galante dialectica que empregavam nas suas novas conquistas as infames. Ordinariamente era a mãe quem prostituia a propria filha, e quem depois de ter vendido a virgindade da sua innocente victima se dedicava ainda a perverter-lhe a alma.

«Não póde considerar-se uma grande desgraça, minha filha, diz a infame Crobyle a sua filha Corinna, cuja innocencia tinha vendido no dia anterior a um rico atheniense; não póde considerar-se uma desgraça deixar-se de ser donzella e conhecer-se um homem, que deixa na sua primeira visita uma mina (dezesete mil réis), com que vou comprar-te um collar de ouro.

Crobyle felicita-se, portanto, de vêr encetar a carreira de sua filha com tão excellentes auspicios, certa como está de que a vida a que a destina as livrará a ambas da miseria.

— E que hei-de fazer? pergunta ingenuamente a joven.

— O que acabas de fazer, que é o mesmo que faz a tua visinha.

— Oh! Mas essa é uma cortezã!

— E que importa isso? Chegarás a ser rica como ella, tolinha, e verás em volta de ti uma grande multidão de adoradores. Choras, Corinna? Não sejas tola! Vê como é grande o numero das cortezãs, a côrte que as rodeia e o fausto e opulencia em que ellas vivem!

Em seguida veem os conselhos da mãe que apresenta á filha o exemplo da auletrida Lyra, filha de Daphnis, o gosto com que ella sabia vestir-se, os seus attractivos, a sua alegria que seduz quantos a vêem e a prosperidade do seu commercio, que lhe deu em pouco tempo um credito invejavel. Se consente em ir por um preço determinado a um festim, nunca se embriaga, toca nas iguarias com summa delicadeza, bebe sem precipitação e falla pouco.

— Não tem olhos senão para aquelle que a levou alli, e é isto o que a torna tão amavel. Em materia de amor, só se preoccupa de agradar e de assegurar a sua conquista. N'uma palavra, não ha um unico homem que não faça o seu elogio. Imita-a, minha filha, e seremos muito felizes.

A joven não parece muito surprehendida das condições que sua mãe lhe impõe para enriquecer, e apenas objecta:

— E todos os que compram os nossos favores se parecem com Lucryto, o que veio hontem?

— Não, responde gravemente Crobyle. Ha outros mais bonitos, outros de mais edade, e outros mais distinctos tambem.

— E tenho de acariciar tanto a uns como aos outros?

— Aos feios muito mais do que aos que o não são, porque pagam melhor. Os bonitos não passam de bonitos, e tu não deves tratar senão de enriquecer.

Depois d'isto, a mãe leva-a ao banho, porque Lucryto deve voltar n'aquella mesma noite.

A mãe de Musario não trata com uma ignorante que se deixa encaminhar com os olhos fechados. A joven já teve os seus amores, e ama apaixonadamente Chereas, que não lhe dá um obolo, e por causa do qual ella teve de vender as suas joias. Uma cortezã que commette a loucura de amar não está com meios termos, ama apaixonadamente. A mãe, velha cortezã, irritada por aquelle amor oneroso em vez de ser lucrativo, está disposta a amaldiçoar essa filha indigna d'ella...

— Envergonha-te, diz-lhe ella com colera e com desprezo. E's a unica de todas as cortezãs que se apresenta em publico sem brincos, sem collar e sem tunica de Tarento.

— E depois? exclama Musario, ferida no seu amor proprio de mulher. Essas mulheres são mais felizes ou mais bellas do que eu?

— São mais sensatas, entendem melhor do seu officio, não acreditam em palanfrorios de chichisbeus, cujas promessas e juramentos nunca lhes passam dos labios. Mas tu, nova Penelope, fiel amante de um unico homem, tu que não pensas senão em Chereas, como entendes tu o mundo? Se tu até regeitaste com um sorriso insultante o joven Arcanio, que te offerecia duas minas (trinta e quatro mil réis,) importancia de todo o vinho que seu pae lhe mandou vender á cidade!...

— Ora! Trocar Chereas por um rustico, um selvagem que cheira ás cabras do monte! Nada, nada! O meu Chereas é um Apollo, emquanto que esse selvagem do Arcanio não passa de um Sileno!

— Não te exaltes, Musario, e reflecte bem no que te digo. Arcanio será tudo o que tu quizeres e terá talvez esse cheiro incommodo de que fallas e que eu não percebi. Mas, dize-me, tolinha, Antiphon, o filho de Menecrates, que te offerecia uma mina (dezesete mil réis,) não é um elegante atheniense, joven e pelo menos tão bello como Chereas?

— Chereas disse-me: Se algum dia vos vejo juntos, mato-vos a ambos!

— Não acredites, tolinha! Terás então de renunciar aos amantes e de abandonar a profissão para tomares o veu das vestaes. Pódes tratar de te fazer sacerdotisa de Ceres! Mas deixemos isso. Estão á porta as Aloenas. Que te deu para a festa o teu amado?

— Ora, minha mãe, que me havia elle de dar, se nada possue!

— Como! Que dizes! Pois não podia roubar o pae por meio de um escravo, nem extorquir nada a sua mãe ameaçando-a, em caso de resistencia, de embarcar na primeira expedição? Monstro de avareza! Não só nada nos dá, mas nem sequer permitte que os outros nos dêem alguma cousa! Que odio tenho a esse homem!...

Musario não quer ouvir insultar o seu amante, e apesar do que diz sua mãe continuará a arruinar-se por elle até que deixe de o amar.

As cortezãs da Grecia não eram tão desinteressadas como Musario, e quando alguma vez perdiam tempo em amar, depressa recuperavam o tempo perdido, impondo pesadas contribuições aos que não amavam. Em casa d'estas mulheres só se entrava com a bolsa na mão, e só se sahia depois de a haver largado. Tinham tambem differentes tarifas, e ás vezes ou pela repugnancia que os freguezes lhes inspiravam, ou por um capricho qualquer, recusavam vender-se fosse porque preço fosse. As palavras de Xenarco que vão lêr-se podiám applicar-se com rigor ás dicteriadas, mas não a todas as hetarias.

«Ha cortezãs esbeltas, gordas, magras, altas, baixas, de meã estatura, velhas, novas, de meia edade. Póde escolher-se á vontade entre ellas e gosar pelo tempo que se quizer nos braços da que fôr ou parecer mais amavel, sem que seja necessario escalar muros, nem empregar nenhum artificio para as possuir. São ellas que nos sollicitam disputando a ventura de nos agradar.»

As hetarias, ainda mesmo as dos marinheiros e da gente do povo, faziam muitas vezes uso do seu livre arbitrio, e mesmo que não tivessem um amante preferido, fechavam os ouvidos e a porta a certos pretendentes. Uma simples escrava, Salamina, a quem Gebelo tinha tirado da tenda de um mercador corcovado, e de quem queria fazer sua concubina, resiste corajosamente ás pretensões d'este grosseiro personagem, que lhe repugna de uma maneira invencivel:

«Os supplicios não me assustam mais do que o teu amor, diz-lhe ella.

A noite passada não fugi. Escondi-me no jardim, onde me procuraste em vão. Occulta na folhagem, consegui subtrahir-me ao horror das tuas caricias. Tinha resolvido enforcar-me, se de outro modo não podesse evital-as. Nem receio a morte, nem dizer-te isto que estás ouvindo. Odeio-te, Gebelo! Colosso enorme, causas-me medo, pareces-me um monstro! O teu alento envenena-me. Vae-te, miseravel, e procura para os teus amores alguma velha Helena maltrapilha, suja e desdentada!»

Alciphronte não nos conta se Salamina acabou por se habituar ás caricias de Gebelo. Os commerciantes que vendiam assim escravas educadas e amestradas para o amor chamavam-se Andropochocapeloi. Estas escravas cujas nadegas haviam sido comprimidas com fachas e nós de corda, distinguiam-se por qualidades secretas, que a libertinagem atheniense procurava com escandalosa curiosidade.

Muitas hetarias haviam começado por ser escravas. Depois algum amante, reconhecido aos seus favores, comprava-lhes a liberdade, ou ellas proprias se resgatavam com os proventos do seu officio. A maior parte d'ellas, porém, conservavam a indole sordida e avara das escravas, e á medida que a sorte as ajudava, iam elevando o preço dos seus encantos. Depois de haverem aprendido a arte n'um dicterion, onde o regulamento da casa não lhes permittia receber mais do que um obolo por cabeça, apenas se viam livres exigiam um ou dois drachmas, em seguida um peso de ouro ou uma mina, moedas de que já demos os respectivos valores, até que por fim chegavam a exigir um talento (1:360$000) quando tinham adquirido uma certa fama. Esta progressão de preços era rapidamente percorrida quando a cortezã era bella, habil e intrigante; no emtanto, a prosperidade durava pouco, se lhe faltava talento ou prudencia, e n'este caso tornava a descer com a mesma rapidez á ordem inferior do hetarismo vulgar, tendo então de contentar-se com alguns drachmas arrancados com esforço á pobreza ou economia dos seus grosseiros amadores.

Viam-se passar em magnificas liteiras, rodeadas de escravas e de eunuchos, sobrecarregadas de collares, brincos, braceletes e alfinetes de ouro, frescas e perfumadas, envolvidas em gazes de seda, mas d'ahi a pouco toda esta opulencia desapparecia, e encontravam-se cobertas de andrajos, esqualidas, desgrenhadas e errantes por entre os tumulos do Ceramico, ou sentadas debaixo dos porticos do Pireu.

A insolencia d'estas mulheres na fortuna maior relevo dava á sua humilhação na desgraça. E bastava um processo, uma enfermidade, um vicio como a embriaguez ou o jogo para causar esta subita ruina. De resto, ninguem se compadecia de as vêr cahidas no ultimo grau da miseria e do aviltamento, porque todos se recordavam da sua soberba e altivez nos dias da opulencia. Além d'isso, quantas lagrimas, quantas ruinas, quantos desesperos não tinham estas mulheres causado! Apesar dos seus vicios, apesar da sua infamia, apesar de tudo tinham feito nascer com frequencia verdadeiras paixões.

As cartas de Alciphronte estão cheias de queixas de amantes desgraçados. que se viam repellidos ou enganados, e dos ardis das crueis hetarias que os repellem e atormentam. Aqui Simolion arruinado por Petala e mais enamorado do que nunca; alli o pescador Anchenio que para possuir a sua amada está disposto a casar com ella; n'outra parte, nos *Dialogos* de Luciano, Myrtale zomba de Dorion, depois de o haver arruinado.

— Quando te enchia de liberalidades, diz-lhe o queixoso amante, eu era o teu querido, o teu predilecto, o teu esposo, o teu senhor, era emfim tudo para ti. Agora que nada tenho, fechas-me a porta, abrindo-a apenas ao rico mercador de Bythinia. Deante d'essa porta inexoravel triste e solitario derramo lagrimas de sangue, emquanto elle, o feliz, se embriagará comtigo, saboreando a taça de prazer dos meus amores!

— Que dizes tu? pergunta Myrtale com zombaria. Com que então fui eu que te arruinei! Ora bem, façamos a conta dos teus presentes!

— Pois sim Myrtale, contemos o que te dei. Uns borzeguins de Sicion, dois drachmas.

— Adeante.

— Quando voltei da Syria, trouxe-te um vaso cheio de perfumes da Phenicia, que me custou — juro-o por Neptuno! — dois drachmas.

— Bem. Adeante.

— Depois, quando voltei do Bosphoro, trouxe-te uma amphora de vinho de Chypre, figos da Caria e um queijo de Gicio.

— Adeante.

— Trouxe-te tambem de Patera uns borzeguins dourados.

— E que mais?

— Importa tudo em cinco drachmas.

— Uma grande riqueza!

— E depois na festa de Aphrodita não depositei por ti um drachma no altar da deusa? Não entreguei dois drachmas a tua mãe para ti? Não dei dois ou tres obolos a Lyde? Que queres, ingrata, se não chegava a mais a fortuna de um marinheiro? Tudo te dei. E agora commando a ala direita dos remadores, e nem sequer olhas para mim!

— Nada me deste, pagaste-me apenas, e um só dos favores que te vendi, vale mais do que tudo quanto me tens dado.

Em seguida, Myrtale innumera por sua vez com uma vaidade cruel os ricos presentes que recebeu do seu mercador de Bythinia, collares, brincos, tapetes, dinheiro, e volta-lhe as costas, dizendo-lhe com amarga ironia:

— Oh mil vezes ditosa a mulher que te amar, porque receberá figos da Caria e queijo de Gicio!

Petala, que procurava tambem um mercador de Bythinia e que não o encontrou ainda, escreve a Simalion, cujo amor lacrimoso e pobre a enfada sobremaneira:

— «Tunicas, joias, ouro, escravos... eis o que a minha posição exige. Meus paes não me deixaram opulentos terrenos em Nurinonte, nem tenho parte nos productos das minas da Attica. Os ingratos tributos da voluptuosidade, os pequenos presentes do amor, que me faz gemendo essa multidão de amantes avaros e insensatos, são a minha unica riqueza. Vivo comtigo ha um anno, consumida de desgostos e de tedio. Já não perfumo os meus cabellos, e visto-me apenas com grosseiras roupas de Tarento. Envergonho-me até de me apresentar deante das minhas amigas. Não me é possivel viver comtigo em taes condições; o que preciso é de um amante que me sustente dignamente. Choras!? Pela mãe de Venus que és muito ridiculo! Dizes que me idolatras e que não pódes viver sem mim, e não me trazes nem as economias de tua mãe, nem o dinheiro de teu pae!...»

Succedia frequentemente que um mancebo, desvairado pela sua paixão, cedia a estas fataes suggestões e roubava a casa paterna para satisfazer a rapacidade de uma hetaria que não o amava e que, portanto, o repellia, quando via que não podia extorquir-lhe mais dinheiro. Anaxylas tinha, pois, muita razão, quando dizia n'uma das suas comedias:

«Entre todos os animaes ferozes não ha um mais perigoso do que a hetaria!»

Por maior que fosse a sua avareza, as cortezãs enchiam os altares das deusas de offerendas e sacrificios, mas o que pediam aos numes não era que lhe deparassem corações amantes e sensiveis, nem adoradores moços e formosos. Nenhum apreço ligavam a estas cousas, visto que não cuidavam senão do lucro. Fazendo estes sacrificios e trazendo ao templo estas offerendas, espera-

vam que os deuses lhes enviassem da Africa ou da Asia os opimos despojos de algum opulento velho. A sua generosidade, mesmo para com os senhores dos destinos da humanidade, não era mais do que uma especulação, uma especie de usura.

Quando conseguiam fazer um bom negocio, iam dar graças ao deus ou á deusa a quem attribuiam o milagre, e não regateavam nada ao altar nem ao sacerdote com a esperança de obterem novos beneficios.

A mãe de Musario, irritada por sua filha não pedir dinheiro a Chereas, exclama com amarga ironia:

—Se nos apparecer outro amante como Chereas, será mister sacrificar uma cabra a Venus-Pandemos, uma vitella a Venus-Urania, outra a Venus-Jardineira, e além de tudo isto teremos de ir offerecer uma corôa á deusa das riquezas!...

A dicteriada Lysidis, tendo que agradecer um beneficio qualquer á Venus Popular, faz-lhe uma singular offerenda, que recorda as offerendas emblematicas da corteză Rodopisa ao templo de Apollo em Delphos:

—Oh Venus, oh minha querida deusa! Lysidis offerece-te esta espora de ouro que pertenceu a um pé gentil, a um pé que venceu a preguiça de muitos cavallos indolentes, e que ainda que os excitasse vivamente nunca deixou nenhum d'elles ensanguentado, porque os nobres animaes chegavam sempre ao fim da sua carreira, sem ser necessario esporeal-os. Lysidis dependura esta espora no meio do teu sagrado templo!

Os raros commentadores da anthologia grega ficaram indecisos sobre a significação d'esta espora no templo de Venus-Popular. Segundo uns, representava o aguilhão da luxuria e o estimulo da libertinagem; segundo outros, a exigente e abusiva sollicitação das cortezãs, que esgotavam a bolsa dos seus frequentadores; e ainda segundo outros certo instrumento da libertinagem feminina que auxiliava os extravios de uma imaginação desvergonhada. Em Corintho offerecia-se a propria hetaria á Venus que percebia o producto da prostituição religiosa.

As cortezãs abundavam mais em Corintho do que em Athenas; d'aqui o celebre proverbio que atravessou toda a antiguidade, chegando até aos nossos tempos sem haver perdido muito da sua significação:—*Não é dado a todos ir a Corintho.*

Attribuiam-se a este vetusto proverbio differentes origens, que se referem todas ás famosas cortezãs d'esta cidade. Aristophanes, no seu *Plutão* explica o proverbio, dizendo que as cortezãs de Corintho só admittiam os ricos. Strabão é mais explicito, dizendo que os commerciantes e marinheiros que arribavam áquelle ponto durante as festas de Venus, encontravam mulheres tão seductoras entre as consagradas da deusa, que se arruinavam completamente antes de haverem posto o pé na famosa cidade. Strabão reproduz n'outro logar o mesmo proverbio com uma variante que justifica o sentido do seu commentario: *Não se vae a Corintho impunemente.*

As cortezãs de todos os paizes e de todas as categorias abundavam n'aquella opulenta cidade, onde existiam publicamente alumnas da prostituição dentro dos templos de Venus, e o commercio da libertinagem era o mais activo que se fazia n'aquelle vasto emporio do commercio universal. Todas ou quasi todas as mulheres exerciam o officio do amor venal e cada casa equivalia a um dicterion.

Uma cortezã sentada n'um dos caes do porto observava um dia os barcos que arribavam, espreitando as novas presas que elles poderiam conduzir-lhe. Alguem houve que lhe censurou a sua ociosidade, dizendo-lhe que mais lhe valera estar a fiar lã ou a urdir teias do que estar para alli de braços cruzados.

—A que veem essas censuras? observou a cortezã indignada. Não me

chames preguiçosa. Bastou um momento para eu ganhar todo o panno que póde gastar-se no velame de tres navios!

Queria dizer com isto, segundo o commentario de Strabão, que tinha obrigado tres capitães de navios a venderem as suas embarcações para lhe pagarem os seus favores.

O poeta comico Eubulo apresenta n'uma das suas comedias, os *Cercopes,* um pobre diabo que confessava alegremente ter sido despojado d'este modo:

— Fui a Corintho, diz elle, onde me arruinei a comer mangericão, e tantas loucuras fiz que fiquei sem a camisa do corpo.

O poeta empregou muito de proposito a palavra mangericão, que na sua lingua tem dois sentidos, significando um d'elles cortezã, e recordava assim por uma engraçada allusão que esta herva era predilecta dos escorpiões. Quando Dionyzio, o tyranno, expulso de Syracusa se refugiou miseravel e desprezado em Corintho, quiz que lhe servisse de egide o mesmo desprezo que inspirava e a miseria em que vivia, e segundo Justino passava dias inteiros em dicterions e tabernas, *vivendo de mangericão* e manchando-se com todas as torpezas.

Estas lubricas e infatigaveis rainhas da prostituição, longe de serem oriundas de Corintho haviam sido conduzidas a esta cidade desde a mais tenra edade por especuladores ou matronas de collegios. A maior parte d'ellas vinham de Lesbos e de outras ilhas da Asia Menor, Tenedos, Abydos e Chypre, como que para prestar homenagem á tradicção que fazia sahir Venus da espuma do mar Egeu. Grande numero d'ellas eram tambem trazidas de Mileto e da Phenicia, paiz que fornecia as mais ardentes. As mais voluptuosas, porém, as mais habeis, pelo menos, na arte da voluptuosidade eram as lesbias, de tal modo que se inventou em honra dellas um verbo grego, que significava não só fazer amor, mas *fazer amor com arte.* As phenicias tiveram tambem o privilegio de dotar a lingua grega com um verbo que tinha a mesma significação, senão a mesma latitude: — *Fazer amor á moda da phenicia.* Eis um elogio que todas as cortezãs ambicionavam, qualquer que fosse a sua patria ou a das suas matronas.

Mileto vinha a ser o viveiro das bailarinas e flautistas auletridas que solemnisavam as festas da Grecia. Lesbos e a Phenicia, porém, enviavam as suas hetarias que Corintho recebia no seu seio como n'um immenso gyneceu, onde a prostituição tinha a sua escola publica. Entre os presentes que o rei Agamemnon manda offerecer a Achilles, (*Illiada,* canto IX) Homero cita com complacencia sete mulheres «habeis em *bellas obras,* sete lesbias que elle proprio escolhera e que mereceram sobre todas as outras o premio da belleza.» As bellas obras que caracterisavam a habilidade d'aquellas lesbias, não eram como os leitores suppõem, as que a casta e industriosa Penelope sabia fazer...

Além d'estes mysteriosos trabalhos do amor que faziam desde os mais tenros annos o objecto do constante estudo das cortezãs, a sua educação *moral,* se podemos empregar esta palavra, baseava-se em certos preceitos impudicos que podiam applicar-se a todas as condições do hetarismo, desde a mais vil dicteriada até á esplendida hetaria da aristocracia obscena. E' fóra de duvida que não foi Solon quem redigiu este codigo geral para as cortezãs.

Nos eroticos gregos acham-se aqui e acolá dispersos os principaes artigos, que as cortezãs transmittiam umas ás outras e que podiam dividir-se em tres categorias especiaes, a saber: 1.º A arte de inspirar o amor; 2.º A arte de o prolongar e augmentar; 3.º A arte de tirar d'elle todo o dinheiro possivel.

«E' conveniente, diz nas cartas de Alciphronte uma das hetarias mais competentes na materia, — fazer soffrer alguns contratempos aos amantes jovens, quer dizer, não lhes conceder tudo o que sollicitam. Esta precaução evita a saciedade, alenta os desejos do homem e torna-lhe os favores sempre novos.

Ora é preciso notar que estas cousas não devem levar-se ao extremo, porque n'esse caso o amante cança, irrita-se, fórma outros projectos, contrahe outras relações e perde-se tudo completamente: O amor foge com a mesma rapidez com que vem.»

Aristhenetes, que apesar de philosopho não julgava indigno da sua gravidade instruir-se com as cortezãs, formulou n'outra carta a mesma theoria:

«Os gozos que se esperam, diz elle, produzem na imaginação doçuras e encantos inexplicaveis. Esses gozos animam e sustentam toda a vivacidade dos desejos. Satisfazem-se completamente? Não se faz mais caso d'elles.»

Luciano, na sua obra intitulada *Discurso dos que se põem ao serviço dos grandes*, approva a tactica das cortezãs, que recusam alguma cousa aos amantes.

«Raras vezes, diz elle, lhes permittem algumas liberdades, pois sabem por experiencia que o gozo da mulher é o tumulo do amor. Por isso, não poupam meio algum de prolongar as esperanças e entreter os desejos.»

Vamos agora vêr de que modo as hetarias excitavam, arreigavam e desenvolviam o amor que haviam inspirado. Não eram menos engenhosas tambem em provocal-o e os meios de que para esse fim se serviam eram tanto mais esquisitos e refinados quanto mais distinctos e elevados eram os homens com quem tinham de tratar, que eram de ordinario os próceres da republica, visto que as hetarias pertenciam tambem á classe mais distincta das cortezãs.

A hetaria menos exercitada sabia processos especiaes para attrahir os homens: os seus olhares, os seus sorrisos, as suas attitudes, os seus gestos eram influencias mais ou menos efficazes que espalhava em torno de si. Cada qual conhecia perfeitamente o que lhe convinha occultar ou patentear. Umas vezes simulava indifferença ou distracção, outras, conservava-se immovel e silenciosa; ora corria atraz da sua presa e embargava-lhe o passo, ora se dirigia aos logares mais desertos e solitarios. Variava a fórma e o aspecto dos seus laços, consoante a especie do passaro que n'elles pretendia fazer cahir. Todas ellas tinham um riso provocador e licencioso que mesmo de longe despertava impuros pensamentos, e quando se approximavam dos homens, patenteavam-lhes as graças mais seductoras: — dentes de marfim entre labios de coral, seios de alabastro palpitantes e agitados. O seu riso tinha uma feição especial. Era o celebre *cachymus,* que S. Clemente de Alexandria chamava o *riso das cortezãs*.

N'uma posição mais elevada, a hetaria tinha tambem processos de seducção muito mais decentes e infalliveis. Costumava encarregar a sua escrava de ir escrever a carvão no muro do Ceramico o nome d'aquelle que pretendia captivar, e feita esta especie de declaração, enviava ao seu predilecto ramos que ella propria fizera, e fructas que os seus dentes de uma alvura deslumbrante tinham mordido, fazendo-lhe constar ao mesmo tempo, que nem comia, nem bebia, nem dormia, louca de amor por elle, e que suspirava sem cessar pelo eleito do seu coração.

Por mais frio e severo que seja um homem, raras vezes é insensivel ao sentimento que inspira ou julga inspirar. «A astuta cortezã, diz Luciano no seu *Toxaris,* corria a abraçal-o apenas chegava, detinha-o quando elle se dispunha a retirar-se, fingia adornar-se unicamente para lhe agradar e sabia admiravelmente entremeiar as lagrimas, os suspiros e os graciosos desdens com os encantos da sua belleza, e as doces harmonias da sua voz e da sua lyra.» Taes eram os artificios que uma hetaria formosa e instruida costumava empregar com exito quasi sempre certissimo. Ordinariamente eram as velhas cortezãs que ensinavam este artificios de seducção e conquista ás noviças, que tinham em collegios por sua conta.

A celebre Neera tinha sido educada d'este modo na escola de Nicarete, liberta de Carisio mulher de Hippias, cosinheiro do mesmo Carisio. Nicarete

comprou sete jovens escravas, Antia, Estralote, Aristaclea, Metranira, Phylla, Itsmiade e Neera, e era extremamente habil em calcular as que mais se haviam de distinguir pela sua belleza. «Entendia perfeitamente da arte de educar cortezãs, dizia Demosthenes no discurso contra Neera; era a sua profissão e vivia exclusivamente d'ella.» Chamava ás sete escravas suas filhas, para fazer crêr que eram livres e para tirar maior lucro d'aquelles que desejassem possuil-as. Teve artes para vender cinco ou seis vezes a virgindade de cada uma d'ellas, e por fim vendeu-as a todas aos poderosos senhores que as requestavam. As escravas, porém, tinham recebido tão boas lições que não tardaram muito em recobrar a liberdade com o dinheiro que tinham ganho com o seu corpo, e ao depois continuaram por conta propria na sua profissão de cortezãs.

Os favores de uma joven livre tinham mais elevada cotação no mercado, que os de uma escrava ou liberta, e o preço era mais consideravel ainda, se a hetaria passava por mulher casada, apesar de que a adultera era condemnada á pena de morte pela lei. Esta lei, porém, quasi nunca se applicava. O culpado apenas era posto á disposição do esposo ultrajado, que na maior parte dos casos se contentava em lhe mandar dar algumas chibatadas.

Ordinariamente a pena de morte substituia-se pela applicação de uma forte multa, que o adultero pagava a titulo de indemnisação, e de boa vontade o fazia para se subtrahir a um outro castigo tão doloroso como ridiculo introduzido nos costumes gregos. Quando o adultero se eximia ao pagamento da sua multa, o esposo offendido entregava-o aos escravos que, depois de o haverem açoitado cruelmente, lhe introduziam no anus um enorme *rabano negro*. Tal era, segundo Atheneu o castigo do adulterio, castigo de que os orientaes ainda conservam a tradicção nos supplicios de que usam contra os reus do mesmo crime. Succedia frequentemente explorar-se com o medo do rabano negro, fazendo crêr a certos basbaques que tinham incorrido n'esta pena commettendo sem o saberem o adulterio. Nada mais facil do que suppôr um marido enfurecido, depois de se ter ingenuamente acreditado que se havia tido copula com uma esposa infiel.

«Oh Venus! oh deusa adorada, exclama Anaxylas, como ousará um pobre amante lançar-se nos braços das tuas adoradoras, ao representar na sua imaginação as terriveis leis de Dracon? Como ousará sequer imprimir um beijo nos seus doces labios?»

Parece, no emtanto, que a despeito das leis draconianas, havia muitas mulheres casadas que exerciam a prostituição, a occultas de seus maridos, bem entendido. Megara, n'uma carta que escreve á sua companheira Bacchis, carta que o rhetorico Alciphronte não teve o pudor de rasgar, diz expressamente que Philomena, ainda que recem-casada, se achava n'um logar de prazer, onde se praticavam os mais vergonhosos excessos. «A ladina, diz Megara, achou meio de se escapar da casa conjugal, mergulhando seu marido n'um profundo somno, com um philtro que lhe fez beber.»

Os philtros soporiferos e os philtros amorosos estavam muito em voga entre as cortezãs e os libertinos, cuja unica occupação era o amor. Como já dissemos, eram as velhas que compunham estas beberagens. A composição d'ellas passava por obra de arte magica, e as velhas que possuiam o segredo deviam-no geralmente ás magas da Phrygia e da Thessalia.

Theocrito e Luciano revelaram-nos algumas das mysteriosas ceremonias que acompanhavam a composição de um philtro, e o segundo d'estes homens de lettras faz-nos conhecer mais minuciosamente o uso frequente que d'elles faziam as cortezãs, quer fosse para se fazerem amar, quer fosse mesmo para se fazerem aborrecer dos amantes que as importunavam.

Abandonada pelo seu amante, que lhe prefere Gorgona, Thais attribue

esta infidelidade aos philtros que sabe compôr a mãe da sua rival. «Ella conhece, diz a famosa cortezã, os segredos de todos os encantamentos da Thessalia; a lua desce á terra á sua voz, e ha quem a tenha visto pela noite adeante voar pelos ares n'um doido turbilhão.» Havia tambem o feitiço que cegava o infiel a ponto de lhe esconder as rugas e a fealdade do monstro que amava sómente por effeito de magia.

Melisa para attrahir novamente Carino, cujo amor Symonica lhe roubou, pergunta á sua amiga Bacchis se sabe de alguma maga, cujo poder seja capaz de obrigar um homem a amar a mulher que deteste e a detestar a que ama.

— Decerto, minha querida amiga, responde Bacchis compadecida da pobre Melisa. Conheço uma maga da Syria, que te servirá á medida dos teus desejos. Foi ella que me congraçou com Phanios dentro de quatro mezes, com um philtro que o trouxe a meus pés, quando eu já desesperava de o poder reconquistar.

— E quanto exige a maga? Lembras-te ainda, Melisa?

— Não é cara a sua arte. E' mister dar-lhe uma drachma e um pão, e além d'isto seis obolos, sal, perfumes, uma tocha, e uma taça que enche de uma beberagem que só ella sabe compôr. E' verdade! Precisa tambem de um objecto qualquer que tenha pertencido ao teu amante, uma peça de vestuario, uma madeixa de cabellos, um borzeguim...

— E' facil dar-lhe um borzeguim; elle deixou aqui um par d'elles...

— Bem. Deixa-me informar-te do resto. A maga pendura tudo isto n'uma varinha, purifica os differentes objectos com os perfumes e deita o sal ao fogo. E' então que pronuncia os dois nomes, e tirando do seio uma pequena bola, fal-a rolar, ao mesmo tempo que vae rapidamente recitando uma série de palavras barbaras, que fazem estremecer.

Havia muitas especies de philtros, os que faziam amar, os que faziam aborrecer, os que tornavam os homens impotentes e as mulheres estereis, e finalmente os que causavam a morte. O uso d'estes philtros era mais ou menos perigoso, porque muitos d'elles continham verdadeiros venenos, e não obstante as hetarias empregavam-nos com grande frequencia, segundo as suas paixões ou os seus ambiciosos designios. Conta Aristoteles que havendo certa mulher feito tomar um d'estes philtros a um amante, e tendo elle morrido em resultado d'esta beberagem, o Areopago, perante o qual a mulher fôra accusada, não a havia condemnado, entendendo na sua sabedoria que ella não quizera matal-o, mas simplesmente exaltar-lhe o amor. A intenção desculpava o homicidio. De resto, se as cortezãs ministravam philtros, havia tambem outros remedios que lhes neutralisavam os effeitos: assim, segundo Dioscorides, a raiz do ciclamino, preparada de certo modo, passava por ser um soberano especifico contra os philtros mais temiveis.

Se a cortezã pretendia causar a impotencia de um homem ou a esterilidade de uma mulher, bastava fazer-lhes beber uma taça de vinho em que se tivesse afogado um barbo. Desejava attrahir um amante infiel? Fazia um bolo de farinha sem fermento e deixava-o consumir n'um fogo lento, alimentado com ramos de tomilho e de loureiro. Para transformar o odio em amor, seguiam-se os passos do individuo em questão, e sem que elle o podesse perceber, pisava-se-lhe o rasto dos passos em sentido contrario, pondo o pé direito onde elle havia posto o esquerdo, e o esquerdo onde elle puzera o direito, havendo o cuidado de dizer ao mesmo tempo e em voz baixa esta especie de esconjuro: «Ando sobre ti, estou em cima de ti!»

Quando a feiticeira fazia rolar a bola que trazia no seio para um encantamento, recitava estas palavras: «Assim como o globo de bronze rola sob os auspicios de Venus, assim entre o meu amante no umbral da minha porta.» A's vezes lançava no brazeiro magico uma imagem de cera em que ia gravado o no-

me do homem ou da mulher de quem se tratava. N'este caso dizia: «Assim como derreto esta cera sob os auspicios do deus que invoco, assim se derreta em amor o coração gelado que pretendo inflamar.»

Estes eram os feitiços solemnes, acompanhados de sacrificios mysteriosos e praticas secretas. Ordinariamente, porém, só se fazia uso de uma beberagem ou unguento, em cuja composição entravam certas hervas ou drogas narcoticas, refrigerantes, ou espasmodicas.

«O uso do philtro é muito perigoso, escrevia Myrrina a Nycipe; é muitas vezes funesto para quem o toma. Mas que importa? E' mister que Dyphile viva, amando-me, ou que morra, amando Thessalia».

As cortezãs nas suas preoccupações de amor consultavam tambem com muita frequencia as thessalianas para conhecerem o porvir, para saberem o exito de uma aventura planeada, ou para penetrarem nas trevas do destino. Glycere, n'uma carta ao poeta Menandro, falla de uma mulher da Phrygia que «sabe adivinhar por meio de certas cordas de junco que estende durante a noite, e por cujos movimentos conhece a vontade dos deuses, tão claramente como se elles proprios lh'a houvessem revelado.»

A esta operação magica deviam preceder varias purificações e sacrificios, em que se serviam do incenso, de pastilhas oblongas de estoraque feitas á luz da lua, e de folhas de beldroega silvestre. Recorria-se a estes feitiços para saber de uma amada ou de um amante ausente. Quanto aos philtros para inspirar amor, sabemos que eram tão poderosos e terriveis, que o seu emprego ainda que moderado produzia furores iguaes aos dos Menades e Chorybantes, e o seu abuso causava a loucura ou a morte.

As hetarias tinham entre si grandes zelos, invejas, resentimentos e odios, que lhes inspiravam com frequencia esta especie de vingança. Era uma porfia interminavel para se roubarem mutuamente os amantes, quando elles pela sua riqueza, eram um partido vantajoso; e n'esta guerra de rivalidades femininas appelava-se para todos os meios conducentes ao triumpho completo da cobiça ou da vaidade. Não desejando mais do que enriquecer á custa d'este ou d'outro qualquer, estas mulheres eram eternamente rivaes e com frequencia inimigas implacaveis. Quando Gorgona, que se fingia amiga intima de Glycere, lhe arrebatou o amante, Thais consola-a dizendo-lhe: «Gorgona depennal-o-ha como tu o depennaste e como depennarás outro qualquer.» A traducção de Perrot d'Ablancourt é muito mais expressiva que o texto grego de Luciano, que se limita a dizer: «Depressa encontrarás uma nova presa.»

Apesar dos aggravos que mutuamente se faziam, as hetarias nem por isso ficavam menos amigas, ou para fallar com maior exactidão não deixavam de guardar umas certas apparencias por politica, visto que reinava entre ellas um espirito de corporação, um interesse commum que as ligava e que as fazia reconciliar logo que por qualquer motivo se malquistavam.

Embora se odiassem, depressa se reconciliavam. O odio, é bem evidente, lá existia no fundo do coração de cada rival, escondido no meio dos sorrisos, caricias e lisonjas que se dispensavam. Mas quando as cortezãs se amavam devéras, costumavam chegar a extremos inverosimeis. Nada mais frequente do que o *amor lesbio* entre as cortezãs.

Este sordido amor, que a Grecia não condemnava com uma reprovação fulminante, não tinha que temer nem o castigo das leis, nem os anathemas da religião. Nos dicterions e nas casas das hetarias enclausuradas era onde este amor reinava com todos os seus arrebatamentos e delirios. A cortezã, que na preversão dos seus instinctos se affeiçoava a este extravio, tornava-se desprezivel para os homens; no emtanto, ella occultava cuidadosamente um vicio que só encontrava indulgencia e sympathias entre as suas infelizes companheiras.

Attribuia-se a Sapho o escandaloso desenvolvimento que o amor lesbio

havia tomado e as theorias philosophicas que lhe tinham servido de base, como um culto fundado sobre um dogma. Sapho por haver desprezado os homens foi castigada cruelmente por Phaon, que lhe inspirou um amor irresistivel, indomavel, mas que não era correspondido. Duro castigo por certo; mas o mal que Sapho já tinha feito com as suas doutrinas e com o seu exemplo nos costumes propagou-se por todo o hetarismo, e foi além d'isso infeccionar o gyneceu das pudibundas virgens gregas e das austeras e veneraveis matronas.

E' a este vicio que se devem attribuir os rasgos de amizade e dedicação das cortezãs mais celebres pelas suas companheiras, e mesmo a predilecção com que tratavam algumas das suas escravas. Nos pornographos gregos encontramos abundantes exemplos de amizade, demasiado profundos e cheios de dedicação para, entre mulheres d'esta infame classe, não terem por origem um dos vicios mais deploraveis da fraqueza feminina.

CAPITULO IX

SUMMARIO

As tocadoras de flauta.— O deus Pan, o rei Midas e o satyro Marsias.— As auletridas nas festas solemnes dos deuses.— Festas bacchicas.— Intermedios.— Nomes das differentes arias que as auletridas tocavam durante o banquete.— A aria *Gingras*, ou triumphal.— O canto *Calynico*.— Superioridade dos beocios na arte de tocar flauta. — Inscripção de S. João Chrysostomo.— Superioridade das flautistas phrygias, jonias e milesias.— A collocação nos banquetes.— O philosopho e a bailarina.— As bailarinas.— Genero caracteristico de libertinagem entre as flautistas. — Paixão dos athenienses pelas auletridas. — Delirio que causavam as flautas nos festins. — Bromiada, a flautista. — Indignação de Polybio a respeito das riquezas de certas mulheres publicas — As bailarinas do rei Antigono e os embaixadores arcadios.— O que distinguia as auletridas das suas rivaes na prostituição.— Philine e Dyphile.— Intimas relações das auletridas entre si.— Amores de Carmide e de Philemacia — Costumes depravados das auletridas.— Festins calypigios.— Certamens publicos de belleza instituidos por Cepselo.— Herodice.— Crysophoras.— Quadro das festas nocturnas em que as auletridas celebravam os certamens de belleza.— Carta de Megara a Bacchis.— Combate de Myrrina e Pyralis.— Philomena — Os jovens admittidos como espectadores nas orgias das cortezãs.— A ceia de tribades.— Carta de Glycere a Bacchis. — Amores de Yoesse e Lysias. — Pythia — Desinteresse das auletridas. — Preço das caricias de uma flautista em voga.— Carta de Philomena a Criton.— Carta de Petala a Simelion.— Caracter jovial das auletridas.— Desventuras de Paternis.— Gorgo e a sua querida Crocale.— Origem das alcunhas de algumas auletridas celebres.— Amor de Alcibiades por Symeta.— Juizo das tres Calipygias.— Lamia.— Amor apaixonado de Demetrio Poliorcetes, rei de Macedonia por esta celebre auletrida.— Carta d'esta cortezã ao seu real amante.— Zelos das suas rivaes.— Leena, Cirsis, Antipyra e Demo.— Segredos amorosos de Lamia.— Origem d'este sobrenome.— Os embaixadores de Demetrio na côrte de Lysimaco, rei da Thracia.— Epigrammas e satyras d'estes reis.— Cartas de Lamia a Demetrio. — Juizo de Bocchoris, rei do Egypto. — Exacção de Demetrio em proveito de Lamia .— O sabão d'esta cortezã, as suas immensas riquezas, os edificios construidos á sua custa.— O poeta Palemon retribuido por Lamia.— Morte d'esta celebre cortezã.— Baixeza dos athenienses que a divinizam.— Replica de Demo, rival de Lamis.



ENTRE as cortezãs que temos citado, fundados na auctoridade de Luciano e Atheneu, havia muitas que tocavam flauta, e como já tivemos occasião de dizer quando innumerámos as principaes classes de mulheres de prazer que havia entre os gregos, as tocadoras de flauta formavam uma classe á parte no que nós chamamos *collegio das cortezãs*. Estas mulheres tinham relações mais ou menos sensiveis com as dicteriadas e as hetarias, mas em geral differiam igualmente de umas e das outras, visto não estarem aggregadas a casas publicas e não pertencerem por conseguinte inevitavelmente ao primeiro que chegava. De resto, não ia tambem procurar-se junto d'ellas as distracções de espirito e de intelligencia que se encontravam na maior parte das hetarias, e finalmente, se estas enriqueciam pela prostituição, as tocadoras de flauta tinham outro officio, que podia ser altamente lucrativo.

Estas mulheres não acceitavam o nome de cortezãs, embora fizessem tudo quanto era necessario para o merecerem. O titulo da sua profissão artistica foi sempre para ellas uma prova de liberdade e de condição independente.

*

Intitulavam-se *Flautistas*, e sob esta designação nenhum escrupulo manifestavam em serem mais prostitutas do que as outras, que como taes se apresentavam publicamente. Vimos já que em certas circumstancias as flautistas associavam ás suas abominações as Tribades; vimos tambem quaes eram os conselhos que Musario recebia de sua mãe. Não resta, portanto, a menor duvida de que estas mulheres estavam sempre dispostas a satisfazer as paixões que excitavam com os sons dos seus instrumentos e com o espectaculo das suas danças obscenas; comtudo, uma auletrida não era propriamente fallando uma cortezã. Esta julgava-se de uma condição muito superior, e considerava a auletrida como uma industrial de officio desprezivel; do mesmo modo a auletrida desprezava a cortezã, que a seu vêr não tinha outra profissão senão saciar uma parte dos desejos e transportes, que ella propria havia feito nascer com o encanto da sua flauta e das suas danças.

A flauta era o instrumento favorito dos athenienses e os seus inventores occupavam um logar de notavel preferencia no reconhecimento e na admiração dos homens. Attribuia-se ao deus Pan a invenção da tibia, ou flauta simples, a da travessa a Midas e a da dupla flauta a Marsias. Estas differentes flautas tinham recebido com o decorrer dos tempos varios aperfeiçoamentos, e do mesmo modo se havia aperfeiçoado a arte de tirar d'ellas sons melodiosos, sendo as mulheres as que mais sobresahiam n'esta arte, que se considerava como o mais poderoso dos auxiliares da sensualidade. Em vão antigos poetas, que talvez não fossem mais do que flautistas infelizes, tinham tentado arrancar o divino instrumento de Marsias das bellas mãos das auletridas, inventando aquella engenhosa fabula em que representavam Pallas indignada contra a deformidade que produzia no rosto o esforço de soprar, e proscrevendo o uso de tal instrumento que obrigava as nymphas a fazer ridiculas visagens. A pesar d'isto, o numero das auletridas augmentou prodigiosamente e a sua presença nos festins veio a ser indispensavel. Havia-se effectivamente observado que, apesar das auletridas ao entumecerem as faces e contrahirem os labios para tirarem alegres sons das flautas, alterarem o harmonioso conjuncto das suas feições, nem por isso eram menos encantadoras, quando punham de lado os instrumentos para tomarem parte nos banquetes. De resto, a maior parte d'estas auletridas haviam aprendido tambem a respeitar a sua belleza e tocavam a flauta, tanto a dupla como a simples, sem prejudicarem as suas physionomias voluptuosas com movimentos desengraçados. A poesia então encarregou-se de rehabilitar as flautas, e ao passo que um habil estatuario representava no marmore a deusa Minerva castigando o satyro Marsias, por haver apanhado uma flauta que ella havia atirado fóra indignada, os poetas interpretavam a colera da casta deusa contra os sons da flauta, por as suas suaves melodias adormecerem completamente a prudencia e arrastarem os homens aos doces prazeres dos sentidos.

As flautas resoavam tambem nas festas solemnes dos deuses, sobretudo nas de Ceres, que não seriam festas completas, se as auletridas alli não fossem excitar os sentidos com as suas musicas e danças lascivas. Mas onde o maravilhoso instrumento de Marsias exercia toda a sua influencia e poder irresistiveis, era nos alegres banquetes das festas bacchicas.

Cada um dos intervallos ou intermedios do banquete era annunciado por uma aria differente que lhe era propria: *comos*, ao primeiro serviço, *dicomos*, ao segundo, *tetracomos*, ao terceiro. Quando os convivas se mostravam satisfeitos com os manjares e vinhos que se lhes serviam, a aria chamada *hedicomos* expressava essa satisfação e o bom humor que a todos animava. Quando os commensaes applaudiam, a aria triumphal denominada *gingras* confundia-se com os applausos, imitando o seu ruido jovial. Havia tambem uma outra aria chamada canto *calynico*, que celebrava os grandes feitos dos bebedores e alentava as provocações dos ebrios.

A dupla flauta, que comprehendia a flauta masculina tocada com a mão direita e a feminina tocada com a esquerda, prestava-se a todos os effeitos da harmonia imitativa, pois que reproduzia fielmente em todos os tons, graves ou agudos, os ruidos mais intraduziveis, e com elles as emoções mais subtis e fugitivas. Era assim que os commensaes, subjugados por aquella musica enervante, esqueciam a taça ainda rasa de vinho que levavam aos labios, e com ella suspensa na mão, recostavam-se com extasi nos seus leitos, seguindo com a vista e com o ouvido o rythmo do canto e o compasso da dança. A embriaguez durava assim noites inteiras. «Por mais que digo a mim propria, escrevia Lamia a Demetrio, que esse principe que acaba de partilhar o meu leito é o mesmo que passa as noites a ouvir-me tocar flauta, não posso acreditar nas minhas palavras.» Estas arias das flautas eram ás vezes acompanhadas de cantos, que ainda melhor caracterisavam a expressão e o objecto, e de pantomimas ou danças que traduziam a mesma intenção, — e danças, pantomimas, cantos e arias serviam sempre de preludio a scenas de sensualidade, em que as auletridas não ficavam por certo ociosas.

Nos primeiros tempos da Grecia, a arte da flauta era muito estimada dos jovens gregos, que a preferiam mesmo á lyra. Mas quando os thebanos e os outros beocios, a quem o proverbio accusava de estupidez natural, e cuja intelligencia não tinha realmente o mesmo desenvolvimento da dos athenienses, se tornaram extremamente notaveis na arte da flauta, e venceram como eximios tocadores a todos os seus compatriotas, a flauta foi declarada indigna de homens livres e abandonada por toda a parte ás mulheres, excepto na provincia onde havia encontrado tão habeis interpretes. Os costumes começavam a corromper-se e a Asia e sobretudo a Phrygia e a Jonia enviaram uma multidão de auletridas a Athenas, a Corintho e ás principaes cidades da Grecia. Os thebanos, porém, conservavam a sua superioridade, ou pelo menos a sua reputação na arte da flauta, de tal modo que no segundo seculo da éra vulgar uma estatua de Hermes, que havia ficado de pé no meio das ruinas de Thebas, tinha ainda esta inscripção que S. João Chrysostomo menciona:

«A Grecia reconhece-te, oh Thebas! a superioridade na arte da flauta. Thebas honra em ti Panomos, o mestre da arte.»

Mas, apesar da sciencia instrumental de Thebas, as tocadoras de flauta phrygias, jonias e milesias não tinham rivaes. Não tocavam sómente flauta, cantavam, dançavam, faziam pantomimas, e eram sobretudo muito bellas e complacentes.

Convidavam-nas para os festins para divertirem os convivas, alugando-as por dias ou por noites, e as condições d'este ajuste variavam segundo as circumstancias. Ordinariamente a flautista só se ajustava por si e pela sua dança, reservando-se o direito de fazer outros ajustes pela sua belleza; quando chegasse a occasião de se tratar d'esses assumptos. Quando uma d'estas musicas era escrava e tinha senhor ou mãe que a explorava, era posta em licitação e adjudicada, recebida previamente a importancia do lanço, áquelle que mais dava.

Atheneu refere que um philosopho que se presava de austero, ceiando uma noite com alguns mancebos libertinos, repelliu desdenhosamonte uma auletrida que viera deitar-se-lhe aos pés, como que para se collocar debaixo da salvaguarda da philosophia; mas que no emtanto esta philosophia feroz não teve outro remedio senão humanisar-se, quando a bailarina desenvolveu as suas graças e encantos, dançando ao som das flautas. Accrescenta que o philosopho, esquecendo a sua barba branca e a sua cabeça magestosa, que não tinha um só cabello nem preto nem branco, competiu com os mais audazes licitadores, cobrindo todos os lanços para desaggravar a moça, que lhe guardara um enorme rancor pelo seu desdem philosophico, embora o pobre do homem fizesse muito mais do que lhe permittia a philosophia para merecer as amorosas caricias da

auletrida. A moça não lhe foi por fim adjudicada, apesar de todos os esforços que fez para isso, e o pobre philosopho, no auge do furor e do ciume, começou a soltar gritos ferozes, dizendo que a licitação estava nulla. Mas a auletrida ainda resentida não quiz pôr-se novamente em leilão, e o philosopho chegou então ás do cabo com o feliz possuidor da escrava e com aquelles que a defendiam.

Nem todas as auletridas dançavam, nem todas as bailarinas tocavam flauta. «Fallei-te ha tempos, diz Arysthagoras no seu *Manmecythos,* das bellas cortezãs bailarinas; nada mais direi d'ellas, deixando tambem de parte as tocadoras de flauta que, nubeis apenas, enervam os homens mais robustos, fazendo-se pagar por preços excessivos.» Estas flautistas tinham processos de amor, segundo a expressão do poeta, capazes de extenuar o proprio Hercules! Os libertinos que uma vez experimentavam os refinamentos da sensualidade asiatica, nunca mais podiam prescindir d'elles, e no fim dos banquetes, quando todos os seus sentidos haviam sido sobrexcitados pelos sons das flautas, precipitavam-se uns sobre os outros, luctando freneticamente até que a victoria designava a qual d'elles a flautista pertenceria.

«Para apreciar isto, diz Antiphanes, o Comico, é preciso haver-se assistido por mais de uma vez a esses alegres banquetes em que cada qual paga a sua parte, e ter-se dado ou recebido um bom numero de murros em honra de uma d'estas cortezãs.» Quanto mais longa e porfiada era essa peleja, tanto mais se orgulhava a rainha do combate e melhor recompensava em seguida o vencedor, em honra do qual todas as taças se enchiam e coroavam de rosas. A paixão dos athenienses pelas auletridas chegou ao seu cumulo em Athenas, e se houvermos de dar crédito a Theopompo nas suas *Filippicas,* de um ao outro extremo da Grecia não se ouvia senão o som melodioso das flautas, e a lucta estridente dos que disputavam a posse das tocadoras.

As auletridas, geralmente menos interesseiras que as hetarias e mais carinhosas tambem do que ellas, não caprichavam em saber resistir a uma galante proposta de amor. «Não te dirijas ás grande hetarias, se procuras prazer; entre as flautistas facilmente o encontrarás.» Tal é o conselho que dava aos seus concidadãos Epicrates, no seu *Anti-Lais.* Não podemos dizer que as mulheres honradas nunca assistiam a estas orgias. A verdade é, porém, que a entrada de uma auletrida as punha immediatamente em fuga, mesmo antes de terem ouvido uma só nota das suas flautas.

Era tal o enthusismo produzido pela erotica e expressiva musica das flautistas, que os convivas despojavam-se espontaneamente das suas joias para presentearem com ellas a encantadora artista. Uma habil flautista não tinha mãos para receber todas as dadivas e obsequios que se lhe faziam n'um festim, quando lograva agradar aos convivas. Theopompo, n'uma obra hoje perdida sobre os roubos feitos em Delphos, transcreve a seguinte inscripção, que se lia n'um marmore votivo junto das offerendas da cortezã Rodopisa:

«Phaylle, tyranno da Phocea, dá a Bromiada, tocadora de flauta, filha de Dymiade, um carquesio de prata e um cyssibion de ouro.»

Carquesio era uma taça em fórma de gondola, montada sobre um pé; *cyssibion* era uma corôa de folhas de hera.

Em certos banquetes toda a baixella de ouro e prata pertencia ás auletridas, e de cada vez que a flautista produzia sons mais doces ou a bailarina executava passos mais expressivos e accentuados, cahia sobre ellas de todos os lados da sala do festim uma chuva de flores, de joias e de moedas. Esta classe de cortezãs enriquecia, portanto, mais depressa que as outras, especialmente aquellas que ao seu merito artistico reuniam a belleza e os attractivos indispensaveis.

Polybio indigna-se de que nas melhores casas de Alexandria tenham as

mulheres os nomes de Mythion, Mnesis, e Pothyne. «E, no emtanto, diz elle, Mnesis e Pothyne eram tocadoras de flauta, e Myrthion, uma d'essas mulheres publicas condemnadas á infamia, e que chamamos dicteriadas.» Myrthine tinha sido concubina de Ptolomeu-Philadelpho, rei do Egypto, assim como Mnesis e Pothyne.

Nem edades, nem classes, nem posições estavam ao abrigo do prestigio exercido pelas musicas e bailarinas. Conta Atheneu que certos embaixadores arcadios foram enviados á côrte do rei Antigono, o qual os recebeu com grandes festejos e lhes deu um esplendido banquete. Os embaixadores, que eram anciãos venerandos, sentaram-se á meza, comendo e bebendo, sombrios e taciturnos. De repente, porém, as flautas phrygias dão o signal da dança, e as bailarinas, envoltas em transparentes veus de gaze, entram na sala, balanceando-se voluptuosamente sobre os bicos dos pés; d'ahi a pouco accelerando o movimento descobrem a cabeça, depois o seio e successivamente todo o corpo com uma só excepção. A dança prosegue assim cada vez mais impudica e lasciva, e os embaixadores, exaltados com um espectaculo tão extranho para elles, esquecido o respeito que deviam aos seus annos e posição e á propria presença do rei, que estava perdido de riso, atiraram-se ás bailarinas que estavam longe de esperar por um ataque similhante, e não tiveram remedio senão submetter-se aos deveres da hospitalidade.

Nos *Dialogos das Cortezãs* vê-se que as auletridas tinham o coração muito mais terno e sensivel do que as suas rivaes na prostituição. Luciano, pelo menos, mostra uma certa complacencia em as descrever como amantes apaixonadas e generosas, que nada exigiam dos seus amados e que ás vezes se arruinavam por sua causa. Os exemplos abundam nas obras do pornographo. E' Musario, vendendo os seus riquissimos collares da Jonia para soccorrer Chereas, que lhe promette ser seu esposo; é Myrthia, ardendo em ciumes do ingrato Pamphylio que a fez mãe, e que ella receia vêr casar com a filha do piloto Philon. «Ai, querido Pamphylio, restitues-me a vida! exclamou ella ao saber que as suas suspeitas não têem fundamento; pódes crêr que morreria de paixão se esse hymineu se houvesse realisado!»

E' Phylina, igualmente ciumenta, mas com justificado motivo, que se vinga do infiel Dyphile, fazendo todos os esforços para inspirar terriveis ciumes ao seu amante. «Que loucura era a tua hontem á noite? pergunta a Phylina sua mãe. Que te aconteceu n'esse banquete? Dyphile veio ter comigo lavado em lagrimas e fez amargas queixas do teu procedimento. Disse-me que estavas ebria, que tinhas dançado, apesar de t'o haver prohibido, que beijaste o seu companheiro Lamprias, e que vendo o despeito que esta leviandade lhe causava, apertaste nos braços o seu rival, desprezando as caricias do teu infeliz amante, e que, para cumulo de crueldade, quando o viste chorar pelos teus desdens não deixaste de o mortificar com os teus chascos e gargalhadas.» Phylina justifica-se da sua estranha conducta, contando os aggravos que recebera do seu amado, o qual durante o festim parece que dera uma grande preferencia a Thais, amante de Lamprias. «Dyphile via o meu despeito e os signaes que eu lhe fazia chamando-o ao seu dever, e não obstante, puxou Thais pela ponta da orelha e attrahindo-a assim sem resistencia, imprimiu-lhe um ardente e prolongado beijo nos labios. Eu chorava e elle ria, fallando em voz baixa com Thais, a meu respeito sem duvida. Thais olhava para mim rindo-se tambem, e só a chegada de Lamprias veio pôr termo a este escandalo.

«Apesar d'isto, para que elle não podesse censurar-me, fui sentar-me a seu lado durante o banquete. Thais levantou-se e começou a dançar para que lhe vissem as pernas, crendo talvez que só ella as tinha bellas e appetitosas. Lamprias guardou silencio, mas Dyphile não cessava de elogiar a graça de todos os movimentos da bailarina, dizendo que o seu pé fôra feito para marcar

o compasso, que nunca vira uma perna mais elegante, e mil impertinencias do mesmo genero. Dir-se-hia que se tratava da Sosandra de Calamis e não d'essa Thais, que tu conheces bem, pois que já uma vez a viste no banho. E chegou até ao insulto, dizendo que ella dançaria por toda e qualquer que receiasse expôr ao publico as suas pernas de arame. Eu levantei-me então e dancei. Todos os convivas applaudiram, só Dyphile se absteve de seguir este exemplo, olhando para o tecto emquanto eu dançava.»

Phylina quiz, portanto, mortificar o seu Dyphile fingindo preferir Lamprias, e conseguiu fazer desesperar o infiel amante. A mãe, velha e astuta cortezã, julgou dever dar-lhe este conselho:

—«E' licito, filha, mostrarmo-nos ressentidas, nunca devemos, porém, recorrer ao ultraje. Um amante a quem se offende afasta-se de nós e chega mesmo a odiar-nos. Foste muito rigorosa para com elle, e deves ter sempre na memoria este proverbio: *O arco demasiadamente estirado quebra.*»

Se as auletridas tinham amores verdadeiros, devemos comtudo dizer que entretinham umas com as outras relações tão intimas, que se pareciam com o amor mais impetuoso e desenfreado. Era esse amor lesbio de que já anteriormente fallamos. Estas mulheres, exercitadas desde a mais tenra edade na arte da sensualidade, chegavam em breve a desordens e excessos a que a sua imaginação prevertida arrastava os sentidos. A sua vida inteira era como que uma lucta perpetua de lascivia, como que um estudo assiduo da belleza physica. A' força de verem a sua propria nudez e de a compararem com a das companheiras, vinham a affeiçoar-se a este espectaculo e inventavam gosos estranhos sem o concurso dos seus amantes, que muitas vezes as deixavam frias e insensiveis. Encontram-se a este respeito nos *Dialogos* de Luciano as queixas da bella Carmide, que se lamenta e deplora pela infidelidade da sua querida Philemacia, a quem amava e enchia de presentes ha sete annos, e que a abandonára cruelmente, dando-lhe um homem por successor.

Estes depravados costumes eram tão communs entre as flautistas, que muitas d'ellas costumavam reunir-se em festins, onde nenhum homem era admittido, e n'elles se divertiam e amavam sob a invocação de Venus Peribasia. N'esses festins, que se chamavam *Callipygios,* perante esse tribunal de mulheres quasi nuas, e entre taças de vinho coroadas de rosas, realisava-se tambem o combate da belleza, como nas margens do Alpheu em tempo de Cypselo, sete seculos antes da era christã.

Cypselo, desterrado de Corintho, edificou uma cidade e povoou-a com habitantes da Arcadia. N'esta cidade consagrada á Ceres de Eleusis, Cypselo estabeleceu jogos ou combates de belleza, aos quaes todas as mulheres eram chamadas a concorrer, sob o nome de *Chrysophoras.* A primeira que obtinha a victoria chamava-se *Herodice.* Desde a sua fundação estes memoraveis combates renovaram-se com esplendor cada quinquenio, e as *Chrysophoras* ou portadoras de ouro vinham submetter-se em multidão ás apreciações dos juizes que difficilmente podiam conservar a sua calma imparcialidade. Não havia outros combates publicos do mesmo genero na Grecia, bem que a belleza alli fosse exaltada e adorada até; as cortezãs, porém, compraziam-se em imitar nas suas secretas reuniões a estranha fundação de Cypselo, fazendo ao mesmo tempo de juizes e de partes, n'estes jogos voluptuosos que se celebravam á porta fechada. As auletridas, mais do que todas as hetarias, gostavam de vêr-se e de julgar-se assim, e assim preludiavam tambem os mysterios dos seus extravios favoritos.

Alciphronte, apesar de toda a sua gravidade, conservou-nos o quadro de uma d'estas festas nocturnas em que as flautistas e as bailarinas disputavam não só a palma da belleza, mas até os laureis da voluptuosidade. Mr. Richard, na sua traducção das *Cartas de Alciphronte,* não fez mais do que extractar a

famosa epistola de Megara a Bacchis. No emtanto, Publicola Chausard foi menos timido, e a sua traducção, que em parte reproduzimos, não chega ainda assim á audacia e desplante do texto grego. A auletrida Megara escreve á hitaria Bacchis, referindo-lhe os pormenores de um festim magnifico a que as suas amigas Thessala, Tryalis, Myrrina, Philomena, Cryisis e Euxippe assistiram:

«Que banquete magnifico! Quero que a narração d'elle te encha de um sincero pesar de não haveres assistido. Que canções, que danças, que episodios! As taças beijaram-se com delirio até ao romper da aurora! Manjares delicados, vinhos esquisitos, perfumes, corôas... tudo havia alli!...

«Um bosque de loureiros copados era a sala do festim. Nada alli faltava senão a tua presença.

«Megara não nos diz quem era a rainha d'este festim, e póde bem suppôr-se que uma das assistentes o dava em honra da sua amiga predilecta para celebrar os seus amores.»

«Breve se originou uma disputa que não fez senão augmentar o nosso prazer. Tratava-se de saber qual das duas, Tryalis ou Myrrina, era mais rica n'esse genero de belleza que fez dar a Venus o nome de Callipygia. Myrrina desata o cinto, deixando cahir as roupas interiores: a sua tunica era transparente, por isso ao voltar-se foi como se nos mostrasse os lyrios da pelle atravez da limpidez de um crystal. Em seguida imprimiu ás nadegas um movimento precipitado e olhando para deante sorria ao vêr o desenvolvimento das voluptuosas fórmas que se agitavam. Então, como se a propria Venus houvesse recebido a sua homenagem, começou de soltar não sei que doces gemidos que ainda n'este momento me commovem e fazem estremecer. Tryalis não se dá por vencida, e adeanta-se dizendo: «Eu não preciso de me envolver n'um veu; quero apresentar-me aqui como n'um exercicio gymnastico, pois que este genero de combates não admitte disfarces.» Disse, e a roçagante tunica veio cahir-lhe aos pés.

E voltando-se para Myrrina disse-lhe: «Vê estas fórmas, a alvura e suavidade d'esta pelle e estas folhas de rosa que a mão da propria Venus espalhou sobre estes contornos graciosos, modelados sem acanhamento nem exaggeração. Em suas amorosas convulsões estas espheras não têem o tremor das de Myrrina, mas sim um movimento parecido com o doce estremecimento das ondas.» E dizendo, renova as suas lascivas crispações com tanta agilidade que um applauso universal lhe outorga as honras do triumpho. Outros combates houve ainda, disputou-se novamente a belleza, mas nenhuma de nós ousou competir com o firme, igual e delicado ventre de Philomena, que ignora ainda os trabalhos de Lucina.

«A noite passou-se n'estes deliciosos prazeres, terminando com imprecações aos nossos amantes e com uma supplica a Venus, a quem exoramos que nos concedesse todos os dias novos adoradores, porque a novidade e a variedade são o encanto do amor. Quando nos separámos, todas nós estavamos exhaustas e ébrias.»

Megara diz na sua carta que as ceias das hetarias davam brado na sociedade grega, e que os mancebos tinham uma grande curiosidade de assistir a estas orgias, em que só lhes cabia o papel de espectadores. De ordinario, porém, nem as cortezãs mais desaforadas queriam que as suas orgias secretas se revelassem aos olhos dos homens. As que não se deixavam levar, por curiosidade ao menos, a tão escandalosos excessos de depravação, eram tidas como ridiculas entre as suas companheiras, e muitas vezes este resto de pudor tornava-as suspeitas de certas enfermidades que por vergonha tinham de occultar-se. As flautistas não tinham que temer estas suspeitas, pois se mostravam nuas no exercicio da sua profissão, e por isso a sua reserva não podia attribuir-se a outro motivo senão á sua decidida preferencia pelos sentimentos e

prazeres de verdadeiro amor, contra todas as suggestões do amor lesbio. E até estes sentimentos eram motivo para os gracejos e ironias das que não pensavam do mesmo modo.

«Serás tão casta que não ames senão a um homem? escrevia Megara á doce Bacchis, que não quizera assistir a uma ceia de tribades. Ambicionarás a reputação que te deram tão raros costumes, emquanto que nós passamos por cortezãs consagradas a todo o mundo?»

Megara era uma das auletridas mais libertinas e licenciosas do seu tempo, emquanto que Bacchis era a mais prudente das hetarias. «Os teus costumes, minha querida amiga, escrevia-lhe a hetaria Glycere, os teus costumes e a tua conducta são demasiado honestos para o estado em que vivemos.»

Esta honestidade era mais rara ainda entre as auletridas do que entre as hetarias, ainda que umas e outras fossem propensas a concentrar-se em um unico amor masculino ou feminino, que com frequencia as arruinava e nunca as enriquecia. Nunca succedia que as duas especies de amor se encontrassem em grau igual na mesma mulher; em todo o caso esta singularidade do coração e dos sentidos via-se algumas vezes entre as auletridas, mais sensuaes e apaixonadas do que as simples hetarias.

Luciano, n'um dos seus *Dialogos das Cortezãs*, mostra-nos que uma auletrida podia ao mesmo tempo abrigar dois affectos heterogeneos, morrendo de amor por um homem, emquanto que se entregava sem escrupulo ao amor de uma mulher.

Yoesse, que nunca exigira dinheiro a Lysias, que nunca lhe concedera favores venaes, vê-se de repente abandonada por um amante, a cujo amor tinha sacrificado os mais vantajosos partidos. A pobre mulher, feliz com este seu desinteressado affecto, vivia tão castamente com Lysias como a casta Penelope, segundo ella mesma diz, e perdeu sem saber porque as caricias de um joven, a quem nunca induzira a que roubasse o pae ou a mãe, conselhos muito communs entre as cortezãs. Yoesse chora, geme, procura enternecer Lysias, que não lhe responde, e que lhe volta as costas com desprezo.

«Ha pouco ainda, quando estavas bebendo com Trason e Dypile, a flautista Cymbalia e Pyralis, minha inimiga, foram chamadas para junto de vós. Pouco me importou que beijasses cinco vezes Cymbalia, porque então eras apenas tu o humilhado. Mas, pelo que respeita a Pyralis... Oh, eu percebi perfeitamente os signaes que lhe fazias! Mostraste-lhe a taça em que bebias e dando-a á escrava encarregada de a encher, disseste-lhe em voz baixa que a levasse a Pyralis. Mordeste um fructo que estava a teu lado, e aproveitando a distracção de Dypile, que fallava com Trason, atiraste-lh'o ao regaço, e Pyralis beijou-o, guardando-o como um tropheu.»

Isto dizia Yoesse ao seu ingrato amante, mas elle volta-lhe as costas e continua no seu proposito. Pythia, companheira e amiga predilecta de Yoesse, vem consolal-a e reprehendel-a ao mesmo tempo. «Estes homens! Estes homens! exclama ella com desdem: o seu orgulho augmenta com a nossa paixão imprudente.»

Yoesse afflige-se cada vez mais. Então Pythia dirige-se a Lysias e procura reconcilial-o com a sua amiga.

—Não me falles de Yoesse nem a defendas, Pythia! responde Lysias com amargura. Sabe que essa mulher me engana, vende e atraiçôa. Surprehendia-a deitada com um homem.

—E depois, disse Pythia, que acha o caso muito natural. Não é Yoesse cortezã? Mas, dize-me quando e como a surprehendeste?

—Ha seis dias, responde Lysias suspirando. Meu pae que não ignorava a minha paixão por Yoesse, fallou em encerrar-me em casa e encarregou uma escrava de não abrir a porta sem expressa determinação sua. Eu, que não podia

resolver-me a passar a noite longe da minha amada, chamo Drymon, dou-lhe ordem para se encostar ao muro do jardim, subo sobre os seus hombros, e consigo saltar para a rua. Chego. Era meia noite. Não bato, mas abrindo a porta, como tantas vezes tinha feito, por meio de uma chave falsa, entro sem ruido. Tudo estava em silencio e ás escuras. Dirijo-me ás apalpadellas ao longo da parede até ao quarto de Yoesse e chego ao pé do leito...

—Que vae este homem dizer? Oh Ceres, eu morro! interrompe Yoesse chorando.

—Noto pelo ruido da respiração que não está só, e a principio acreditei que a escrava Lida lhe tivesse ido fazer companhia. Não era a escrava, porém, a sua companhia n'aquelle momento, Pythia! Querendo certificar-me da dolorosa verdade estendo a mão, e encontro a pelle fina e suave de um adolescente, que exhalava deliciosos perfumes e tinha a cabeça coroada de rosas. Oh Pythia! se n'esse momento tivesse comigo um punhal!

Pythia solta uma estrepitosa gargalhada.

—De que te ris, Pythia? Parece-me que o caso não é para riso!...

—Pois é esse apenas o motivo da tua colera, Lysias?! exclama Yoesse. Louca! Era Pythia que dormia comigo.

—Mas para que lhe contas isso, Yoesse?

—E porque hei de occultar-lh'o, Pythia? Triste pela tua ausencia, chamei-a para junto de mim...

—Mas aquella cabeça coroada de rosas que eu apalpei não era de Pythia. Não tinha estes opulentos cabellos d'ella. Crescer-lhe-hiam elles tão depressa? perguntou Lysias ainda incredulo.

—E' que tu ignoras, meu querido Lysias, que esta pobre Pythia em consequencia de uma doença teve de cortar os seus opulentos cabellos. Estes que lhe vês não são os d'ella. Mostra-lhe que são postiços, minha adorada Pythia, vê se acabas de convencer esse grande incredulo! Aqui tens o adolescente de quem tiveste tantos ciumes!

As auletridas entre as quaes a arte e o habito haviam singularmente desenvolvido os instinctos voluptuosos, não estavam dominadas como as hetarias pela ambição da fortuna. Se ambicionavam dinheiro, era só para o gastarem, e tão facilmente o ganhavam com os sons melodiosos das suas flautas, que não tinham necessidade de o extorquir por meios vergonhosos. Quando escutavam as suas musicas e as suas danças, em presença dos convivas de um festim, exaltavam-se tambem e aqueciam ao ruido dos applausos, sentindo a reacção dos desejos que tinham communicado aos circumstantes. Mas, apenas dissipados os vapores do vinho, quando á orgia succedia a tranquillidade e o repouso, entravam novamente, por assim dizer, na posse do seu livre arbitrio e recusavam com frequencia e com um certo orgulho até pôrem-se em venda como as cortezãs. Haveria por certo excepções, mas n'esse caso a flautista tinha o legitimo orgulho do seu valor, para se fazer pagar exactamente como a mais apreciada das hetarias.

Esta carta de Philomena a Criton instrue-nos até que ponto podia elevar-se o preço dos favores de uma flautista em voga.

«Para que perdes tempo em escrever-me? Quero cincoenta peças de ouro e escuso cartas. Se me tens amor, manda o dinheiro. Mas se o demonio da avareza e da mesquinhez te possue, não me importunes inutilmente.»

Petala, cuja correspondencia com o seu amante Symalion já tivemos occasião de vêr, era tão positiva como a sua companheira Philomena, no emtanto tinha o direito de ser mais exigente, por isso que Symalion não lhe dava nem o necessario para comprar perfumes.

«Queres então que esteja muito satisfeita com o teu procedimento, escrevia-lhe ella, e que passe carinhosamente os dias e as noites a teu lado, em

quanto que outro amante qualquer teria sem duvida a amabilidade de satisfazer todos os meus caprichos e necessidades? Não é preciso chorar mais, meu caro. Acabemos com isto quanto antes. Preciso fatalmente de outro amante que me sustente melhor do que tu, porque não estou muito resolvida a morrer de fome.»

Petala inveja a sorte da flautista Phylotis a quem o rico Menaclides enche de presentes todos os dias. «Quanto a mim, pobre que eu sou! coube-me em sorte não um amante, mas um choramigas, que julga fazer tudo quanto deve pelos favores que lhe concedo mandando-me algumas flores, de certo para ornato da minha sepultura, aonde em breve me levará a morte precoce que esse piegas me prepara! Não sabe dizer-me senão que chora todas as noites!»

Estas flautistas e bailarinas que se contractavam para os festins e para todas as alegres reuniões não eram por certo de indole muito melancolica, e por isso os prantos dos amantes nunca lhes poderiam ser agradaveis, a não ser que chegassem a sentir verdadeiro amor por um homem, porque n'esse caso eram mais ternas e sentimentaes do que uma joven honesta ou uma esposa. Tinham continuamente o riso na bocca, e convidavam todo o mundo ao prazer e á alegria, esquecendo penas presentes e futuros receios. De resto, este programma era uma condição essencial do seu officio. Um caracter alegre e desprendido de cuidados não as fazia valer menos do que a belleza e o talento. Vivendo entre taças coroadas de rosas, recebiam frequentemente as inspirações de Baccho, e ás vezes mostravam ter aproveitado vantajosamente as lições das Menades. D'aqui este aphorismo que se lê n'um poeta grego: «Baccho encontra-se sempre á porta de Cytherêa.» Acolhiam-nas com jubilo nas casas para onde eram convidadas, e a sua apparição era o signal do mais ruidoso enthusiasmo.

Apesar d'isto, eram algumas vezes maltratadas. Quando occasionavam alguma disputa entre os convivas, estes costumavam atirar-lhes com as taças á cabeça, e estavam igualmente expostas a violencias e brutalidades contra as quaes a lei não as defendia, como escravas e estrangeiras. Coclo encontra Parthenis lavada em lagrimas, ferida, os vestidos despedaçados e a flauta partida. Informando-se do que succedera, Parthenis faz-lhe esta narração tristissima:

Gorgo tinha-a convidado para casa da sua concubina Crocale. Esta mulher havia-se ligado a Gorgo, rico lavrador do Henoe, despedindo Dynomacho, soldado hetoliano, que não podia pagar-lhe o preço em que ella se reputava. Ora Gorgo, homem simples, bondoso e franco, que desejava havia muito tempo possuir Crocale, havia-se apressado a mandar-lhe os dois talentos (2:720$000 réis) que Dynomacho nunca poderia dar á ambiciosa cortezã.

«Estavam, pois, á mesa, á porta fechada, refere Parthenis, e eu tocava na flauta uma aria no estylo lydio. Gorgo ergueu-se para dançar, e Crocale applaudia. Tudo correra perfeitamente até alli. De repente, porém, veio interromper o festim um grande ruido de gritos e de pancadas. A porta da rua cahiu por terra e oito esforçados mocetões, entre os quaes vinha Dynomacho, precipitaram-se no aposento. Houve uma confusão e espanto indescriptiveis, as mesas cahiram por terra, Gorgo foi ferido, e Crocale teve a fortuna de escapar á vingança do seu antigo amante fugindo para casa da sua visinha Thespiade, mas não incolume. Foi então que Dynomacho, chefe d'aquella turba desenfriada veio direito a mim, encheu-me de pancadas, despedaçando-me a tunica e quebrando-me a flauta.»

Gorgo foi queixar-se aos tribunaes d'esta violencia, mas Parthenis que não era cidadã, nunca teria obtido justiça e teve que resignar-se com a sua sorte.

Citámos já algumas das alcunhas das auletridas, quando fallámos das que tinham as dicteriadas e as hetarias: Synope, ou o *Abysmo,* Synoris, ou a *Lan-*

terna, eram tocadoras de flauta. Esta classe de prostitutas não tinham menos occasiões do que as outras para ganharem a honra ou a vergonha d'estas designações. Mas em geral as alcunhas que a voz publica lhes dava traduziam melhor um elogio do que um vituperio. Teremos de concluir d'este facto que as auletridas valiam mais do que as suas rivaes em questão de sensualidade? Sisimbryon, ou o *Serpão* exhalava depois de haver dançado um cheiro extremamente agradavel que parecia emanação de uma herva aromatica. Pyralis, ou a *Ave* parecia ter azas quando dançava. Parene, ou a *Esplendida* merecia sobre tudo esta denominação quando se mostrava nua. Opora, ou o *Outono,* que havia ministrado ao poeta Calepsis o assumpto e um personagem de uma comedia, dava exhuberantemente fructos do seu amor. Pagi, ou a *Liga* excedia a sua reputação não deixando escapar os imprudentes que d'ella se approximavam. Talusa, ou a *Florida,* brilhava como uma flôr. Nicostrate, ou o *Mexilhão* gabava-se de ser hermaphrodita. Philemacia, ou a *Rede* divertia-se em pescar incautos. Sigêa, ou o *Promontorio* era celebre pelos naufragios das virtudes solidas que tinham succedido nas suas praias.

Atheneu cita ainda muitas auletridas, cujos nomes ficaram gravados na memoria dos amantes: Henelêa, Jonia, Irene, Gravine, Lopodion, Mecomide, Hieroctea, Theolyta, Tryabi, etc., etc.

Os dialogos de Luciano e as cartas de Alciphronte immortalisaram algumas outras, e o proprio Plutarcho dignou-se consagrar uma ardente recordação a Phormasion, que morreu entre os braços do seu amante, e segundo uma versão mais authentica no seio de uma amiga estremecida, nos extasis do amor lesbio. Os pormenores biographicos d'estas celebridades da musica e da dança escasseia-nos, porém, desgraçadamente. Sabe-se apenas que Nemeiade tinha tomado o seu nome dos jogos Nemeios, por costumar tocar flauta n'esses jogos, em honra de Hercules; que Phylise fôra uma simples hetaria antes de se tornar auletrida afamada; que a famosa Symeta inspirou tão ardente amor a Alcibiades, que este a roubou aos Megarenses, recusando-se pertinazmente a restituir-lh'a, o que causou em Megara um lucto publico, e que a joven Atheia, para empregar as expressões do poeta que a celebrou tão fresca como a perfumada flôr a que deu o nome, deixou muito cedo de sacrificar a Venus; que Nanño, querida de Mimnermo, matava todos os amantes sem que estes se queixassem. Finalmente encontramos na anthologia um epigramma grego que nos offerece a descripção de um certamen de belleza, em que as heroinas quizeram guardar o anonymo. Este epigramma é como que um grito de admiração, que o juiz deixa escapar depois de haver proferido uma sentença:

«Julguei tres calipygias, que mostrando-me as suas fórmas nuas me escolheram para arbitro. Uma tinha as pernas esplendidamente brancas, e viam-se n'ellas duas covinhas como as que formava de cada lado das faces quando se ria. A outra mostrando-me as pernas apresentou uma pelle tão branca como a neve, e as côres pudibundas da rosa. A terceira, estando ao que parecia perfeitamente immovel e tranquilla, produzia na sua delicada pelle ligeiras ondulações. Se Páris, o juiz das deusas, tivesse visto estas calipygias, não concederia os seus olhares ao espectaculo que lhe offereceram Juno, Minerva e Venus.»

A mais notavel e famosa de todas as auletridas gregas foi sem contestação Lamia, amada apaixonadamente por Demetrio Poliorcetes, rei de Macedonia, 300 annos antes de Christo. Era atheniense e filha de um certo Cleanor, a quem abandonou de tenra edade para ir para o Egypto onde se dedicou á flauta. Tão eximia se tornou n'este instrumento, que o rei Ptolomeu a tomou ao seu serviço, conservando-a por muito tempo na sua côrte. Por occasião, porém, de um combate naval em que Demetrio dispersou a frota de Ptolomeu, proximo da ilha de Chypre, a nau em que ia Lamia cahiu em poder do ven-

cedor, que ao vêl-a de tal modo se sentiu vencido pela sua formosura que a preferiu sempre a todas as suas jovens e formosas concubinas.

Lamia tinha n'essa época mais de quarenta annos, e como diz Plutarcho, não se contentava de agradar na sua profissão de tocadora de flauta; exercia tambem o officio de corteză. Desde o momento, porém, em que Demetrio a honrou com a sua preferencia, a corteză abandonou immediatamente todos os seus amantes.

«Desde aquella noite sagrada, escreve a bella e celeberrima corteză ao seu real amante n'uma carta admiravel, recolhida por Alciphronte,—desde aquella noite sagrada até agora, nada fiz que podesse tornar-me indigna das tuas bondades, bem que tu me tenhas dado poder illimitado para dispôr da minha pessoa. A minha conducta deixou de ser digna de censura, porque não tenho nenhumas outras relações amorosas. Eu não sou para ti como as outras cortezãs, eu não te engano, oh rei! como ellas te enganam. Por Venus Arthemisa! Juro-te, meu querido principe, que desde aquella época ninguem me dirigiu por palavra ou por escripto propostas amorosas, porque todos te temem, amam e respeitam como um monarcha famoso e invencivel!»

Lamia, como ella propria diz na sua carta, havia conquistado com o som melodioso da sua flauta aquelle celebre conquistador de reinos e de imperios.

Demetrio tinha muitas favoritas que procuravam supplantar-se á porfia no favor e nas graças do monarcha. A belleza, a juventude, as graças e o talento, eram as armas de que se serviam n'esta guerra de morte, mas todas estas armas eram inuteis contra Lamia. A sua edade, que ellas ridicularisavam sem cessar em pungentes satyras, nunca se mostrara aos olhos do rei, e os zelos de Leena, de Crysis, de Antipyra e de Demo, augmentavam na proporção d'esta preferencia. N'uma ceia em que Lamia tocava flauta, Demetrio extasiado perguntou a Demo:

—Então, que te parece esta mulher?

—Uma velha, respondeu a joven corteză.

D'outra vez o rei, que não occultava a sua predilecção por Lamia, disse á mesma Demo;

—Vês tu que bello fructo Lamia acaba de me offerecer?

—Se queres passar a noite com minha mãe, ella dar-te-ha um fructo muito mais bello ainda, respondeu Demo com azedume.

Demetrio fingia não perceber estas epigrammas e satyras, e Lamia, pela sua parte, perdoava tambem facilmente ás suas rivaes, porque não as temia. No entanto mostrou-se sempre vivamente resentido contra Leena, que não poupou esforços para a perder.

Machon, que foi citado por Atheneu, o qual accrescentou novas obscenidades ás do poeta grego, instrue-nos a respeito de alguns dos segredos amorosos d'aquella velha flautista. *Ait Demetrium ab incubante Lamia concinne suaviterque subagitatum fuisse.* Mas esta traducção não tem ainda a expressão do texto grego. Diz tambem que entre todos os perfumes que a Asia extrahia das suas plantas, nenhum era tão agradavel ao olfacto do rei como as impuras emanações do corpo de Lamia (*cum pudendum manu confricuissèt ac digitis contrectasset.*)

Lamia nos seus furores amorosos esquecia-se de que tractava com um principe, e tinha-o por muito tempo aniquillado e offegante sob a dolorosa influencia das suas apaixonadas mordeduras. Pretende-se até que fôra isto a origem do sobrenome de *Lamia*, que queria dizer *vampiro*, especie de demonio feminino, que segundo uma crença antiquissima sugava o sangue das pessoas adormecidas. Os embaixadores de Demetrio permittiram-se de uma vez uma allusão a estes episodios do amor de Lamia, quando responderam rindo a Lysimacho, que lhes mostrava as feridas recebidas n'uma terrivel lucta como um

leão: «O nosso rei poderia mostrar-te tambem as mordeduras que lhe tem dado no pescoço uma fera mais terrivel do que um leão, uma *Lamia.*»

Diz-se, porém, que Demetrio não tinha menos furor nas suas caricias. Regressando de uma viagem, foi abraçar seu pae e estreitou-o nos braços com tamanha effusão, que o pobre velho exclamou:

— Então que é isso, Demetrio! Julgas que estás a abraçar Lamia?

Dizia-se que Demetrio era muito amado das suas concubinas, mas que não amava senão Lamia. Um dia, porém, teve a velleidade de lhe preferir Leena. Lamia não se deixou vencer pela sua rival. Lançou os braços ao pescoço do monarcha, attrahiu-o docemente ao seu aposento e disse-lhe ao ouvido:

— Aqui terás tambem *Leena* todas as vezes que quizeres.

Chamava-se assim em linguagem erotica um dos mysterios mais impudicos do hetarismo, e a esta obscenidade alludia Lamia ao pronunciar o nome da sua rival. Por isso o amor de Demetrio para com esta velha encantadora não tinha limites. Choviam satyras sobre este louco amor a cada momento, mas o rei de Macedonia, se bem que reconhecia que Lamia estava longe de ser joven, costumava dizer que a deusa Venus era muito mais velha do que ella, e que nem por isso deixava de ser adorada.

Lysimacho, o rude monarcha da Thracia, escarnecia dos voluptuosos costumes da côrte de Demetrio, a quem um dia devia combater e desthronar.

— Pelo que vejo, o grande rei, dizia Lysimacho, não tem medo dos espectros nem dos vampiros. Dorme com Lamia!

Este epigramma chegou aos ouvidos de Demetrio, que respondeu:

— A côrte de Lysimacho parece-se com um theatro de comedia. Só ha n'ella personagens que teem nomes com duas syllabas: — Páris, Bites, e outros bobos da mesma laia.

Lysimacho respondeu com esta coarctada:

— O meu theatro comico é mais honesto do que o teu theatro tragico. Aqui não ha flautistas nem cortezãs.

E Demetrio, não querendo ficar-se atraz, respondeu ao rei da Thracia:

— A minha cortezã é mais casta do que a tua Penelope.

Desde então os dois monarchas foram inimigos irreconciliaveis.

Para captivar d'este modo o rei da Macedonia, Lamia aproveitava a noite e o dia. De noite obrigava o seu real amante a reconhecer que não havia mulher mais voluptuosa. De dia escrevia-lhe cartas admiraveis, divertia-o com os seus ditos engraçados, embriagava-o com os sons da sua flauta, e sobretudo sabia lisongeal-o admiravelmente.

«Poderoso rei, escrevia-lhe ella, tu tens a bondade de permittir a uma hetaria a liberdade de te escrever cartas, e não julgas indigno de ti consagrar alguns momentos á sua leitura, porque tu mesmo te dignaste consagrar á minha pessoa. Meu querido principe, quando te vejo fóra dos meus aposentos, appareces-me cingido com o teu diadema, rodeado de guardas, de embaixadores, de exercitos, e então, oh por Venus Aphrodita! então tremo, tenho medo de ti, e desvio da tua pessoa o meu olhar, como o desvio do sol, para não me deslumbrar. E' então que reconheço em ti Demetrio, o vencedor dos povos. O teu aspecto é terrivel e guerreiro. Difficilmente posso persuadir-me de que tudo isto não é um sonho. Oh Lamia! pergunto eu a mim propria, é possivel que seja este o homem que te ama?»

Demetrio tinha vencido os gregos em Epheso, e Lamia celebrou esta victoria com a sua voz e com a sua flauta. «Os leões da Grecia foram timidos cordeiros em Epheso.»

O rei da Macedonia desprezava os athenienses que havia vencido, e aborrecia os espartanos que havia subjugado.

«Os execraveis lacedemonios, escrevia Lamia a Demetrio, na sua vai-

dade de parecerem homens virtuosos, não cessarão de vituperar nos seus desertos os nossos esplendidos festins, oppondo á tua urbanidade a grosseria e rudeza de Lycurgo.»

Lamia tinha ditos muito espirituosos, que encantavam o seu amante. Fallava-se uma noite, durante a ceia, da sentença attribuida a Bocchoris, rei do Egypto. Tratava-se de um moço egypcio, que não possuindo a somma exigida pela hetaria Thonis, invocou os deuses, que lhe enviaram em sonhos o que aquella cortezã lhe recusava em realidade. A bella Thonis soube d'este caso e demandou o moço pela paga, levando a causa perante o tribunal de Becchoris.

O rei ouviu ambas as partes e mandou por sentença que o seu joven subdito contasse a somma reclamada por Thonis e que a pozesse dentro de um vaso, á vista da cortezã, para d'este modo lhe provar que a imaginação era a sombra da vaidade.

—Que pensas d'esta sentença? perguntou Demetrio a Lamia.

—Penso que foi muito injusta, respondeu Lamia no mesmo instante, porque a sombra d'esse dinheiro não satisfez o desejo de Thonis, em quanto que o sonho deixou completamente satisfeita a paixão do seu miseravel amante.

Demetrio pagava como rei, diga-se em abono da verdade. Quando se apoderou de Athenas, exigiu dos athenienses uma somma de 250 talentos (uns 340 contos da nossa moeda) e ordenou a cobrança d'este imposto com excessivo rigor, como se tivesse necessidade urgente d'esta somma. Apenas o imposto entrou no erario, não sem grandes difficuldades, por causa da extrema miseria do paiz, disse ao seu thesoureiro:

—Entreguem essa somma integralmente a Lamia para o seu sabão.

Os athenienses vingaram-se d'esta odiosa exacção, dizendo com muito chiste que Lamia devia ter o corpo muito sujo, uma vez que precisava de tanto sabão.

Com esta e outras muitas liberalidades do seu real amante, Lamia chegou a ser riquissima, e dispendia os seus haveres principescamente. Fez construir soberbos edificios, entre outros o Pecile de Sicion, cuja descripção fez o poeta Palemon.

Deu a Demetrio festins, cuja magnificencia excedia tudo o que a historia nos refere dos festins dos reis da Persia e Babylonia. Um d'elles especialmente custou sommas fabulosas e foi cantado pela lyra do citado Palemon.

«Estou certa, escreve a Demetrio a celebre cortezã, de que o festim que espero dar em tua honra na casa de *Terypidios* para a festa de Aphrodita, hade chamar a attenção não só de Athenas mas até de toda a Grecia.»

Plutarcho diz que esta favorita lançou uma contribuição a todos os officiaes de Demetrio, sob pretexto de cubrir o dispendio d'este sumptuoso festim, dispendio que igualmente fez pagar ao rei e aos athenienses. Apesar de ser atheniense, nunca poupou nem a bolsa nem o amor proprio dos seus compatriotas.

Quando a morte a surprehendeu no meio das suas orgias, Demetrio Poliorcetes chorou-a com verdadeiro sentimento, e os athenienses divinisaram-na erigindo-lhe um templo sob o nome de Venus Lamia.

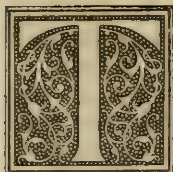
Indignado com similhante baixesa, o rei da Macedonia disse que nunca se veria nos infernos um atheniense de coragem.

—Podes estar certo, oh rei! que nenhum se atreverá a ir para lá, com receio de se encontrar com Lamia! respondeu a cruel Demo.

CAPITULO X

SUMMARIO

As concubinas athenienses. — O seu papel no domicilio conjugal. — As cortezãs na vida civil. — Differença entre a hetaria e a mulher publica. — Origem da palavra hetaria. — Vicissitudes por que passou esta palavra. — As hetarias de Sapho. — As grandes hetarias. — As familiares e as philosophas. — Preferencia que os athenienses davam ás cortezãs sobre suas mulheres legitimas. — Retrato da mulher honesta pelo poeta Simonides. — As nove classes de mulheres de Simonides. — As mulheres honestas. — Axioma de Plutarcho. — Lei do divorcio. — Alcibiades e sua mulher Hipparete perante o archonte. — Vantagens das hetarias sobre as mulheres honestas. — Influencia das cortezãs nas letras, nas sciencias e nas artes. — Influxo salutar da prostituição nos costumes gregos. — Os mancebos. — Os dois retratos de Alcibiades. — A auletrida Drose e o philosopho Aristhenetes. — Os philosophos corruptores da mocidade. — Thais e Aristoteles. — Os prazeres ordinarios das hetarias e os amores extraordinarios da philosophia. — Giges, rei da Lydia. — Os Ptolomeus. — Alexandre Magno e a atheniense Thais. — Casamento d'esta cortezã. — Homens illustres, filhos de cortezãs.



Temos, diz Demosthenes, no seu discurso contra Neera, «cortezãs para o prazer, concubinas para o serviço diario, e esposas para que nos dêem filhos legitimos e velem fielmente pelos nossos interesses domesticos.»

Esta preciosa passagem do orador atheniense inicia-nos admiravelmente nos mysterios dos costumes gregos, que toleravam o uso das concubinas e das cortezãs, mesmo á porta do sanctuario conjugal. As concubinas, a respeito das quaes mui poucos dados se encontram nos escriptores gregos, eram escravas que se compravam, ou serventes que se assoldadavam, e que deviam em caso de necessidade satisfazer os desejos sensuaes de seus amos. N'isto não havia nem amor nem libertinagem; era um simples serviço, ainda que de uma natureza mais delicada do que todos os outros.

Por isso a mulher honesta nem sequer se dignava censurar que em sua propria casa suas creadas ou suas escravas prestassem esse dever de servidão ou de submissão, entregando-se a seu marido. A propria esposa, reduzida a uma condição de inferioridade e de obediencia no matrimonio, não tinha que intrometter-se em cousas que não lhe diziam respeito, posto que d'estas relações secundarias só podiam nascer filhos bastardos.

As concubinas faziam, pois, parte essencial do lar domestico. Tinham até um lugar marcado e um papel de certo modo auctorisado, em caso de enfermidade, parto e outras indisposições da verdadeira esposa. A sua existencia decorria silenciosamente ao calor do lar que as abrigava, e envelheciam ignoradas no meio dos trabalhos mechanicos, bem que tivessem dado filhos a seus amos,

filhos que não tinham nenhum direito á familia, e que estavam pelo seu nascimento privados do titulo de cidadãos.

As cortezãs formavam uma cathegoria absolutamente distincta das concubinas, e não obstante tinham um fim analogo na economia da vida civil, eram instrumentos de prazer para os homens casados. Eis, por tanto, como o destino d'estas mulheres havia sido sanccionado pelo uso e pelo costume, se não pela lei, e sob esta denominação geral de cortezãs comprehendiam-se ao mesmo tempo todas as classes de hetarias, sem excluir auletridas e dicteriadas. No emtanto, fazia-se distincção entre a mulher publica propriamente dita e a hetaria, da qual Anaxylas dá, por assim dizer, esta definição na sua comedia *Monotropos*:

— «Uma joven que falla com circumspecção, outorgando os seus favores aos que a ella recorrem nas suas necessidades naturaes, e que foi chamada hetaria, ou *boa amiga* por causa da excessiva complacencia da sua amizade.»

A origem da palavra hetaria não é duvidosa, e vê-se n'uma multidão de passagens dos auctores gregos que esta palavra, de bom sentido ao principio, tinha vindo a tel-o mau por fim, passando pelas vecissitudes de uma applicação viciosa. E' um facto indubitavel que antes do progresso do hetarismo erotico, as mulheres de condição livre chamavam hetarias aos seus intimos conhecimentos e ás suas melhores amigas. A tradição da palavra perpetuou-se desde Latona e Niobe, que se amavam como duas *hetarias*, segundo a expressão do mythologo grego. E' verdade que depois Sapho qualificou d'esta maneira as suas lesbias. «Cantarei cousas agradaveis ás minhas hetarias,» dizia ella nas suas poesias. O verdadeiro sentido da palavra hetaria começava a desvirtuar-se. No emtanto era ainda bastante honesto para que o poeta Antiphanes pudesse dizer na sua *Hydra:* «Este homem tinha por visinha uma joven, e mal que a a viu enamorou-se d'ella, e a joven não tinha pae nem tutor. Revelava além d'isso esta mulher uma certa honestidade, verdadeiramente *hetaria*.»

Atheneu falla tambem d'aquellas que são verdadeiramente hetarias, que podem, diz elle, offerecer uma sincera amizade, e que foram as unicas entre as mulheres que receberam o nome da palavra *amizade,* ou do proprio sobrenome de Venus, a quem os athenienses chamaram *Hetaria*. A palavra foi dentro de pouco tempo desviada da sua primeira accepção, reservando-se com propriedade para as mulheres que eram effectivamente amigas faceis para todo o mundo.

Havia no emtanto frequentes erros na applicação da palavra hetaria, e os grammaticos julgaram poder remediar estes inconvenientes, modificando a accentuação da palavra, com a qual o poeta Menandro fazia trocadilhos, como este de que damos o sentido, para não apresentarmos ao leitor o texto grego: «O que tu fizeste não é proprio de uma *boa amiga,* mas sim de uma *cortezã*.» A palavra encontra-se aqui empregada com as suas duas accentuações differentes. Adivinha-se facilmente o caminho que em breve tempo percorreu esta palavra do seu sentido puro e decente, até aquelle em que a vêmos ultimamente empregada, achando-se no poeta Ephypo caracterisadas n'estes termos as caricias das *boas amigas:* — «Beija-o, não fechando os labios mas abrindo-os como fazem as aves, e dá-lhe prazer d'este modo.»

Estas *boas amigas*, entre as quaes não collocaremos as dicteriadas, nem as auletridas, nem as hetarias subalternas, ou cortezãs vagabundas, occupavam em Athenas o logar de preferencia no grande banquete da prostituição. Dominavam e eclipsavam até as mulheres honradas, tinham uma grande cohorte de clientes ou adoradores, exerciam uma influencia permanente nos successos politicos, dominando os homens que os dirigiam, eram emfim as rainhas da civilisação attica.

Estas cortezãs podem dividir-se em duas classes distinctas, que tinham relações reciprocas: as *Familiares* e as *Philosophas*. As duas classes, igualmente interessantes e sollicitadas, constituiam a aristocracia da prostituição.

As philosophas, á força de viverem na sociedade dos sabios e dos homens de lettras, imitavam a sua technologia e affeiçoavam-se aos seus estudos. As familiares, menos instruidas, ou pedantes, recommendavam-se tambem pelo seu talento ou desenvolvimento intellectual, de que se serviam como as da primeira classe para encantar os homens eminentes, que haviam attrahido pela sua belleza ou reputação.

Cada uma d'estas hetarias da aristocracia do vicio tinha a sua côrte e a sua roda de adoradores, poetas, artistas e cabos de guerra. Cada uma tinha as suas amizades valiosas e os seus odios irreconciliaveis, o seu credito, a sua influencia e o seu poder. Os athenienses, seguindo o exemplo de Pericles, chegaram a apaixonar-se loucamente por estas perigosas sereias que, se prejudicaram altamente os costumes da sociedade grega, fizeram tambem grandes beneficios ás lettras e ás artes do seu paiz.

Durante este periodo não houve por assim dizer outras mulheres na Grecia. Só ellas tinham notoriedade e mereciam as attenções dos homens; só ellas despertavam interesse e tinham adoradores. As donzellas e as matronas permaneciam occultas no mysterio do gyneceu domestico, emquanto as hetarias se apoderavam do theatro e da praça publica, e eram, na sua maior parte, cidadãs bem educadas, bellezas e talentos cosmopolitas.

A preferencia, que os athenienses de distincção davam ás hetarias sobre as suas legitimas mulheres. comprehende-se perfeitamente, quando se comparam umas com as outras, quando se considera a desillusão que acompanhava quasi sempre as relações intimas do marido com sua mulher. O que fazia o prestigio de uma hetaria teria sido a vergonha eterna de uma mulher casada; e o que fazia a gloria d'esta ultima teria sido de um ridiculo inevitavel para aquellas mulheres deslumbrantes e desaforadas. Uma representava o deleite; a outra, o dever; uma pertencia ao interior da sua casa; a outra, ao exterior, á rua. Ambas permaneciam encerradas nos estreitos limites do seu papel, sem quererem invadir dominios que não podiam nem deviam pertencer-lhes.

O velho poeta Simonides compraz-se em fazer o retrato da mulher honesta que suppõe nascida da abelha.

«Feliz aquelle, diz o melodioso poeta grego, que toma por esposa uma mulher honesta. Só ella, entre todas as mulheres do mundo, é inaccessivel ao vicio e assegura a seu marido uma existencia ditosa e tranquilla. Vive e envelhece a seu lado na mais completa harmonia; é mãe de uma familia numerosa, de quem faz as delicias, é distincta entre todas as mulheres, das quaes é exemplo e honra; ninguem a vê perder o seu tempo em vãs e ociosas conversações. A modestia reina em todos os seus actos, dando realce ás graças que a adornam e brilham em todas as suas occupações.»

Estas occupações consistiam no arranjo da sua casa, nos trabalhos de agulha, nas funcções de esposa, de ama, educadora e mãe de seus filhos. Simonides dá conta de nove especies de mulheres differentes d'esta, que suppõe formadas com os elementos do porco, da raposa, do cão, do macaco, da egua, do gato e do burro. N'estas differentes especies, segundo aquelle grosseiro poeta satyrico, é que deviam procurar-se as hetarias.

«O nome de uma mulher honesta, diz Plutarcho, deve como a sua pessoa estar sempre encerrado em casa.» Thucidides já muito tempo antes havia expressado a mesma ideia: «A melhor das mulheres é aquella de que se não diz nem bem nem mal.» Estas maximas resumem o genero de vida da mulher atheniense. Não se apresentava nos jogos publicos nem nas representações theatraes, raras vezes sahia á rua, e ainda assim coberta com um veu e vestida com honestidade, sob pena de pagar uma multa de mil drachmas, que lhe era imposta n'esse tempo por uns magistrados chamados *ginecomi*, que affixavam os seus decretos e regulamentos nos platanos do Ceramico. Não tinha tam-

bem nenhuma leitura nem instrucção, fallava mal a sua lingua e nada ou quasi nada comprehendia da politica, das modas ou da philosophia. Por isso não inspirava a seu esposo mais do que um sentimento de fria ou terna estima. Um homem que fizesse a loucura de amar sua mulher com paixão, ou com sensualidade, teria sido criticado por todos, segundo este axioma de Plutarcho:

«Não se póde viver com uma mulher honesta como se ella fosse ao mesmo tempo esposa e hetaria.»

O imperio da mulher casada acabava á porta da sua casa, onde precisamente começava o de seu marido. Não tinha, pois, o direito de o seguir nem de o perturbar na sua vida exterior, e devia fingir que ignorava o que se passava longe da sua vista.

Não obstante isto, em certas circumstancias e em virtude de uma antiga lei cahida em desuso, podia queixar-se aos magistrados e até mesmo pedir o divorcio, se os excessos de seu marido se lhe tornassem insupportaveis. Por isso Hipparete, casta esposa de Alcibiades, cuja inconstancia a affligia na sua fidelidade e no muito amor que lhe consagrava, vendo que seu libertino esposo a deixava para frequentar estrangeiras de má vida, retirou-se para casa de seu irmão e pediu o divorcio. Alcibiades não tomou o caso a serio e declarou que sua mulher devia apresentar ao archonte as peças justificativas do divorcio. Hipparete apresentou-se ao magistrado e Alcibiades tambem, mas em vez de justificar-se abraçou ternamente a requerente e assim a conduziu ao domicilio conjugal. De resto, as matronas quasi nunca pediam o divorcio para não descerem da sua dignidade. O unico privilegio de que eram zelosas era da legitimidade dos filhos havidos no matrimonio legal.

Demosthenes pedia ao Areopago a condemnação da cortezã Neéra «para que as mulheres honestas não fossem collocadas na mesma classe das mulheres publicas, para que as cidadãs bem educadas por seus paes e casadas legalmente não se confundissem com umas estrangeiras, que muitas vezes no dia se entregavam aos homens de todas as maneiras vergonhosas e infames.»

As hetarias tinham, pois, enormes e invenciveis vantagens sobre as mulheres casadas. Não appareciam, é verdade, senão a distancia nas ceremonias religiosas, não tomavam parte nos secrificios, não podiam saudar publicamente os cidadãos, mas quantas compensações não tinha a sua vaidade de mulher! Eram como que um adorno indispensavel dos jogos solemnes, dos simulacros guerreiros, das representações theatraes. Só ellas tinham o direito de passear em carros, deslumbrantes como rainhas, vestidas de seda e ouro, com a cabeça descoberta e o seio nu. Eram ellas que compunham o selecto auditorio das sessões dos tribunáes, dos certamens poeticos, das sessões litterarias, das reuniões academicas. Applaudiam Phydias, Appelles, Praxyteles e Zeuxis, depois de lhes haverem ministrado inimitaveis modelos da belleza feminina. Inspiravam Euripedes, Sophocles, Menandro, Aristophanes e Euposis, animando-os a disputarem os louros do theatro.

Nas occasiões mais difficeis, ouviam-se e seguiam-se até os conselhos d'estas mulheres, repetiam-se por toda a parte com elogio os seus ditos engraçados, temia-se a sua critica mordaz e ambicionavam-se os seus elogios.

Apesar dos seus maus costumes e do escandalo da sua profissão impudica, sabiam prestar homenagem ás boas acções, ás obras meritorias, aos grandes caracteres e aos talentos sublimes e a sua approvação ou vituperio era uma recompensa ou um castigo que não se desviava facilmente da verdade e da justiça. O seu talento encantador, brilhante e cultivado, creava em torno d'ellas a emulação da belleza e a do bem, diffundia as lições do bom gosto, aperfeiçoava as lettras, as sciencias e as artes, illuminando-as com os prazeres do amor. Era esta a sua força, o seu poder e a sua seducção, e admiradas e queridas, obrigavam os seus adoradores a tornaram-se dignos d'ellas.

Eram, por certo, a causa de muitas desordens, de muitas dilapidações, de muitas loucuras e escandalos; ás vezes degradavam certas virtudes publicas, abatiam os caracteres e depravavam as almas, mas ao mesmo tempo inspiravam generosos pensamentos, honrosos actos de patriotismo e de valor, brilhantes obras do genio, sublimes creações da poesia e das artes.

A sua acção era sobretudo benefica contra um vicio sordido e abominavel, que oriundo de Creta se havia propagado por toda a Grecia e chegára ao fundo da Asia. O auctor da *Viagem de Anacharsis* diz com razão que as leis protegiam as cortezãs para corrigirem scenas mais escandalosas. As relações de amizade dos moços gregos degeneravam ordinariamente, á excepção de Esparta, em extravios infames, que o habito havia feito entrar nos costumes e que indignos philosophos tinham a infamia de acolher e animar. Já Solon tinha fundado o seu famoso dicterio e taxado n'um obolo o serviço publico que alli se prestava, para procurar uma distracção facil aos gostos dissolutos dos athenienses e para fazer uma concorrencia moral ás vergonhosas desordens do amor antiphysico, mas esta concorrencia foi muito mais activa e poderosa, quando as hetarias se encarregaram de a estabelecer. Ellas proprias faziam córar de vergonha os que iam fallar-lhes depois de se haverem manchado com o immundo contacto reprovado pela natureza e pela dignidade humana, e empregavam todos os artificios da garridice para serem preferidas aos mancebos, que serviam de auxiliares á prostituição mais abominavel. A verdade é, porém, que nem sempre obtiveram a preferencia sobre aquelles effeminados, de cabello ondeante e rosto liso e agradavel, com as unhas pulidas e os pés perfumados. Havia perversões incorrigiveis, e os libertinos que lhes rendiam homenagem com o maior enthusiasmo reservavam uma parte dos seus appetites sensuaes para um culto que não era d'ellas.

A opinião, infelizmente, não acudia em soccorro das admoestações e bom exemplo das cortezãs, que debalde feriam com a sua reprovação o asqueroso vicio tolerado pela indulgencia dos cidadãos.

Todos os dias, tanto em Athenas como em Corintho, os mercadores de escravos traziam para a cidade uma multidão de raparigas, que não tinham outro merito senão a belleza physica. O preço d'estas escravas não fazia ainda assim abaixar a cotação das hetarias, por isso que costumavam pagar-se por alto preço para exercerem no lar domestico o officio de concubinas, sem que a honestidade publica ou o pudor conjugal se indignassem por esta abominação.

Quanto aos jovens cidadãos, que, como Alcibiades, excitavam pelas suas graças corporaes e seductora physionomia as paixões ignobeis, em vez de serem humilhados eram pelo contrario exaltados. Nos jogos solemnes occupavam um logar de preferencia. Andavam vestidos de pannos riquissimos para chamarem a attenção e darem-se a conhecer, e recebiam a cada passo o ruidoso testemunho da immoralidade publica.

Eram estes os rivaes que as hetarias procuravam constantemente desthronar ou destruir, porque elles personificavam o triumpho da corrupção contra a qual as hetarias protestavam sem cessar. Quando Alcibiades se fez retratar, digamol-o assim, sob as suas duas phases, nu e recebendo a corôa nos jogos olympicos, nu e vencedor tambem no regaço da flautista Neméa, as hetarias de Athenas formaram uma liga para desterrarem aquelle Adonis, que lhes fazia uma terrivel concorrencia.

A's vezes limitavam-se a combater os seus adversarios com o desprezo e com o ridiculo.

N'um dialogo de Luciano, a auletrida Drose perdeu o seu amante Clinias.

—Aristhenetes, o mais infame dos philosophos, dizia ella, foi quem m'o arrebatou.

— Como! exclama Chelidonia, pois foi esse rosto enrugado e sombrio, essa barba de bode, esse homem que vemos passar no Pecile acompanhado sempre de rapazitos?!...

Drose então refere-lhe que Aristhenetes havia tres dias se apoderára do mancebo, um innocente, dizia ella, que o preverso seduziu com a promessa de o elevar á cathegoria dos deuses, e que n'este momento está prevertendo, obrigando-o a lêr os *Colloquios* obscenos dos antigos philosophos.

— N'uma palavra, concluiu ella, a fortaleza está sitiada.

— Animo! exclama Chelidonia, com enthusiasmo. Defendel-o-hemos até á ultima! Vou escrever no muro do Ceramico esta nova: — *O philosopho Aristhenetes é o corruptor de Clinias.*

As hetarias fugiam, pois, dos philosophos que corrompiam assim a mocidade, mas procuravam o trato e a sociedade dos que professavam uma philosophia menos hostil ás mulheres. Estimavam tambem muito os poetas e os auctores comicos, porque elles participavam de certo modo dos seus triumphos.

«Que seria Menandro sem Glycere? escreveu esta espirituosa hetaria ao grande comico grego? Onde encontrarias uma mulher como eu, que soubesse preparar-te as mascaras, que te désse os teus vestidos, que se apresentasse a tempo no proscenio para iniciar e dirigir convenientemente os applausos?»

Poetas e auctores comicos, tão pobres n'esse tempo como agora, não podiam pagar senão com versos os favores que se lhes concedia. Mas estes versos, pelo menos, davam celebridade áquella que os inspirava que, além d'isto, estava segura de escapar aos sarcasmos e satyras do poeta.

«Supplico-te, meu querido Menandro, escreve a mesma Glycere, que ponhas na serie das tuas comedias favoritas, aquella em que me fazes representar o principal papel, para que, se não puder acompanhar-te ao Egypto, me torne conhecida na côrte de Ptolomeu e este rei saiba o imperio que exerço sobre o meu amante.»

Esta comedia tinha por titulo o proprio nome da cortezã — *Glycere.*

Outras cortezãs tiveram ainda a velleidade de verem os seus nomes em titulos de comedias, e Anaxylas, Eubulo e outros poetas prestaram-se de bom grado aos caprichos das suas amadas.

Como os philosophos não tinham os mesmos meios de tornar illustres as suas bellas caprichosas e de lhes darem celebridade e a voga, não mereciam d'ellas tantos carinhos e attenções, e se não lhes celebravam os encantos, bem depressa ellas lhes voltavam as costas, sobretudo quando fallavam muito.

Thais escrevia a Eutydemo:

«Será, por ignorarmos a causa da formação das nuvens e a propriedade dos átomos, que nos consideras inferiores aos sophistas? Pois então saberás que tambem perdi o meu tempo a instruir-me nos segredos da philosophia, e a raciocinar talvez com tanta auctoridade como o teu mestre.»

Com estas palavras ousava Thais escarnecer nada menos do que de Aristoteles, accusando-o de ter tido uma aversão fingida ás mulheres.

«Pensas, acrescenta ella, que ha uma grande differença entre um sophista e uma cortezã? Se a houver, é apenas nos meios que empregam para persuadir, porque um e outro teem em vista o mesmo fim: — receber.»

Thais queria apostar com Eutydemo, que n'uma noite daria por terra com a austeridade ficticia da sua philosophia, e que obrigaria até o proprio Aristoteles a contentar-se com prazeres ordinarios.

As cortezãs andavam sempre em disputa com os philosophos, reconciliando-se com elles apenas para renovarem d'ahi a pouco as suas contendas. O grande argumento d'ellas contra a philosophia parece ter sido sobre tudo a sua indulgencia ou inclinação aos amores *extraordinarios.*

Se os philosophos não tinham a força de animo necessaria para resistir

aos attractivos de uma cortezã, não deve extranhar-se que os grandes homens da Grecia cedessem igualmente ás suas seducções. Pequeno foi o numero dos que se conservaram senhores de si em presença de todos os encantos da belleza, da graça, da instrucção e do talento. Até os mesmos reis costumavam pôr o seu diadema aos pés d'aquellas dominadoras, á imitação de Giges, rei da Lydia, que deplorando a morte de uma cortezã que elle julgava incomparavel, mandou erigir em honra d'ella uma pyramide tão alta, que se via de todos os confins do seu reino.

Entre os reis que as cortezãs gregas subjugaram com os seus encantos, citámos já os Ptolomeus do Egypto. Alexandre Magno, que tinha por concubina a atheniense Thais, legou, ao que parece, com o seu vasto imperio aos seus successores a predilecção pelas hetarias gregas e pelas flautistas jonias. Algumas d'estas favoritas mais habeis ou mais felizes que as suas companheiras, conseguiram casar vantajosamente. Assim, depois da morte de Alexandre, Thais a quem o heroe divinisara o seu amor, casou com um dos seus generaes, com Ptolomeu, que veio a ser rei do Egypto e que teve d'ella tres filhos. No emtanto as hetarias não eram aptas para procrear uma numerosa descendencia; geralmente eram estereis.

A historia, porém, menciona muitos homens illustres que foram filhos de cortezãs: Philetario, rei de Pergamo, era filho de Boa, flautista paphlagonia; o general atheniense Thimotheo, de uma cortezã thracia; Bion, philosopho, de uma hetaria lacedemonia; o grande Themistocles, de Abrotone, dicteriada da mais infima condição, *obolaria*, isto é, das que recebiam apenas um obolo pela satisfação dos appetites sensuaes dos homens da plebe.

CAPITULO XI

SUMMARIO

As hetarias philosophas.— A prostituição protegida pela philosophia.— Prostituição lesbia.— Prostituição socratica. — Prostituição cynica. — Prostituição epicurea. — Philosophia amorosa de Megalostrato, amante do poeta Alcman.—Sapho.— Cleis, sua filha.— Sapho *mascula*.— Ode saphica.—As discipulas de Sapho.— Amor desenfreiado de Sapho por Phaon.— Suicidio de Sapho.— O salto de Leucate.— A hetaria philosopha Leena, amante de Armodio e de Aristogiton.— O seu valor nos tormentos.— A sua morte heroica.— Os athenienses elevam um monumento á sua memoria.— A hetaria philosopha Cleonice.— Assassinio involuntario de Pausanias.— A hetaria Targelia.— Missão difficil e delicada de que a encarregou Xerxes, rei da Persia.— Seu casamento com o rei da Thessalia.—Aspasia.— O seu cortejo de hetarias.— A sua escola de rhetorica em Athenas.— Amor de Pericles por esta cortezã philosopha.— Crysilia.— Casamento de Pericles e Aspasia.— Socrates e Alcibiades, amantes de Aspasia.— Dialogo entre Aspasia e Socrates.— Poder de Aspasia sobre Pericles.— Guerras de Samos e de Megara.— Aspasia e a mulher de Xenephonte.—Aspasia accusada de atheismo por Hermipe.—Pericles ante o Areopago.—Absolvição de Aspasia.—Morte de Pericles.—Aspasia casa com um mercador de cereaes.— Crença dos pythagoricos sobre a alma de Aspasia.— A segunda Aspasia — O cynico Crates.— Paixão invencivel de Hipparchia por este philosopho.—Seu casamento.—Cynismo de Hipparchia.— As hypotheses d'esta philosopha. — Discipulos de Diogenes.— As hetarias pythagoricas.— A mathematica Nicarete, amante de Stilpão.— Philenis e Leontium, amantes de Epicuro.— Amor apaixonado de Epicuro por Leontium.— Carta d'esta cortezã á sua amiga Lamia.— Seu amor por Thimarco, discipulo de Epicuro.— O seu retrato pelo pintor Theodoro.— Os seus escriptos.—Sua filha Danae, concubina de Sophronio, governador de Epheso.— Morte de Danae.— Archeanasse, de Colophon, amante de Platão.— Bacchis, de Samos, amante de Meneclides.— Louvores das cortezãs pelos philosophos e poetas.



Temos que attribuir a origem e o progresso do hetarismo grego ás cortezãs, que se intitulavam *philosophas,* porque seguiam as lições dos philosophos e satisfaziam os seus desejos sensuaes. Estas cortezãs pozeram assim a prostituição sob a égide da philosophia, e todas as mulheres que, por temperamento, por cubiça ou por preguiça se abandonam ás desordens de uma vida impudica, podiam auctorisar-se com o exemplo de Sapho, Aspasia e Leontium.

Houve sem duvida um grande numero de hetarias que se distinguiram nas differentes escolas de philosophia. A historia, porém, não consagrou mais que dez ou doze nomes que representam por espaço de tres seculos o dogma e o culto do hetarismo, se estas palavras podem applicar-se ao systema philosophico da prostituição. Este systema a nosso vêr teve quatro fórmas ou phases distinctas, que chamaremos *lesbia, socratica, cynica* e *epicurica.*

Vê-se por estas denominações arbitrarias que Sapho, Socrates, Diogenes e Epicuro, são os patronos, se não os auctores, das doutrinas que as hetarias philosophas se encarregavam de estender pelo dominio das suas attribuições eroticas. Sapho sanccionou o amor das mulheres; Socrates, o amor espiritual; Diogenes, o amor grosseiramente physico e Epicuro o amor voluptuoso. Eram,

pois, quatro amores cuja progaganda tomaram a peito as cortezãs da philosophia, e que em seguida fazia proselytos em maior ou menor numero entre as hetarias familiares, ás quaes pertencia a direcção suprema dos prazeres publicos.

A mais antiga philosophia que deixou recordações na lenda das cortezãs gregas foi a de Megalostrate, de Esparta, que foi amante do poeta Alcman, e que philosophava, poetava e fazia amor 674 annos antes de Christo. A sua philosophia era puramente amorosa e póde ser considerada como o principio do epicurismo. Alcman, segundo a auctoridade de Atheneu, era o principe dos poetas eroticos, e como foi tambem o mais fogoso e incansavel *caçador* das mulheres (*erga mulieres petulantissimum*, diz a versão latina, que não é sufficientemente expressiva) comprehende-se que devia ser um dos mais famosos gastronomos da antiguidade. Passava á mesa os dias e as noites, tendo encostada a si Megalostrate que acompanhava com a sua doce voz o hymno do amor, entoado sem cessar pelo seu amante. N'um epigramma d'este poeta citado por Plutarcho, o jovial Alcman refere entre duas libações que se houvesse passado a vida em Sardis, patria de seus maiores, teria vindo a ser um pobre sacerdote de Cybele, dolorosamente mutilado, emquanto que, cidadão lacedemonio e amante de Megalostrate, era superior aos reis da Lydia.

Depois d'esta bella philosophia, que não impediu que o apaixonado Alcman morresse devorado de piolhos, ha uma especie de lacuna na philosophia erotica. Sapho, de Mytelene, inventa o amor lesbio e proclama-o superior áquelle a que até então tinham rendido culto as mulheres. Sapho nem sempre fôra d'esta opinião, porque na sua mocidade havia casado com um rico insular de Andros, chamado Cercala, de quem teve uma filha, que do nome de sua mãe se chamou Cleis. Enviuvando, porém, chegou a persuadir-se, por uma estranha aberração da imaginação e dos sentidos, que cada sexo devia concentrar-se em si mesmo e consumir-se n'um amor esteril.

Sapho era poetisa e philosopha ao mesmo tempo, e as suas poesias e discursos attrahiram-lhe um grande numero de partidarios, especialmente entre as mulheres, que escutaram demasiado as suas lições.

Ainda que Platão a tenha favorecido com o epitheto de bella, ainda que Atheneu repita este epitheto fiando-se na auctoridade do illustre philosopho, é mais provavel que Maximo de Tyro, que nol-a pinta negra e extremamente baixa, se conformasse com a tradição mais authentica. Ovidio descreve-a de outro modo, e a erudita Madame Dacier accrescenta ao retrato d'aquella illustre lesbia que tinha os olhos excessivamente vivos e brilhantes.

De resto, Horacio, dando-lhe o epitheto de *mascula*, repetido por Ausonio no mesmo sentido, conforma-se com a opinião geralmente seguida, de ser esta celebre poetisa hermaphrodita, como os factos parecem provar.

E' indubitavel que Sapho, filha de uma illustre familia de Lesbos e proprietaria de avultados bens de fortuna não se prostituia a preço de ouro. No emtanto tinha em sua casa uma escola de prostituição, onde as jovens do seu gyneceu aprendiam de tenra edade um emprego extra-natural dos seus nascentes encantos.

Inutilmente se pretende rehabilitar os costumes e doutrinas da celebre lesbia, philosopha e poetisa; basta a famosa ode que se encontrou nos fragmentos das suas poesias, para demonstrar aos mais incredulos que se a bella, ou horrenda Sapho não era hermaphrodita, era pelo menos tribade. Diz Lilio Gregorio Giraldi n'um dos seus dialogos: — *Diversis amoris est diffamata, adeo ut vulgó tribus vocaretur.*

Esta ode, obra prima da paixão hysterica, revela perfeitamente a abrasadora febre, o extase, a perturbação, a languidez, a desordem e até mesmo a derradeira crise d'essa paixão, mais delirante, mais desenfreada que todos os

outros amores. Ignora-se o nome da predilecta lesbia a quem a ode é dirigida. Vamos traduzir em prosa esta composição poetica para lhe conservarmos mais fielmente todo o colorido.

Eis a famosa ode:

«Feliz quem junto de ti, só por ti suspira! quem gosa o doce prazer de te ouvir fallar; quem merece um só dos divinos sorrisos dos teus labios! Nem os deuses na sua eternal felicidade podem igualar-te! Mal te vejo, sinto correr de veia em veia uma chamma subtil por todo o corpo, e nos doces transportes em que a alma se me perde não sei encontrar nem palavras nem voz! Tolda-me a vista uma nuvem confusa; nada ouço, mergulho-me em suave languidez, e pallida, sem alento, delirante, estremeço, caio e... morro!»

Tem havido quem pretenda attribuir a Phaon a honra dos sentimentos ou sensações que Sapho exprime n'esta ode verdadeiramente admiravel, que tanto nos faz deplorar a perda das suas obras. No emtanto desde o principio até ao fim d'esta ode é evidente que ella é dirigida a uma pessoa do sexo feminino. Temos de resignar-nos a não conhecer aquella a quem foi dedicada, que fazia parte, decerto, do pessoal da escola de Sapho, que teve por discipulas, amantes ou amadas Amictene, Atis, Anactoria, Telesila, Cidno, Eunica, Gongile, Anagora, Mnais, Phyrrina, Cirne, Andromeda, Megara, etc. Qualquer que seja a que inspirou a ode sublime, cuja conservação se deve ao rhetorico Longino, esta composição poetica que offerece uma descripção fiel e verdadeira do delirio saphico, foi recolhida pela sciencia medica da antiguidade como um monumento diagnostico d'esta affecção. Barthelémy, na sua *Viagem de Anacharsis,* limita-se a dizer que Sapho «amou as suas discipulas com excesso, porque não podia amar de outra maneira.» A natureza, effectivamente, tinha indicado n'ella o sexo masculino, desenvolvendo o feminino. O amor incestuoso de seu irmão Caraxo, a rivalidade que encontrou na cortezã egypcia Rodopisa e sobretudo o triumpho indiscutivel d'esta rival, levaram Sapho, segundo se diz, á investigação philosophica de outra maneira de amar.

Vivia, pois, em companhia das suas lesbias, esquecida de que os homens protestavam contra a sua escola, quando Venus lhe enviou Phaon em castigo da sua estranha aberração. Sapho amou-o apenas o viu, mas não podendo lograr que o seu amor fosse correspondido, atirou-se ao mar, cheia de desespero, do cume do rochedo de Leucade, para extinguir com a vida no meio das ondas a chamma da sua invencivel paixão!

Infelizmente havia já demasiadamente instruido as suas discipulas para que estas renunciassem aos seus primeiros amores, e a sua philosophia, que não era senão a quinta essencia do amor lesbio, nunca deixou de ter proselytos, principalmente entre as cortezãs. Algumas d'ellas para escaparem á seducção dos homens que julgavam amaveis, precipitaram-se tambem do despenhadeiro de Leucade, para se curarem de uma paixão, que Sapho considerava como uma vergonha e uma escravidão impropria de um espirito livre!

A escola de Sapho, por felicidade da especie humana, foi só uma excepção que não podia prevalecer contra o verdadeiro amor. A hetaria Leena, a philosopha, que não deve confundir-se com a favorita de Demetrio Poliorcetes, não havia sido prevertida pelo espirito de contradicção das lesbias e exercia franca e honrosamente, permittam-nos a palavra, o seu officio de cortezã em Athenas. Era amiga ou amante de Armodio e de Aristogiton e com elles conspirou contra o tyranno Pisistrato e seu filho Hippias, 514 annos antes da era moderna. Presa em consequencia d'isto, foi submettida á tortura para a obrigarem a revelar o segredo da conspiração e o nome dos seus cumplices. Ella, porém, para estar mais segura da propria fidelidade, cortou a lingua com os dentes e cuspiu-a no rosto dos seus verdugos. Crê-se que pereceu nos tormentos.

Para honrar a sua memoria, os athenienses erigiram-lhe um monumento

de bronze representando uma leôa sem lingua, que foi collocado á entrada do templo na cidadella de Athenas. Não é este o unico acto de valor das cortezãs gregas.

Outra philosopha, Cleonice, hetaria de Bysancio, havia-se tornado notavel pela sua belleza e por varios escriptos de moral, e a sua brilhante reputação designou-a á preferencia de Pausanias, filho de Cleombrotes, rei de Esparta. Este general ordenou que lhe levassem a bella philosopha para o distrahir das fadigas da guerra. Cleonice chegou de noite ao acampamento, quando Pausanias estava já a dormir. A cortezã não quiz que o acordassem, e mandando apagar as lampadas que ardiam na tenda, caminhou nas trevas ás apalpadellas até ao leito do principe que, acordando sobresaltado ao ruido de uma lampada, que ella deitou ao chão, julgou que algum assassino tivesse penetrado na tenda e tomando um punhal cravou-lh'o no seio.

Depois d'este erro fatal, todas as noites via o phantasma de Cleonice, que lhe censurava este involuntario assassinio. Em vão lhe supplicava Pausanias que se aplacasse e lhe perdoasse o seu funesto engano. A sombra annunciou-lhe que só se veria livre da sua sanguinolenta apparição, voltando para Esparta. Pausanias voltou effectivamente a esta cidade mas para morrer de fome no templo de Minerva, onde teve de se refugiar para escapar á vingança dos seus concidadãos, que o accusaram de traição (471 annos antes de Christo.)

A época das cortezãs havia começado na Grecia no tempo em que Cleonice enlaçava as seducções do amor com as lições da philosophia.

Outra philosopha da mesma especie, Targelia, de Mileto, foi encarregada de uma missão tão difficil como delicada por Xerxes, rei da Persia, que planeava a conquista da Grecia. Esta hetaria, tão notavel pelo seu talento e instrucção como pela sua belleza e encantos, servia de instrumento politico a Xerxes e devia ganhar-lhe muitas cidades inspirando amor aos chefes que as defendiam. Targelia conseguiu effectivamente realisar a primeira parte da sua galante missão, pois captivou successivamente quatorze chefes. No emtanto elles, se se deixavam prender nos laços da encantadora hetaria, não se prestavam a servir o rei da Persia. Este monarcha entrando na Grecia pelo desfiladeiro das Termopylas viu-se obrigado a tomar de assalto as cidades, cuja posse Targelia julgava ter-lhe assegurado. A hetaria a esse tempo havia já fixado a sua residencia em Larissa, onde o rei da Thessalia a desposou. Targelia deixou então de ser hetaria, mas nunca abandonou a philosophia.

O alto destino d'esta cortezã excitou a ambição de outra mulher de Mileto, que bem depressa a eclipsou na carreira das lettras e da fortuna. Aspasia, oriunda de Mileto, como Targelia, depois de ter sido dicteriada em Megara, casou com Pericles, illustre chefe da republica de Athenas.

Aspasia tinha vindo para esta cidade ahi pelo meiado do seculo V antes da era moderna, com um brilhante cortejo de bellas hetarias, que ella mesma havia educado e cujas operações habilmente dirigia. Estas hetarias não eram escravas estrangeiras aptas tão sómente para a sensualidade, mas sim jovens gregas de condição livre, instruidas na philosophia que professava a sua eloquente mestra e além d'isso iniciadas nos mysterios da mais refinada galanteria. Aspasia tinha meios de seducção sempre preparados para todas as circumstancias, mas exercia por meio das suas discipulas a influencia que ella não se dignava tirar dos seus proprios recursos. Pouco tempo depois abriu uma escola publica e começou a dar lições de rhetorica, sendo seus discipulos ou admiradores os cidadãos mais notaveis.

Pericles, que se tinha enamorado da gentil philosopha, attrahiu á sua escola não só os generaes, oradores, poetas e outros homens eminentes da republica, mas até as mulheres e filhas dos cidadãos, que pelo seu amor á rhetorica, eram indulgentes com o resto.

Estas mulheres honestas iam alli para a ouvirem fallar, diz Plutarcho atravez da singela traducção de Jacques Aymot, esmoler de Carlos IX e bispo de Auxerre «bem que tivessse uma vida bem pouco honesta, pois tinha em sua casa jovens licenciosas que commerciavam com o seu corpo.» Aspasia, reconhecida ás finezas de Pericles, acolhia-o com extrema benevolencia, e acabou de enfeitiçar o grande homem, que a amou com verdadeira paixão e que não era indifferente aos incentivos de libertinagem que lhe preparava.

Aspasia apparecia em toda a parte, no tribunal, no lyceu, no theatro, nos passeios, como uma rainha rodeada da sua côrte, e que além d'isso havia creado outro imperio menos vulgar, mas em todo o caso menos difficil de supportar que todos os outros. Era ella quem dava as leis da moda aos athenienses de ambos os sexos, em tudo o que dizia respeito aos vestidos, á linguagem, ás opiniões e até mesmo aos costumes, pois que fez do hetarismo uma profissão honrosa, tirando-lhe por assim dizer a sua mancha original. Viu-se então muitas jovens gregas, ainda mesmo de elevada posição social, descer da classe de cidadãs á de cortezãs, proclamando-se philosophas a exemplo de Aspasia.

Antes de ter conhecido esta celebre cortezã, Pericles unira-se em matrimonio legal com Crisila, filha de Theleu, de Corintho. Logo, porém, que conheceu a philosopha, a quem chamavam nas tabernas de Athenas a *dicteriada de Megara*, o seu pensamento dominante foi quebrar os laços que o prendiam a sua legitima esposa. Chegou até a convencel-a a consentir no divorcio, e apenas este se realisou, casou em segundas nupcias com a famosa cortezã.

Pericles estava muito enamorado da formosa Aspasia, mas não era muito propenso a ciumes, e consentia que sua esposa tivesse relações de bastante intimidade com Socrates e Alcibiades, que a tinha possuido antes d'elle. «Nunca ia para o Senado, diz Plutarcho, nem recolhia a casa sem dar um beijo na sua Aspasia.» Os commentadores não se dignaram fallar mais desenvolvidamente d'estes beijos quotidianos de ida e volta, suppondo-os provavelmente tão ternos como Pericles era capaz de os dar. Apenas o grande homem sahia, Aspasia ficava só com Alcibiades e Socrates, e consta que não se consagrava exclusivamente á philosophia, durante esta ausencia de seu esposo. A conversação versava ordinariamente entre estes philosophos sobre assumptos eroticos, e causa verdadeiramente lastima o saber-se que aquella mulher encantadora não só permittia mas até mesmo animava os dois philosophos ás desordens mais repugnantes!

Platão conservou-nos um fragmento de dialogo entre Aspasia e Socrates, cuja traducção a decencia nos prohibe.

Quando Aspasia manifestou mais ostensivamente o seu poder e influencia sobre o animo de Pericles, foi obrigando-o a fazer a guerra aos Samios e Megarenses. N'estas duas guerras, Aspasia acompanhou seu esposo, sem se separar do seu cortejo de hetarias. A guerra de Samos foi apenas para ella uma especie de questão de patriotismo em favor da sua cidade natal. Aspasia não queria que os samios, que a esse tempo estavam em guerra com os de Mileto se apoderassem d'esta cidade, patria da celebre cortezã, que prometteu soccorrer os seus compatriotas e que soube cumprir a sua palavra. A causa da guerra de Megara foi muito menos honrosa. Tendo Alcibiades ouvido celebrar os encantos de Symeta, cortezã de Megara, foi a esta cidade com alguns libertinos seus amigos, e roubou a cortezã dizendo que praticava este rapto por ordem de Pericles. Os megarenses usaram immediatamente de represalias e foram roubar as hetarias de casa de Aspasia. A cortezã queixou-se amargamente a seu marido d'esta affronta, e a guerra foi declarada.

A guerra de Megara foi o principio da do Peloponeso. Por si propria e auxiliada de bom grado pelas suas hetarias, Aspasia effeminava a coragem dos capitães do exercito, especialmente no cerco de Samos, onde estas cortezãs obti-

veram tão forte colheita de interesses, que deram graças a Venus, erigindo-lhe um templo ás portas d'esta cidade, que ainda assim não resistiu por muito tempo ao exercito de Pericles. Esta dupla guerra, por mais gloriosa que fosse, custou muito sangue e dinheiro, e augmentou consideravelmente o numero dos inimigos de Aspasia, que chegaram ao cumulo da indignação contra a cortezã. As mulheres honestas irritavam-se e com razão, vendo-se despresadas por causa das cortezãs que sabiam agradar melhor do que ellas, e accusavam Aspasia e as suas companheiras de preverterem os homens e prejudicarem gravemente o amor legitimo. Um dia Aspasia encontrou-se com a mulher de Xenophonte, que se queixava mais alto do que todas as outras, e detendo-a por um braço disse-lhe sorrindo:

— Se o ouro da tua visinha fosse melhor do teu, qual preferirias, o teu ou o d'ella?

— O d'ella, respondeu cheia de rubor aquella virtude austera.

— Se os seus vestidos e as suas joias fossem mais ricos do que os teus, continuou Aspasia, preferirias tambem os d'ella?

— Sim, respondeu a matrona sem hesitar.

— Agora dize-me: E se o marido d'ella fosse melhor do que o teu, não o preferirias tambem?

A esposa de Xenophonte envolveu-se no seu manto e retirou-se sem dar resposta.

No emtanto, as inimizades de Aspasia augmentavam de dia para dia em numero e em intensidade. Poetas comicos, comprados ou seduzidos, insultavam-na no theatro, chamando-a *nova Omphale*, e *nova Dejanira,* para manifestarem d'este modo o damno que ella causava a Pericles. Cratino chegou a chamar-lhe *concubina impudica e desvergonhada,* e Hermippes, outro poeta, accusou-a de atheismo ante o Areopago, accrescentando, diz-nos o Plutarcho de Aymot, que servia de alcoviteira a Pericles, recebendo em sua casa raparigas do povo, das quaes elle abusava.

A accusação seguiu os seus tramites e Aspasia compareceu ante o Areopago, onde inevitavelmente teria sido condemnada á morte, se o proprio Pericles não fosse defendel-a. Não pronunciou, porém, nenhum d'aquelles seus elegantes e patheticos discursos, que lhe conquistaram a reputação de um dos mais celebres oradores gregos. Tomou-a nos braços e cobriu-a de beijos, sem encontrar para a defender outro argumento além das suas lagrimas, mas estas lagrimas tiveram uma eloquencia salvadora. A accusada foi absolvida pela muda eloquencia de seu esposo.

A mesma accusação envolveu os seus amigos, o philosopho Anaxagoras e o esculptor Phydias, sem que Pericles pudesse eximil-os da sentença a que foram condemnados, apesar das lagrimas de Aspasia.

Morto Pericles, Aspasia pouco tempo se conservou fiel á memoria do grande homem que a havia rehabilitado, e deu-lhe por successor um grosseiro mercador de cereaes, chamado Lysicles, a quem ella propria teve de polir e perfumar. Não obstante isto, continuou a seguir o hetarismo, a philosophia e a rhetorica, morrendo pelo fim do seculo v antes de Christo.

O nome de Aspasia ainda mesmo depois da morte da cortezã continuou a despertar enthusiasmo em toda a Grecia.

Acreditavam piamente os pythagoricos que no bello corpo de Aspasia se alojara a alma de Pythagoras, e que o espirito do mestre, ao sahir do corpo da cortezã, fôra ainda animar o de Crates, philosopho cynico. O nome da famosa hetaria percorrera toda a Asia, e a concubina de Cyro, o Moço, governador da Asia-Menor quiz tambem chamar-se Aspasia, em memoria da celebre philosopha a quem procurava imitar. Esta segunda Aspasia, não menos notavel pela sua belleza e talento, herdou a celebridade da sua homonyma e com-

partilhou alternativamente o leito dos reis da Persia, Artaxerxes e Dario. Era natural da Phocea, e antes de adoptar o nome de Aspasia tinha tido o de *Milto,* que queria dizer *Romã*, por causa da côr da sua pelle fresca e esplendida.

Uma vez que a primeira Aspasia graças á metempsycose se havia transformado no feio e asqueroso Crates, não é para extranhar a preferencia que a philosopha Hipparchia dava a este philosopho cynico, que vivia como um cão, 350 annos antes de Christo. Hipparchia pertencia a uma boa familia de Athenas, não podia chamar-se feia, e tinha uma grande intelligencia e uma instrucção muito variada. Um dia ouviu fallar o philosopho, que discorria com grande proficiencia sobre os arcanos da philosophia, e namorou-se loucamente d'elle, declarando a seus paes que estava disposta a entregar-se ao amor de Crates. Por maiores que foram as ameaças, as admoestações e os castigos até, da sua familia, Hipparchia não perdeu a sua fatal mania. Em presença de tamanha obstinação, os paes da allucinada donzella foram ter com o philosopho e supplicaram-lhe que tivesse a generosidade de curar aquella pobre rapariga, o que elle prometteu de boa fé, segundo parece. Para isso teve uma entrevista com Hipparchia, na qual esgotou todos os recursos da sua eloquencia, e quando viu que as suas razões e conselhos nenhuma efficacia tinham para com aquella insensata philosopha, fallou-lhe da sua grande pobreza e até mesmo da sua deformidade, porque era corcovado, e para melhor a convencer chegou a tirar o manto, mostrando-se-lhe tal qual a natureza o havia feito.

—Aqui tens o esposo que te espera, disse-lhe o philosopho. Lembra-te ao mesmo tempo que o bastão a que me encosto e o sacco em que trago a comida de cada dia são os unicos moveis e riquezas que encontrarás em minha casa. Pensa, n'isto, e não esqueças sobre tudo que nunca poderás ser minha esposa sem acceitares a vida que prescreve a nossa seita.

Hipparchia respondeu-lhe que estava disposta a tudo e que a sua resolução era inabalavel. Crates teve, pois, de a acceitar por esposa, e em presença de todo o povo, que a noticia d'este espantoso successo havia reunido, celebrou o seu matrimonio no Pecile.

Desde então Hipparchia seguiu todos os passos de Crates vagueando com elle por toda a parte, assistindo até aos festins contra o costume das mulheres «e pagando-lhe sem o menor escrupulo nas ruas o debito conjugal» segundo a expressão de Bayle, porque isto era uma das prescripções da philosophia cynica. Santo Agostinho, na sua *Cidade de Deus*, põe em duvida esta obscenidade, dizendo, segundo a traducção do venéravel Lamothe Levayer, preceptor do irmão de Luiz XIII de França, «que não podia crer que Diogenes e os philosophos da sua escola, que segundo se conta faziam em publico as acções mais deshonestas, tivessem n'isto verdadeiro deleite ou sensualidade; pelo que suppunha que estes philosophos não faziam mais de que imitar debaixo do manto esfarrapado com que se cobriam os movimentos proprios d'essas acções obscenas, para d'este modo se imporem á vista dos espectadores.» Seja como fôr, o que é fóra de duvida é que as bodas de Crates e Hipparchia se immortalisaram pelas cynogamias que os cynicos de Athenas celebravam do mesmo modo debaixo das arcadas do Pecile.

Hipparchia era ainda mais cynica do que o proprio Crates, e nada havia capaz de a fazer córar. Um dia, n'um banquete, propoz um sophisma, que o atheu Theodoro resolveu, levantando-lhe a tunica e unindo-se a ella, segundo a expressão um tanto arriscada de que se serve Menage para traduzir Diogenes-Laerce. Hipparchia não se moveu e deixou-o resolver o sophisma á sua vontade. Quando o atheu acabou a sua animada demonstração, Hipparchia perguntou-lhe com a maior serenidade:

—E depois? Que prova isso?...

Parece que a philosophia de Diogenes não teve grande prestigio entre as

cortezãs, pois segundo a energica expressão de um poeta grego «não fez baixar o preço dos perfumes.» No emtanto, Hipparchia teve discipulas que seguiam o seu infame exemplo, fazendo pelo seu desaforo córar as proprias dicteriadas.

Esta cynica escreveu muitas obras de philosophia e de poesia, entre outras epistolas, tragedias e um tratado sobre as hypotheses, o que fez dizer a uma hetaria: «Tudo n'essa philosophica, até o amor, não passa de hypothese.» No texto grego ha n'esta expressão um trocadilho de palavras muito livre que melhor póde fazer comprehender etymologia.

Como cortezã, Hipparchia não teve prestigio fóra do mundo cynico, pois que o retrato que o philosopho Aristipes nos deixou dos discipulos de Diogenes, dá das mulheres d'esta seita uma ideia muito desfavoravel: «Não haverá bastante razão, diz o philosopho, para nos rirmos d'estes homens que fazem consistir a sua vaidade no comprimento das barbas, no nodoso bordão a que se encostam, e no manto esfarrapado debaixo do qual occultam a mais asquerosa sujidade e todos os vermes que n'ella se comprazem? Que direi das suas unhas que se assimilham ás garras de um animal feroz?»

Os pythagoricos, apesar dos preceitos de Socrates, andavam mais limpos e mais bem vestidos. As hetarias que se consagravam a estes philosophos, a quem prestavam um decidido auxilio, nada tinham de repugnante no seu aspecto exterior, e apesar das occupações philosophicas, tinham tempo sufficiente para cuidarem das cousas materiaes. Estas hetarias não odiavam tambem o luxo, principalmente as hetarias de Epicuro. Antes d'elle, Stilpão, philosopho de Megara, que viveu no meiado do seculo quarto antes de Christo, tinham tambem introduzido as hetarias na seita dos estoicos, ainda que esta seita considerasse a virtude como o primeiro dos bens. Stilpão começou por ser libertino, e conservou sempre alguma cousa d'esta inclinação para a licença, apesar mesmo de recommendar a seus discipulos que soubessem refrear as suas paixões. O fundo da sua doutrina era a apathia e a immobilidade.

Nicarete, amante do philosopho, que não deve confundir-se com outra cortezã homonyma, mãe da celebre Neera, protestava contra similhante doutrina, e dividia o seu tempo entre as mathematicas e o amor.

Filha de paes honrados e respeitaveis, que lhe deram uma educação aprimorada, de tal modo se apaixonou pelos problemas geometricos, que não recusava os seus favores a qualquer que lhe proposesse uma solução algebrica. Stilpão ensinou-lhe apenas a dialectica, mas outros philosophos não se descuidaram de lhe ensinar as propriedades das dimensões, que são objecto das mathematicas. Stilpão embriagava-se com frequencia e adormecia, mas os mestres de Nicarete estavam sempre bem acordados e sabiam aproveitar o tempo. Uma seita philosophica que tinha proselytos entre as hetarias estava sempre em grande voga. Se a mathematica Nicarete prestou grandes serviços aos estoicos, Philenis e Leontium não foram menos uteis aos epicureos.

Philenis, discipulo e amante de Epicuro, escreveu um tratado sobre physica. Era de Leucade esta celebre philosopha, mas não precisou de dar o salto mortal do despenhadeiro a exemplo da immortal Sapho, porque nunca teve rasão de queixa da frieza dos seus amantes, tendo á sua disposição a juventude de Epicuro. Leontium só conheceu este philosopho na sua velhice, sem que elle por isso deixasse de amal-a, e de tal modo que se via muito embaraçada para pagar-lhe amor com amor. «Triumpho, minha rainha, dizia-lhe elle em resposta a uma das suas cartas. De que prazer me sinto possuido ao ler a tua bella epistola!» Diogenes Laerce não citou por desgraça mais do que este brevissimo proemio de correspondencia epistolar. Emquanto ás cartas de Leontium, só resta uma dirigida á sua amiga Lamia, e póde inferir-se d'ella que o velho Epicuro tinha mais de um rival triumphante. As suas suspeitas e zelos estavam, pois, bem justificadas. Leontium admirava o philosopho, mas aborrecia o velho.

«Invoco o testemunho de Venus, escrevia ella á celebre corteză. Se Adonis pudesse descer á terra e apparecesse aqui com oitenta annos em cima e os achaques proprios d'esta edade, os vestidos immundos e mal cheirosos e toda a miseria inherente á immundicie, como o meu Epicuro, o proprio Adonis me pareceria insupportavel.»

Epicuro tem ciumes e com razão de um dos seus discipulos, de Thimarco, joven cephysio, predilecto de Leontium.

«Thimarco, diz ella na mesma carta que estamos extractando,— foi quem primeiro me iniciou nos mysterios do amor. Vivia perto de mim e creio que foi elle que obteve as primicias dos meus favores. Desde então nunca deixou de encher-me de presentes. Joias, tunicas, dinheiro, escravas, tudo me prodigalisou.»

Epicuro não é menos generoso, mas está longe de ser tão amavel e é de uns ciumes insupportaveis, e depois, se Thimarco soffre sem se queixar a rivalidade do mestre, este não póde perdoar-lhe o ser joven, bello e amado. Por isso o velho philosopho encarrega os seus discipulos Hermaco, Metrodoro e Polyenos de vigiarem os dois amantes e de os impedirem de ficar a sós.

—Que fizeste, Epicuro? pergunta Leontium, procurando tranquillisal-o, para que te expões assim ao ridiculo? Esses teus ciumes virão a ser o assumpto de todas as conversações publicas e das zombarias do theatro, e até os sophistas se rirão de ti.

Mas o velho não quer ouvir razões e exige que Leontium não ame mais ninguem senão a elle.

—Juro por Diana, exclama Leontium perdendo de todo a paciencia, que se Athenas estivesse cheia de Epicuros ou de homens similhantes a Epicuro, e todos elles namorados de mim, eu trocaria de bom grado todos elles por uma unha só do corpo de Thimarco!...

E Leontium foi pedir a Lamia um asylo onde estivesse ao abrigo dos furores e das ternuras de Epicuro.

De resto, a corteză não se privava de distracções, pois tinha ao mesmo tempo outro amante, o poeta Hermesianax, que compoz em honra d'ella uma historia dos poetas enamorados, onde Leontium tinha o logar de honra. Esta corteză, porém, occupava-se mais da philosophia do que da poesia, e por isso só se achava perfeitamente á vontade nos deliciosos jardins de Epicuro, onde se prostituia publicamente com todos os discipulos do seu veneravel amante e mestre, ao qual concedia tambem os seus favores diante dos seus discipulos, segundo o testemunho de Atheneu, a quem devemos estes pormenores.

Não podemos acertar com a razão que levou o pintor Theodoro a representar Leontium n'uma attitude meditabunda: *Leontium Epicuri cogitantem,* diz Plinio que faz o elogio d'este celebre retrato. Ella não se limitava a fallar sobre a doutrina de Epicuro e escrevia obras notaveis pela elegancia do estylo. A que redigiu contra o sabio Theophrastes fazia a admiração de Cicero, que deplorava encontrar tanto atticismo procedendo de uma origem tão impura. Pretende-se que a doutrina do mestre veio emfim a tornal-a mãe, e que sua filha Danae, que ella attribuia a Epicuro, nasceu debaixo dos platanos do jardim d'este philosopho, o qual apesar dos seus annos tinha todo o ardor amoroso da juventude. Diogenes Laerce cita esta carta do philosopho, comparavel á ardente ode de Sapho.

«Devora-me o desejo, não posso resistir ao fogo que me consome. Espero com impaciencia o momento em que venhas trazer-me uma felicidade digna dos deuses.»

Esta epistola do velho philosopho não é dirigida a Leontium, mas sim a Pythocles, um dos seus discipulos. Não obstante estas fraquezas com Pythocles e Leontium, tem-se pretendido fazer de Epicuro o mais casto e virtuoso dos

philosophos. Leontium sobreviveu ao pae do epicurismo e florescia ainda no meiado do seculo terceiro antes da era moderna.

Sua filha Danae não morreu como cortezã, apesar de como tal haver vivido. Nas vicissitudes da sua existencia veio a ser concubina de Sophronio, governador de Epheso, que não a impediu de continuar a cultivar a philosophia epicurea. Sophronio amava-a com delirio, sem que Laodicéa, sua esposa legitima, tivesse zelos d'ella, antes pelo contrario a escolheu para confidente e para amiga. Um dia cahiu em confiar-lhe o segredo de haver contratado assassinos para que ambas ficassem de uma vez livres do esposo e do amante. Danae foi immediatamente avisar do perigo a Sophronio, que apenas teve tempo de fugir para Corintho. Laodicêa, furiosa por lhe ter escapado a sua victima, deu largas a toda a sua colera contra Danae, e ordenou que a pobre mulher fosse precipitada do alto de um rochedo. Danae, medindo com a vista a altura do precipicio, disse com amargura:

— Oh deuses! com razão se nega a vossa existencia. Eu morro tão desastrosamente por ter querido salvar a vida do homem que amava, e Laodicêa, a infame Laodicêa que queria assassinar o esposo, viverá rodeada de honras e glorias!...

Taes foram as principaes philosophas que illustraram o hetarismo grego, dando o prestigio da sciencia, o attractivo do talento e uma razão de ser, digamol-o assim, á prostituicão. Elevaram-se á cathegoria de mestras da philosophia pela palavra e pelo estylo. A sua gloria eclipsou o nome de muitas outras cortezãs que frequentando o tracto dos poetas e philosophos, não se elevaram a este esplendor do talento e da sciencia. Platão teve por amante Archeanasse, de Colophon; Meneclides, Bacchis, de Samos; Sophocles, Archippa, Anthagoras, Bedion, etc.; mas estas amaveis hetarias contentaram-se de brilhar nas cousas da sua profissão, sem procurarem apropriar-se do genio dos seus amantes, como Prometheu do fogo sagrado. O que é certo é que poetas e philosophos entoaram os louvores das cortezãs, contribuindo assim para a celebridade das que pertencem á historia.

CAPITULO XII

SUMMARIO

As familiares dos homens illustres da Grecia.—Amor de Platão á velha Archeanasse.—As rugas d'esta velha hetaria.—A hippica Plangona.—Pamphylia.—Sua singular offerenda a Venus.—Sua academia de equitação.—Venus Hippolytia.—Rivalidade de Plangona e de Bacchis.—Procles de Colophon.—Generosidade de Bacchis.—O collar das duas amigas.—Archippa e Theoris, amantes de Sophocles.—Hymno de Sophocles a Venus.—Theoris condemnada á morte, em virtude da accusação de Demosthenes.—Aristophanes, rival de Sophocles.—Theodota, dom de Deus.—Socrates, sabio conselheiro dos amores.—Desdens de Archippa para com Aristophanes.—Vingança de Aristophanes.—Os *Aguaceiros.*—Morte de Socrates.—Lamia e Glycere, amantes de Menandro —Comedias em honra das cortezãs.—O poeta Anthagoras e a avida Bedion.—Lagida, ou a Negra e o rhetorico Cephalo.—Coryde e Aristophonte.—Phyla, concubina de Hipperides.—As amantes d'este orador.—Euthyas, accusador de Phryné.—Isocrates e Lagisca.—Herpiles e Aristoteles.—A escrava Nicerate e o rhetorico Estephanes.—A impudica Neera.—Nais e Oia.—A hetaria Bacchis.—Esforços d'esta cortezã para salvar a sua companheira Phryné da accusação de Euthyas.—Sentimento que causou a sua morte.—Desespero de Hipperides, seu amante.—A excellente Bacchis.—Honrados costumes da cortezã Pythias.—Exemplo de ternura dado pela cortezã Theodata por occasião da morte de Alcibiades, seu amante.—A hetaria Medontis, de Abydos.—As quadrigas de Themistocles.—A velha cortezã Themistonoe.—Caprichos de Nico, cognominada a *Cabra.*—Epigrammas da cortezã *Mania,* vulgarmente chamada *Abelha.*



UASI TODOS os homens eminentes da Grecia se jungiram como Pericles ao carro das cortezãs. Cada orador e cada poeta tiveram a sua hetaria familiar. No emtanto, se bem que as mulheres que assim se consagravam ás lettras e á eloquencia não tinham outro fim senão a celebridade, é certo que muitas d'ellas se enganaram na sua esperança, por isso que os seus amantes apenas as celebraram em obras que pouco sobreviveram ás circumstancias, ou que pelo menos não chegaram aos nossos dias. Poucos pormenores ficaram da vida d'estas hetarias, emquanto que conhecemos e apreciamos os nomes dos seus adoradores, nomes que nunca se apagarão da memoria dos homens, por isso mesmo que estão vinculados aos fastos de uma das mais notaveis civilisações do mundo antigo. Parece que os homens eminentes, que não se pejavam de amar estas mulheres e de arrastarem a seus pés o seu talento e a sua celebridade, recearam comprometter-se para com a posteridade, fazendo-se arautos da prostituição e dos vicios que d'ella dimanam.

E' muito possivel tambem que as cortezãs preferidas pelos mestres da litteratura grega não tivessem outros meritos além da honra d'esta preferencia e da sua belleza material. Não é só dos nossos dias esta fraqueza de se dar toda a preferencia a uma bella estatua, e de nos preoccuparmos muito mais com as sensações do que com os sentimentos. Entre os gregos, mais do que n'outro povo qualquer, a mulher era sobretudo notavel pela perfeição das fór-

mas, e havia no seu corpo harmonioso mais seducções mudas do que em todos os encantos que o espirito e o coração poderiam communicar-lhe á doçura da voz e aos attractivos de uma conversação agradavel e recreativa. Podemos, pois, concluir de tudo isto que as amantes dos poetas, dos oradores e dos sabios eram apenas preferidas por serem extraordinariamente bellas e voluptuosas.

No emtanto, Platão desceu da sua austeridade philosophica á futilidade de compôr versos a respeito das rugas da sua Archeanasse, a quem amava perdidamente apesar mesmo d'estas rugas da edade.

Tão celebre, pelo menos, como a velha Archeanasse de Platão, foi a cortezã Plangona, de Mileto, cuja belleza não tinha rival. Plangona triumphava de todas as suas companheiras, roubando-lhes os amantes. Foi assim que soube conquistar com os seus encantos os adoradores das suas duas amigas, Philenis e Bacchis, e orgulhosa d'este duplo triumpho offereceu a Venus um chicote e umas redeas com esta inscripção allegorica: «Plangona dedica este chicote e estas redeas e as colloca sobre a porta da sua academia, onde ensina a montar a cavallo, depois de ter vencido com um só corcel a guerreira Philenis e com outro a poderosa Bacchis. Venus amavel, concede a Plangona o favor de alcançar para o seu triumpho a immortalidade!»

N'estes versos da inscripção, compostos por um poeta doidamente enamorado da cortezã, compara-se a carreira amorosa com o brilhante estadio em que se celebravam as carreiras equestres.

Plangona foi menos celebre pelos seus costumes hippicos do que pela sua rivalidade com Bacchis. Esta formosa hetaria de Samos, a mais affavel e bondosa das cortezãs, tinha por amante Procles, de Colophon, que a abandonou cruelmente para ir jungir-se ao carro triumphal da soberba Plangona. No emtanto, esta ultima sabendo quem era a sua rival não quiz a principio escutar as ternas supplicas de Procles, que lhe offerecia o sacrificio de todos os seus affectos, inclusivè o do seu amor por Bacchis.

— Pede-me uma prova d'este amor que te consagro, dizia-lhe Procles, e dar-te-hei essa prova, embora me custe a vida.

— Pois bem, respondeu Plangona, rindo-se. Dá-me o collar de Bacchis.

Este collar de perolas não tinha igual no mundo. Todas as rainhas da Asia o invejavam á cortezã, que o trazia constantemente. Procles desesperado foi procurar Bacchis, confessou-lhe chorando que estava perdidamente apaixonado e que Plangona não lhe déra a menor esperança, a não ser que elle lhe désse o riquissimo collar. Bacchis tirou-o sem dizer palavra e pôl-o nas mãos de Procles, que hesitou um instante em presença de tão inaudita bondade, mas afinal, cego pela sua paixão desordenada, fugiu com o collar, como um ladrão que o tivesse roubado.

No dia seguinte Plangona, admirando a generosidade da sua amiga, enviava-lhe o collar acompanhado d'estas palavras: — «Restituo-te o collar, oh Bacchis! A'manhã te devolverei tambem o teu amante.»

Depois d'isto, as duas cortezãs tiveram uma pela outra a mais profunda estima. Era tão intima a sua amizade, que se serviam em commum do collar e do amante. Quando se via Procles entre as suas duas amantes, costumava dizer-se: «Alli vae o collar das duas amigas.»

Voltemos ás hetarias dos grandes homens da Grecia.

Sophocles, o velho Sophocles, teve duas, Archippa e Theoris. Esta ultima era sacerdotisa nos mysterios de Venus e de Neptuno, e passava tambem por feiticeira, porque se dava á composição de philtros. Desprezara, segundo se contava, o amor do grande Demosthenes para lisongear o orgulho de Sophocles, que dirigiu a Venus este hymno:

«Oh deusa! Ouve as minhas supplicas. Torna Theoris insensivel ás caricias d'essa ardente mocidade que tu patrocinas! Dá alguns attractivos aos meus

velhos cabellos brancos! Concede, oh Venus! que Theoris prefira este velho. As minhas forças estão quasi esgotadas, mas no emtanto os meus sentidos concebem ainda desejos!...»

Demosthenes, para se vingar dos desdens da bella sacerdotisa, accusou-a de ter aconselhado os escravos a enganarem os seus senhores e foi condemnada á morte. Parece que Sophocles não se encarregou da defeza da infeliz Theoris, talvez porque a esse tempo já amasse Archippa, que abandonou por seu respeito o moço Smicrines. «E' um mocho, dizia este amante despeitado. Só está bem junto das sepulturas.» E' verdade que aquella sepultura encerrava um thesouro, porque Sophocles, que morreu centenario, deixou todos os seus bens á amavel e bella Archippa.

Não era menor o imperio das cortezãs sobre a comedia do que sobre a tragedia. Aristophanes foi o rival de Socrates e teve uma desgraçada paixão pela amante d'este philosopho, a qual se denominava Theodota, isto é, *Dom de Deus*. Esta famosa hetaria tinha recebido lições de Socrates, que a si proprio se denominava o *sabio conselheiro dos amores*. Bella e seductora como era, a cortezã apaixonara-se d'aquelle nariz romano e d'aquella formosa calva do philosopho, e um dia foi pedir-lhe que lhe concedesse um logar entre as suas amantes e discipulas.

— Dá-me um philtro, disse-lhe ella suspirando, que possa fazer com que te sintas attrahido para mim.

— Eu não quero ser attrahido por ti, respondeu-lhe Socrates. Quero que tu venhas ter comigo.

— Irei com o maior prazer, se consentires em receber-me.

— Receber-te-hei, se não estiver a meu lado uma pessoa a quem eu ame mais do que a ti.

Theodota escolheu a occasião opportuna. Socrates estava só.

O philosopho continuou a dar-lhe excellentes conselhos relativos ao seu modo de vida de cortezã, ensinando-lhe o meio de conservar por muito tempo os seus amantes, trazendo-os sempre apaixonados. N'este meio tempo, rebentou como uma tempestade o odio de Aristophanes, occasionado pelos desdens de Theodota. O terrivel poeta suspeitou que Socrates tinha aconselhado esses desdens á cortezã, e em vez de vingar-se d'ella, vingou-se de Socrates, fazendo representar a sua comedia os *Aguaceiros,* em que tão cruelmente atacava o philosopho. Esta comedia foi causa do processo em que Socrates foi condemnado a beber a cicuta. Theodota chorou a gloriosa victima de Aristophanes. «As tuas riquezas são os teus amigos, dissera-lhe o philosopho da primeira vez que ella fôra visital-o. A amizade é a mais preciosa e a mais rara das riquezas.» Theodota não quiz nunca admittir no numero dos seus amigos o inimigo, o accusador e o verdugo de Socrates.

O poeta Menandro, cujas comedias não eram tão satyricas como as de Aristophanes, foi sempre muito bem acolhido pelas cortezãs. Lamia e Glycere disputaram á porfia a gloria de o terem por amante. Uma d'estas cortezãs era a celebre concubina de Demetrio Poliorcetes, a outra, de Harpalo, rei de Pergamo. Tem sido largamente discutida a circumstancia d'este poeta haver precedido os dois principes na posse das suas favoritas.

«Menandro é de um temperamento excessivamente amoroso, escrevia Glycere a Bacchis, cuja rivalidade muito receiava,— e o homem mais austero não se livraria facilmente da seducção da tua belleza. Não me accuses, se concebo suspeitas injustas, e perdoa-me, querida, as inquietações que me causa o amor. Considero como a maior de todas as felicidades ter Menandro por amante, porque, bem vês, minha amiga, que se me malquistasse com elle, se o seu amor para comigo resfriasse, eu estaria muito arriscada a vêr-me exposta no tablado do theatro ás vaias e sarcasmos insultantes dos Cremes e Diphyles!»

Glycere amava verdadeiramente a Menandro, e o poeta tão perdidamente a amava tambem, que para não a deixar, recusou as brilhantes propostas de Ptolomeu, rei do Egypto, que em vão procurava attrahil-o á sua côrte.

«Longe de ti, escrevia Menandro a Glycere, que prazer encontraria eu na vida? Que ha no mundo que possa linsongear-me e tornar-me feliz, a não ser o teu amor? O teu caracter amavel e a alegria do teu genio, prolongar-me-hão até á velhice extrema os prazeres da juventude. Passemos juntos os bellos dias que nos restam, envelheçamos juntos, e juntos exhalemos o derradeiro alento. Não demos entrada em nosso espirito ao desgosto de acreditar que algum dos dois que sobreviva possa ainda gosar no mundo alguma felicidade. Que os deuses me preservem de esperar similhante felicidade!»

Menandro prefere o amor de Glycere a todas as alegrias da fortuna e a todos os esplendores da ambição, e por isso em vez de ir para o Egypto, mandou a Ptolomeu o poeta Philemon.

—Philemon não tem uma Glycere! dizia elle apertando nos braços a sua amante.

Reconhecida a tão grande prova de amor, Glycere procura decidir Menandro a acceitar os obsequios do rei do Egypto, offerecendo-se para o acompanhar para toda a parte e para ir viver com elle em Alexandria. No emtanto, sente satisfeito o seu orgulho, vendo que teve mais poder em Menandro do que o brilhante e poderoso Ptolomeu.

«O que receio, diz ella, é a pouca duração de um amor, que apenas se firma na paixão. Quando as ligações d'esta especie são violentas, quebram-se com facilidade. Só quando a confiança as sustenta, é que podem julgar-se indissoluveis.»

Ao observarem-se estas delicadezas de sentimento, custa realmente a crêr que seja uma cortezã quem as descreva, e vemo-nos obrigados a concluir que o amor não dura mais tempo n'uma velha cortezã do que n'uma joven vestal. Antes de amar Menandro, Glycere havia sido a feliz concubina de Harpalo, e fôra regiamente sustentada por este homem de guerra, um dos mais ricos officiaes de Alexandre Magno. Em compensação Lamia deixou o amor de Menandro pelo regio leito de Demetrio Poliorcetes.

Menandro escreveu uma comedia em honra da sua Glycere. O poeta Eunico celebrou tambem a sua Anthêa, n'uma outra comedia, a que deu por titulo o nome d'esta cortezã. Perecrates fez a Corianno a offerta de uma comedia d'este nome. Thalatta teve tambem a gloria de se vêr posta em scena. Verdade seja que a celebridade do titulo d'esta composição foi mais duradoura do que a do nome do seu auctor, que cahiu completamente no olvido. O poeta Anthagoras não teve de arrepender-se de haver consagrado a musa á sua amante, a avida Bedion, que, segundo a expressão de Simonides, começou por sereia e acabou por pirata.

Os oradores eram ainda mais ardentes e enthusiastas das suas formosas hetarias, as quaes não tiravam ordinariamente d'estes oradores outro proveito a não ser a satisfação da sua vaidade. Lagida, ou a *Negra*, cujo panegyrico Cephalo compoz em estylo galante, entregou-se a Lysias por um discurso; Coryde fez pae a Aristophonte, que já era filho da cortezã Cloris: Phila foi concubina de Hipperides, que a comprou e lhe confiou a direcção de uma casa que tinha em Eleusis, sem que por isso deixasse de ter relações com Myrrina, Aristhagora, Bacchis e Phryné. No emtanto, Phila não era senão uma escrava nascida em Thebas. Myrrina concedeu os seus favores a Euthyas para o obrigar a accusar Phryné, a quem detestava.

«Por Venus! escrevia-lhe Bacchis indignada contra este odioso tratado. Oxalá que não encontres jámais outro amante, e que o sublime objecto do teu amor, esse infame Euthyas, encadeie a tua vida á sua!»

Os rhetoricos e os moralistas não tinham menos inclinação para o hetarismo. Isocrates esquece a sua austeridade por causa dos encantos de Lagisca; Herpilis, que se havia mostrado digna do testamento de Aristoteles, deu-lhe um filho chamado Nicomacho; Nicerate, escrava de Casio, de Elèa, deveu a liberdade ao rhetorico Estephanes. Quando uma hetaria se habituava a ter um rhetorico ou um poeta no numero dos seus amantes, nunca deixava o logar vago. A celebre Neera, a quem Demosthenes accusou de impiedade e de adulterio ante o tribunal dos *Thesmothetes,* teve ao mesmo tempo por amantes Xenochides, o actor Hipparcho e o joven Phrynion, sobrinho do poeta Democares, que tinha tido os mesmos privilegios na qualidade de tio. E não foi bastante ainda. Phrynion tinha um amigo chamado Estephanes, e combinou com elle repartirem alternadamente as noites de Neera. Verdade seja que a cortezã não era mulher para se admirar ou indignar d'estes ajustes dos seus amantes, porque certa noite ceando com os dois em casa de Cabrias, depois de os ter tido a ambos nos braços, deixou-os adormecer e foi entregar-se a todos os escravos da casa. Ha quem diga, para desculpar este desafôro, que Neera n'essa noite estava completamente embriagada. Nais ou Oia chamada tambem Anticire, porque costumava dar helleboro aos seus amantes, tinha muitos ao mesmo tempo e pretendia encobril-os, dizendo, por exemplo, que Archias era o seu mestre, Hymeneo, o seu companheiro, Nicostrates o seu medico e Philomides seu amigo.

Uma das mais celebres hetarias de oradores e poetas foi inquestionavelmente Bacchis, a amante do orador Hipperides. Tão apaixonadamente amava este talentoso mancebo, que depois de o ter conhecido, repelliu as mais vantajosas propostas amorosas. Era uma alma toda ternura e melancolia, que se contentava de amar e de ser amada por um homem só. Não tinha ciumes nem desconfiança das suas companheiras; como era incapaz de fazer mal não suppunha maldade em pessoa alguma. Quando Phryné foi accusada de impiedade por Euthyas, supplicou a Hipperides que tomasse a defeza d'esta brilhante cortezã e contribuiu com toda a sua influencia para a salvar. Apenas se lhe lançava em rosto entre as cortezãs o deitar a perder o officio com uma virtude impropria d'elle.

Morreu na flôr da edade, sendo geralmente sentida a sua morte, porque todos reconheciam na mallograda rapariga um modelo de doçura e bondade.

«Nunca esquecerei Bacchis, escrevia Hipperides, depois de a ter perdido. Que generosa abnegação a d'aquella alma! Bacchis enobreceu o nome de cortezã. Que todas as suas companheiras se reunam para lhe erigirem uma estatua no templo de Venus ou das Graças. A propria gloria as deve persuadir a esta demonstração de saudade, já que por toda a parte se diz que esta classe de mulheres são perfidas sereias, cheias de ambição e de cubiça, medindo o amor pela fortuna, e precipitando finalmente os seus amantes n'um medonho abysmo de desgraças.»

Bacchis regeitára os presentes mais ricos e esplendidos para ser fiel ao seu querido Hipperides, e morreu pobre, tão pobre que apenas tinha o manto do seu adorado para se cobrir no seu miseravel leito!

«Nunca mais surprehenderei a doçura do seu olhar, dizia por entre lagrimas o seu consternado amante; nunca mais verei o voluptuoso sorriso d'aquelles labios divinos. Fugiram para sempre as delicias d'aquellas noites que Bacchis animava com uma paixão sempre nova ou sempre renascente. O seu caracter de uma innefavel doçura fazia-a superior a todas as mulheres da sua classe. Que olhar aquelle, oh Venus! E a sua agradavel conversação! Havia n'aquelles labios de Bacchis uma seducção irresistivel... Dir-se-hia que sorriam por elles as Graças e que o corpo da minha amada estava cingido pelo cinto adoravel da deusa Venus!»

No emtanto, Hipperides tinha dado a Bacchis mais de uma rival, e chegou mesmo a abandonal-a por um momento para se consagrar a Phryné, depois de ter salvo a vida da famosa cortezã. Bacchis, porém, nunca lhe mostrou rancor nem despeito, nem tão pouco deixou de lhe ser fiel, e quando lhe perguntavam o que fazia sósinha, emquanto Hipperides a esquecia junto de outras mulheres, todas inferiores a ella, Bacchis respondia com doçura: — *Espero-o.* A aventura do collar tornara-a celebre em toda a Grecia, e todos a chamavam Bacchis, *a boa.*

Plangona, que não obstante não fizera n'aquella aventura um papel muito odioso, foi sempre censurada por haver perturbado os tranquillos e castos amores de Bacchis e puzeram-lhe a alcunha de *Pasiphile,* ou *Pavão Real.* O mordaz Archilocho compara-a nos seus versos ás figueiras selvagens, cujos fructos apenas servem para as gralhas. «Assim, accrescenta elle, os favores de Pasiphile são para os estrangeiros que passam e não voltam mais.» Havia, como se vê, uma justiça moral entre as cortezãs, que soffriam o castigo da opinião publica.

Não foi Bacchis a unica das cortezãs apreciaveis pela bondade do seu caracter. Aristhenetes e Luciano citam uma outra, Pythia, que apesar de hetaria, teve costumes honestos, deixem-nos assim exprimir, e *nunca se afastou da bella e simples natureza,* segundo a expressão d'aquelles illustres escriptores. Outra ainda, Theodata, que não mereceu por certo o mesmo elogio, deu um exemplo da maior ternura. Amava esta mulher Alcibiades, e quando o seu amante pereceu nas emboscadas de Pharnabaso, official de Dario, recolheu piedosamente os seus restos, envolveu-os em riquissimas telas e fez-lhes as honras funebres, vestindo-se de lucto pelo discipulo de Socrates. E nó emtanto Alcibiades não podia chamar-se um amante fiel. Fazia gala de ter conhecido todas as cortezãs do seu tempo, que não eram poucas, por certo!...

Fallava-se um dia deante d'elle e do seu favorito Axioco, de Mendotis, de Abydos, a quem o grande homem não conhecia. Os grandes elogios que ouviu a seu respeito de tal modo lhe excitaram a curiosidade, que n'essa mesma tarde embarcou com o seu favorito, atravessou o Hellesponto e foi passar uma noite entre a cortezã e o favorito!

Houve muitas outras hetarias celebres, que não nos deixaram senão os nomes, taes foram as quatro cortezãs Scione, Satyra, Lamia e Nanion, que se apresentaram n'uma quadriga ao lado do grande Themistocles, ou que, segundo outra versão, puxaram a quadriga em que o illustre filho de uma dicteriada ia recostado em trajo de Hercules. Por este motivo as cortezãs foram denominadas a *Quadriga de Themistocles.*

Luciano, Atheneu e Plutarcho nomeiam sómente Thimandra, Aeris, Thaumarion, Agallis, Dexithêa, Maltacêa e algumas outras celebridades do mesmo genero. Quanto a Themistonac, não abandonou o campo dos seus triumphos sem ter perdido o ultimo dente e o ultimo cabello, havendo exercido a profissão por espaço de doze largos lustros. Tão intrepida e excepcional perseverança mereceu a recompensa d'este epigramma da Anthologia grega:

«Desgraçada! Tu pódes talvez encobrir a côr d'esses cabellos brancos, o que não pódes é encobrir os ultrages permanentes da velhice. Em vão prodigalisas os perfumes, em vão esgotas as tinturas... a mascara não póde encobrir as ruinas. E' um prodigio superior á tua arte transformar Hecuba em Helena!»

A maior parte das hetarias tinham, á falta de talento e instrucção, uma vivacidade de replicas, que encontravam sem esforço e com frequencia, e ditos felizes, as mais das vezes mordazes e satyricos. Nico, chamada tambem a *Cabra,* por causa dos seus caprichos, era conhecida pelos seus bons ditos, que ella chamava *marradas.* Um dia Demophonte, o favorito, ou mancebo de So-

phocles, pediu-lhe licença para verificar se tinha as fórmas da Venus Callipygia: —E que queres tu fazer d'isso? disse-lhe Nico desdenhosamente. Dal-o talvez a Sophocles, não é verdade?

De todas ellas a mais celebre pelos seus epigrammas foi sem duvida Mania, a quem chamavam a *Abelha,* por causa do ferrão da sua satyra picante e mordaz. Os gregos diziam alludindo ao seu nome: «E' uma doce Mania.» Machon encheu um livro com os bons ditos d'esta cortezã. De resto, a *Abelha* era uma mulher formosissima, e comparava-se ella propria com uma das tres Graças, accrescentando que tinha em casa com que fazer quatro. Um cobarde, que tinha fugido do combate atirando para longe com o escudo, teve a má sorte de se sentar ao lado d'ella á mesa de um famoso festim.

—Qual é o animal, perguntou-lhe Mania, chamando a attenção de todos os commensaes com a sua voz alta e sonora,—que corre com maior ligeireza?

O interpellado, que n'essa occasião estava comendo uma lebre, apontou-lhe com um gesto para o prato que tinha deante de si.

—Enganas-te, replicou Mania; é o cobarde!

Em seguida contou, sem nomear a pessoa, que um dos convivas presentes perdera o seu escudo n'um combate. O pobre diabo córou e para se esquivar á vergonha de ser nomeado pela cortezã, descaramento de que a suppunha muito capaz, deixou a lebre no prato e levantou-se da mesa para se retirar.

Mania deteve-o por um braço e accrescentou:

—Seja dito sem offensa, meu amigo; juro por Venus que se alguem perdeu aqui o seu escudo foi o tolo que t'o deu a ti.

Poderiamos ainda referir mil ditos agudos d'esta endiabrada e travessa cortezã, mas não sabemos traduzil-os, honestamente pelo menos. Não nos fazem falta, porém, porque basta para o nosso proposito o termos apresentado Mania como uma das mais eloquentes, satyricas e mordazes cortezãs d'aquelle tempo.

CAPITULO XIII

SUMMARIO

Biographia das cortezãs celebres da Grecia.—Gnathene: ditos celebres d'esta cortezã, postos em verso por Machon; os seus banquetes.— Sua sobrinha Gnathenion.— Os apophthegmas de Linceo.— Os amantes de Gnathene.— O copo de neve e a sardinha.— Gnathene e o syrio á mesa de Diphyle.—Leis dos convivios em casa de Gnathene.— As suas rixas com a hetaria Mania.— A ceia de Dexithêa.—Gnathenion, seu encontro com o velho satrapa.—Os amantes de Gnathenion e o athleta.— Gnathene Hippopornos.— Diogenes e o corrector de prostitutas.— Lais, sua infancia e sua compra por Appelles.— Lais em Corintho.— Fama d'esta cortezã.— Preço exorbitante dos seus favores.— Demosthenes e Lais.— Os amantes de Lais.— Aristippe.— Diogenes.— Lais e Xenocrates.—Vergonha e confusão de Lais.— O esculptor Miron.— Lais e Eubates.— Riquezas de Lais.— Velhice desgraçada d'esta cortezã.— O Anti-Lais.— Sua morte.— Monumentos erigidos á sua memoria.— Outras Lais.— Phryné.— Origem d'este nome.— Suas funcções nos mysterios de Eleusis e nas festas de Neptuno e Venus.— Phryné accusada por Euthyas.— Sua vingança.— O parasita e a cortezã.— Grandes riquezas de Phryné. — Offerta d'esta cortezã aos beocios de reedificar á sua custa a cidade de Thebas destruida por Alexandre Magno.— O Cupido de Praxyteles.— Estatua de ouro erigida a Phryné depois da sua morte.— Phryné, denominada o *Crivo*.— Pythionice e Glycere.—Harpalo.— Os dois amantes de Pythionice.— Morte d'esta cortezã,— O trigo de Glycere.—Assassinio de Harpalo.—Ditos felizes de Glycere.— O monumento da prostituta.— Morte de Glycere.



ENTRE todas as cortezãs gregas que tiveram os seus historiadores e os seus panegyristas, as mais celebres por varios e differentes titulos foram Gnathene, Lais, Phryné, Pythionice e Glycere.

A biographia de Gnathene apenas se compõe de bons ditos, de replicas cheias de agudeza, de picantes epigrammas, que o poeta Machon compoz em verso e que Atheneu colligiu com uma complacencia que não podemos imitar, pelo respeito devido ao publico e a nós mesmo. A lingua grega tem liberdades que se prestavam a todas as temeridades e arrojos da linguagem das cortezãs, emquanto que a nossa não dispõe de recursos sufficientes para as reproduzir de um modo decente e ao mesmo tempo intelligivel.

Gnathene, que a julgar pelo atticismo e vivacidade do seu talento devia ser atheniense, vivia no tempo de Sophocles, pelos fins do quinto seculo antes de Christo. Era por certo mulher de grande belleza, mas o que a tornou mais notavel foi sempre a sua inexgotavel veia humoristica, que fazia as delicias dos libertinos, apesar de ás vezes se manifestar em ditos demasiado picantes e até grosseiros. Pagava-se-lhe tanto para vêl-a como para ouvil-a, e os banquetes que dava, *a tanto por cabeça,* attrahiam a sua casa os mais distinctos cidadãos de Athenas. Graças a tudo isto, independentemente de seus dotes naturaes, recebeu a côrte dos homens do bom gosto, ainda muito tempo depois de se haverem murchado as flores da sua juventude. Todavia, com receio de per-

der os adoradores quando chegasse a edade refractaria ás paixões amorosas, educou opportunamente uma encantadora criança, que fazia passar por sobrinha, e se chamava Gnathenion, diminuitivo de Gnathene.

Esta sobrinha mostrou-se com effeito digna da tia que a educára e soube tirar enorme proveito das sabias lições que recebêra. As duas hetarias, tia e sobrinha, conseguiram tornar-se tão celebres, que o sabio Linceo teve a curiosidade de mencionar nos seus *Apophthegmas* todos os rasgos de malicia, todos os bons ditos que se lhes attribuiam. Gnathene, para não ser exposta na scena á critica dos athenienses, conseguiu attrahir a si o poeta comico Diphyle, ao qual, porém, nem mesmo assim poupava, como se quizera provar-lhe que tinha vantagem em luctar com elle no terreno da satyra. Diphyle, vaidoso ao ultimo ponto, não admittia rivaes, e Gnathene, para o satisfazer, repetia rindo o proverbio thebano: «No caminho de Hercules nunca se encontram difficuldades.» No emtanto, tinha o maior numero de amantes que podia, e cada um era admittido por preço differente.

Entre os seus frequentadores havia um mancebo da Syria, que não sendo dos mais generosos, tinha idéas engenhosas de galanteria que não lhe custavam caro, e com que pagava as amabilidades e deferencias da cortezã. Um dia em que se celebravam as festas de Venus enviou-lhe este mancebo um vaso cheio de neve e uma sardinha n'um prato. «Essa neve,—escrevia elle,—é menos branca do que tu, e essa sardinha é menos picante que a tua lingua.» Gnathene ia responder a esta galanteria, quando chegou um escravo de Diphyle com duas amphoras de vinho de Thrasos destinado ao banquete nocturno, outras duas de vinho de Chio, uma vitella, uma canastra de peixes, perfumes, corôas, fitas e doces, acompanhando este presente um cosinheiro e uma flautista. «O presente do meu syrio, disse Gnathene, hade tambem figurar entre os manjares e vinhos da ceia.» E ordenou que derretessem a neve no vinho de Chio e se misturasse a sardinha com os outros peixes.

Servida a ceia, chegou Diphyle e fecharam-se as portas; quando o syrio se apresentou, disseram-lhe que esperasse em quanto se preparava a mesa. Gnathene, que sabia que o amante estava esperando, procurava na mente o meio de o fazer entrar. Diphyle havia já principiado as libações.

—Por Jupiter! exclamou elle depois de provar o vinho de Chio; tu fizeste refrescar o meu vinho na tua fonte; não ha outra em toda Athenas cuja agua seja tão fria!

—Pudera! respondeu Gnathene. Se é n'ella que deitamos o espirito das tuas comedias!

Diphyle, offendido no amor proprio, retirou-se envergonhado e silencioso. Então Gnathene mandou entrar o syrio e continuou a ceia a seu lado. E'escusado dizer como saboreou a sardinha que o seu hospede preferido lhe enviára! «E' um peixe pequeno, dizia ella, mas muito delicioso!»

A vaidade de Diphyle obrigava-o a soffrer continuas decepções em casa da sua querida Gnathene. Uma das suas travessuras favoritas consistia em lhe ferir o orgulho de poeta, e isto era o bastante para se desembaraçar d'elle até ao dia seguinte.

Certo dia em que se representava uma das suas comedias, foi assobiado pelos espectadores, tendo de sahir do theatro no meio de apupos e risadas. Tão desnorteado ia, que, não sabendo que fazer, teve a desgraçada ideia de ir consolar-se a casa da sua Gnathene. A cortezã, que havia já disposto da noite, ria-se do desastre da comedia, quando lhe apparece o infeliz auctor.

—Lava-me os pés! diz elle bruscamente para uma escrava de Gnathene.

—Para quê? replica esta com desdem. Não devia ter apanhado pó quem veio aos hombros dos seus admiradores!

Diphyle sahiu immediatamente, e era isso o que ella desejava.

Gnathene tinha de ordinario mesa franca, e qualquer que quizesse sentar-se a ella não precisava mais do que pagar préviamente a sua parte e submetter-se ás leis do banquete, postas em verso por Diphyle e gravadas em marmore á entrada da sala dos festins. Estas leis, redigidas á imitação das vigentes nas escolas philosophicas, começavam assim, segundo Callimacho, que as citou na sua Collecção de Jurisprudencia: «Esta lei, igual para todos, está escripta em 323 versos.» A julgar por este principio, vê-se que Gnathene não admittia preferencias entre os seus amantes, sujeitos como estavam ás mesmas condições. «Estava sempre elegante, diz Atheneu, esboçando o seu retrato, e fallava com muito espirito.» Tudo isso e muito mais era preciso para a compensação dos seus caprichos.

Em consequencia de uma orgia que teve logar em sua casa, tiveram de bater-se a murro os convidados, disputando os seus favores, que ella propria puzera em almoeda: um dos combatentes cahiu por terra e viu-se obrigado a confessar-se vencido. «Consola-te, lhe disse a cortezã; não ganhastes os louros da victoria, mas tambem não gastaste dinheiro.» Estas ceias terminavam sempre por combates, e a rainha do combate pertencia ao vencedor, pelo seu preço, entende-se.

Omittimos por impudicos muitos outros particulares, que são outros tantos distinctivos do seu caracter: para o nosso fim são já sufficientes os que acabámos de citar.

As companheiras de Gnathene temiam, e com razão, os seus ditos acerados; ás vezes, porém, encontrava uma lingua tão mordaz como a sua, especialmente quando disputava com Mania, que não lhe era inferior n'essa especialidade.

—Tenho eu culpa, disse-lhe um dia Gnathene já incommodada, de que tu tenhas telha?

—Desgraçada! respondeu Mania, se eu tivesse telha, dar-t'a-hia de boa vontade para te calafetar por deante e por detraz.

A hetaria Dexythea convidou-a uma noite para ceiar; mas quando estavam pondo as iguarias na mesa, mandou levantar tudo, dizendo que as levassem *á sua querida mãe*.

—Se houvesse previsto isso, disse Gnathene, tinha ido ceiar com *a tua querida mãe*.

N'essa mesma ceia pozeram-lhe um copo muito pequeno com vinho de dezeseis annos.

—Que te parece? perguntou Dexythea.

—Muito pequeno para a edade que tem, respondeu Gnathene.

Havia entre os commensaes um palrador insupportavel, que não se cançava de fallar sobre a sua ultima viagem ao Hellesponto.

—E apesar de haveres viajado tanto, interrompeu Gnathene, parece-me que não viste a primeira cidade d'aquelle paiz.

—Que cidade? perguntou o fallador.

—A de Sigeu, respondeu a cortezã, a grande cidade do Silencio.

E' pois facil comprehender que a joven Gnathenion não teve grande difficuldade em amestrar-se na escola da tia, que por outro lado a guardava com certa sollicitude e a ajudava ás vezes com bons conselhos. Na época das festas de Venus, as duas cortezãs iam juntas procurar fortuna ao templo da deusa. De uma vez, á sahida do tempo, encontraram-se com um velho satrapa tão alquebrado, que parecia ter mais de noventa annos. O velho notou a grande belleza da sobrinha, e approximando-se da tia perguntou-lhe quanto custaria uma noite passada com aquella creatura encantadora. Gnathene, ao vêr a tunica de purpura do estrangeiro e os escravos que o seguiam, avaliou n'um relance a sua opulencia e respondeu sem hesitar:

— Mil drachmas, (30 libras.)

— Como! exclamou o velho fingindo surpreza. Ao vêr-me assim julgas-me captivo e fazes subir tanto o preço do resgate! Dou cinco *minas* (15 libras). E' negocio concluido, de mais a mais promettendo eu voltar.

— Na tua edade, meu amigo, replicou Gnathene, já não é pouco vir uma vez.

— Querida tia, interrompeu Gnathenion, não regateies assim com um senhor tão respeitavel. Dá-me o que quizeres; mas eu te juro por minha mãe Venus que has de dar-me de muito boa vontade o dobro do que agora me offereces.

Gnathenion tinha por amante um actor chamado Andronico, que a maior parte das vezes lhe pagava sómente com boas palavras; mas este actor conquistára as boas graças da tia, por intervenção do poeta Diphyle. Gnathenion, porém, dava a preferencia a um rico mercador estrangeiro que a enchia de obsequios.

Um dia, como tantos outros, chega o actor com as mãos vasias e Gnathenion volta-lhe as costas com desdem.

— Vê como tua sobrinha me trata, disse elle á tia, suspirando.

— Tolinha, diz esta á sobrinha, abraça-o, se assim o deseja, e põe o mau humor de parte.

— Então hei de abraçar um homem que faz tão pouco em favor da nossa republica, e que considera como seu tudo o que possuimos?!

Andronico acabava de representar com successo o papel principal nos *Epigones* de Sophocles, mas nem por isso estava mais endinheirado. Ao sahir da scena, banhado em suor e carrregado de corôas, chama um escravo e manda-o immediatamente a casa da amante a annunciar-lhe o seu triumpho, encarregando-a ao mesmo tempo de preparar uma ceia para aquella mesma noite. Gnathenion recebe o escravo e a mensagem com este verso da mesma tragedia:

— «Escravo infeliz! Que vens annunciar-me?»...

E dando-lhe com a porta na cara, dirige-se ao Pireu, em procura do seu rico mercador, que a espera. O sequito não era faustuoso: montada n'uma mula, levava apenas tres servas, montadas em jumentos, e um moço que guiava os animaes. Ao chegarem a um caminho estreito, encontraram n'um carro magnifico um d'aquelles luctadores que não perdiam occasião de tomar parte nos jogos publicos, em que sempre ficavam vencidos.

— Infame palafreneiro! gritou ainda de longe com ares de vencedor o infortunado athleta; desembaraça o caminho, ou passo por cima da mula, dos jumentos e das mulheres!

— N'esse caso praticarias uma façanha unica na tua vida, terrivel luctador!

Quando a velha Gnathene soube da aventura, fez esta sensata reflexão:

— Quanto não daria esse miseravel para passar por cima de ti!

Esta boa tia pugnava constantemente pelos interesses da sobrinha. Certo galan, depois de um pacto fielmente cumprido por ambas as partes, julgou poder alcançar gratuitamente de Gnathenion favores que já havia pago uma vez.

— Meu caro, disse-lhe severamente a tia, imaginas que a minha casa é a escola de equitação de Hippomacho, onde só se paga uma vez?

Consta que na velhice a pobre Gnathene se viu reduzida a exercer certo mister, em que tanto os homens como as mulheres eram chamados *Hippopornos*. Vendo Diogenes passar um d'estes, esplendidamente vestido e carregado de joias, exclamou: «Até que afinal encontrei o verdadeiro *Hippopornos!*» A palavra *Hippopornos* significava litteralmente *prostituição a cavallo*.

Gnathenion, nos seus ultimos annos, teve vida mais regular, e educou com certa honestidade uma filha que tivera de Andronico, ou que o actor por vaidade queria fazer passar por sua.

Lais não deveu a celebridade á agudeza do espirito, apesar de lhe attribuirem bons ditos não inferiores aos de Gnathene e Gnathenion; a sua belleza, a sua belleza incomparavel foi o titulo que a elevou acima de todas as hetarias e quasi ao nivel de deusa. Nasceu em Hycara, na Sicilia, e quando Nicias, general atheniense, tomou e saqueou esta cidade, Lais, ainda menina foi levada para o Peloponeso, e vendida ahi como escrava.

Um dia o pintor Appelles encontrou-a no caminho da fonte, com uma amphora de agua á cabeça. O grande artista adivinhou n'ella um modelo e comprou-a. N'esse mesmo dia levou-a a um festim, onde os seus amigos se admiraram de o vêr chegar com uma creança e não com uma cortezã. «Não se lastimem por isso, disse-lhes o celebre pintor; eu a educarei de modo que antes de tres annos saberá do officio com toda a perfeição.» Appelles cumpriu a sua palavra, e decerto não causou estranheza o desenvolvimento das graças e talentos de Lais.

Dentro em pouco encontramol-a estabelecida em Corintho, a cidade das cortezãs, onde Venus Melanis lhe enviou um sonho em que lhe annunciava rapida e prospera fortuna. O sonho realisou-se; a fama de Lais chegou aos confins da Asia, e de todas as partes se viam chegar a Corintho ricos estrangeiros, attrahidos unicamente pelo desejo de alcançarem os favores de Lais. Mas nem todos logravam realisar o seu intento. Lais não só exigia um preço exorbitante, mas tambem se reservava o direito de escolher a mão que lh'o havia de dar; ás vezes, por capricho, nada queria acceitar.

Demosthenes, o illustre orador atheniense, quiz tambem saber, ou antes experimentar, o que valia Lais. Reuniu todo o dinheiro de que podia dispôr e partiu para Corintho. Logo que chegou, foi visitar a cortezã e perguntou-lhe qual o preço de uma noite.

—Dez mil drachmas, respondeu Lais, como quem pede uma bagatella. (300 libras sterlinas.)

—Dez mil drachmas! exclamou Demosthenes com assombro. Nunca! Não quero pagar tão caro o arrependimento!

—Se te peço dez mil drachmas, replicou Lais, é para não ter tambem de que me arrepender.

E Demosthenes sahiu como tinha entrado.

Lais, todavia, gostava dos homens celebres. Teve simultaneamente por amantes predilectos o amavel e elegante philosopho Aristippes, que lhe pagava bem, e o immundo e grosseiro Diogenes, o Cynico, que não lhe pagava bem nem mal. Apesar d'isso a divina Lais dava a preferencia a Diogenes, sem parecer dar grande importancia ao seu mau cheiro. Aristippes não mostrava ter ciumes de Diogenes, apesar de muitas vezes, para vêr Lais, ter de esperar que o cynico sahisse!

—Eu é que possuo a Lais, dizia elle aos que se admiravam de taes relações, não é Lais que me possue a mim.

—Mas essa mulher encantadora entrega-se-te sem amor, e sem prazer.

—Tambem eu não me persuado, replicou o philosopho com a mesma fleugma, que o peixe que como me ame; e comtudo como-o com prazer.

Outros censuravam-lhe a prostituição quotidiana de Lais, aconselhando-lhe que a contivesse em certos limites.

—Não sou tão rico, respondeu Diogenes, que possa comprar para mim só um objecto tão precioso.

—Ainda assim, arruinas-te por causa d'ella.

—Effectivamente dou-lhe muito pelo gosto de a possuir, mas nem por isso quero privar os outros do mesmo prazer.

Em compensação, apesar de todo o seu cynismo, Diogenes via com ciume a assiduidade do brilhante Aristippes junto de Lais.

— Visto participares dos favores da minha amante, disse-lhe elle uma vez, deves abraçar a minha philosophia e tomar a sacola e o manto dos cynicos.

— Parece-te estravagante, respondeu Aristippes, habitar uma casa que tenha sido habitada por outros, ou embarcar n'um navio que já tenha transportado outros passageiros?

— Não, de certo, disse Diogenes, envergonhado de sentir-se ciumento.

— Então porque extranhas que eu veja uma mulher que já viu outros homens antes de mim, e que verá ainda muitos mais depois?

Aristippes ia com Lais todos os annos a Eguia passar as festas de Neptuno; n'estas occasiões, dizia o proprio philosopho, o aposento da cortezã era tão casto como o de uma matrona.

Esta mulher exercia tal imperio sobre os dois philosophos Aristippes e Diogenes, que chegou a persuadir-se de que não haveria ninguem no mundo capaz de lhe resistir. Manifestando uma vez esta opinião, houve quem apostasse com ella em como não abalaria a virtude de Xenocrates. Lais acceitou a aposta, com a esperança de que um discipulo de Platão não seria mais difficil de vencer que um discipulo de Socrates.

Com effeito, envolveu-se apenas n'um veu e foi bater á porta de Xenocrates. O philosopho abriu immediatamente, estranhando, ao vêl-a, que uma mulher tivesse que fazer a sua casa. Lais, então, fingiu-se perseguida por ladrões, no que Xenocrates acreditou, vendo brilhar as riquissimas joias com que ia adornada a supposta fugitiva, e consentiu em dar-lhe guarida até ser dia, indicando-lhe logo um banco em que se podia deitar. Depois voltou para o seu modesto leito. Mas ainda bem se não tinha deitado, quando a divina Lais lhe appareceu em todo o esplendor da sua belleza tentadora; approxima-se do philosopho, toca-o, abraça-o, beija-o... e o philosopho permanece indifferente. Lais chora de raiva e redobra de afagos e caricias, o philosopho não se move, tão indifferente e frio como antes. Lais introduz-se-lhe no leito e não faz escrupulo de nenhuma especie de provocação. O philosopho parecia de pedra. Então Lais teve de ceder e abandonou o leito e a casa de Xenocrates, não sem o encher de ultrages pelo aggravo feito á propria Venus Aphrodita.

Como perdera a aposta, pediram-lhe a quantia que se havia estipulado.

— Eu apostei, respondeu a cortezã, tornar um homem sensivel, não uma estatua.

Lais era um verdadeiro prodigio de formosura; os pintores e estatuarios que queriam representar Venus de um modo digno d'esta deusa, iam pedir a Lais que lhes servisse de modelo.

O esculptor Miron foi admittido para este fim em casa de Lais, e logrou vêr livre de qualquer veu a mais bella das mulheres. Miron era um velho, mas em presença d'aquella mulher encantadora sentiu-se rejuvenescer, e prostrou-se a seus pés offerecendo-lhe tudo quanto possuia em troca dos seus favores. Lais sorriu-se com desdem d'aquella proposta do artista, e voltou-lhe as costas sem lhe responder.

No dia seguinte voltou o esculptor a casa da cortezã, e para vêr se conseguia agradar-lhe trazia a barba e os cabellos pintados, enchera-se de perfumes e cosmeticos, cobria-lhe o corpo uma tunica de purpura, cingida com um cinturão dourado, trazia ao pescoço um riquissimo collar de ouro e os dedos carregados de anneis. Transformado d'este modo, e orgulhoso por se julgar remoçado e cheio de attractivos, declara novamente á cortezã os seus desejos.

— Pobre rapaz! exclama Lais, reconhecendo a estranha metamorphose, já hontem disse a teu pae que não!

Chegou, porém, á orgulhosa cortezã a sua vez de soffrer um grande desapontamento, apesar de ser tão bella e seductora, quando se apaixonou de Eubates, que costumava ir disputar o premio aos Jogos Olympicos. Effectiva-

mente Eubates era um moço de notavel formosura, mas deixára em Cyrene uma mulher que amava com delirio. Lais, apenas pôde fallar-lhe, fez-lhe uma declaração tão transparente, que Eubates viu-se embaraçado para lhe responder. A bella cortezã supplicou-lhe que se fosse hospedar em sua casa, onde talvez encontrasse alguma cousa digna do seu grande merecimento. Eubates desculpou-se o melhor que pôde, mas Lais, cada vez mais apaixonada, e receiando que lhe fugisse o objecto da sua paixão indomavel, disse-lhe estas palavras:

—Jura-me pelos deuses que me levarás comtigo a Cyrene, se fôres vencedor nos Jogos Olympicos.

—Pois bem, juro-o pelos deuses! respondeu Eubates, sómente para se subtrahir áquella perseguição importuna, porque bem longe estava elle de faltar á fidelidade que jurára á sua amada.

Celebraram-se os jogos, e Eubates foi vencedor. Lais apressou-se a enviar-lhe uma corôa de ouro, mas soube com despeito que o vencedor já havia regressado a Cyrene.

—Foi uma infame traição! exclamou a cortezã furiosa. Faltou ao seu juramento feito em nome dos deuses.

—Enganas-te, respondeu-lhe um amigo de Eubates. Elle cumpriu religiosamente o juramento.

—Como! Pois não sabes que jurou levar-me na sua companhia para Cyrene?

—E depois? Não te levou a ti, mas levou o teu retrato.

Quando a mulher que Eubates adorava soube d'este novo triumpho do famoso vencedor, admirada de tamanha fidelidade e virtude, erigiu uma estatua á deusa Minerva, em honra do seu heroico amante. Lais para se vingar erigiu uma outra, em que Eubates estava representado sob a figura de Narciso.

Esta altiva e celeberrima cortezã tinha sempre em volta de si uma côrte de admiradores enthusiastas e de pretendentes lisongeiros. Muitas cidades da Grecia disputavam entre si a honra de lhe terem sido berço; os personagens mais illustres orgulhavam-se de terem ou de haverem tido relações com ella; e, não obstante estes enthusiasmos e adulações, muitos austeros moralistas recordavam-lhe ás vezes a vergonha do seu comportamento.

—Retira-te d'aqui, infame! disse-lhe um poeta tragico em uma das suas obras.

Lais encontrou-se com o poeta á sahida do theatro, e approximando-se d'elle perguntou-lhe do modo mais affavel e attencioso o que queria dizer aquella apostrophe cruel. O poeta respondeu-lhe grosseiramente.

—E' verdade! replicou Lais sorrindo. No emtanto, tu conheces muito bem este verso de uma tragedia: «Só é vergonhoso aquillo que se faz por se julgar que o é.»

Este verso era precisamente do mesmo poeta, que não soube que responder a esta replica da cortezã. Atheneu diz, reputando-se a Machon, que o poeta cujos desdens Lais castigava de similhante modo era Euripedes, mas para isso era preciso fazer remontar a anecdota aos primeiros dias da juventude de Lais, que estava ao serviço de Appelles, quando Euripedes falleceu no anno 407 antes da era vulgar. Prescindindo d'esta circumstancia puramente accidental, a replica de Lais veio a ser um proverbio, e como d'elle se abusava extremamente para desculpar muitas torpezas, o velho philosopho Anthistenes reformou d'este modo o axioma da cortezã: «O que é sujo, é sempre sujo, quer o pareça quer não aos que o praticam.»

Em vez de rebater o novo apophthegma, Lais acceitou-o tal como Antisthenes o havia formulado.

— O velho tem razão, disse ella a Diogenes, que era discipulo do philosopho. Elle é effectivamente tão sujo como parece.

— E eu? perguntou Diogenes, que não era nada limpo.

— Tu?... Não sei, porque te amo.

Lais chegou a accumular uma fortuna enorme. No emtanto, á força de fazer construir templos e edificios publicos, e de sustentar pintores e estatuarios, chegou a arruinar-se. Felizmente para ella, tinha tal affeição ao seu officio, que não sentiu vêr-se precisada de o continuar, mesmo na edade em que as mulheres publicas se retiravam á vida privada. Era ainda bella n'essa época da sua vida, no emtanto o preço dos seus favores diminuiu consideravelmente, e para consolar-se da sua degradação prematura a rainha das cortezãs começou a embriagar-se.

Epicrates, citado por Atheneu, faz um quadro afflictivo da velhice de Lais, que não conservava de si propria mais que o nome.

«Lais, diz elle, está ociosa, e bebe. A pobre mulher anda vagueando em torno das mezas. Oh tempos da sua passada opulencia! Parece-me uma d'essas aves de presa, que na força da edade descem do cume das mais altas montanhas para virem arrebatar os cordeiros, mas que na velhice vão pousar desfallecidas nos altos edificios das cidades, onde a fome e a miseria as consomem. Sinistro agouro! Lais foi rica e soberba na sua primavera. N'esse tempo era mais facil ter accesso junto do satrapa Pharnabazo, do que junto d'ella. Chega, porém, o inverno da vida, o templo cahe em ruinas e dá entrada aos profanos. Lais detem o primeiro que encontra e bebe com elle. Uma moeda de tres obolos é já uma fortuna para ella. Moços, velhos, livres e escravos, todos podem obter os seus favores; e a edade de tal sorte soube domar a fereza d'aquelle genio altivo, que Lais estende a mão por um miseravel obolo!»

Esta passagem da famosa comedia *Anti-Lais* talvez não seja mais do que uma hyperbole do rancor do poeta, mal acolhido pela cortezã. Eliano refere tambem que Lais não era de facil accesso antes da edade haver diminuido o merito da sua prodigiosa belleza, e que por isso a tinham denominado *Aurina* por causa da sua excessiva cobiça. No emtanto, Atheneu diz-nos, fundado n'uma antiga tradição, que a famosa cortezã nenhuma differença fazia entre os offerecimentos dos ricos e os dos pobres. Esta particularidade deve em nossa opinião referir-se á época da sua vida, em que a embriaguez a consolava da sua esmagadora decadencia.

Uma cousa que prova bem o esquecimento em que a cortezã cahiu no fim da sua carreira amorosa, é a obscuridade que envolve a época e as circumstancias da sua morte. Lais tinha então 70 annos, segundo alguns, e 55, segundo outros. Estes asseguram que ainda se conservava bella: aquelles affirmam o contrario. Seja o que fôr, a *Anthologia* diz-nos que ella dedicára o seu espelho a Venus com esta inscripção:

«Dedico a Venus o meu espelho, já que a deusa é sempre bella. O espelho augmenta os meus desgostos. Não posso vêr-me n'elle como fui nem como sou.»

Quanto á sua morte, não sabemos a quem dar credito, se a Atheneu, a Plutarcho ou a Ptolomeu. Este ultimo diz que a velha cortezã se asphyxiára, comendo azeitonas. Atheneu funda-se na auctoridade de Philetario para demonstrar que ella morrera no exercicio das suas funcções, e Plutarcho refere que tendo-se enamorado de um joven thessaliano chamado Hippoloco, o acompanhou a Thessalia e entrou no templo de Venus, onde o pobre rapaz se refugiára para escapar ao amor d'aquella velha prostituta; mas as mulheres do paiz, indignadas da sua audacia e com ciumes tambem da sua belleza, apesar de elle ser apenas a esse tempo a sombra do que fôra, cercaram o templo e mataram-na á pedrada ante o altar de Venus, que ficou manchado com o sangue da cor-

tezã. Desde então o templo foi consagrado a Venus-Homicida e a Venus-Profanada.

Lais teve um sepulchro nas margens do Peneu com este epitaphio:

«A Grecia, invencivel n'outro tempo e fertil em heroes, foi agora vencida e reduzida á escravidão pela divina belleza de Lais, filha do Amor, educada na esplendida escola de Corintho, e que jaz nos nobres campos da Thessalia.»

Corintho consagrou igualmente um monumento á memoria da sua illustre alumna, representando-a na figura de uma leôa derribando um carneiro.

E' possivel que os factos da vida de Lais não se refiram todos á mesma mulher, e que duas ou tres cortezãs d'este nome, que viveram pouco mais ou menos n'essa época, fossem confundidas pelos historiadores e pela tradição popular.

Damasandra, cortezã de Alcibiades, teve uma filha chamada Lais, que era parteira e havia inventado remedios secretos para augmentar ou diminuir a gordura das mulheres. Esta Lais dava-se tambem á profissão de cortezã com as suas amigas Salpe e Elephantis, muito habeis tambem na arte dos philtros e dos comesticos, abortos e beberagens aphrodisiacas. Curava tambem a raiva e as sezões, empregando em todas as suas preparações sangue menstrual, misturado com substancias mais ou menos innocentes.

A cidade de Corintho gloriava-se de haver sido o theatro das faustuosas prostituições de Lais; mas nenhuma cidade da Grecia se gaba de ter visto a rainha das cortezãs, velha e desprezada, a fabricar pós, unguentos e elixires e a vender amor ás garrafas.

Outra cortezã, contemporanea de Lais e não menos celebre do que ella, Phryné, nem teve uma decadencia tão triste nem um fim tão tragico. Não obstante a sua fabulosa fortuna, nunca deixou de a augmentar pelos mesmos meios, e como a velhice não lhe trouxe a perda do esplendor das fórmas, teve amantes que lhe pagaram generosamente até á vespera da sua morte. Era isto o que ella chamava com muita pilheria *vender caro as bòrras do vinho.*

Phryné era de Thespias. Creança ainda era já notavel pela sua vocação para os prazeres do amor.

Evoquemos uma scena voluptuosa d'esses tempos gloriosos do amor grego.

As formosissimas creanças, que serão dentro de pouco tempo cortezãs celebres em toda a Grecia e até mesmo nas ardentes regiões da Asia, estão reunidas em numero de cem, na clareira de um bosque de myrthos e das arvores symbolicas do louro Apollo, onde se eleva, como um divino exemplo de belleza a estatua de Venus Callipygia. As juvenis gregas, sentadas tres a tres na relva florida, erguem os olhos para Lysistrata, ainda ha pouco hierodula em Corintho, que as ensina e as interroga; e cada uma d'ellas, mais perfeita que todas as virgens, se a companheira que lhe ficava ao lado não fosse tão formosa e gentil como ella, tem defronte de si um quadro de madeira preta, onde vae traçando em caracteres brancos as lições da illustre educadora, porque n'aquelles collegios do amor as jovens mais bellas são cuidadosamente iniciadas em todas as artes encantadoras, para que possam dentro em pouco ser dignas companheiras dos poetas e sophistas amaveis, e dos brilhantes chefes do exercito, bellos e magnificos como os deuses.

Lysistrata pergunta:

—Entre os meios de dar alegria e prazer aos homens qual é na vossa opinião o melhor? Responde, tu, primeiro, Ypsêa, de Mileto!

Ypsêa levanta-se, purpurina como as rosas. Debaixo de um amplo chapeu de palha da Thessalia, engrinaldado de violetas, correm-lhe em ondas os cabellos como uma torrente de ouro, e a sua bocca é uma flôr prestes a desabrochar. A tunica mostra no peito uma ligeira entumescencia. A creança tem apenas dez annos.

— Que Cytherêa, a filha das ondas, me dê coragem e inspiração! disse ella. Eu julgo que nada é mais agradavel aos avidos olhares dos homens do que uma mulher bem vestida...

— Tens razão até certo ponto. Os adornos femininos fazem nascer o desejo, que é o preludio do prazer. Mas essa difficil arte do adorno de uma mulher formosa em que consiste? Não te perturbes, Ypsêa, e procura responder!

— Debaixo da calypha, feita de fios imperceptiveis, brilham os anneis de cabellos louros que palpitam como borboletas de ouro. As que tiverem orelhas pequenas e bem feitas devem adornal-as com uma perola comprida; as que as tiverem um pouco maiores não precisam senão de uma pedra fina, collada sobre a pelle. Os collares largos e arrendados convêem aos peitos amplos, que têem os seios um pouco descidos. Quanto ao vestido, não posso deixar de recommendar o kyparis, essa camisa curta que desce até ao meio das coxas, a tunica cymberica feita de um leve estofo, o vestido côr de açafrão, aberto do collo até aos punhos, o strophion que faz levantar o pescoço, o peplos, que se traz no hombro esquerdo, ou a anaboladione bordada a ouro, que treme e fluctua como um nevoeiro dourado pelo sol. Muitas preferem os cothurnos tyrios, que descobrem a nudez rosada do pé. Eu voto pelos crepides de agulhetas de prata, que apertam no tornozello. Mas a sciencia do toucador exige cuidados muito mais mysteriosos. Nunca será digna do nome de hetaria aquella que não untar o rosto com a pomada que se chama desipon, feita de mel da Corsega e de gordura de ovelha; que não enegrecer as sobrancelhas com chumbo; que não esfregar os dentes com o musgo de Chio, ou com pedra pomes reduzida a pó levissimo. E' preciso perfumar as mãos com essencias do Egypto, as faces e os seios com perfumes da Phenicia, os cabellos com verbenas e os sovacos com serpão.

Acabando de recitar a sua lição, Ypsêa senta-se novamente, commovida, receiando haver omittido algum pormenor importante. Mas a sábia educadora tranquillisa-a com um olhar, que é um cumprimento.

Em seguida dirige-se a outra alumna.

— Responde agora tu, Eucharis, de Amathunta.

Eucharis levanta-se. Os cabellos contidos por uma larga fita assimilham-se a um leve e brilhante capacete, onde se espelha a luz do sol. Os olhos escuros da joven mostram uma adoravel lucidez debaixo das fartas e sedosas sobrancelhas. E como tem quatorze annos, os dois bicos dos seios virginaes levantam como pontas de frechas o linho flexivel da sua tunica elegante.

— Que Eros me proteja, Eros que sorri complacente aos côros das nymphas amorosas! disse ella. Eu julgo que nada ha para encantar os homens como o som da lyra, acompanhando as bellas odes e as danças graciosas.

— E' verdade que a musica, o doce encanto das almas, produz nos mortaes uma suave languidez muito propicia ao amor. Mas a arte mysteriosa dos rhythmos e do canto conhecel-a bem, Eucharis, e pódes dizer-nos os seus innumeraveis modos?

— São muito numerosos com effeito, graças aos musicos sagrados que os deuses inspiraram. Todavia, eu espero poder responder cabalmente dentro de algumas horas...

Não póde proseguir o seu discurso, por causa de uma gargalhada, que soou como um esvoaçar de rôlas. Aquella que assim riu, foi Phryné, de Thespias. Tem dezeseis annos, o seu rosto assimilha-se a uma rosa desabrochada, e seus olhos vivos e scintillantes dão muito mais luz ao dia do que a que d'elle recebem. Tem este costume, a graciosa creança, a cada passo interrompe com gargalhadas as mais graves lições das suas companheiras.

Lysistrata encara-a com severidade.

— Phryné, disse ella, porque não imitas a sensatez das tuas companhei-

ras? Queres obrigar-me, apesar da minha bondade habitual, a infligir-te algum justo e severo castigo?

— Pelo riso de Aphrodita, quando viu atravez das malhas da rede de ferro o rosto enegrecido de Hephaistos! creio que estamos perdendo aqui um tempo precioso, replica Phryné, rindo cada vez mais. Não é nem o adorno feminino nem a musica que extasiam os homens e as mulheres!

— O que é então? exclama todo o grupo das alumnas, n'um ardente tumulto.

— Por Eros! E' o beijo! disse Phryné.

Lysistrata interveio.

— Não nos interrompas assim, porque fazes mal, creança. E' verdade que o beijo, tal como o celebraram, depois de o haverem praticado, Sapho, de Lesbos e Corinna, de Tanagra, é a arte suprema e a suprema alegria. Mas como lhe conhecerás tu os mysterios, creança! Tu que não córaste ainda, a não ser nos teus sonhos deliciosos? No emtanto, queremos ouvir-te. Dize-nos então, se por ventura os aprendestes, os artificios e as delicias d'essa caricia incomparavel!

Phryné respondeu:

— Se o beijo, que nenhuma outra caricia iguala, póde ser explicado, não é por labios que fallem.

— Pois bem, disse Lysistrata, segue-me aos bosques de myrthos floridos. Eu quero avaliar por mim propria até onde chega a tua sciencia. Mas, cautella! Serei desapiedada em proclamar a tua derrota!...

Depois d'estas palavras, a educadora e a educanda entraram juntas no bosque perfumado.

Quando voltaram, a vermelhidão do poente tremia já nos ramos, onde d'ahi a pouco iam começar a adormecer os ninhos.

— E então? perguntaram todas as educandas. Phryné foi vencida? Estava em erro? Sabia bem o que dizia?

— Phryné tinha razão, disse Lysistrata, docemente humilhada.

De Thespias veio a famosa cortezã para Athenas, onde passava uma vida muito retirada sem se apresentar no Ceramico, sem se mostrar como as outras nos theatros, nos jogos publicos ou nas festas religiosas e civicas.

Nunca sahia á rua senão vestida com uma fluctuante tunica, e honestamente coberta com o veu, como a mais austera matrona. Não frequentava os banhos publicos nem outras casas, além dos *ateliers* dos pintores e estatuarios, porque a joven e formosissima Phryné amava a arte e a ella se consagrava, por assim dizer, offerecendo-se por modelo na sua esplendida nudez ao pincel de Appelles e ao cinzel de Praxyteles.

A sua belleza era a de uma estatua de marmore de Paros, as linhas do seu rosto tinham a pureza, a harmonia e a magestade que a phantasia do artista attribue a uma imagem divina. No emtanto, a sua pallidez fez-lhe dar o nome de *Phryné,* pela analogia com a côr do limão, *phrya,* porque o verdadeiro nome da cortezã era Mensarate, pelo qual nunca foi conhecida.

Os quadros e estatuas, que por ella modelaram o seu pintor e o seu estatuario, excitaram com razão o enthusiasmo de toda a Grecia, que prestava culto á belleza da fórma, culto dependente do de Venus. Phryné não tinha, porém, nada tão admiravel como o que pudicamente occultava, ainda aos seus mais intimos amantes, que só conseguiam possuil-a na obscuridade. No emtanto, nos mysterios de Eleusis apparecia como uma deusa debaixo do portico do templo, e deixando cahir os vestidos no meio da multidão estupefacta, eclipsava-se por detraz de um veu de purpura.

Nas festas de Neptuno e Venus, despojava-se tambem dos seus vestidos nas grades do templo, e sem outro veu além dos seus abundantes cabellos para cubrir a nudez do bellissimo corpo, caminhava até junto do mar atravez da

multidão que se afastava respeitosamente, saudando-a com um grito unanime de enthusiasmo. Alli entrava na agua para render homenagem ao deus dos mares, e sahia como outr'ora Venus das ondas do mar Egeu. Ficava um momento na praia, sacudindo a agua que lhe escorria pelos membros de alabastro e enxugando os cabellos esplendidos. Dir-se-hia que Venus nascia pela segunda vez!

Depois d'este triumpho momentaneo, Phryné fugia das acclamações do povo, e occultava-se na sua obscuridade ordinaria. O effeito, porém, d'esta apparição era prodigioso e a fama da cortezã corria de bocca em bocca e de cidade em cidade por toda a parte, augmentando assim cada anno o numero de curiosos que iam aos mysterios de Eleusis e ás festas de Neptuno e Venus, unicamente para verem Phryné.

Esta gloria da bella cortezã attrahiu-lhe a inveja e o odio das mulheres honradas, que para a perderem acceitaram os serviços de Euthyas, apaixonado de Phryné, mas que não pudera obter o que ella só outorgava ao ouro ou ao genio. Euthyas, pois, como vil delator, accusou a cortezã ante o tribunal dos *Heliastes*, de haver profanado a magestade dos mysterios de Eleusis, parodiando-os, e de estar continuamente a corromper os cidadãos mais illustres da republica, afastando-os do serviço da patria.

Similhante accusação não só devia causar a morte de Phryné, mas até mesmo infligir a todas as cortezãs solidariamente vergonhas publicas, multas crescidas e desterros, segundo as circumstancias de cada uma.

Phryné havia tido por amante o orador Hipperides, que dividia então o seu amor entre Myrrina e Bacchis; mas não se atrevendo a dirigir-se a elle directamente tomou a estas por medianeiras, supplicando-lhes que o resolvessem a accudir em sua defeza.

Era delicada a posição de Hipperides, a quem publicamente se suppunha interessado em favor da que fôra sua amante, e que estava n'aquelle momento debaixo da tremenda accusação do infame Euthyas.

Mas Phryné, a formosissima Phryné, envolta com seductor abandono no seu amplo veu, e cobrindo o rosto com as suas mãos de marfim, chorava amargamente aos pés de Hipperides.

Hipperides commovido estendeu o braço e acceitou a defeza.

Quando o infame Euthyas formulou a sua accusação pela bocca de Aristogiton, tomou a palavra Hipperides. O orador confessou desde logo que não era estranho á causa, visto que a cortezã fôra em tempo sua amante. Supplicou por isso aos juizes que tivessem indulgencia para com elle, porque n'aquelle momento estava devéras commovido. A sua voz effectivamente estava alterada pelos soluços e os seus olhos cheios de lagrimas. O tribunal, no emtanto, frio e silencioso, não parecia disposto a deixar-se surprehender.

O orador comprehende o perigo que ameaça a sua cliente. Fulmina todos os raios do Olympo contra o vil e cobarde delator e proclama corajosamente a innocencia da accusada, explicando as funcções que ella havia desempenhado nos mysterios de Eleusis, senão com caracter, ao menos com intenção religiosa.

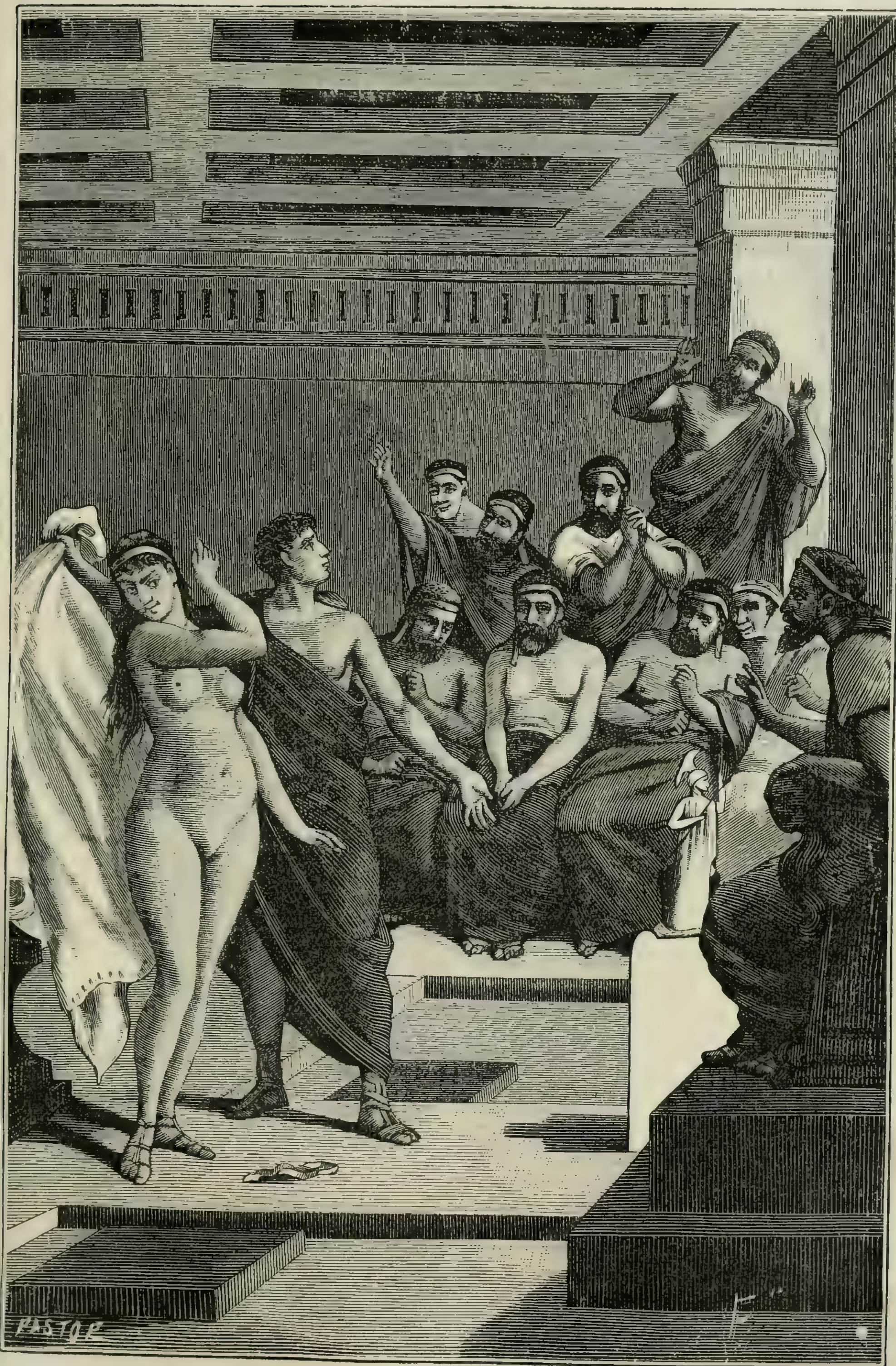
Os Heliastes interrompem-no para pronunciarem a fatal sentença.

Hipperides então appella para um recurso extranho. Approxima a victima dos juizes, arranca os veus que a cobrem, despoja-a tambem da sua tunica e apresentando-a nua á vista dos juizes, invoca com terna e sympathica eloquencia os direitos da belleza, para arrancar á morte a sacerdotiza de Venus...

Surprehendidos os juizes por aquelle recurso oratorio, tão inesperado como efficaz, e assombrados perante aquella belleza deslumbrante, julgaram que a accusada era a propria deusa Venus.

A sentença foi absolutoria, e Phryné livre emfim foi levada do tribunal nos braços do orador triumphante.

Hipperides sentiu-se então mais enamorado que nunca, ao vêr de novo



Defeza da corteză Phryné pelo advogado Hiperides

aquella admiravel belleza, que tinha tido mais imperio que o seu eloquente discurso no animo dos juizes; e Phryné, pela sua parte, reconhecendo com toda a sua gratidão o grande serviço que elle lhe havia prestado, porque lhe devia nada menos do que a vida, reatou com elle as suas interrompidas relações.

Resentida Myrrina pelo abandono do seu amante, tomou o partido de Euthyas, offerecendo ao infame sycophanta tudo quanto Phryné lhe havia recusado. Todas as cortezãs se indignaram ao saber que uma d'ellas ousava protestar d'aquelle modo contra a sentença que absolvera Phryné e com ella todas as outras, como solidarias em maior ou menor grau da sua pena, e Bacchis, a outra amante abandonada, interpretava a indignação commum, escrevendo d'este modo á insensata Myrrina:

«Tornaste-te o objecto da aversão de todas nós, consagradas sempre ao serviço de Venus-Benefica.»

A imprudente não tardou muito a arrepender-se de haver cedido a um movimento de ciume ou de vaidade. Hipperides nunca mais re reconciliou com ella, enamorado da sua bellissima cliente, e Bacchis escrevia-lhe:

«Hipperides tem uma amante digna d'elle, e tu tens um amante dignissimo de ti.»

Tomando conta da defeza de uma cortezã, Hipperides alcançou mais honra e proveito do que se tivesse defendido os mais illustres cidadãos da republica. Não se fallava em toda a Grecia senão no seu talento; ninguem se cansava de applaudir o audacioso movimento oratorio com que terminára a sua defeza. De toda a parte lhe chegavam elogios, agradecimentos, parabens e presentes, e para cumulo de ventura pertencia-lhe a formosa Phryné! Se as hetarias gregas não lhe erigiram uma estatua de ouro, como propoz Bacchis, não pouparam meio algum de lhe manifestar a sua gratidão.

«Todas as cortezãs de Athenas, em geral, escrevia-lhe Bacchis, e cada uma d'ellas em particular, devem render-te, oh illustre orador! tantas homenagens e acções de graças como a propria Phryné!»

E' muito de suppôr que a oração de Hipperides em defeza de Phryné fosse publicada, visto que a accusação de Aristogiton, que tomou a palavra por Euthyas era ainda conhecida no tempo de Atheneu.

Sabe-se tambem que Euthyas, a quem unicamente o amor levara áquelle extremo de despeito, não descançou em quanto não obteve o perdão de Phryné, e para o obter sujeitou-se ás condições mais ruinosas. Bacchis tinha previsto este triste desenlace, quando escrevia a Phryné:

«Euthyas está muito mais apaixonado de ti que Hipperides. Este, em razão do importante serviço que te prestou, concedendo-te a sua protecção e o auxilio da sua eloquencia na occasião mais critica da tua vida, parece que exige de ti as maiores attenções e que até mesmo te favorece outorgando-te as suas caricias; emquanto que a paixão do outro não póde deixar de irritar-se até ao ultimo extremo, pelo mau exito da sua empreza. Espera, portanto, novas instancias da sua parte e offertas de ouro ás mãos cheias.»

O que é certo é que elle conseguiu triumphar do resentimento da cortezã.

O Areopago, que não teve que pronunciar nenhuma sentença n'esta causa previu o caso em que outra do mesmo genero, levada á sua presença, podesse dar origem aos mesmos meios de defeza, e não querendo expôr-se ás seducções que havia subjugado os Heliates, promulgou uma lei que prohibia aos advogados o empregarem artificios para excitarem a commiseração dos juizes, e prohibiu igualmente aos accusados que comparecessem em pessoa ante os juizes antes de se pronunciar a sentença.

Pela sua parte Phryné, temendo uma nova accusação, não sómente se absteve de tomar parte nas festas e ceremonias religiosas, mas até procurou

ganhar partidarios e crear amigos mesmo no seio do Areopago. Para isso teve de franquear o seu leito e a sua mesa aos gastronomos e libertinos. Um dos membros do Areopago de tal modo se comprometteu com os favores de Phryné, que até o denominaram o *Parasita da Cortezã,* nome por que o designa no seu *Pamphilo* Satyro de Olintho.

As riquezas de Phryné excediam então as de uma rainha. Os poetas comicos Thymocles, na sua *Nerêa,* Amphis na sua *Kouris* e Posydipes na sua *Ephesiana* fallaram do escandalo d'aquella impura opulencia. No emtanto Phryné fez d'ella um uso honroso, fazendo edificar á sua custa muitos monumentos publicos, especialmente em Corintho, que todas as cortezãs consideravam como a sua patria pelo dinheiro que alli haviam ganho. Quando Alexandre Magno destruiu Thebas, arrasando-lhe as muralhas, Phryné lembrou-se de que havia nascido na Beocia e offereceu-se aos thebanos para fazer reedificar a cidade a expensas suas, apenas com a condição de n'ella mandar gravar em sua honra esta inscripção, que revela o caracter da cortezã:

THEBAS DESTRUIDA POR ALEXANDRE E REEDIFICADA POR PHRYNÉ.

Os thebanos recusaram-se a eternisar essa vergonha.

Phryné, como beocia, não tinha recebido em partilha os dons do talento, mas distinguia-se da maior parte das mulheres por um grande sentimento artistico. Ella propria se considerava como a viva imagem da belleza divina, e rendia homenagem a si propria nas obras de Appelles e Praxiteles. O primeiro pintou-a tal como a tinha visto nas festas de Neptuno e Venus sahindo das ondas; o segundo modelou por ella a famosa Venus de Gnido. Ambos elles foram seus amantes, mas Praxyteles foi o predilecto. A bella Phryné pediu-lhe em recordação dos seus amores a melhor estatua que tivesse executado.

—Escolhe, disse-lhe o esculptor.

Phryné pediu um praso de alguns dias para fazer a sua escolha.

N'este meio tempo e estando Praxyteles em casa d'ella, entrou um escravo, gritando muito espavorido que se havia manifestado incendio no *atelier* do esculptor.

—Que desgraça! exclamou Praxyteles. Estou perdido, se o meu *Satyro* e o meu *Cupido* se queimaram!...

—Escolho o *Cupido!* disse immediatamente Phryné.

A noticia do incendio fôra um ardil de que a cortezã se valêra para conhecer a opinião espontanea do artista a respeito das suas obras.

Phryné deu esta grande obra de arte á sua cidade natal. Caligula mandou-a conduzir de Thespis a Roma, mas Claudio ordenou em um dos seus juizos de pretor que o *Cupido* fosse restituido aos thespianos «para applacar os manes de Phryné,» dizia a sentença. Mal a estatua havia voltado ao seu pedestal, quando Nero a fez conduzir de novo a Roma, onde foi destruida no incendio lançado pelo mesmo Nero á capital do seu imperio.

Phryné, apesar da sua opulencia, continuou a sua industria ordinaria até á idade das rugas e das cãs. Gabava-se esta cortezã de possuir o segredo de uma especie de balsamo que dissimulava perfeitamente os estragos dos annos, e usava de pinturas com tanta profusão, que deu motivo a dizer Aristophanes, n'uma das suas comedias:

—Phryné transformou a cara n'uma verdadeira loja de droguista!

E este verso passou em proverbio entre os gregos para ridicularisar as mulheres que se pintavam.

Ignora-se a época da sua morte e o logar da sua sepultura. Sabe-se apenas por Pausanias que os amantes e compatriotas da cortezã reuniram uma grande somma para lhe erigirem uma estatua de ouro no templo de Diana em Epheso.

Lia-se no plintho d'esta estatua, que tinha por pedestal uma columna de marmore de Paros:

ESTA ESTATUA É OBRA DE PRÁXYTELES

Estava collocada entre as estatuas de dois reis, Archinano de Lacedemonia e Filippe e de Macedonia, com esta inscripção:

A PHRYNÉ, ILLUSTRE THESPIANA

Foi esta estatua que o philosopho Crates qualificou tão severamente, dizendo:

—Eis um monumento digno da Grecia impudica!

O nome de Phryné, como o de Lais, veio a ser synonimo de cortezã formosa, e muitas mulheres d'esta classe se apropriaram d'elle. Para distinguir das suas humildes imitadoras a primeira Phryné, chamavam-lhe a *Thespiana*. Herodice, na sua *Historia dos que teem sido ridicularisados no theatro,* cita uma Phryné, que tinha por alcunha *O Crivo,* porque arruinava os seus amantes. Segundo Appollodoro, no seu *Tratado das Cortezãs,* havia duas Phrynés com as alcunhas *Clauxigelau,—que faz chorar depois de haver feito rir,*— e *Saperdion,—delicioso veneno,*—mas nem uma nem outra devem confundir-se com a famosa *Thespiana.*

Se Phryné e Lais são as duas personificações mais brilhantes do hetarismo, Pythionice e Glycere representam ainda melhor o seu poder. Estas duas mulheres chegaram quasi a ser rainhas de Babylonia, depois de haverem sido simples cortezãs em Athenas. Pythionice só era notavel pela sua belleza; no emtanto, possuia alguns d'esses segredos de libertinagem, que tamanho imperio exercem sobre as naturezas viciosas e sobre os temperamentos sensuaes.

Harpalo, o amigo de Alexandre Magno e governador de Babylonia, amou uma e outra, e não se consolou de ter perdido a primeira, senão quando encontrou a segunda. Harpalo era thesoureiro de Alexandre, e quando o grande conquistador partiu para a expedição da India, não teve o menor escrupulo em dispender ás mãos cheias os thesouros confiados á sua guarda. Com taes meios á sua disposição, Harpalo excedeu em magnificencia os reis de Babylonia, e quiz gosar e effectivamente gosou de todos os prazeres que o ouro e o poder reunidos são capazes de crear. Tinha no seu palacio auletridas de Mileto, bailarinas de Lesbos, tecedoras de grinaldas de Chypre, escravas e concubinas de todos os paizes. Além d'isto, mandou vir de Athenas a cortezã mais em voga e que melhor soubesse exercer as suas libidinosas funcções. Pythionice teve a honra de ser escolhida para satisfazer o melhor que podesse os appetites brutaes do tyranno.

Esta cortezã era por essa época a amante collectiva de dois irmãos, filhos de um tal Cherephylo, que negociava em salgados e que devia a este trafico a sua enorme fortuna. Os dois irmãos sustentavam-na esplendidamente, e o poeta comico Thimocles, na sua comedia dos *Icarios* tinha ridicularisado nos seguintes termos a riqueza d'esta hetaria, de quem diziam as suas companheiras, por uma allusão engraçada, que *cheirava a marisco:*

«Pythionice receber-te-ha de braços abertos, para obter de ti á força de caricias tudo o que eu acabo de dar-te, porque é insaciavel. No emtanto, pedelhe uma canastra de pescado, que o tem sempre em abundancia, pois se contenta com duas saperdas não salgadas.»

A saperda, cujo consumo era consideravel entre o povo, era um peixe de má qualidade, como declara solemnemente o grande sophista da arte culinaria, Aschestrates.

Pythionice, que fôra em tempo escrava da flautista Bacchis, veio a ser quasi de repente uma especie de rainha no palacio de Babylonia. Pouco tempo

gosou, porém, da sua fortuna, porque morreu envenenada, segundo se julga. O inconsolavel Harpalo mandou fazer em sua honra regios funeraes.

Estes amores tiveram fructo em uma filha, que com o andar do tempo veio a casar com o esculptor architecto Caricles, o mesmo a quem Harpalo encarregara de construir em Athenas um monumento sepulchral em honra de Pythionice. A defunta cortezã tinha tambem um tumulo em Babylonia, onde morrera. O sepulchro, erigido por Caricles na via-sacra que conduzia de Athenas a Eleusis, custou 30 talentos (perto de 41 contos de réis). A sua mole, mais ainda do que a sua architectura, despertava a attenção dos viajantes.

«Quem vir esta maravilha, diz Dicearcho, o escriptor, no livro da *Descida ao antro de Trophonio*, dirá com razão: Eis o sepulchro de Milciades, de Pericles, de Cimão, ou de qualquer grande homem da Grecia. Foi sem duvida levantado a expensas da republica, ou pelo menos em virtude de um decreto dos magistrados. Mas quando souber que o monumento foi erigido em honra da hetaria Pythonice, o que pensará elle da cidade de Athenas?»

Harpalo empregou tamanha diligencia na construcção d'estes monumentos funerarios, que estavam concluidos antes de Alexandre voltar da sua expedição á India. Theopompo, n'uma carta ao rei de Macedonia, affirma que o governador de Babylonia consumiu nos trabalhos de ambas as construcções a enorme somma de 200 talentos (perto de 300 contos de réis!)

«Como! exclama Theopompo, indignado em presença d'este escandalo. Ha muito tempo que se vêem dois monumentos erigidos a Pythionice, um perto de Athenas e o outro em Babylonia, e aquelle que se dizia teu amigo consagrou impunemente um templo e um altar a uma mulher que se entregava a todos os que contribuiam para as suas enormes despezas, e dedicou este monumento com o nome de templo e altar a Venus Pythionice! Não será isto provocar a vingança dos deuses e faltar ao respeito que te é devido?»

Alexandre estava então muito occupado em combater Poro, para poder voltar a sua attenção para o que se passava em Babylonia e Athenas, onde Harpalo divinisava uma cortezã.

Harpalo a esse tempo havia já substituido Pythionice. Uma simples tecedora de corôas, Glycere, filha de Thalaris, de Sicion, tinha-se feito amar do governador de Babylonia e a tal ponto, que veio a ser quasi rainha de Tharso, e teria mesmo chegado a ser deusa, se Harpalo lhe houvesse sobrevivido. Alexandre, porém, voltava já victorioso da sua gloriosa campanha da India e devia castigar aquelles dos seus officiaes, que durante a sua ausencia se tinham mostrado indignos da sua amizade. Harpalo, mais culpado e compromettido do que os outros, assustou-se das suas proprias delapidações, e temendo justamente a colera de Alexandre, fugiu de Tharso com Glycere e com tudo o que restava do thesouro, refugiando-se na Attica, onde foi pedir contra Alexandre o apoio dos Athenienses.

Já havia formado um corpo de exercito com seis mil mercenarios, quando sollicitava com todo o empenho a protecção de Athenas. Para a obter, com o auxilio de Glycere corrompeu os oradores, pagou o silencio de Demosthenes, e logrou interessar o povo na sua causa com uma larga distribuição de farinhas, que se chamou o *trigo de Glycere*. Assim é designado este trigo celebre n'uma comedia satyrica, em que Harpalo era o protogonista e que Alexandre fez representar por toda a Asia para, pelo menos, mortificar o orgulho e a vaidade de Harpalo. Suppõe-se tambem que o mesmo Alexandre fôra o auctor d'esta comedia, em que se conta que os magos de Babylonia, testemunhas da afflicção de Harpalo por occasião da morte de Pythionice, lhe haviam promettido fazel-a voltar novamente á vida, evocando-a da triste mansão das sombras. O mais provavel, porém, é que esta peça de theatro fosse composta por Python, de Bysancio, ainda que por inspiração de Alexandre Magno.

Seja como fôr, Harpalo não conseguiu com o concurso de Glycere assegurar a sua estada na republica de Athenas, e expulso da cidade refugiou-se em Creta sob a apprehensão da vingança de Alexandre, que não teve tempo de o castigar, por isso que um dos seus capitães se antecipou a essa vingança, assassinando-o para se apoderar das suas riquezas, resto do thesouro babylonico.

Glycere conseguiu escapar á sorte reservada ao seu amante, e voltou a Athenas muito decahida da sua grandeza. Alli começou novamente a exercer o seu officio de cortezã. Não era já a vice-rainha de Tharso, que havia recebido honras quasi divinas, que havia tido estatuas de bronze nos templos, em frente das de Harpalo. Era uma hetaria de edade bastante madura, de belleza muito fatigada já, mas como sempre de espirito infatigavel.

Linceo, de Samos, julgou dignos de passarem á posteridade os seus bons ditos e reuniu-os n'uma collecção que não existe já. No emtanto, Atheneu cita algunsd e que procuravam apropriar-se as contemporaneas de Glycere. Já referimos alguns, e vamos citar dois que lhe são attribuidos:

—Glycere, disse-lhe um dia o philosopho Stilpão, tu corrompes a juventude.

—Que importa isso, se a divirto? respondeu a cortezã. Tambem tu a corrompes, sophista, mas ao mesmo tempo enchel-a de tedio.

Um homem que regateava os seus favores viu uma canastra com ovos.

—São crus ou cosidos? perguntou-lhe distrahidamente.

—São de prata, respondeu Glycere com malicia, para o trazer novamente ao assumpto da conversação.

As suas aventuras em Babylonia e em Tharso puzeram em moda esta cortezã entre os athenienses, que disputavam entre si a honra de substituir Harpalo. Glycere, no emtanto, preferia dois homens de genio, o pintor Pausias e o poeta Menandro. O primeiro copiava as flores que ella tecia em corôas e grinaldas, esforçando-se por imitar os seus brilhantes modelos. Fez tambem um retrato da hetaria, sentada e tecendo uma corôa. Este precioso quadro, que se chamou Stephanoplocos—*tecedora de grinaldas*—foi levado a Roma e comprado por Lucullo, que lhe consagrava um apreço especial entre os demais quadros da sua collecção.

Os amores de Glycere com Menandro duraram muito mais do que os de Pausias, apesar do mau humor do poeta comico, que lhe censurava com frequencia o seu passado e lhe pedia contas da sua leviana juventude.

—Amar-me-hias tu mais apaixonadamente, se eu tivesse roubado os thesouros de Alexandre?

Glycere sorria-se, sem responder a estas durezas do amante senão com uma sollicitude e affecto sempre crescentes.

Uma noite o poeta voltou do theatro, triste e cheio de desespero por causa do mau exito de uma das suas comedias; estava inundado de suor e tinha a bocca sècca. Glycere apresentou-lhe um vaso de leite e convidou-o a que se refrescasse.

—Esse leite, disse Menandro repellindo o vaso, sabe a cousas velhas. Está coberto de um creme rançoso e repugnante!...

Era uma cruel allusão ao alvaiade e outras pinturas com que Glycere dissimulava as suas rugas.

—Bem, respondeu ella sem se offender. Não te prendas com essas ninharias. Deixa lá o que está por cima e toma apenas o que ha debaixo d'essa camada que tanto te incommoda.

Glycere amava-o apaixonadamente e receiava que outra mais joven lhe arrebatasse um amor, que ella só conservava á força de artificios, porque Menandro era voluvel em demasia em assumptos amorosos. Apesar d'isso, porém,

o poeta deixou-se captivar da carinhosa affeição de Glycere, a quem immortalisou nas suas comedias.

— Prefiro ser a rainha de Menandro a ser a rainha de Tharso! costumava dizer a cortezã.

Glycere não teve depois da sua morte um esplendido sepulchro, como o *Monumento da Prostituta*, que assim vulgarmente se chamava o tumulo de Pythionice, mas o seu nome conservou-se na memoria dos gregos, estreitamente unido ao de Menandro, e não foi, portanto, menos celebre do que o de Aspasia, Phryné e Lais.

De resto, as comedias de Menandro, de muitas das quaes foi Glycere a inspiradora, foram para a illustre cortezã um monumento mais perduravel do que os sumptuosos mausoleus erigidos por Harpalo á sua outra concubina.

CAPITULO XIV

SUMMARIO

Introducção da prostituição sagrada na Etruria.— Singular conformação physica dos habitantes da Italia primitiva.— Roma.— A loba Acca Larencia.— Origem do lupanar.— Construcção da cidade de Roma sobre o territorio que deixou Acca Larencia a seus filhos adoptivos Romulo e Remo.— As *Lupercaes*, festas instituidas pelos dois irmãos em honra da sua ama de leite.— Os Lupercos, sacerdotes do deus Pan.— As sabinas e o oraculo.— Hercules e Omphale.— A prostituição religiosa em Roma.— A cortezã Flora.— Seu casamento com Tarucio.— Origem das *Floraes*.— As festas de Flora e Pomona.— As cortezãs nas *Floraes*.— Catão no circo.— Venus Cloacina.— As Venus honestas: *Venus Placida, Venus Calva* e *Venus Geradora*.— Venus impudicas: *Venus Volupia*, *Venus Lasciva*, *Venus* de Boa Vontade.— Templo de Venus Ericina na Sicilia, reedificado por Tiberio.— Os templos de Venus em Roma.— Devoção de Julio Cesar por Venus.— Origem do culto de Venus Victoriosa.— Episodio mystico das festas de Venus.— Os serões de Venus.— Sacrificios impudicos offerecidos a Cupido, a Priapo e a Mutino, etc., pelas damas romanas.— As *Priapicas*.— Culto deshonesto do deus Mutino.— Mutina.— A deusa hermaphrodita Pertunda.— Tichon e Ortane.— Culto infame introduzido na Etruria por um grego.— Grandes sacerdotes d'esta nova religião.— Analogia d'este culto com o de Isis.— Os mysterios de Isis em Roma.— As *Isiacas*.— Corrupção dos sacerdotes de Isis.— Culto de Baccho.— As bacchantes.— Festas vergonhosas que deshouravam as divindades de Roma.— O mercado das cortezãs.— Differença entre a prostituição religiosa grega e a prostituição religiosa romana.



O EGYPTO, a Phenicia e a Grecia colonisaram a Sicilia e a Italia, estabelecendo n'ellas as suas religiões, usos e costumes. A prostituição sagrada não deixou de seguir desde os tempos mais remotos a emigração dos deuses e das deusas, que mudavam de clima, sem mudar de caracter. Os monumentos escriptos, que poderiam comprovar a origem d'esta prostituição na ilha dos Cyclopes e na peninsula de Saturno, não existem já ha muitos seculos. Todavia encontrou-se nos cemiterios etruscos e italo-grecos uma grande multidão de vasos pintados, que representam scenas da prostituição sagrada anteriormente á fundação de Roma. São as mesmas offerendas que levavam as virgens aos templos de Babylonia e de Thyro, de Bubasta e de Naucrates, de Corintho e de Athenas. A consagrada vem sentar-se no sanctuario, junto da estatua da deusa. O estrangeiro ajusta o preço do seu pudor, e ella deposita esse dinheiro no altar, que enriquece com este commercio vergonhoso, em que o sacerdote é o unico interessado. Tal é, segundo os vasos funerarios, a fórma quasi invariavel que devia tomar a prostituição religiosa nas colonias egypcias, phenicias e gregas.

O culto de Venus foi certamente o primeiro que se fez honrar n'estas colonias, porque tanto n'ellas como em toda a parte, era o mais attrahente e natural. Ignoram-se absolutamente, porém, os nomes e os attributos que tinha a deusa allegorica da creação dos seres. Estes nomes tinham tão pouca analogia com os que lhe foram dados na theogonia romana, que o sabio Varrão, estri-

ba-se na auctoridade de Macrobio, para sustentar que Venus não era conhecida em Roma no tempo dos reis.

Macrobio e Varrão deveriam, porém, ter dito apenas que Venus não tinha ainda templos no recinto da cidade de Romulo, porque a deusa já era adorada na Etruria antes de Roma ter subjugado este paiz, que sustentou por longo tempo a guerra com ella. Vitruvio, no seu *Tratado de Architectura,* diz expressamente que, segundo os principios dos aruspices etruscos, o templo de Venus não podia estar situado senão extra-muros e perto das portas da cidade, a fim de que a distancia evitasse á juventude frequentes occasiões de libertinagem e fosse um motivo de tranquillidade e segurança para as mães de familia.

A prostituição sagrada não era a unica que dominava na Italia primitiva. Póde dizer-se que a hospitalaria e a legal reinavam ao mesmo tempo alli, a primeira nos bosques e nas montanhas, e a segunda nas cidades. As pinturas dos vasos etruscos não nos deixam duvida alguma com respeito á corrupção já bastante refinada, que havia penetrado n'aquelles povos aborigenas, escravos cegos e grosseiros dos seus sentidos e paixões. Podemos quasi por inducções moraes, tiradas da riqueza e variedade das joias que usavam as mulheres, avaliar do desenvolvimento da prostituição, nascida da garridice feminina. Ha milhares de provas, deduzidas das pinturas dos referidos vasos, para ficarmos convencidos de que a lubricidade d'aquelles povos indigenas ou exoticos não conhecia freio algum nem social nem religioso. A bestialidade e a sodomia eram os seus vicios ordinarios, e estas abominações, francamente familiares a todas as edades e classes da sociedade, não encontravam outro remedio, a não serem certas ceremonias de expiação e purificação, que ás vezes suspendiam a sua livre pratica. Como entre todos os povos antigos a promiscuidade dos sexos prestava homenagem ás leis da natureza, e a mulher, submettida aos desejos brutaes do homem, não era de ordinario mais do que o paciente instrumento dos seus gozos materiaes, ninguem lhe reconhecia o direito de escolher um amante, e pertencia quasi sempre áquelle que tinha pelo seu lado a força.

A conformação physica d'aquelles verdadeiros selvagens, que foram os paes dos romanos, justifica por outro lado tudo o qne se devia esperar da sua impudica sensualidade. Assimilhavam-se aos bodes; tinham o membro viril analogo ao do touro ou ao do cão, e logo por baixo do lombo uma mecha de cabellos vermelhos, que não póde considerar-se como um signal convencional nos debuxos que representam esta excrescencia posterior, carnosa e cabelluda ao mesmo tempo, rudimento de um verdadeiro rabo de animal. Seria muito difficil determinar a época em que desappareceu completamente tão extranho symptoma do temperamento bestial, que se conservou na iconologia como o caracter distinctivo do satyro e do fauno. N'uma raça tão naturalmente inclinada ao amor carnal, é indubitavel que a prostituição se associava a todos os actos da vida civil e religiosa.

A prostituição encontra-se logo no proprio berço de Roma, onde Romulo e Remo são amamentados por uma *loba.* Se dérmos credito ao velho historiador Valerio, citado por Aurelio Victor, por Aulo Gelio e por Macrobio, esta *loba* não era senão uma prostituta, chamada Acca Larencia, amante do pastor Faustulo, que recolheu os infelizes gemeos, abandonados nas margens do Tibre. Acca Larencia havia sido cognominada a *Loba* (*Lupa*) pelos pastores d'aquella região, e todos elles a conheciam por a terem encontrado muitas vezes errante nos bosques, onde a possuiam a troco de valiosos presentes. Graças a este commercio impudico, mas extremamente rendoso, a *Loba* chegára a comprar os campos situados entre as sete collinas, e legou-os a seus filhos adoptivos, que n'elles fundaram a cidade eterna.

Macrobio diz sem reticencias que a *Loba* adquirira uma grande fortuna, entregando-se sem escolha nem hesitações a todos os que lhe pagavam (*mere-*

ricia quæstu locupletatam.) Assim, pois, o povo romano teve por ama de leite uma meretriz e o seu berço ou ponto de partida foi um *lupanar*. Chamava-se assim a cabana de Acca Larencia, e este nome applicou-se depois aos impuros asylos das suas similhantes, que em memoria d'ella foram tambem chamadas *lobas*. Já anteriormente vimos que entre os gregos havia tambem *feras* da mesma especie.

A ama de leite de Romulo e Remo, a possuidora do primeiro territorio de Roma, adquirido com o producto do seu infame trafico, exerceu por muitos annos o seu officio. Morreu com a reputação de uma rameira desaforada, e não obstante isto instituiram-se festas em sua honra debaixo da denominação de *Lupercaes*. Se não lhe foi erigido um templo, foi sem duvida pelo receio de manchar esse logar sagrado com o nome de *Lupanar*, que já havia deshonrado a cabana do pastor Faustulo. Para cohonestar até certo ponto a fundação das *Lupercaes*, apresentaram-nas como festas funebres, celebradas no mez de dezembro, no anniversario da sua morte, e dentro em pouco, pelo respeito que começou a manifestar-se para com o pudor publico, consagraram-nas ao deus Pan. Não resta duvida, porém, de que a primeira festa instituida pelos dois irmãos Romulo e Remo, ou por seu pae adoptivo, o pastor Faustulo, foi em honra e memoria da *loba* Acca Larencia.

Esta festa que subsistiu até ao seculo v da éra christã, havendo comtudo soffrido numerosas vicissitudes, era effectivamente digna de uma cortezã. Os *lupercos*, sacerdotes de deus Pan, com o corpo nu, á excepção de uma pequena parte que cobriam com uma pelle de ovelha, levando n'uma das mãos uma faca ensanguentada e na outra um latego, percorriam as ruas ameaçando os homens com a faca e fustigando as mulheres com o latego. Estas, longe de se subtrahirem ás chicotadas, procuravam-nas com uma certa avidez e recebiam-nas com intima complacencia. Vem d'aqui a origem d'essa corrida emblematica, que devia dar remedio á esterilidade das mulheres fazendo-as conceber, se o latego divino ou sacerdotal lhes tocava em boa parte. Quando os romanos de Romulo fizeram o celebre rapto das sabinas, para terem mulheres e filhos com que podessem povoar a sua cidade nascente, as raptadas mostraram-se a principio refractarias aos desejos dos raptores, sendo infecunda aquella união forçada, bem que ellas não tivessem razão de queixa da assiduidade e boa vontade dos seus maridos. Foram, pois, invocar Juno a um bosque consagrado a Pan, e o oraculo disse-lhes:

— E' mister que um bode as faça mães.

Não houve necessidade de recorrer a um bruto d'aquella especie. Um sacerdote de Pan livrou-as da difficuldade immolando o bode n'aquelle mesmo sitio e cortando em tiras ou correias a pelle do animal, com as quaes azorragou as sabinas. Quasi todas ellas ficaram gravidas em consequencia d'esta flagellação, que as *Lupercaes* tiveram o privilegio de continuar.

A mythologia latina dava outra origem ás correrias dos lupercos, origem muito mais poetica, mas muito menos nacional. Hercules viajava em companhia de Omphale. Um fauno vê-os passar e segue-os furtivamente na esperança de se aproveitar do momento em que Hercules deixasse a sua companheira só para poder realisar um dos seus doze trabalhos. Os dois amantes pernoitaram n'uma gruta onde ceiaram, tendo antes da ceia trocado os vestidos por brincadeira. Omphale envolvera-se na pelle do leão de Neméa e puzera a tiracollo o carcaz das setas envenenadas, e Hercules, descobrindo o peito cabelludo, adornara-se com o collar e braceletes da sua amada. Disfarçados d'este modo, beberam até embriagar-se, e cada qual dormia já para seu lado em leitos de folhas seccas quando o fauno penetra na caverna e começa a procurar ás apalpadellas o leito da bella Omphale. Encontrando a pelle de leão, que infelizmente para elle não lhe revela o bello corpo que estava n'esse momento cobrindo, foge d'ella e di-

rige-se para o leito de Hercules. O heroe acorda com aquella brusca investida, e castiga o audacioso fauno, que tinha levado muito longe o seu fatal engano. Desde então Pan olhou com horror o disfarce que havia enganado o seu fauno, e para evitar enganos d'aquelle genero ordenou que os seus sacerdotes fossem quasi nus nas *Lupercaes*.

Nos dias d'estas festas sacrificavam-se cabras e bodes, que as lupercos esfollavam immediatamente para vestirem as pelles ensanguentadas, que tinham a virtude de accender os desejos, infundindo um ardor caprino nos lascivos sacrificadores do deus Pan. A prostituição religiosa era, pois, o principal elemento das *Lupercaes*.

Não foram estas as unicas solemnidades nem o unico e exclusivo culto, que a prostituição havia estabelecido em Roma, antes do culto e festas de Venus. No reinado de Anco Marcio, uma cortezã chamada Flora, adoptou o nome de Acca Larencia, em memoria da mãe adoptiva de Romulo. Era extremamente bella esta segunda *loba*, mas estava longe de ser tão opulenta como a primeira. Um dia foi ao templo de Hercules para implorar a protecção do potente semideus, e passou a noite alli, á espera de uma inspiração qualquer, que lhe fizesse mudar de destino. Hercules annunciou-lhe em sonhos que a primeira pessoa que encontrasse ao sahir do templo lhe traria a fortuna que procurava. Effectivamente quando sahiu encontrou o patricio Tarucio, senhor de bens consideraveis, que apenas a viu tão enamorado ficou d'ella que chegou a fazel-a sua esposa. Quando morreu, deixou-lhe tudo quanto possuia, e Flora a quem aquelle casamento déra uma grande celebridade voltou a exercer o seu antigo officio de cortezã, augmentando assim fabulosamente a sua fortuna, que legou ao povo romano.

O Senado acceitou sem escrupulo a herança, e em signal de reconhecimento decretou que o nome de Flora fosse inscripto nos fastos do Estado, e se perpetuasse com festas solemnes a memoria da generosa e benemerita cortezã.

Mais tarde, porém, estas honras solemnes tributadas a uma mulher de má vida repugnaram á consciencia das pessoas honestas, e determinou-se rehabilitar a cortezã divinisando-a.

Flora foi desde então a deusa das flores, e as *Floraes* continuaram a celebrar-se com esplendor divino e sem escrupulo de pessoa alguma no mez de abril ou principios de maio. Applicava-se á celebração d'estas festas o rendimento dos bens de Flora, e quando este rendimento não era já sufficiente, ahi pelo anno 513 antes de Christo, foram igualmente applicadas ao mesmo fim as multas provenientes das condemnações por crimes de peculato.

Estes regosijos publicos chamados festas de Flora e Pomona conservaram sempre o stygma da sua fundação. Os magistrados por varias vezes as prohibiram, mas o povo renovava-as todas as vezes que a secura da estação parecia annunciar más colheitas

N'essa occasião, o povo largava todas as occupações por espaço de seis dias, consagrando-se exclusivamente a estes regosijos. Coroava de flores as estatuas e altares dos deuses e das deusas, as portas das casas e as taças dos festins; cobria de herva fresca as ruas e praças; celebrava n'ellas simulacros de caçadas, perseguindo lebres e coelhos, que só as cortezãs tinham o privilegio de apanhar, quando se mettiam debaixo das suas tunicas. Os edis, que tinham a direcção suprema das *Floraes*, atiravam sobre o povo uma verdadeira chuva de favas, feijões, ervilhas e outras sementes leguminosas, que todos disputavam empurrando-se e até mesmo soccando-se valentemente.

Não era só isto, porém. As *Floraes*, que as cortezãs consideravam como festas exclusivamente suas, davam occasião a terriveis desordens no Circo. As cortezãs sahiam de casa em cortejo, precedidas de trombetas e envoltas em amplos veus, sob os quaes iam completamente nuas, e adornadas com todas as

suas joias. Reuniam-se todas no Circo, e alli á vista do povo que se apinhava em redor, despojavam-se dos veus e mostravam-se na mais indecente nudez, acompanhando com movimentos e contorsões lascivas aquella escandalosa e infame exposição. Corriam, dançavam, luctavam, saltavam como os athletas e foliões, e cada uma das suas attitudes impudicas arrancava um grito de admiração e um applauso áquelle povo baixo e delirante.

De repente, uma turbamulta de homens igualmente nús lançavam-se na arena d'aquelle obsceno espectaculo, e ao som das trombetas realisava-se publicamente a mais espantosa scena de prostituição humana!

Um dia, o severo Catão appareceu no Circo, exactamente na occasião em que os edis iam dar o signal para começar aquella scena infame. A presença do grande cidadão conteve os magistrados. As cortezãs permaneceram vestidas, as trombetas silenciosas, e o povo esperava cheio de impaciencia. Houve alguem que fez observar ao illustre censor que a sua presença era um obstaculo á celebração d'aquella solemnidade deshonesta. Catão levantou-se immediatamente, cobriu o rosto com a extremidade da sua toga e sahiu do Circo.

O povo bateu palmas em demonstração de applauso, os edis fizeram o signal, as trombetas soaram alegres e estrepitosas, as cortezãs despiram-se, e o espectaculo da prostituição publica começou immediatamente.

Foi esta a prostituição mais desaforada que jámais se praticou sob os auspicios de uma deusa, o que bem demonstrava que essa deusa havia sido originariamente a mais desaforada das prostitutas.

O culto da prostituição era menos desaforado nos templos de Venus. O mais antigo dos templos de Roma parece haver sido o de *Venus Cloacina*. Nos primeiros tempos da republica, quando se tratava de limpar a grande cloaca, ou esgoto, construida pelo rei Tarquinio para conduzir ao Tibre as immundicies da cidade, encontrou-se uma estatua debaixo d'aquelle lodo infecto e pestilente. Era uma estatua de Venus. Ninguem perguntou quem a havia deitado para alli, mas dedicaram-lhe um templo sob o nome de *Venus Cloacina*.

As cortezãs iam de noite procurar fortuna em redor do templo e da cloaca, que ficava proxima, e reservavam uma parte dos seus infames lucros, para a offerecerem á immunda deusa do esgoto, cujo altar attrahia um concurso perpetuo de votos e offerendas do mesmo genero.

Venus tinha templos mais limpos e menos frequentados nas doze regiões ou bairros de Roma. Venus Placida, Venus Calva, Venus Geradora, Venus Verticordia, Venus Ericina, Venus Victoriosa e outras Venus bastante decentes não auctorisavam a prostituição, tolerando-a apenas para uso dos sacerdotes, que se consagravam a ella nas sombras de logares occultos. Não eram, porém, assim as Venus que presidiam exclusivamente aos mais secretos mysterios do amor. O templo de Venus Volupia, situado no decimo districto romano, attrahia os libertinos de ambos os sexos, que iam alli pedir inspirações á deusa impudica. O templo de Venus Salacia, ou Lasciva, situado no recinto de Roma n'um ponto completamente ignorado, era visitado muito devotamente pelas cortezãs, que desejavam aperfeiçoar-se na sua profissão. O templo de Venus Lubencia, ou Libertina, ou melhor de Boa-Vontade, ficava extra-muros da cidade no meio de um bosque, que prestava a sua sombra propicia ás aventuras galantes.

Debaixo d'estes differentes nomes, Venus afagava sempre os instinctos de prazer, senão os da libertinagem, mas os seus templos, tanto em Roma, como na Grecia, como na Asia Menor, não eram deshonrados por um mercado patente da prostituição. Unicamente as cortezãs levavam a sua piedade, ou devoção pela deusa, ao extremo de se venderem em proveito d'ella, mas em todo o caso o sacrificio não se consumava no interior do templo, a não ser quando era sacrificador o proprio sacerdote.

Em nenhuma passagem dos auctores latinos se lê que os templos de Ve-

nus em Roma tivessem consagradas, collegios ou communidades de sacerdotisas, que se prostituissem em beneficio dos seus altares, como succedia ainda em Corintho no tempo dos imperadores. Strabão refere na sua *Geographia* que o famoso templo de Venus Ericina na Sicilia estava cheio de mulheres, consagradas ao culto da deusa, e offerecidas aos seus altares pelos supplicantes que queria tornal-a propicia aos seus votos. Estas escravas consagradas podiam resgatar-se com o dinheiro que ellas proprias auferiam da prostituição e do qual apenas uma parte pertencia ao templo que a protegia. Este famoso templo cahiu em ruinas no tempo de Tiberio, que na sua qualidade de descendente da deusa o fez reedificar, dotando-o de novas sacerdotisas.

Quanto aos templos de Roma, todos elles eram de exiguas dimensões, de modo que o sanctuario não podia conter mais do que um altar, a estatua da deusa e os instrumentos dos sacrificios. Por isso não se penetrava n'elles, e nas festas de Venus, como nas das outras deusas, as ceremonias celebravam-se ao ar livre, no portico ou junto ás grades do sanctuario. Esta fórma de architectura parece excluir toda a ideia de prostituição sagrada, pelo menos dependente do mesmo templo.

Por outro lado, os romanos, adoptando a religião dos gregos tiveram de a accommodar aos seus costumes, e o espirito sceptico d'aquelle povo não se prestava a actos de fé e de abnegação, que para não serem odiosos e ridiculos deviam ser praticados com simplicidade e candura.

Os romanos não acreditavam na divindade dos seus deuses.

E', pois, fóra de duvida que as festas de Venus em Roma eram, senão castas, pelo menos decentes em tudo o que dizia respeito ao culto, e que serviam unicamente de pretexto ás orgias e desordens de toda a especie que tinham logar no interior do domicilio.

Quando Julio Cesar, que se jactava de descender da deusa Venus, deu nova expansão ao culto da sua divina ascendente, dedicou-lhe templos e estatuas por todo o imperio romano; fez celebrar em sua honra jogos solemnes e dirigiu pessoalmente as festas magnificas que n'essa época restabelecia ou creava. O illustre cabo de guerra, apesar de ser um grande libertino, não teve de nenhum modo o pensamento de pôr em vigor, sob os seus auspicios, a prostituição sagrada ou religiosa, porque fugiu sempre de se occupar das personificações impudicas de Venus, que como Lubencia, Volupia, Salacia, etc., eram unicamente devoções das cortezãs. Deve além d'isso notar-se que Venus Cortezã nunca teve templos em Roma.

Roma adorava, mais do que outra Venus qualquer, Venus Victoriosa, que parecia ser a grande protectora da nação descendente de Enéas. Não póde precisar-se, comtudo, a época em que Venus alli teve um culto especial, sob a denominação de Venus Armada. Este culto era de origem espartana e não romana, porque Venus em Esparta, antes de ser Victoriosa, tinha sido cognominada Venus Armada.

Nos tempos heroicos de Lacedemonia, todos os homens validos sahiram d'esta cidade para irem sitiar Messenia. Os sitiados, porém, sahiram secretamente de dentro das muralhas, e foram de noite surprehender Lacedemonia, que tinha ficado sem homens. As lacedemonias, porém, dignas companheiras d'aquelles homens de rija tempera, armaram-se precipitadamente e, sahindo com toda a coragem ao encontro dos messenianos, puzeram-nos em vergonhosa debandada. Pela sua parte os espartanos, advertidos do perigo que corria a sua cidade, levantaram o sitio de Messenia e foram defender os patrios lares. A curta distancia da cidade, viram brilhar reluzentes capacetes, couraças e lanças, e julgando terem pela frente o inimigo, aprestaram-se para lhe dar batalha. N'isto, as valorosas mulheres approximaram-se e ergueram as tunicas para se fazerem reconhecer pelo seu sexo. Envergonhados do seu engano, os lacede-

monios precipitaram-se de braços abertos sobre aquellas mulheres tão esforçadas, e sem lhes darem tempo para se desarmarem, travaram alli mesmo uma lucta amorosa, que deu origem ao culto de Venus Armada.

«Oh Venus! exclama um poeta da Anthologia grega, oh Venus! Tu que só amas os risos e os prazeres dos amores, onde foste buscar essas armas bellicosas? tu que te comprazes apenas com os cantos da alegria e com os suaves sons da flauta em companhia do rubicundo Hymineu, para que te revestes d'essas armas? Não te ensoberbeças de haver despojado o terrivel Marte. Como és poderosa, oh Venus!»

Ausonio, imitando este epigramma, faz dizer á deusa:

«Se posso vencer nua, para que heide armar-me?»

A *Venus-Victrix* de Roma estava nua, com o capacete na cabeça e a lança na mão.

As festas publicas de Venus foram, pois, muito menos indecentes do que as de *Lupa* e *Flora*. Eram voluptuosas, mas não obscenas, á excepção de um episodio mystico, que sómente podia ser presenciado por um pequeno numero de privilegiadas, e que feria a imaginação das pessoas a quem era referido com pormenores mais ou menos maravilhosos. O poeta Claudio não nos diz em que tempo se executava em Roma esta engenhosa sorte de physica recreativa.

Deitava-se n'um leito de rosas a estatua de marfim da deusa nua; punha-se tambem no mesmo leito, mas a certa distancia, uma estatua de Marte, coberta de armas de ferro. Ao cabo de alguns instantes, consummava-se o mysterio. As duas estatuas moviam-se ao mesmo tempo e lançavam-se com tanta força uma contra a outra, que soavam como se se tivessem despedaçado, e feito isto, permaneciam estreitamente abraçadas e arquejantes, entre as folhas de rosas do leito, em que este mysterio se celebrava.

O segredo d'esta scena mythologica estava no ventre da estatua de marfim, que tinha uma pedra iman, cuja potencia attractiva obrava sobre o ferro da armadura da estatua de Marte. Mas esta invenção accusava uma época de aperfeiçoamento muito avançado. Os primeiros romanos tinham cultos menos artisticos para as suas primeiras Venus.

Uma d'estas foi Venus Myrthea, assim chamada por causa de um bosque de myrtho que rodeava o seu templo, situado com toda a verosimilhança perto do Capitolio. O myrtho era consagrado a Venus e servia para as purificações que precediam a ceremonia nupcial. Segundo a tradição, os romanos que raptaram as sabinas coroaram-se de myrtho em signal da sua victoria amorosa e da sua fidelidade conjugal. Venus havia-se tambem coroado ao vencer Juno e Pallas no juizo de Páris. Offereciam-se, pois, corôas de myrtho a todas as Venus, e as severas matronas que não adoravam senão Venus decentes, olhavam o myrtho com horror, como nos assegura Plutarcho, porque era ao mesmo tempo o emblema e o incentivo do prazer sensual.

Venus Myrthea tomou o nome de Murcia, quando o seu templo foi transferido de junto do Circo para o Monte Aventino, chamado tambem Murcio (*Murtius.*) Desde então as donzellas nunca mais receiaram ir invocar Venus Murcia, offerecendo-lhe pequeninas estatuas de cera ou de barro, que recordavam, sem que ellas o soubessem, o antigo costume das mulheres se consagrarem á deusa, fazendo-lhe o sacrificio da sua virgindade. Este sacrificio que havia sido tão frequente e geral no culto de Venus, perpetuava-se ainda sob a fórma do symbolismo, e em todas as partes o facto brutal havia sido substituido por allusões mais ou menos transparentes. Assim, quando os romanos conquistaram a Phrygia e se estabeleceram na Troada, que elles consideravam como o berço da sua raça, encontraram alli um costume que se referia ao culto de Venus, e que havia substituido o facto material da prostituição sagrada: poucos dias antes do seu casamento as donzellas consagravam-se a Venus, banhando-se

*

no rio Scamandro, em cujas aguas se haviam outr'ora banhado as tres deusas, preparando-se para comparecer perante o seu juiz, o pastor Páris.

— Scamandro! exclamava a troyana que se entregava ás amorosas ondas d'este rio sagrado, — Scamandro! recebe a minha virgindade!...

O culto de Venus em Roma não reclamava sacrificios da mesma especie. As cortezãs eram além d'isso as concorrentes mais assiduas aos altares da deusa, que pela propria etymologia do seu nome a todos chamava e a todos convidava constantemente ao prazer (*quia venit ad omnia*, diz Cicero no seu tratado da *Natureza dos deuses; quod ad cunctos veniat*, diz Arnobio no seu livro contra os *Gentiles*.) As cortezãs offereciam-lhe de preferencia as insignias e os instrumentos da sua profissão, cabelleiras louras, pentes, espelhos, cintos, alfinetes, sandalias e outros objectos ainda, que caracterisavam os segredos da sua profissão. Todas ellas de bom grado e á porfia se despojavam das suas joias e adornos para os offertarem á deusa, que devia por sua vez indemnisar com boas fortunas as suas devotas.

Algumas d'estas mulheres manifestavam um reconhecimento mais desinteressado nas suas offerendas, e os seus amantes apresentavam-se com outras não menos expressivas. Este offerecia a lampada que havia sido testemunha da sua ventura; aquelle a tocha ou a alavanca que lhe servira para queimar ou arrombar a porta da sua amada. A maior parte d'elles offertavam lampadas phallicas, ou phallos votivos. Sacrificavam-se em honra de Venus, mãe do amor, cabras e bodes, pardaes e pombas, animaes de que a deusa gostava, por causa do zelo que manifestam pelo seu culto.

No emtanto, se as ceremonias de Venus não offendiam o pudor nos templos, auctorisavam muitas desordens no interior das casas, sobretudo entre os jovens libertinos e as cortezãs.

A mais desenfreiada d'estas festas tinha logar em abril, mez consagrado á deusa do amor, porque todos os germens da natureza se desenvolvem durante este periodo regenerador, e parece que a terra sensivel a este estremecimento da vida universal abre o seio uberrimo aos beijos da primavera. As noites de abril passavam-se comendo, bebendo, e cantando os louvores de Venus debaixo de arcadas de verdura e ramos entrelaçados com flores. Chamavam-se estas noites *Serões de Venus*, e toda a juventude romana tomava parte em taes diversões com o ardor proprio da sua edade, emquanto que os anciãos e as mulheres casadas se encerravam no fundo das suas casas debaixo da tutella dos seus lares, para não ouvirem aquelle ruido de cantos, danças e alegres gargalhadas.

A's vezes executavam-se por occasião d'estas festas, mas sómente em certas sociedades dissolutas, danças e pantomimas licenciosas, que punham em acção as principaes circumstancias da historia de Venus. Representavam-se alternadamente o *Juizo de Páris*, as *Redes de Vulcano*, os *Amores de Adonis* e outras muitas scenas d'aquella impura mas poetica mythologia. Os actores que figuravam n'estas pantomimas estavam completamente nus e esforçavam-se por imitar com toda a expressão possivel os feitos amorosos dos deuses e deusas, de tal modo que Arnobio, fallando d'estas diversões plasticas, diz que Venus, a mãe do povo soberano, não passava de uma bacchante ébria que se abandonava a todas as obscenidades e infamias das cortezãs. Arnobio accrescenta ainda que a deusa devia envergonhar-se de vêr as horriveis indecencias que se attribuiam ao seu Adonis.

E cousa rara! As mulheres romanas, tão reservadas a respeito do culto de Venus, não tinham escrupulo algum de expôrem o seu pudor á pratica de certos cultos mais deshonestos e vergonhosos, que, não obstante, só diziam respeito a deuses e deusas subalternos, a Cupido, a Mutina, a Pertunda e a Priapo. Era a estes deuses obscenos que essas mulheres offereciam os seus sacrificios, e

não só no interior dos domicilios, mas até mesmo nos templos publicos, ante as estatuas erigidas nas ruas e nas praças. E não eram as cortezãs que assim se dirigiam a este mysterioso Olympo do amor sensual, porque a essas bastavalhes a deusa Venus sob os seus multiplices nomes e fórmas variadas; eram as matronas, eram até as virgens as que se permittiam o exercicio d'estes secretos e impudentes cultos. E' verdade que só se entregavam a elles cobertas com amplos veus e esperando pelas trevas da noite, mas não temiam nem tambem se envergonhavam de ser vistas ou reconhecidas adorando Priapo e o seu cortejo de infames deuses. Póde crêr-se todavia que conservavam puro o coração em presença d'aquellas impuras imagens, que ostentavam a sua monstruosa obscenidade por toda a parte, nas ruas, nos jardins, e até nos campos, sob o pretexto de afugentarem os ladrões e os passaros, sendo então consideradas como os guardas sagrados da propriedade rural.

E' difficil precisar a época em que o deus de Lampsaco foi introduzido e vulgarisado em Roma. O seu culto que estava alli escandalosamente espalhado entre as mulheres mais respeitaveis, não parece haver sido regulado por leis fixas de um ceremonial religioso. O deus não tinha tambem templos servidos por sacerdotes ou sacerdotisas, mas as suas estatuas phallopheras eram tão numerosas como as suas adoradoras, que inventavam na sua devoção mais ou menos engenhosa as differentes fórmas do culto que davam, protegidas pelas trevas, áquelle deus impudico.

Priapo, que representava sob uma figura humana, monstruosamente dotada de attributos sexuaes, a alma do universo e a força procreadora da materia, só muito tarde foi admittido na theogonia grega. Mais tarde chegou ainda á dos romanos, que não o tomaram a sério com as suas orelhas de cabra, os seus cornos de bode e o seu insolente emblema de virilidade. As romanas, pelo contrario, honraram-no, para assim dizermos, com a sua protecção particular, e não o trataram como um deus impotente e ridiculo.

Este Priapo, de quem os mythologos fizeram um filho natural de Venus e de Baccho, era apenas uma encarnação do Horus dos egypcios, o qual personificava tambem os principios geradores da natureza. Mas as damas romanas não profundaram tanto as cousas. O seu deus favorito presidia aos prazeres do amor, aos deveres do matrimonio e a toda a economia domestica. Era isto o que o distinguia particularmente de Pan, com quem tinha varias relações de aspecto e de attribuições. Dava-se-lhe ordinariamente a fórma de um Hermes e empregava-se no mesmo uso que tinham os Terminos nos jardins, nos hortos e nos campos, que serviam para proteger a propriedade com a sua clava ou com o seu bastão.

Os monumentos antigos revelam-nos os diversos sacrificios que Priapo recebia em Roma e em todo o imperio romano. Coroavam-no de flores ou de folhas, cobriam-no de grinaldas, offereciam-lhe fructos. Umas vezes nozes, em allusão aos mysterios do matrimonio, outras, maçãs, em memoria do juizo de Páris. Queimavam-se deante d'elle, n'um altar portatil, flôr de trigo e legumes. Dançava-se ao som da lyra ou da dupla flauta em torno do seu pedestal, e cada qual se entregava com mais ou menos ardor ás inspirações da sua imagem lubrica. O que unicamente distinguia n'estes sacrificios as mulheres honradas das dissolutas era o veu, por detraz do qual julgavam perfeitamente abrigado o seu pudor.

Muitas vezes as corôas douradas ou floridas, que se dedicavam ao deus de Lampsaco não lhe eram collocadas na cabeça, mas dependuravam-se na parte mais deshonesta da sua estatua. *Cingemus tibi mentulam coronis.* Outro poeta das mesmas festas applaude uma cortezã, que, locupletada pelos favores e lucros da prostituição, offerece a Priapo, a quem chama *santo,* uma corôa com esta dedicatoria:

CINGULA INAURATA PENEM TIBI, SANCTE, CORONO

De resto, o attributo priapico reapparecia sem cessar, como um emblema allegorico, n'uma multidão de circumstancias da vida particular, e os olhares honestos, á força de o verem assim multiplicado em mil caprichosos destinos, habituaram-se a vêl-o com indifferença e distracção. Priapo e o seu enorme membro viril viam-se n'uma lampada, n'um castiçal, n'uma joia, n'um pequeno movel ou utensilio de bronze, de marfim, de barro, ou de corno. Era principalmente um amuleto, que as mulheres e as creanças traziam ao peito para estarem livres de enfermidades e quebrantos. Era este deus obsceno, do mesmo modo que no Egypto, o guarda tutelar do amor e o auxiliar da geração. Os pintores e os esculptores compraziam-se em dar-lhe azas, patas ou garras, querendo d'este modo significar que rasgava o dominio de Venus, e que corria ou voava para elle, ardente e impetuoso. Um objecto tão obsceno tinha, portanto, perdido d'este modo o seu caracter de obscenidade, e o espirito havia-se quasi deshabituado a reconhecer n'elle o que os olhos nem sequer se lembravam de vêr.

No emtanto, o culto de Priapo, nem por isso deixava de ser o pretexto de muitas impurezas secretas.

Este culto comprehendia, além d'isto, o do deus *Mutino, Mutinu,* ou *Tutuno,* que não differia do de Priapo a não ser pela posição das estatuas, pois se representava sentado em vez de estar de pé. Mutino descendia em linha recta do idolo phallophero dos povos primitivos da Asia, servia tambem para o mesmo uso e perpetuava em Roma a mais antiga fórma da prostituição religiosa. As jovens esposas eram conduzidas a este idolo antes de serem entregues a seus maridos, e vinham sentar-se nos seus joelhos, como que para lhe offerecerem a sua virgindade: *In celebratione nuptiarum,* diz Santo Agostinho, *super Priapi scapum nova nupta sedere jubebatur.* Lactancio parece dizer que não se limitavam a occupar este assento indecente: *Et Mutinus,* diz elle, *in cujus sinu pudendo nubentes præsident, ut illarum pudicitiam prior deus delibasse videatur.* Esta libação da virgindade era ás vezes um acto real e verdadeiro.

Depois, uma vez casadas, as mulheres, que queriam combater a esterilidade, voltavam a visitar o deus, que novamente as recebia nos seus joelhos e as fazia fecundas.

Arnobio refere com assombro as horriveis particularidades d'este sacrificio. E' preciso remontar ás odiosas praticas das religiões da India e da Assyria para se encontrar um simulacro analogo de prostituição sagrada. Mas no Oriente, nas primeiras edades do mundo, o deus gerador e regenerador tinha um culto solemne que se lhe rendia publicamente, e symbolisava a fecundidade da mãe Natureza; em quanto que em Roma este culto baixo e decahido occultava-se vergonhosamente nas sombras do ediculo, para onde o desprezo publico expulsara o infame deus Mutino. Este ediculo erigiu-se primeiramente no districto ou bairro chamado *Velia* n'um extremo da cidade. Depois foi destruido no reinado de Augusto, que quiz abolir aquelle albergue de prostituição sagrada, mas o culto d'aquelle horrivel Mutino estava já tão profundamente arreigado nos costumes do povo, que foi preciso reconstruir o templo no campo de Roma, e dar assim satisfação ás jovens casadas e ás mulheres estereis, que alli iam cobertas com os seus veus não já sómente de todos os bairros de Roma, senão tambem dos pontos mais distantes da Italia.

Alguns sabios asseguram, fundando-se no que diz Festo, que o templo de Mutino continha, além da estatua d'este deus, a da sua mulher Tutuna ou Mutina, que estava alli apenas para presidir ao mysterio da defloração das virgens, sem que pessoa alguma fosse tambem sentar-se-lhe nos joelhos.

A deusa, cujo nome derivado do grego expressa o sexo feminino e designa especialmente a sua natureza e attributos sexuaes, não tinha uma posi-

ção mais honesta do que a das devotas que tão frequentemente se dirigiam a seu divino esposo.

Não deve todavia confundir-se Mutina com *Pertunda,* deusa hermaphrodita, que não tinha outro sanctuario além do cubiculo ou dormitorio dos esposos na noite nupcial. Pertunda, que Santo Agostinho chama Pertundo, era conduzida ao leito nupcial onde, segundo Arnobio, exercia ás vezes funcções tão delicadas como as do esposo, evitando-lhe o trabalho da defloração da virgindade da noiva: *Pertunda in cubiculis praesto est virginalem scrobem effodientibus maritis.* Um resto singular da prostituição sagrada, bem que a deusa não recebesse o sacrificio da virgindade, visto que apenas ajudava o marido a immolal-a.

Tambem se fazia intervir em igual caso outra deusa e outro deus, do mesmo modo inimigos da castidade conjugal, o deus Subigo e a deusa Prema, encarregados respectivamente de ensinar o seu dever ao esposo e á esposa: *ut subacta a sponso viro,* lê-se com surpreza na *Cidade de Deus,* de Santo Agostinho, *non se commoveat quum premitur.* Relativamente aos infimos deuses Tichon e Ortanes, humildes caudatarios do grande Priapo, apenas figuravam na côrte de Venus como instigadores lascivos da prostituição religiosa.

Ignora-se, porém, quem eram estes deuses impudicos, cujos nomes apenas se acham citados pelo obscuro Licophronte e por Diodoro de Sicilia. Não se sabe a que especialidade de praser presidiam, nem tão pouco se poderia formar nenhuma conjectura fundada a respeito do seu culto e imagens. Não julgamos impossivel, porém, que estes deuses, que nenhum monumento figurado nos recorda, fossem os mesmos que introduziu na Etruria, no anno 566, (186 antes de Christo), um miseravel grego, de baixa esphera, meio sacerdote e meio adivinho ou agoureiro.

Estes deuses desconhecidos, cujos nomes nos conservou a Historia, auctorisavam um culto tão monstruoso e tão abominaveis mysterios, que a opinião publica teve de pronunciar-se contra elles e de condemnal-os. A principio, só as mulheres se consagravam aos novos deuses, e ainda que com infames ceremonias, accudiam diariamente a consagrar-se grande numero de devotas, curiosas ou dissolutas. Bem depressa foram tambem admittidos os homens á pratica d'este obsceno culto, que infeccionou toda a Etruria, e chegou por fim a penetrar em Roma.

Dentro em pouco houve n'esta cidade mais de seis mil iniciados de ambos os sexos. Os seus chefes principaes e grandes sacerdotes eram M. C. Atinio, do povo infimo de Roma; L. Opiternio, do paiz dos Faliscos e Menio Cercinio, da Campania. Estes homens tinham a audacia de se intitularem fundadores de uma nova religião, mas o Senado, instruido das execraveis praticas d'aquelle culto parasita, proscreveu-o por uma lei, ordenou que todos os instrumentos e objectos consagrados fossem destruidos, e decretou a pena de morte contra todo aquelle que d'este modo tratasse de corromper a moral publica. Muitos sacerdotes que faziam iniciações apesar da prohibição do Senado foram presos e condemnados ao ultimo supplicio. Foi mister empregar todo este rigor para estorvar o progresso verdadeiramente assustador de um culto, que se dirigia aos mais grosseiros appetites da natureza humana. No emtanto, a nodoa d'esta libertinagem sagrada nunca desappareceu completamente dos costumes e crenças da arraia miuda de Roma.

Havia talvez intimas relações entre este estranho culto, que o Senado procurava destruir e o culto de Isis, que foi igualmente por muitas vezes objecto das proscripções dos magistrados. Não se sabe em que época foi introduzido pela primeira vez o culto isiaco, do que não resta, porém, a menor duvida é de que chegou alli, disfarçado debaixo de uma fórma asiatica, muito differente da sua origem egypcia.

No Egypto os mysterios de Isis, a deusa geradora de todas as cousas, não foram sempre castos e irreprehensiveis, mas representavam em allegorias a creação do mundo e dos seres, o destino do homem, o estudo da sabedoria e a vida futura das almas. Entre os romanos, como na Asia, estes mysterios não eram senão pretextos e occasiões de desordens de todo o genero. A prostituição era o seu fim directo e principal. Eis o motivo porque o templo da deusa em Roma foi demolido dez vezes e outras tantas reedificado; eis o motivo porque o Senado só tolerou emfim as isiacas pela protecção que lhes concediam alguns cidadãos ricos e poderosos; eis o motivo finalmente porque, apesar da prodigiosa extensão do culto de Isis no tempo dos imperadores, as pessoas honestas o olhavam com horror e ninguem era mais despresado por ellas do que um sacerdote de Isis.

Appuleio, no seu *Burro de ouro*, faz-nos uma descripção muito pallida dos mysterios em que havia sido iniciado e cujas ceremonias secretas não ousa revelar. Mostra-nos a procissão solemne, em que um sacerdote leva nos braços a «veneravel effigie da deusa omnipotente, effigie que não tem nada de ave nem de quadrupede domestico ou selvagem, nem se assimilha tão pouco ao homem, mas que é veneravel pela sua mesma raridade, e que caracterisa engenhosamente o mysticismo profundo e o segredo inviolavel de que se rodeia esta augusta religião.»

Deante da effigie, que não era outra cousa senão um phallo de ouro com emblemas de amor e fecundidade, um membro viril gigantesco, agrupava-se uma multidão de iniciados, homens e mulheres de todas as edades e condições, vestidos com tunicas de linho de esplendida alvura. Os homens com a cabeça rapada e agitando sistros de metal, as mulheres com os cabellos soltos e inundados de essencias e todas ellas envoltas em transparentes veus.

Mas Appuleio omitte prudentemente o que se passava no templo, onde se effectuava a iniciação ao ruido de sistros e campainhas. E todos os escriptores da antiguidade guardam o mesmo silencio, a respeito de uma ceremonia que devia ser synomina de prostituição. Nem os proprios imperadores se envergonhavam de iniciar-se em taes mysterios, pondo para esse effeito a mascara de cabeça de cão, em honra de Annubio, filho de Isis.

Esta deusa, pois, ainda mais justamente de que Venus, era quem presidia á prostituição sagrada em Roma e em todo o imperio. Tinha templos e sanctuarios por toda a parte na época da maior depravação dos costumes. O principal que teve em Roma era situado no campo de Marte. As dependencias, os jardins e os subterraneos da iniciação deviam ser consideraveis, porque se avalia em muitos milhares de homens e de mulheres a affluencia dos iniciados, que accudiam processionalmente ás festas isiacas. Havia além d'isso no recinto sagrado um commercio permanente de libertinagem, no qual intervinham os sacerdotes da deusa manchados de todos os vicios e capazes de todos os crimes.

Estes sacerdotes formavam um collegio ou corporação bastante numerosa que vivia em familiaridade impudica. Ebrios a toda a hora, entregavam-se escandalosamente a todos os extravios e desordens das paixões torpes, e vestidos com as suas tunicas de linho manchadas de vinho, nodoas de gordura e outras immundicies, e com o rosto coberto com a sua mascara de cão, percorriam as ruas da cidade, pedindo de porta em porta esmola ao som dos seus pandeiros, e ameaçando com a colera e a vingança de Isis os que não eram bastante generosos.

Exerciam tambem o vergonhoso officio de corretores de negocios amorosos, encarregando-se em concorrencia com as velhas cortezãs da correspondencia amatoria, das entrevistas, dos traficos, das intrigas e das seducções. O seu templo e os seus jardins serviam de asylo aos amantes que elles protegiam e ás adulteras, que encobriam ou disfarçavam com tunicas e veus de linho. Os

maridos e os ciumentos não penetravam impunemente n'aquelles logares consagrados ao prazer, onde se viam pares amorosos e não se ouviam mais do que ternos suspiros e palavras ou gritos lubricos, que escandalisavam as pessoas honestas, e incitavam os libidinosos.

Juvenal nas sua *Satyras* falla com frequencia do uso habitual dos templos de Isis:

«Ha bem pouco tempo ainda, diz elle na satyra IX, tu manchavas frequentemente com a tua presença adultera o sanctuario de Isis e o templo da Paz, em que Ganymedes tem uma estatua, a mysteriosa mansão da *Boa-Deusa,* a morada de Ceres (porque qual é o templo em que não se prostituem as mulheres?) e, o que tu não dizes, andavas tambem atraz dos maridos.»

Esta dupla prostituição estava, pois, tolerada, senão auctorisada e protegida em todos os povos de Roma, sobre tudo n'aquelles que tinham nos templos dos deuses impudicos bosques de loureiros ou de myrthos.

O culto de Isis referia-se tambem ao de Baccho, que era adorado como uma das divinas encarnações de Osiris. A mythologia d'este deus vencedor tinha muitos pontos de contacto com a de Venus, para que o deus e a deusa não fossem honrados do mesmo modo, quer dizer, com festas de prostituição. Estas festas celebravam-se debaixo do nome de mysterios com espantosos excessos de obscenidades, sendo os mais fervorosos actores os libertinos e as cortezãs. Uns e outros com a denominação de *bacchantes* corriam durante a noite quasi nus, desgrenhados, cingidos de pampanos e hera, agitando tyrsos e archotes, ao som de cymbalos e tambores, trombetas e campainhas. A's vezes os bacchantes disfarçavam-se em faunos e andavam montados em burros, percorrendo as ruas e praças da cidade.

Tudo n'este culto bacchico symbolisava o proprio acto da prostituição. Aqui os bacchantes bebiam em taças ou vasos de barro em fórma de phallos; alli atavam o mesmo phallo, de um tamanho enorme, na extremidade dos tyrsos; as sacerdotisas do deus levavam processionalmente o phallo e os outros attributos do culto de Isis em redor do seu templo.

Comprehendem-se facilmente as incriveis desordens que havia de provocar um culto essencialmente erotico, tão agradavel e sympathico á licenciosa juventude. A alegre turba, excitada pelo vinho, tinha o direito de dispôr dos homens e mulheres que encontrava por acaso nas suas correrias nocturnas, e que perseguia com os seus gritos, risadas, palavras obscenas e gestos indecentes. Por isso, quando soava a hora das *Bacchanaes,* as mulheres honradas escondiam-se assustadas no interior das suas casas, e quando ouviam passar na rua as licenciosas e freneticas bacchantes, offereciam sacrificios aos deuses lares e invocavam Juno e o Pudor.

De resto, Baccho era adorado como deus hermaphrodita, e nos infames conciliabulos que se celebravam no interior dos seus templos, os homens faziam de mulheres e as mulheres de homens, no meio de uma orgia sem nome, que o tambor sagrado animava e regulava ao mesmo tempo.

Em todas estas vergonhosas festas, que deshonravam as divindades de Roma, as cortezãs, fieis a uma tradição cuja origem não sabiam explicar, tiravam proveito dos seus *estupros* (*stupra*) e das suas prostituições (*prostibula*); d'este lucro só se reservavam uma parte proporcionada, e depositavam o resto no altar do deus ou da deusa, sem que os proprios sacerdotes fossem cumplices n'estes tratados de impuro commercio, realisados no recinto do templo.

«Hoje é o mercado das cortezãs no templo de Venus, diz uma cortezã do *Penulo,* de Plauto. Alli se reunem os mercadores do amor. Corro pois a mostrar-me alli:

Ad ædem Veneris hodie est mercatus meretricius;
Eo conveniunt mercatores: ibi egome ostendi volo.

As cortezãs em Roma não estavam como na Grecia, á disposição dos altares, mas muito ao contrario dos gregos frequentavam todos os templos, buscando sem duvida n'elles occasiões felizes que lhes produzissem bons proveitos. Em seguida, manifestavam o seu reconhecimento á divindade que lhes havia sido propicia, trazendo ao altar a parte do lucro que julgavam dever-lhe.

A religião fechava os olhos sobre esta impura fonte de offerendas e emolumentos. A legislação civil não se intromettia n'estes pormenores de devoção impudica, que diziam respeito ao culto, e graças a esta tolerancia, ou antes, a esta abstenção systematica do poder judicial e religioso, a prostituição sagrada conservava em Roma quasi que a sua mesma physionomia e caracter primitivos, com esta differença, porém: que não sahira da classe das cortezãs, e que viera a ser um accessorio estranho ao culto, em vez de fazer parte integrante do mesmo culto.

CAPITULO XV

SUMMARIO

Época em que se estabeleceu a prostituição legal em Roma e por quem foi introduzida.—As primeiras cortezãs de Roma.—Instituição do matrimonio devida a Romulo.—As quatro leis que fez em favor das sabinas.—Estabelecimento das vestaes por Numa Pompilio.—Morte de Lucrecia.—O adulterio dos povos primitivos de Italia.—Supplicio das adulteras em Cumas.—O supplicio do burro.—As mulheres adulteras destinadas á prostituição publica.—A honra de Cybele salva pelo burro de Sileno.—Priapo e a nympha Lotis.—Lugares destinados para receber as mulheres adulteras.—Horriveis supplicios d'estas desgraçadas.—O matrimonio por confarreação.—A mãe de familia.—A esposa.—O matrimonio por coempção.—O matrimonio por usucapção.—O celibato prohibido aos patricios.—Um cavallo ou uma mulher.—Vivio Casca entre os censores.—As tabuas censorianas.—A lei Julia.—Definição da mulher publica por Ulpiano.—Differentes generos e graus da prostituição romana.—Prostituição errante.—Prostituição sedentaria.—O lenocinio.—*Lenœ* e *Lenones*.—A classe das meretrizes.—As ingenuas.—A nota de infamia.— *Licentia stupria*.—Leis e penas contra o adulterio.—O concubinato legal.—Os concubinos.—O imposto sobre a prostituição.—Vetibrio, corretor das prostitutas.—Ideias de Cicero.—Indifferença das leis para com os crimes contra a natureza.—A lei *Scantinia*.



PROSTITUIÇÃO legal estabeleceu-se em Roma debaixo de uma fórma regular muito depois da fundação d'esta cidade, que não era a principio bastante povoada para sacrificar á libertinagem publica a porção mais util dos seus habitantes. Faltavam de tal modo aos romanos mulheres para formarem uniões legitimas, que tiveram de recorrer ao rapto das sabinas. Depois d'isto ainda lhes faltaram por muito tempo para poderem fazer d'ellas cortezãs.

Póde, pois, affirmar-se com certeza que a prostituição legal foi introduzida na cidade de Romulo por mulheres estrangeiras, que alli foram em busca de fortuna, e exerceram livremente a sua vergonhosa industria até que a policia urbana julgou prudente organisal-a, submettendo-a a leis especiaes. E', porém, impossivel determinar a época fixa d'esta invasão da libertinagem nos costumes romanos, e por conseguinte o ponto de partida da prostituição legal.

A recordação que a mãe adoptiva de Romulo, Acca Larencia, havia deixado na memoria dos romanos, não tardou a apagar-se ou a encobrir-se sob o manto das Lupercaes. E, quando a bella Flora as reavivou por momentos, procurando tornal-as honrosas, vimol-as novamente absorvidas ou disfarçadas n'uma festa popular, cujas indecencias mesmo não tinham já sentido allegorico para o povo que a ellas se entregava com phrenesi. Os magistrados e sacerdotes, por outra parte, haviam-se posto de accordo para attribuirem as Lupercaes ao deus Pan e as Floraes á deusa das flores e da primavera, como se tivessem tido vergonha de recordar a origem d'aquellas solemnes festas da prostituição.

Acca Larencia e Flora são, portanto, as primeiras cortezãs de Roma; no

emtanto, não deve considerar-se a sua presença na cidade nascente, senão como uma excepção, e ha que explicar por esta circumstancia, talvez, as riquezas que adquiriram uma e outra, n'um tempo em que a concorrencia não existia para ellas. Um douto jurisconsulto do seculo XVI, pensando n'esta extraordinaria particularidade, quiz vêr em Acca Larencia, e sobretudo em Flora, a prostituta unica e official do povo romano, á imitação de uma rainha de abelhas que basta só por si para todo o enxame; e d'aqui tirou esta conclusão espantosa: — *que para uma mulher ser devida e notoriamente reconhecida por prostituta publica havia de se entregar préviamente a 23:000 homens!*

Desde o reinado de Romulo, se nos contentarmos de o estudar em Tito Livio, o matrimonio foi instituido em condições de poder afastar de si todo o pretexto do divorcio e do adulterio; porque o matrimonio considerado sob o ponto de vista politico tinha principalmente por fim na nova colonia ligar os cidadãos ao lar domestico e crear a familia em redor dos esposos. A principio houve carencia quasi absoluta de mulheres, visto que para as obter o chefe d'aquella colonia teve que appellar para a astucia e para a violencia. Quando o ardil chegou a realisar-se, e as sabinas se submetteram, bom ou mau grado, pela persuasão ou pela violencia, aos maridos que o acaso lhes havia dado, nem todos os homens validos de Roma ficaram providos de mulheres, e é muito de suppôr que durante os dois ou tres primeiros seculos, o sexo feminino estivesse em minoria n'aquella curiosa reunião de homens, vindos de todos os pontos da Italia, divididos arbitrariamente em patricios e plebeus, que pelos seus costumes, pelo seu orgulho, e pela propria distincção entre elles estabelecida, viviam completamente separados uns dos outros.

O matrimonio era, pois, necessario para ligar e fazer convergir a um centro commum estas paixões, estes costumes, estes interesses essencialmente distinctos e desconnexos; o matrimonio devia ser fixo e duradouro a fim de formar a base social do Estado; o matrimonio, emfim, repellia e condemnava toda a especie de prostituição, cuja coexistencia seria indubitavelmente em seu prejuizo. Os factos ahi estão para provar que se tornou necessario rodear das mais solidas garantias o matrimonio, tal como Romulo o havia prescripto ao seu povo. As quatro leis que estabeleceu em favor das sabinas e que foram gravadas sobre uma placa de bronze no Capitolio, demonstram amplamente que ainda não havia a temer a praga da prostituição.

A primeira d'estas leis declarava que as mulheres seriam as companheiras dos maridos e que participariam de seus haveres, honras e prerogativas; a segunda ordenava que os homens cedessem o melhor logar ás mulheres em publico, para render-lhes homenagem; a terceira prescrevia o respeito ao pudor, por palavras e acções, deante das mulheres, de modo que nenhum homem podia apresentar-se em publico senão com habitos talares, que cobriam todo o corpo até aos pés, e aquelle que se apresentasse menos coberto á vista de uma mulher (patricia por certo) podia ser condemnado á morte; finalmente, a quarta lei especificava tres casos em que se podia repudiar a mulher: o adulterio, o envenenamento dos filhos e a subtracção das chaves da casa. Fóra d'estes tres casos, o esposo não podia repudiar a mulher legitima, sob pena de perder todos os seus haveres, que teriam de ser repartidos por partes iguaes entre a mulher e o templo de Ceres.

Plutarcho cita além d'estas outras duas leis que lhes serviam de complemento e que revelam as precauções que Romulo tomou para proteger os costumes publicos e tornar mais inviolaveis ainda os laços conjugaes. Uma d'estas leis punha á disposição do marido a mulher adultera para elle a castigar como julgasse mais conveniente, depois de reunir os paes da criminosa perante os quaes tinha de se apresentar; a outra prohibia ás mulheres o uso do vinho, sob pena de serem tratadas como adulteras.

Estes rigores, estão, por certo, em desaccordo com a tolerancia da prostituição legal; deve, pois, deduzir-se d'este austero respeito ás conveniencias sociaes que a prostituição não existia ainda abertamente, podendo todavia exercer-se a occultas, fóra do recinto da cidade, nos bosques que a rodeavam. Não era preciso, por isso, evitar escandalos que por si mesmo se occultavam nas sombras das florestas e no interior das grutas. Os successores de Romulo, animados do seu espirito legislativo, occuparam-se tambem no depuramento dos costumes e em sanctificar o matrimonio.

Numa Pompilio instituiu as Vestaes e mandou construir o templo de Vesta, onde ellas mantinham o fogo sagrado da castidade. As Vestaes juravam conservar a virgindade por espaço de trinta annos e as que infringiam o voto sagrado corriam o risco de ser enterradas vivas. Dizemos que corriam esse risco, visto não ser facil provar-lhes o sacrilegio desde o momento que não fossem surprehendidas em flagrante. O seu cumplice, qualquer que fosse, era azorragado pelas outras Vestaes, que assim lhe tiravam a vida *para vingar a honra do convento*. No espaço de mil annos só desoito Vestaes foram enterradas vivas, por se lhes ter provado haverem extinguido o fogo sagrado do pudor.

Parece que Numa queria transformar em Vestaes toda as mulheres de Roma, pois que uma lei que promulgou determinava que usassem sómente vestes amplas e modestas, isto é, fluctuantes, envoltas ainda n'um veu que lhes cobria não só o seio e o collo, mas tambem o rosto: uma dama romana assim vestida e envolta na sua tunica e manto de linho, dir-se-hia a estatua de Vesta que houvesse descido do pedestal; o seu andar grave e imponente só inspirava sentimentos de veneração, como se fôra a propria deusa, e quando os homens se afastavam para lhe dar logar, era com olhares de casta admiração que a seguiam. A morte tragica de Lucrecia, que não pôde resignar-se a sobreviver á affronta que lhe fôra feita, é a prova mais convicente da pureza dos costumes n'aquella época; o povo inteiro, sublevando-se contra o auctor de um attentado commettido no leito conjugal, protestava em nome da moral publica.

Ha ainda outras provas do horror e desprezo que inspirava o crime do adulterio nos povos primitivos da Italia, em parte infeccionados pela corrupção grega e phenicia. Por exemplo, em Cumas, na Campania, uma mulher surprehendida em adulterio era despojada dos vestidos, e exposta, completamente nua, sobre uma pedra, ás vaias e insultos da população, isto por espaço de muitas horas; depois montavam-a n'um jumento, fazendo-a passear por toda a cidade entre gritos e sarcasmos. Nenhum outro castigo lhe era imposto além d'este, que vinha a ser o sello da ignominia durante o resto da sua existencia abjecta e miseravel.

Na opinião de certos commentadores, a pena de adulterio no Lacio e paizes limitrophes era ainda mais escandalosa que o proprio adulterio. O asno de Cumas figurava tambem n'aquella extranha jurisprudencia, mas as funcções que tinha a desempenhar não se limitavam a servir de cavalgadura á paciente, a qual tinha de ser publicamente victima do libidinoso quadrupede. Era uma diversão monstruosa, digna da selvageria dos faunos e aborigenes d'aquellas agrestes regiões.

As infelizes que soffriam tão barbaro castigo só se consideravam pertencendo á sociedade para servirem de escarneo e satisfazerem outras brutalidades. E' verosimil que fossem ellas as primeiras prostitutas que se destinaram ao uso geral dos habitantes do paiz. N'umas partes, fez-se desapparecer, por decencia, a obscena intervenção do asno; n'outras, ao contrario, conservou-se como emblema a presença d'este animal, a que já não estavam reservadas as funcções de verdugo. Póde fazer-se remontar a esta antiga origem o passeio sobre um jumento que se vê tão repetido na meia edade, não só em Italia como

em todos os povos da Europa, onde a lei romana conseguira penetrar. O asno representava evidentemente a luxuria na sua mais brutal accepção, e a elle se entregavam, por assim dizer, as mulheres que haviam perdido a dignidade commettendo adulterio ou votando-se á libertinagem publica. Não seria facil saber-se se o irracional mostrava ou não intelligencia nos supplicios que era encarregado de realisar; diz, porém, a Historia, que em taes circumstancias, bastante raras entre os antigos romanos, levava uma campainha suspensa das orelhas, afim de que cada um dos seus movimentos publicasse a vergonha da condemnada.

Esta campainha foi tambem um attributo heroico do burro de Sileno, que apesar da sua lascivia mereceu a benevolencia de Cybele por salvar a honra d'esta deusa. Dormia Cybele n'uma gruta afastada e o indiscreto Zephyro divertia-se em levantar-lhe as pontas do veu. Succedeu passar por alli Priapo, e ao contemplar aquella divina belleza, dispunha-se a aproveitar a occasião, quando o burro de Sileno veiu estorvar suas intenções, começando a zurrar estrondosamente. Cybele despertou, e teve tempo felizmente de se furtar aos temerarios desejos de Priapo. Como prova de reconhecimento houve por bem consagrar ao serviço do seu templo o burro que tão a propositoviera em seu auxilio, e em memoria do perigo em que estivera collocou-lhe uma campainha nas orelhas. D'ahi em diante, todas as vezes que ouvia soar o instrumento, olhava logo em redor de si, receando novo ataque de Priapo.

Este, pelo contrario, ficou desde então com tal aversão ao burro, que nada lhe era tão agradavel como o sacrificio d'este animal. Contam até muitos poetas que Priapo, para o castigar, o cegára. O castigo não lhe aproveitou muito, ao que parece, porque de outra vez o burro não hesitou em tocar a rebate n'uma situação analoga.

Priapo encontrou n'um bosque a nympha Lotis, adormecida como Cybele e completamente descuidosa de qualquer offensa. O deus impudico, offegante de luxuria, dispunha-se já a cahir sobre a sua presa, quando o burro, que estava de atalaia, desatou n'um zurro importuno, que acordou a formosa Lotis. A lenda conta ingenuamente que a nympha se indignára ainda mais contra o animal importuno, do que contra a audaciosa tentativa de Priapo, e é provavel que os romanos acceitassem esta predisposição da nympha contra o animal, porque o burro era olhado em Roma com odio e quasi com horror, sendo o seu encontro considerado de mau agouro.

Quando o burro foi successivamente privado das suas velhas prerogativas no castigo das adulteras, deu-se-lhe um supplente bipede, e ás vezes mais de um até ao mesmo tempo, respeitando-se sempre o uso da campainha, como uma recordação da antiga pena. O costume muito melhor do que a lei, devia ter estabelecido esta outra fórma de castigo para os culpados das classes inferiores, porque é difficil de suppôr que os patricios, ainda mesmo para vingarem as suas injurias pessoaes, se pozessem á mercê da insolencia e brutalidade do populacho. Havia em varios bairros de Roma, os mais afastados do centro da cidade, provavelmente perto dos ediculos de Priapo, certos logares destinados a receber as mulheres adulteras e a expôl-as aos ultrages dos curiosos. N'estas especies de prisões, illuminadas por estreitas janellas e fechadas solidamente com portas de ferro, um leito de pedra, coberto apenas com uma pouca de palha, estava sempre preparado para receber as victimas, que eram obrigadas a entrar de costas n'aquelle logar de ignominia. Cabeças de burro, esculpidas em relevo na parte exterior d'estas sentinas, indicavam que este animal presidia ainda aos impuros mysterios de um barbaro supplicio. Uma sineta dominava a cupula d'este edificio que foi talvez a origem do pelourinho dos tempos modernos.

A mulher surprehendida em adulterio, umas vezes era entregue ao povo,

outras ao marido ultrajado, e outras ainda ao juiz, que a condemnava á prostituição publica. A desgraçada era arrastada para o seu cruel destino, no meio das vaias, dos apupos, das provocações mais obscenas. Nenhum resgate podia redemil-a, nenhuma supplica, nenhum esforço podia subtrahil-a a tão horrivel castigo. Quando semi-nua, ultrajada, vilipendiada, entrava no logar do supplicio, fechava-se de novo a porta, e jogava-se á sorte com dados, ou pedaços de osso numerados, que indicavam a cada executor da lei o turno que lhe correspondia n'aquella abominavel fórma de justiça criminal. Cada qual, portanto, logo que lhe cabia a sua vez entrava na prisão, e ao mesmo tempo uma multidão de sordidos curiosos precipitavam-se para as grades da janella afim de presenciarem o odiosissimo espectaculo, que o som da sineta annunciava a grande distancia, por entre a gritaria d'aquella turbamulta vil e desaforada.

A sineta e os gritos tornavam a ouvir-se novamente, cada vez que um novo athleta apparecia na arena para vencer uma fraca mulher, na mais cobarde e infame das luctas!...

Segundo a auctoridade de Socrates, o escholastico, esta prostituição assombrosa esteve em vigor em todo o imperio romano até ao fim do seculo v da era christã. O burro já então não entrava senão figuradamente nas desordens de similhante penalidade, mas o povo conservava a recordação d'este accessorio da lei primitiva, imitando o zurro do animal durante a execução, que as mais das vezes terminava com a morte da infeliz mulher, e em todo o caso pelo sacrificio de um burro no immundo altar do visinho templo de Priapo.

No emtanto, é provavel que os romanos não desprezassem tanto, como á primeira vista parecia, o animal cujo nome só por si era tido como um funesto agouro. Frequentemente um amante, ou um joven esposo suspendia das columnas do seu leito uma cabeça de burro ou uma cepa de videira para commemorar jubiloso as façanhas de uma noite amorosa, ou para preparar-se dignamente para as proezas de amor que andava planeando. O burro transportava tambem as offerendas do templo da casta Vesta, e os escriptores da antiguidade dizem-nos que o humilde animal tinha uma parte importante nas festas do deus Baccho, e, como dizia um epigramma celebre, se Priapo manifestava uma invencivel aversão pelo burro, era porque tinha ciumes d'elle.

Se o castigo do adulterio era differente entre os patricios e plebeus, devemos attribuir isto á differença que existia entre o matrimonio das duas classes. Romulo, que foi um legislador tão prudente como austero, apesar do rapto das sabinas, quiz fazer do matrimonio uma instituição, por assim dizer, patricia, porque o considerava indispensavel á conservação das familias da aristocracia hereditaria. Este matrimonio, o unico de que elle se occupou ao principio, chamava-se *confarreatio,* porque os dois esposos, durante as ceremonias religiosas partiam e dividiam entre si um pão de trigo (*panis farreus*) e o comiam simultaneamente em signal da sua união. Para serem admittidos a uma alliança, que dava direito a varios privilegios, era mister que os dois esposos fossem préviamente reconhecidos como patricios, e admittidos, por consequencia, a interrogar os aruspices, que não tinham relações senão com a nobreza. Romulo foi quem estabeleceu sem duvida esta lei, que os decemviros tres seculos mais tarde incorporaram nas leis das *Doze Tábuas:*

«Não será permittido aos patricios contrahir matrimonio com plebeus.»

Estes ultimos, offendidos de similhante exclusão, protestaram muito tempo antes que ella fosse riscada do codigo dos cidadãos. O matrimonio por *confarreação* parecia, pois, ser o unico legitimo, ou pelo menos, o unico respeitavel, porque dava de certo modo á mulher uma especie de igualdade para com o marido, fazendo-a participar de todos os direitos civis, que a este pertenciam, de maneira que a mulher casada d'este modo e honrada com o titulo de mãe de familia (*mater-familias*) era apta para herdar de seu marido e de seus filhos.

A condição de mãe de familia não tinha nenhuma analogia com a servidão que esperava a esposa plebeia (*uxor*) no estado de matrimonio por *coempção* ou *usucapção*, as duas fórmas distinctas que revestia o matrimonio legal dos plebeus. O nome de coempção indica sufficientemente que se fazia allusão a uma compra e a uma venda.

A mulher, para se casar d'este modo, chegava ao altar com tres *asses* (moeda de cobre equivalente a 15 réis do nosso numerario) na mão. Ao esposo que ia alli receber ante os deuses e os homens dava um *asse*, e guardava para si os outros dois, como para dar a entender que não resgatava mais do que um terço da sua escravidão, e que o matrimonio não a resgatava senão em parte.

Outros juristas pretendem que por este symbolo de um tratado concluido entre os esposos, a mulher comprava os cuidados e a protecção de seu marido. Este matrimonio era tido entre os plebeus por tão legitimo como a *confarreação* entre os patricios, se bem que a *uxor* não tivesse as mesmas prerogativas e direitos que tinha na outra classe a respeitavel *mater-familias*.

Emquanto á terceira fórma do matrimonio, chamada *usucapção*, não era outra cousa senão o concubinato legalisado. Para contrahir este matrimonio era preciso que, com o consentimento de seus tutores naturaes, a mulher vivesse maritalmente por espaço de um anno, sem faltar tres noites seguidas, com um homem, com quem casava assim por uma especie de ensaio matrimonial. Este matrimonio-concubinario, que não se estabeleceu em Roma, senão a poder de tempo, foi consagrado primeiramente pelo uso prolongado e depois pela lei das *Doze Tábuas*, e chegou a ser uma instituição civil, tão legitima como as outras duas especies de matrimonio.

A população de Roma, composta de habitantes tão differentes na origem, no paiz, na lingua e nos costumes, facilmente se inclinaria a viver sem lei nem freio de especie alguma, na mais vergonhosa desordem e corrupção, se Romulo, Numa e Servo Tullio não tivessem creado uma legislação em que o matrimonio servia de laço e de fundamento á sociedade romana. Mas, como estes reis não se preoccuparam senão com o destino dos patricios, a plebe encarregou-se de remediar o silencio dos legisladores com respeito a ella, e estabeleceu costumes que tiveram a força de leis, até que vieram a ser como taes sanccionados pelos consules e pelo Senado. Póde muito bem suppôr-se que o matrimonio dos plebeus foi precedido do concubinato e da prostituição, quando mulheres estrangeiras foram procurar fortuna a uma cidade, onde os homens estavam em maioria, e quando as continuas guerras de Roma com os seus visinhos trouxeram para dentro dos muros muitas prisioneiras, que alli ficavam escravas ou contrahiam matrimonio.

Em todo o caso, a lei e os costumes davam igualmente ao marido um poder absoluto sobre a mulher. Esta, ainda mesmo que o surprehendesse em adulterio, não ousava, como diz Catão, tocar-lhe com um dedo (*illa te, si adulteraris, digito non contingere auderet,*) em quanto que o marido podia inclusivamente matal-a, surprehendendo-a em caso identico. Os plebeus não exerciam nunca a este respeito o direito que a lei lhes concedia; mas os patricios, para os quaes o matrimonio era cousa muito mais séria constituiam-se elles proprios em juizes, na maioria dos casos. Esta classe tinha ideias muito diversas das dos plebeus a respeito da prostituição, e póde dizer-se que nos primeiros seculos de Roma viviam mais casta e conjugalmente que os plebeus, os quaes não casavam talvez senão para imitarem e igualarem os patricios.

A mulher casada, mãe de familia ou esposa, não tinha direito a requerer o divorcio, nem mesmo por motivo de adulterio; o marido, pelo contrario, podia fazel-o nos tres casos, que Romulo tivera tido o cuidado de precisar: — adulterio, envenenamento dos filhos e subtracção das chaves, como indicio de

roubo domestico. A mulher não tinha tambem maior poder sobre os filhos do que sobre o marido, o qual, pelo contrario, tinha sobre elles direito de vida e de morte e podia mesmo vendel-os por tres vezes.

Este imperio da paternidade existia sómente a respeito dos filhos legitimos, o que demonstra claramente que os filhos da prostituição não tinham titulo nem assistencia por parte do Estado, sendo expulsos para a classe da plebe mais infima, com os escravos e histriões.

Não era de filhos naturaes que Roma carecia; de nada lhe serviam aquellas pobres creaturas que não podiam nomear seus paes e que se envergonhavam de suas mães. Roma necessitava de cidadãos e pedia-os ao matrimonio legalmente contrahido. Uma antiga lei, citada por Cicero, prohibia ao cidadão romano o celibato além dos trinta annos. Quando um patricio comparecia perante o tribunal dos censores, estes antes de mais nada dirigiam-lhe a seguinte pergunta:

— Na tua alma e consciencia, responde, cidadão: — Tens um cavallo? tens uma mulher?

Os que não respondiam de uma maneira satisfactoria tinham que pagar uma multa e de suspender a sua demanda até haverem feito acquisição do cavallo e da mulher. Os censores que exigiam esta dupla condição civil ao patricio, permittiam-lhe ás vezes contentar-se com uma ou outra cousa, porque o cavallo indicava habitos guerreiros e a mulher habitos pacificos.

— Sei conduzir um cavallo, dizia Vivio Casca, interrogado por um censor, que já por muitas vezes o havia reprehendido pelo seu obstinado celibato — mas como heide aprender a conduzir uma mulher?

— Confesso que é um animal muito rebelde, respondeu o censor no mesmo tom, — mas casa-te, e o matrimonio te ensinará esse genero de equitação.

— Pois bem, replicou Vivio Casca, estou prompto a casar-me, quando o povo romano se encarregar de me subministrar o freio.

Este censor, que se chamava Metello Numiadico, não estava tambem muito convencido das vantagens do matrimonio que recommendava aos demais. Um dia ante o Senado começou um discurso por estas palavras:

— Romanos, se nos fosse possivel viver sem mulheres, todos nós nos furtariamos com prazer á maior das difficuldades. Mas uma vez que a natureza dispoz as cousas de modo que não podemos perpetuar-nos sem ellas, nem viver agradavelmente com ellas, a razão exige que anteponhamos o interesse publico á nossa felicidade.

Os censores, que tinham no dominio das suas attribuições os esponsaes e matrimonios, estiveram certamente encarregados, antes dos edis, de vigiar a prostituição publica.

Servio Tullio ordenou a todos os habitantes de Roma que inscrevessem nos registos dos censores o seu nome, edade, a condição de seus paes, os nomes de sua mulher e de seus filhos, e a lista de seus bens. Aquelle que ousava subtrahir-se a esta inscripção era espancado e vendido como escravo. As tábuas censorias conservavam-se nos archivos da republica, perto do templo da Liberdade, no monte Aventino. Por estas tábuas, que se renovavam por quinquenios, os censores davam conta do movimento e progresso da população; por ellas podiam saber o numero de nascimentos e matrimonios; não tinham, comtudo, meio algum de fazer constar os elementos da prostituição, pois que as mulheres não compareciam na sua presença, nem estavam alli representadas senão por seus paes, maridos ou filhos. Ha, pois, grandes probabilidades de que as cortezãs exercessem ao principio livremente o seu officio, fóra do alcance das leis da policia, porque estas mulheres escapavam ao censo, na sua maior parte, pelo menos, e não tinham necessidade de se fazerem reconhecer por um acto official.

E' impossivel determinar a época em que a lei romana distinguiu pela primeira vez a mulher livre *(ingenua)* da prostituta, e precisou de uma maneira fixa a condição das cortezãs. Ha motivos para crêr que estas desgraçadas creaturas estivessem de certo modo fóra da lei por espaço de muitos seculos, como se o legislador não se houvesse dignado fazer-lhes a honra de as nomear, visto que, se figuram aqui e alli na historia da republica, não são mencionadas nas leis antes do reinado de Augusto, em que a *Lei Julia* se occupa d'ellas para as humilhar. Só um seculo depois d'esta memoravel lei é que encontramos a prostituição definida, bem como todos os seus infames auxiliares, o que fez admiravelmente o jurisconsulto por excellencia, o sabio Ulpiano. Esta definição, embora só appareça no seculo segundo depois de Christo, póde no emtanto considerar-se como o resumo das opiniões de todos os legistas que haviam precedido Ulpiano.

A definição encontra-se, sob o titulo *De ritu nuptiarum,* no livro XXIII da sua collecção:

«Uma mulher faz commercio publico de prostituição, quando não sómente se prostitue em um logar de libertinagem, mas tambem quando frequenta as tabernas e outros sitios em que não guarda a sua honra.

«Entende-se por *commercio publico* o officio das mulheres que se prostituem, entregando-se a qualquer homem, sem eleição nem prazer (*sine delectu.*) Assim, esta designação não se estende ás mulheres casadas que se tornam culpadas de adulterio, nem ás donzellas que se deixam seduzir; — deve sómente entender-se das mulheres prostituidas. Uma mulher que se entrega por dinheiro a um ou dois homens não se entende que faz commercio publico de prostituição. Octaviano julga com razão que a que se prostitue publicamente, ainda mesmo sem receber dinheiro, deve ser collocada no numero das mulheres que fazem commercio publico de prostituição.»

Esta definição resume certamente com muita clareza os motivos das mais antigas leis romanas, relativas á prostituição, e ainda que não possuamos actualmente essas leis, é facil interpretarmos o pensamento que as ditou. A prostituição comprehendia, por outro lado, differentes generos, e, para assim dizermos, differentes gráus que haviam sido especificados na jurisprudencia. Assim *quæstus* representava a prostituição errante ou provocadora e *scortatio* a prostituição sedentaria, que espera e recebe em ponto fixo a sua clientella. Quanto ao proprio acto da prostituição, havia o adulterio ou copula com uma mulher casada; o estupro com uma mulher honesta, que ficava deshonrada; a fornicação com uma mulher impudica, que não soffria nenhum detrimento de honra. Havia além d'isso o lenocinio, quer dizer, o trafico mais ou menos directo de prostituição, o auxilio mais ou menos complacente que especuladores infames lhe prestavam, — n'uma palavra a inducção a toda a especie de libertinagem. Era uma das fórmas mais infames da prostituição, e o jurista não vacillava em qualificar de prostituidas as vis e abjectas mulheres que exerciam o vergonhoso officio de excitar á prostituição com maus conselhos ou perfidas seducções as incautas ou imprudentes creaturas, cuja deshonra e vergonha exploravam essas infames medianeiras.

A lei qualificava do mesmo modo as mulheres e os homens dados a esta escandalosa industria (*lenæ*, *lenones,*) mas não os incommodava no exercicio d'ella, assimilhando-os áquelles que faziam trafico do seu corpo. Comprehendiam-se, portanto, na classe *de meretricibus,* não sómente os infames que tinham casa aberta de prostituição, cobrando os seus direitos de serviço, já por prepararem e educarem para o trafico as escravas, já por attrahirem alli *ingenuæ,* mas tambem os estalajadeiros, taberneiros e banheiros, que tinham creados de um e outro sexo com o fim de servirem á libertinagem dos frequentadores. De modo que o dono de um estabelecimento em que se encobria a pros-

tituição em seu proveito, vinha a ser cumplice d'ella, qualquer que fosse o seu caracter ostensivo, incorrendo por direito na nota de infamia, do mesmo modo que as miseraveis victimas do seu lenocinio.

A nota de infamia, que era commum a todos os agentes intermediarios da prostituição, do mesmo modo que aos condemnados em juizo, aos escravos, aos gladiadores e aos hystriões, feria de morte civil aquelles a quem alcançava pelo simples facto da sua profissão. Os que assim eram considerados não tinham a livre posse dos seus bens; não podiam testar nem herdar; não tinham a tutella dos seus filhos; não podiam servir nenhum cargo publico; não eram admittidos em juizo a fazer accusações, nem a dar testemunho, nem a prestar juramento; não podiam apresentar-se, senão por tolerancia, nas festas solemnes dos deuses maiores: viam-se expostos a todos os ultrages e maus tratamentos sem poderem defender-se nem mesmo queixar-se; finalmente os magistrados tinham quasi o direito de vida e de morte sobre os pobres infames. O que uma vez recebia a nota de infamia, nunca mais se lavava d'aquella nodoa que se tornava indelevel. A lei não acceitava desculpa alguma que pudesse relevar alguem da degradação social em que uma vez incorrera.

A prostituição clandestina não estava mais isenta da ignominia do que a publica. Nem a pobreza nem a necessidade lhe servia de escusa, perante a lei, que só apreciava o facto sem ter em conta motivos ou circumstancias de especie alguma. Por uma suspeita de infamia havia sempre motivo sufficiente para procurar a prova e a razão de ser, ainda mesmo n'um passado remoto. Assim não havia que invocar prescripção de nenhuma especie contra o facto que implicava a infamia. Uma vez que a infamia havia existido, não importava onde nem quando, existia ainda, existia sempre, sem que nada pudesse apagal-a, nem sequer attenuar-lhe a nodoa. O escravo que tinha tido jovens em sua casa, enriquecendo-se com o producto da sua prostituição, conservava a nota da infamia, ainda mesmo depois de se haver emancipado. Ulpiano e Pomponio citam este notavel exemplo da indelebilidade da infamia na jurisprudencia romana.

Em compensação, porém, as jovens prostituidas em beneficio d'esse escravo não tinham a nota da infamia, apesar do officio a que tinham sido obrigadas durante a sua escravidão. Ao imperador Septimo Severo se deve esta opinião formulada por Ulpiano. Todavia, no tempo dos imperadores, sobre tudo, a nota de infamia não impediu que mulheres de condição livre e até mesmo de nobre nascimento se abandonassem á prostituição com auctorisação dos edis, auctorisação que se chamava *licentia stupri,* ou licença de libertinagem.

As leis dos imperadores tiveram, pois, por objecto, impedir que a prostituição se estendesse ás familias patricias e que se arreigasse n'essas familias. Augusto, Tiberio e Domiciano, mostraram-se igualmente zelosos de conservar intacta a honra do sangue romano, protegendo com rigidas prescripções a integridade e a sanctidade do matrimonio que elles consideravam como a lei fundamental da republica. No emtanto, estes imperadores não cuidaram muito de observar as disposições legaes que impunham aos seus subditos.

Em toda esta jurisprudencia tão complexa e minuciosa contra as adulteras, a prostituição é sem cessar perseguida e sempre com um excesso de rigor, que prova os esforços do legislador para a reprimir, bem que o mesmo imperador désse exemplos de todos os vicios e infamias. A *Lei Julia* prohibe aos senadores, a seus filhos e netos o receberem em matrimonio ou esponsaes mulheres cujo pae ou mãe exerça ou tenha exercido o officio de comico, *meretrix* ou *proxeneta.* Do mesmo modo, aquelle cujo pae ou mãe tenha ainda, ou haja tido, um d'estes infames officios não póde casar nem por esponsaes com a filha, neta ou bisneta de um senador. Mas, como as pessoas que a lei declarava infames teriam logrado frequentemente rehabilitar-se, invocando o nome e nas-

cimento de seus paes nobres, prohibiu-se absolutamente por decreto do Senado a prostituição ás mulheres, cujo pae, avô ou marido pertencesse ou tivesse pertencido á classe dos cavalleiros romanos.

Tiberio sanccionou este decreto, desterrando muitas matronas romanas, entre outras Vestilia, filha de um senador, que se havia entregado, mais por libertinagem do que por cubiça, ao serviço da prostituição popular. Muitas patricias e plebeias, para se subtrahirem ás terriveis consequencias da lei contra o adulterio, procuravam um refugio, que suppunham inviolavel, na vergonha d'esta prostituição; porque no tempo da republica bastava a uma matrona declarar-se cortezã (*meretrix*) e como tal inscrever-se nos registros dos edis, para ficar completamente isenta da lei contra as adulteras.

Para atalhar a este escandalo e annular os seus perniciosos effeitos, houve que tomar novas precauções, e o senado decretou que toda a matrona que para illudir o castigo do adulterio adoptasse um officio infame, na qualidade de comica, cortezã ou proxeneta, poderia ser sem embargo perseguida em virtude de um senato-consulto. Convidava-se, pois, o marido a perseguir sua mulher até ao proprio seio da prostituição e da infamia. Todos aquelles que com conhecimento de causa tivessem contribuido para esta prostituição, o proprietario da casa em que ella se tivesse realisado, o alcoviteiro que n'ella tivesse intervindo, o proprio marido que se tivesse aproveitado do preço da sua deshonra, deviam ser perseguidos e castigados igualmente como adulteros. Do mesmo modo era accusado de cumplicidade o dono de uma casa de banhos, taberna ou campo em que o crime se tivesse commettido, e se não se tinha praticado n'estes sitios, podiam perseguir-se com o mesmo rigor as pessoas suspeitas de haverem disposto ou facilitado o adulterio, ministrando aos culpados os meios de se encontrarem em entrevistas illicitas.

Os magistrados levaram tão longe quanto foi possivel a applicação da lei como que para fazerem contraste com o grande desenvolvimento de adulterios e crimes, que arrastavam á sua ruina o imperio romano. Viram-se mulheres adulteras no tempo do seu primeiro matrimonio serem perseguidas depois das suas segundas nupcias por um accusador, que vinha, em nome do primeiro marido morto, castigal-as nos braços do segundo. A viuva, porém, ainda que fosse mãe de familia, podia entregar-se impunemente á prostituição, sem temer perseguições de especie alguma, nem mesmo da parte de seus filhos.

A jurisprudencia, como se vê, não se occupava da prostituição senão debaixo do ponto de vista do adulterio e no interesse do matrimonio, deixando ás leis de policia, emanadas da jurisdicção dos edis e censores, a superintendencia das cortezãs e dos seres depravados que viviam á sua custa. A prostituição das mulheres casadas e o odioso lenocinio dos maridos era o que particularmente procuravam atacar e reprimir o senado e os imperadores. A lei, a principio comminava igualmente as mulheres de todas as condições, mas limitou-se depois ás matronas e ás mães de familia, quando na maior parte das casas patricias foi pacificamente estabelecido o adulterio debaixo dos auspicios do marido, que explorava indignamente com a belleza de sua impudica esposa.

A instituição do matrimonio, que a lei queria proteger, compromettеu-se mais do que nunca, em consequencia das torpezas que vinham revelar-se perante os tribunaes de justiça. Umas vezes era a mulher que repartia com seu marido o preço vil do seu adulterio; outras, era o marido que fechava os olhos ao adulterio de sua mulher por um preço que ella não repartia com pessoa alguma, e quasi sempre o perigo do adulterio accrescentava um novo attractivo á prostituição. Mas, se o homem accusado de adulterio provava que não conhecera previamente o estado conjugal da sua cumplice, era absolvido de toda e qualquer responsabilidade, como se se houvesse dirigido a uma simples meretriz.

Havia de uma e outra parte o maximo cuidado em manejar bem todas as

circumstancias para illudir o rigor da lei. Por isso as matronas, quando se resolviam a correr aventuras pela cidade, vestiam-se com os fatos das suas escravas. Graças a este disfarce, que as expunha a palavras livres, a olhares impudentes e ás vezes a mais alguma coisa, podiam percorrer os passeios em cata de aventuras e passear nos arrabaldes e á beira do Tibre, sem compromettter ninguem, nem maridos nem amantes. Assim vestidas, não podiam queixar-se das injurias que recebiam, porque havia apenas reservas contra os que provocavam uma mulher vestida com trajos de matrona ou de donzella, já por palavras obscenas, já por gestos indecentes, ou ainda simplesmente seguindo-as em silencio. A lei só concedia protecção ás mulheres honradas, não admittindo que o pudor das cortezãs tivesse necessidade de defeza contra os ataques que ellas proprias provocavam, em vez de os evitar.

Apesar, porém, de todas estas leis e penas que ameaçavam constantemente o adulterio, nem por isso elle era menos frequente; mas o matrimonio, assim rodeado de perigos e suspeitas, apresentava-se mais temivel e portanto menos appeticivel. O resultado foi diminuirem consideravelmente o numero das uniões legitimas, approvadas e reconhecidas legalmente, para o que contribuiram tambem as difficuldades creadas pelo parentesco, que, embora em grau afastado, originava obstaculos, que podiam transformar-se em causas permanentes de divorcio, depois de realisado o matrimonio. Então os patricios, que não desejavam expôr-se a similhantes perigos e inconvenientes, recorreram por sua conveniencia ao matrimonio *usucapio,* que até essa época tinha sido privilegio da classe mais baixa, substituindo-o depois, e com proveito, pelo *concubinato,* que uma lei tão vaga como o proprio concubinato teve de admittir e reconhecer como instituição. N'este estado, não era necessario, como no usucapio, a cohabitação da mulher debaixo do mesmo tecto por espaço de um anno para fazer pronunciar o matrimonio definitivo; o concubinato não tinha esse inconveniente em caso algum, porque não se formava, não existia senão por vontade das duas partes. Tambem não tinha fórma particular nem caracter geral, servindo-lhe apenas de impedimento o parentesco e não poder nenhuma mulher *ingenua e honesta,* ou patricia, ser concubina.

Um homem casado legitimamente, separado ou não da esposa, ficava *ipso factu* impedido de contrahir laços concubinarios, e nunca o celibatario ou viuvo póde ter duas concubinas ao mesmo tempo. Teve sempre liberdade para variar, mas era obrigado a avisar previamente o magistrado perante quem declarára querer viver em concubinato.

Era portanto um semi-matrimonio, um contracto temporal, revogavel á vontade das partes contractantes.

Na origem do concubinato, a concubina tinha direito quasi ás mesmas deferencias que a esposa legitima; até em certas circumstancias, lhe davam o nome de matrona, e a *Lei Julia* castigava um ultrage feito á concubina com tanto rigor, como se fôra feito a uma *ingenua,* ou joven de condição livre, e ainda mesmo que a concubina fosse escrava de nascimento. Em virtude, porém, da corrupção dos costumes, o concubinato multiplicou-se de modo assustador, e tornou-se indispensavel que as leis lhe puzessem limites e regras; as concubinas ficaram então fóra da protecção legal que até ahi as havia protegido, e o imperador Aureliano ordenou que só fossem escolhidas d'entre as escravas e libertas.

Desde esse momento o concubinato passou a ser apenas uma prostituição domestica, dependendo exclusivamente do capricho do homem e sem offerecer a menor garantia á mulher. Apesar d'isso, os filhos da concubina podiam ser reconhecidos como legitimos, ao passo que os nascidos da prostituição propriamente dita, ou de commercio passageiro, chamados *spurios,* não podiam partilhar os beneficios de uma instituição que iam manchar com a sua origem.

A prostituição legal por todas estas fórmas e sob estes differentes nomes (até havia concubinos) estava, pois, tolerada em Roma e em todo o imperio romano, tendo, porém, de submetter-se aos regulamentos da policia urbana e sobretudo ao pagamento do imposto chamado *vectigal*. Mas é provavel que, afóra esses regulamentos e imposto, a antiga legislação romana não quizesse intervir na libertinagem publica, despresando a infima ralé que satisfazia assim suas vergonhosas necessidades.

Um facto curioso prova a indifferença e desdem do legislador e do magistrado para com todos os miseraveis agentes da prostituição. Quinto Cecilio Metello Celer, que foi consul sessenta annos antes de Christo, recusou durante a sua magistratura reconhecer os direitos de successão a um tal Vitibio, que tinha fama de corretor de prostitutas: o pretor fundamentou a sua sentença, dizendo severamente que nada havia de commum entre o lupanar e o lar domestico, e que os infames stigmatisados pelo *lenocinio* eram indignos da protecção das leis (*legum auxilio indignos*.)

N'est'outra passagem de Cicero, bastante explicita, póde tambem avaliar-se a tolerancia absoluta, de que gosava em Roma o mister da prostituição:

«Prohibir á juventude o amor pelas cortezãs é mui conforme com os principios severos da virtude, não posso negal-o; mas esses principios estão pouco em harmonia com a relaxação do nosso seculo e mesmo com a tolerancia de nossos maiores, porque, emfim, quando foi que não existiram essas paixões? Quando foram ellas prohibidas? Quando deixaram de ser toleradas? Em que tempo foi prohibido o que hoje é permittido?»

Vê-se, pois, que a prostituição era permittida; o direito civil só a prohibia em casos excepcionaes, limitando-se a moderar o seu abuso; era unicamente á moral publica, á philosophia, que competia corrigir os costumes e reprimir a libertinagem. Mas, como nol-o faz comprehender Cicero, a philosophia e a moral eram por igual indulgentes com os maus habitos, que por sua antiguidade se tornavam quasi respeitaveis. Os romanos de todos os tempos foram demasiado zelosos da sua liberdade para soffrer restricções ou contrariedades no uso individual d'esta liberdade, e d'este modo justificavam a seus proprios olhos a prostituição de que tão amplamente usavam, exigindo sómente que as prostitutas fossem escravas ou libertas, por isso que consideravam a prostituição como uma fórma degradante da escravidão. Eis o motivo por que os homens e as mulheres *ingenuas* ou livres de nascimento perdiam este caracter sagrado perante a lei, desde o momento em que por qualquer fórma se punham ao serviço da prostituição.

Os romanos, que toleravam tão complacentemente o commercio natural dos dois sexos entre si, tambem não reprimiam o commercio *contra naturam*, inventado pelos faunos do Lacio, se é que não estava auctorisado no mundo desde os primeiros seculos. Esta depravação vergonhosa que as leis civis e religiosas da antiguidade, excepto as de Moysés, não tentaram combater, nunca chegou a ter tanto desenvolvimento como nos melhores tempos da civilisação romana. Aos olhos do legislador, era, todavia, uma fórma tolerada da prostituição ou da escravidão. Os homens *ingenuos* ou livres não deviam portanto submetter-se a ella; os escravos, porém, os libertos, os estrangeiros, podiam dispôr de si mesmos, alugando-se ou vendendo-se, sem que a lei tivesse que ingerir-se nas condições de simílhante trafico. Quanto aos cidadãos ou ingenuos, compravam ou alugavam á vontade o que melhor lhes parecia, não sendo possivel estabelecer-se fiscalisação legal em virtude da natureza do trafico: uns contractavam como homens livres, os outros como escravos; estes soffriam a prostituição, aquelles impunham-na.

Entre os homens livres, porém, as cousas passavam-se de outro modo, e a lei, guarda da liberdade de todos, intervinha algumas vezes para castigar

o attentado commettido contra a liberdade de cada um. Tal era, pelo menos, a ficção legal. Só n'estas circumstancias é que um cidadão não tinha o direito de alienar a sua liberdade ao ponto de submetter-se a um acto vergonhoso para ella. No quinto seculo da fundação de Roma, L. Papyrio, surprehendido em flagrante com o joven C. Publio, foi condemnado a prisão e multa por não saber respeitar o caracter de um *ingenuo* ou homem livre. Pouco tempo depois, o mesmo C. Publio foi tambem castigado por identico delicto!

O povo não permittia que os cidadãos se comportassem como escravos. Letorio Mergo, tribuno militar, levado á assembléa do povo por ter sido surprehendido com um *cornicularío* (corneta) do seu *regimento,* foi unanimemente condemnado a prisão. A violação de um homem considerava-se delicto ainda mais grave que a de uma mulher, porque revelava mais insolencia e sobretudo maior perversão.

Esta especie de violação não era punida com pena de morte, senão quando commettida em homem livre. Um centurião chamado Cornelio, réu d'este crime, foi executado em presença do exercito. Todavia, esta penalidade não foi applicada em virtude de lei especial, senão na segunda guerra punica, quando certo Caio Escantinio foi accusado por C. Metello de tentativa de *estupro* no filho d'este patricio. O senado promulgou então uma lei chamada *escantinia* contra os sodomitas, na qual, porém, só se tratava dos homens livres, não se pondo cobro nem correctivo algum a esta especie de prostituição, que se tornou como que o patrimonio de escravos e libertos.

Tal foi entre os romanos a unica jurisprudencia a que deu logar a prostituição, até que a moral christã introduziu uma legislação nova no paganismo, purificando-a ao calor da sua moral severa. Sob o imperio das ideias pagãs, existira no estado da tolerancia, e a lei nem sequer se dignára levantar o véu que a encobria aos olhos da consciencia publica; quando, porém, o Evangelho começou a reforma dos costumes, o legislador christão reconheceu o direito e ao mesmo tempo o dever de reprimir a prostituição legal.

CAPITULO XVI

SUMMARIO

Prodigiosa quantidade de mulheres publicas em Roma.—Classificação em cathegorias distinctas.—Meretrizes ou prostitutas.—As *alicariae*, ou *padeiras*.—As *blitae*, ou *blitidas*.—As *bustuariae*, ou *sepulchraes*.—As *casalidae* ou *caseiras*.— As *copae*, ou *taberneiras*.— As diobolarias.— As *forariae*, ou *forenses*. – As *gallinae*.— As *delicatae*. —A *delicada* Flavia Domitila, esposa do imperador Vespasiano e mãe de Tito.—As *famosas*.— As *junices*, ou *maravilhas*.— As *juvencae*, ou *vaccas*.— As *lobas*.— As noctivagas.—As *pedenae*, ou andarilhas.—As *doris*, ou doridas.— As *quadrantariae*.—As *quoestuariae*.—As *cuasillariae*, ou serventes.—As *ambulatrices*, ou passeantes e as *scortae*.—A scorta Devia.—As *scrantiae* —As suburranas e summianas.—As *schaeniculae*.— As *maniae*.—As *limaces*.—As *circulatrices*, ou vagabundas.—As *charibdis*, ou abysmos.—As *preciosae*.—O senado de mulheres.—Os meninos de aluguer.—Os *pathici*, ou pacientes.— Os *ephebi*, ou adolescentes.—Os gemeos —Os *calimati*, ou effeminados.— Os *amasii*, on amantes.— As gaditanas.— As bailarinas, as tocadoras de flauta e de lyra.— O *meretricium*, ou tarifa.—Os corretores ou alliciadores da prostituição.—Os réus de crime de lenocinio.— Os taberneiros e banheiros.—As padarias.— Barbeiros e perfumistas.—Balsamos e unguentos.—Outras especies :— as *admonitrices*, *strimulatrices*, *conciliatrices*, *ancillae* e *ancillulae*.—Os *perductores*, *adductores* e *tractatores*.—Os *lupanarii*, ou donos de lupanares.—Os *belluarii*, os *caprarii* e os *enserarii*.



As mulheres publicas em Roma, pelo menos na Roma corrompida e effeminada pela importação dos costumes da Grecia e da Asia, eram mais numerosas, do que na Athenas dissoluta, e mesmo em Corintho, a cidade das cortezãs. Dividiam-se em muitas classes, que não tinham entre si outras relações senão o objecto do seu vergonhoso commercio. Mas entre estas cortezãs, procedentes de todos os paizes do mundo, em vão se procurariam aquellas rainhas da prostituição, tão notaveis pela sua instrucção e talento como pelas graças do seu espirito, aquellas celebres philosophas, educadas na escola de Socrates e Epicuro, aquellas Aspasias e Leontium, que illustraram e immortalisaram a prostituição grega. Os romanos eram mais materiaes, se não mais sensuaes que os gregos; não se contentavam com refinamentos e delicadezas de voluptuosidades elegantes; não nutriam o coração de illusões de amor platonico; ter-se-hiam envergonhado de se jungirem ao carro litterario de uma philosopha ou de uma musa; nunca se dignariam ir procurar junto de uma cortezã as castas distracções de uma conversação séria e elevada.

Para elles o prazer consistia nos actos mais grosseiros, e como eram por natureza ardentes de sangue, lubricos de imaginação e dotados de uma força herculea, só almejavam por gosos reaes, repetidos com frequencia e monstruosamente variados até á saciedade. Este temperamento, que logo á primeira vista denunciava um pescoço nervoso como o de um touro, encontrava quem superabundantemente o saciasse, n'uma multidão de mercenarios de ambos os

sexos, que se apresentavam divididos em classes, cada uma das quaes tinha nomes especiaes, devidos aos seus habitos e modos de trajar, aos seus albergues e a diversos pormenores da sua profissão.

Todas as mulheres, que em Roma faziam commercio do seu corpo e da sua belleza, podiam classificar-se em duas cathegorias essencialmente distinctas: — as meretrizes e as prostitutas — *meretrices et prostibulæ*. As primeiras faziam só de noite o seu commercio; as segundas entregavam-se a este infame trafico tanto de noite como de dia. Nonio Marcello, grammatico do seculo III, no seu livro das *Differenças de significação das palavras,* dá a este respeito a seguinte explicação:

«Devemos notar, diz elle, que entre a meretriz e a prostituta ha uma differença, que vem a ser: — a primeira exerce o seu officio de um modo mais decente. As meretrizes chamam-se assim da palavra *merenda,* e não dispõem de si senão de noite; a prostituta, ou *prostibula,* tira o seu nome do *stabulum,* á porta do qual permanece para fazer o seu commercio, tanto de noite, como de dia.»

Plauto, na sua comedia *Cistellaria,* estabelece muito claramente esta distincção:

«Entro em casa de uma meretriz, porque estar na rua é proprio de uma prostituta.»

Temos dados para crêr que estas duas classes de mulheres publicas, as que o eram só de noite, e as que tanto de noite como de dia exerciam o seu officio, deviam ter ainda outras differenças notaveis no seu genero de vida, no modo como se vestiam e até mesmo na sua condição social. Assim, os escriptores latinos que mencionam os registros, em que os edis inscreviam os nomes das cortezãs, só fallam das meretrizes, prescindindo de occupar-se das prostibulas. Effectivamente estas habitavam um domicilio fixo e não tinham mais do que mudar de nome ou de trajos, pois pertenciam á infima plebe. As meretrizes, pelo contrario, exerciam tão honestamente como era possivel um officio deshonesto e não infligiam os regulamentos policiaes. Demais d'isto, podiam viver como mulheres honestas, *sub sole,* até á hora em que envoltas nas protectoras trevas da noite iam para os lupanares, d'onde não tornavam a sahir senão de madrugada.

E' possivel tambem que a *boa* meretriz, como lhe chama Plauto, com uma candura que M. Naudet teve o cuidado de não traduzir, pagasse exactissimamente o seu imposto á republica, sem procurar, disfarçando o caracter da profissão, defraudar na mais insignificante quantia as rendas do Estado. Mas nem todas as operarias da prostituição eram tão conscienciosas, e póde affirmar-se sem receio que o maior numero d'ellas, as mais pobres e as mais abjectas, não escrupulisavam em se subtrahirem á inscripção do edil e por conseguinte ao pagamento do impudico *vectigal,* o imposto da prostituição. De resto, estas desgraçadas, do mesmo modo que as prostitutas do infimo grau não ganhavam o sufficiente para entregarem uma parte do seu misero lucro ao thesouro publico.

As *alicariæ,* ou padeiras, eram mulheres que andavam pelas esquinas ou encruzilhadas, ou que esperavam pelos freguezes á porta dos padeiros, sobretudo dos que vendiam certos pãesinhos de flor de farinha sem sal e sem fermento, destinados ás offerendas de Venus, Isis, Priapo e outras divindades. Estes pãesinhos, chamados *coliphia* e *siligones,* representavam nas mais caprichosas fórmas os orgãos sexuaes do homem e da mulher. Como se fazia um enorme consumo d'estes pães obscenos, especialmente por occasião de certas festas, os padeiros armavam tendas nas praças e nas esquinas das ruas, onde não só vendiam estes pães e os dos sacrificios, mas tinham tambem ao mesmo tempo escravas e serventes que se prostituiam de dia e de noite n'essas ten-

das. Plauto, no seu *Penulo,* falla d'estas impudicas mulheres das padarias: — *Prosedas pistorum amicas, reliquas alicarias.*

As *bliteæ,* ou *blitidas,* eram mulheres das infimas camadas sociaes, embrutecidas pelo vinho e pela prostituição a tal ponto, que já nem serviam para o officio, que apenas exerciam pelos campos. Suidas falla d'esta especie de prostitutas, dizendo: — «Chamam-se blitidas umas mulheres vís, abjectas e idiotas.» Segundo outros, esta designação era commum a todas as especies de cortezãs, porque usavam de ordinario calçado verde. Por isso era gravissima injuria chamar blitida a uma mulher honesta.

As *bustuariæ,* ou sepulchraes, eram as rameiras dos cemiterios, porque de ordinario vagueavam em torno dos sepulchros (*busta,*) e das pyras ou fogueiras funebres, fazendo ás vezes tambem o officio de carpideiras nas ceremonias mortuarias. Serviam especialmente para satisfazer a brutal sensualidade dos *bustuarios,* que preparavam as pyras e queimavam os mortos, dos coveiros que abriam as sepulturas, e dos guardas dos sepulchros. Não tinham outro leito além do musgo que rodeava os monumentos funebres, nem outro veu, ou lençol além das trevas da noite, nem outra Venus, além de Proserpina, deusa dos infernos.

As *casalidas, casaridas,* ou *casaritæ,* viviam em mansardas, (*casæ,*) das quaes tomaram a sua alcunha, que significava tambem o mesmo em grego.

As *copæ,* ou taberneiras, eram as prostitutas das tabernas e hospedarias. Nem sempre se conservavam alli n'um logar determinado: umas vezes enchiam os copos e serviam o vinho aos que alli iam beber, outras vezes mostravam-se ás janellas para attrahirem os transeuntes, ou iam com os seus clientes para uma sala baixa e reservada.

As *diobolarias* eram umas desgraçadas, pela maior parte velhas e alquebradas, que apenas pediam pelos seus serviços dois obolos, como indica a sua alcunha. Plauto, no seu Penulo, diz que a prostituição das *diobolarias* pertencia aos ultimos e mais abjectos dos escravos e aos mais vis dos homens (*servulorum sordidorum scorta diabolaria.*) Pacuvio rebaixa ainda esta prostituição, dizendo que as diabolarias se contentavam com a mais infima moeda.

As *forariæ,* ou forasteiras, eram as camponezas que vinham prostituir-se á cidade, umas desgraçadas, que com a tunica cheia de lodo e os pés sujos e empoeirados, vagueavam de dia e de noite pelas ruas sombrias e tortuosas para assim ganharem a sua vida,

As *gallinæ,* ou *harpias,* entravam em toda a parte e faziam mão baixa de tudo quanto apanhavam ao seu alcance, lençoes, lampadas, vasos e até muitas vezes os deuses penates.

N'uma ordem mais distincta de cortezãs, encontravam-se as *delicatæ,* as bem-educadas, as polidas, que só eram frequentadas pelos cidadãos mais distinctos, pelos mancebos rescendendo a perfumes caros, pelos ricos, em summa. Ainda assim, estas cortezãs de primeira ordem não se mostravam demasiado escrupulosas, quando se tratava de ganhar dinheiro, e assim era que nunca regeitavam as propostas dos libertos, dos adulteros ou mesmo dos delatores, se essas propostas sorriam á sua cubiça. Flavia Domitila, esposa do imperador Vespasiano e mãe do grande Tito, havia sido *delicada* antes de ser imperatriz.

As *famosæ,* ou famosas, eram cortezãs de primeira ordem tambem, e cortezãs quasi sempre por vocação, por assim dizer, que não se envergonhavam de ir prostituir-se nos lupanares, umas, para satisfazerem as suas paixões insaciaveis, outras, para adquirirem um peculio, que depois gastavam em sacrificios aos deuses da sua devoção.

As *junices,* ou novilhas e as *juvencæ,* ou vaccas, eram meretrizes que deviam esta alcunha á sua avantajada corpulencia, á sua facilidade, e sobre tudo ás grandes mamas que mostravam e traziam ordinariamente cahidas.

As *lupæ*, lobas ou vagabundas dos bosques, eram assim chamadas em memoria de Acca Larencia. Exactamente como a amante de Faustulo, percorriam de noite os campos e os bosques, imitando os uivos da loba faminta e attrahindo d'este modo as suas victimas. Esta alcunha fôra dada no mesmo sentido ás dicteriadas do Ceramico de Athenas e, generalisando-se logo em Roma, veio a ser a denominação commum de todas as cortezãs. «Creio, diz Ausonio n'um dos seus epigrammas, que o pae d'elle é incognito; o que sei, porém, com toda a certeza é que a mãe era uma *loba.*»

As *noctilucæ* eram outra especie de vagabundas das trevas da noite, do mesmo modo que as *noctivigilæ*. Ambas estas designações foram dadas a Venus pelos poetas, que julgaram honrar a deusa com ellas. Tambem ordinariamente se chamava *nonariæ* a estas mulheres noctivagas, porque os lupanares não se abriam até á hora nona e as lobas não começavam as suas excursões antes d'essa hora. Tinham ainda o nome de *pedanæ*, ou andarilhas, porque não economisavam o calçado quando o tinham. As andarilhas não tinham aquelles pés pequeninos a que os romanos eram tão affeiçoados, e que Ovidio nas suas descripções mythologicas nunca deixa de attribuir ás deusas do Olympo.

As *doris* ou *doridas* deviam este sobrenome ao seu trajo, ou melhor á sua nudez, porque se mostravam completamente nuas, á imitação das nymphas do mar, entre as quaes a mythologia enumera Doris, mãe de todas ellas, dando-lhe as fórmas mais torneadas e voluptuosas.

Juvenal censura asperamente estas *doridas,* que «assim como um vil histrião faz o papel de uma nobre matrona, do mesmo modo se despojavam de todos os vestidos, para fazerem de deusas nas scenas mais impudicas.»

As mulheres publicas tinham ainda uma infinidade de outros nomes, que as comprehendiam a todas indistinctamente. Chamavam-nas: — *mulieres,* isto é, *as mulheres; pallecæ,* ou mancebas; *pellices,* por causa das bacchantes que se vestiam com tunicas de pelle de tigre; *prosedæ,* porque esperavam sentadas que alguem as chamasse; tinham o nome de *peregrinæ,* ou estrangeiras, como a cada passo são designadas nos livros hebreus, porque a maior parte d'ellas vinham de todos os pontos do universo vender-se a Roma. Muitas eram conduzidas como prisioneiras de guerra depois de cada nova conquista das aguias romanas, e não poucas tambem pertenciam a alcoviteiras e corretores, que as compravam para as explorarem em proveito proprio. Os romanos, antes de estarem inteiramente corrompidos, jactavam-se de não haver senão estrangeiras entre as desgraçadas victimas da sua sensualidade.

A expressão de *quadrantariæ* não se usava senão no sentido de desprezo para designar as mais vis rameiras, porque esta expressão indicava o miseravel preço que os seus serviços obtinham. O quadrante era a quarta parte do *as* romano e esta moeda de cobre equivalia a 35 réis do nosso numerario.

Todas as mulheres publicas eram *quæsturiæ,* ou *quæstuosæ,* porque todas ellas traficavam ou adquiriam dinheiro (*quæstus*) com o seu corpo. No tempo de Trajano, fez-se um arrolamento das *quæstuariæ* que havia em Roma, e descobriram-se nada menos que trinta e duas mil. Plauto, no seu *Miles*, define a *quæstuosa* — «A mulher que dá o seu corpo em pasto a outro corpo.» (*Quæ alat corpus corpore.*)

As *quasillariæ* eram umas pobres operarias, que ás vezes costumavam sahir á rua com a cesta do trabalho e depois de se terem prostituido por alguns cobres, voltavam a casa onde continuavam a sua faina de fiar lã. *Vagæ* eram as errantes; *ambulatrices*, as passeantes; *scortæ*, as prostitutas da infima especie; *scortaderiæ*, as que esperavam em suas casas os amantes, chamando-os das janellas. Havia para todas as differentes especies uma denominação injuriosa, que era *scrantiae, scrap'tæ,* ou *scratiæ,* que significava *escarradoras*.

Não eram ainda estes todos os nomes que as cortezãs de Roma tinham

em bom ou mau sentido, além dos dois principaes já referidos, que as dividiam em *meretrizes* e *prostitutas*. Chamavam-nas tambem *suburranæ*, ou mulheres do bairro ou arrabalde, porque Suburra, arrabalde de Roma, proximo da *Via-Sacra*, só era habitado por ladrões e mulheres perdidas. Nas *Priapicas* cita-se entre as *suburranas*, que se resgataram com o producto do seu officio, a bella Teletusa, que chegou a enriquecer na prostituição, ainda que á custa da sua belleza. As *summenianas* eram tambem mulheres dos arrabaldes, que povoavam o *Summenium*, ruas desertas immediatas aos muros da cidade, onde se encontravam os lupanares, ou os subterraneos que serviam para este officio. «Qualquer póde ser conviva de Zoilo, diz um epigramma de Marcial: ceia entre as matronas summenianas.» N'outro epigramma, o poeta parece querer fazer justiça á decencia d'estas mulheres. «A cortezã, diz elle, afasta os curiosos, correndo o ferrolho e a cortina. Raras vezes o *Summenium* offerece uma porta aberta.»

Finalmente, as *schœniculæ*, que frequentavam os mesmos bairros e vendiam as suas caricias aos soldados e aos escravos, traziam cintos de junco ou de palha para annunciar que estavam sempre dispostas. Um commentador fez curiosas investigações, tendentes a provar que estas prostitutas de escravos e soldados punham o cinto muito acima afim de estarem mais desembaraçadas no exercicio da sua profissão. Este pormenor não deixa de ser curioso! Outro commentador, homem douto e profundo investigador dos costumes dos hebreus, pretende que as schaeniculæ dos romanos copiavam as prostitutas babylonicas que vemos em Baruch e nos prophetas judeus, cingidas de cordas e sentadas á beira dos caminhos, queimando incenso. Um terceiro commentador, apoiado em certa passagem de Festo, sustenta que estas cortezãs da mais baixa estofa deviam o nome ao grosseiro perfume com que untavam o corpo, *schaeno delibatas*.

As *naniæ* eram creanças, que desde a edade de seis annos se iam aperfeiçoando em tão infame profissão. As chamadas *limaces*, (*caracoes*) tinham muita analogia com os molluscos viscosos que se arrastam pelos sitios humidos, que deixam a baba que vão segregando e que roem os fructos e hervas que encontram na passagem.

As *circulatrices* (*ambulantes*) eram todas as vagabundas. Chamavam *Charibdis* ás que tragavam a saude, o dinheiro e a honra da mocidade. As *preciosae* eram as que vendiam caro os seus favores.

Cortezãs do povo ou da nobreza, meretrizes ou prostitutas, todas usavam os trajes da prostituição que deviam annuncial-as, isto é, a toga ou tunica curta, e todas tinham o direito ao nome de *togatae*, epitheto vergonhoso para ellas, ao passo que os romanos se honravam com o de *togati*, ou cidadãos de toga.

Finalmente, para terminar esta nomenclatura da prostituição romana, só temos a accrescentar que as reuniões de mulheres publicas se chamavam *conciones meretricum*, *senatula* ou *senatus mulierum* (*senado de mulheres*,) e que taes reuniões se realisavam nas ruas, nas tabernas ou nas padarias.

As cortezãs do *grande mundo*, como hoje se diria, tinham os seus *rendez-vous* em Baia, em Clusio, em Capua e outras cidades, onde se reuniam a tomar banhos e a descançar de suas fadigas, chegando a juntar-se em tão grande numero, que quando se viam juntas cinco ou seis rindo e provocando com os seus galanteios, se costumava dizer: «E' uma manada de vaccas de Clusio.»

E' necessario notar-se que a maior parte d'estas denominações distinctas com que eram designadas as mulheres publicas tambem se applicavam aos homens, aos escravos, e principalmente aos jovens de tenra edade, que prestavam serviços infames á libertinagem dos romanos. A prostituição masculina estamos certos que se achava mais desenvolvida em Roma que a prostituição fe-

minina. E' porém necessario muita coragem para um escriptor descer aos mysterios de tão incrivel perversão; falta-nos o animo para tratar de um assumpto que se exhibe descaradamente nas poesias de Horacio, de Catullo, de Marcial, e mesmo de Virgilio. Arriscamo-nos apenas a enumerar a odiosa cohorte dos agentes e auxiliares d'aquelles abominaveis costumes.

A cada classe de mulheres publicas correspondia outra classe de homens prostituidos, entre os quaes e ellas só havia a differença de sexo. Póde dizer-se que a lingua latina se tornou mais rica em virtude da necessidade de caracterisar a especialidade do vicio de cada habitante de Roma. Os que se dedicavam a uma tal infamia nem sequer eram stigmatisados pela lei, porque nos regulamentos da policia não lhes era prescripto nenhum traje particular, nem o edil os inscrevia no registro da prostituição. Deixavam-lhes na sua torpeza uma liberdade que demonstrava a indulgencia e favor que a legislação lhes concedia, sob a condição, porém, de não serem cidadãos romanos. Ordinariamente eram filhos de escravos, e desde tenros annos eram acostumados a soffrer a ignominia de um commercio obsceno. Chamavam-se *meninos de aluguer* (*pueri meritorii*) os que por vontade ou por força se prestavam á vergonhosa paixão de seus senhores. Tal é a definição que nos apresenta um antigo commentador de Juvenal. Este grande poeta, que marcou com ferro em brasa as ignominias do seu tempo, recorda em cada pagina das *Satyras* o repugnante uso a que estes desgraçados eram condemnados ao nascer—jugo ignobil que tinham de acceitar sem soltar uma queixa. Chamavam-lhes *pathici, pacientes; ephebi, adolescentes ; gemelli, gemeos; catamiti, effeminados; amasii, amantes,* etc.

Seria demasiado prolixo e, demais, ascoroso, relacionar toda essa escoria de homens *hypotheticos* creados pela corrupção dos costumes romanos para pintar as infinitas variedades d'estes instrumentos de prostituição. Basta dizer que os adolescentes destinados á escola da depravação desde os sete annos deviam reunir certas condições que os assimilhavam ao sexo feminino, taes como: não terem vestigios de barba; possuirem abundantes cabellos, que deviam trazer sempre perfumados bem como o fato; ter ar provocante, ademanes lascivos, etc., etc.

As tocadoras de flauta e bailarinas foram tão procuradas e appetecidas em Roma como na Grecia e na Asia. Vinham d'aquelles paizes, onde havia uma escola perpetua que as criava segundo as exigencias da arte e da voluptuosidade. Não se dedicavam, porém, de profissão, ao mister de prostitutas, nem os seus nomes se liam nos cadastros dos edis, entre o enorme catalogo das cortezãs. Tornavam-se sómente recommendaveis pelo officio que exerciam publicamente com uma especie de emulação, sem que por isso menospresassem outros recursos que este mister lhes permittia utilisar ao mesmo tempo. Não differiam portanto das mulheres publicas propriamente ditas senão na liberdade que tinham de não fazer da prostituição a principal industria. Só trabalhavam para a gente rica, ajustando-se ás horas ou por noite para tocar flauta, dançar ou fazer pantomimas nos festins, nas reuniões e nas orgias.

Estas alegres raparigas differençavam-se não só no talhe, na cara, na côr da pelle, mas tambem no genero da dança e da musica. Distinguiam-se entre ellas as *gaditanas,* ou filhas de Cadiz, na Hespanha, que possuiam a arte de excitar maravilhosamente com o canto e com a dança os sentidos e desejos do espectador mais frio.

«Jovens e lubricas filhas de Cadiz meneavam continuamente os quadris voluptuosos, com expressivos e intencionados movimentos.»

Assim descreve Marcial as danças nacionaes das graciosas vagabundas; e Juvenal, em reforço a esta descripção, accrescenta que as gaditanas se curvavam até ao chão agitando com furor os quadris; o que, na sua opinião, que

nós muito respeitamos, era um poderoso aphrodisiaco, um incentivo ardente para a languidez dos sentidos.

Mas nem todas as bailarinas iam de Hespanha: a Jonia, a ilha de Lesbos e a Syria nada haviam perdido dos antigos privilegios e forneciam á libertinagem as melhores artistas na flauta e na dança. As que se appellidavam sem distincção *saltatrices, fidicinæ, tibicinæ,* (bailarinas, flautistas, e tocadoras de lyra) eram lesbias, jonias e syrias; a pelle branca, negra, amarella, ou trigueira, prestava-se do mesmo modo ás vuluptuosas figuras da dança jonica ou *bactrianica.* Uma d'estas danças chamava-se *bactriasmos,* notavel pelo meneio espasmodico dos quadris; outra tinha o nome de *jonici motus* (*movimento jonico*) imitando com a obscena verdade a pantomima e peripecias do amor. Horacio assevera que as virgens do seu tempo, mais adiantadas do que era de esperar da sua edade e condição, ensinavam as *poses* e movimentos da jonica (*motus doceri gaudet jonicos matura virgo.*) A phrase parece indicar que isto lhes dava prazer.

Entre todas as estrangeiras sobresahiam as mulheres da Syria (*ambubaiæ,*) que se prestavam a tudo como o nome indica. Sem ellas não havia festim completo; mas, como não pagavam o *meretricium,* ou imposto das cortezãs, todas as vezes que eram surprehendidas em flagrante, obrigavam-nas primeiro ao pagamento da multa, depois a ser açoutadas, e por ultimo ao desterro. N'este ultimo caso, a maior parte das vezes sahiam por uma porta e entravam pela outra.

A maior parte d'estas vagabundas ou forasteiras só trabalhavam para divertir os ricos dentro de casa; outras costumavam dar-se em espectaculo nas ruas e praças, bastando o preludio de uma flauta ou o ruido de um cascavel para attrahir a multidão, que fazia logo circulo apinhando-se em redor das bailarinas.

Esta prostituição desenfreada, revestindo mil disfarces e insinuando-se por toda a parte sob mil fórmas diversas, enriquecia muitos mediadores de ambos os sexos, que tinham estabelecimentos publicos ou que exerciam esse mister de corrupção sem nada temer da policia do edil, porque a lei fechava os olhos ao *lenocinio* todas as vezes que não era um cidadão ou uma *ingenua* quem se deshonrava com similhante trafico. Mas como era lucrativo, muitas romanas, e mesmo romanos, livres de nascimento e condição, dedicavam-se secretamente á arte vil da corrupção, que era em verdade uma arte pelas suas intrigas, astucias, inventos e diplomacia. A designação geral d'estes entes depravados, stygmatisados unicamente pelo despreso publico, era *leno* (corretor de prostitutas para o homem) e *lena* para a mulher. Prisciano deriva estas palavras do verbo *lenire,* porque, na sua opinião, o corretor de prostitutas, ou *leno,* seduz e corrompe as almas com palavras doces, insinuantes, (*deleniando.*) Na sua origem, o vocabulo *leno* applicava-se indistinctamente aos dois sexos; depois começou a empregar-se o feminino *lena* para definir melhor a intervenção da mulher em tão odiosa industria.

«Eu sou *leno,* diz um personagem dos *Adelphi* de Terencio, sou o flagello dos adolescentes.»

Entre os corretores e corretoras havia muitas especies differentes que mantinham relações de interesse com as mulheres publicas de todas as classes e especialidades. Já dissemos que nas padarias ou fornos, nas hospedarias, nas tabernas e casas de banhos tanto as mulheres como os homens praticavam o lenocinio mais ou menos descaradamente. O corretor de prostitutas existia em todos os misteres e occultava-se sob todas as mascaras, visto não ter trajo particular nem distinctivo algum. No theatro latino, onde continuamente apparecia em scena algum d'estes personagens, representavam-no com uma veste curta, sem barba, e cabeça rapada. Não devemos esquecer que entre as pro-

fissões mais favoraveis ao trafico de corretor de prostitutas havia as de barbeiro e perfumista; em certos casos, *tonsor* e *unguentarius* são synonimos de *leno*.

Um dos antigos commentadores de Petronio, o ingenuo hollandez Douza, dava uns pormenores curiosos a respeito das lojas de barbeiro em que havia alguns jovens que não se occupavam em cortar o cabello aos freguezes, fazer barbas ou pentear, mas que, exercitados desde tenros annos nos mysterios da mais sordida prostituição, alugavam-se por alto preço para as ceias e festas nocturnas (*Quorum frequenti opera non in tondenda barba, lisque vellendis modo, aut barba rasitanda, sed vero et pygiacis sacris cinædice, ne nefariæ dicam de nocte administrandis utebantur.*)

Com respeito aos perfumistas, o seu commercio punha-os em relações directas com a milicia da prostituição, para cujo uso e serviço se haviam inventado ou aperfeiçoado os oleos, as essencias, os pós aromaticos, as pomadas eroticas e todos os preparados do toucador. Homens ou mulheres, moços e velhos, todos se perfumavam antes de entrar nas lutas de Venus, a ponto de se designar um *ganymedes* pelo termo *unguentatus,* quer dizer, untado, perfumado.

«Todos os dias, diz Lucio Afranio, o unguentario, como quem diz o cabelleireiro, o aformoseia e adorna deante do espelho. Digam-me agora se o homem que sahe á rua com as sobrancelhas pintadas, sem um unico cabello na cara e com as pernas lisas e alvas como as das mulheres; se aquelle que nos festins, acompanhado de um joven amante, se deita vestido com uma tunica de mangas largas no leito mais baixo; se aquelle que não procura sómente o vinho, mas tambem as caricias do homem *(qui non modo vinosus, sed virosus quoque sit)* deixará de fazer o que os *cinædes* fazem?»

Ordinariamente todos os escravos se dedicavam ao lenocinio, officio para que não precisavam mais do que recorrer á experiencia da sua juventude, se eram velhos. As serventes, *ancillæ*, mereciam com razão os sobrenomes de *admonitrices, stimulatrices* e *conciliatrices.* Eram ellas que levavam as cartas, que ajustavam a hora, a noite, as entrevistas e as demais circumstancias conducentes ao mesmo fim; preparavam o logar e as armas do combate; ajudavam, impelliam, excitavam e arrastavam. Nada igualava a sua destreza, ou melhor a sua malicia, nem havia virtude invencivel quando ellas se empenhavam em rendel-a. Mas era preciso dar-lhes muito e ganhar-lhes a boa vontade e a diligencia com grande numero de presentes. Havia ainda as *ancilullæ* ou criadas de tenra edade, creanças, que, pelas aptidões que revelavam no officio, não desmereciam ao lado das maiores.

No emtanto, todos estes auxiliares domesticos eram menos preversos e despreziveis que os corretores d'este commercio infame, a quem só o dinheiro punha em actividade, não tendo pessoa alguma a quem descontentar nem obedecer. D'elles dizia Ascenio Pediano, no seu commentario de Cicero: «Estes corruptores de mulheres de bons costumes, são-no do mesmo modo das pessoas a quem arrastam a seu pesar a commetter adulterios que as leis castigam.» *Perductores* eram os que conduziam as victimas ao vicio e á infamia, *adductores*, os que se encarregavam de procurar actores para a libertinagem, e *tractatores* os que viviam d'este commercio.

Não é possivel imaginar o numero e importancia d'estes ajustes impudicos, que todos os dias se realisavam entre as partes interessadas.

Do mesmo modo que as velhas alcoviteiras, os corretores eram por via de regra velhas reliquias da prostituição, que não tinham já ardor nem forças senão para servirem os prazeres alheios. Alguns havia, porém, que accumulavam ambas as profissões.

Temos de collocar no ultimo grupo dos corretores dos dois sexos, os do-

nos das casas publicas, ou lupanares (*lupanarii.*) Estes especuladores da prostituição pertenciam ás ultimas fezes sociaes, embora o jurisconsulto Ulpiano tenha reconhecido que existiam lupanares em actividade em casas de muitos homens de apparencia honrada. (*Nam et in multorum honestorum virorum prædiis lupanaria exercentur.*) Os proprietarios d'estas casas não participavam de nenhum modo da infamia dos seus inquilinos. Abaixo, porém, dos lupanarios havia ainda graus de torpeza e execração, que pertenciam de direito aos *belluarii,* aos *caprarii,* e aos *anserarii.* Os primeiros tinham por auxiliares animaes de toda a especie, sobretudo cães e macacos; os segundos cabras e os terceiros gansos, as delicias de Priapo, como lhes chama Petronio. E esses animaes ensinados pacientemente pelos seus infames domesticadores, offereciam-se, com a maior docilidade, a espantosas abominações.

Outras mil torpezas havia ainda que nos fazem gelar de espanto ao revolver a infamia d'esses tempos remotos. Descrevendo os mysterios da *Boa-Deusa,* na *Satyra das Mulheres,* Juvenal diz o seguinte, que não nos atrevemos a traduzir:

. . . . . Hic si
Quæritur et desunt homines, mora nulla peripsam
Quominus imposito clunem submittat asello.

CAPITULO XVII

SUMMARIO

Os logares de prostituição em Roma e as suas differentes cathegorias—As cellas abobadadas do Grande Circo —Os cem aposentos do porto Miseno.—Descripção de um lupanar.—Cellas das cortezãs.—O rotulo.—Mobilia dos aposentos.—Pinturas obscenas.—Decoração interior das cellas.—Lupanares da gente rica.—*Stabula,* ou lupanares de infima ordem.—*Pergulae,* ou balcões.—Os *pombaes.*—O *Casarum,* ou lupanar extra-muros.—Origem d'esta palavra.—As *escrupedas,* ou pedregosas.—*Meritoria* e *Meritorii.*—Os *Ganae*, ou covas subterraneas.—Origem da palavra *lustrum.*—Pessoal de um lupanar: O *leno* e a *lena.*—*Ancillae ornatrices* —*Acquarii* ou *Acquarioli.*—O *bacario.*—O *villicus.*—Os *adductores, conductores* e *admissarii.*—Trajos das meretrizes no lupanar.—Festas que se celebravam nos lupanares por occasião da *estreia* de uma cortezã ou da inauguração do estabelecimento.—Lei Domiciana relativamente á castração das creanças.—Os *castrati,* os *spadones* e *thlibiae.*—Messalina no lupanar.—Tharsia e os seus favores.—Quadro de um lupanar romano por Petronio.—Tarifa dos lupanares.— Dissertação sobre o rotulo de Tharsia.—Preço do aluguer de uma cella.



PRUDENCIO, narrando o martyrio de Santa Agueda, diz expressamente que as abobadas e porticos que existiam ainda no seu tempo junto ao grande Circo tinham sido abandonadas ao uso da prostituição; e Panvinio, no tratado dos *Jogos* do Circo, deduz d'esta passagem que em todos os circos havia igualmente lupanares como annexos indispensaveis. Consta, effectivamente, que as meretrizes que assistiam ás festas do Circo e ás representações no theatro deixavam os seus logares todas as vezes que eram convidadas a satisfazer os desejos que se creavam e multiplicavam em redor d'ellas. O sabio jesuita Boulenger, no *Tratado do Circo,* não tem duvida em declarar que a prostituição se exercia no circo e mesmo no theatro, e cita este verso de um antigo poeta latino em honra de uma cortezã muito conhecida no grande Circo:

Deliciæ populi magno notissima Circo Quintilia.

Havia com effeito além do recinto occupado pelo povo umas abobadas formando recantos sombrios, que se prestavam á prostitução popular, a qual prescindia de commodidades e refinamentos. Isto nos leva a crêr, com bom fundamento, que as ruinas de uma immensa edificação subterranea, que ainda se vêem no antigo porto Miseno e que conservam o nome de *Cem casas* (*centum camara*) tinham a mesma applicação. E' provavel que este edificio singular, de cujo uso ninguem dá explicação satisfactoria, fosse um vasto lupanar apropriado ás necessidades da marinhagem da armada romana.

E' de notar, porém, que os lupanares, em vez de serem estabelecidos com proporções tão gigantescas, continham apenas um limitado numero de

aposentos estreitos, sem janellas, tendo por unica entrada uma porta, de ordinario tapada com uma cortina. O plano de qualquer casa de Pompeia póde dar ideia exacta do que era um lupanar quanto á disposição dos quartos, que davam sem duvida para um pateo interior, como nas casas, em que os dormitorios são geralmente tão pequenos que apenas podiam conter um leito, recebendo luz pela abertura de uma porta, por onde não poderiam passar duas pessoas ao mesmo tempo. N'estes lupanares os aposentos eram mais proximos, mais immediatos uns aos outros.

Durante o dia, como o estabelecimento estava fechado, não havia necessidade de taboleta e seria um luxo inutil mandar o dono pintar na parede, como alguns faziam, o obsceno attributo de Priapo; este symbolo pendurava-se á entrada do estabelecimento que lhe era consagrado. De noite, a contar da hora nona, uma enorme lampada em fórma de membro viril servia de signal aos libertinos que alli iam de proposito ou que passavam por acaso. As mulheres da casa dirigiam-se aos seus respectivos postos antes de abrir a porta da rua; cada uma tinha o seu quarto, e em cada porta d'estes quartos destacava-se um rotulo com o nome da *especialidade* da cortezã. Ordinariamente, por baixo do nome estava marcado o preço, afim de evitar que se regateasse depois. Ao entrar alguem n'um d'estes quartos, voltava-se o rotulo, que dizia no reverso: *Occupata*. Quando o quarto estava vago, dizia-se em linguagem technica: *Nuda*.

Plauto, no seu livro *Asinaria*, e Marcial, nos epigrammas, deixaram-nos todos estes pormenores. Plauto diz: «Que sobre a sua porta escreva: «Estou com gente.» O que prova que em certas circumstancias a inscripção era traçada com giz ou carvão pela propria prostituta. Em Marcial lê-se: «A impudica alcoviteira vem fechar a porta.» De certa passagem de Seneca, mal interpretada, parecia deprehender-se que n'alguns lupanares as meretrizes que esperavam á porta tinham o rotulo ao pescoço ou na testa. A phrase é esta: *Nomen tuum pependit* IN FRONTE; *stetisti cum meretricibus*. A interpretação, porém, hoje admittida é que *in fronte* significava *em frente, na porta,* devendo as mulheres estar sentadas ao lado.

Os quartos eram todos mobilados, pouco mais ou menos, do mesmo modo; a differença consistia na maior ou menor limpeza dos moveis e nas pinturas ornamentaes. Estas pinturas, feitas ordinariamente a aguarella, representavam, em quadros ou nos ornatos, os assumptos mais adequados ao logar. Nos lupanares inferiores, eram grosseiras scenas de prostituição; nos mais pretenciosos eram assumptos mythologicos, sempre de occasião, como allegorias do culto de Venus, de Cupido, de Priapo, e dos deuses lares da libertinagem. O membro viril reapparecia com frequencia n'estas decorações eroticas sob fórmas as mais raras e caprichosas: ou era um passaro, um peixe, um insecto; ou apparecia n'um cesto de fructos, representando pepinos por exemplo; ora perseguia as nymphas por baixo das aguas e as pombas pelo ar; ora formava as mais bellas grinaldas e corôas. A imaginação do pintor comprazia-se em lhe multiplicar as applicações para lhe exaggerar a indecencia. O que, porém, se tornava mais notavel n'estes desenhos, tão apropriados ao logar, era que o orgão da mulher nunca figurava isoladamente, como se por accordo tacito devesse ser respeitado onde era mais aviltado.

De resto, as mesmas scenas, as mesmas imagens viam-se com frequencia na ornamentação dos dormitorios conjugaes. O pudor dos olhos não existia entre os romanos, que haviam quasi deificado a nudez.

A decoração interior das cellas dos lupanares não se recommendava tambem pela sua elegancia ou pelo seu esplendor: o fumo das lampadas, e milhares de nodoas repugnantes deshonravam as paredes, manchadas além d'isto com o stigma dos seus hospedes desconhecidos.

A mobilia compunha-se de uma esteira, uma lampada, e uma manta. A esteira, grosseiramente tecida de junco ou palha, estava quasi sempre em misero estado, o cobertor ou a manta asquerosamente manchada não era mais do que um miseravel mosaico de remendos de todas as côres, e por isso mesmo a designavam pelo nome de *centum*. A lampada de cobre ou de bronze, espalhava uma claridade indecisa no meio de uma athmosphera saturada de miasmas deleterios, que nem deixavam arder o azeite. Esta pobreza dos cubiculos existia de caso pensado, para que ninguem tivesse a ideia de se apropriar de utensilios tão miseraveis, n'aquelles aposentos onde nada havia que roubar.

No emtanto, póde affirmar-se sem grandes probabilidades de erro, á vista das proprias designações d'estas casas, que nem todas eram frequentadas pelo populacho, e que offereciam por conseguinte differenças notaveis no seu regimen interior. Nos lupanares estabelecidos com um certo luxo, uma fonte adornava o pateo (*impluvium*) e em volta d'este recinto havia as cellas ou aposentos (*cellæ;*) n'outras partes esses aposentos chamavam-se *sellæ,* ou assentos, porque eram demasiado pequenos para poderem conter um leito. Mas nos lupanares reservados exclusivamente á plebe, e que eram apenas covas ou subterraneos, a cella abobadada, chamava-se *fornix*. D'este nome, que veio a ser synonymo de lupanar, provém a palavra *fornicatio,* para designar o que se passava nas trevas dos *fornices*.

O cheiro infecto d'estas abobodas era proverbial, e os que alli entravam traziam comsigo por muito tempo aquelle cheiro nauseabundo, que não era só do azeite e do fumo d'aquelles miseraveis antros do vicio: *Olenti in fornice,* diz Horacio; *redolet adhuc fuliginem fornicis,* diz Seneca.

Havia lupanares ainda muito mais miseraveis, chamados *stabula,* porque os frequentadores eram recebidos n'uma pouca de palha, como n'uma estrebaria. Os *pergulæ,* ou balcões, deviam esta denominação ao modo particular porque eram construidos. Em alguns d'elles, uma galeria aberta corria em todo o comprimento do primeiro andar sobre a rua publica, e servia para as prostitutas estarem em exposição, em quanto o *leno* ou a *lena* esperavam á porta os freguezes. N'outros, pelo contrario, os corretores occupavam ordinariamente uma janella alta, para d'alli poderem dominar a sua cambada de prostitutas ou mesmo de mancebos, nas casas onde não havia senão esta especie de pacientes da sensualidade brutal dos frequentadores. A's vezes os *pergulæ* eram apenas uma casita miseravel, baixa e coberta com um toldo, debaixo do qual estavam sentadas as victimas de um e outro sexo. Quando o lupanar tinha tambem uma torre ou pyramide, em cujo vertice se accendia uma especie de pharol indicador do commercio que se exercia n'aquelle estabelecimento, chamava-se então pombal, porque as pombas costumavam alli aninhar-se. Santo Izidoro de Sevilha, fallando d'estes pombaes, faz um trocadilho de palavras, que não parece muito digno da austeridade do seu estylo christão: *Ita dictus locus, quo corruptela fiabant, quod ibi turturi opera daretur, id est peni.*

O *casarium* era o lupanar extra-muros, uma simples cabana coberta de palha ou de canas, que servia de albergue ás meretrizes errantes ou fugitivas por causa das suas frequentes contravenções das determinações policiaes. A palavra *casarium* na linguagem popular provinha de *casa,* choça, cabana, barraca. No emtanto, os sabios encontraram n'esta palavra a etymologia grega da palavra meretriz. N'estas especies de tocas iam tambem ás vezes occultar-se as *scrupedæ,* ou *pedregosas,* assim denominadas por se darem á prostituição nas ruinas dos edificios e monumentos publicos.

Além d'isto, os lupanares tinham nomes genericos, que se applicavam a todos indistinctamente. «*Meritoria,* diz Santo Izidoro de Sevilha, são os logares secretos em que se commettem os adulterios.» Este nome, porém, dava-se principalmente aos logares consagrados á prostituição dos homens e dos meni-

nos, dos *meritorii*. «*Ganæ,* diz Donacio. são uns subterraneos onde se pratica a libertinagem e cujo nome deriva de uma palavra grega, que significa terra.» *Ganæ,* diz o jesuita Boulenger, são tendas de prostituição, assim chamadas por analogia com as palavras gregas que significam *sensualidade* e *mulher*.»

Frequentes vezes era empregada a palavra *lustrum* como synonymo de lupanar, e o que a principio fôra apenas um jogo de palavras, veio a ser uma locução usual em que não havia malicia alguma. *Lustrum* significava ao mesmo tempo *expiação* e *matagal* ou *bosque selvagem*. As primeiras correrias da prostituição escolheram para theatro das suas aventuras os bosques mais sombrios, e, como para expiar de certo modo estes costumes, proprios de animaes bravios, as prostitutas pagavam um imposto *lustral,* expiatorio, d'aqui veio a accepção de *lustrum* por lupanar. «Os que se dão aos vicios da gula, da ociosidade e da libertinagem em logares retirados e vergonhosos, diz Festo, merecem que os accusem de viver como animaes selvagens (*in lustri vitam agere.*) «O poeta Lucilio faz-nos comprehender ainda melhor a verdadeira extensão da palavra, n'este verso: «Que commercio é esse a que te entregas, farejando ao redor dos muros nos logares escusos? (*in lustris circum oppido lustrans.*)

Applicava-se tambem e com razão o nome de *desidiabula* aos lupanares, para se explicar com este termo a ociosidade dos seus desgraçados habitantes. Quando não havia senão mulheres n'um estabelecimento de prostituição, o lupanar tomava então o nome de *Senado de mulheres, conciliabulo* e *palacio de meretrizes: Senatus mulierum, conciliabulum, meretricia curia.* E como estas denominações se tomavam em bom ou mau sentido, era pelos epithetos que se lhes juntava que se comprehendia bem a intenção com que eram empregadas. Plauto classifica de *conciliabulo de desditas* um d'estes logares infames. Quando uma e outra Venus, para empregarmos a phrase latina mais decente, satisfaziam os seus appetites n'estes antros immundos, chamava-se-lhes pomposamente a reunião de todos os prazeres: — *libidinum consistorium.*

O pessoal de um lupanar variava tanto como a sua clientela. N'umas partes, o corretor tinha apenas alguns escravos comprados e industriados pelas suas lições; n'outras, este personagem era o proprio proprietario do logar, servindo de intermediario aos seus agentes, que lhe deixavam uma parte dos lucros de cada noite. Aqui o dono ou a dona do estabelecimento occorriam a todas as necessidades do serviço, preparando os cartões ou rotulos, ajustando os preços, servindo agua ou refrescos, guardando as cellas *occupadas;* n'outros estabelecimentos, estes infames não se dignavam descer a estes serviços, tendo para elles escravos e serventes destinados ás diversas funcções que alli eram exigidas: — as *ancillæ ornatrices* cuidavam do toucador, reparando os desarranjos dos vestidos, do penteado ou das pinturas; os *acquarii* ou *acquarioli* serviam agua natural ou gelada, vinho ou mesmo vinagre, aos amantes que se queixavam do calor ou da fadiga; o *bacario* era o escravo que servia a agua para as loções n'um vaso ou jarro de grande áza e comprido gargalo, chamado *bacar;* finalmente o *villicus* ou administrador tinha a seu cargo tractar do ajuste com os freguezes e arrecadar o dinheiro antes de voltar o cartão ou letreiro da cella. Havia além d'isto homens e mulheres empregados no estabelecimento para exercerem um lenocinio subalterno ou subordinado, percorrendo os arredores do lupanar para recrutarem freguezia, chamando e attrahindo os jovens ou os velhos libertinos: d'aqui as denominações que se lhes dava de *adductores, conductores* e sobre tudo *admissarii.* Estes emissarios da prostituição estavam sempre dispostos a mudar de papel, e em caso de necessidade prostituiam-se por conta propria. Na linguagem dos camponezes romanos *admissarius* era o touro garanhão que se deita, cheio de ardor, á sua femea.

Cicero, no seu discurso contra Pisão, dá-nos uma prova da monomania

d'estes caçadores de homens e procuradores dos prazeres sensuaes. «Este *admissarius,* diz o grande orador, quando soube que o philosopho tinha feito um grande elogio da voluptuosidade, ficou logo muito contente, e estimulou todos os seus instinctos voluptuosos, julgando que havia encontrado, não um mestre da virtude, mas sim um prodigio de libertinagem.»

O trajo das meretrizes nos lupanares não apresentava singularidades que o distinguissem, a não ser o penteado, que consistia n'uma cabelleira loura. D'este modo a cortezã provava que não tinha pretensões ao titulo de matrona, visto que todas as romanas tinham orgulho dos seus esplendidos cabellos pretos, que indicavam a sua condição *ingenua.* Esta cabelleira loura, feita com cabellos ou crinas douradas, constituia a parte essencial do disfarce com que a cortezã ia para o lupanar, onde entrava com um nome de guerra ou de profissão. Devia, além d'isso, evitar ainda n'outros pontos toda e qualquer similhança com uma mulher honrada. Assim, não podia usar a *vitta,* uma larga fita com que as matronas levantavam os cabellos. Não podia tambem vestir a *estola,* larga tunica que chegava aos calcanhares e era parte essencial e exclusiva do trajo das matronas. «Chamavam matronas, diz Festo, ás mulheres que tinham o direito de vestir estolas.» No emtanto, os regulamentos edilitarios relativos ao trajo das cortezãs não comprehendiam o que ellas adoptavam para o serviço dos lupanares. Assim, a maior parte d'ellas apresentavam-se alli completamente nuas, ou envolvidas n'um veu de seda transparente, debaixo do qual não se perdia nenhum dos segredos da sua nudez, mas sempre adornadas com a cabelleira loura enfeitada com alfinetes de ouro ou com flores. E não era só nas suas cellas que estavam nuas, ou quando passeavam debaixo da arcada do lupanar (*nudasque meretrices furtim conspatiantes,* diz Petronio) mas até mesmo á entrada do lupanar, na rua, á vista de quantos passavam. Juvenal, na sua satyra XI, apresenta um infame adolescente á porta do seu hediondo antro, *nudum olido stans fornice.* Muitas vezes, á imitação das cortezãs de Jerusalem e Babylonia, velavam o rosto, deixando a descoberto o resto do corpo, ou então cobriam o seio com um finissimo tecido de ouro: *tunc nuda papillis prostitit auratis,* diz Juvenal.

Os amadores do genero não tinham, pois, mais do que escolher segundo os seus gostos e predilecções. De resto, o lupanar estava apenas illuminado por uma lampada que ardia á porta da rua, e o olhar mais penetrante não descobria no raio luminoso senão fórmas immoveis e posturas voluptuosas. No interior das cellas, não se via mais nada tambem, apesar dos objectos estarem mais proximos «e quando ás vezes a lampada se apagava, por falta de ar ou de azeite, não se sabia bem, diz um poeta, se se tratava com Canidia, ou com sua avó!...»

Quando uma desgraçada, uma pobre rapariga inexperiente, se sacrificava pela primeira vez, havia festa no lupanar. Pendurava-se á porta uma lampada que derramava nas proximidades uma luz de um brilho desusado; enfeitava-se de ramos de louro a porta do horrivel sanctuario, constituindo estes ramos um ultrage ao pudor publico, por isso que permaneciam alli por muitos dias. A's vezes, consummado o sacrificio, o heroe d'aquella farça indigna, paga a peso de ouro, sahia do lupanar coroado de louros. O impuro inimigo da virtude imaginava ter effectivamente conseguido um triumpho, e fazia-o celebrar com alegres sons musicaes, executados pelos musicos e musicas annexas ao mesmo estabelecimento.

Similhante abuso, tolerado pelo edil, era um ultrage tanto mais violento aos bons costumes, por isso que os recem-casados conservavam, especialmente na classe popular, um costume analogo, adornando tambem com ramos de louro a porta da sua habitação no dia immediato ao da celebração das bodas. «*Ornentur,* diz Juvenal, *portas et grandi janua lauri.* Tertuliano, fallando da nova

esposa, diz tambem: «Ousa sahir d'essa porta, decorada com grinaldas e lanternas, como de um novo consistorio de libertinagem publica.» Póde concluir-se por isto que a inauguração ou abertura de um lupanar era tambem pretexto para luminarias e ornatos de ramos de louro.

Lendo Marcial, Catullo e Petronio, vemo-nos obrigados a confessar com magua e horror que a prostituição das creanças nos lupanares de Roma era ainda muito mais frequente do que a das mulheres. A Domiciano cabe a honra de haver prohibido aquella abominação escandalosa, e se a lei que promulgou para a impedir não foi rigorosamente observada, é de presumir que ainda assim atalhou o espantoso progresso de taes monstruosidades.

Marcial dirige ao imperador o seguinte elogio, que nos permitte revelar o que os historiadores nos occultaram das determinações da *Lei Domiciana*, relativamente aos lupanares:

«A creança, até agora mutilada pela arte infame de um cubiçoso mercador de escravos, já não chora a perda de sua virilidade, nem a mãe indigente vende tambem seu filho a um rico e vil medianeiro no vergonhoso exercicio da prostituição. O pudor, que antes de ti havia fugido do thalamo conjugal, começa agora a penetrar até mesmo nos albergues da prostituição.»

Assim, vemos que no reinado de Domiciano terminou a infamia de se castrarem creanças do sexo masculino, que d'este modo se convertiam em mulheres para o uso da prostituição, e Nerva confirmou o edito do seu predecessor. No emtanto, a castração continuou fóra do imperio romano, ou pelo menos fóra de Roma, e os negociantes de escravos conduziam sem cessar ao mercado publico da metropole jovens mutilados de diversas fórmas, apesar da prohibição da jurisprudencia romana, que ainda assim auctorisava os sacerdotes de Cybele a fazerem eunuchos, e os donos de escravos e despojal-os, ao menos em parte, do seu sexo.

Havia tres classes de eunuchos, todas ellas utilisadas para a libertinagem: *castrati*, os que nada conservavam do seu sexo, *spadones*, os que apenas conservavam o membro impotente; *thlibiæ*, os que tinham soffrido em vez do córte de um instrumento de aço a horrivel compressão de uma mão cruel.

Nos escriptores latinos só encontramos tres descripções do interior de um lupanar, e não do que alli se passava. Uma d'ellas, a mais celebre, apresenta-nos em scena Messalina, no logar infame onde esta imperatriz ia prostituir-se até com os moços de estrebaria.

«Assim que suppunha adormecido o imperador, diz Juvenal na sua admiravel poesia, a augusta cortezã, que preferia ao leito dos Cezares a dura e immunda tarimba das prostitutas, levantava-se com todo o cuidado, cobria-se com a cogulla, ou capuz que guardava para taes aventuras, e sahia acompanhada apenas de uma creada. Occultando os negros cabellos debaixo de uma cabelleira loura, entra n'um lupanar muito frequentado, cuja cortina remendada e asquerosa afasta com amão, e vae occupar uma cella, a sua cella, onde vae todas as noites. Alli, completamente nua, cobrindo apenas o peito com um veu dourado, e sob o nome supposto de *Lisysca*, nome de guerra inscripto no rotulo da sua porta, apresenta aos que a procuram o ventre que te encerrou, nobre Britannico! Acolhe com graciosas caricias todos os que entram, sem deixar por isso de lhes exigir o preço do prazer. Depois d'isto, reclina-se no leito e sustenta os assaltos de todos os que se deitam sobre ella. Emfim, quando o dono do antro infame despede todas as prostitutas, a imperatriz retira-se triste, e todavia foi a ultima que fechou a sua cella. Arde ainda em desejos que não fez mais do que irritar, e *cançada* mas não *saciada*, retira-se aos regios aposentos, com o rosto sujo e asqueroso, os olhos pisados, completamente enegrecida pelo fumo da lampada, e leva para o leito imperial as exhalações pestilentes da immunda prostituição!...»



Um lupanar romano

Ha n'este quadro do poeta uma explosão de nobre indignação que faz desapparecer toda a obscenidade dos termos com que descreve a infamia da imperatriz.

Depois de Juvenal, é realmente descer muito citar um simples commentador, Symphoriano, que fez um estudo d'aquella celebre historieta grega de Apollonio de Tyro, que todos os doutos da edade média adoptaram e popularisaram.

«A joven prostra-se aos pés do corretor da prostituição, diz este escriptor, e exclama: Tem compaixão da minha virgindade e não prostituas o meu corpo deshonrando-me com um vergonhoso cartaz. O infame chama então a administradora do estabelecimento, e diz-lhe: Manda uma servente para enfeital-a e apresental-a como deve ser, e inscreve no rotulo da sua cella: Quem quizer as primicias de Tharsia dará meia libra de prata (uns trinta mil réis:) em seguida entregar-se-ha a quem a quizer, mediante uma peça de ouro (quatro mil réis.»

Esta passagem seria ainda mais preciosa para a historia dos costumes romanos, se estivessemos mais seguros do sentido exacto das palavras *mediam libram* e *singulos solidos,* que estabelecem, umas, o preço especial da virgindade, outras, o typo commum da prostituição.

Petronio, no seu *Satyricon,* legou-nos um trecho demasiado importante e curioso, para que não o citemos textualmente: é a pintura de um lupanar romano.

«Cançado emfim de correr, e banhado em suor, dirijo-me a uma velha que vendia grosseiros legumes.—Dize-me, *ave mea,* sabes onde moro? perguntei-lhe.—Pois não havia de saber? respondeu-me a velha, captivada talvez das minhas maneiras affaveis e delicadas. E dito isto, levanta-se e larga a correr adeante de mim. Julguei que a mulher fosse maga, ou adivinha; mas d'ahi a pouco, ao chegarmos a um logar bastante retirado, a obsequiadora velha correu uma cortina, e disse-me:—E' aqui que deves habitar. (*Hic, inquit, debes habitare.*) Eu respondi-lhe que não conhecia a casa, mas n'esta occasião vi um homem que passeava com meretrizes completamente nuas, e pude lêr alguns dos rotulos dos cubiculos. Só então comprehendi, demasiado tarde por meu mal, que havia sido conduzido a um logar de prostituição. Indignado com o ardil de que a maldita velha se servira, cobri a cabeça com o manto e larguei a fugir pelo meio do lupanar até chegar á sahida opposta. (*Ad alteram portam.*»)

Esta ultima parte da narração prova que um lupanar tinha ordinariamente duas portas, uma de entrada e outra de sahida, situadas sem duvida em duas ruas differentes, para maior commodidade dos frequentadores, e até mesmo para poder dissimular a entrada, ou a sahida dos timidos e envergonhados. D'aqui póde tambem inferir-se que para um homem que se presasse havia sempre uma especie de vergonha em frequentar aquelles sitios, apesar da tolerancia dos costumes romanos a tal respeito. E' tambem certo, segundo outras auctoridades que confirmam o testemunho do auctor citado, que não se entrava n'um lupanar, nem se sahia d'elle, sem se cobrir a cabeça ou o rosto. Uns levavam para esse fim um capuz em que mettiam a cabeça até aos olhos, outros cobriam-na com o manto. Seneca, na *Vida Feliz,* falla de um libertino que frequentava os lupanares, não timidamente, ás escondidas, mas de cara descoberta (*inopperto capite.*) Capitolino, na *Historia Augusta,* apresenta-nos tambem um imperador libertino, que visitava de noite as tabernas e lupanares, cobrindo a cabeça com uma cogulla vulgar. (*Obtecto capite cucullo vulgari.*)

Quanto ao preço não era fixo nos lupanares, uma vez que cada prostituta tinha á porta da sua cella o competente cartaz, ou rotulo, indicando o seu nome e o seu valor metallico. A passagem de Symphoriano, citada anterior-

mente, desnorteou os commentadores que procuraram avaliar, cada um a seu modo, o preço que o corretor havia fixado pela virgindade de Tharsia e sobre o typo corrente dos seus favores, porque os sabios não estão de accordo a respeito do valor da libra e do soldo da antiguidade. Symphoriano não diz tambem se se tratava da libra de ouro ou da de prata. No primeiro caso, houve quem affirmasse que a meia libra inscripta no cartaz de Tharsia, a titulo de virgem, representava perto de oitenta mil réis da nossa moeda, e no segundo, tratando-se da libra de prata, entenderam alguns commentadores que valia o preço estipulado apenas uns sete mil réis. Nós fizemos outros calculos, obtendo por conseguinte resultados muito differentes, em virtude dos quaes taxamos o valor da primeira libação do pudor virginal de Tharsia em trinta mil réis, e o preço corrente dos favores da cortezã, depois de desflorada, em quatro mil réis.

De resto, este preço não era uniforme, e como não foi nunca submettido a nenhum registro administrativo, variava segundo o merito e a reputação da cortezã.

Ha, no emtanto, em Petronio um pormenor importante, que nos permitte saber o preço por que se alugava uma cella n'um lupanar:

«Emquanto andava errante por toda a cidade, sem saber onde ficava a minha habitação, approximou-se de mim um cidadão de aspecto respeitavel, que obsequiosamente se offereceu para me servir de guia. Penetrando commigo em ruas tortuosas, conduziu-me a um lupanar, onde puxando pela bolsa me fez propostas deshonestas. E já antes d'isto a dona da casa me tinha feito pagar um *asse* pela cella.»

Se o aluguer da cella era um *asse,* pouco mais de 15 reis, é de presumir que o resto não se pagava muito caro. Effectivamente, quando Messalina exige a paga da sua infamia, (*æro poposcit*) Juvenal dá a entender que a imperatriz se contenta com qualquer moeda de cobre. Já fallamos n'outro logar das cortezãs que se taxavam em dois obulos e um quadrante, motivo porque lhes fôra dada a alcunha de *quadrantarias* e *diobolarias.* Festo explica assim o nome d'estas ultimas: «Chamam-se diobolarias, porque se contentam com dois obulos.»

A concorrencia fizera necessariamente baixar o preço da prostituição.

CAPITULO XVIII

SUMMARIO

Época a que remonta o estabelecimento da prostituição legal em Roma.— inscripção das cortezãs.— O que diz Tacito ácerca dos motivos d'esta inscripção.— Mulheres e filhas de senadores sollicitando a permissão de se entregarem á prostituição (*licentia stupri*).— Vantagens que provinham ao Estado e á sociedade da inscripção das cortezãs.— A taxa de cada prostituta fixada nos registros do edil.— Da competencia do edil em materia de prostituição. — Policia da rua.— Prostituições vagabundas.— Julia, filha de Augusto.— Policia do edil nas casas publicas.— Os edis plebeus e os edis patricios.— Um edil em casa da meretriz Mamilia.— Diversos logares em que se exercia a prostituição fraudulenta.— Os banhos publicos.— A mulher de Cicero nos banhos de Theano.— Luxo e corrupção dos banhos de Roma.— Mistura de sexos nos banhos publicos.— O banho de Scipião.— Banheiros e *aliptes*.— Os libertinos da côrte de Domiciano nos banhos publicos.— Banhos gratuitos para o povo.— Banhos da aristocracia e dos ricos. —Tolerancia da prostituição nos banhos.—Os serventes dos banhos.—Os *fellatores* e as *fellatrices*.—Blattara e Thais. —Zoilo.—A pantomima dos «Atellanes.»—As tabernas.—Descripção de uma popina romana.—O stabulum.— Visitas domiciliarias nocturnas do edil.— Os subterraneos das padarias.— Policia edilitaria nos lupanares.— Contravenções, multas e penas afflictivas.—A que se expunha Messalina exercendo o meretricium no lupanar.— Installação de uma mulher n'um d'estes logares.—Os delegados do edil.— Horas a que abriam e fechavam os lupanares.— As meretrizes no Circo.— A prostituição dos theatros.— Os gritadores do theatro.— A prostituição errante.— As paredes exteriores das casas e monumentos collocadas sob a protecção de Esculapio.— Impudicicia publica das prostitutas dos becos e viellas de Roma.— Catullo encontra a sua lesbia entre estas mulheres.— O tribunal do edil.— Poderes dados pela lei aos paes e tutores a respeito dos filhos e pupillos que se entregavam á libertinagem.— Os *adventores*.— Os *venatores*.— A juventude de Alcino.— O poeta Horacio *putissimum penem*.— Os *semitarii*.— *Adulter, scortator mœchus, mœchocinedus* e *mœchusso*.— Heliogabalo nos lupanares.— Leis sumptuarias relativas ás meretrizes. — Trajo das cortezãs.— O calçado e o penteado.— Prohibição feita ás cortezãs de pôrem pós de ouro no cabello.— Cabello azul e cabello amarello.— Trajo nacional das prostitutas de Tyro e Babylonia.— O *amiculum*, ou *amiguinho*. — Galbanati, galbani e galbana.— A mitra, a thiara e a aureola.— Origem d'estes tres toucados.— Prohibição de liteiras e carros ás cortezãs.— Carmenta, inventora dos carros romanos.— A cella e a octophora.— Os lupanares ambulantes.— A lei Oppia.



ÃO PÓDE dizer-se com certeza em que época se estabeleceu regularmente em Roma a prostituição legal, nem quando foi submettida ás leis da policia, debaixo da jurisdicção especial dos edis. E' provavel, porém, que estes magistrados desde a instituição do seu cargo, que remonta ao anno 260 de Roma, se occupassem em estabelecer certos limites á prostituição das ruas e em traçar-lhe uma especie de jurisprudencia no interesse do povo. Desgraçadamente não restam d'esta jurisprudencia mais do que alguns vestigios dispersos, duvidosos ou quasi apagados, que ainda assim nos permittem avaliar da sua sabedoria e equidade.

Póde quasi affirmar-se que nenhuma das medidas preventivas da policia moderna a respeito das mulheres de má vida deixou de ser ensaiada pela edilidade romana. Esta magistratura popular teve de reconhecer, com o andar do tempo, que devia, deixando áquellas mulheres impudicas a maior liberdade

possivel, impedir ao mesmo tempo que exercessem uma especie de usurpação descarada sobre as mulheres honestas. Foi este o motivo porque se propoz especialmente dar em certo modo á prostituição um caracter publico, assignalal-a com um distinctivo, manchal-a de infame aos olhos de todos, a fim de lhe tirar o desejo e os meios de se apropriar indevidamente dos privilegios da virtude e do pudor. Não se tolerando a uma cortezã o poder ser tomada por uma matrona, poupava-se a matrona á vergonha de ser tomada por uma cortezã. O primeiro cuidado dos edis foi, pois, obrigar a cortezã a apresentar-se pessoalmente ante elles, afim de confessar a sua infame profissão, sollicitando o direito de abandonar-se abertamente a ella, com aquella auctorisação legal que se chamava *licentia stupri*. Tal é a origem da inscripção das mulheres publicas nos registros dos edis.

De resto, não possuimos o menor esclarecimento sobre a fórma d'esta inscripção. Parece que toda a mulher que desejava dar-se á infamia de similhante trafico, era obrigado a apresentar-se ao edil e a manifestar-lhe o seu vergonhoso designio, que o edil procurava combater com bons conselhos. Se a mulher persistia, o edil inscrevia-a no seu registro, como dedicada desde esse momento á prostituição, declarando ella o seu nome, edade, naturalidade, pseudonymo, ou nome de guerra que escolhia para a sua nova profissão e até mesmo, se dermos credito a um commentador, o preço que adoptava d'alli em deante pela concessão dos seus torpes favores.

Tacito diz, no livro II dos *Annaes*, que esta inscripção ante o edil se exigia desde tempos muito remotos ás mulheres que queriam prostituir-se, e que o legislador julgara não poder melhor castigar as impudicas, do que obrigando-as assim a vir lavrar o termo official da sua propria deshonra: *More inter veteres recepto, qui satis pœnarum adversus impudicas in ipsa professione flagitii credebant.*» Bem se comprehende qual era a utilidade judicial da inscripção: por uma parte, obtinha-se d'este modo uma lista authentica de todas as mulheres, que deviam pagar ao estado o imposto da prostituição, o *vectigal*, ligado como uma escravidão a tão vergonhoso trafico; por outra parte, sempre que uma cortezã faltava aos deveres da sua profissão, promovendo querellas, rixas, disturbios ou escandalos, não havia mais do que consultar os registros do edil para se encontrar o estado civil da mulher chamada a juizo. D'este modo sabia-se, não sómente o nome da culpada e o da victima, mas até mesmo o seu nome de guerra ou profissão (*luparium nomen,*) pelo qual eram conhecidas no mundo da libertinagem.

Plauto falla, no *Penulo*, d'estas creaturas envilecidas, que mudavam de nome para fazerem um indigno commercio do seu corpo: — *namque hodie earum mutarentur nomina facerentque indignum genere quæstum corpore.* Não era menos necessario consignar nos registros o preço que cada uma pretendia pelo seu trafico, porque o sabio Pierruges cita no seu *Glossarium eroticum* uma passagem muito curiosa, relativa a um facto, na verdade extranho, mas que parece incontestavel: ia-se discutir perante o edil o preço e a paga de uma prostituição, como se tractasse de um pão, ou de um queijo: — *Tamquam mercedis annonariæ, de pretio concubitus jus dicebat edilis.* A tarefa do edil era como se vê bastante complicada, mas este magistrado a tudo occorria.

A inscripção de uma cortezã nos registros da *licentia stupri* era indelevel, e por isso a mulher que n'elles se inscrevia nunca mais podia lavar-se d'esta mancha deshonrosa. Por mais que renunciasse ao seu infame trafico, vivendo honestamente, contrahindo vantajoso matrimonio, dando á republica filhos quasi legitimos, não havia poder social nem religioso que podesse rehabilital-a completamente, ou apagar o seu nome do archivo da prostituição legal. Por outro lado, como tambem dissemos n'outro logar, ficava eternamente

stigmatisada pela nota de infamia, que havia merecido n'uma época qualquer da sua vida, sob o imperio da necessidade, da miseria ou da ignorancia.

E, no emtanto, segundo a observação do sabio Douza, assim que as meretrizes deixavam o officio, apressavam-se a tomar o seu verdadeiro nome, deixando no lupanar o pseudonymo que inscreviam no rotulo ou cartaz das suas cellas.

Um jurisconsulto, que não cita as auctoridades em que baseou a sua opinião, diz que toda a cortezã no acto da sua inscripção official prestava juramento nas mãos do edil, compromettendo-se por elle a não abandonar jámais a infame profissão que livremente abraçava, sem coacção nem repugnancia; mas as infelizes ligadas por este juramento monstruoso, reivindicaram por certo a liberdade de se arrependerem, logo que uma lei de Justiniano declarou que similhante juramento, feito contra os bons costumes, não compromettia a imprudente que o tinha pronunciado. Este voto de prostituição, que a historia offerece mais de uma vez sob o ponto de vista religioso, entre os locrienses, por exemplo, cujas filhas juravam prostituir-se na proxima festa de Venus, se seus paes obtivessem victoria sobre os inimigos, este voto de prostituição legal nada tem de inverosimil e corresponde ainda á nota de infamia que pesava sobre o impuro trafico.

Porque se fazia a inscripção matricular das prostitutas ante o edil e não ante o censor, que tinha entre as suas attribuições a de velar pelos costumes? Eis uma pergunta que occorre naturalmente. Justo Lipsio, nos seus commentarios sobre Tacito, responde a esta pergunta puramente especulativa, fazendo notar que o edil estava encarregado da policia interior dos lupanares, das tabernas e de todos os logares suspeitos de prostituição. Sobre este assumpto da jurisdicção edilitaria em taes logares, diz-nos Seneca: «Encontrarás a virtude no templo, no fôro, na curia, nos muros da cidade; a sensualidade, porém, irás encontral-a occulta com frequencia nas trevas, junto dos banhos e das estufas, em todos os logares em que se teme o edil (*ad loca œdilem metuantia*).»

Lipsio poderia accrescentar ainda, para melhor explicar a competencia do edil em materia de prostituição, que este magistrado devia sobretudo comprehender nas attribuições do seu cargo a via publica, que pertencia essencialmente á prostituição e era quasi synonymo d'ella. «Ninguem póde prohibir que se vá e venha pela rua publica», diz Plauto, alludindo ao uso que cada qual póde fazer de uma mulher publica, pagando-lhe, é claro. (*Quin quod, palam est venale, si argentum est, emas. Nemo ire quemquam publica prohibe via.*) O edil tinha a seu cargo a policia da rua e tudo o que podia considerar-se como dependencia d'ella; por isso os estabelecimentos publicos, estavam naturalmente sob a jurisdicção absoluta do edil.

Por este motivo, como diz expressamente Justino, as mulheres que se dedicavam á prostituição, sem se inscreverem previamente nos registros do edil, comprando assim o direito de exercerem livremente o seu commercio, incorriam n'uma multa e expunham-se a ser expulsas da cidade quando surprehendidas em flagrante. Ordinariamente, porém, as que se achavam n'estes apuros, se eram jovens e susceptiveis de auferir alguns proventos pelo officio, encontravam uma alma compassiva de corretor ou corretora, que tomava a seu cargo satisfazer a multa e os direitos da inscripção, embora depois as ficasse explorando por conta propria, encerrando-as no seu lupanar, até que se tivesse embolsado da somma que havia adeantado.

As prostituições vagabundas, (*erratica scorta*) não eram permittidas em Roma; no emtanto, não havia remedio senão fechar os olhos sobre o seu numero e aspectos variados, que teriam exigido um exercito de guardas para vigiarem as ruas e os edificios, um senado de edis para conhecerem dos delictos,

e um povo inteiro de lictores para açoitarem os culpados e para fazerem executar as sentenças. A cidade de Roma offerecia uma multidão de templos, de columnas, de estatuas, de monumentos publicos, taes como acqueductos, thermas, sepulchros, mercados, etc., cuja disposição architectonica era muito favoravel aos actos da prostituição. A cada passo se encontrava uma abobada sombria, debaixo da qual se albergava de noite uma prostituta ou um mendigo: todo o sitio abobadado (*arcuarius*, ou *arquatus,*) servia de asylo á libertinagem errante, que ninguem tinha o direito de ir alli perturbar, visto que a ninguem se podia prohibir que dormisse ao ar livre, *sub dio*.

Póde tambem suppôr-se, em vista de um grande numero de factos consignados na historia, que certos logares escusos, nas immediações dos templos ou estatuas, por exemplo, eram o theatro ordinario da prostituição nocturna. Julia, filha de Augusto, ia prostituir-se a uma encruzilhada em frente de uma estatua do satyro Marsias, achando sempre occupado o sitio, em que costumava fazer esta especie de sacrificio obsceno, desde que o veu da noite envolvia o leito de pedra que servia de altar áquelle infame culto. Bastava uma estatua de Priapo ou de outro deus custodio, armado de latego, de baculo ou de massa, para proteger todas as torpezas nocturnas, que vinham refugiar-se para junto d'ellas e abrigar-se á sua sombra protectora.

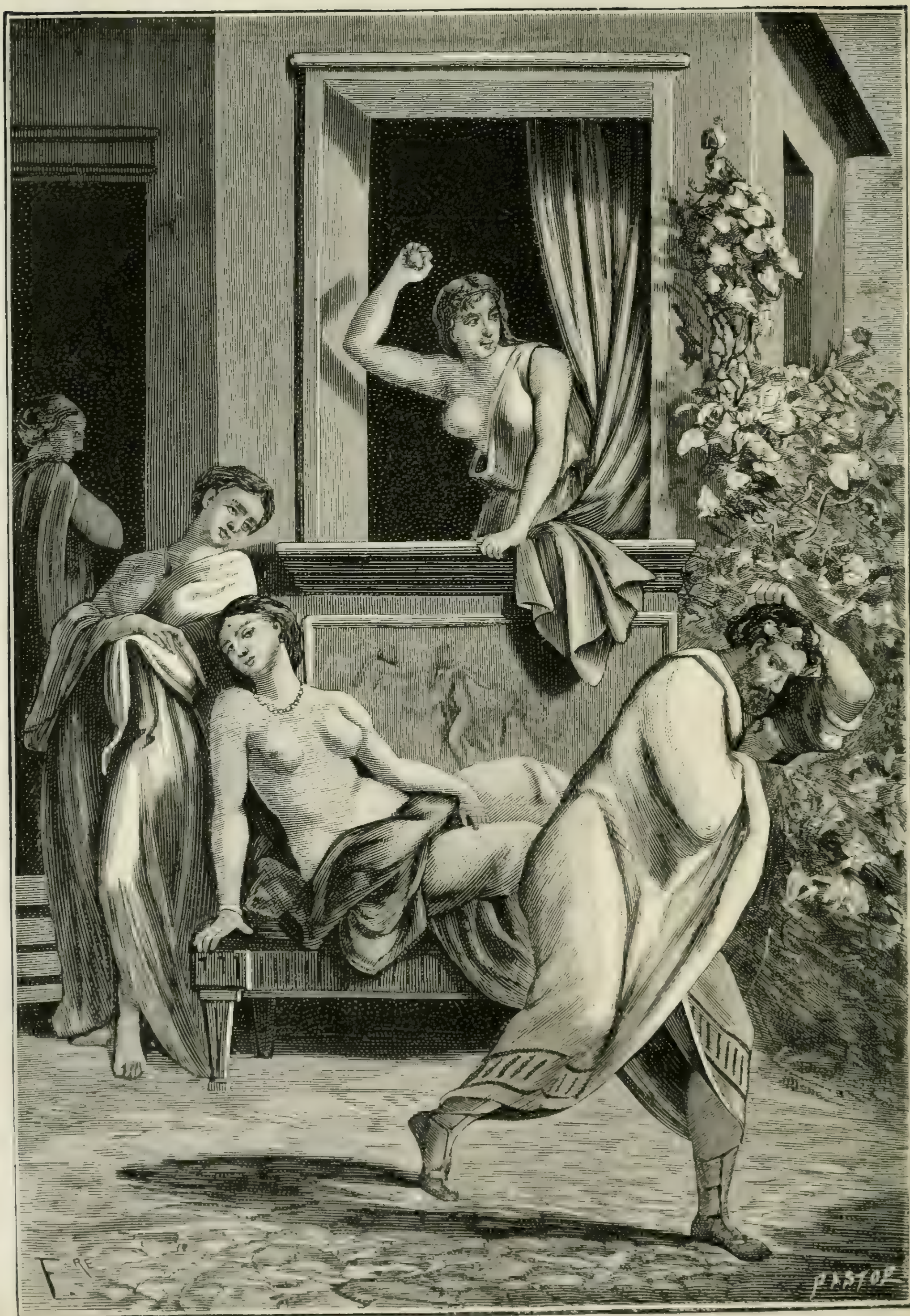
Só rarissimas vezes o edil costumava ser rigoroso em contravenções d'esta natureza; em compensação, porém, costumava exercer uma policia bastante activa nas casas publicas que dependiam da sua jurisdicção. Não só procedia a frequentes pesquizas para averiguar dos delictos que podiam commetter-se n'estas casas, submettidas particularmente á sua vigilancia, mas tambem se assegurava com frequencia e por si proprio de que tudo n'ellas corria em harmonia com os seus regulamentos.

Temos por mais de uma vez citado os logares suspeitos ou infames que se subtrahiam á jurisdicção edilitaria: n'estes logares se occultava, pois, a prostituição para livrar-se do imposto e era ahi que o lenocinio se dedicava ás suas mais infames especulações. O edil, precedido sempre dos seus lictores, percorria as ruas a toda a hora, de dia e de noite, penetrava em toda a parte onde a sua presença podia ser util, e fiscalisava por seus proprios olhos o regimen interno d'aquellas officinas de libertinagem. Assim, quando se annunciava a approximação do edil, as mulheres de má vida, os jogadores, os escravos profugos da justiça e os malfeitores de todas as classes, apressavam-se a fugir promptamente, e as tabernas, as hospedarias e todas as espeluncas de má nota ficavam immediatamente desertas.

Esta policia urbana pertencia aos edis plebeus, em torno dos quaes gravitava todo o peso das funcções activas; os sumptuosos edis patricios, sentados na sua cadeira curul, não faziam outra cousa senão julgar as causas que os tribunos lhes enviavam e que pertenciam á esphera das suas attribuições puramente administrativas. Esta divisão de poderes estabeleceu-se naturalmente no anno 388 de Roma, quando o senado agremiou dois edis curues ou patricios aos edis plebeus. Os curues tinham como distinctivo a toga pretexta de lã branca com franja de purpura, emquanto que os edis da plebe apenas se distinguiam pelos seus lictores, que os precediam e lhes abriam as portas, annunciando o nome e a qualidade do edil, porque um edil não podia penetrar n'uma casa particular, senão em virtude do seu cargo e para exercer as funcções inherentes á sua magistratura.

Fallou-se muito em Roma da infelicidade de um edil curul, a quem uma cortezã teve a audacia de fazer frente, e que não teve melhor fortuna ante os tribunaes do povo. Aulo Gello refere este pleito memoravel, tal como o encontrara em um livro de Ateyo-Capito, intitulado *Conjecturas:*

A. Hostilio Mancino, edil curul, quiz introduzir-se de noite em casa de



O edil A. Hostilio Mancino, apedrejado por uma corteză

uma meretriz, chamada Mamilia. A mulher não quiz recebel-o, apesar do magistrado declinar o seu nome, titulos e prerogativas; no emtanto, estava só, sem lictores, não vestia a pretexta e, além de tudo isto, não tinha que exercer funcções n'aquelle domicilio. O edil irritou-se de encontrar tanta resistencia da parte de uma mulher publica, e ameaçou-a de lhe arrombar a porta, começando até mesmo a realisar a sua ameaça. N'esta conjunctura Mamilia, que não se havia de fórma alguma desconcertado com estas violencias, fingiu não ter reconhecido o edil e atirou-lhe algumas pedradas do balcão da sua casa (*de tabulato.*) O edil foi ferido na cabeça, e no dia seguinte citou perante os tribunos do povo a insolente Mamilia, accusando-a de haver attentado contra a sua pessoa. Mamilia referiu o facto, dizendo simplesmente que o edil tentára arrombar-lhe a porta, e que ella o impedira de levar por deante esta violencia, arremessando-lhe algumas pedras, e accrescentou ainda que Hostilio, ao sahir de uma ceia, se lhe apresentara algum tanto ebrio e coroado de flores. Os tribunos approvaram a conducta da cortezã, declarando ao mesmo tempo que A. Hostilio Mancino, apresentando-se de noite, ebrio e coroado de flores á porta de uma cortezã, merecera ser por ella vergonhosamente repellido. Prohibiram-lhe além d'isso que apresentasse a sua queixa perante o povo, e d'este modo a cortezã conseguiu triumphar do edil patricio.

Este curioso incidente poderia provar que Mamilia vivia n'uma casa particular que tinha escapado á policia dos edis, porque nas casas de livre exercicio dependentes da sua auctoridade, a resistencia, dado que a tivesse havido, nunca poderia ter chegado a similhante extremo. Por isso estes magistrados repetiam sem cessar as suas visitas ás casas de banhos, ás tabernas, ás lojas de padeiro, de barbeiro ou de perfumista. No emtanto, ver-se-hiam seriamente embaraçados para poderem verificar, perseguir e castigar todos os casos de prostituição fraudulenta e prohibida que encontravam no seu caminho. Nos banhos publicos, sobretudo, era onde se encobria a libertinagem mais monstruosa, e póde dizer-se que a prostituição augmentou sempre em Roma, na proporção dos estabelecimentos de banhos que se creavam.

Publio Victor conta oitocentos d'estes estabelecimentos thermaes, entre pequenos e grandes, no recinto da cidade. Sabendo-se que os cidadãos ricos consideravam como ponto de honra fundar uma piscina destinada ao uso do povo, não é de extranhar tamanha profusão de banhos, os mais consideraveis dos quaes podiam perfeitamente comportar mil pessoas. Nos tempos austeros da republica, o banho era rodeado de todas as precauções do pudor e do mysterio. Não só os sexos, mas até mesmo as edades estavam separadas; um pae nunca se banhava com seu filho pubere, nem um genro com seu sogro; o serviço era feito por homens ou por mulheres, segundo o banho recebia exclusivamente mulheres ou homens. Estes estabelecimentos não eram ainda muito numerosos, e havia horas reservadas para os homens e para as mulheres, que se succediam nas mesmas banheiras, sem nunca se poderem encontrar nem entrevêr de fórma alguma.

Conta Cicero que tendo ido como consul para Theano, na Campania, sua mulher quiz um dia banhar-se nas thermas destinadas aos homens. Effectivamente, o questor mandou sahir todos os que alli se achavam, e depois de alguns momentos de espera, a matrona pôde banhar-se. No emtanto, á sahida, foi queixar-se a seu marido da demora que havia soffrido e da immundicie em que encontrara aquelles banhos, pelo que o consul mandou prender M. Mario, o homem mais distincto da cidade, que foi fustigado na praça publica, como se fosse o responsavel da immundicie em que estavam os banhos publicos. E' provavel que a esposa do consul referisse ao magistrado algum facto mais grave, e assim o faz crêr outro caso analogo succedido em Tarento, onde o mesmo consul, descontente do estado em que encontrou os banhos publicos, mandou fus-

tigar tambem os questores d'esta cidade, onde os homens se deshonravam sob pretexto de se banharem.

Os banhos de Roma não tardaram muito a parecer-se com os que os romanos encontraram na Asia. Dentro em pouco foram admittidos n'elles todo o luxo e corrupções, e isto quasi á vista do edil, que estava encarregado de fazer alli respeitar os bons costumes, mas que se occupava apenas dos melhoramentos materiaes imaginados para mais os corromper. Não tardou que estes estabelecimentos fossem communs aos dois sexos, e ainda que cada um tivesse a sua banheira á parte, podiam vêr-se, encontrar-se, fallar-se, preparar aventuras, ajustar entrevistas e multiplicar os adulterios. Cada qual levava para alli os seus escravos, homens ou mulheres, eunuchos ou *spadones,* para guardarem a roupa, e ao mesmo tempo para se servirem d'elles nos varios misteres do toucador: barbear, pentear, ministrar os perfumes, as tinturas, etc. Esta mistura de sexos devia necessariamente ter por consequencias a prostituição e a libertinagem. Os donos dos estabelecimentos tinham tambem escravos idoneos e dispostos para todas as especies de serviços, agentes miseraveis da sensualidade, que se alugavam para differentes usos.

Na sua origem, os banhos eram tão sombrios, tão escuros, que homens e mulheres podiam lavar-se juntos sem se reconhecerem, a não ser pela voz; em breve, porém, se deixou entrar a luz do dia por toda a parte sobre as columnas de marmore e as paredes de estuque.

«No banho de Scipião, diz Seneca, havia estreitas frestas, nem sequer janellas, por onde apenas entrava um raio de luz que não offendia o pudor; agora, porém, diz-se que os banhos são cavernas, se não são construidos de modo que possa entrar pelas suas amplas aberturas a luz do sol.»

Esta claridade indecente expunha a nudez aos olhares de todos e fazia, brilhar todas as phases da belleza corporea. Além da estufa grande (*sudatorium*) além dos tanques de agua fria, de agua quente e de agua morna, em que todos se banhavam em commum, em quanto os que já se haviam banhado estavam em volta do banho entregues aos cuidados dos seus escravos, *balneatores* e *aliptes,* o estabelecimento tinha um grande numero de salas, onde se servia de comer e de beber, e uma multidão de cellas, com os seus leitos de repouso, as suas prostitutas e os seus mancebos.

Annaiano Marcellino apresenta-nos um quadro energico dos libertinos da côrte de Domiciano, invadindo os banhos publicos e gritando a grandes vozes: —«Onde estão? Onde estão? Depois quando vêem alguma meretriz desconhecida, alguma velha cortezã, alguma antiga loba com o corpo gasto pelo vicio, lançam-se a ella todos juntos, fazendo os maiores tratos á desgraçada.»

Os edis vigiavam constantemente para que não houvesse taes escandalos nos banhos, que tinham uma escolta de soldados junto da porta, mas permittiam que alli se praticassem todas as desordens e immoralidades, comtanto que não houvesse nem escandalos, nem transtornos, nem ruidos. A prostituição tinha alli, portanto, um ar decente e mysterioso.

Nos banhos, do mesmo modo que nos lupanares, a organisação interior variava, segundo a especie do publico que os frequentava. Havia banhos gratuitos para a infima plebe; banhos baratos, cuja entrada custava apenas um quadrante, e banhos magnificos onde a aristocracia e os ricos, ainda que fossem escravos manumissos, se encontravam n'um certo pé de igualdade. Todos estes banhos se abriam á mesma hora, á hora nona, isto é ás tres da tarde, hora a que se abriam tambem os lupanares, as tabernas e outros estabelecimentos publicos, fechando-se tambem todos ao mesmo tempo, ao nascer do sol. *Tempus lavandi,* lê-se em Vitruvio, *a meridiano ad vesperam est constitutum.* Mas só os lupanares permaneciam abertos toda a noite. O reinado da prostituição legal, que começava em pleno sol, prolongava-se até ao dia seguinte.

A prostituição dos banhos era apenas tolerada, no emtanto o edil fingia não dar pela sua existencia, comtanto que não tomasse um caracter publico. Os imperadores vieram em seguida em auxilio dos edis, para obstarem aos horriveis excessos que se commettiam em todos os banhos de Roma por causa da admissão e promiscuidade dos dois sexos. Adriano prohibiu rigorosamente aquella vergonhosa confusão de homens e mulheres, ordenando que os banhos fossem separados. *Lavacra pro sexibus separavit,* diz Sparciano. Marco Aurelio e Alexandre Severo renovaram estes editos em favor da moral publica; no emtanto Heliogabalo, no intervallo d'estes reinados, auctorisou novamente a infame promiscuidade balnear.

Os serventes de ambos os sexos n'estes estabelecimentos costumavam ser os vis instrumentos das complacencias impudicas, que alli iam procurar homens e mulheres. As proprias matronas não se envergonhavam de que estes infames mercenarios lhes tocassem o corpo todo, friccionando-as e ungindo-as. Juvenal, na sua famosa satyra das *Mulheres,* falla-nos de uma mãe de familia, que espera pela noite para se dirigir ao banho com todo o seu arsenal de pomadas e perfumes.

«O prazer d'esta mulher, diz o poeta, consiste em suar no meio de uma grande emoção, quando os braços lhe descahem languidos, sob o impulso da mão vigorosa que os fricciona, e quando o banheiro, animado por este exercicio, lhe promove luxuriosos estremecimentos, afagando-lhe com os dedos o orgão do prazer: *callidus et cristæ digitos impressit aliptes.*»

Um dos commentadores de Juvenal, Rigacio, explica os impuros processos d'estes *aliptes,* com uma perfeita intelligencia do assumpto, e servindo-se felizmente do latim. «*Unctor sciebat dominam suam hujusmodi titillatione et contrectatione gaudere.*

O edil nada tinha que vêr com o que se passava dentro do estabelecimento, emquanto alguem se não queixava. Os banhos eram logares de asylo para os amores, do mesmo modo que para as mais sordidas obscenidades. «Emquanto que lá fóra o guarda de uma joven tem o maior cuidado pela sua roupa, os banhos occultam seguramente os seus amores furtivos: *celent furtivos balnea tuta jocos.*» Esta passagem é da *Arte de amar,* de Ovidio. As mulheres deviam portanto manifestar muito maior interesse do que os homens por conservar os privilegios inherentes aos banhos publicos. Para umas, eram um terreno neutro, um centro, um abrigo tutellar, onde podiam sem o menor perigo ir satisfazer as suas paixões; para outras eram um mercado perpetuo, onde a prostituição tinha sempre que comprar e vender.

Ainda que os banhos deviam estar fechados durante a noite, é certo que se conservavam abertos secretamente para os privilegiados da libertinagem. O edificio a essas horas mostrava-se exteriormente escuro e sombrio, como se lá dentro nada houvesse, segundo as prescripções da lei; no emtanto, quem alli penetrasse, achar-se-ia de repente na mais desaforada orgia, e á luz de numerosas lampadas assistiria a ceias licenciosas, que se prolongavam até ao amanhecer.

O lenocinio exercia-se em grande escala n'estes logares, e muitos havia que, sob o pretexto de se banharem, iam alli especular com a ingenuidade de alguma joven ou rapaz inexperiente, quando não succedia tambem irem alli procurar para elles proprios o beneficio de alguma atroz prostituição. O habito dos banhos desenvolvia nas pessoas de ambos os sexos, que o haviam adquirido e se entregavam a elle com uma especie de paixão, os instinctos e gostos mais depravados. Homens e mulheres, vendo-se alli completamente nus, tendo continuamente deante dos olhos o espectaculo da mais impudica exposição de corpos esplendidamente modelados, sentindo-se tocados e friccionados pelos banheiros, iam pouco a pouco inventando uma serie de prazeres novos e até

então desconhecidos, a cúja realisação consagravam a vida inteira, gastando-se e consumindo-se na impura Capua dos banhos publicos. Foi alli que estabeleceu o seu sanctuario o *amor lesbio,* sendo certo que a sensualidade romana chegou a exceder a libertinagem das discipulas de Sapho. As mulheres que se dedicavam a esta depravação eram designadas como na Grecia pelo epitheto de lesbias, quando não accrescentavam cousa alguma aos preceitos da philosophia feminina de Lesbos. Tomavam, porém, o nome de *fellatrices,* quando procuravam ao homem prazeres immundos e infames, na satisfação dos quaes manchavam abominavelmente a bocca. E, como se isto não bastasse ainda, aquellas miseraveis ensinavam a sua arte infame ás creanças e aos escravos, que d'isto receberam tambem o epitheto de *fellatores.*

Esta impureza de tal modo se generalisou em Roma, que um poeta satyrico exclamava horrorisado:

— Oh nobres descendentes da deusa Venus! Dentro em pouco tempo não haverá aqui labios sufficientemente limpos para poderdes dirigir á deusa as vossas preces!...

Marcial, nos seus epigrammas, falla sem cessar n'estas abominações, que serviam de modo de vida a uma grande multidão de infames, e que não perturbavam o somno do edil. Não nos atreveriamos a traduzir o epigramma que o poeta dirige a um d'esses entes vis e abjectos, chamado Blattara. Contentar-nos-hemos em trasladar para aqui outro algum tanto mais decente, dirigido a Thais, *fellatrix* muito em voga n'aquelle tempo:

«Não ha ninguem no imperio, nem em toda a cidade que se possa gabar de ter merecido os favores de Thais, embora muitos sejam os que a desejam e perseguem. Porque será Thais a tal ponto casta? *Porque a sua bocca o não é.* (*Tam casta est, rogo, Thais? Immo fellat.*)

O poeta não perdoa aos execraveis *fellatores* que encontra no seu caminho, detestando-os e anathematisando-os a todos elles na pessoa de Zoilo: «Dizes então que aos poetas e aos advogados lhes cheira mal a bocca? Pois a de Zoilo cheira ainda muito peior.»

Esta infame aberração da luxuria de tal modo se havia propagado em Roma no tempo dos imperadores, que Plauto e Terencio se referem ao vicio dos *fellatores* como a uma cousa muito simples e muito vulgar, havendo até uma comedia, os *Attelanes,* onde recorrendo á mimica para fugir ás escabrosidades do dialogo, os auctores davam a entender por varias pantomimas os mysterios vergonhosos da arte dos *fellatores.*

E, no emtanto, os edis deviam permanecer cegos deante de tão horriveis monstruosidades, que se praticavam quasi na sua presença, porque estes factos escandalosos não eram considerados como prostituição propriamente dita: eram apenas um preludio ou accessorio d'ella: eram sobretudo o acto mais caracteristico da escravidão, *præbere os,* segundo a expressão usual que se encontra até mesmo nos *Adelphi,* de Terencio. Os edis nada tinham que vêr com a conducta individual dos escravos, excepto no que dizia respeito ás meretrizes. E' muito para notar que os infames factores d'estas espantosas aberrações quasi nunca faziam parte dos collegios das cortezãs inscriptas ou matriculadas; encontravam-se tão sómente nas tabernas e em todos os logares suspeitos, onde se ia comer, beber, jogar ou dormir. Todo o que entrava n'estes logares, frequentados por gente perdida, via-se confundido com ella ou degradado para o mesmo nivel d'ella, muito embora não se tivesse abandonado aos seus vicios habituaes. Bastava a presença de um homem ou de uma mulher n'uma taberna (*popina*) para que esta mulher ou este homem se submettessem de certo modo a toda a especie de ultrages. Por isso o jurisconsulto Julio Paulo diz o seguinte no Digesto:

«Todo aquelle que tiver abusado de meu escravo ou de meu filho, ainda

com o consentimento de qualquer d'elles, infere-me a mim proprio uma injuria pessoal, como se meu filho ou meu escravo tivessem sido conduzidos a uma taberna, como se os tivessem obrigado a jogar um jogo de azar.»

A injuria e o damno existiam desde o momento em que o joven punha o pé na taberna, porque não podia estar seguro de sahir tão puro e casto como havia entrado. A policia edilitaria vigiava cuidadosamente as tabernas, que deviam estar fechadas toda a noites e não se abrirem antes do amanhecer. Os donos d'estes antros podiam receber n'elles todas as classes de pessoas, mas não estavam auctorisados a dar cama fosse a quem fosse, devendo despedir os freguezes, quando o sino désse o signal de se fecharem os estabelecimentos publicos.

Este facto é sufficiente para indicar a disposição interior de uma *popina* romana, que se compunha em geral de uma sala baixa, guarnecida de amphoras e de grandes jarros cheios de vinho, com letreiros que indicavam o anno da colheita e o nome do paiz productor. Ao fundo d'esta peça humida e escura que não recebia mais luz do que a que entrava pela porta coroada de um farto ramo de louro, um ou dois aposentos unidos serviam para receber os freguezes, que iam alli jogar, beber ou prostituir-se. Não havia leitos n'aquelles antros, que o cheiro do fumo das lampadas e o do vinho tornava nauseabundos e infectos. «As estalagens, diz Cicero n'uma passagem que estabelece bem a differença que havia entre *popina* e *stabulum*, são os sitios que elle escolhe para dormir; as tabernas são as unicas casas onde vae comer.» N'estes estabelecimentos não havia senão bancos e mezas, que favoreciam pouco a prostituição ordinaria.

Para se encontrar um quarto e uma cama, era preciso recorrer aos albergues denominados *cauponæ* ou *diversoria*. O *diversorium* era só destinado aos viajantes que alli pernoitavam apenas e não ceiavam. A *caupona*, pelo contrario, servia de dormitorio e de taberna, pois offerecia leito e ceia, sem que faltassem companheiras ou companheiros, que o dono do estabelecimento alli tinha sempre de reserva para uso ou abuso dos seus hospedes. A prostituição n'estas casas de pasto tinha apparencias mais decentes, habitos menos excentricos, e sem embargo, o edil visitava-as frequentemente, especialmente de noite, procurando alli mulheres de má vida que tivessem podido subtrahir-se á inscripção official, ou que exercessem a prostituição fóra dos lupanares. A' chegada do magistrado fugiam semi-nuas e iam esconder-se na cava entre as amphoras do vinho, ou se mettiam debaixo das camas, quando não tinham tempo para melhor se esconderem.

O fim d'estas visitas domiciliarias era sobretudo punir as contravenções dos regulamentos com multas mais ou menos avultadas, segundo a gravidade do caso. Assim, como affirma Seneca, em todos os logares suspeitos se temia muitissimo o edil. Seneca, na sua *Vida feliz*, falla com repugnancia do prazer baixo, vil, trivial, miseravel e vergonhoso, que tinha por asylo as abobadas sombrias e as tabernas (*cui statis ac domicilium fornices et popinæ sunt.*)

O edil visitava tambem as padarias e os celleiros. N'estes ultimos, ás vezes profundos e separados da via publica, não se limitava o proprietario a armazenar as provisões de trigo em enormes vasos de barro, nem a ter unicamente as escravas que imprimiam movimento á pedra do moinho. Costumava haver tambem alli cellas occultas e disfarçadas, onde se refugiava a prostituição durante o dia, quando estavam fechados os lupanares. «As meretrizes, diz Paulo Diacono, viviam commummente nos moinhos: *in molis meretrices versabantur*». Pitisco, citando esta passagem, accrescenta que os moinhos e as meretrizes estavam em covas ou subterraneos que tinha communicação com a padaria, de tal modo que nem todos os que iam ao estabelecimento tinham por fim comprar pão, porque a maior parte dos freguezes iam alli com o fim de

se prostituirem. (*Alios qui pro pane veniebant, alios qui pro luxuriæ turpitudine ibi festinabant.*)

O edil não se cançava de perseguir esta prostituição subterranea e descia com frequencia a estas covas, onde se limpava e moía o trigo, encontrando sempre alli uma multidão de mulheres, umas empregadas no serviço do moinho, outras simples inquilinas d'aquelles albergues tenebrosos, mas que no fundo não eram mais do que mulheres publicas sem a competente *licentia stupri* da policia.

Os lupanares estavam tambem debaixo da vigilancia immediata dos edis; comtudo estes magistrados não tinham de occupar-se do que alli se passava, emquanto não houvesse algum tumulto, rixa ou escandalo, uma vez que as portas da rua se abrissem e fechassem a horas prescriptas. O corretor tinha alli, por assim dizer, uma delegação parcial dos deveres do edil no regimen interior do estabelecimento. Como os lupanarios de um e de outro sexo faziam os rotulos ou carteis de cada uma das suas mulheres, tinham naturalmente o cuidado de verificar as inscripções nos registros do edil, e eram os responsaveis do delicto, quando uma mulher casada e adultera, quando uma solteira debaixo do poder do pae ou do tutor, quando finalmente uma desgraçada creança se prostituia de bom grado ou á força no seu estabelecimento, porque a lei Julia envolvia na penalidade do adulterio todos os que o tinham favorecido, ainda que indirectamente.

Os agentes da prostituição, quer fossem homens, quer mulheres, tinham quasi sempre que soffrer, por causa d'esta vigilancia, e tanto mais que não respeitavam cousa alguma, quando se tratava da sua vergonhosa exploração, nem a qualidade, nem o estado, nem a virtude, nem o sexo, nem a edade. Toda a infracção do regulamento dava logar a uma multa, e as multas que por tal motivo o edil impunha a seu bel-prazer eram cobradas acto continuo. A demora no pagamento era outra falta que se castigava tambem no mesmo acto, sem que d'esta vez podesse haver demora n'este segundo pagamento, que era cobrado pelos lictores com as suas varas nas costas dos refractarios ou morosos. A fustigação executava-se ao ar livre, na rua, deante do lupanar. E' verdade que, satisfeitas as duas multas, a pecuniaria e a corporal, o paciente, mesmo quebrantado como sahia das mãos do lictor, entregava-se novamente e com maior sollicitude ainda ao trafico de se prostituir, para indemnisar-se da perda. De resto, nos lupanares havia sempre pretextos para reprehensões e castigos, e o que valia aos proprietarios d'estes antros, era terem o cuidado de captar as boas graças de algum senador libertino, reservando-lhe sempre a melhor fructa do seu mercado. Era o unico meio de se furtarem áquella incessante perseguição do edil. Verdade seja que este magistrado, apesar da austeridade do seu cargo, nem sempre era incorruptivel, e que muitas vezes se deixava conquistar pela habilidade do corretor de prostitutas, quando este sabia procurar-lhe o fraco.

Seria difficil reproduzir aqui a natureza e qualidade das faltas e delictos que se praticavam ou condemnavam nos lupanares de Roma. Não era mesmo o edil que se encarregava pessoalmente d'estes assumptos, visto que em taes casos se fazia representar por officiaes subalternos. Estes iam pessoalmente ao local, escutavam e recebiam todas as queixas, reconheciam o estabelecimento e faziam as listas das meretrizes das cellas, ou que tinham auctorisação para exercerem o seu officio. A preoccupação do legislador a respeito da libertinagem publica parece ter sido apenas para evitar a prostituição das mulheres patricias e das jovens ingenuas e perseguir o adulterio até mesmo debaixo d'este infame disfarce. Nos lupanares abertos sob a garantia da lei, não deviam admittir-se mulheres, ás quaes a propria lei prohibia venderem-se ou prostituirem-se. Messalina, exercendo o *meretricium* no lupanar, apresentava-se com o nome

de Lysisca, uma cortezã cujo nome de guerra adoptara a infame imperatriz, e que provavelmente a esse tempo exercia o mesmo officio n'outra parte qualquer. Messalina expunha-se, pois, se não a ser reconhecida, pelo menos a vêr-se accusada de usurpação de nome e de estado, uma vez que sómente as mulheres inscriptas ou auctorisadas com a *licentia stupri* tinham o direito de permanecer e exercer o seu mister nos lupanares.

Seneca, em duas passagens das suas *Controversias,* falla da installação de uma mulher n'um d'estes logares impudicos, ainda que sem indicar as diversas formalidades que ella tinha de cumprir:

«Chamaste-te meretriz, diz elle; sentaste-te n'uma casa publica; pôz-se um cartaz na porta da tua cella; entregaste-te a todo o mundo.»

N'outra parte accrescenta:

«Sentaste-te com as cortezãs; adornaste-te tambem para agradar aos que passavam, com vestidos que te deu o dono do lupanar; o teu nome esteve inscripto á porta da tua cella; recebeste o dinheiro da vergonha.»

No emtanto, é preciso notar que o dono do estabelecimento não alugava cellas nem vestidos a todas as que se apresentavam para o serviço publico. As que iam alli offerecer-se eram primeiro que tudo obrigadas a justificar a sua condição e a exhibir um certificado de meretriz, ou a *licentia stupri.*

Outra passagem das *Controversias* de Seneca dá a entender que este certificado se passava no proprio lupanar, e que o corretor tinha um registro onde inscrevia os nomes dos seus clientes.

«Foste conduzida a um lupanar, diz elle, e occupaste n'elle o teu logar; ajustaste o preço por que te vendias e esse preço foi inscripto no teu rotulo. E' tudo quanto se póde saber de ti. De resto, eu quero ignorar sempre o que vem a ser isso que tu denominas uma cella e um leito de repouso.»

Os delegados do edil não tinham escrupulo em exigir mais esclarecimentos e em entrar em mais minuciosos pormenores, pedindo-os ás mesmas meretrizes.

O edil mostrava-se muito severo sobre todas as prescripções regulamentares das horas de se abrirem e fecharem os lupanares, afim de evitar que os mancebos não fossem logo de manhã enervar-se n'elles, em vez de se consagrarem aos exercicios gymnasticos, aos estudos escolares e ás lições civicas, que constituiam a educação romana. O legislador tivera tambem em vista que o calor do dia fosse um obstaculo á prostituição da noite, julgando que os que estivessem fatigados por esta causa não iriam áquelles estabelecimentos procurar mais cançassos e fadiga.

Nas horas destinadas para a livre pratica dos prazeres publicos, não havia nunca excepção, senão nos dias de festa solemne, quando se convidava o povo aos jogos do Circo. N'esses dias a prostituição trasladava-se para onde estava o povo, e emquanto os lupanares da cidade estavam desertos e fechados, os do Circo abriam-se ao mesmo tempo que os jogos publicos, e alli, debaixo das bancadas em que se apinhava a multidão, os corretores estabeleciam cellas e tendas, onde affluiam sem cessar cortezãs e libertinos.

Emquanto os tigres, os leões e as outras feras mordiam, esfaimadas ou cheias de irritação, os varões de ferro das suas jaulas collossaes, emquanto o povileu atroava o edificio com os seus gritos e palmas, as meretrizes postas em evidencia nos seus logares vistosos e exclusivos, despertavam a attenção dos circumstantes com os seus altos penteados e os seus vestidos curtos, e excitavam pelos seus signaes, gestos e meneios lubricos os desejos do publico. Em geral ninguem esperava pelo fim do espectaculo para satisfazer esses desejos. As cortezãs deixavam sem cessar os seus logares, e succediam-se umas ás outras todo o tempo que durava o espectaculo. Os porticos exteriores do Circo eram pequenos para offerecer abrigo áquelle espantoso mercado de

prostituição, e todas as hospedarias, todas as tabernas, todas as tendas das immediações se innundavam de libertinagem.

Comprehende-se que n'esses dias a prostituição era absolutamente livre e que os delegados do edil não se atreviam a inquirir nem a verificar a identidade da mulher que alli ia prostituir-se. Eis o motivo por que Salviano dizia d'estas grandes orgias populares: «Minerva tem cultos nos Gymnasios; Venus nos theatros.» E n'outro logar: «Nos theatros pratica-se tudo quanto é impuro; nas palestras teem logar todas as desordens.»

Santo Isidoro de Sevilha, nas suas Etymologias, vae mais longe, dizendo que o theatro é synónymo de prostituição, porque no mesmo logar, depois dos jogos publicos, as meretrizes se prostituiam desaforadamente.

Os edis não tinham, pois, que occupar-se da prostituição dos theatros, como se esta prostituição fizesse parte integrante dos espectaculos que se forneciam ao povo. Além d'isto, póde inferir-se de muitos logares da *Historia Augusta* que os theatros eram geralmente explorados por uma classe de mulheres que viviam debaixo dos porticos e nas galerias abobadadas do edificio, e que tinham por corretores ou amantes os vendedores do theatro; estes vendedores que se viam circular ordinariamente de fila em fila, durante a representação, não se limitavam a vender ao publico ou a distribuir-lhe gratis, a expensas de elevado personagem que celebrava os jogos, agua e tremoços, mas serviam tambem de mensageiros e interpretes aos amantes. Por isso Tertuliano chamava com razão ao circo e ao theatro *consistorios da depravação publica.*

E' provavel que o edil, apesar da sua auctoridade quasi absoluta sobre a via publica, não inquietasse muito a prostituição errante. Em nenhuma parte, entre os poetas e moralistas que fallam d'este abjecto genero de prostituição se vê a apparencia sequer de uma medida repressiva ou preventiva. O edil limitava-se sem duvida a fazer observar os regulamentos relativos aos trajos, e castigava severamente as meretrizes inscriptas que se atreviam a sahir á rua com o honesto e nobre trajo das matronas. O que é certo, porém, é que o magistrado não vigiava muito de perto os costumes na via publica, quando a noite os envolvia no seu indulgente veu.

A via publica pertencia a todos os cidadãos. Cada qual dispunha livremente d'este direito, e achava n'ella protecção, collocando-se debaixo da salvaguarda do povo. Teria sido, pois, extremamente difficil impedir qualquer cidadão de fazer uso da sua liberdade individual na via publica; e por isso, nem mesmo na época do seu maior poder, o edil tinha jurisdicção para reprimir os que iam sujar e tornar infectos com as suas ourinas as paredes das casas e dos monumentos publicos. No interesse da hygiene publica, o magistrado recorreu então á intervenção do deus Esculapio e mandou pintar duas serpentes nos sitios que o costume havia mais particularmente destinado a receber as ourinas e outras immundicies que sem ellas não teria evitado, nem mesmo a presença do proprio edil.

Desgraçadamente, não havia serpente capaz de afugentar a prostituição vagabunda das abobadas e recantos em que se refugiava, logo que a rua ficava obscura e menos frequentada. Pitisco, que nunca refere um facto sem apresentar provas tiradas dos escriptos e monumentos da antiguidade, apresenta-nos as prostitutas de Roma, as da infima classe, occupando de noite as esquinas e viellas mais estreitas da cidade, chamando e attrahindo os transeuntes, sem manifestarem mais pudor do que os cães que durante o dia vagueavam por aquelles sitios. «*Quos in triviis venereis nodis cohærere*», diz Lucrecio. O edil apenas podia afastar estas torpezas para os bairros de má fama onde as pessoas honradas nunca penetravam, e cujos habitantes eram todos ladrões, mendigos, escravos profugos, mulheres publicas e outros perdidos similhantes. A policia tratava de não revolver este lodo, e só em caso de roubo, assassi-

nio ou incendio, o edil descia ao fundo de similhantes cloacas. A via publica, nos arrabaldes e immediações dos muros da cidade era, pois, o theatro nocturno das mais torpes obscenidades. Foi alli que Catullo encontrou uma noite aquella lesbia, que tanto amara, mais do que a si proprio, mais do que a todos os seus, mas, como estava mudada a gentil creatura, objecto de tão grande amor, e que vergonhoso officio ella andava alli impunemente exercendo, nas trevas mais espessas das noites romanas! Catullo, ao reconhecel-a, afastou-se indignado, com os olhos marejados de lagrimas, desejando mil vezes nunca ter tido similhante encontro! Depois, o seu coração de poeta não póde deixar de exhalar esta amarga e sentida queixa:

Illa lesbia quam Catullus unam
Plus quam se atque suos amavit omnes,
Nunc, in quadriviis et angiportis
Glubit magnanimos Remi nepotes!...

Se o edil deixava em paz as desgraçadas instigadoras da immoralidade publica, não era mais rigoroso a respeito da conducta dos seus cumplices habituaes. Não tinha tambem censura que exercer sobre os costumes, e tinha o maior cuidado em não pôr a mão nos privilegios dos cidadãos romanos, nem mesmo sob o pretexto de fazer respeitar o pudor publico. Recebia apenas sobre este ponto as reclamações que lhe eram dirigidas e citava directamente ante a sua cadeira curul os que tinham dado logar a taes reclamações.

A's vezes eram muito graves estas queixas, quando, por exemplo, uma mãe de familia havia sido tratada como uma cortezã, quer dizer, seguida e chamada na rua. O edil tinha de averiguar n'este caso, se a mulher pelo seu trajo, modo de andar, olhares ou gestos, motivára um erro injurioso para a sua classe, e se o auctor da injuria podia allegar ignorancia ou boa fé. Geralmente, as matronas que tinham o direito de queixar-se ante o tribunal do edil preferiam furtar-se ao escandalo de terem de comparecer em publico para fazer condemnar o insolente, sobre tudo quando se julgavam dignos de censura sob o ponto de vista do trajo, porque bastava uma tunica alguma cousa curta, um penteado um pouco alto, ou alguma nudez do seio ou dos hombros, para justificar uma chamada ou provocação.

«Chamar e perseguir são duas cousas muito differentes, diz Ulpiano, no titulo XV — *De injuriis et famosis libellis;* — chamar é attentar contra o pudor alheio com palavras maliciosas; perseguir é seguir com insistencia, mas silenciosamente.»

Quando os libertinos duvidavam da condição de uma mulher que encontravam no seu caminho, e cuja posse desejavam, não lhe fallavam logo; seguiam-n'a por algum tempo, até que ella dava a entender por um olhar, ou por outro signal qualquer, que não lhe era desagradavel a insistencia. Era só então que se julgavam auctorisados a fallar-lhe e que lhe faziam a sua declaração de amor. Ninguem podia tambem licitamente pôr-se ao lado de uma estrangeira na rua publica, se ella não tivesse respondido antes da palavra, por um gesto ou por um olhar á primeira tentativa de chamada, e este uso ficou sempre nos costumes das cidades romanas, ainda mesmo quando se foram relaxando os rigores da lei, em consequencia do espantoso desenvolvimento da corrupção publica. Só as meretrizes estavam por assim dizer á descripção do primeiro que chegava; todos tinham o direito de as deter na rua e de pedir-lhes uma vergonhosa complacéncia, como se foram uma mercadoria prompta sempre para quem quizesse pagal-a a preço fixo.

Fóra do caso em que o perseguidor (*sectator,*) por libertinagem ou por engano, tinha a ousadia de seguir ou chamar uma ingenua, cujo trajo ou an-

dar não justificassem o abuso, esta especie de caçada dos prazeres sensuaes era absolutamente livre na rua publica para os adultos e até muitas vezes para os mancebos. Só os paes e tutores podiam castigar estes ultimos: porque a lei admittia a renuncia da paternidade em tres casos, em que o pae tinha não só o direito de desherdar seu filho, mas tambem o de o expulsar da familia, tirando-lhe o seu nome: primeiro, se o filho dormia com frequencia fóra da casa paterna; segundo, se se entregava a profissões infamantes, e terceiro se se affeiçoava a vicios ou prazeres sordidos. O pae, portanto, em certas circumstancias assumia na sua mão os poderes do edil e do censor contra o filho libertino. O tutor tinha igualmente uma parte da mesma auctoridade a respeito do seu pupillo.

Não eram, porém, sómente os jovens os unicos provocadores e caçadores da prostituição; os homens de edade madura, os mais graves e barbados achavam-se frequentemente mettidos n'essa phalange impura, que nem sequer esperava pelas trevas da noite para se entregar á libertinagem. O edil ter-se-hia muitas vezes envergonhado dos nomes illustres e dos nobres caracteres, que houvesse de reconhecer debaixo dos mantos d'aquelles impudicos caçadores de aventuras.

Entre os devassos que constituiam o exercito activo da prostituição, havia numerosas e variadas cathegorias. Uns chamavam-se *adventores,* porque iam ao encontro das mulheres que julgavam de facil accesso, e outros chamavam-se *venatores,* porque perseguiam, sem levarem como os primeiros o dinheiro na mão, todas as que lhe promettiam um novo triumpho. *Alcinoi juventus,* ou juventude de Alcinoe, era como se chamavam os bellos effeminados que passeavam com uma certa negligencia pelas ruas da cidade, esplendidamente vestidos, ungidos, perfumados, procurando por toda a parte o que poderia despertar-lhes os desejos adormecidos depois de uma noite de excessos. Os *salaputii* eram uns homemzarrões muito ardentes e lubricos, que tinham alguma razão para se denominarem os herdeiros de Hercules. O poeta Horacio gabava-se de ser um dos mais favorecidos n'este ponto, e por isso o imperador Augusto o havia apellidado *putissimum penem,* cognome que elle proprio traduzia por *homuncionem lepidissimum.* Os *semitarii* eram uma especie de satyros, de hombros largos e robustos, de pescoço taurino, de braços musculosos, de olhar lubrico. Estes costumavam emboscar-se fóra do povoado, e alli atiravam-se a alguma desgraçada prostituta, da qual abusavam á viva força, apesar da sua resistencia e dos seus gritos. Como apenas se dirigiam ás mulheres publicas, não podia applicar-se-lhes a lei das injurias, e a infeliz ao retirar-se cheia de pó, moida e quasi morta, apenas recebia em paga risadas, chascos e ameaças.

Finalmente todo o homem casado que entrava n'um lupanar chamava-se adultero (*adulter;*) o que frequentava as casas de prostituição era um *scortator;* o que vivia finalmente com as cortezãs, comendo com ellas e deshonrando-se na sua companhia, tinha a alcunha de *mœchus.*

Cicero accusou Catilina de se haver rodeado d'uma cohorte pretoriana de *scortatores.* O poeta Lucilio diz que um homem casado que commette uma infidelidade contra sua mulher incorre tambem na pena do adultero, porque é adultero de nome, e um antigo commentador de Marcial dá a entender que a palavra *adulter* se applicava ao adultero por accidente, ou que praticava uma ou outra vez o adulterio, emquanto que a palavra *mœchus* expressava o habito, ou o estado normal do adultero.

A lingua latina propendia muito para os augmentativos e diminutivos. Foi assim que se augmentou o substantivo *mœchus,* derivando d'elle *mœchocinœdos,* que comprehendia n'uma só palavra muitas especies de libertinagem. Ao mesmo tempo, inventou-se o diminuitivo do verbo *mœchor,* a palavra *mœchisso,* que significava pouco mais ou menos o mesmo, posto que com maior

delicadeza. Mas a lingua grega de que se havia tirado a palavra *mœchus,* tinha dez ou doze palavras differentes, formadas da mesma raiz, para expressar todas as variedades e matizes.

Um homem que se respeitasse não entrava em nenhum logar de prostituição senão com a cara e a cabeça coberta. Ninguem tambem tinha o direito de lhe pedir contas do disfarce, que elle julgava conveniente adoptar. Assim, quando Heliogabalo ia de noite visitar os lupanares de Roma, disfarçava-se em moço de estrebaria para não ser reconhecido: *Tectus cuculione mulionico, ne agnosceretur, ingressus,* diz Lampridio. O proprio edil não teria ousado levantar o capuz, que n'este caso lhe descobriria o imperador; o que este magistrado fazia era velar com um zelo intransigente, sobre tudo de dia e na rua publica, por que se observassem as leis sumptuarias que prohibiam ás cortezãs matriculadas o uso da estola, da *vitta,* das tunicas de purpura, e até mesmo em alguns tempos dos bordados e das joias de ouro.

Estas determinações do senado foram renovadas em muitas épocas pelos imperadores, no emtanto a sua applicação encontrou sempre da parte dos edis uma certa benevolencia ou fraqueza, que fazia com que estes magistrados não castigassem igualmente todas as contravenções. Eis o motivo porque se viam no theatro as grandes cortezãs vestidas como rainhas, resplandecentes de ouro e pedrarias, porque estas mulheres da grande roda nunca se resignaram facilmente a usar togas amarellas e dalmaticas floridas. «Quem é que usa trajo florido, diz Marcial, e quem permitte ás meretrizes affectar o pudor de uma matrona vestida com a estola?» A matrona que se entregava á prostituição perdia a sua nobre qualidade e renunciava desde esse momento a apresentar-se em publico com a toga e as insignias de uma mulher honrada. A sua inscripção nos registros do edil tornava-a indigna da tunica larga e ampla, chamada *matronal.* Por isso Marcial, por occasião de um presente enviado a uma prostituta, diz: «Dás então tunicas de purpura a uma famosa cortezã! Queres fazer-lhe um presente digno d'ella? Envia-lhe uma toga.»

A toga na origem das instituições romanas foi commum aos dois sexos. Mas, quando a invasão das mulheres estrangeiras na Republica tornou indispensavel a adopção de um trajo particular ou distinctivo para as matronas, estas começaram a usar a estola, que cahia em largas prégas até aos calcanhares, e cobria tão pudicamente o seio, que apenas se lhe percebiam as fórmas, debaixo do panno de lã ou de linho. A toga, ou tunica sem mangas, foi desde esse tempo reservada aos homens, e do mesmo modo ás mulheres que haviam perdido os privilegios do seu sexo, conjunctamente com os direitos e honras reservadas ás matronas. Tal foi provavelmente o principal preceito sobre os trajos que os edis formularam.

Havia além d'esta muitas outras prohibições e regras menos importantes relativas ao trajo das meretrizes; tantas vezes foram, porém, modificadas, que seria difficil fixal-as de um modo geral e assignalar-lhes uma época determinada. O calçado e toucado das cortezãs foram tambem regulamentados como o trajo; é de notar, porém, que os edis se mostraram sempre menos rigorosos n'esta parte. Como as matronas se haviam apropriado do uso do borzeguim (*soccus,*) não era licito ás cortezãs usar esta especie de calçado, sendo por isso obrigadas a andar sempre com os pés nus, em sandalias ou chinellas (*crepida* e *solea,*) que atavam ás pernas com correias douradas. Tibullo compraz-se na descripção do diminuto e gentil pé da sua amada, comprimido na ligadura que o aprisionava: — «*Ansaque compressos colligat arcta pedes.*»

A nudez do pé nas mulheres era um indicio de prostituição, e a sua esplendida alvura fazia mesmo a distancia o officio de alcoviteiro, porque attrahia os olhares e os desejos. A's vezes as sandalias ou chinellas eram completamente douradas: «*Auro pedibus induto,*» disse Plinio, fallando d'este brilhante signal

de deshonra. Outras vezes o calçado era sómente amarello, imitando a côr do ouro, posto que esta especie de calçado fosse primitivamente o dos recem-casados. «Levando um borzeguim amarello n'um pé tão branco como a neve,» diz Catullo. No emtanto as recem-casadas tinham o maior cuidado em não calçar sandalias ou chinellas, e as cortezãs não ousavam usar borzeguins de côr amarella.

As matronas haviam adoptado tambem uma especie de toucado, cuja usurpação não permittiram ás cortezãs; era a *vitta*, uma larga faxa branca, que servia para segurar e ornar o cabello. Esta faxa foi provavelmente nos tempos heroicos de Roma uma reminiscencia da que adornava a cabeça das vitellas ou ovelhas offerecidas em sacrificio aos deuses. A matrona apresentava-se tambem como uma especie de victima no altar do Pudor, como que em memoria do culto dos deuses geradores n'uma época remota haver recebido em offerenda o tributo da virgindade. Não foram as cortezãs, mas sim as mulheres castas que se arrogaram o direito de cingir o cabello com faxas; permittia-se até ás virgens uma faxa extremamente simples, pela qual se conhecia o seu estado, ficando a faxa dupla como um privilegio exclusivo das matronas. «Longe d'aqui, exclama Ovidio, na sua *Arte de amar*, longe d'aqui as singelas fitas, insignia do pudor! Longe d'aqui a tunica ampla e rodada que cobre as mulheres até aos pés!»

Esta estola, ou larga tunica (*insista*,) ordinariamente franjada de purpura, não caracterisava menos a matrona romana, do que a fita que lhe segurava tão graciosamente os cabellos pretos. Exceptuando estas singelas fitas, as cortezãs podia livremente adoptar o toucado que melhor lhes conviesse. Já dissémos que cobriam a cabeça com o *palliolum*, especie de mantilha. Cobriam tambem o rosto com um capuz, emquanto que as matronas se apresentavam em toda a parte com o rosto e a cabeça descobertos, como para darem a entender que nada se lhes podia censurar, nem ellas tinham cousa alguma a receiar, podendo arrostar sem se envergonharem os olhares do publico, seu censor e juiz perpetuo. Aquellas altivas romanas, durante muitos seculos, julgar-se-hiam deshonradas, encobrindo o cabello, tingindo-o ou empoando-o, e só se resignaram a dividil-o em tranças que vinham enrolar-se no alto da cabeça, ou nas fontes, para se distinguirem das jovens solteiras, *innuptæ*, que pelo modo como traziam o cabello despenteado e eriçado se chamaram *cirratæ*.

As cortezãs não deixaram de imitar com o andar dos tempos as differentes fórmas do toucado privativo das matronas e *cirratæ*, em todo o caso, tractavam sempre de lhe variar o aspecto pelas tintas que empregavam nos cabellos. Umas vezes tingiam-nos de amarello, á força de preparados de açafrão: outras de vermelho com summo de beterrava; recorriam ao anil; diminuiam o esplendor do cabello esfregando-o com cinza perfumada. Depois, quando os imperadores começaram a adoptar uma especie de aureola divina, pulverisando a cabeça com pós de ouro, as cortezãs foram as primeiras a apropriar-se d'esta moda, que julgavam pertencer-lhes e iam collocar-se em frente dos Cesares nas festas publicas e jogos solemnes com a fronte cingida de uma cabelleira dourada, como as deusas nos templos. A divindade das cortezãs durou pouco tempo, ainda assim, porque lhes foi prohibido o uso de pós de ouro na cabeça. Foi então que ellas o substituiram por outros, feitos com gauda, que brilhava menos ao sol, mas que era muito mais suave para a vista.

«Todos os supplicios de Tenaro cahiam sobre o insensato que fez perder aos teus cabellos a sua côr natural! exclama Propercio, acariciando a sua amada. Torna-me feliz, oh minha Cinthia, e d'esse modo serás sempre bella, esplendidamente bella, a meus olhos! Porque uma louca tinge os seus cabellos de azul, segue-se que esse enfeite a embelleze?»

O edil fazia uma guerra implacavel ao cabello dourado das cortezãs; no

emtanto, permittia-lhes que o tingissem de azul ou de amarello, chegando mesmo a applaudir esta moda, que consagrava as côres distinctivas das cortezãs (*cœrulea* e *lutea,*) o azul em allusão á agua do mar, de cuja espuma nasceu Venus, e o amarello alludindo ao ouro, que era o unico deus de todas ellas.

Os edis teriam muito que fazer, se tratassem de inquirir, julgar e castigar todas as infracções sumptuarias das cortezãs; por isso fechavam os olhos sobre uma multidão de faltas d'este genero, que perdoavam á garridice feminina. Em geral, porém, as mulheres inscriptas não tinham nenhum interesse em passar por matronas, e preferiam seguir as modas estrangeiras, que por toda a parte eram as mais proprias para despertar a attenção dos frequentadores. Por este motivo, usavam com muito gosto trajos que não tinham nome na lingua romana: *babylonici et syriæ vestes.*

Babylonici vestes eram uma especie de mantos de comprida cauda, pregados na frente, feitos de fazendas pintalgadas e bordadas, de brilhante effeito. As cortezãs de Tyro e Babylonia trouxeram a Roma este trajo nacional, antiga libré da prostituição.

Syricæ vestes eram umas amplas tunicas de gaze de seda, tão leves e transparentes, que segundo a expressão de um contemporaneo, pareciam inventadas para deixar vêr o que apparentavam encobrir. As cortezãs da India não se vestiam de outro modo, e viam-se impudicamente nuas atravez da gaze. «Vestidos de seda, diz com indignação o casto auctor do *Tratado dos Beneficios;* — se é que podem chamar-se vestidos, deixando a descoberto todo o corpo; vestidos com que uma mulher não poderia jurar que não estava nua; vestidos que poderiam dizer-se inventados para que as nossas matronas não tenham mais que mostrar no cubiculo aos seus amantes, do que lhes mostram em publico.»

Seneca preoccupava-se muito com esta moda caricata, porque falla a respeito d'ella muitas vezes nas suas *Controversias*: «Uma turba incrivel de serventes tem um trabalho insano para que esta adultera mostre a sua nudez debaixo de um gaze diaphano, e para que seu marido não conheça melhor do que o primeiro estranho os secretos encantos de sua esposa.»

Os vestidos babylonicos, ainda que mais decentes do que o gaze de Tyro, que um poeta latino compara com o ar (*ventus textiles*) eram mais geralmente adoptados pelas meretrizes, porque necessitavam de estar muito seguras das suas perfeições occultas para fazerem d'ellas uma ostentação tão absoluta. Esta vergonhosa exhibição não tinha que temer as correcções do edil, e as mulheres, inscriptas ou não, que usavam este trajo aereo, não se importavam de imitar o modo de trajar das matronas. O mesmo succedia com as que vestiam dalmaticas babylonicas, á moda oriental, porque uma mulher honesta teria tido vergonha de se apresentar em publico com aquelle escandalo de côres fortes. «Fazendas pintalgadas, diz Marcial, tecidas em Babylonia e bordadas pela agulha de Semiramis.»

As cortezãs, que se submettiam docilmente á toga profissional, accrescentavam-lhe ainda o *amiculum,* especie de manto curto, feito de dois pedaços cosidos e sobrepostos e presos no hombro esquerdo com um botão, de modo que tinham duas aberturas para os braços. O *amiculum,* cujo nome equivalia á nossa palavra *amiguinho,* não passava da cintura, tendo pouco mais ou menos a apparencia da chlamyde dos homens, e era apanagio exclusivo das mulheres de má vida. Isidoro de Sevilha, nas suas *Etymologias,* assegura que esta vestimenta era tão conhecida pelo seu destino, que se punha á mulher surprehendida em adulterio, afim de que lhe communicasse uma parte do opprobrio que recahia sobre a estola romana. Esta especie de mantilha, que não era deshonrosa entre as mulheres gregas, foi sem duvida introduzida em Roma pelas cor-

*

tezãs de Athenas. O amiculo era de linho, e segundo todos os commentadores dos costumes da civilisação romana, de côr branca.

A toga que usavam por debaixo do amiculo era quasi sempre verde, —a côr de Priapo, deus dos jardins. Divergem os commentadores sobre o matiz d'este verde; uns suppõem-n'o pallido, outros, escuro; estes dão-lhe um reflexo dourado; aquelles, uns laivos amarellos. Seja como fôr, esta côr verde foi adoptada pelos libertinos de ambos os sexos, de tal modo que do nome d'ella—*galbanus,* eram elles designados pelo epitheto de *galbanati,* ou vestidos de verde, e d'aqui veio o chamar-se *galbanas* aos costumes dissolutos. *Galbana* era tambem uma fazenda fina e preciosa, de côr verde. Vopisco apresenta-nos um libertino vestido de chlamyde escarlate e tunica verde de largas mangas; *Cœrulea indutus scutulata, ante galbana rasa.* Emfim, tal afinidade chegou a crear-se entre a côr verde e aquelle que a usava, que a palavra *galbanatus* veio a ser synonymo de mancebo, ou paciente de impuros appetites sensuaes.

Todas as modas estrangeiras pertenciam de direito ás cortezãs, que perdiam a sua qualidade de cidadãs, e que eram tambem pela maior parte estrangeiras. O toucado apparatoso, visto que o capuz ou cogulla, *cucullus,* apenas lhes servia de manhã ou á noite, quando iam para o lupanar ou quando voltavam para casa; o toucado que usavam de preferencia no theatro ou nas ceremonias publicas e em toda a parte, emfim, onde se tolerava a presença de mulheres perdidas,—demonstrava que a prostituição havia começado no Oriente, e que Roma lhe tolerava o seu trajo nacional e primitivo. Havia tres classes de toucados exclusivos das meretrizes romanas, a *mitra,* a *thiara* e o *diadema.* Este ultimo, que parece ter sido de origem egypcia, era uma fita de seda mais ou menos larga, que se cingia em volta da fronte, para a tornar menos espaçosa. Os romanos, a exemplo dos gregos, não podiam tolerar as testas grandes nas mulheres, e estas procuravam dissimular uma imperfeição absurda ou arbitraria, occultando sob o diadema parte da fronte, que era entre as romanas mais elevada e protuberante do que entre as gregas. Esta fita frontal era ás vezes sobrecarregada de adornos de ouro, e as suas duas extremidades pendiam de cada lado da cabeça como as faxas que cahem sobre os seios de uma esphynge.

A mitra procedia evidentemente da Asia Menor, da Colchida ou da Phrygia, segundo era mais ou menos conica. A thiara fôra importada da Judeia ou da Persia. Este toucado de seda, de côres vivas, tinha a forma de um cylindro, assimilhando-se ás cupulas ponteagudas de um templo indico; a mitra, pelo contrario, tinha a fórma de um cone, ou capacete. Tal era a mitra phrygia, que os pintores attribuiram por tradição ao pastor troyano Páris no juizo das tres deusas e da maçã de ouro. Estas reminiscencias mythologicas justificavam perfeitamente a adopção d'esta especie de toucado, como um emblema de liberdade de escolha e de prazer. A mitra pyramidal tinha tambem fitas pendentes como o diadema e uma especie de franja em redor da testa, e depois de haver sido a insignia magestosa dos reis da Persia e da Assyria, veio coroar a fronte impudica das prostitutas de Roma, que, *nimbatæ* ou *mitratæ,* reinavamnas representações do theatro, e nos jogos do Circo, sem pagarem multa ao censor, nem mesmo ao edil. Mais tarde o nome d'este orgulhoso toucado foi para ellas uma palavra de despreso.

No emtanto, os edis, que permittiam ás cortezãs andarem vestidas, toucadas e calçadas como as rainhas de Tyro e Babylonia, tinham um cuidado especial em lhes prohibir o uso de liteiras, ou de qualquer outra especie de carros. Só as matronas tinham direito á commodidade e luxo do vehiculo, dos cavallos de montar e dos escravos, privilegio de que se mostravam sobremaneira zelozas. Nos primeiros seculos de Roma, serviam-se já de um grosseiro

carro, cuja invenção se attribuia a Carmenta, mãe de Evandro; e como este carro ou carreta fechada prestava um serviço importante ás matronas gravidas, impossibilitadas por isso mesmo de andar, foi á sua inventora divinisada, attribuindo-se-lhe o poder de tornar propicios e faceis os partos.

Os romanos n'aquelle tempo não toleravam a mollicie nem o luxo ás mulheres, e o Senado prohibiu o uso dos carros de Carmenta. As mulheres, porém, mormente as que se achavam gravidas, protestaram contra a deliberação do Senado, e estabeleceram um pacto entre ellas, jurando resistir ao pagamento do debito conjugal, para não darem filhos á patria, até que se revogasse tão injusta prohibição. E tão energicamente resistiram a seus maridos, que estes tiveram que recorrer ao Senado, supplicando-lhe que derogasse uma lei, que os privava de suas mulheres. Satisfeitas com este soberbo triumpho, as matronas fizeram novas honras á deusa, inventora do carro, erigindo-lhe um templo nas faldas do monte Capitolino.

Desde este memoravel acontecimento, as matronas ficaram na plena e tranquilla posse dos seus carros, ainda que modificados, porque, em vez de correrem sobre rodas por um solo desigual e molesto, eram suavemente levados por escravos ou cavallos.

Estes vehiculos eram duas classes de liteiras, a *basterna* e a *lectica:* a primeira, que se apoiava nos lombos de duas mulas por meio de quatro varaes ou braços, formava uma especie de aposento fechado com vidros e cortinas. «Precaução excellente, exclama o poeta que nos fornece esta descripção, para que a casta matrona atravessando assim as ruas não seja profanada pelos olhares dos transeuntes.» A segunda, igualmente fechada e coberta, era levada a braços de homens. Houve liteiras de todas as fórmas e tamanhos, desde a cadeirinha de mãos (*sella*) que só podia conter uma pessoa, até á *octophora,* que era levada aos hombros de oito escravos. N'aquella a matrona ía sentada, n'esta languidamente recostada nos seus cochins e ordinariamente acompanhada de duas ou tres pessoas. O luxo invadiu tambem as liteiras, como tudo o que contribuia para tornar a vida molle e voluptuosa, e douraram-se por fóra e atapetaram-se por dentro com riquissimas alcatifas de seda. Foi então que as cortezãs se sentiram tomadas do desejo de possuir tambem liteiras.

E o caso é que o conseguiram dentro em pouco. Todavia o edil admittiu apenas algumas excepções abertas simplesmente ao favor e á riqueza. No tempo de alguns dos imperadores, viram-se estas imperatrizes dissolutas, conduzidas tão commoda e luxuosamente nas suas liteiras, como as castas e orgulhosas matronas. No emtanto, as privilegiadas aspiraram bem depressa a mais, quer dizer, não se contentaram com as liteiras fechadas que passavam silenciosamente pelas ruas, sem deixarem vêr os primores que dentro levavam, e aperfeiçoaram o vehiculo, segundo a sua phantasia. O interior d'elle veio a ser um verdadeiro cubiculo ou dormitorio, ou segundo a phrase de um commentador, um lupanar ambulante. Havia além d'isso liteiras abertas com cortinas, atravez das quaes podia penetrar o cubiçoso olhar do transeunte, se bem que a cortezã se mostrasse sempre ou quasi sempre, afastando opportunamente as cortinas.

A relaxação dos costumes multiplicou em Roma as liteiras e ao mesmo tempo as vantagens que ellas offereciam á prostituição elegante. As proprias matronas não se admiravam já de que as confundissem com as cortezãs. «Agora as nossas mulheres, as matronas romanas, diz tristemente Seneca, exhibem-se nos seus vehiculos como que para se pôrem em venda.» Umas procuravam assim aventuras; outras accudiam ás entrevistas. A liteira parava n'uma extremidade de uma praça ou ao canto de uma rua retirada; os portadores deixavam-na alli ficar e collocavam-se de guarda a certa distancia. Entretanto, abria-se a portinhola e penetrava no inviolavel sanctuario um esbelto galan. De resto, ignorava-se sempre se a liteira estava occupada ou vasia.

As cortezãs, é claro, davam ás castas matronas o exemplo d'estas aventuras galantes. Não andavam sómente em liteiras fechadas, encontravam-se a cada passo em liteiras descobertas, *in patente sella,* diz Seneca. Um commentador de Juvenal dá mostras de uma grande imaginação, muito superior á sua competencia de critico, dizendo que as mulheres que se prostituiam nas liteiras se chamavam *sellariæ*, em opposição ás inquilinas das cellas dos lupanares, que se chamavam *cellariæ.* Juvenal não diz que se entrava na liteira de Chione, quando ao vêl-a passar se tinha o capricho de gosar os encantos d'esta cortezã; diz muito pelo contrario: «Vacillas em fazer descer da sua liteira a bella Chione.» Mas Pedro Schœffer, no seu tratado *De re vehiculare,* é de opinião que em certas circumstancias a liteira se transformava n'um logar de prostituição. Foi de certo por esta razão que Domiciano prohibiu o uso da liteira, não só ás meretrizes inscriptas, mas tambem a todas as mulheres notadas de infamia: *probosis feminis.*

E' certo que os edis tiveram ainda que fazer outras prohibições a respeito d'estas mulheres, pois consta que em differentes épocas a purpura e o ouro foram cousas prohibidas ás meretrizes. Todavia os regulamentos e disposições policiaes bem depressa se tornaram impotentes contra a tenacidade de um sexo naturalmente affeiçoado ás galas e ouropeis, e que difficilmente soffre privações de adornos e garridices. Muitos antiquarios pretendem que houve em Roma uma lei, pela qual se prohibia absolutamente o uso de fazendas preciosas e adornos de ouro ás mulheres de má vida, excepto no interior das casas de prostituição e para seu infame exercicio á porta fechada. Se similhante lei existiu, não esteve em vigor por muito tempo, ou, pelo menos, soffreu repetidas infracções, porque os poetas nos representam com frequencia as cortezãs vestidas de purpura e cobertas de adornos de ouro.

Ovidio, no *Remedio do amor,* não parece lembrar-se das leis sumptuarias, descrevendo os adornos de uma cortezã, ou pelo menos de uma mulher de praser. «As pedrarias e o ouro cobrem-na completamente, de modo que a sua belleza é a minima parte do seu valor.»

Plauto, n'uma das suas comedias, põe em scena uma meretriz *dourada,* de modo que parece querer dizer que aquillo era uma grande novidade em Roma: «*Sed vestita, aurata, ornata, ut lepide! ut concinne! ut nove!*

Juvenal descreve uma cortezã que apresentava a cabeça adornada com um diadema de ouro (*quæ nudis longum ostendit cervicibus aurum;*) e, no emtanto, faz evidente allusão ao privilegio que tinham as matronas de usar pedrarias e pingentes, n'estes versos, onde diz que uma mulher, que usa esmeraldas no pescoço e perolas nas orelhas, tudo se permitte e de nada se envergonha:

Nil non permittit mulier, sibi turpe putat nil
Cum virides gemmas collo circumdedit et cum
Auribus externis magnos commisit elenchos.

Appuleyo confirma o testemunho de Juvenal, dizendo: «O ouro das suas joias, o ouro dos seus vestidos, aqui simples e alli lavrado, annunciava desde logo que era matrona.»

Sabe-se, no emtanto, que a *Lei Oppia* prohibiu a purpura a todas as mulheres, reservando-a tão sómente para os trajos masculinos. Nero renovou esta prohibição que não foi definitivamente levantada até ao reinado de Aureliano. Em todo o caso, subsistiu sempre para as cortezãs e outras mulheres chamadas infames, na opinião de um sabio italiano, Santinelli, que não se lembra talvez de que entre os antigos houve muitas especies de purpura, e que uma só, a mais esplendida, era insignia do poder. A purpura plebeia ou violacea, não foi

certamente comprehendida nas leis prohibitivas, que os imperadores do Oriente restringiram, exaggerando-as, á purpura imperial.

Ferrario, no seu tratado *De re vestiaria*, pretende pôr de accordo estas auctoridades contradictorias, dizendo que as cortezãs tinham permissão de usar a purpura e o ouro, mesmo em publico, comtanto que não a empregassm para pôrem bandas ou franjas nos vestidos, nem o ouro para diademas.

O melhor de tudo é crêr que os regulamentos sumptuarios relativos ás cortezãs soffreram frequentes variações, já por parte do Senado, já do imperador ou edil, e que bastava a influencia de uma d'aquellas soberanas de um dia, ou melhor, o prestigio d'um dos seus amantes, para fazer abandonar os antigos usos que tornavam a tomar força de lei, debaixo de outra influencia mais honesta. Em Roma, como em todas as cidades, onde a prostituição foi submettida a regulamentos policiaes, as mulheres de má vida, ainda que toleradas e auctorisadas, foram objecto de medidas de rigor, que se pareciam com frequencia a perseguições, e que tendiam a reprimir excessos e corrigir abusos nos costumes publicos.

CAPITULO XIX

SUMMARIO

A prostituição elegante.— As boas meretrizes.— Seus amantes.— Differença entre as grandes cortezãs de Roma e as da Grecia.—Cicero em casa de Citheris.—As preciosas e as famosas.—Os amadores.—A *Via-Sacra*.—Passeios das cortezãs.— Passeios das matronas.— Cortejo das matronas.— O que diz Juvenal das mulheres romanas.—Ogulnia.—Retrato de Sergio, o favorito de Hippia, por Juvenal.—O gladiador obsceno de Petronio.—Os adoradores da Venus-Aversa.— O que se chamavam em Roma prazeres permittidos.—Lingua muda do *meretricium*.—O dedo do meio.—O signal infame.—Razão porque o dedo do meio era considerado infame entre os gregos.—As gesticularias.—Pantomima amorosa.—Reserva habitual da linguagem fallada em Roma.—Da lingua erotica latina.—Irmão e irmã.—A irmã do lado esquerdo e o irmãozinho.—Escriptos eroticos, ou *molles libri*.—Bibliotheca secreta das cortezãs e libertinos.—Livros lubricos da Grecia e de Roma destruidos pelos Padres da Egreja.



Havia em Roma uma prostituição independente, digamol-o assim, porque só tinha que vêr com a policia edilitaria, quando usurpava as prerogativas do trajo das matronas. Esta prostituição, que poderiamos chamar opulenta, é a que a lingua latina qualificava de *boa* — *bonum meretricium,* e do mesmo modo designava pelo epitheto de *boas* as mulheres que a ella se dedicavam — *bonæ mulieres,* como que para designar a perfeição do genero. As *boas mulheres* podiam tambem ser inscriptas nos registros dos edis, mas não tinham analogia com as desgraçadas escravas da incontinencia publica. Nunca se encontravam pela rua, á hora nona, com a cabeça envolvida no *palliolum,* ou escondida sob o capuz, em busca de aventuras ou dirigindo-se ao lupanar; nunca ninguem as surprehendia nas ruas ou pelas esquinas em flagrante delicto de prostituição nocturna; nunca se viam nas hospedarias, tabernas, padarias, banhos publicos, ou em quaesquer outros logares suspeitos; nunca finalmente estiveram notadas de infamia. Ninguem se envergonhava de se declarar seu amante, nem mesmo de sahir em publico com ellas. A maior parte dos seus amantes eram cidadãos privilegiados, e estes *amassi* ou *amici* eram até certo ponto as capas mais ou menos brilhantes, que occultavam os seus amores mercenarios.

Estas recatadas cortezãs constituiam a aristocracia da prostituição, e como as suas congeneres na Grecia exerciam em Roma uma acção preponderante nas modas, nos costumes, nas artes e nas lettras, e em todas as circumstancias da vida patricia. Todavia nunca tiveram influencia na politica ou nos negocios do estado, e vivendo sempre longe do Fôro e do Senado, contentavam-se com o prestigio que lhes dava a sua belleza e o seu talento no mundo da galanteria, mundo perfumado, elegante e corrompido, cujo codigo Ovidio redi-

giu sob o titulo de *Arte de amar,* e que teve por poetas e historiadores Catullo e Propercio, além de outros eroticos, que a antiguidade talvez por pudor condemnou a eterno olvido.

Estas cortezãs celebres pareciam-se com as mais famosas da Grecia, como Roma poderia parecer-se com a cidade de Minerva e o caracter romano com o atheniense. Mas os descendentes de Evandro eram demasiado orgulhosos da sua origem e demasiado convictos da magestade do seu titulo de cidadãos romanos para darem a umas mulheres estrangeiras, a umas infames afinal, por mais bellas e adoraveis que fossem, um culto de admiração e respeito. Uma corteză que pretendesse tomar, e tomasse effectivamente auctoridade sobre um senador, sobre um magistrado, sobre um cabo de guerra notavel, teria irremediavelmente deshonrado o que se tivesse submettido a essa vergonhosa dependencia, a essa sujeição altamente ridicula. Os homens de estado mais graves e cheios de auctoridade não se privavam do prazer de frequentar as cortezãs devassando os mysterios da sua intimidade. O proprio Cicero ceiava em casa de Citheris, escrava emancipada de Eutrapelo, que veio a ser amante predilecta do triumviro Antonio. Mas estas continuas relações entre as cortezãs e os personagens mais illustres da Republica circumscreviam-se ordinariamente ao interior de uma casa de recreio, de uma *villa,* onde não penetravam os olhares do povo. Se nas ruas, no passeio, no circo, ou no theatro, as cortezãs da moda, as preciosas e famosas (*pretiosæ* e *famosæ*) se apresentavam rodeadas de uma côrte de solicitos amadores (*amatores,*) estes eram apenas: jovens libertinos, vergonha das suas familias; libertos, cuja mal adquirida riqueza não pudera lavar a nodoa da sua antiga escravidão; artistas, poetas e comicos, que arrostavam com a opinião e com as conveniencias, ou então corretores disfarçados, que procuravam naturalmente os melhores ensejos de trafico ou de lucro. Assim, entre os romanos, a corteză mais triumphante não via em torno de si senão gente sem honra nem sentimentos, excepto nos banquetes das suas *villas,* onde ás vezes reuniam as maiores notabilidades de Roma, que abusavam á porta fechada da licenciosidade d'aquella vida intima e quasi clandestina.

Era mister ir de noite á *Via-Sacra,* áquelle ponto de reunião do luxo, da libertinagem e do orgulho para se vêr quanto era brilhante essa multidão de cortezãs da moda, que occupavam Roma, como cidade conquistada e que faziam em toda ella mais captivos e victimas, do que haviam feito outr'ora os gaulezes de Brenno. Iam alli fazer todos os dias alarde de galanteria, luxo e insolencia no meio das matronas, ás quaes eclipsavam com o seu brilhantismo e encantos. Umas vezes appareciam, conduzidas suavemente por escravos abyssinios em magnificas liteiras descobertas, onde se recostavam quasi nuas, com um espelho de prata polida na mão, com verdadeiros thesouros de joias nos braços e nos dedos e com a cabeça vergada sob o peso dos pingentes de esplendidas pedrarias, do diadema e dos alfinetes de ouro; ao lado da liteira jovens e bellas escravas refrescavam o ambiente com grandes leques de pennas de pavão: adeante e atraz dois grupos de eunuchos e de meninos, de flautistas e de bobos anões, formavam o cortejo. Outras vezes, apresentavam-se de pé ou sentadas em ligeiros carros, cujos cavallos ellas mesmas dirigiam habil e rapidamente, procurando passar umas adeante das outras, como se quizessem competir n'aquella carreira de impudencia, ostentação e loucura. Vinham tambem montadas em impetuosos corceis, que, como amazonas perfeitas, conduziam com destreza e audacia. Outras mais timidas, ou menos insensatas, costumavam montar mulas hespanholas, que um negro levava pelas redeas. As menos ricas ou mais modestas iam a pé, todas opulentamente vestidas de garridas fazendas de seda ou de lã, toucadas com muita arte, tendo o cabello louro ou dourado entrançado em fórma de diadema e refulgente de carissimas pedrarias. Umas brincavam com bolas de crystal ou de ambar para conservarem as mãos fres-

cas e brancas; outras levavam guarda-soes, espelhos e leques, quando não tinham escravos que levassem estes accessorios; em todo o caso, cada uma d'ellas tinha pelo menos uma creada, que a seguia ou acompanhava como emissaria indispensavel.

Como se vê, estas cortezãs não estavam todas no mesmo pé de fortuna e de distincção; não obstante nenhuma d'ellas figurava nos registros do edil, achando-se assim isemptas das obrigações e responsabilidades impostas pelos regulamentos relativos á prostituição, pois não tinham nome de guerra inscripto e reconhecido, nem preço fixo, nem, n'uma palavra, o direito de exercerem o officio nos lupanares publicos. Não pediam ao edil a degradante *licentia stupri,* mas nem por isso deixavam de consagrar-se ao seu officio com a mesma liberdade, como as outras licenciadas. Ninguem as inquietava tambem, a não ser que insultassem abertamente a tolerancia edilitaria, entregando-se sem escolha nem preferencia *sine* (*delectu*) nos logares publicos a actos de venal libertinagem.

As meretrizes faceis abundavam na *Via-Sacra,* e segundo Propercio, não se afastavam para muito longe d'alli para satisfazerem os desejos d'aquelles que as solicitavam.

«Oh! exclama elle n'uma das suas elegias, — eu prefiro essa liberta que passa entre-abrindo a tunica voluptuosa, sem receio de espias nem de zelozos, que gasta incessantemente com o seu enlameado cothurno o piso da *Via-Sacra,* e que não se faz esperar, se alguem a chama! Nunca se recusará a satisfazer os teus desejos, nunca te pedirá indiscretamente todo o dinheiro que um pae avarento lastima ter dado a seu filho, nem te dirá tambem: Tenho medo, levanta-te despressa e vae-te embora, peço-t'o!» (*Nec dicet: Timeo, propera jam surgere, quæso.*)

Esta cortezã da *Via-Sacra* ganhava a sua vida á luz do sol, sem se importar com o edil nem com as leis da policia. Parece que Propercio pretende indicar que ella apenas tomava a precaução de se affastar da *Via-Sacra,* que começava no Amphitheatro e conduzia ao Coliseu, flanqueando o templo da Paz e a praça de Cesar. Nas immediações do Coliseu havia alguns bosques, em que o amor errante só encontrava um povo de estatuas e de deuses terminos, que decerto o não incommodariam. Por outra parte, os banhos, as estalagens, as tabernas, as padarias e as lojas de barbeiro offereciam asylos sempre abertos á prostituição anonyma, que ia recrutar as suas victimas na vasta arena da *Via-Sacra.*

As matronas concorriam, tambem a este passeio em carros e o maior numero em liteiras, especialmente em certas épocas em que obtiveram o privilegio exclusivo de usar d'estes vehiculos (*sellæ* e *lecticæ;*) e n'aquelles tempos de uma corrupção inaudita não tinham attitudes mais decentes do que as cortezãs de profissão. Iam, exactamente como ellas, recostadas em cochins de seda, n'um trajo que não tornavam menos immodesto as fitas de seda do toucado ou a purpura da sua estola de largas pregas fluctuantes. Rodeiavam-nas escravos e eunuchos, que levavam leques para afugentarem as moscas, e varas ou lategos para afastarem a multidão.

Aquellas matronas, herdeiras dos mais illustres nomes de Roma, aquellas esposas e mães de familia perante as quaes a lei se inclinava com respeito e veneração, aquellas romanas, emfim, haviam decahido muito das severas e castas virtudes de seus maiores, no tempo dos imperadores. As que se apresentavam na *Via-Sacra* para ostentarem alli toda a pompa e apparato do seu luxo e cortejo, iam as mais das vezes com o secreto proposito de escolherem um amante, ou antes um infame auxiliar das suas leviandades.

«As suas creadas, velhas e feias, diz Walkenaer, na sua bella historia da vida de Horacio, afastavam-se discretamente á chegada dos jovens effeminados,

que traziam os dedos coalhados de anneis e os cabellos cuidadosamente penteados e perfumados. No rosto traziam semeados com muita arte pequeninos signaes pretos, requinte de affectação com que as nossas damas do seculo passado procuravam dar á sua physionomia um certo ar picaresco. Appareciam tambem por alli uns homens, cujo trajo era apropriado para pôr em relevo as suas fórmas athleticas, e que tinham até um certo orgulho em fazer alarde das suas forças musculares. O andar rapido e marcial d'estes latagões contrastava singularmente com a attitude composta e comedida, e com o passo vagaroso e cadenciado d'aquelles casquilhos de cabello penteado, rosto coberto de pinturas e olhar voluptuoso. Estas duas especies de passeantes não eram por via de regra senão gladiadores e escravos; no emtanto certas mulheres de elevada hierarchia procuravam os seus amantes nas intimas camadas do povo, emquanto que as suas jovens e formosas serventes se conservavam puras e firmes contra os ataques dos homens da sua condição, cedendo só ás seducções dos cavalleiros e senadores.» Transcrevemos na sua integra este trecho pittoresco, cujos dados o sabio academico foi beber nas obras de Marcial, Aulo-Gello, Cicero, Seneca e Horacio. E' muito para sentir a falta de outros importantes pormenores dos costumes d'esta época, que Juvenal, o implacavel Juvenal, teria podido accrescentar a esta descripção dos costumes dos passeios publicos de Roma.

«Nobres e plebeias, diz o grande satyrico romano, todas ellas são igualmente depravadas. A que pisa a lama da rua não vale mais nem menos do que a matrona que sahe á rua levada aos hombros dos seus syrios. Para se apresentar nos jogos publicos, Ogulnia alugou joias, cortejo, liteira, cochins, serventes, uma aia e uma joven de cabello louro, encarregada de receber as suas ordens. Pobre, prodigalisa a imberbes athletas o que lhe resta da herança de seus paes; dá-lhes até os ultimos recursos. Ha mulheres que só gostam dos eunuchos, que só se comprazem com as suas effeminadas caricias e com o seu rosto imberbe, porque d'este modo não têem que preparar abortivos.»

As satyras de Juvenal e de Persio referem milhares d'essas prostituições horriveis que as matronas romanas praticavam quasi publicamente e cujos servos eram infames histriões, vis escravos, desgraçados eunuchos, e formidaveis gladiadores. Juvenal dá-nos um horroroso retrato de Sergio, o favorito de Hippia, esposa d'um senador:

«Este pobre Sergio, diz o poeta, tinha já começado a pintar a barba, quer dizer, estava muito proximo dos quarenta e cinco annos, e tendo perdido um braço, tinha direito, na verdade, a descançar dos trabalhos da vida! Além d'isto tinha a cara coberta de gilvazes e outras deformidades, era um animal selvagem, uma especie de lobo. Vergava sob o peso do capacete que lhe cahia sobre o nariz, tapando-lhe por sua fortuna uns olhos pequenos e envesgados, que distillavam continuamente um humor corrosivo e asqueroso. Mas era gladiador, e os homens d'esta profissão transformam-se aos olhos das mulheres em Narcisos. Por isso Hippia o prefere a seus filhos, á sua patria, a sua irmã e a seu esposo. Não é o homem o que estas mulheres namoram, é uma espada, a espada do gladiador!...»

Petronio diz alguma cousa a respeito do papel abominavel que desempenhava o gladiador obsceno, mas só o latim tem ousadia sufficiente para exprimir todos os mysterios da libertinagem romana.

«Ha mulheres, diz n'outro logar Petronio, que vão procurar os seus amores á lama, e cujos sentidos apenas se despertam á vista de um escravo, ou de um servente de tunica arremangada. Outras namoram-se de um gladiador, de um moço de estrebaria immundo e asqueroso, ou de um histrião que faz esgares e tregeitos na scena. A minha amante é d'este numero: transpôz as filas de cadeiras do senado e os quatorze bancos dos cavalleiros, e foi procurar ao ponto mais elevado do amphitheatro o objecto dos seus amores plebeus.»

A *Via-Sacra*, os porticos, a *Via Appia* e todos os passeios de Roma eram, pois, frequentados pelos miseraveis agentes da prostituição das matronas, pelas cortezãs e mulheres de costumes faceis, pelos odiosos sectarios de Venus-Aversa e pelos libertinos de todas as escolas e especies. E' mister confessar, porém, que no meio d'esta enorme multidão de meninos e homens depravados, que faziam ostentação da sua torpeza, as cortezãs pareciam honradas e respeitaveis. Não eram tão numerosas, nem tão desaforadas como aquelles mancebos impuros, como aquelles sordidos *cinœdes*, como aquelles impudicos *spadones*, como aquelles effeminados de todas as edades, que cheios de oleos e pomadas como as mulheres, só esperavam por um signal para se prestarem a traficos execraveis.

Os corretores de ambos os sexos não deixavam de concorrer a estes passeios, dispostos a servir todas as paixões e desejos, não limitando as suas condescendencias a levar *tabellas* e bilhetes de amor, porque serviam de intermediarios directos para fixarem o preço, para designarem o logar das entrevistas, para aplanarem os obstaculos, para subministrarem disfarces, aposentos, liteiras, tudo, emfim, de que podiam precisar os amantes de aventuras. Via-se a cada passo approximar-se uma velha de um patricio para lhe entregar em segredo uma *tabella* de marfim, em cujo encerado o estylete manejado por uma delicada mão feminina, gravara um nome, uma palavra ou um voto: era uma cortezã, que desejava o amor ou o dinheiro d'aquelle nobre e orgulhoso descendente dos Catões e dos Scipiões. De repente, um escravo nubio tocava no hombro de um mancebo elegantemente adornado, com os cabellos rescendendo mil perfumes, e com pingentes de ouro cahindo-lhe sobre os hombros: era um velho senador libertino que mandava chamar para junto de si aquelle homem-mulher. N'outra parte um robusto aguadeiro, que passava por acaso, era desejado por duas matronas, que o viram ao mesmo tempo e que disputavam entre si o direito de fazerem uma primeiro que a outra o sacrificio da honra nas aras d'aquelle deus grosseiro e desconhecido. «Se faltar o galan, diz Juvenal, se os escravos não bastarem, lançar-se-ha mão do aguadeiro (*veniet conductus aquarius.*)» Um gesto, um olhar, uma palavra... e o gladiador, o eunucho, o menino apresentavam-se e não retrocediam ante nenhuma especie de serviço.

E o edil? Que fazia este magistrado, emquanto Roma se deshonrava d'este modo com os vicios dos seus mais illustres habitantes? E o censor? Que fazia o censor, emquanto que os vicios publicos perdiam até mesmo as apparencias do pudor? Nem o censor nem o edil podiam fazer nada, quando a propria lei se calava, como se receiasse dizer demasiado.

Em Roma consideravam-se prazeres licitos ou permittidos muitos dos vicios abjectos, que o christianismo condemnou e destruiu, e por isso só por gracejo é que Plauto podia fazer dizer a um personagem do seu *Curculio*: «Uma vez que te abstenhas de mulheres casadas, de viuvas, de donzellas, das jovens e meninos ingenuos, pódes amar a quem quizeres.» Catullo, no canto nupcial de Julia e Manlio, apresenta-nos o matrimonio como um freio moral de habitos vergonhosos. «Pretende-se, diz o poeta do amor physico, que tu, tornado esposo, renuncias com pesar aos teus mancebos. Nós sabemos que apenas tens conhecido prazeres permittidos; no emtanto, esses prazeres não podem ser agora permittidos a um homem casado. (*Scimus hæc tibi, quæ licent sola cognita, sed marito ista eadem non licent.*)» Não havia, pois, outro meio, além da philosophia, para combater os excessos d'esta vergonhosa depravação do prazer sensual, que não tinha freio na legislação romana.

Uma parte das relações que se travavam na via publica, muitas das aventuras que alli se planeavam, negociavam-se por meio de signaes. Sabemos que a pantomima em Roma era uma arte extremamente delicada, que se aprendia

principalmente no theatro, e que se aperfeiçoava segundo o uso que d'ella se fazia. D'aqui o maravilhoso talento das cortezãs no que constituia a lingua muda do *meretricium*. Havia tambem differentes dialectos na pantomima amorosa. Ordinariamente a expressão mais eloquente d'esta linguagem lasciva brilhava n'um olhar. Os olhos fallavam-se e entendiam-se vantajosamente, tanto mais quanto uma vista perspicaz com espontaneidade de espirito seguia ou se antecipava mesmo ás fulgurações da pupilla. Quando os olhos não se comprehendiam, os movimentos dos labios e dos dedos vinham então em auxilio dos amantes, com signaes mais intelligiveis, mas já muito menos decentes para pessoas, que ás vezes se teriam envergonhado de fazer uso da palavra. Assim, o signal geralmente adoptado entre os amadores da infame prostituição masculina consistia na erecção do dedo medio, em cuja base se agrupavam os outros dedos da mesma mão, figurando os obscenos attributos de Priapo. Suetonio, na *Vida de Caligula*, apresenta-nos este imperador dando a mão a beijar n'esta significação impudica: *formatam commotamque in obscenum modum*. E Lampridio, na *Vida de Heliogabalo*, diz-nos que este monstruoso libertino nunca proferia uma palavra obscena, ainda mesmo indicando uma infamia com o jogo dos dedos: *Nec unquam verbis pepercit infamiam, quum digitis infamiam ostenderet*.

Estes movimentos impudicos executavam-se com tão prodigiosa rapidez que passavam desapercebidos para os indifferentes. Poderia suppôr-se pelo que se lê em muitos personagens da *Historia Augusta* que o signal infame não era tolerado por todos os imperadores, e que ainda os mais celebres pelas suas desordens e depravações algumas vezes impuzeram um castigo severo aos afeiçoados d'esta mimica obscena, que fez merecer ao dedo medio o qualificativo de infame.

Os athenienses não eram tambem mais indulgentes com este dedo, que chamavam *catapygon* e que teriam vergonha de rehabilitar confiando-lhe o annel. O dedo medio foi manchado na Grecia com a nota de infame, porque os camponezes serviam-se d'elle para conhecerem se as suas gallinhas tinham de pôr ovo n'aquelle dia, circumstancia ridicula que deu origem a outra palavra graphica e bem pouco decente, com que eram designados os pobres rusticos.

«Mette bem a ridiculo, Sextilo, diz Marcial, mette bem a ridiculo aquelle que te chamar *cinœdus*, apresentando-te erguido o dedo medio.» A apresentação d'este dedo indicava ao mesmo tempo a pergunta e a resposta na linguagem tacita d'aquelles infames libertinos. Tinham, porém, um outro signal ainda, em que o dedo infame mudava de jogo, e consistia em leval-o á testa ou á cabeça coçando-as com elle. «O que ha a notar no impudico, diz Seneca, na sua carta LII, é o seu modo de andar, é o jogo que executa com a mão, é o dedo que leva á cabeça, e as palpebras entumecidas.» Juvenal auctorisa-nos a suppôr que este signal de coçar a cabeça com o dedo havia substituido na linguagem gesticulada a erecção do dedo medio sobre a mão fechada: «Vêde, diz elle, vêde affluir de toda a parte a Roma todos os effeminados, que coçam a cabeça só com um dedo:—*qui digito scalpunt uno capite*.

As cortezãs, porém, preferiam fallar com os olhos a fazerem-se comprehender pelos signaes do dedo, e nada podia igualar a eloquencia, a persuasão, e a attracção do seu olhar obliquo:—*oculus limus*. O grave rhetorico Quintiliano quer que o orador tenha em certas occasiões os olhos banhados em doce voluptuosidade, obliquos, e por assim dizer, amorosos:—*venerei*. Appuleyo, na sua *Erotica* apresenta uma cortezã que lança olhares obliquos e mordazes ou mordentes:—*limis atque morsicantibus occulis*. A isto chamavam as cortezãs caçar com os olhos:—*occulis venari*. «Vê-a, diz o Soldado de Plauto, vê-a caçar na carreira com os olhos e no vôo com os ouvidos.»

Esta liguagem muda em que as cortezãs tanto sobresahiam, fallando-a e

comprehendendo-a, veio a ser tão familiar a todas as mulheres de Roma, que não usavam de outra em assumptos de amor ou de recreio. Um antigo poeta latino compara esta rapida troca de olhares, gestos e signaes entre uma *preciosa* e os seus amantes, ao jogo da pella, em que o habil jogador, recebendo-a da mão de muitos outros a todos elles a devolve. «Entretem este, diz elle, e faz signal áquelle; a sua mão occupa-se em provocar um amante, mas já está o pé a provocar outro; colloca nos labios um annel e mostra-o a um, para chamar outro, e quando falla com este, entende-se com os outros movendo o dedo.»

O grande mestre da arte de amar, Ovidio, no seu poema escripto no regaço de illustres cortezãs, e talvez mesmo sob os ditames de muitas d'ellas, poz na bocca de uma das suas voluptuosas musas inspiradoras estas lições de pantomima amorosa:

«Olha para mim, diz esta habil *gesticularia*, observa os movimentos da minha cabeça e a expressão do meu rosto, observa e repete depois de mim estes signaes furtivos — *furtivas notas*. Enrugando levemente os cilios, dir-te-hei palavras tão eloquentes, que pareçam mesmo ter voz; as mesmas palavras me poderás lêr nos dedos, como se n'elles estivessem escriptas. Quando os prazeres do nosso amor te occorrerem ao pensamento, toca-me suavemente com o pollegar as minhas faces rosadas. Resôa no teu coração algum écco que te falle de mim? Leva a mão á extremidade da orelha. Oh luz da minha alma! Quando te parecer bem o que eu disser ou fizer, passeia o annel pelos dedos. Colloca a mão na meza, á maneira de quem faz um voto, quando desejares todos os males do mundo ao meu insupportavel ciumento.»

Os poetas estão cheios d'estes dialogos tacitos dos amantes, e Tibullo principalmente louva e exalta a habilidade da sua amada na arte de fallar por signaes em presença de uma testemunha importuna, occultando as mais ternas palavras com uma engenhosa pantomima. Esta lingua universal era em Roma tanto mais necessaria, quanto frequentes vezes succedia não se poderem entender de outro modo, pois a grande maioria das cortezãs eram estrangeiras e não podiam por conseguinte fazer uso da sua lingua natal, no meio de uma população composta de gente de todos os paizes do mundo conhecido. Muitas d'aquellas mulheres publicas careciam além d'isso de educação, e não conseguiriam agradar desfigurando o latim de Cicero e de Virgilio, ainda que, segundo um poeta romano, nem o amor nem o prazer commettem solecismos. Havia tambem na lingua de Roma uma singular reserva, que nunca permittia o emprego de uma palavra ou de uma imagem obscena. Os escriptores, poetas ou prosadores, ainda os mais graves e austeros, tinham o cuidado de se sujeitarem a esta castidade de expressão, como se sómente o ouvido se offendesse com aquillo que não offendia jámais a vista. Cicero diz que se as palavras não cheiram mal, affectam desagradavelmente o ouvido e a vista.

A lingua erotica latina era, não obstante, muita rica e estava muito aperfeiçoada; tinha tomado da grega tudo aquillo de que podia apropriar-se sem prejudicar a sua indole propria; desenvolvia-se e augmentava sem cessar, prestando-se a todas as phantasias libidinosas dos seus poetas eroticos; repellia os neologismos barbaros e empregava frequentemente as allusões e as reticencias, de modo que fazia passar para o seu vocabulario os da guerra, da marinha e da agricultura. De resto, tinha apenas um pequeno numero de palavras technicas, de raiz exotica as mais d'ellas, que lhe fossem proprias, e preferia desviar da sua primitiva accepção as palavras mais honestas e mais usuaes, marcando-as com o sello da libertinagem por meio de um tropo frequentes vezes engenhoso e poetico.

Mas esta lingua, que não conhece reticencias nas elegias de Catullo, nos epigrammas de Marcial, nas historias de Suetonio, nas fabulas de Appuleyo,

apenas se fallava nas reuniões licenciosas, ou nas expansões particulares intimas, de amigo para amigo ou de amante para amada, pois está averiguado um facto extraordinario, e é que as livres e desaforadas cortezãs, as que menos decentes podiam considerar-se nos seus trajos e costumes, se envergonhariam de proferir em publico uma palavra obscena ou mal soante. Este pudor de linguagem impedia-as frequentemente de parecerem o que eram, e os poetas que ordinariamente lhes faziam a côrte podiam imaginar que estavam tratando com donzellas.

Os nomes de carinho e ternura que os amantes trocavam entre si, não eram menos decorosos, castos e innocentes, quando a amada era cortezã e o amante um poeta erotico. O poeta chamava-lhe a *sua rosa*, a *sua rainha*, a *sua deusa, estrella, pomba, luz*. Ella correspondia a toda esta doçura, chamando-lhe *joia, pomba, mel, ambrozia, menina dos meus olhos* (*occulissimus*,) *sua alegria*, e nunca empregava interjeições impudicas. A mais usada era esta *Amabo!* grito apaixonado que resumia o protesto de amor eterno de uma vida inteira!...

Logo que duas pessoas de um e outro sexo se ligavam com relações intimas, davam-se reciprocamente os nomes de irmão e irmã (*frater* e *soror*,) denominação de um terno carinho, que era commum entre as cortezãs, desde a mais humilde até á mais altiva. «Quem te prohibe de tomares uma *irmã*?» diz uma das heroinas de Petronio. E n'outro logar diz um homem a outro homem: «Cedo-te meu *irmão*.» A's vezes, fallando de uma amante de outros tempos, dizia-se: «irmã do lado esquerdo» (*læva soror*, diz Plauto.) E uma cortezã chamava *irmãozinho* (*fraterculus*) ao amante de occasião.

Não nos cançamos de admirar a decencia e o pudor da linguagem fallada, perpetuo contraste com a immodestia dos gestos e a audacia deshonesta dos actos. D'aqui esta locução que occorria a cada passo nos discursos, em fórma de sentença ou de conselho: *Parcite auribus*, respeitae os ouvidos. Quanto aos olhos, nada se lhes poupava, nem elles tão pouco se escandalisavam de nada do que se lhes offerecia. Sem o menor vislumbre de repugnancia, detinham-se até mesmo com uma especie de complacencia nas paginas d'aquelles livros obscenos, d'aquelles escriptos eroticos em verso e prosa, que os libertinos de Roma liam com tanto prazer durante a noite, *pagina nocturna*, segundo diz Marcial. Era este um genero de litteratura muito cultivado entre os romanos, ainda que refractario ao gosto das pessoas honradas. Os auctores d'esta litteratura tão grata ás cortezãs pretendiam, ao que parece, conquistar graças a ella um nome nos fastos da libertinagem, e honrar d'este modo os deuses impudicos a que se consagravam. Mas não eram tão sómente libertinos de profissão os que compunham aquelles livros lubricos (*molles libri*,) eram muitas vezes os poetas, os escriptores mais festejados e estimaveis, que se deixavam arrastar a este impudor da imaginação e do talento, que era em certo modo uma offerenda feita a Venus, e em certos casos um simples gosto litterario, um sacrificio ás tendencias e predilecções do mundo que lia.

«Plinio, que é geralmente estimado, diz Ausonio no *Centum nupcial*, compoz muitas poesias lascivas, e todavia os seus actos nunca offereceram o mais leve motivo de censura. O *Tratado de Sulpicia* exhala uma ardente sensualidade, e no emtanto esta digna matrona não era das que se sorriam muito a miudo. Appuleyo, cuja vida era perfeitamente a de um sabio, mostra-se demasiado amoroso nos seus epigrammas. Nos seus preceitos reina continuamente a severidade: as suas cartas a Cerelia transpiram licença e sensualidade. O *Symphosion* de Platão tem poemas que parecem ter sido escriptos nos lupanares. Que direi do *Erotopægnion*, do velho poeta Levio, dos versos satyricos (*fescenninos*) de Ennio? Precisarei de citar Eveno, chamado por Menandro o *sabio*? E Menandro e os outros poetas comicos? O seu modo de vida era austero, mas

as suas obras demasiado livres. E Virgilio, que foi denominado *Parthenio* pela sua castidade, não descreveu no livro 8.º da *Eneida* os amores de Venus e Vulcano, com um impudor que póde chamar-se indecente? E as *Georgicas* e *Bucolicas* do grande poeta?»

Plinio, para desculpar-se da libertinagem do seu estylo, dizia: «O meu livro é obsceno, mas a minha vida é pura. (*Lasciva est nobis pagina, vita proba.*)»

A bibliotheca privada das cortezãs e dos seus amantes devia ser considevel, mas só chegaram aos nossos dias os nomes dos auctores. Entre os romanos, do mesmo modo que entre os gregos, os eroticos foram os que maiores proscripções soffreram da parte da moral christã. Em vão a poesia pedia piedade para elles; em vão se acolhiam á protecção illustrada e liberal dos amantes da antiguidade; em vão se perpetuavam de bocca em bocca na memoria dos homens voluptuosos e das mulheres galantes: o christianismo perseguia-os implacavelmente até nas reminiscencias da tradição. Todos desappareram, todos foram esquecidos, excepto os protegidos pelo privilegio de uma grande reputação poetica, como Catullo e Marcial. O escrupulo religioso chegou até ao extremo de ir rasgar muitas paginas nas obras dos melhores escriptores. As lettras latinas perderam assim a maior parte dos seus poetas pagãos, devendo-se essa destruição systematica aos Padres da Egreja.

Nada possuimos de Proculo, que, segundo diz Ovidio, havia seguido as pisadas de Callimacho; nem dos oradores Hortensio e Servio Sulpicio, que fizeram versos tão bellos, apesar de serem ao mesmo tempo tão livres; nem de Sisena, que traduziu do grego as *Milesianas*, de Aristides (*Milesii libri;*) nem de Menmonio e Ticida, que no dizer de Ovidio não se importavam mais com o pudor nas palavras do que nas acções; nem de Sabello, que cantou os mysterios e arcanos do prazer, á imitação da poetisa grega Elephantis; nem de Cornificio, de Eubio, do impudente Anser, de Porcio, de Edituo, de tantos outros eroticos, em summa, que faziam as delicias das cortezãs e das *boas meretrizes* de Roma.

Os christãos dos primeiros tempos da Egreja não respeitaram mais os eroticos gregos, e assim desappareceram os versos de Sotades, o libidinoso Sotades, que deu o seu nome ás poesias inspiradas pelo amor *contra naturam*; de Mimnerno, de Smyrna, cujos versos, segundo Propercio, valiam mais em amor do que as rapsodias de Homero; do impuro Hemiteon, de Sybaris, que resumiu a experiencia das suas desordens n'um poema, que intitulou *Sybaritis;* de Nico, a impudica, que ousou pôr em verso os seus actos de cortezã; do celebre Museu, cuja lyra rival da de Orpheu evocava todas as paixões de Venus.

D'este modo foi quasi completamente aniquilado o pantheon da libertinagem grega e romana, depois de dois ou tres seculos de perseverante censura e de implacavel proscripção. As cortezãs e os libertinos não foram tão tenazes como os sabios em defender os seus auctores favoritos, porque libertinos e cortezãs tornavam-se devotos na velhice e queimavam os seus livros. Os unicos auctores francamente lubricos, que conseguiram escapar a esta hecatombe, foram Horacio, Catullo, Marcial e Petronio.

CAPITULO XX

SUMMARIO

Enfermidades secretas dos antigos.—*Impura Venus.*—Repugnancia dos auctores antigos em fallarem d'estas affecções vergonhosas.—Invasão da sensualidade asiatica em Roma.—Causas da propagação do vicio contra a natureza entre os antigos.—Porque se recusavam os medicos antigos a tractar das enfermidades secretas.—Enfermidades sexuaes das mulheres.—Os encantadores e os charlatães.—A grande lepra.—A pequena lepra, ou mal de Venus.—Importação d'este mal em Roma por Cneio Manlio.—*Morbus indecens.*—De como a maior parte dos medicos eram escravos ou libertos.—Porque se rodeavam de mysterios na antiguidade as doenças venereas.—A existencia d'estas doenças comprovada no *Tratado Medico* de Celso.—Sua descripção e modos de as curar.—Manuscripto do seculo XIII descrevendo as affecções syphiliticas.—Apparição da elephantiasis em Roma.—Asclepiades de Bithinia.—Musa, medico de Augusto.—Meges, de Sidonia.—Descripção espantosa da elephantiasis.—Sua analogia com a syphilis do seculo XV.—*Campanus morbus.*—Spinturnicium.—O rubigo.—O priapismo.—Juno-Fluonia.—Origem das palavras *aucunnuentae, bubonium,* etc.—Enfermidades nacionaes trazidas a Roma pelos estrangeiros —Os medicos gregos Vetio, Vales, Temison e Thesalo de Trallos.—Os empiricos, os antidotarios e os pharmacopolas.—Menecrates.—Servilio Damocrates.—Asclepiades Pharmacion.—Appollonio de Pergamo.—Criton.—Andromaco e Dioscorides.—Os medicos pneumatistas.—Galeno e Oribases.—Archigenes, Herodoto, Leonidas de Alexandria.—Os *archiatri.*—*Archiatri* patricios e *archiatri* populares.—Instituição dos *archiatri*, regularisada e completada por Antonino, o Pio.—Eutico, medico dos jogos matinaes.—As parteiras e os medicos.—Epigramma de Marcial contra Lesbia.—O *solium* e o seu uso em Roma.—Porque era que os affectados de affecções secretas não se punham nas mãos dos medicos romanos.—Morte de Festo, amigo de Domiciano.—Drogas dos charlatães para a cura das enfermidades syphiliticas.—Superstições religiosas.—Offerendas aos deuses.—Os sacerdotes medicos.—Abominavel apophthegma.



ESPANTOSA prostituição, em cujo lodo infecto se revolvia a sociedade romana, não podia deixar de corromper a saude publica, e apesar dos poetas, historiadores e medicos da antiguidade guardarem silencio sobre este ponto, que receiavam patentear ao publico, como um assumpto vergonhoso, apesar mesmo dos repugnantes effeitos do que um escriptor do seculo VIII chama amor impuro (*impura Venus*) haver deixado raros vestigios nos escriptores satyricos e nos proprios tratados de materia medica, não é possivel deixar de reconhecer que a depravação de costumes entre os romanos devia necessariamente multiplicar os germens e estragos das enfermidades de Venus.

Estas enfermidades eram decerto muito numerosas, sempre muito tenazes e frequentemente terriveis; no emtanto, foram desattendidas pelos medicos e naturalistas gregos e romanos. Só podemos aventurar conjecturas philosophicas sobre as causas d'este esquecimento e silencio geral, e na ausencia completa de indicações formaes temos de suppôr que motivos religiosos impediam de admittir entre as enfermidades ostensivas as que affectavam os orgãos da geração, tendo por origem as desordens da libertinagem.

Os antigos não queriam fazer offensa aos deuses, que tinham concedido aos homens os beneficios do amor, accusando esses mesmos deuses de haverem misturado um veneno eterno a essa eterna ambrosia; os antigos não queriam que Esculapio, inventor e deus da medicina, entrasse em lucta aberta com Venus, procurando oppôr-se ás vinganças e castigos da deusa. N'uma palavra,

as affecções dos orgãos sexuaes, pouco conhecidas tanto na Grecia como em Roma, occultavam-se, disfarçavam-se, como se marcassem com um sêllo de infamia os atacados, que se tratavam em segredo, com o auxilio das magas e vendedoras de philtros.

As affecções de Venus foram sem duvida menos frequentes e menos complicadas entre os gregos que entre os romanos, porque a prostituição estava longe de fazer os mesmos estragos em Athenas que em Roma. Não havia na Grecia, como na capital do mundo romano, essa assombrosa promiscuidade de sexos, de idades e de nações. A libertinagem grega, realçada por um certo prestigio de sentimento e de amor ideal, nunca abrira os braços, como a romana, a todas as prostituições estrangeiras. A primeira havia sempre conservado, ainda mesma nos seus maiores excessos, uns certos instinctos de delicadeza: emquanto que a segunda se abandonou muito cedo aos mais grosseiros appetites, levando até aos derradeiros limites a brutalidade material.

Não pode duvidar-se de que graves accidentes de contagios secretos acompanharam a invasão da luxuria asiatica em Roma. No anno 568 da fundação de Roma, 187 antes de Christo, foi quando esta *luxuria asiatica*, como Santo Agostinho a denomina, na *Cidade de Deus*, foi trazida pela primeira vez á Italia pelo Proconsul Cneio Manlio, que havia submettido a Gallo-Grecia e vencido Antiocho, o Grande, rei da Syria. Cneio Manlio, desejoso de obter as honras do triumpho, que afinal não lhe foram outorgadas, trouxe para Roma uma multidão de bailarinas, flautistas, cortezãs, eunuchos, effeminados e outros muitos infames auxiliares de uma libertinagem desconhecida até então na Republica romana. Os primeiros effeitos d'esta prostituição execravel foram evidentemente umas enfermidades sem nome, que atacaram os orgãos da geração e se propagaram no povo, complicando-se gravemente umas com as outras.

«Foi então, diz Santo Agostinho, que appareceram leitos incrustados e tapetes preciosos; foi então que as tocadoras de instrumentos se introduziram nos festins, e com ellas muitas preversidades licenciosas (*tunc inductæ in convivia psalteriæ et aliæ licentiosæ nequitiæ.*)»

Estas tocadoras vinham de Tyro, Babylonia e outras cidades da Syria, onde desde tempo immemorial as fontes da vida estavam viciadas por enfermidades horriveis, filhas da sensualidade. Os livros de Moysés, provam a existencia d'estas enfermidades entre os hebreus, que as trouxeram do Egypto e as acharam de novo e mais terriveis ainda nos povos da Terra Promettida. Os hebreus destruiram quasi completamente aquelles povos, ammonitas, madianitas e chananeus: no emtanto, estes, desapparecendo ante elles, legaram-lhes, como herança de odio e de vingança, uma multidão de impurezas, que lhes inficionaram ao mesmo tempo os costumes e o sangue. Desde então não houve no mundo uma raça de homens mais viciosa e contaminada do que a raça hebrea. Os povos limitrophes da Judeia, aquelles antigos devotos da prostituição sagrada, tinham ao menos, mesmo nas suas desordens, mais delicadeza e refinamento, e por isso guardavam muito melhor o seu corpo e a sua saude. A Syria inteira, porém, era um fóco permanente de peste, lepra e mal de Venus (*lues venerea.*) A este perigoso fóco de corrupção physica e moral é que Roma foi buscar novos prazeres e novas enfermidades.

Já sustentamos esta these, que não é um paradoxo, e que a sciencia em caso de necessidade appoiará sobre bases solidas: o vicio contra a natureza, que apenas Moysés entre todos os legisladores antigos reprovou, não existia, não podia existir no estado de tolerancia em toda a antiguidade, senão em consequencia dos frequentes e mesmo continuos perigos, que perturbavam a ordem regular dos prazeres naturaes. As mulheres estavam geralmente sujeitas a muitas enfermidades, e o seu contacto carnal, em certas circumstancias, sob a influencia de temperamentos diversos, da estação, da localidade, do genero de

vida, trazia repugnantes consequencias, demasiado funestas á saude de seus maridos, ou de seus amantes. As mulheres mais saudaveis, as mais puras, deixavam de o ser repentinamente por causas quasi inapreciaveis, que escapavam tanto ás precauções da hygiene como aos remedios da medicina. O calor do clima, a falta de asseio corporal, a indisposição periodica do sexo feminino, a degeneração d'esta indisposição ordinaria, o fluxo branco, os corrimentos provenientes dos partos e outras causas accidentaes produziam enfermidades locaes, que variavam de symptomas e de caracter, segundo a idade, a organisação, o temperamento e o regimen do individuo.

Estas enfermidades estranhas, cuja origem era quasi desconhecida e cuja cura radical era muito longa e difficil, e impossivel até em alguns casos, cercavam de uma especie de desconfiança as relações mais legitimas entre um e outro sexo. De resto, considerava-se como uma mancha quasi indelevel toda a inflammação, todo o abatimento das forças geradoras. Attribuia-se ás influencias de maus espiritos e a outras superstições similhantes aquelles germens venenosos, que se occultavam nas mais ternas caricias da mulher amada, e bem depressa se chegava a temer o que tanto se havia desejado, antes de se ter conhecido o que estas caricias occultavam de perfido e hostil.

Eis o motivo, porque o temor e ás vezes o nojo vieram a afastar do commercio das mulheres os homens, ensinados por uma triste experiencia sobre os phenomenos morbidos inherentes a esse commercio. Eis o motivo por que uma vergonhosa desordem ou desvario da imaginação levou os antigos a experimentar a troca das leis physicas da humanidade, tirando ás mulheres o privilegio do seu sexo, para o transferir para uns seres bastardos e envilecidos, que consentiam na deshonra de não pertencerem a sexo algum, tornando-se os doceis instrumentos de uma asquerosa sensualidade.

E' verdade que outras enfermidades de um genero mais repugnante e não menos contagioso se arraigaram logo na população, graças a estas depravadas predilecções; no emtanto, estes males eram menos communs do que os produzidos pelo contacto feminino, e podiam até mesmo prevenir-se muito melhor. Em todas estas differentes enfermidades a lepra, endemica em todo o Oriente, apparecia debaixo das fórmas mais caprichosas e inexplicaveis.

Os medicos da antiguidade, segundo fortissimas razões que temos para o acreditar, recusavam-se a tratar dos males de uma e outra Venus, (*utraque Venus,*) que tinham a seus olhos, exactamente como aos do vulgo, uma apparencia de maldição divina e um torpe sêllo de infamia. Por isso os desgraçados doentes tinham que recorrer, em busca da saude perdida, a praticas religiosas, ás receitas do empirismo vulgar, e aos segredos tenebrosos da magia. As sciencias occultas e a arte dos philtros applicavam a estas enfermidades os seus recursos, sendo ellas um meio de riqueza e de credito para os magos e sacerdotes.

O contagio venereo, que inevitavelmente resultava de um commercio impuro, foi sempre considerado como um castigo do ceu, ou como uma vingança infernal, e a victima d'este contagio, longe de queixar-se accusando o auctor do seu infortunio, culpava-se a si propria, e em si propria procurava as causas d'aquella prova dolorosa. D'aqui uma multidão de offerendas e sacrificios nos templos; d'aqui as invocações magicas no recesso dos bosques desertos; d'aqui a intervenção officiosa das velhas, dos encantadores e de todos os charlatães subalternos, que viviam á custa da prostituição. E' impossivel interpretar de outra fórma o silencio dos escriptores gregos e romanos sobre as enfermidades vergonhosas, que antigamente eram mais frequentes e de peior caracter do que hoje em dia.

Os medicos verdadeiros não atacavam estes males senão secretamente, e os acommettidos d'esta pestilencia, homens e mulheres, não a confessavam

nunca, embora o silencio lhes houvesse de custar a vida. A lepra, essa enfermidade quasi incuravel, que se transformava até ao infinito, e que offerecia nos seus differentes graus symptomas tão multiplicados, a lepra servia de pretexto unico a todas as affecções venereas. E' verdade que este horrivel contagio tambem as produzia, modificava, exacerbava e desnaturalisava, dando-lhes essencialmente a apparencia de uma erupção cutanea. E' claro que a lepra e as affecções venereas, confundindo-se, combinando-se, e reforçando-se reciprocamente, acabaram por se apoderar da economia, deixando um virus hereditario espalhado por uma nação inteira. Assim a grande lepra pertencia tradicionalmente ao povo hebreu; a pequena lepra, ou mal de Venus (*lues venerea,*) ao povo syrio.

Quando este mal entrou em Roma com as syrias, que Cneio Manlio trouxera da Asia para fundar na sua patria uma escola de prazeres, Roma, já a esse tempo victoriosa e senhora de uma parte do mundo, não tinha medicos. No interior da cidade, nunca os havia tolerado, a não ser nas circumstancias especiaes de uma peste; no emtanto, restabelecida a saude, e isempta de perigo a republica, os medicos gregos, chamados para esta crise suprema, eram desde logo despedidos com aquelle desdem, que o povo de Romulo, nos tempos da sua severa e altiva independencia, mostrava pelas artes que floresciam sob a protecção e amparo da paz. Verdade seja que os romanos tinham vivido até então uma vida laboriosa, austera e frugal, não conheciam outra enfermidade além da morte, segundo a energica expressão de um antigo poeta, e a sua natureza robusta, exercitada de muito cedo nas privações e fadigas da guerra, não temia outras doenças que não fossem as feridas dos combates. Toda a medicação de que tinham necessidade reduzia-se, pois, ao conhecimento das plantas vulnerarias e á pratica de algumas operações cirurgicas. A sua sobriedade e continencia conservavam-os então ao abrigo dos males produzidos pelos excessos da gula e da sensualidade. Os que por um vicio odioso, familiar aos faunos e aborigenes, seus antepassados, viam sobre si a mancha de uma affecção vergonhosa, tinham o maior cuidado em não a reproduzirem ou propagarem, preferindo morrer a procurar um remedio ou a revelar a sua torpeza.

De resto, n'aquelles tempos de innocencia, ou para melhor dizer de pudor, todas as enfermidades que affectavam o *pudendum,* quaesquer que fossem os seus diagnosticos, confundiam-se n'uma só denominação, que prova mais uma vez todo o horror, que universalmente inspiravam: eram chamadas *morbus indecens.* O pensamento e a imaginação evitavam demorar-se sobre as particularidades distinctivas das differentes affecções que se designavam d'este modo. Podemos, no emtanto, indicar, senão discutir e apreciar, as que se manifestavam com mais frequencia. A *marisca,* tumor canceroso que tinha o tamanho de um figo grande, cujo nome lhe foi dado, e que obstruia o anus, propagando-se muitas vezes em volta d'elle. Quando esta excrescencia era menor, chamava-se *ficus,* figo vulgar, e quando se apresentava n'uma fórma multipla e purulenta, denominava-se *chia,* que era tambem o nome grego do figo pequeno ou sylvestre.

Entre as mulheres este mal tomava com frequencia o caracter de um fluxo mais ou menos acre, sanguinolento ás vezes, sempre fetido, cujo nome generico de *fluor* exigia um epitheto que a natureza do mal tinha de prescrever.

O *morbus indecens* tinha, porém, poucas variedades mais, e quando atacava uma victima, ou antes um culpado de um ou outro sexo, não ia communicar-se a outros e produzir novas especies de fructos venenosos. O mal, entregue a si proprio, fazia estragos incuraveis e devorava secretamente o enfermo, cujo estado deploravel prolongavam os banhos e as fricções. Succedia, no emtanto, que n'um temperamento energico o mal parecia ceder desapparecendo

por algum tempo, mas d'ahi a pouco voltava com a maior tenacidade e debaixo das fórmas mais terriveis. Não havia tambem quem ousasse luctar contra os tristes effeitos do *morbus indecens,* a não ser o empirismo e a magia. Os unicos medicos, que então havia em Roma, eram miseraveis escravos, gregos ou judeus, cuja pharmacopéa se compunha de philtros, talismans e praticas supersticiosas. Tal medicina parecia feita de proposito para doenças d'esta especie, que os proprios enfermos attribuiam de bom grado, por se furtarem á vergonha de lhes revelarem a verdadeira causa, á fatalidade, á malefica influencia dos astros, ou dos demonios, e á vingança dos deuses.

Não devemos esquecer que a medicina grega se estabeleceu em Roma quasi ao mesmo tempo que a luxuria asiatica. Esta data do anno 588 da fundação da cidade de Romulo, aquella do anno 600, pouco mais ou menos. Setenta annos antes, ahi por 535, alguns medicos gregos tentaram estabelecer-se na capital do mundo romano, onde os chamavam diversas enfermidades, contra as quaes nada podia a austeridade romana. Devemos crêr que o *morbus indecens* era uma d'aquellas chronicas e inveteradas affecções. Tantas difficuldades encontraram, porém, que tiveram que renunciar a esta primeira tentativa de estabelecimento. Voltaram pouco depois, quando Roma já não tinha razões para se mostrar tão orgulhosa da saude dos seus habitantes. No espaço de alguns annos a opulencia e a libertinagem haviam creado e desenvolvido uma multidão de enfermidades, totalmente desconhecidas nos tempos severos da Republica. Entre essas enfermidades, as mais communs e variadas foram certamente as que a libertinagem havia produzido. No emtanto, havia um especial cuidado em attribuir-lhes causas mais honrosas, ou em occultar-lhes mesmo a causa, e o medico esforçava-se tambem por encobril-as sob um veu decente, collocando-as na cathegoria das enfermidades honestas. Eis a razão por que estas doenças vergonhosas não apparecem nas obras medicas da antiguidade, senão disfarçadas com nomes que as salvavam completamente da infamia.

No immenso e repugnante circulo da lepra, devemos procurar quasi todos os germens de males venereos, em que, como a moderna, tanto abundava a prostituição antiga. A maior parte dos medicos eram escravos ou libertos. «Mando-te um medico escolhido entre os meus escravos,» lê-se em Suetonio, (*mitto tibi præterea cum eo ex servis meis medicum.*) E esta passagem, ainda que diversamente interpretada pelos commentadores, prova que um medico não era, por via de regra, senão um simples escravo em casa de um rico patricio. Cada qual podia ter um medico particular, uma vez que o comprasse, por elevado preço decerto, porque o valor usual de um escravo dependia da especialidade do seu merito, e um medico habil, que devia ser ao mesmo tempo habil cirurgião e pharmaceutico, por certo não se pagaria menos caro do que um musico ou philosopho grego. Comprehende-se que o medico, por isso que não desempenhava outro papel senão cuidar de seu amo e das outras pessoas da casa, exercia servilmente a sua arte, e por medo da vara, ou de outro castigo mais duro ainda, rodeava de uma prudente direcção as enfermidades domesticas, que tinha o encargo de curar, sob pena das mais crueis represalias. Os medicos *manumisi* não tinham tambem uma posição mais livre a respeito dos seus enfermos; não temiam decerto ser açoitados no caso dos seus remedios não darem resultado, ou fazerem mal, mas podiam ser chamados aos tribunaes e condemnados n'uma multa consideravel, se o exito não correspondesse aos seus esforços, ou se a sua arte se reconhecesse impotente contra a enfermidade. E' evidente que em tão delicada situação, o medico não tomava a seu cargo senão aquellas doenças de que, na sua opinião, podia triumphar. Este estado de cousas é sufficiente para nos fazer comprehender que, para se ter a certeza da assistencia em caso de enfermidade, era preciso ter pelo menos um medico en-

tre os escravos, que formavam o pessoal da casa, e este medico, depositario dos segredos da saude de seu amo, era mais que nunca necessario, quando Venus ou Priapo se mostravam desfavoraveis ou hostis.

Este facto explica só por si satisfactoriamente, em nossa opinião, o mysterio que rodeiava as enfermidades venereas da antiguidade, mysterio que recommendavam igualmente a religião e o pudor publico. Os romanos erigiram um templo á Febre e outro á Tosse, mas julgariam offender Venus, sua divina ascendente, consagrando um culto ás enfermidades que deshonravam a deusa. Chegavam a negar estas enfermidades como injuriosas para a humanidade, e nem sequer admittiam que o *morbus indecens* tivesse nome nos annaes da medicina e da Republica.

A existencia d'este mal, da verdadeira syphilis, ou pelo menos de uma affecção analoga, está sem embargo comprovada no *Tratado Medico,* de Celso, bem que elle não ouse attribuil-a a um commercio impuro e evite ir buscar-lhe a origem n'uma fonte suspeita. Celso, discipulo ou contemporaneo de Asclepiades, de Bithinia, o primeiro medico celebre que veio da Grecia a Roma, não nos deixa a menor duvida ácerca da presença caracteristica do mal de Venus entre os romanos, pois, no seu admiravel resumo dos conhecimentos medicos do seculo de Augusto, descreve muitas affecções dos orgãos sexuaes, affecções evidentemente venereas, que a sciencia moderna se obstinou por muito tempo em distinguir dos phenomenos identicos da syphilis do seculo decimoquinto. Estas affecções estão descriptas com muita verdade na obra latina, para que nos possamos equivocar sobre a sua natureza contagiosa e transmissão coitiva. São, pois, o *morbus indecens,* e o *lues venerea,* ainda que Celso não lhes dê estes nomes genericos, ainda que dê nomes distinctivos, cuja creação parece pertencer-lhe, ás variedades d'esse mal obsceno. As reflexões, que precedem o paragrapho que Celso consagra ás enfermidades dos orgãos genitaes, no livro 6.° do seu tratado de medicina, confirmam a nossa opinião sobre os motivos de reserva e conveniencia, que se oppunham ao tratamento publico d'estas enfermidades em Roma.

«Os gregos, diz Celso, teem para tratar esta materia expressões mais convenientes, e acceites sobre tudo pelo uso, pois figuram sem cessar nos escriptos e na linguagem commum dos medicos: as palavras latinas offendem-nos mais e não teem em seu favor encontrarem-se na bocca dos que fallam com decencia. E', pois, difficil empreza respeitar as conveniencias, mantendo ao mesmo tempo os preceitos da arte. Mas esta consideração não deve deter-me a penna, em primeiro logar, porque não quero deixar incompletas as uteis lições que recebi, em segundo logar, porque importa tornar conhecidas do vulgar as noções medicas relativas ao tratamento d'estas enfermidades, que qualquer não revela a outro senão com grande constrangimento. (*Dein. quia in vulgus eorum curatio etiam præcipuè cognoscenda, quæ invitissimus quisque alteri ostendit.*)»

Assim desculpa Celso a sua resolução de publicar um tratamento conservado até então em segredo, e quer pôl-o ao alcance de todos (*in vulgus*) afim de obviar aos terriveis accidentes que resultavam da ignorancia dos medicos e da negligencia dos enfermos.

Em seguida, passa revista a essas enfermidades, que com todos os seus signaes especiaes se acharão nas monographias da syphilis. Falla primeiramente da inflammação do *penis* (*inflamatio colis*) e preceitua para ella abundantes fomentações de agua quente e injecções emollientes no canal da uretra: recommenda que se fixe o membro sobre o abdomen, afim de se evitar ao doente o soffrimento que resulta da tensão do prepucio, que costuma apresentar ainda ulceras seccas ou humidas.

«Estas especies de ulceras, diz o sabio Celso, necessitam de frequentes

loções de agua quente. E' mister cobril-as tambem e subtrahil-as á influencia do frio. O membro apresenta-se ás vezes tão corroido por debaixo da pelle, que costuma cahir a glande: n'este caso, é preciso cortar ao mesmo tempo o prepucio.»

O medico indica para a cura d'estas ulceras uma preparação composta de pimenta, açafrão, myrra, cobre queimado e mineral vitriolico, tudo misturado em vinho adstringente. Não será isto uma gonorrhéa syphilitica, acompanhada de cancros e ulcerações?

Celso menciona tambem os tuberculos (*tubercula,*) excrescencias fungosas, que se formam em redor da glande, e que é preciso cauterisar com um ferro em braza, ou com causticos, pulverisando com limalha de cobre o sitio das escaras, para evitar que se reproduza esta vegetação parasita.»

Depois de apresentar claramente estes phenomenos do virus venereo, o illustre medico detem-se em certos casos excepcionaes em que as ulceras, resultantes de um sangue viciado, ou de uma predisposição do individuo, produzem a gangrena que ataca o corpo do penis. N'este caso ha que fazer incisões, cortar no são, separar as carnes gangrenadas e cauterisar com pós causticos, especialmente com um composto de cal, calcitis e pimento. O enfermo que soffreu esta operação com frequencia perigosa, vê-se condemnado ao repouso e á immobilidade até que as escaras da cauterisação cahiam por si mesmas. A hemorrhagia é imminente, quando foi mister cortar parte do penis.

Em seguida, Celso falla de um cancro (*canceris genus,*) cuja malignidade exige sem demora tratamento, que deve ser a applicação de um ferro em brasa, apenas appareça. De outro modo a inflammação apodera-se do penis, rodeia a glande, invade a uretra e entra até á bexiga; n'este caso é acompanhada de uma gangrena latente, sem dôr, que determina a morte, apesar de todos os auxilios da arte. E' possivel que alguem pretenda que esta especie de cancro não era o indicio local da syphilis mais maligna.

O celebre medico cita depois muito superficialmente uma especie de tumor calloso, insensivel ao tacto, que se estende por todo o penis e deve cortar-se com precaução. Quanto ao carbunculo (*carbunculus,*) que se apresenta no mesmo sitio, ha de limpar-se com injecções, antes de ser cauterisado. Depois d'esta excrescencia haver cahido, póde recorrer-se aos medicamentos liquidos que se preparam para as ulceras da bocca.

Nas inflammações lentas ou espontaneas dos testiculos, que não teem por causa immediata um golpe, (*sine ictu orta*) e provêem por conseguinte de um accidente venereo, Celso aconselha a sangria do pé, a dieta e a applicação de topicos emollientes; e ao mesmo tempo dá a receita de muitos topicos para o caso em que o testiculo se ponha duro e passe ao estado de dureza chronica. O illustre medico tem todo o cuidado em distinguir a inchação dos testiculos, produzida por uma causa interna, da resultante de uma violação exterior, de um golpe ou pressão. Não passa a tratar senão com repugnancia das enfermidades do anus, que são, diz elle, muito numerosas e enfadonhas (*multa tœdique plena mala.*) E descreve sómente tres: as rhagadas, ou gretas, as condylomas, ou excrescencias e as hemorrhoidas, que podiam ser em certos casos vereneas. As gretas do anus, cuja vergonhosa origem Celso não explica, tratavam-se com um emplasto em cuja preparação entrava o chumbo, lethargirio de prata e terebenthina. Algumas vezes as gretas estendiam-se até aos intestinos e enchiam-se de fios embebidos na mesma dissolução antisyphilitica. As affecções d'este genero reclamavam uma alimentação simples, suave, gelatinosa, um repouso completo e uso frequente de semicupios de agua morna.

Quanto ás condylomas, excrescencia que nasce ordinariamente de certas inflammações no anus (*tuberculum, quod ex quadam inflamatione nasci solet,*) é preciso tratal-as logo desde o seu principio do mesmo modo que as gretas;

depois dos semicupios e dos emplastos póde em certos casos recorrer-se á cauterisação e aos causticos mais energicos: o antimonio, o alvaiade, o alumen e o lethargirio são os ingredientes ordinarios dos topicos destinados a destruir estas excrescencias, em cuja desapparição é conveniente prolongar o regimen emolliente e refrigerante.

Aconselhando remedios analogos para as hemorrhoidas ulcerosas e tuberculosas, Celso dá a entender que as attribuia a uma causa similhante. Não falla senão com muita reserva de um accidente que a libertinagem tornava mais commum e perigoso, o desprendimento do anus e da madre (*si anus ipse, vel os vulvæ procidit.*) Foge tambem de se occupar das enfermidades vergonhosas das mulheres, e apenas ao terminar indica summariamente uma ulcera similhante a um fungo (*fungo quoque simile*) que affectava o anus e a madre. Manda banhar esta ulcera com agua morna, de inverno, e com agua fria, de verão, polvilhal-a com limalha de cobre, cêra e cal, e applicar logo a cauterisação, se o mal não cede ao primeiro tratamento. Vê-se por isto que Celso, por deferencia para com o sexo feminino, deixa de apresental-o como affectado com igual intensidade das molestias obscenas. O sabio julgaria fazer ao bello sexo um grande ultraje mostrando-o exposto tambem ás inflammações, ás ulceras, aos tuberculos e a todos os estragos do mal de Venus.

E agora, que o sabio auctor do *Manual das enfermidades venereas* venha negar o que está escripto na obra de Celso e faça alarde de cega obstinação, declarando que «em todo o tratado de Celso nada se diz que possa fazer suspeitar a existencia do virus syphilitico, mas sim de muitas affecções locaes, devidas com frequencia a causas tambem locaes, não virulentas; e que accrescente, depois de haver resumido o programma de Celso, sobre as enfermidades dos orgãos sexuaes: «E', pois, natural concluir com Astruc e Lamettrie que todos esses pretendidos males venereos, de que os antigos fizeram menção, não eram enfermidades syphiliticas.» A nossa conclusão será inteiramente contraria, e depois de termos comparado as descripções dos medicos romanos com as que a observação moderna nos offerece como mais exactas e completas na historia da syphilis; depois de havermos explicado os motivos de cada um dos tratamentos prescriptos pela medicina antiga e moderna, não temos duvida sobre a natureza do mal. A syphilis, a verdadeira syphilis, produzida pela lepra e pela libertinagem, existia em Roma, como na maior parte dos paizes em que os costumes estavam corrompidos pela mistura de raças estrangeiras. O ultimo traductor de Celso, mais illustrado, ou pelo menos mais imparcial do que os seus predecessores, diz-nos que o sabio Littré encontrou manuscriptos do seculo decimo-terceiro, «em que todas as affecções dos orgãos sexuaes indicadas pelos antigos e ainda mesmo os accidentes que nós consideramos como secundarios, se referem manifestamente ao coito impuro,» e isto dois seculos antes da época que se quer assignar á invasão do mal venereo.

Esta enfermidade appareceu em Roma com o terrivel nome de *elephancia*, no anno 650 de Roma (105 antes da nossa era) e infestando dentro em pouco toda a Italia deu fórmas extranhas a todas as enfermidades com que se complicava. Asclepiades, de Bithinia, deveu em parte a sua celebridade a esta espantosa doença, que elle chamava o Protheu do mal, e em cuja cura sobresahia, por a haver tratado já na Asia Menor. Assim, segundo o testemunho de Plinio, os romanos julgaram vêr n'este celebre medico um espirito benefico enviado pelos deuses. Asclepiades, que havia applicado á medicina o systema philosophico de Epicuro, queria vêr em todas as enfermidades uma falta de harmonia entre os atomos, de que parecia composto o corpo humano. Foi elle o primeiro que dividiu as enfermidades em affecções chronicas, buscando as causas da inflamação n'uma accumulação de humores qualquer. Dedicou-se, portanto, especialmente ás affecções venereas. Era partidario do regi-

men dietetico; ordenava commummente as fricções e as fomentações de agua; imaginou os banhos de estufa, e a exemplo de seu mestre Epicuro, não era inimigo dos prazeres sensuaes, comtanto que d'elles se usasse com moderação.

Este medico grego devia ser bem acceite pelos romanos, pois que não contrariava muito as suas predilecções e permittia mesmo aos seus doentes um prudente emprego das suas faculdades physicas. Era isto, segundo uma expressão d'este homem de sciencia, *impedir que a alma adormecesse*, pois imaginava que ella residia nos orgãos dos cinco sentidos corporaes.

A' imitação de Asclepiades, o seu discipulo predilecto T. Aufidio, recommendou o uso das fricções em todas as enfermidades; tratou victoriosamente a lepra e todas as degenerações venereas, e poz no numero dos seus remedios a flagellação e os prazeres do amor, que julgava poderosissimos contra a melancolia.

Em Roma, como entre os judeus, a lepra veio a ser a enfermidade chronica, permanente, hereditaria; tirava novas forças e elementos poderosos do abuso e extravio dos gozos sensuaes; transformava-se e reproduzia-se sem cessar debaixo dos aspectos mais afflictivos; rodeava-se de um cortejo horrivel de ulceras e tumores cancerosos; resistia á energica acção das operações cirurgicas, ou desapparecia para reapparecer d'ahi a pouco com caracteres sinistros. Musa, o medico de Augusto, a quem curou de uma enfermidade, que os historiadores não descreveram, nem sequer nomearam, enfermidade inflammatoria e local, visto que banhos tepidos lhe diminuiram os ardores, Musa parece haver-se consagrado especialmente ao estudo das enfermidades leprosas, escrofulosas e venereas. Havia sido escravo antes de conhecer Augusto, que o resgatou, e devia conhecer as enfermidades secretas, que se tratavam ordinariamente em segredo tambem, no seio das familias, affecções graves e tenazes que atacavam todas as partes do organismo, depois de se haverem originado n'um coito impuro. Musa inventou muitos preparados contra as ulceras de mau caracter, que conservaram o seu nome, cahindo no empirismo, e julgavam-se infalliveis na maior parte dos casos venereos descriptos por Celso. Musa não se limitava aos topicos externos, mas submettia os doentes ao tratamento de um depurativo interno, receitando-lhes uma bebida de succo de alface e de chicorea.

Este tratamento, desconhecido até então, demonstra sufficientemente que o illustre medico considerava o mal de Venus como um virus que se mistura com o sangue e com os humores, inflammando-os e corrompendo-os. Pelo mesmo systema tratava todos os males que julgava mediata ou immediatamente derivados d'este virus: as ulceras da bocca, o fluxo dos ouvidos e as affecções dos olhos, enfermidades tão communs em Roma, que chegaram a tornar-se endemicas no tempo dos imperadores.

Meges, de Sidonia, que exercia a clinica ao mesmo tempo que Musa, distinguiu-se tambem no tratamento das enfermidades leprosas, que deviam ser venereas frequentemente. Meges era discipulo de Temison, que fundou a escola methodica e que para conseguir a cura da lepra investigou primeiramente as suas causas, estudou-lhe os caracteres e definiu-lhe o principio.

Este principio era ou tinha sido venereo em toda a parte. A lepra, qualquer que seja o paiz de que a façam proceder, do Egypto ou da Judeia, da Syria ou da Phenicia, foi primeiramente uma affecção local, nascida de commercio impuro, aggravada pela falta de cuidado medicinal, favorecida por circumstancias accidentaes e transformada sem cessar, gradual e espontaneamente, segundo a idade, o temperamento, o regimen e a constituição physica do individuo. D'aqui aquellas variedades leprosas, cuja descripção evitaram nas suas obras os medicos gregos e romanos, como se a theoria d'aquelle mal vergonhoso lhes causasse a mesma repugnancia que a sua pratica. A lepra-mãe

era, pois, segundo todas as probabilidades, a verdadeira syphilis do seculo decimo-quinto, e julgamos reconhecer na elephantiasis a syphilis e a lepra-mãe ao mesmo tempo.

Celso falla apenas da elephancia, quasi desconhecida na Italia, segundo elle diz, «mas muito commum em certos paizes.» Ou não a tinha estudado, ou então não quiz espraiar-se em considerações sobre essa horrivel enfermidade, que considerava como uma excepção rara.

«Este mal, limita-se elle a dizer, affecta inteiramente a constituição do individuo, a ponto de lhe atacar tambem os ossos. A superficie do corpo enche-se de manchas e tumores, cuja côr a principio vermelha degenera dentro em pouco em denegrida. A pelle altera-se extranhamente, fazendo-se desigual, grossa, delgada, dura, branda, e como que escamosa; o corpo enfraquece-se e incham a cara, as pernas e os pés. Quando a enfermidade se prolonga (*ubi vetus morbus est,*) os dedos dos pés e das mãos desapparecem de certo modo sob esta inchação, e declara-se d'ahi a pouco a febre, que basta para acabar com o padecente, já esgotado pelo soffrimento.»

Mui pallida e incompleta é, decerto, a descripção de Celso, quando a comparamos com a que nos legou um seu contemporaneo, o illustre medico grego Areteu, da Cappadocia, que devia ter estudado a enfermidade na Asia Menor, onde era tão frequente e terrivel.

Vamos traduzir n'este logar essa espantosa descripção, que reduzimos á terça parte, supprimindo muitos rasgos metaphoricos e poeticos, que não accrescentam nem tiram nada á verdade do quadro, nem ao seu horror. Notaremos, em apoio da nossa opinião, que Areteu confunde com a elephancia muitas enfermidades, como o priapismo e a mentagra, que não eram, segundo elle, senão symptomas ou fórmas particulares da elephancia:

«Ha grande analogia, diz Areteu, entre o elephante, enfermidade, e o elephante, animal soberbo, na apparencia, na côr e na duração. Um e outro são unicos na sua especie: o animal não se parece com outro qualquer animal, nem a enfermidade com outra enfermidade. Esta enfermidade chamou-se tambem leão, porque enruga a face do paciente como a do leão; priapismo pela viva côr vermelha que teem os pomulos do enfermo, e pela impaciencia de desejos amorosos que o atormentam; mal de Hercules, porque não ha nenhum outro nem maior nem mais forte entre as enfermidades humanas. Effectivamente, a elephantiasis é a enfermidade mais energica para abater o vigor do homem, e a mais poderosa para lhe dar a morte; é igualmente horrivel de vêr; terrivel como a fera, cujo nome tem, invencivel como a mesma morte, pois nasce da causa da morte, o resfriamento do calor natural. No emtanto, o seu principio fórma-se sem signaes apparentes: nenhuma alteração, nenhuma mancha se revela no organismo, nem se nota nos habitos do corpo, nem accusa a existencia do mal nascente; mas o seu fogo occulto, depois de ter estado por muito tempo sepultado nas visceras, como no sombrio Tartaro, estalla emfim e se manifesta no exterior, atacando antes d'isso todas as partes interiores do corpo.

«Este fogo deleterio começa, na maior parte dos pacientes, pela cara, que se põe reluzente como um espelho; n'outros pelos cotovellos, pelos joelhos e pelas articulações das mãos e dos pés. Desde então o desgraçado sabe que tem fatalmente de morrer, se o medico, por ignorancia ou por descuido, deixou de combater o mal, quando era debil e mysterioso. A doença augmenta: o halito do enfermo é pestilente, as ourinas espessas, os alimentos não se digerem, e o chilo não serve para a alimentação do desgraçado, porque o centro da enfermidade é no baixo ventre. As tuberosidades pullulam umas apoz outras, o espaço intermedio d'estes tumores deseguaes apparece gretado como o couro do elephante; as veias entumecem-se, não pela superabundancia do sangue, mas pela

grossura da pelle. A enfermidade não tarda a manifestar-se com tuberosidades identicas em todo o corpo; o cabello enfraquece, morre e cahe, e se algum resta na cabeça, faz-se todo branco, mas o da cara e do pudendum cahe completamente. A pelle da cabeça abre-se em muitas fendas, rigidas e profundas; a cara cobre-se ao mesmo tempo de granulações duras e ponteagudas, e a lingua enche-se de tuberculos em fórma de grãos de cevada.

«Quando a enfermidade se declara por uma violenta erupção, as herpes invadem os dedos, os joelhos e a barba, os pomulos inflammam-se e tornam-se purpureos, os olhos perdem o brilho e tomam uma côr acobreada, as sobrancelhas já despidas cobrem-se de granulações negras ou lividas, de modo que os olhos estão como que velados debaixo das profundas rugas que se cruzam por cima das palpebras. Esta contracção das sobrancelhas e esta deformidade morbida imprimem ao rosto do homem o aspecto do leão e do elephante.

«As faces e o nariz offerecem tambem excrescencias negras, os labios incham, ficando o inferior pendente e coberto de baba, os dentes ennegrecem, as orelhas alargam-se, brandas e soltas, como as do elephante, e circumdam-se de ulceras purulentas. Toda a superficie do corpo se contrahe em rugas callosas, em gretas negras, que a cortam como um couro: d'aqui deriva o nome da enfermidade. Nem as plantas dos pés, nem os calcanhares estão livres d'estes estragos, cortando-se tambem em profundas gretas.

«Se o mal toma incremento, as tuberosidades da cara, dos joelhos e dos dedos terminam em ulceras fetidas e incuraveis, sobrepondo-se umas ás outras, de modo que as ultimas parecem minar e corroer as primeiras. Costuma tambem succeder que os membros morrem antes do individuo, até ao ponto de se separarem do corpo, que vae assim perdendo successivamente o nariz, os dedos, os pés, as mãos e os orgãos genitaes; porque o mal não mata o enfermo, para o livrar de uma vida horrivel em tão crueis soffrimentos, senão depois de o haver desmembrado.»

Comparando este horroroso quadro com o que os medicos do seculo decimo-quinto fizeram, á apparição da syphilis na Europa, não póde duvidar-se de que esta mesma syphilis tivesse existido quinze seculos antes, sob o nome de elephantiasis. Ninguem porá tambem em duvida que a lepra, de qualquer especie que fosse, tivesse a sua origem n'uma copula impura. Tal parece ser a opinião do sabio historiador da elephancia, como se verá por esta passagem:

«As leis economicas estabelecidas no Oriente, diz o illustre Raymond (a proposito das gonorrhêas que eram muito communs e a respeito do commercio das mulheres,) provam que as enfermidades dos orgãos genitaes das virilhas, que teem tão estreita relação com ellas eram realmente venereas.»

A' lepra e ás enfermidades syphiliticas devemos, pois, attribuir a aversão e despreso que os judeus inspiravam por toda a parte e especialmente aos romanos.

A lepra e o mal de Venus não eram já senão uma e a mesma cousa á força de se combinarem entre si: nada era mais frequente do que a sua invasão; mas nada era tambem mais deshonroso, e ninguem queria revelal-os. A situação dos medicos entre estes mysterios e repugnancias devia ser sempre delicada e difficil: elles não tratavam senão da lepra, inventavam sem cessar unguentos, panacêas, antidotos contra a lepra, e os leprosos não appareciam em parte alguma, a não ser quando o mal punha o seu vergonhoso stygma na cara ou nas mãos. D'aqui aquellas ulceras dos dedos, que Celso pretendia curar com loções de lycio ou azeite fervido; d'aqui aquellas excrescencias carnosas que rompiam da base das unhas, e que nem sempre cediam ao tratamento dos causticos mineraes; d'aqui aquelle abcesso maligno da bocca, que Marcello Empirico descrevia ingenuamente no seculo quarto, sem lhe profundar a origem, mas rodeando-o de principios syphiliticos; d'aqui outra enfermidade da bocca,

mais caracterisada ainda e mais frequente no povo das infimas camadas, onde se recrutavam as meretrizes errantes e os vis agentes da libertinagem fellatoria (*fellatores*.) Esta repugnante enfermidade chamava-se *campanus morbus*, alludindo a Capua, rainha da luxuria e da infamia, como lhe chama Cicero, (*domicilium superbiæ, luxuriæ et infamiæ*,) rainha impudica e escandalosa, que se accusava de haver produzido este mal.

E' certo que a maior parte dos habitantes de Capua tinham no rosto o stygma infame d'aquelle mal vergonhoso. Horacio, na relação da sua viagem a Brindisi, põe em scena a Sarmento, liberto de Octavio e um dos seus mancebos, e apresenta-o rindo e escarnecendo do mal de Capua, e do seu rosto deshonrado por aquella infamia (*campanum in morbum, in faciem per multa jocatus*.) Sarmento tinha no lado esquerdo da cara uma cicatriz feiissima, que lhe serpeava entre o pello da barba (*at illí fœda cicatrix setosam lævi frontem turpaverat oris*.) Um dos commentadores de Horacio, Crucuyo, explicou tambem o mal de Capua, descrevendo-o com uma excrescencia livida que afeiava os labios e acabava por obstruir o orificio da bocca. Plauto não nos deixa duvida sobre a natureza d'esta excrescencia, quando no seu *Trinunosmus* proclama a infamia da raça capuana, que excede a paciencia dos proprios syrios.

Na maior parte das enfermidades de Venus, os tumores e as excrescencias, que os medicos apreciavam exteriormente sem verem n'ellas os effeitos locaes de uma causa occulta, aquelles repugnantes symptomas passavam ordinariamente ao estado chronico, excepto nos raros casos em que as fricções, os banhos de vapor e as bebidas refrigerantes neutralisavam e destruiam gradualmente o virus venereo. Nunca se sahia de um tratamento longo e doloroso, sem ficar com os signaes da enfermidade não só no corpo, mas tambem na cara muitas vezes. Assim, em consequencia das ulceras da bocca, os labios entumeciam-se, vindo a ficar lividos ou sanguinolentos, o que alterava de tal modo a physionomia, que se chamava *spinturnicium* á mulher assim disfigurada pelo mal, alludindo á *spinturnix*, ou harpia.

Os *figos*, as *mariscas* e as *chias*, que se produziam sem cessar nas affecções do anus, resistiam ao ferro e ao fogo de um tratamento periodico, e o enfermo recahia bem depresssa nas mãos do operador. «Do teu pellado anus, diz Juvenal, corta o medico rindo-se tuberculos cancerosos, (*pudice levi cœduntur humidæ, medico ridente mariscæ*.) Esta vergonhosa producção de libertinagem era tão commum, sobre tudo no povo, por elle não tratar de se curar e vêr assim perpetuar-se o flagello de paes a filhos, que se inventou um epitheto, e d'elle se fez um superlativo para qualificar as pessoas atacadas d'aquellas affecções: *ficosus* e *ficosissimus*. Vê-se n'uma ode das *Priapicas* passear altivamente o libertino mais carregado de *figos*, que havia entre os poetas (*inter eruditos* FICOSISSIMUS *ambulet poetas*.)

Marcial, n'um dos seus epigrammas, intitulado *De familia ficosa*, faz-nos com muita graça a descripção d'esta espantosa enfermidade de uma familia e de todos os seus parentes:

«A mulher tem *figos*, diz o poeta — o marido *figos* tem, e do mesmo modo a filha, o genro e o neto. Nem o grande nem o pequeno, nem o rico nem o pobre estão isemptos d'esta ulcera vergonhosa. Moços e velhos todos teem figos — e cousa notavel, nenhum tem figueiras!»

Os fluxos purulentos e as gonorrhêas não eram menos frequentes do que estes tumores, aos quaes precediam ou acompanhavam; mas os medicos, pelo menos em theoria e na sciencia escripta, não distinguiam, entre as affecções inflammatorias da uretra e da vagina, as que procediam de um commercio impuro. Póde suppôr-se que estas ultimas se dissimulavam com accidentes particulares, especialmente com a ulcera chamada *rubigo*, ou ferrugem. «A *rubigo*, diz um antigo commentador das *Georgicas*, de Virgilio, é propriamente, como

attesta Varrão, um mal dos prazeres vergonhosos, que tambem se chamava ulcera: este nasce ordinariamente de uma abundancia e superfluidade de humor.»

A passagem que já citamos de Sergio, que se apoia na authoridade de Varrão, estabelece uma opinião que nos havia já inspirado o exame do priapismo dos antigos. Esta enfermidade, tão commum entre elles, não era senão a blenorrhagia aguda dos nossos dias. Havia tambem uma especie de priapismo causado ordinariamente pelos excessos de Venus e sobretudo pelos estimulantes perigosos, que se tomavam para alentar esses excessos.

«Este priapismo, diz Celio Aureliano, é um violento ardor dos sentidos (*vehemens veneris appetentia,*) que toma este nome das propriedades de certa herva. Os que fazem uso d'esta herva sentem-se provocados aos prazeres de Venus pela erecção do orgão genital. Existem, porém, preparados, chamados *Satyricos,* que são acres, excitantes e funestos aos nervos.»

Assim caracterisava Celio Aureliano o priapismo, seguindo as lições de seu mestre Temison, o primeiro que havia observado esta enfermidade, combatendo-a com applicações de sanguesugas, que, segundo parece, não se haviam empregado até então.

Os fluxos sanguineos, ferruginosos e esbranquiçados, as perdas de humores e as leucorrhêas flagellavam a tal ponto as mulheres de Roma, que invocavam Juno, sob o nome de Fluonia, para que a deusa as livrasse d'aquelles incommodos padecimentos, que nem sempre eram consequencias dos partos, por isso que muitas vezes accusavam a existencia de um germen impuro. As mulheres que padeciam d'estes fluxos chàmavam-se *aucunnuentæ,* palavra rara, que parece antes formada do substantivo obsceno *cunnus,* do que derivada do verbo *cuniere,* manchar as roupas, como pretende Festo. Estas diversas affecções produziam quasi sempre a inflammação das glandulas inguinaes, e ás vezes a suppuração d'essas glandulas. Consideravam o aster como um remedio efficaz contra as affecções das virilhas e chamavam até a esta planta *bubonium.* Em pouco tempo se deu á mesma enfermidade, ou pelo menos aos seus symptomas, o nome do remedio, e foram comprehendidos debaixo do nome de *bubões* todos os generos de pustulas, abcessos e ulceras, que tinham por séde as virilhas.

Vamos tentar uma approximação de palavras, que talvez dê alguma luz sobre as causas ordinarias d'esta affecção inguinal. Os romanos crearam o verbo *imbubinare,* para significar — manchar de sangue impuro, verbo que se referia ao estado das mulheres na sua indisposição menstrual. Empregava-se tambem a mesma expressão para todo o fluxo acre, e um verso celebre nos fragmentos do velho Lucilio compara duas manchas differentes que tinha um libertino de ambas as Venus, dizendo: «*Hæc te imbubinat et contra te imbulbitat ille.*» No emtanto, Julio Cesar Scaliger propunha que se lêsse *imbulbinat,* em vez de *imbulbitat,* e por conseguinte dava esta traducção, embora não pudesse, como é obvio, imitar o jogo de palavras do latim: —«Ella dá-te bubões, e elle, *pelo contrario,* tuberculos, ou figos.»

Causa-nos grande admiração não encontrarmos nos poetas mais allusões a uma enfermidade, que devia ser, não obstante, muito commum entre os romanos: referimo-nos aos fluxos do anus, orgão predilecto da infamia da libertinagem antiga. E' nossa opinião que temos de ir buscar a descripção, ou pelo menos o tratamento d'esta vergonhosa affecção, ao paragrapho em que Celso trata das hemorrhoidas. Por pudor, muito mais do que por ignorancia, os antigos tinham comprehendido na classe das hemorrhoidas todos os fluxos analogos, quaesquer que fossem as suas causas e natureza; e não podemos duvidar d'isto, quando vemos Celso prescrever em certos casos, contra o fluxo hemorrhoidal e contra os tumores que o acompanhavam, o emprego de causticos e de emplastos adstringentes. Crêmos que não póde nem deve reconhecer-se a *crystallina* entre as *clazomenas* (*clazomenæ,*) que os sabios inclui-

ram nas enfermidades do anus. Segundo Pierruges, estas ultimas deviam ser as gretas ou fendas do anus, indicadas por Celso, e o seu nome derivava-se da cidade de Clazomene, na Jonia, onde os mais execraveis costumes tinham tornado quasi geral esta affecção, que não se concentrou só n'aquella cidade obscena e dissoluta. Nós, no emtanto, vemos de preferencia nas *clazomenas* certos tumores ou tuberculos fungosos, que irrompiam em torno do pubis, e adoptamos a etymologia proposta por Facciolati, que dá á palavra a accepção de *quebrado,* ou *roto.* Eis um famoso epigramma de Ausonio, em que se revela o verdadeiro caracter das *clazomenas:*

«Quando arrancas as vegetações que te eriçam o anus *(podex)* banhado em agua quente, quando gastas com a pedra pomes as *clazomenas* que te acompanham, não vejo a verdadeira causa do teu mal, — *a não ser que tenhas tido o valor de adquirir uma dupla enfermidade, sendo homem por deante e mulher por detraz!*»

Tal é o horrivel epigramma, que o abbade de Jauvert, traductor de Marcial, não ousou verter em linguagem vulgar, e que os commentadores, ao que parece, não souberam comprehender:

Sed quod et elixo plantaria podice velles
Et teris incusas pumice clazomenas;
Causa latet; bimarem nisi quod patientia morbum
Appetit, et tergo fæmina, pube vir es.

De resto, a presença do mal de Clazomene em Roma nada tinha de surprehendente, porque Roma foi invadida no tempo do imperio por uma infinidade de estrangeiros, que trouxeram sem duvida para a cidade eterna, conjunctamente com os seus costumes dissolutos, as suas terriveis e perigosas enfermidades.

«Não posso levar á paciencia, Romanos, exclama o implacavel Juvenal, não posso levar á paciencia que Roma viesse a ser uma cidade grega; e, no emtanto, esta mistura não affecta mais do que uma pequena parte dos habitantes da cidade. Ha muito tempo que o Oronto da Syria derrama no Tibre as suas aguas, que nos trouxeram a sua lingua, os seus costumes, as suas harpas, as suas flautas, os seus pandeiros e tambores, e as suas cortezãs, que se prostituem no Circo. Ide para junto d'ellas, vós todos, os que vos inflammaes em presença de uma loba estrangeira, com o seu impuro toucado de mitra.»

Os poetas e os escriptores latinos nunca deixaram de verberar desapiedadamente os hospedes estrangeiros de Roma, aos quaes accusavam, sobre tudo, de haverem corrompido os costumes, trazendo para a capital do mundo romano os seus vicios e libertinagens nacionaes. A' Phrygia, á Syria, a Lesbos, a toda a Grecia, em summa, deve attribuir-se a preversão da antiga austeridade romana. Lesbos ensinou a Roma todas as torpezas do amor saphico; a Phrygia levou-lhe todos os seus effeminados (*fæmineos Phryx,* diz Ausonio,) aquelles jovens escravos de compridos cabellos fluctuantes, de grandes argolas de ouro nas orelhas, de tunicas de amplas mangas, de borzeguins vermelhos ou verdes. Lacedemonia, a altiva Sparta, enviou-lhe tambem uma colonia de homens-femininos. Juvenal representa d'este modo uma infamia lacedemonia, que torturou sem resultado plausivel a imaginação dos escoliastes e traductores: «*Qui lacedæmonium pytismate lubricat orbem;*» Marcial cita as luctas feminis inventadas por Leda e praticadas em sua honra pela licenciosa Lacedemonia (*libidinosæ lacedæmonis palæstras.*) Sybaris, Tarento e Marselha...

«Sybaris apoderou-se das sete collinas,» exclama Juvenal, que deplora sempre a perda da antiga simplicidade romana, Sybaris, a rainha da sensualidade e do mal de Venus. Tarento (*molle Tarentum,* diz Horacio) mandou tambem a Roma os seus bellos mancebos de tez perfumada, membros lisos e alvos

e corpos nus, sob as tunicas diaphanas, como as nimphas e as prostitutas. Marselha concorria igualmente ao grande mercado de Roma com os seus meninos exercitados e destros, mas que ordinariamente só consagravam a mão direita áquella universal prostituição, como se prova por esta passagem de uma comedia de Plauto :

«Onde estás tu, que praticas os usos marselheses? Se queres prestar-me a mão, (*si vis subagitare me*) a occasião é opportuna.»

Seria interminavel a lista das cidades e paizes estrangeiros, que produziram e alentaram a espantosa depravação de Roma. Não esqueceremos, porém, Capua e os Opicos. Estes ultimos que povoavam uma parte da Campania haviam-se degradado a tal ponto, que o seu nome tornou-se synonymo da mais sordida e asquerosa prostituição. Ausonio fez um epigramma contra Euno Sirisco (*inguinum linguritor,*) mestre na arte dos Opicos (*opiscus magister.*) Seria espantosa a quantidade de males inveterados e de mysterios, existentes nas baixas regiões dos prazeres vergonhosos.

Da Grecia accudiram a Roma quasi tantos medicos como cortezãs, mas estes medicos aos quaes a preoccupação e o orgulho romano perseguia por toda a parte com um despreso que chegava quasi ao odio, tratavam menos de fazer curas radicaes de que de ganhar dinheiro. Emquanto a sua reputação os designava para o tratamento de uma affecção particular, estes medicos enriqueciam; mas a saude publica, apesar do progresso da medicina methodica não melhorava, e é licito julgar que assim succedesse á vista das enfermidades que se offereciam de preferencia aos estudos da sciencia: sempre a lepra com as suas numerosas variedades. Cada pratico de fama inventava um remedio contra alguma manifestação local d'esta peste chronica, que se complicava com todas as enfermidades. Appareceram então numerosas variedades de collyrios para as doenças dos olhos, de topicos para as ulceras, de gargarejos para as aphtas, de emplastros para os tumores, o que prova que aquellas affecções, mais ou menos leprosas, se reproduziam até ao infinito.

Depois de Musa, o medico de maior nomeada foi Vetio Valente, menos conhecido ainda pelo seu talento medico e cirurgico do que pelas suas relações intimas com Messalina. Graças á sua augusta amasia, Vetio teve mais de uma occasião de conhecer as enfermidades do amor. Ao mesmo tempo que elle, outro discipulo de Temison exercia a clinica em Roma: Meges, de Sidonia, curava sobretudo as affecções leprosas e tratava com bastante exito das inchações escrofulosas dos peitos. Em breve veio eclipsar a fama d'este clinico a do seu condiscipulo Tessalo, de Trallos, que não tinha nem o seu saber nem a sua experiencia, mas que se vangloriava de ser o vencedor dos medicos antigos. Este Tessalo, a quem Galeno acoima de doido e asno, tinha a audaz pretenção de operar curas rapidas e instantaneas, empregando os mais energicos medicamentos e em fortes dóses. Obteve com effeito brilhantes resultados no tratamento da lepra, das ulceras e das escrofulas, tratamento que por esse tempo constituia toda a medicina, visto que a lepra, misturada e complicada com todos os outros males, parecia ser a unica enfermidade. Augmentando o numero dos enfermos, Tessalo julgou opportuno augmentar tambem os medicos, e como não precisava mais de seis mezes para apresentar discipulos tão consumados como elle, accudia a ouvir-lhe as lições uma grande multidão de individuos. Cosinheiros, carniceiros, cortadores e outros artifices grosseiros, renunciaram logo aos seus misteres, para seguirem o sabio Tessalo, que andava sempre rodeado de um cortejo de fanaticos discipulos.

Isto fez com que os medicos decahissem em consideração e em saber. O mais importante era sempre a cura da lepra. Sorano, de Epheso, veio a Roma no reinado de Trajano, trazendo diversos preparados que applicou com exito á allopecia, ou tinha, e ás herpes. Moschion, um dos seus rivaes, dedicou-se es-

pecialmente ás enfermidades da mulher e ao estudo dos orgãos sexuaes, tratando as flores brancas com medicamentos energicos, que as faziam parar immediatamente.

Ao lado d'estes medicos methodistas, vê-se a multidão dos empiricos, dos antidotarios, pharmacopolas ou herbanarios, que eram ainda mais desprezados e escarnecidos do que os medicos. Horacio não hesita em collocal-os na mesma cathegoria dos barqueiros, mendigos, parasitas e prostitutas (*ambubajarum collegia, pharmacopolæ.*) Estes charlatães tinham sob o seu dominio as enfermidades vergonhosas, que offereciam um vasto campo á pharmacopêa. Entre estes empiricos distinguiram-se, não obstante, muitos sabios botanicos, muitos manipuladores engenhosos. No tempo de Tiberio, Menecrates, o inventor do diachylon, compunha emplastos, muitas vezes efficazes contra os tumores e escrofulas: Servilio Damocrates preparava excellentes emplastos emollientes; Asclepiades Pharmacion curava as ulceras de mau caracter, como Appollonio de Pergamo, as chagas da bocca e Criton a lepra; Andromaco, o inventor da triaga, e Discorides, o auctor d'um celebre tratado de materia medica, deram, ao que parece, mais importancia á mordedura das serpentes do que ao veneno de Venus, que, no emtanto, fazia muito maior numero de victimas.

A investigação e tratamento d'este veneno interessaram mais á escola dos medicos pneumatistas, que floresceram em Roma durante o seculo segundo da era moderna, e que contaram entre elles a Galeno e a Orbases. Um d'estes medicos, Archigenes, chegou a combater as affecções leprosas, recorrendo por vezes á castração, para diminuir os accidentes da enfermidade, que era certamente venerea, visto que o medico sacrificava a virilidade do enfermo. Archigenes applicou com excellente exito a sua doutrina a respeito das ulcerações da madre.

Outro pneumatista igualmente habil, Herodoto, declarou-se ardente partidario dos sudoriferos, que, segundo elle, depuravam o sangue, segregando tudo quanto elle podesse conter de heterogeneo. O emprego dos sudoriferos era por certo muito poderoso contra as enfermidades que envolviam um principio syphilitico. Estas enfermidades começavam já a ser muito melhor observadas, e a sua cura era mais racional.

Um contemporaneo de Galeno, Leonidas de Alexandria, que parece haver sido um pratico tão habil como afortunado, distinguiu-se no tratamento dos orgãos genitaes. As suas observações sobre as verrugas e ulceras d'estes orgãos são todavia do mais alto interesse, e do mesmo modo as que se occupam da inflammação dos testiculos.

«Para dizer a verdade, observa Kurt Sprengel, na sua *Historia da medicina*, Leonidas não faz menção do commercio com uma mulher impudica; mas as bordas callosas, que indica como caracter distinctivo d'estas ulceras, revelam evidentemente a existencia de um virus interno.»

Este virus, que se chama lepra, ou syphilis, existia n'um grande numero de enfermidades locaes, que Galeno e Orbases não descreveram com symptomas venereos, mas que trataram empiricamente, por meio dos antigos topicos que vinham na sua maior parte do Oriente com as mesmas enfermidades, mais simples e menos desconhecidas no seu berço.

Nós attribuimos ao desenvolvimento das affecções leprosas ou venereas em Roma o estabelecimento dos *archiatri*, ou medicos publicos. O primeiro que teve este titulo, e que exerceu as suas funcções, foi Andromaco, o antigo, que viveu no tempo de Nero. Este archiatre cuidava da saude, não só do imperador, senão de todos os officiaes do palacio. O cargo era tão complicado, que não bastava um só medico para o desempenhar, por isso o numero dos *archiatri palatini*, ou medicos palacianos, foi crescendo sempre até ao tempo de Constantino. Eram ás vezes honrados com altas dignidades e o imperador dava-lhes o titulo de *præsules spectabilis*, honrados mestres.

Instituiram-se logo, tanto em Roma como nas demais cidades do imperio, *archiatri populares*, que exerciam a sua profissão gratuitamente no interesse do povo, e que presidiam por assim dizer a uma policia sanitaria. Ao principio houve um d'estes medicos em cada uma das regiões de Roma, resultando, por conseguinte, quatorze para toda a cidade. Em breve, porém, dobrou e triplicou este numero, e chegaram a ser tantos os medicos como as sacerdotisas de Venus.

Antonino, o Piedoso, completou e regularisou esta nobre instituição. Decretou para isso que se nomeassem dez *archiatri* populares nas cidades de primeira ordem, sete nas de segunda, e cinco nas mais pequenas. Os *archiatri* formavam em cada cidade um collegio medico, que tinha os seus discipulos e se completava com elles em caso de vagatura, votando sobre a eleição do candidato que lhe apresentava o municipio. O municipio assegurava-se assim de que a saude e a vida dos cidadãos não seriam confiados senão a homens instruidos e probos. Os *archiatri* gosavam de varios privilegios, que provavam a deferencia e protecção que a auctoridade lhes concedia. Primeiramente eram pagos por conta do Estado, tendo sempre o decurião o maximo cuidado em que não se lhes demorasse a paga dos honorarios.

O Estado dava-lhes esta assistencia, diz o codigo Justiniano, para que pudessem ministrar gratuitamente remedios aos pobres e para que não se vissem obrigados pela necessidade a exigir remuneração pelos seus serviços. Podiam, no emtanto, acceitar a gratificação que voluntariamente se lhes désse, se o enfermo recuperasse a saude. Os *archiatri* estavam isemptos de aboletamentos militares, de comparecerem perante a justiça na fórma ordinaria, de acceitarem os encargos de tutella e curadoria e de pagarem qualquer imposto de guerra, quer fosse em dinheiro, quer em trigo ou em cavallos.

Finalmente, aquelle que os injuriava ou offendia de qualquer modo incorria n'uma pena arbitraria e com frequencia n'uma multa elevada. Estes medicos dos pobres não eram provavelmente d'aquelles gregos desacreditados, que vinham a Roma vender antidotos, cortar ou cauterisar verrugas, curar ulceras, ou mesmo exercer sob este pretexto o lenocinio, ou ter outras complacencias mais vis ainda com os seus mesmos enfermos ou clientes.

Os *archiatri* populares dependiam immediatamente da auctoridade do edil. D'esta organisação resultava, pois, a medicina legal; no emtanto, é impossivel dizer as materias que abrangia e a acção que podia ter na policia das cortezãs: a este respeito não temos texto algum que possa esclarecer-nos. Ha muitas probabilidades, porém, para nos fazerem suppôr que estes medicos velavam pela saude das meretrizes inscriptas. Talvez mesmo estas meretrizes estivessem sujeitas á visita e vigilancia de medicos especiaes, porque as vestaes e os gladiadores tinham tambem os seus medicos particulares.

O codigo de Theodosio falla cathegoricamente das vestaes e dos gymnasios. Duas inscripções antigas fazem constar as funcções dos medicos do Circo; uma d'estas inscripções tem o nome de Eutico, medico dos jogos matinaes (*medicus ludi matutini.*) E', pois, muito natural que as meretrizes tivessem tambem os seus medicos, mais experimentados, mais habeis do que os outros, no tratamento das enfermidades impuras.

Quanto ás cortezãs não inscriptas, é provavel que ellas preferissem as mulheres chamadas *medicæ*, que não eram sómente parteiras, visto que se consagravam tambem á magia e á medicina empirica. O titulo de medicas, que adoptavam no exercicio da sua arte, prova que a praticavam ás vezes com auctorisação do edil e do collegio dos *archiatri*. Gruter apresenta esta inscripção: Secunda L. Livillæ Medica, mas não a explica. Esta L. Livillæ teria em sua casa duas escravas habeis na arte de curar, duas parteiras, duas curandeiras especuladoras de unguentos e antidotos? Ou então tratava-se de uma só *medica*,

acreditada, approvada em seus remedios e curativos, *secunda?* Comprehende-se além d'isso que as mulheres romanas, assistidas nos seus partos por uma habil parteira, não quizessem expôr-se aos olhares indiscretos de um homem, quando soffriam alguma enfermidade secreta ou vergonhosa (*pudenda.*) Necessitava-se, pois, de mulheres medicas, que tratassem as affecções das mulheres, e quando estas eram bastante ricas para sustentarem um certo numero de escravas e serventes, havia sempre entre esta classe de domesticas uma, encarregada de cuidar da saude de sua ama.

Havia tambem certamente mulheres livres ou *manumissæ,* que praticavam a medicina e a cirurgia por sua propria conta. Era a estas que se dirigiam as mulheres do povo, quando tinham o pudor de não se entregar nas mãos dos medicos.

Uma epigramma de Marcial contra Lesbia, cortezã grega, que havia tido certa celebridade, allude a uma d'essas enfermidades sexuaes, que as mulheres, ainda as mais desabusadas, não ousariam declarar a um medico.

«Cada vez que te levantas da cadeira, diz o poeta, notei, desgraçada Lesbia, que as tunicas se te pegam por detraz (*pædicant miseram, Lesbia, te tunicæ*) e para as despegares, puxas para a direita e para a esquerda, com tanta violencia, que a dôr te arranca lagrimas e gemidos, pois o panno adherindo ás nadegas, penetrou no recto, como um barco mettido entre dois rochedos dos Simplegades. Queres evitar este vergonhoso inconveniente? dar-te-hei um remedio, Lesbia: — Não te levantes nem te sentes.»

Para as affecções locaes do mesmo caracter recommendavam Celso e outros medicos romanos os banhos de assento, e o movel que servia para estes banhos, tão frequentes no estado normal como no estado morbido, era de diversas fórmas: — quadrado, redondo ou oval, de madeira, de barro, de bronze e de prata.

Chamava-se *solium,* como se, ao occupal-o, uma mulher se sentasse n'uma especie de throno, antes e depois do acto mais importante do seu reinado. Um antigo commentador de Marcial diz que as mulheres de Roma, matronas ou cortezãs, na época do luxo e da luxuria asiatica, teriam repellido os seus amantes ou os seus maridos, se estes não lhes tivessem permittido lavar-se previamente (*abluere*) n'uma bacia de prata.

Estas abluções tornaram-se tanto mais frequentes, quanto menos saudaveis eram as mulheres e mais exposta por conseguinte a saude dos homens. A este habito hygienico deve attribuir-se, bem como ás fricções e fomentações que ordinariamente o acompanhavam, a cura de grande numero de affecções recentes e de pequena gravidade. Em todo o caso, o desenvolvimento das affecções venereas encontrava poderosos obstaculos no uso diario e quasi continuo de banhos sudoriferos.

Os medicos, sobretudo aquelles que tinham uma numerosa clientella, não se dignavam consagrar os seus cuidados ao tratamento das doenças secretas, e só se prestavam a este serviço com a esperança de serem generosamente retribuidos. Este desdem medico, a respeito de taes enfermidades, parece-nos provir dos proprios habitos dos medicos celebres, que iam visitar os seus doentes com um acompanhamento de vinte, trinta e mesmo cem discipulos, como diz Marcial. O numero d'estes sectarios das celebridades medicas servia de indicar proporcionalmente o merito, ou melhor, a reputação do medico. Todos os discipulos iam successivamente depois do mestre tomar o pulso ao doente para fazerem o diagnostico da enfermidade.

Não é necessario demonstrar que um doente de qualquer das affecções vergonhosas não se sujeitava a servir assim de espectaculo a tanta gente e á critica de todo aquelle cortejo. Havia, pois, medicos ou curandeiros que se consagravam ao tratamento das enfermidades secretas e que rodeiavam de um

mysterio e de uma discrição a toda a prova este tratamento. De resto, a medicina empirica via-se frequentemente obrigada a abandonar as doenças secretas ao ferro da cirurgia.

Uma doença obscena, descuidada por muito tempo e entregue depois d'este desmazelo ao empirismo, terminava ordinariamente por uma operação terrivel, de que falla Marcial n'este epigramma: «Baccara, o grego, confia a cura do seu *pudendum* a um medico rival: Baccara será castrado!»

Outro epigramma de Marcial a respeito da morte de Festo permitte-nos suppôr que os doentes desesperavam muitas vezes da cura e appellavam para o suicidio, afim de se subtrahirem á dolorosa e longa agonia de uma enfermidade incuravel. Tal foi o fim do amigo do imperador Domiciano, o nobre Festo, que, atacado de uma affecção maligna na garganta, d'onde em pouco tempo se espalhou por todo o rosto, resolveu matar-se, consolando elle proprio os seus amigos, antes de se ferir estoicamente com um punhal, como o grande Catão.

As curas eram longas e difficeis, quando o mal tivera tempo de estender-se e arreigar-se. Os charlatães, que vendiam sem auctorisação as suas drogas em vidros e pacotes que traziam os seus sellos particulares, aproveitavam-se necessariamente do embaraço em que o enfermo se encontrava completamente privado de medico. Em muitas circumstancias, a superstição tomava exclusivamente a seu cargo a cura dos males, cujo progresso, como facilmente se comprehende, não atalhava com seus processos mysteriosos. O miseravel paciente andava de templo em templo e de deus em deusa com as suas supplicas, votos e offerendas. O que tinha recursos para se fazer pintar em quadros votivos, ia pendurar estes quadros nos sanctuarios de Venus, de Priapo, de Hercules ou de Esculapio. Crêmos que se respeitava a decencia n'esses quadros allegoricos; no emtanto, costumavam pendurar-se tambem em torno dos altares os simulacros ou representações figuradas dos orgãos enfermos, que se faziam de gesso, de barro, de madeira, de pedra ou de metaes preciosos: Offereciam-se além d'isso sacrificios expiatorios, em que figuravam os pequenos pães de trigo puro (*coliphia,*) que tinham a fórma dos orgãos sexuaes, e que tomavam as mais estravagantes proporções.

Os sacerdotes de certos deuses e deusas não comiam outro pão, além d'estas impuras offerendas, que os libertinos reservavam tambem para os seus alegres banquetes: *Illa silenegeis pinguescit adultera cunnis,* diz Marcial, que attribue a este alimento uma acção favoravel á gordura.

Os templos a que affluiam mais enfermos com offerendas eram aquelles cujos sacerdotes se consagravam tambem á medicina.

De resto, todo o mundo tinha direito a dedicar-se a esta industria na populosa capital, fabricando remedios, peiores ás vezes que a propria enfermidade. As doenças secretas abriam um vasto campo ás especulações do charlatanismo, e entre os diversos especuladores os occulistas não eram os menos engenhosos. Os barbeiros não se limitavam a manejar o pente e a navalha; esses astutos agentes da prostituição, que lançavam mão de todos os ensejos e se promptificavam de bom grado para todos os vicios, consideravam como propriedade sua os males que ella causava. Os escravos dos banhos, os *unctores* e os *aliptes* de ambos os sexos, conheciam naturalmente todos os segredos da saude dos seus clientes, e depois de lhes haverem subministrado meios de libertinagem, vinham ministrar-lhes tambem os meios da cura dos orgãos offectados. Finalmente de tal modo se multiplicaram e familiarisaram em Roma as doenças venereas, que cada qual fez uma hygiene para o seu uso particular, podendo assim curar-se a si proprio, sem necessidade de confidentes, que poderiam trahir a fidelidade do segredo.

E, não obstante, aquellas enfermidades, tão numerosas, tão variadas, tão singulares entre os antigos, ficaram nas sombras do mysterio, parecendo até

que os medicos mais celebres se puzeram todos de accordo para as occultar á posteridade sob a capa de Esculapio. Póde, no emtanto, imaginar-se o que eram essas enfermidades, quando se pensa na espantosa corrupção dos costumes na Roma dos imperadores, quando se vê a prostituição espiar, seguir e não perder de vista ás creancinhas ao sahirem do berço, consagrando-as com uma alegria cruel ao seu impudico serviço, ainda antes de completarem os sete annos!

—Que Juno me confunda, exclama Petronio, se eu me lembro de ter sido em algum tempo virgem! (*Junonem meam iratam habeam, si unquam me meminerim virginem fuisse!*)

O mal de Venus era inherente á prostituição e espalhava-se com ella por toda a parte. Se a saude de um senhor se tornava suspeita, todos os seus escravos corriam graves perigos. Um orador romano, Acherio, contemporaneo de Horacio, ousou dizer em alta voz, fallando n'um tribunal criminal:

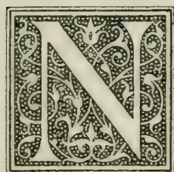
«A complacencia impudica é um crime no homem livre, uma necessidade no escravo, um dever no liberto. (*Impudicitia, inquit Acherius, in ingenuo crimen est, in servo necessitas, in liberto officium.*)

Cecilio Rodigino é quem refere nas suas *Antiquæ lectiones* este abominavel apophthegma dos *pædicones*.

CAPITULO XXI

SUMMARIO

As *medicae juratae*.—Origem das parteiras.—Agnodice.—As *sagœ*.—Exposição dos recemnascidos em Roma. —Os *supportrices*.—Os abortos.—Julia, filha de Augusto.—Unguentos, perfumes, philtros e maleficios.—Praticas abominaveis das *sagœ* para fazerem os seus philtros.—A perfumista Gratidia.—Horriveis segredos d'esta maga, revelados por Horacio de quem foi amante.—O monte Esquilino, theatro ordinario das invocações e sacrificios magicos.—Gratidia e a sua cumplice, a velha Sagena, no Esquilino.—O nó do atacador.—De como as *sagœ* faziam este maleficio, terror dos romanos.—Como se conjurava o nó do atacador.—Philtros aphrodisiacos.—A poção do desejo. —Composição dos philtros amorosos.—O *hippomanes*.—Profusão de perfumes entre os romanos.—A *nicerotiana* e o *foliatum*.—Perfumes diversos.—Os comesticos.—Os banhos de leite das burras de Popea.—A cortezã Acco.—Objectos e utensilios ao serviço da prostituição, que vendiam as *sagœ* e as perfumistas.—O *fascinum*.—As fibulas. —Os sacerdotes de Cybele.



NADA sabemos dos serviços que as *medicœ* prestavam ás damas romanas nas delicadas circumstancias em que a sua saude reclamava os cuidados d'estas mulheres de grande experiencia. No capitulo da arte de curar, que os escriptores antigos deixaram envolvido n'um veu impenetravel, vemo-nos reduzidos a expender meras conjecturas. No emtanto, se não podemos apreciar, apoiados em auctoridades bem estabelecidas, o papel que as medicas desempenhavam na therapeutica das enfermidades do amor, não nos será em extremo difficil comprovar a sua util e activa intervenção, não só nos casos de gravidez e parto, como tambem na preparação mysteriosa dos cosmeticos, perfumes e philtros. Havia sem duvida em Roma e nas principaes cidades do imperio *medicœ juratœ*, como as denomina Anniano, nas suas *Annotações ao Codigo Theodosiano*.

«Sempre que ha duvida, diz este erudito, a respeito da gravidez de uma mulher, cinco parteiras juradas, quer dizer, com licença para estudar a medicina, (*medicœ*), recebem ordem de inspeccionar essa mulher (*ventrem jubentur inspicere.*)»

Mas, além d'estas praticas, que soffriam provavelmente um exame medico, e que estavam submettidas á vigilancia dos *archiatri* populares, muitas mulheres, sobretudo estrangeiras, libertas ou escravas, se dedicavam á medicina occulta, misturando com esta arte, que haviam ou não haviam estudado, o officio de perfumistas e os processos frequentemente criminaes da magia. Hyginio, na sua collecção de fabulas mythologicas, refere-nos nos seguintes termos a occasião em que a medicina foi pela primeira vez exercida por uma mulher na Grecia:

«Desde os tempos mais remotos assistiam os homens ás mulheres nos seus partos, ainda que o o seu pudor tivesse que soffrer com este auxilio, que se

viam na necessidade de acceitar. Mas uma joven atheniense, chamada Agnodice, resolveu emancipar o seu sexo de uma especie de escravidão deshonrosa em que a propria Juno se indignava; e para esse fim, cortou o cabello, vestiu um trajo masculino e foi ouvir as lições de um celebre medico, que a instruiu na arte de partejar, fazendo d'ella uma excellente parteira. Pouco depois, Agnodice começou a substituir o seu mestre, pondo em pratica o plano concebido; e tão habil e perfeita se mostrou, que as matronas parturientes não quizeram d'ahi ávante outro medico. Effectivamente Agnodice ia para junto das parturientes, que lhe fallavam e sorriam com uma familiaridade sobremodo commovente. A sua juventude e belleza, as suas graças e talento despertaram a calumnia e começou a dizer-se pela cidade que o joven e bello Agnodice possuia a arte de transformar em prazeres as dores do parto. Com esta e outras calumnias foi accusado de impudico e corruptor de mulheres honradas ante os magistrados. Agnodice compareceu na presença do Areopago e, quando o accusador principiava o seu discurso, a famosa parteira atheniense abriu a tunica e provou plenamente a sua innocencia, patenteando aos olhos dos juizes o sexo a que pertencia. Agnodice foi absolvida, os medicos convenceram-se da sua injustiça, e o povo pediu a abrogação de uma lei antiga, que prohibia ás mulheres o exercicio da arte da medicina.»

Esta historia prova que a medicina foi sempre exercida por homens e mulheres indistinctamente, e que estas se reservaram quasi exclusivamente, tanto em Roma como em Athenas, o tratamento das enfermidades do seu sexo.

As mulheres que se occupavam da medicina e sobretudo da medicina secreta eram numerosas e de differentes classes. As medicas, mais consideradas pelo seu saber e caracter, tratavam sem duvida de todos os ramos da arte; as *obstrectrices* limitavam-se ás funcções de parteiras; as *adsetrices* eram apenas ajudantes ou aprendizes de parteiras; vinha depois em ultimo logar a multipla e variada cathegoria das perfumistas e magas, as quaes, ou na sua totalidade ou no maior numero, pertenciam ou tinham pertencido á prostituição. Tal vinha a ser o refugio das velhas cortezãs e o emprego favorito das intermediarias ou alcoviteiras, para empregarmos o termo mais vulgar e o mais graphico tambem.

Comprehendiam-se debaixo do nome de *sagæ* as diversas vendedoras de unguentos e de philtros, que compunham ordinariamente ellas proprias com ceremonias magicas importadas da Thessalia. Mas as *sagæ* nem todas eram magas, e a maior parte d'ellas apenas conheciam os elementos mais simples e innocentes d'aquella arte execravel; muitas ignoravam a composição das drogas que ellas proprias vendiam e que causavam com frequencia os mais funestos accidentes, a respeito dos quaes a justiça complacente fechava os olhos sem grande esforço. Algumas d'ellas eram parteiras clandestinas, para assim dizer, que se encarregavam de operar abortos e que rodeavam de invocações e amuletos o nascimento dos filhos illegitimos.

Sabemos já que o numero de nascimentos era consideravel em Roma, e que todas as manhãs se encontravam nas ruas, nas portas das casas, debaixo dos porticos dos edificios e nos fornos dos padeiros, cadaveres dos recemnascidos, que eram condemnados a uma morte certa, expondo-os nus sobre a terra dura e fria ao sahirem do ventre materno. Era a *saga* quem desempenhava a horrivel missão do infanticidio, e quem afogava nas pregas da sua tunica as innocentes victimas do abandono materno, quando um grito de fome ou de frio podia descobrir o mais cruel de todos os crimes. A's vezes a mãe lá tinha alguma compaixão e mandava expôr seu filho envolto n'algum trapo, á beira do lago Velabro (*lacus velabrensis,*) ou na *Praça da Verdura* (*in Foro olitorio,*) ou ao pé da *Columna Lactaria* ou do *Leite,* (*Columna Lactaria*;) alli, pelo me-

nos, aquelles desgraçados orphãos eram recolhidos e adoptados a expensas do Estado, que lhes servia de tutor, marcando-os, porém, com um estygma de infamia. Succedia tambem que algumas matronas estereis, ou cidadãos pesarosos de não terem filhos, ou as infames *suppostrices*, que tinham o officio de trocar os meninos em poder das amas de leite, vinham escolher entre aquellas creanças abandonadas as que melhor podiam servir para os seus fins honestos ou deshonestos. No silencio e trevas da noite, ouviam-se frequentemente resoar pelo Velabro ternos mas desesperados vagidos, e viam-se atravessar como espectros malditos as *sagæ* e as proprias mães até, levando o seu cruel tributo áquelle horrivel minotauro, que chamavam *expositio*—a exposição das creanças na via publica!

As *sagæ* promoviam ainda os abortos, que se faziam nos primeiros (*aborsus*) ou nos ultimos (*abortus*) mezes da gestação. Estes abortos que a lei condemnava, mas que evitava punir, porque n'esse caso longa, interminavel até, seria a tarefa do magistrado, vieram a tornar-se tão frequentes no tempo do imperio, que mesmo as mulheres menos resolutas e corajosas não temiam impedir por tal fórma o augmento da sua familia. Havia certas beberagens, de virtude tão efficaz, que promoviam o aborto sem perigo algum; havia, porém, outros abortivos tão maleficos, que matavam ao mesmo tempo a mãe e o feto. N'este caso, equiparava-se juridicamente á envenenadora a *obstretrix* ou *saga*, que por imprudencia, ignorancia ou malicia, houvesse commettido este duplo assassinio, e a miseravel era condemnada ao ultimo supplicio. Quanto ás que ministravam aquella beberagem do aborto prompto e facil, se estivessem de accordo com a interessada, podia ser-lhes confiscada parte dos seus bens, soffrendo além d'esta pena a de degredo para as ilhas—*porque este facto é de mau exemplo*, diz o jurisconsulto Paulo.

O castigo d'este crime era rarissimo, porém, e chegou até a tornar-se impossivel a sua applicação, porque todo o mundo se tornou d'elle culpado, e a propria imperatriz deu muitas vezes o exemplo d'este cruel abandono, de accordo com o imperador seu esposo, e sem ter sequer o pudor de occultar este ultrage á natureza.

O motivo mais frequente d'estes abortos continuos não era senão o receio de alterar a pureza de um ventre tenso, terso e polido como o marfim, e a morbida integridade da curva dos seios, sacrificando estes dotes verdadeiramente bellos aos estragos mais ou menos notaveis, produzidos por uma gravidez penosa e pelos incommodos da lactação.

«Pensas tambem, pergunta Aulo-Gello indignado, ao fallar d'estas criminosas madrastas,—pensas que a natureza deu ás mulheres os peitos como graciosas protuberancias destinadas ao adorno da sua belleza, e não para a amamentação de seus filhos? N'esta ideia, a maior parte das nossas bellas (*prodigiosæ mulieres*) esforçam-se por esgotar e seccar esta fonte sagrada, em que o genero humano bebe a vida, e por corromper ou desviar o leite, como se este licôr divino lhes manchasse os attributos da belleza. A mesma insensatez as conduz ao aborto por meio de drogas maleficas, afim de que a pallida superficie do seu ventre não se arrugue nem estropie, com o crescimento do feto e com os laboriosos trabalhos do parto.»

O aborto era por vezes causado por motivos muito mais culpaveis ainda. Aqui, uma mulher casada queria destruir a prova do seu adulterio; alli, outra mulher licenciosa, sentindo extinguirem-se-lhe os desejos e ardores sensuaes sob a influencia da gravidez, empregava um meio criminoso para não perder o que preferia ao doce e tranquillo goso da maternidade. Este adormecimento dos sentidos, durante a gestação, não era geral, porém, e pelo contrario mulheres havia, cuja imaginação exaltada pela libertinagem, nunca se sentiam tão ardentes e desejosas dos prazeres sensuaes, como no decurso da prenhez, que

ao mesmo tempo as preservava contra obstaculos da mesma especie. Julia, filha do imperador Augusto,—por exemplo—só se consagrava aos seus amantes, quando se sentia gravida de seu esposo Agrippa, e o periodo da sua prenhez não punha a menor interrupção nas desordens a que se entregava. Macrobio refere que esta princeza respondia aos que se admiravam de que, apesar das suas aventuras escandalosas, seus filhos se parecessem sempre com seu marido:

—Que admira isso? dizia ella. Eu nunca admitto passageiros a bordo, senão quando a nau está carregada!...

Logo que uma mulher se achava gravida, cercavam-n'a por todos os lados os conselhos, os offerecimentos e as seducções para a compellirem a fazer á sua belleza o sacrificio de seu filho; as *obstectrices* sobre tudo não a deixavam um momento:

«Occultava-te a sua prenhez, diz um personagem do *Truculento,* de Plauto, porque receiava que a obrigasses a consentir no aborto, e na morte do filho que trazia no seu seio (*ut abortioni operam daret.*)»

A prenhez e os abortos davam, pois, muito que fazer ás *sagæ* de Roma; em todo o caso, este era ainda o menos importante e rendoso dos mysterios da sua arte. Tiravam maiores proventos dos seus unguentos, dos seus perfumes, dos seus philtros e maleficios. Estes maleficios assimilhavam-se aos da Grecia, da Thessalia, sobre tudo, desde as épocas mais remotas, e a relação que faz Horacio, nos seus *Epodos,* de um encantamento magico, bem pouco differe do que Theocrito contára a respeito da mesma scena, tres seculos antes d'elle. O objecto d'estas abominaveis superstições era sempre o mesmo, em todós os casos e em todos os povos. A maga deitava sortes, ou compunha philtros. Esses philtros tinham especialmente por fim exaltar o fogo do amor, crear-lhe novos ardores, sobrehumanos e inextinguiveis. Deviam além d'isso transformar o odio em amor e o amor em odio, e vencer todas as resistencias da indifferença ou do pudor.

As sortes serviam mais particularmente para resentimentos e vinganças. Eram um genero de maleficios mais raro ainda entre os romanos do que entre os gregos; em troca, porém, em parte alguma a sciencia dos philtros do amor se levou mais longe ou propagou mais do que em Roma, debaixo da influencia dos Cesares.

Horacio faz-nos conhecer as abominaveis praticas de que as *sagæ* do seu tempo se serviam para fazerem certos philtros amorosos. O poeta tinha sido amante de uma *unguentaria* napolitana, chamada Gratidia, que elle votou á execração publica debaixo do nome de Canidia. Horacio, nas suas relações com esta mulher, que chegou a odiar tanto como primeiramente tinha amado, teve occasião de iniciar-se com horror nos mais tenebrosos segredos das magas.

«Tinham relações continuas com as cortezãs, diz Walkenaer, na sua excellente *Historia da vida e dos escriptos de Horacio;* pertenciam muitas vezes á classe das mulheres perdidas e tomavam parte activa em todas as intrigas do amor.»

Gratidia foi uma das mais celebres *sagæ* de Roma, graças á colera poetica de Horacio, que não podia perdoar-lhe haver-se vendido a um velho libertino, chamado Varo. Esta perfumista era, pois, bastante joven e bella para encontrar um excellente partido, e os seus encantos mereciam ser o objecto dos lamentos de um amante despresado. Os commentadores de Horacio opinam que o poeta censurava sobre tudo a Gratidia o haver exercido n'elle a funesta influencia dos seus philtros amorosos, tendo-lhe assim arrebatado a juventude, as illusões, as forças e a saude. Effectivamente Horacio padecia muito de uma doença de olhos, que sem fazer offensa a Canidia, póde attribuir-se aos philtros e aos males da deusa Venus.

O monte Esquilino era ordinariamente o theatro das invocações e sacrificios magicos. Esta collina servia de cemiterio aos escravos, que alli eram inhumados confusamente, sem se lhes conceder sequer uma mortalha. De noite não havia outros viventes n'aquelle solitario recinto dos mortos, além dos ladrões que alli se abrigavam das perseguições da justiça, e das feiticeiras que escolhiam aquelle deserto lugubre para pôrem em execução as suas obras de trevas. Na extremidade do Esquilino, perto da ponte de Metia, rodeado de postes e de cruzes, de que pendiam os cadaveres dos justiçados, o *carnifex,* ou carrasco, tinha a sua casa sombria e isolada, como que para d'alli vigiar continuamente pelos seus subditos, e uma monstruosa estatua do impuro deus Priapo guardava tambem aquelle infecto e horrivel asylo de feiticeiras e bandidos.

Era alli, aos pallidos reflexos da lua rompendo um denso veu de nuvens sombrias, que a bella Canidia, com os pés descalços, os cabellos desgrenhados, o seio nu e o corpo envolvido n'um amplo manto alvadio, ia entregar-se á pratica dos mais horriveis sortilegios, com a sua companheira ou cumplice, a velha Sagana.

Horacio viu-as uma noite dilacerar com os dentes uma ovelha negra, derramar-lhe o sangue ainda quente n'uma cova, e dispersar em torno d'ella os despojos da carne palpitante, evocando os manes e interrogando o destino.

Os cães e as serpentes revolviam-se em redor do cruento sacrificio, e a lua velava o seu formoso disco, para não tornar a sua luz divina cumplice d'aquelle pavoroso espectaculo. O proprio Priapo teve horror do que estava presenceando, e fez em dois pedaços o tronco de figueira, em que a sua imagem estava grosseiramente insculpida,

Ao ruido do tronco assim fendido, as duas magas tiveram medo e fugiram sem acabarem o sortilegio começado, espalhando desvairadas pelas escarpas do monte, Canidia os seus dentes, Saga, a sua cabelleira, as suas hervas e os seus anneis de constellações.

No emtanto, voltaram outra noite ainda ao mesmo monte Esquilino para um mysterio muito mais abominavel. Haviam roubado um menino á sua familia e tinham-no enterrado vivo na valla dos escravos, deixando-lhe sómente a cabeça fóra da sepultura. A' creança, victima d'aquelle horrivel supplicio, e que estava faminta e sedenta, offereciam-lhe carne, excellentemente preparada, cujo cheiro appetitoso mais lhe irritava a fome e a agonia.

O desgraçado supplicava-lhes que tivessem piedade, em nome de sua mãe e em nome dos filhos, a que houvessem dado a existencia. Canidia e Sagana eram insensiveis. Canidia queima n'uma fogueira magica a figueira sylvestre arrancada d'entre as campas, o funebre cypreste que dá sombra e abrigo aos mortos, as pennas e os ovos da ave da noite, as hervas venenosas trazidas de Colchos e da Liguria e os ossos humanos meio roidos, arrancados aos dentes de uma cadella faminta. Sagana, com as melenas ao vento, o manto cahido por terra e o enrugado seio completamente nu, dança ao clarão sinistro da fogueira, aspergindo-a com agua lustral.

— Oh Varo! exclama Canidia, mordendo as mãos, livida e tremula de furor. Oh Varo! Quantas lagrimas vaes derramar! Sim! Philtros desconhecidos obrigar-te-hão bem depressa a voltar para meu lado, e nem todos os encantamentos das Marsas lograrão restituir-te a razão. Se os ceus descessem para a profundidade dos mares, a terra subiria para cima das nuvens, e alli, Varo, abrasar-te-hias por Canidia, como o bitume n'este fogo sinistro!...

Entretanto a pobre creança lamenta em vão a sua desgraça, sentindo-se perto da morte; a voz enfraquece-lhe, os olhos semi-apagados fixam-se ainda nos saborosos manjares, collocados junto de seus labios queimados pela febre da agonia.

Canidia arma-se com uma faca, e approxima-se para lhe abrir o ventre no momento de expirar. Com os figados da creança e com a medulla d'aquelles ossos tenros e d'ahi a pouco reduzidos a pó, é que a feroz maga ha de compôr o seu philtro poderoso e infallivel (*exsueta uti medulla et aridum jecur amoris esset poculum.*)

— Que as furias infernaes vos fulminem, exclama prestes a exhalar o ultimo suspiro a desgraçada creança; — e esta minha derradeira maldição ninguem poderá afastal-a das vossas cabeças. Morro n'este supplicio, pela vossa horrivel crueldade; no emtanto, apparecer-vos-hei sempre como um espectro nocturno: voltarei para junto de vós nas azas das trevas e dilacerar-vos-hei o rosto com as minhas unhas, que terão a força e o rancor da vingança dos manes! Pesarei sobre os vossos peitos, arquejantes de fadiga e de medo com todo o peso d'este montão de crimes e horrores; privar-vos-hei do repouso do somno; gelar-vos-hei os corações. Em todas as ruas publicas, a vil populaça vos perseguirá sem descanço com os seus doestos, cuspindo-vos e apedrejando-vos, como objectos de ignominia; morrereis na infamia em que viveis, mas famintas e sedentas de honra e de virtude, sem mais esperança do que a maldição e o escarneo de todas as gerações, e por fim, velhas impudicas, os lobos e os cães, as serpentes e os abutres d'este monte de prostitutas e de ladrões, dividirão entre si os vossos ossos, privados de sepultura!...

Tal é a imprecação com que o poeta verbera os monstruosos horrores d'estas feiticeiras.

Nem todos os maleficios dos *sagæ* eram tão terriveis e crueis, visto que, ordinariamente, só costumavam ir de noite ao Esquilino colher plantas magicas á luz da lua, procurar ossos e cabellos dos mortos e aproveitar a gordura dos justiçados. Era mister pagar-lhes generosamente para se obter d'ellas as praticas execraveis que exigiam sangue humano, ainda que a vida das creanças tinha em Roma diminuta importancia; mas o menino que immolavam, depois de o terem enterrado vivo, havia de ser roubado á ama ou aos paes, de outro modo o seu figado e medulla não teriam a virtude necessaria para conciliar o amor. De resto, o rapto de um menino ingenuo, ou livre de nascimento era castigado com o ultimo supplicio, pelo menos tal era a penalidade legal.

Os philtros magicos podiam conseguir qualquer dos resultados que vamos enumerar e que eram sollicitados pelo amor ou pelo odio á arte das *sagæ:* obrigar a amar a quem não amava; fazer odiar a quem amava, e matar n'um homem todo o ardor e energia do seu temperamento. Este ultimo maleficio, que tanto susto e horror inspirava na edade-media sob o nome de *nó do atacador,* e que a jurisprudencia criminal perseguiu constantemente até nossos dias, não era menos detestavel entre os romanos, que se indignavam de se verem expostos a similhante perigo.

As *sagæ* sobresahiam n'este genero de sortilegio. Podiam ferir de impotencia as naturezas mais robustas e bastava, para o conseguirem, fazer uns nós com cordas ou fios negros, pronunciando ao mesmo tempo certas palavras e fazendo certas invocações. Era a isto que se chamava *præligare,* quando se tratava de impedir as primeiras relações entre dois amantes e até mesmo entre dois esposos, e chamava-se tambem *nodum religare,* quando se pretendia suspender as mesmas relações, mesmo que fossem muito antigas.

O *nó do atacador,* que foi sempre o terror de todos os amantes, nunca passou, mesmo na sua origem, de um prejuizo ridiculo da imaginação. Os romanos tinham um medo insupperavel d'este sortilegio, que podia envergonhal-os, privando-os dos privilegios do seu sexo, e tal era o poder que lhe attribuiam, julgando-o fulminante, que até evitavam de fallar n'elle. Julgavam-no sempre imminente, e para o conjurarem, quando estavam namorados, faziam tambem

nós, que desfaziam no mesmo instante com cordões e correias, que iam enroscar em redor de uma estatua de Hercules ou de Priapo. Estes sacrificios que os homens offereciam ás duas divindades, em segredo, no altar do lar domestico, tinham apenas por fim desfazer os nós magicos, que alguma mão inimiga podia, ter feito, ou que tratasse de fazer para aprisionar os sentidos, e illudir a esperança do prazer.

A menor allusão a este sortilegio da magia tinha-se por funesta, como se se evocasse um genio malefico. Os poetas e os demais escriptores, por velhos que fossem, temiam tocar em tão delicado assumpto, que de um dia para o outro podia dizer-lhes respeito e aniquillar-lhes por sua vez os sentidos. E' assim que só com uma grande reserva Tibullo se associa n'uma elegia á dôr de um amante, que em vão procura as suas forças nos braços da bella Pholoe:

«Quem seria a velha furia, que com os seus cantos magicos e com os seus poderosos philtros te aniquillou os desejos, nas trevas e no silencio da noite? A magia faz passar a messe de um campo para o campo do visinho; a magia detem na sua carreira uma serpente irritada; a magia pretende até arrancar a lua do seu carro de ouro. Para que has-de, porém, accusar da tua desgraça os cantos e os philtros de uma maga? A belleza não precisa do auxilio d'essas artes. O que te tornou impotente foi teres acariciado em demasia aquelle bellissimo corpo, e prolongado até ao excesso os teus beijos e abraços apaixonados. (*Sed corpus tetigisset nocet, sed longa dedisse oscula,* etc.)

Tibullo tratou com tal reserva d'este assumpto de mau agouro, que a elegia a elle consagrada está cheia de reticencias e obscuridades.

Os philtros mais poderosos e mais temiveis eram tambem os que as *sagæ* e as velhas cortezãs fabricavam, segundo receitas desconhecidas e sem o auxilio da magia. O unico objecto d'estes philtros era exaltar os sentidos e augmentar os transportes amorosos, e d'estes estimulantes fazia-se em Roma um uso prodigioso, apesar mesmo dos perigos da sobreexcitação. Raro era o dia em que uma beberagem d'esta especie não causava a morte, a loucura, a paralysia ou a epilepsia, mas estes exemplos funestos a ninguem aproveitavam, impondo silencio á razão e á prudencia a ardente sêde dos prazeres.

Nem todos estes philtros amorosos eram igualmente fataes, e ordinariamente os accidentes que se lhes attribuiam provinham do abuso, do uso immoderado. Ao principio, os libertinos contentavam-se com uma dóse minima, que lhes restituia todo o ardor juvenil; mas, ao passo que esse ardor ia diminuindo, augmentavam gradualmente a dóse do veneno a que deviam gosos ficticios, e em pouco tempo o philtro deixava de ter acção n'uma natureza já esgotada, que se extinguia n'um ultimo esforço de amor. Foi assim que morreram L. Licino, amigo de Cicero; Lucullo, o modelo dos prodigos e dos voluptuosos; o poeta Lucrecio, e tantos outros, que passaram da loucura á morte.

Chamavam-se *aphrodisiaca* todos esses philtros, que, mais ou menos maleficos, tinham por fim accender o fogo de Venus, e se ministravam tambem ás mulheres que careciam de sensualidade e ás jovens em cujo seio virgem não havia ainda despertado o appetite sensual. Em todo o caso, os medicos prudentes e honrados desapprovavam altamente o emprego dos aphrodisiacos, especialmente nas jovens. «Esses philtros, que tornam a tez pallida, diz Ovidio, no seu *Remedio do amor,* não aproveitam ás jovens. Esses philtros prejudicam a razão e conteem o germen da loucura furiosa.»

A maior parte d'elles eram poções, que deviam tomar-se de boa fé, sem conhecer os ingredientes, que a superstição e o empirismo tinha combinado de accordo com a cobiça. O leviano, que se expunha a um envenenamento a troco de um instante de prazer sensual, não tinha na maior parte dos casos outra garantia, a não ser a boa ou má reputacão da *saga,* á qual pagava por alto preço esta beberagem. E' verdade que muitas vezes se compunha apenas

de succos e decoctos de hervas odoriferas. «As plantas que estimulam os sentidos, diz Celso, são a calaminthą, a thymiana, o hyssopo, e sobretudo o poejo, a arruda e a cebolla.» Frequentes vezes, porém, se fazíam entrar n'estas beberagens funestas substancias mineraes e animaes, que compunham os *amatorios* (*amatoria*) mais terriveis. Uma beberagem d'esta especie, cuja receita possuia Canidia, chamava-se, segundo Horacio, *poculum desiderii,* ou a poção do desejo. Havia tambem aguas naturaes sulphurosas e ferruginosas, que se tinham como favoraveis aos sentidos e innoffensivas nos seus effeitos eroticos. Eram estes os philtros que a medicina oppunha aos dos perfumistas e das magas. Estas aguas excitantes, *aquæ amatrices,* perdiam quasi toda a sua virtude, quando se tomavam longe da origem. N'um dos seus epigrammas, diz Marcial:

«Hermaphrodito aborrece as águas amatorias. (*Odit amatrices Hermaphrodita aquas.*)»

N'outro epigramma parece dar a entender que esta especie de aguas estavam arrematadas por mulheres, cortezãs sem duvida, que lhes haviam dado fama e as exploravam:

«Quem é esse adolescente, que se afasta das puras aguas da fonte de Yandis e vae ter com a nayade, dona d'esta fonte? (*at fugit ad dominam.*) Será, por ventura Hylas, contente de que Hercules, o semi-deus da Thracia, seja adorado no bosque que rodeia a fonte, cujas aguas amorosas guarda? Argino extrahe sem cessar o seu veneno para nos dar a beber: as nymphas não lhe farão cousa alguma; livra-te, porém, de que Hercules se apodere de ti.»

Estas *aquæ amatrices* não eram, como teem julgado muitos sabios, beberagens compostas e preparadas pela mãos de uma *saga,* mas simplesmente aguas mineraes, que reanimando o vigor de um temperamento fatigado, o dispunham naturalmente para o amor, dando-lhe a apparencia d'uma nova juventude.

Dados precisos sobre a composição dos philtros não se encontram em parte alguma nos escriptores da antiguidade. Vê-se qual era o mysterio de que os especuladores de philtros rodeavam a sua industria, quasi sempre criminosa, mysterio que a sciencia não procurava penetrar. Ninguem cuidava senão dos effeitos, que eram verdadeiramente prodigiosos, sem tratar de investigar-lhes as causas. O physiologo Virey tirou de Dioscorides, Theophrastes, Plinio, etc., todos os elementos dispersos e indecisos, que lhe permittiram fazer a historia dos aphrodisiacos entre os antigos, e dividiu-os em duas classes principaes: os vegetaes e os animaes. Entre os primeiros distinguam-se os narcoticos, os estimulantes acres, os aromaticos, os odoriferos e os espirituosos. A mandragora, o stramonio e o canamo sylvestre, em que se reconhece o *nepenthes* de Homero, causavam uma embriaguez voluptuosa, que se prolongava n'uma serie infatigavel de sensações eroticas e conduzia insensivelmente á perda da memoria, á estupidez e á morte. Os cogumellos, e sobretudo o phallo, o agarico, as resinas acres, as hervas aromaticas e as sementes d'estas plantas, estimulavam poderosamente os orgãos do prazer; os licores espirituosos em que se haviam feito infusões de hervas odoriferas, desenvolviam tambem em um e outro sexo a actividade sensual.

Estes estimulantes, porém, tirados do reino vegetal, deixaram em breve de ter imperio nos monstruosos libertinos, que se propunham sempre ultrapassar os limites da força humana, procurando os seus modelos entre os deuses da mythologia amorosa. Estes insensatos recorriam, pois, a philtros fulminantes, graças a cujo ardor, podiam persuadir-se durante noites inteiras de que Jupiter ou Hercules haviam descido do Olympo para se metamorphosearem em homens. A's vezes morriam abrasados n'aquelle incendio, sem se saciarem de sensualidade, e o seu espantoso priapismo, a erecção bronzea do orgão, continuava ainda, muito tempo depois d'aquella morte horrivelmente voluptuosa!

Os insectos, os peixes, as substancias animaes acres e corrosivas com-

punham essa horrivel mistura, que tinha o nome caracteristico de *Satyrion*. Cantharidas, grillos, aranhas e muitos outros coleopteros, reduzido a pó ou apenas de infusão em vinho, obravam violentamente sobre os orgãos sexuaes, communicando-lhes uma irritação tão fogosa, que até costumava affectar gravemente a bexiga.

Com o mesmo fim e exito igual, se empregavam tambem no *satyrion* ovos de sargo e de gibio, envolvidos em ambar; mas depois de um prodigio de potencia, depois de largos e phreneticos arrebatamentos de amor, depois de uma febre erotica, lubrica, fogosa até á brutalidade, a victima da sua propria libertinagem cahia n'uma convulsão terrivel, que só terminava com a morte.

«D'aqui, exclama Juvenal, esses accessos de loucura, d'aqui esse obscurecimento da intelligencia, d'aqui o esquecimento de tudo!»

Juvenal falla tambem dos philtros da Thessalia, que uma esposa criminosa preparava para perturbar a razão de seu esposo.

Marcial, que não perdoa tambem a estas perigosas beberagens, aconselha tão sómente aos amantes fatigados, ou frios, o uso dos *bulbos* (cebollas, segundo alguns commentadores.)

«Quem não souber, diz elle, portar-se como homem na lucta amorosa, coma bulbos e será invencivel. Velho, se o teu ardor desfallece, não deixes de comer esses generosos bulbos, e a terna Venus sorrirá ainda propicia aos teus combates:»

Qui præstare virum Cypriæ certamine nescit,
Manducet bulbos, et bene fortis erit.
Languet anus; pariter bulbos ne mandere cesset,
Et tua prælia blande Venus.

Entre todos os philtros amorosos, que as *sagæ* compunham, o mais celebre e formidavel era o *hippomanes,* sobre cuja composição não estão de perfeito accordo os sabios. Os escriptores da antiguidade não contribuiram pouco tambem para condensar as duvidas a respeito da origem do *hippomanes,* pelas diversas explicações que dão sobre este assumpto. Virgilio, por exemplo, chama assim o virus acre e fetido que flue da vulva das eguas no tempo do cio: «O orgão sexual das eguas distilla um certo virus, o *hippomanes,* que frequentemente é aproveitado pelas odiosas feiticeiras para o misturarem com certas hervas e esconjuros.» Juvenal, Lucano, Plinio e Ovidio dão, pelo contrario, o nome de *hippomanes* a uma excrescencia carnosa, que os potros ao nascer costumam apresentar na testa, e que a egua arranca com os dentes e devora, antes de dar a teta á sua cria. Esta excrescencia de carne, negra, do tamanho de um figo, era para os camponezes um artigo de vantajoso commercio, e antecipando-se á egua, arrancavam-na ao potro para a venderem ás *sagæ,* que a empregavam nos seus philtros. Em vista d'estes testemunhos tão differentes, é provavel que as *sagæ* empregassem duas especies de *hippomanes,* sendo este ultimo muito mais activo e terrivel que o primeiro. Juvenal falla-nos de Cesonia, que para augmentar a violencia do philtro faz entrar na composição d'elle a testa inteira do potro recemnascido (*cui totam tremuli frontem Cæsonia pulli infundit.*) O mesmo Juvenal, emfim, descreve com horror o espantoso effeito do *hippomanes,* que produziu a demencia e a morte de Caligula, o imperio de Nero e os crimes d'este imperio. *Tanti partus equæ!* exclama indignado o poeta: «E tudo isto é o fructo de uma egua, tudo isto é a obra de uma envenenadora!»

Eram effectivamente verdadeiras envenenadoras aquellas velhas infames, reliquias vis e abjectas da libertinagem e da prostituição, que punham nos seus philtros não só materias excrementicias de animaes, almiscar, castoreo das partes genitaes do castor, algalia, sperma de veado, etc., mas tambem sangue mens-

trual das mulheres e até mesmo liquido seminal dos homens. Tão horrendas misturas produziam enfermidades gravissimas, que ainda assim não bastavam para assustar a libertinagem, nem para corrigir as suas espantosas desordens. As magas emeritas costumavam ainda accrescentar ás suas preparações eroticas certos ingredientes tirados da natureza humana, como por exemplo a medulla dos ossos, o figado, os testiculos, o fel de um menino ou de um justiçado e sobretudo essa delgada pellicula, que costuma envolver a cabeça do feto ao sahir do ventre materno. As parteiras arrancavam destramente esta pellicula a que attribuiam virtudes tão singulares, e vendiam-na por alto preço aos fabricantes de philtros amorosos, ou então aos advogados, que julgavam ser mais eloquentes, tendo-a comsigo nos tribunaes, em guisa de talisman. De tudo isto se infere que o commercio das *sagæ* devia ser muito extenso e lucrativo; no emtanto, nenhuma d'estas operadoras nos deixou o livro das receitas que faziam a sua reputação e a sua riqueza.

A arte antiga dos perfumes e cosmeticos, que as *sagæ* exerciam tambem com incriveis recursos de refinamento e de invenção, é actualmente desconhecida para nós. Os poetas e os escriptores de todos os generos fallam continuamente d'estes perfumes e cosmeticos (*unguenta,*) que por toda a parte acompanhavam uma e outra Venus, mas não sahem nunca de vagas generalidades e nunca nos iniciam nos innumeraveis segredos da perfumaria antiga, como se estes segredos, conhecidos já no tempo de Homero, que faz remontar a sua origem aos deuses, não se transmittissem senão debaixo de juramento de uma a outra geração. Havendo chegado a ser entre os romanos a paixão dos perfumes tão ardente e desenfreada como a dos prazeres sensuaes, o officio das perfumistas e das unguentarias fez extraordinarios progressos, e a nomenclatura das essencias, dos azeites, dos balsamos, das pomadas, dos pós, das pastas e dos ingredientes cosmeticos veio a ser infinita, indo procurar os seus elementos aos vegetaes, animaes e mineraes de todo o mundo, para combinar tantas variedades odoriferas e proporcionar com ellas gozos incessantes e novos ao amor sensual.

Os antigos, os romanos sobretudo, não comprehendiam o amor sem os perfumes; e effectivamente os cheiros acres e estimulantes de que se serviam com profusão nos habitos da vida, predispunham-os maravilhosamente para o amor. Sabe-se que o almiscar, a algalia, o ambar e outros cheiros animaes, de que traziam impregnados os vestidos e o cabello, teem uma acção efficacissima sobre o systema nervoso e sobre os orgãos da geração. Não se limitavam tambem ao uso exterior d'estes perfumes, pois com excepção dos philtros energicos, reservados para circumstancias particulares, não temiam tomar grande quantidade de aromas e de especies no seu alimento diario. A estas causas permanentes deve attribuir-se esse appetite insaciavel, esse prurido do vicio, que atormentava a sociedade romana, impellindo-a a todas as desordens e excessos do amor physico.

A luxuria asiatica trouxe comtigo estes refinamentos sensuaes, e desde então foi tal o consumo em Roma de substancias aromaticas, que a Arabia, a Persia e todo o Oriente não bastavam para supprir ao abastecimento d'este prodigioso commercio. Em vão alguns philosophos e homens virtuosos e de costumes simples procuraram combater aquella moda, tão perigosa para a saude como para os costumes; em vão os seus prudentes conselhos se repetiram nos livros de moral, na poesia e no theatro; ninguem fez caso d'esses conselhos e d'essas censuras, e dentro em pouco tempo Roma estava tão perfumada e voluptuosa como Sybaris ou Babylonia. Os amantes especialmente não faziam senão procurar constantemente perfumes, e — cousa devéras extranha — os perfumistas eram despresados. Verdade é que a este mister apenas se entregavam as cortezãs já velhas, e os alcoviteiros de ambos os sexos. As pessoas honestas

que tinham necessidade dos seus serviços não entravam n'aquellas mal afamadas perfumarias, senão de rosto coberto, e pela noite ou de manhã cedo. Cicero e Horacio fallam d'esta classe de commerciantes com grande despreso.

«Accrescenta ainda, se queres, diz o primeiro, no seu tractado *De Officiis,* os unguentarios, os bailarinos e a turba miseravel dos jogadores.»

Horacio colloca á mesma altura o unguentario e o alcoviteiro.

Quanto ás perfumistas, este nome só por si era a mais grave injuria que se podia dirigir a uma mulher de condição ingenua ou livre. As tendas de perfumaria eram mercados de lenocinio e de libertinagem, e por isso as pessoas ricas e decentes, para não frequentarem estes estabelecimentos, tinham em sua propria casa um laboratorio, em que se fabricavam todos os perfumes de que necessitavam para o seu uso, para o que tinham um ou mais perfumistas entre os seus escravos ou libertos.

Havia em Roma perfumes caracteristicos, que immediatamente annunciavam a condição da pessoa, os seus costumes, o seu caracter e até mesmo a sua saude: o cheiro forte e penetrante revelava a necessidade de neutralisar alguma exhalação incommoda do corpo; o cheiro doce e suave convinha ás matronas elegantes e aos homens de bom gosto e de vida regular; o perfume embriagante accusava a cortezã, ou pelo menos a mulher garrida e amiga de agradar; o perfume enervante era proprio do effeminado. Perfumes por toda a parte aqui um, alli outro, distinctos todos ou quasi todos, na rua, nos passeios, nas casas, um mixto indefinivel de odores aromaticos, viciando perigosamente o ar. Effectivamente, os homens, as mulheres e as creanças todos se perfumavam em Roma ao sahir do leito, antes de comer e antes de deitar. Friccionavam todo o corpo com oleos perfumados, em que encharcavam o cabello; impregnavam de essencias os vestidos, queimavam aromas de dia e de noite, e deitavam-nos em todas as comidas e bebidas.

O satyrico Lucio, para metter a ridiculo esta *pharmacomania,* admirava-se de que os seus contemporaneos, que tantos perfumes tomavam, não os exhalassem tambem de dentro do corpo...

«Uma mulher cheira bem, dizia Plauto, quando não cheira a cousa alguma, porque essas velhas que se carregam de perfumes, essas decrepitas desdentadas, que cobrem de pinturas as ruinas da sua belleza, quando o suor se mistura com esses perfumes, ainda cheiram peor, como um cosinheiro que faz um guisado, misturando-lhe molhos de muitas qualidades.»

Eram os perfumes importantes e indispensaveis auxiliares da sensualidade nos preludios da *palestra de Venus,* para nos servirmos de uma expressão antiga: —*palestra venerea.* Os dois amantes ungiam todo o corpo com substancias odoriferas, depois de se haverem lavado em aguas perfumadas; o incenso fumegava no aposento como n'um templo, ao iniciar-se um sacrificio; o leito estava circumdado de grinaldas de flores e semeado de folhas de rosa, e do mesmo modo todos os moveis recebiam uma chuva de nardo e de cynamomo. As abluções em aguas aromaticas repetiam-se com frequencia n'aquellas longas horas de amor, no meio de uma atmosphera mais perfumada do que a do proprio Olympo.

Estes perfumes, como bem se deprehende, haviam sido inventados por gente que conhecia o prazer e sabia os meios de o excitar, desenvolver e prolongar. Assim, na sua velhice as prostitutas de ambos os sexos dedicavam-se de preferencia a este genero de commercio. D'este modo, continuavam a satisfazer, ainda que indirectamente, os gostos do publico, sempre sensual e corrompido, e quando compunham um novo perfume, um novo cosmetico, ou outra qualquer especie de artigo de toucador elegante, tinham um certo orgulho em dar o seu nome ao invento. O perfumista Nicerotas inventou a *nicerotina;* Folia, a maga, amiga e cumplice de Canidia, descobriu um engenhoso processo

para preparar o nardo da Persia, que depois foi denominado *foliatum*. Ordinariamente, porém, o perfume ou cosmetico tirava o seu nome do paiz que lhe havia fornecido o principal ingrediente. Havia o balsamo de Mendesio, oriundo do Egypto; o unguento de Chypre; o nardo da Persia; o azeite da Arabia e o da Syria; o *malobathrum* de Sydonia, etc.

A maior parte dos perfumes, os mais activos pelo menos, vinham do Oriente, e em especial da peninsula arabica, e por este motivo começaram a designar-se indistinctamente todos os productos da perfumaria pelo nome generico de *perfume arabe* (*arabicum unguentum.*) «Queimemos, diz Tibullo, queimemos os perfumes que nos envia do seu uberrimo solo o voluptuoso arabe!» Mais particularmente se applicava, porém, o qualificativo *arabus*, ou *arabicus* a certo azeite odorifero, com que untavam os compridos cabellos as mulheres e os effeminados.

Fabricava-se tambem outro balsamo, não menos estimado, com grãos de mirobolano (*myrobolani,*) arbusto aromatico oriundo da Arabia. Outras muitas especies de preciosos perfumes eram extrahidos da arvore da Judeia, cuja goma odorifera se chamava *opabalsamum;* do amomo da Assyria; da myrra de Oronto; da mangerona de Chypre (*amaracus cyprinus;*) do cynamomo da India, etc. Como já dissemos, porém, ignora-se a proporção das dóses e os principios de todas estas misturas balsamicas, que suppriam ás differentes necessidades da vida amorosa.

Os cosmeticos, em cuja composição entrava sempre um perfume, são ainda mais desconhecidas para nós, do que os perfumes do toucador e das complacencias voluptuosas, embora difficilmente escapassem á interessada discrição dos especuladores os nomes de alguns d'esses maravilhosos segredos da garridice feminina, nas suas tres phases — de conservação, dissimulação e adorno. Em todos os tempos foram estes segredos perfeitamente guardados; assim nada se sabe a respeito da pomada depilatoria, com que se fazia cahir todo o cabello do corpo e até mesmo o do barba, e o mesmo succede a respeito do unguento dentrifico (*odontotrimma,*) que tanta alvura e brilhantismo dava aos dentes, e a respeito do *diapasmata,* fabricado em pastilhas por Cosmo, no tempo de Marcial, para tirar o mau cheiro da bocca. Plinio é o unico que nos indica algumas receitas, taes como a do azeite de marmello (*melinum unguentum.*) a do *megalium,* a do *felinum,* e a do unguento real, que os reis parthas consagravam ao esplendor da sua magestade. No emtanto, ver-nos-hiamos seriamente embaraçados, se tivessemos de definir as propriedades e vantagens de cada um d'estes odoriferos cosmeticos. Nem todos elles se recommendavam, todavia, pela pureza dos ingredientes ou pela delicadeza dos perfumes. Para conservar, por exemplo, até uma idade avançada o ventre firme, liso e branco, esfregava-se não só com farinha de favas e com folhas de rosas, cosidas e salgadas, mas tambem com urina. As mulheres, depois dos partos, segundo Plinio, nunca deixavam de fazer desapparecer com fomentações de urina as rugas e as manchas, que lhes alteravam a pureza do ventre: — *æquor ventris.*

Merecia tambem uma confiança absoluta o uso do leite de jumenta para branquear a pelle. Temos o exemplo de Popea, que tomava todos os dias um banho de leite ministrado por cincoenta burras recem-paridas, que se renovavam sem cessar, afim de que este leite fosse sempre novo. Como nem todas as matronas romanas podiam fazer este enorme dispendio de jumentas, os perfumistas lembraram-se de condensar o leite de burra n'um unguento e vendel-o até em pastilhas solidas, que as suas clientes faziam derreter em agua tepida, afim de amaciarem e branquearem a pelle.

«Cousa horrivel e asquerosa! diz Juvenal, fazendo o retrato de uma mulher galante. O rosto está ridiculamente coberto de uma especie de pasta, que exhala o cheiro dos repugnantes cosmeticos de Popea. E' n'essa superficie

crassa e nojenta que vão pegar-se os labios de seu pobre marido. Essa mulher lava-se todos os dias com leite, e para não lhe faltar seria capaz de levar no seu sequito uma grande recua de burras, ainda mesmo que tivesse de ir desterrada para o polo arctico. Digam-me agora: Essa cara, a que se applicam tantas e tão differentes drogas e em que se descobre uma capa de farinha cosida e liquida, chamar-se-ha cara ou ulcera?»

Estes epigrammas, estas injurias, estas maldições dos poetas não impediam que as mulheres de Roma continuamente enchessem o rosto de alvaiade e de carmim, tingindo ao mesmo tempo os cabellos, e procurando reter, graças aos poderosos recursos da arte, os ultimos restos da sua fugitiva belleza. Abraçavam-se com desespero ás derradeiras illusões que a arte dos comesticos lhes offerecia, e procuravam até enganar-se a si proprias a respeito dos estragos da idade.

As cortezãs mais opulentas e mais em voga, as *famosas* e *preciosas,* de que já fallamos, difficilmente se resignavam a envelhecer, e é preciso notar-se que a velhice de uma mulher começava aos trinta annos entre aquelle povo, que só apreciava a extrema juventude, ou mesmo a infancia. Uma d'estas mais celebres sacerdotisas de Venus, chamada Acco, aterrada com o rapido volver dos seus annos, que lhe arrebatava cruelmente a frescura da tez, o brilho dos cabellos, o esmalte dos dentes e toda a graça e gentileza da sua pessoa, julgou que teria conseguido esquecer de todo esta afflictiva metamorphose, fazendo o proposito de nunca mais se tornar a vêr ao espelho. Um dia, um dos seus amantes, enfadado das suas queixas e censuras, poz-lhe diante dos olhos o indiscreto revelador de todas estas decadencias da idade, e Acco poude vêr então a que ponto haviam chegado os estragos da sua velhice. No mesmo instante, o cabello que lhe restava enbranqueceu completamente; a bocca desdentada não mais se lhe fechou, depois de ter soltado uma dolorosa exclamação de assombro, e os olhos fixos na imagem, encheram-se-lhe de lagrimas. Acco enlouqueceu e morreu de desespero, ao vêr que os annos haviam destruido de todo a sua antiga belleza. O nome da cortezã perpetuou-se na memoria das mães, que para deshabituarem suas filhas, quando crianças, dos ridiculos costumes de arranharem o rosto, entortarem o nariz ou arrancarem as pestanas, ameaçavam-nas com a colera de Acco, que veio a ser o terror de todas as meninas.

As *sagæ* e as perfumistas não se contentavam com a especulação dos perfumes e cosmeticos; além d'isto vendiam todos os objectos e utensilios que podiam servir á prostituição: os lategos, as agulhas, as fibulas e os cadeados de castidade, os amuletos, os phallos, e uma grande multidão de artigos de libertinagem, que a antiguidade, mesmo nos tempos da sua maior depravação, não ousou descrever. Se os Padres da Egreja, Santo Agostinho, Lactancio, Tertulliano, Arnobio, etc., não houvessem divulgado as inauditas torpezas da prostituição romana, vacillariamos em acreditar na existencia de tão monstruosos refinamentos, que de mais a mais tinham a tolerancia da lei. Não era só nos lupanares que se empregava o *fascinum,* membro viril artificial, de couro, linho ou seda, que servia para enganar a natureza. O infame instrumento entrava tambem na camara perfumada das nobres matronas, quando os maridos se ausentavam, servindo para evitar os perigos do adulterio. Servia tambem nas secretas reuniões do amor lesbio, nos banhos publicos e no sanctuario do lar domestico.

S. Paulo, na sua primeira epistola aos romanos, falla do progresso que as doutrinas de Sapho haviam feito em Roma, quando diz a respeito dos indignos descendentes de Scipião e de Catão:

«Deus entregou-os ás paixões da ignominia, porque as mulheres trocaram o uso natural dos homens n'um uso que é contra a natureza, e igualmente os homens, abandonando o uso natural da mulher, se abrazaram em impuros

desejos, uns para com os outros, consumando a infamia do varão com o varão, e recebendo, como era necessario, em si mesmos o castigo do seu erro. (*Propterea tradidit illos Deus in passiones ignominiæ. Nam fœminæ eorum immutaverunt naturalem usum in eum usum, qui est contra naturam. Similiter autem et masculi, relicto naturali usu fœminæ, exarserunt in desideris suis invicem masculi in masculos turpitudinem operantes, et mercedem quam opportuit erroris suis in semetipsis recipientes.*)»

Notaremos de passagem, ao transcrever este celebre trecho da epistola do apostolo, que a recompensa, ou para melhor dizer, o castigo que os culpados em si proprios recebiam, não podia ser outro senão as enfermidades do anus, que eram tão vulgares entre os *pedicones* e os *cinœdes* de Roma.

Finalmente, as obscenas *fascina,* que se fabricavam e vendiam no bairro dos perfumistas, nas tendas dos barbeiros e em casa das mais celebres cortezãs, costumavam empregar-se para avivar os amortecidos desejos dos velhos dados á libertinagem. Não nos sentimos com valor bastante para traduzir este texto de Petronio, nem mesmo recorrendo aos rodeios necessarios: *Profert Enothea scorteum fascinum, quod ut oleo et minuto atque uticæ trito circumdedit semine, paulatim cœpit inserere ano meo.* Como pôde inventar a libertinagem essa irritante mistura de pimenta e ortigas reduzidas a pó e diluidas em azeite de oliveira? Podem calcular-se os accidentes organicos, resultantes d'este infernal topico, e que decerto se achavam comprehendidos no castigo que os culpados em si proprios recebiam, segundo as palavras de S. Paulo.

E' permittido suppôr que os perfumistas e as *sagæ* se encarregavam tambem de certas operações igualmente vergonhosas por sua natureza e objecto, ainda que a medicina procurasse auctorisar, e os medicos executassem a castração das mulheres e a infibulação de um e outro sexo.

«Alguns cirurgiões, diz Celso, costumavam praticar a infibulação nos jovens, e isto no interesse da sua voz e da sua saude. Esta operação pratica-se assim: puxa-se o prepucio para a frente e depois de marcar com tinta os dois pontos oppostos, que se hão de atravessar, deixa-se que os tegumentos voltem sobre si mesmos. Atravessa-se então o prepucio pelos pontos já marcados com uma agulha enfiada em linha, cujas extremidades se reunem e seguram, e que se move todos os dias até que os dois orificios estejam bem cicatrisados. N'este caso, substitue-se a linha por um annel, e o melhor será sempre escolhel-o delgado. Comtudo esta operação na maior parte dos casos é mais inutil que necessaria.»

Celso não ousa pronunciar-se contra este detestavel invento, que os mais escandalosos receios fizeram adoptar, sob o pretexto de conservar a voz d'estes jovens escravos na época da puberdade e ás vezes para os preservar das polluções nocturnas. Este annel (*fibula,*) que impedia o paciente de praticar actos de virilidade, era de ouro ou de prata, e soldava-se ao fogo ou apertava-se por meio de uma mola. O que prova o verdadeiro objecto d'estas *fibulas,* é que se adaptavam tambem ao anus, por uma operação analoga á que Celso descreveu.

Quanto á infibulação das mulheres, que se modificou depois na edade média, inventando-se os *cadeados de castidade,* praticava-se pouco mais ou menos como a dos homens, e a fibula ou annel que fechava as partes sexuaes atravessava as extremidades dos grandes labios e não se abria senão com uma chave propria. Nada era mais commum do que a infibulação dos escravos favoritos; quanto ás escravas, porém, punham-se em resguardo, de preferencia, por meio da *subliga,* ou *subligaculum,* apparelho especial de couro ou de crina, forrado brandamente, á maneira de um cinto, que se atava por detraz, formando uma especie da egide de castidade, ou antes da fidelidade.

Um antigo costume exigia que os actores não se apresentassem em scena sem esta especie de caução, que obviava a qualquer perigo e garantia o pudor

das matronas. *Scenicorum mos quidem tantam habet vetere disciplina verecundiam ut in scenam sine subligaculo prodeat nemo,* lê-se no tractado *De Officiis.* E um epigramma de Marcial diz-nos que as mulheres honestas tomavam a precaução de trazerem sempre o *subligaculum.*

«Diz-se que tu, oh Chione, não conheceste ainda varão, e que és mais pura do que a tua virgindade. Sem embargo, occultal-a mais do que é mister quando te banhas. Se tens pudor muda para o rosto o *subligaculum.*»

N'outra parte falla de um cinto de couro negro, que os escravos punham quando acompanhavam seus senhores aos banhos (*inguina succintus nigra tibi servus aluta stat.*) N'outro epigramma, porém, apresenta-nos um escravo infibulado, banhando-se com sua senhora.

«Tendo o phallo coberto com uma capsula de metal, um escravo banha-se comtigo. Para que é esta precaução, Celia, se não é cantor esse escravo? Não queres talvez vêr-lhe o sexo; mas então por que te banhas com toda a gente? Somos por ventura eunuchos para ti? Receia, oh Celia, pareceres zelosa de teus escravos: tira-lhe essa fibula!»

Emfim, como já dissemos, n'estas officinas de impureza e de maleficios, fazia-se tambem a castração das mulheres. Não ha dados precisos ácerca d'esta operação, cujo fim era tornar estereis as desgraçadas que as soffriam, ainda que haja quem supponha uma fabula este costume tão cruel como inutil, que teve principio na Lydia, se houvermos de dar credito a Xantho. Segundo um antigo commentador, a operação consistia na suppressão das glandulas que ha á entrada do collo da madre, glandulas que os antigos consideravam como testiculos necessarios á geração, e que se faziam desapparecer, já cortando-as, já comprimindo-as. As jovens submettidas a esta barbara operação, como as gallinhas destinadas para as mezas opulentas (*simili modo,* diz Pierruges, *Itali et Gallo-provinciales gallinas eunuchant,*) viam-se assim privadas para sempre das doçuras da maternidade; em compensação, porém, ficavam mais aptas para os trabalhos de Venus, por isso mesmo que ignoravam os de Juno.

De resto, esta especie de castração era pouco frequente, excepto para as jovens que se dedicavam á prostituição dos lupanares, as quaes julgavam pôr assim ao abrigo da prenhez e dos abortos. No emtanto, a respeito da mysteriosa operação que se fazia soffrer ás mulheres de prazer desde a infancia, lemos n'um antigo rhetorico do seculo decimo sexto que esta operação praticada em pessoas escolhidas pela sua conformação particular, mudava completamente o sexo da victima, e fazia sahir fóra do orgão as partes que n'elle estão ordinariamente encerradas, de modo que estas mulheres tinham a apparencia, senão o sexo do homem.

A castração dos homens e das creanças era menos complicada e muito mais usual. A tal ponto chegou o abuso, que Domiciano se julgou obrigado a prohibil-o, á excepção de certos casos privilegiados. Não eram, pois, os medicos os que executavam estas crueis mutilações, que tanto multiplicaram a cobiça e a libertinagem associadas. Eram os barbeiros, os banheiros, as *sagæ* e outros infames ainda, que trabalhavam por conta dos traficantes de escravos dos lupanares e dos alcoviteiros de ambos os sexos. Toda esta multidão de eunuchos era necessaria em Roma para satisfazer ás exigencias da moda e da libertinagem, e havia mulheres infames que não tinham outra industria senão roubar creanças para fazerem *castrati, spadones* e *thlibiæ.* «Domiciano, diz Marcial, não tolerou taes horrores, evitando assim que a libertinagem insaciavel produzisse uma raça de homens estereis (*ne fecerit steriles sæva libido viros.*)» Os odiosos auctores e cumplices d'estes crimes foram condemnados aos trabalhos forçados, ao desterro e até mesmo á morte.

Mas, cousa extranha! a prostituição religiosa ficou tendo a posse do atroz privilegio que o edito imperial tirou á gente perdida. Os sacerdotes de Cybele

continuaram não só a mutilar-se a si proprios, mas até mesmo a exercer iguaes violencias com as desgraçadas creanças que lhes cahiam nas mãos. Estes *galli*, na sua grande maioria, corroidos por doenças vergonhosas, intitulavam-se *semi-viri* e simulavam sacrificar á deusa os depauperados e gangrenosos restos da sua virilidade. Quando nada tinham que offerecer a Cybele, iam procurar as suas impuras offerendas no primeiro que encontravam, e que sem desconfiança se entregava nas suas mãos.

Marcial pôz em verso uma aventura, que aconteceu no seu tempo e que prova a orgulhosa superstição d'aquelles sacerdotes. Aproveitamos a traducção da grande collecção de auctores latinos, publicada por Mr. Nizard, professor da escola normal.

«Quando Misicio se dirigia para o territorio de Ravenna, sua patria, encontrou no seu caminho um bando d'esses homens, ou melhor meios-homens, que se dedicam ao culto de Cybele. O velho tinha por companheiro de viagem o joven Achillas, escravo fugitivo, e mancebo de rara formosura. Os sacerdotes dirigiram-se aos dois peregrinos e procuraram informar-se do lado que o moço Achillas devia occupar no leito. Achillas, suspeitando alguma preversidade, procurou illudil-os e o seu estratagema foi acreditado pelos sacerdotes. Logo que se foram deitar, depois de copiosas libações, os malvados dirigiram-se ao leito dos dois e mutilaram o orgão sexual do ancião, emquanto que o moço escapava ás suas preversas intenções.»

Estes execraveis sacerdotes tomavam parte em todas as infamias do burgo toscano. Todos os traficos lhes pareciam bons, e constantemente ebrios, sempre furiosos, sempre obscenos, fizeram um culto da mais sordida sensualidade, propondo-se talvez a substituir a prostituição dos mulheres pela mais immoral e vil prostituição dos eunuchos.

Assim nos representa Juvenal o grande *semi-virus* entrando em casa de uma matrona á frente de um côro de *galli* fanaticos, com os seus tambores e trombetas. Este personagem, cujo rosto veneravel só se compraz com obscenas complacencias (*obscœno facies reverenda minori,*) e que desde muito tempo havia cortado metade dos seus orgãos viris, veste a thiara phrygia das cortezãs e ufana-se de rivalisar com ellas, servindo ao mesmo tempo aos prazeres de ambos os sexos.

As *sagæ*, as magas, as envenenadoras e todos os auxiliares femininos da prostituição romana eram menos odiosos do que aquelles sacerdotes hermaphoditas, que deshonravam a religião pagã.

CAPITULO XXII

SUMMARIO

A libertinagem na sociedade romana.— Petronio Arbiter.—Aphorismo de Trymalcion. — O verbo *vivere.*— Latitude dada a este verbo pelos *delicados.*— A deusa Vitula.— *Vitulare* e *vivere.*— O dia de um voluptuoso.— Petronio, o mais habil *delicado* da sua época — Os banquetes.— Origem da palavra *missa.*— Infamias que se praticavam nos festins nocturnos do palacio dos Cesares.— Descripção d'estes festins.— Leitos para a meza.— A cortezã grega Cytheris.— Bacchides e suas irmãs.—Censuras de Scipião, o Africano, a Sulpicio Gallo por causa da sua vida licenciosa.— Os banquetes de Trymalcion.— Os bobos, os histriões e os aretalogos.— Bailarinos e bailarinas.— Danças obscenas dos festins, descriptas por Arnobio.— Festins do libertino Zoilo.— Descripção d'estes festins por Marcial.— Episodio de um festim de Trymalcion.— O serviço da meza e os quadros lubricos.—Mobilia e decoração da sala dos festins.— Brindes eroticos.— Thesaurochrysonicochrysides, mancebo do famoso bobo de mesa Galba.— Serenidade e cynismo de Galba n'uma ceia para que foi convidado com sua mulher.— Importancia das flôres n'um festim.— Deuses e deusas que presidiam aos banquetes.— Os deuses lares *Industria, Ventura* e *Proveito.*— O verbo *commissari.*—Theogonia dos deuses da libertinagem.— Commissalo, deus do suor que causavam as luctas amorosas.— O Deus Triphallo. —Pilumno e Picumno, deuses das parturientes. — Deverra, Deverona e Intercidona. — Viriplaca, deusa das reconciliações conjugaes. — Domidico. — Suadela e Urbana.— Genita Mana.— Postversa e Prorsa.— Cuba Dea.— Thalasso.— Angerona.— Fauna, deusa favorita das matronas.— Iugatino e as suas attribuições obscenas.



ÃO se póde fazer uma ideia bem exacta e bem completa do que era a libertinagem na sociedade romana, se não seguirmos com curiosidade a descripção das scenas lubricas tão singelamente feita pelo auctor do *Satyricon.* Petronio descreve fielmente o que se passava todos os dias, quasi publicamente, na capital do imperio romano, embora para desviar allusões tenha feito passar em Napoles a acção da sua pittoresca fabula, consagrada á historia da libertinagem no tempo de Nero. Petronio era um homem refinadamente voluptuoso, um excellente juiz, portanto, em questões de prazeres sensuaes, devendo á sua competencia n'esta materia a sua denominação de *Arbiter* dos prazeres. Era-o com effeito, e referiu á posteridade em estylo florido e figurado as maiores torpezas, devendo até mesmo suppôr-se que escreveu inspirado pelas suas proprias impressões e recordações pessoaes. Bastará, pois, copiar-lhe os quadros e apontar os dados e mysterios da libertinagem, que se acham accumulados nos fragmentos da sua composição erotica e sotadica, para termos á vista uma pintura fiel da vida privada da juventude romana.

A philosophia pratica d'estes infatigaveis libertinos resumia-se n'esta sentença de Trymalcion:—*Vivamus, dum licet esse!* —quer dizer: — Passemos alegremente a vida, em quanto nos fôr dado viver! O verbo *vivere* havia tomado uma significação muito mais lata e menos especial do que na época de costumes puros e simples, em que significava tão sómente o facto material da exis-

tencia, não se applicando tambem mais a um genero de vida do que a outro. Os *delicados* de Roma (*delicati*) acreditavam como um dogma que *viver sem gosos materiaes não era viver*. Para elles viver realmente — *vivere* — era a embriaguez das mais variadas e multiplicadas delicias; era *gosar muito* e *gosar constantemente*. As mulheres de costumes faceis, em cuja companhia vivia a mocidade turbulenta e dissoluta, não comprehendiam tambem de outro modo este verbo, que os proprios philosophos acceitaram com esta nova accepção. N'este mesmo sentido o empregou Varrão, quando disse: «Dae-vos pressa em *viver*, bellas jovens, a quem a aurea mocidade permitte gozar, comer, amar e occupar o carro de Venus. (*Venerisque tenere bigas.*)» Para melhor comprovar a bella extensão do sentido de *vivere*, um amante da escola de Petronio escreveu sobre o sepulchro de uma companheira de prazer:

DUM VIVIMUS VIVAMUS

aphorismo a que não dá bem todo o realce da energica lingua romana esta reproducção em vulgar: «Emquanto vivemos, gosemos a vida.»

De resto, esta vida de deleites infinitos tão indispensavel se tornou aos jovens patricios da cidade dos Cesares, que foi preciso até inventar uma deusa especial para a proteger. Esta deusa, segundo a etymologia indicada por Festo, tirou o seu nome *Vitula*, da palavra *vita*, ou da alegre vida a que tinha de presidir. Vitula não tinha outro culto além do que recebia no altar dos deuses domesticos, no *cubiculum* ou no *triclinum*, onde tanto abundavam as occasiões de a invocar.

De Vitula, deusa da vida alegre e cheia de prazeres, proveio o vocabulo *vitulare*, que substituiu a expressão *vivere*. Póde ser tambem que se derivasse de *vitula*, vitella, no sentido dos moços romanos amigos dos prazeres viverem reclinados junto da mesa, ou nos leitos voluptuosos, tão languida e suavemente como esse doce animal na branda herva dos campos.

Effectivamente, os voluptuosos não passavam a vida de outro modo. «Consagravam todo o dia ao somno, diz Tacito, fallando de Petronio, o typo mais acabado d'esta especie, e a noite aos deveres da sociedade e aos prazeres.» Petronio ganhou uma enorme reputação com a sua voluptuosidade e indolencia, maior do que muitos logram obter pelo seu trabalho, e á imitação dos perdularios, que se tornam conhecidos pelas desordens da sua libertinagem, Petronio era tido geralmente como o mestre dos voluptuosos.

Parece inacreditavel que pudesse haver naturezas bastante energicas e activas para se occuparem dos negocios e do estudo da politica, no meio de taes sensualidades que dominavam e absorviam a vida. Que liberdade de espirito e de acção poderiam ter uns homens, que passavam o dia a dormir e a banhar-se, e a noite em orgias espantosas? Estes festins nocturnos, estas ceias que se prolongavam até ao dia em excessos monstruosos, chamavam-se *comessationes*, ou *comissationes*. Esta denominação latina derivou-se da palavra *comes*, companheiro, na accepção de *amigo* e *bom companheiro*.

D'aqui vem tambem, segundo todas as probabilidades a origem da palavra *missa*, embora nos envergonhemos de attribuir-lhe a origem de uma palavra impura, tomada quasi sempre á má parte. Os primeiros christãos reuniam-se de noite nos logares secretos para celebrarem os mysterios do seu culto e para os agapes fraternaes, que faziam parte d'esse culto.

As *comissationes* profanas realisavam-se durante a noite e admittiam todos os processos do prazer, todas as fórmas do deleite, todos os excessos da sensualidade. As pessoas honestas e as mães de familia tinham um pronunciado horror por estes monstruosos festins nocturnos. Não se tratava sómente alli de comesainas succulentas e copiosas, regadas com vinhos magnificos até

os convivas cahirem no chão, ebrios e extenuados. Estes banquetes eram com frequencia conciliabulos de libertinagem, theatros de obscenidades e abominaveis sanctuarios da mais sordida prostituição. Não poderia referir-se sem repugnancia e nojo tudo quanto se passava n'aquellas longas horas de uma noite inteira, que decorriam sem que fizessem afrouxar essa elaboração de impudicicias, das quaes poderiam ter-se como veniaes e quasi innocentes, os cantos obscenos, as danças lascivas, os ditos impudicos, os gritos, as risadas e os gestos indecentes.

Suetonio e Tacito, os auctores da Historia Augusta, põem em relevo a cada instante as infamias que se praticavam nas *comissationes* do palacio dos Cesares. Cicero, no seu discurso a favor de Celio, colloca ao mesmo nivel os adulterios e as *comissationes* (*libidines, amores, adulteria, convivæ, comissationes.*) E' certo que uma ou outra vez se poderia encontrar n'essas orgias um homem de qualidade, mas não o é menos, que não ousaria gabar-se em publico da sua aventura, e que se envergonharia até de haver sido cumplice ou mesmo espectador de similhantes desordens.

A moda d'estes escandalosos banquetes foi uma consequencia da invasão da luxuria asiatica em Roma, começando logo que os romanos, á imitação dos povos do Oriente, adoptaram o costume de reclinar-se em almofadas ou mesmo em leitos para comer. Até então, todos comiam sentados, e ninguem procurava mesmo que o assento fosse brando; até as mulheres se sentavam em bancos ou tripodes de madeira.

«Chamavam-se *sedes,* diz santo Isidoro, nas suas *Etymologias,* porque entre os antigos romanos não havia o uso de se deitar para comer; todos se sentavam á mesa. Dentro em breve, porém, começaram os homens a recostar-se em leitos junto das mesas, ficando sómente sentadas as mulheres, o que fez dizer a Valerio Maximo: «Os costumes austeros conservam-se mais escrupulosamente no Capitolio para a geração actual, na occasião da comida sagrada em honra de Jupiter, do que no interior das casas.»

As mulheres que se atreviam a deitar-se á mesa, como faziam os homens, faltavam ao decoro que a si proprias deviam, e demonstravam claramente que não se detinham com escrupulos ou conveniencias de especie alguma. Na alegre ceia, em que Cicero não esteve com ceremonias para se collocar ao lado da cortezã grega Cytheris, esta *preciosa* deitou-se sem o menor escrupulo n'um leito de marfim, sem imitar o grave e decoroso porte de uma matrona, que se teria sentado, e não ousaria sequer firmar o cotovello na mesa. Plauto apresenta-nos tambem outras cortezãs, Bachides e suas irmãs, occupando á mesa um unico leito. A's vezes reclinavam-se no mesmo leito dois convivas de sexo differente e, quando este caso succedia, collocavam-se, um em frente do outro, mas escalonados, isto é, de modo que um tinha a cabeça apoiada no peito do companheiro, ou deitados frente a frente, e tão proximos, que poderiam comer no mesmo prato. E assim se via frequentes vezes o amante e a sua amada, o mancebo e o seu corruptor, ceando juntos no seu leito e disputando os boccados com os labios.

Outras vezes a mulher ou o adolescente acocoravam-se por traz do homem, deitado na frente do leito, e tratavam de servir o seu adorado. Aquelle ou aquella que se deshonrava, acceitando um logar n'um leito de festim, deitava-se ou sentava-se ao fundo ou ao meio d'esse leito sobrecarregado de brandos cochins. Chamava-se a isto *accumbere interiori,* quer dizer, deitar-se no interior do leito. Alguns commentadores suppõem no emtanto que deve lêr-se *inferiori,* alludindo á posição inferior que tomava a cortezã ou o mancebo, apoiando a cabeça no seio do seu amante (*in gremio amatoris.*)

«Aquelle que todos os dias se perfuma e compõe deante de um espelho, disse uma vez Scipião, o Africano, a Sulpicio Gallo, censurando-lhe a effemi-

nada indolencia dos seus costumes,—o que pinta as sobrancelhas, arranca os cabellos da barba e torna as pernas lisas e brancas; o que na sua mocidade, vestido de tunica de amplas mangas, occupava nos festins o mesmo leito que o seu corruptor; o que não só gosta de vinho mas tambem dos mancebos,—esse homem é capaz de fazer tudo o que fazem os *cinœdes.*

Aulo-Gello, que transcreve estas palavras de Scipião, o Africano, accrescenta que a *chyridota,* ou tunica á moda da Syria, cujas mangas cobriam todo o braço e cahiam sobre as mãos até á extremidade dos dedos, era o trajo habitual dos effeminados nas *comissationes,* nas quaes abdicavam completamente de todos os caracteres do seu sexo.

E' preciso lêr em Petronio a descripção da ceia de Trymalcion para se fazer ideia dos multiplicados episodios de uma orgia, que durava toda a noite. Não se estava comendo sempre. Havia intermedios, ou intervalos de varias classes, obscenos ou voluptuosos; depois a musica, o canto, a dança e outras muitas diversões, e todos os extravios e desordens de que a embriaguez e a luxuria eram capazes. Quando os histriões (*mimi*) que faziam pantomimas ou recitavam versos, ou os bobos e charlatães (*aretalogi*) que dissertavam sobre assumptos comicos, appareciam nos salões dos festins, concedia-se-lhes uma attenção mediocre, porque os olhos, toldados já pelos vapores de Baccho, começavam a cerrar-se.

De repente, porém, os bailarinos e as bailarinas vinham reanimar a attenção dos fatigados convivas, despertando-lhes novamente os sentidos. As bailarinas, oriundas na sua maioria da Asia e do Egypto, eram as seductoras *almêas,* que ainda hoje conservam na India a tradição da leviandade antiga. Apresentavam-se nuas, ou envoltas em veus dourados ou prateados, que não lhes cobriam a nudez. E' a isto que Petronio chama *vestir-se de ar tecido* (*induere ventum textilem*) e *mostrar-se nua atravez de ondas de linho* (*prostrare nudam in nebula linea.*)

Os bailarinos não se apresentavam tambem mais decentes, patenteando o corpo, ungido com oleos perfumados e carregado de anneis e enfeites de ouro. Estes impudicos representavam pantomimas, davam saltos perigosos, e faziam gestos e sortes de força herculea, procurando sempre ostentar a sua musculatura. Todos os seus movimentos eram acompanhados de gestos de uma indecencia superior a toda a expressão, completando a obscenidade do sentido com uma expressiva mimica dos dedos (*mimicatio digitum*) á maneira dos Etruscos. Trocavam tambem signaes mudos, que tinham sempre uma relação mais ou menos directa com o acto vergonhoso (*turpitudo,*) e ás vezes, exaltados pela luxuria, excitados pelos applausos dos convivas, passavam a vias de facto e travavam impudicas batalhas, imitando as torpezas dos faunos, que se vêem nos vasos pintados da Etruria.

Quanto ás bailarinas, um Padre da Egreja, Arnobio, descreve no seu livro contra os gentios as danças por ellas executadas:

«Uma comparsa lubrica, diz elle, fazia danças dissolutas, saltava desordenadamente e cantava, tornava a dançar com um certo compasso, levantando as pernas, fazendo contorsões e movimentos de rotação, que teriam accendido o mais frio espectador.»

O jesuita Boulenger accrescenta que estes movimentos obscenos e a ondulação das nadegas communicavam a todos os convivas uma commoção libidinosa (*modo nudæ et fluctuantibus lumbi obsceno motu pruriginem spectantibus conciliabant.*)

Marcial esboçou um quadro dos banquetes nocturnos de um libertino a quem chama Zoilo:

«Qualquer dos convivas de Zoilo póde ceiar tambem com as meretrizes do Summænium e beber a sangue frio na desbeiçada taça de Leda. Vestido de

tunica verde, estira-se no leito de que primeiro se apoderou, pisa cochins de seda escarlate e empurra com os cotovellos á direita e á esquerda os seus visinhos de mesa.

«Logo que está repleto, um dos seus mancebos apresenta-lhe um esgravatador dos dentes, de lentisco, e se tem calor, uma concubina, reclinada mollemente no seu hombro, refresca-o com um leque verde, emquanto que um joven escravo enxota as moscas com um ramo de myrtho. Uma *tractatrix* passa-lhe rapidamente a mão por todo o corpo, apalpando com arte cada um dos seus membros. Quando faz estalar os dedos, um eunucho, que já conhece este signal e sabe sollicitar com destreza a emissão da urina, faz esta operação a seu amo, que não cessa de beber (*domini bibentis ebrium regit penem.*)

«Entretanto, o libertino, inclinando-se sobre os escravos collocados a seus pés, como uns cães, e que lambem entranhas de pato, divide pelos seus servidores de palestra rins de javali, e dá ao seu companheiro de leito (*concubino*) peito de rola. E emquanto se nos serve vinho das faldas de Liguria, ou do afamado monte de Marselha, distribue aos seus bobos o nectar de Opimio em vasos de crystal e em taças de prata. Elle mesmo, perfumado com essencias de Cosmo, não se envergonha de nos offerecer n'uma concha de ouro a pomada de que se servem as ultimas prostitutas. Por fim, adormece, succumbindo ás suas frequentes libações.»

Petronio, na sua descripção do festim de Trymalcion, offerece-nos um outro quadro das desordens das mulheres nas *comissationes:*

«Fortunata, mulher de Trymalcion, chega, com as roupagens subidas por meio de um cinto verde, de modo que se lhe vêem por baixo d'ellas as ligas d'ouro e os chapins dourados. Limpando as mãos a um lenço que traz ao pescoço, deita-se no leito de Scintilla, mulher de Habinnas. Scintilla bate palmas e ri de prazer. Fortunata beija-a e ri-se com ella, confundindo ambas os seus beijos avinhados. Scintilla proclama a sua amiga a primeira das mulheres; Fortunata queixa-se dos mancebos e da indifferença dos maridos. Emquanto assim conversam, Habinnas ergue-se disfarçadamente e vae puchar pelos pés de Fortunata, fazendo-a deitar no leito (*pedes Fortunatæ porrectos super lectum immisit.*) Ah! exclama a dissoluta matrona, sentindo que a tunica lhe escorrega dos joelhos; e compondo-se no mesmo instante, occultou no seio de Scintilla um rosto, cujo rubor tornava ainda mais indecente.»

As *comissationes* inspiravam-se sempre na imaginação do prodigo libertino que as dava, reflectindo mais ou menos os gostos e affeições do dono da casa, mas tinham sempre por principal objecto exitar no mais alto grau os sentidos dos convivas, arrastando-os a excessos incriveis. Assim, algumas vezes todo o serviço da mesa era uma provocação desaforada ao acto impudico, pois onde quer que os olhos se detivessem só viam imagens voluptuosas ou obscenas. As paredes estavam cobertas de pinturas, em que o artista havia reproduzido, sem veu nem contemplação de especie alguma, as invenções do genio do amor venereo.

«O primeiro cuja mão pintou quadros obscenos, diz o terno Propercio, e pôz essas vergonhosas imagens n'uma casa honesta, foi o primeiro tambem que corrompeu a innocencia dos olhares da juventude, não querendo que ella fosse noviça nas desordens que d'este modo lhe ensinava. Deve envergonhar-se sempre da sua obra o pintor que reproduz á vista essas luctas amorosas, em cujo mysterio consiste todo o prazer.»

Estas pinturas reproduziam principalmente as scenas mais monstruosas da mythologia: Pasiphae e o touro, Leda e o cysne, Ganymedes e a aguia, Danae e a chuva de ouro. N'estes assumptos consagrados, o artista havia procurado traduzir, debaixo dos nomes dos deuses, as grosseiras e materiaes sensações que os poetas do amor se haviam comprazido em descrever. O infame

*

poema de Elephantis era o que ordinariamente servia para dar attitudes e côres áquelles episodios mythologicos.

A mobilia e decoração da sala estava sempre em harmonia com as pinturas: danças de satyros, festas das bacchanaes, scenas pastoris eroticas corriam em baixos relevos em redor das paredes. Estatuas de bronze e de marmore representavam e associavam os satyros e as nymphas, as eternas victimas da incontinencia dos semi-deuses sylvestres. Os leitos, as mesas e as tripodes tinham por ornamentos pés e cabeças de bodes, como que em allusão ao famoso verso das bucolicas de Virgilio: *tuentibus hircis*. As lampadas suspensas dos tectos e os candelabros postos na mesa da ceia, recordavam por alguma fórma ictyphallica, frequentemente engenhosa, o objecto principal da reunião. Aqui o Amor cavalgava um enorme phallo que tinha asas e patas; alli rolas e pombos dando amorosas bicadas n'um priapo; uma grinalda feita com os attributos do deus da geração circumdava uma amphora de phalerno; por toda a parte animaes, plantas, insectos e mariposas, apresentando sempre a imagem dos orgãos sexuaes.

As taças e os outros utensilios da mesa, quer fossem de vidro, de barro ou de metal, tinham tambem o mesmo aspecto lubrico, approximando-se mais ou menos pela sua configuração do indecente emblema que presidia á orgia. Eis a razão porque Juvenal nos apresenta um *comissator*, bebendo n'um priapo de vidro (*vitreo bibit ille priapo,*) o que Plinio chama beber obscenamente (*bibere per obscenitates.*)

O pão que apparecia nas mesas d'estes festins licenciosos não tinha tambem uma apparencia mais honesta: as *coliphia* e os *cunnisiliginei*, de pura farinha de trigo, circulavam com profusão entre os convivas, que não podiam ter pensamentos diversos d'aquelle que presidia a esta reunião lubrica. «Deveis saber, amigos, poderia dizer-lhes o amphytrião, servindo-se das mesmas palavra de *Quartilla* de Petronio—deveis saber, amigos, que toda esta noite pertence ao culto de Priapo. (*Sciatis Priapi genio pervigileum deberi.*)»

A este culto obsceno se referiam tambem os brindes eroticos, que cada um fazia por sua vez durante aquellas interminaveis orgias. Bebia-se quasi sempre pelo feliz exito dos amores e das proezas dos amantes, esvasiando tantas taças quantas eram as lettras que compunham o nome da pessoa amada. Marcial falla d'este costume tão generalisado, n'um dos seus mais bellos epigrammas.

«Bebamos cinco taças por Nerea, sete por Justina, cinco por Lycas, quatro por Lydia, tres por Ida. Bebamos tantas vezes phalerno quantas lettras houver nos nomes de cada uma d'ellas. Mas, visto que nenhuma acode a esta invocação amorosa, vem tu cerrar-me as palpebras, oh somno doce e reparador!»

Um bobo de mesa, o famoso Galba, que se encarregava de alegrar todos os banquetes nocturnos para que era convidado, propoz um brinde pelo seu favorito, cujo nome tinha, segundo elle dizia, vinho para embriagar todos os deuses do Olympo. Effectivamente seria preciso beber vinte e sete vezes seguidas para corresponder a todas as lettras d'esse nome, visto que Galba déra ao seu escravo favorito o celebre nome, inventado por Plauto para caracterisar um avarento:—*Thesaurochrysonicochrysides.*

Não sabemos com certeza se foi n'esta mesma ceia que o celebre Galba fez alarde de uma serenidade e de um cynismo heroicos. Tinha sido convidado com sua mulher, que era muito bella e de costumes demasiado complacentes. O dono da casa fez sentar a seu lado a beldade, e no fim da ceia, quando os convivas adormeceram, sob a pesada influencia de Baccho, approximou-se d'ella que tambem dormia, e fez tudo quanto era preciso para a despertar. A bella não accordou, porém, e entregou-se sem resistencia. Galba, que não dormia, deixou o campo livre ao seu Mecenas, quando um escravo, fiando-se n'este

somno apparente, se approximou sorrateiramente d'elle e começou a beber da sua taça. «Olá, exclamou o bobo agarrando o escravo por um orelha, eu não durmo para toda a gente!»

N'estas orgias nocturnas, tudo servia de pretexto para novos brindes, que eram muitas vezes os preliminares dos combates amorosos do dia seguinte. O numero d'estes combates contava-se pelo das corôas de flôres, que se depositavam deante d'uma estatua de Hercules, de Priapo, ou de Venus.

As corôas de flores tinham muita importancia em todos os casos em que a embriaguez do vinho e dos sentidos tinha necessidade de um estimulante e ao mesmo tempo de um preservativo. O perfume das flores temperava os vapores do summo da vide e exaltava tambem as inspirações do prazer. Plinio affirma que os bons bebedores, coroando-se de flores odoriferas, se preservavam das allucinações e dores de cabeça. Não havia, pois, orgias sem corôas de flores nas cabeças dos convivas, sem flores na mesa e no pavimento, e avaliava-se a liberalidade e o bom gosto do *comissator* pela abundancia das grinaldas. No dia seguinte ao da ceia, as cortezãs e os meninos (*meritorii,*) que haviam assistido a ella, enviavam as suas corôas murchas e quasi desfeitas aos seus correctores ou donos de lupanares, como que para lhes provarem que tinham cumprido com zelo e diligencia os deveres do seu officio (*in signum paratæ Veneris,* diz um antigo commentador de Appuleyo.)

Finalmente estes banquetes e os actos vergonhosos, que n'elles se praticavam, collocavam-se, não obstante a sua immoralidade, sob os auspicios de certos deuses e deusas, que para esse fim se haviam desviado das suas attribuições decentes, ou que haviam tido origem na orgia de um desvairamento da imaginação religiosa. No festim de Trymalcion, dois escravos vestidos de tunicas alvissimas entram na sala e collocam sobre a mesa os lares da casa, emquanto que outro escravo, trazendo uma amphora de vinho, dá volta á mesa gritando: *Sêde os nossos deuses propicios!* Estes deuses lares chamavam-se *Industria, Ventura* e *Proveito*. Petronio passa em silencio as verdadeiras divindades que presidiam a estes banquetes nocturnos e que intervinham n'elles pôr differentes titulos. Como era um dos mais invocados. O seu nome repetia-se com frequencia n'aquelles alegres banquetes, preparados e celebrados sob os seus auspicios. Representava-se na figura de um joven, como rosto brilhante e risonho e a fronte coroada de rosas. O seu nome fôra derivado de *comes,* companheiro, e d'este nome se formou tambem o verbo *comissari,* que significava comer bem entre alegres companheiros.

A mocidade libertina, que ia de noite com archotes arrombar as portas e janellas das meretrizes, invocava tambem Como e jactava-se de estar ao abrigo da sua protecção libidinosa. Aquella horda de dissolutos, que o edil perseguia com pesadas multas e muitas vezes com o latego dos lictores, não tinham desculpa alguma, ao erigir como seu chefe e inspirador um deus de tão má reputação.

Venus, Hercules, Priapo, Isis, Hebe e Cupido eram tambem os deuses tutelares dos banquetes nocturnos. Cupido, que differia do Amor, filho de Venus e de Marte, Cupido a quem Santo Agostinho deifica com o titulo de *Deus copulationis,* era filho do Chaos e da Terra, segundo Hesiodo, de Venus e do Ceu, segundo Sapho, da Noite e do Ether, segundo Archesilau, da Discordia e de Zephyro, segundo Alceu. Cupido reinava especialmente no final d'estas ceias. Hebe, que servia o nectar da immortalidade aos convivas do Olympo, devia ter alguma indulgencia com os mortaes reunidos em volta da mesa dos banquetes. Isis, a quem os impios haviam chamado a deusa (*præfecta*) tutelar das meretrizes e alcoviteiras, passava pela melhor conselheira de ambos os amores. Venus, Priapo e Hercules, ajudavam Isis na protecção que ella outorgava aos amantes; mas Venus-Volupia, Pandemos e Lubencia; Hercules Bibax, Bu-

fago, Panfago e Rustico; Priapo, deus de Lampsaco e Panteu, eram a alma do universo.

Ao lado d'estes grandes deuses, que tinham assento no Pantheon do paganismo, e que só por complacencia presidiam aos festins, havia um cortejo de pequenos deuses obscuros, que não tinham templos ao sol, e que não ousariam figurar n'outra parte, a não ser no altar dos lares domesticos. Estes deuses apenas deviam a sua transitoria existencia a uma phantasia de amante ou a uma inspiração de ebrio. Quanto á sua figura, era como podia fazel-a o bom gosto e a pericia do fabricante, que tirava da sua propria imaginação a physionomia e os attributos d'aquellas pequenas divindades, grotescas na sua grande maioria, ridiculas e mesmo horrorosas. Seriam necessarias immensas investigações archeologicas para recompôr a theogonia dos deuses lares da libertinagem. O primeiro que nos apparece, é Connysalo, de origem atheniense, diminutivo de Priapo, e era o deus do suor, que provocavam as luctas amorosas. Representava-se debaixo da fórma de um phallo, com pés de bode e cabeça de fauno, ornada de dois compridos e retorcidos cornos. O deus Triphallo, a quem se invocava nos casos intrincados da sensualidade, era um homunculo, que tinha um penis tão alto como o seu gorro, parecendo esgrimil-o como uma setta. Pilumno e Picumno, deuses custodios das parturientes, estavam igualmente armados de enormes attributos de luxuria. O primeiro, cujo nome se derivava de *pilum*, mão de almofariz, segundo Santo Agostinho, personificava uma obscenidade. Picumno, irmão do precedente, tinha o nome e a figura de um picapau, passaro de grande bico, que fura o tronco das arvores para fazer o ninho.

Tres deusas infimas, Deverra, Deverona e Intercidona, ás quaes se encommendavam tambem as mulheres gravidas, não eram indifferentes aos mysterios do amor. Intercidona tinha na mão umas varas e Deverra uma escova.

Outro numen infimo, Viriplaca, deusa das reconciliações conjugaes, devia ter sido muito util aos romanos, para que lhe concedessem as honras de um sanctuario em Roma. Onde, porém, era mais adorada era no interior das casas, vindo nas suas aras terminar as contendas dos esposos e amantes, sem necessidade de irem ao monte Palatino procurar a protecção da deusa conciliadora.

Ignora-se completamente qual era a sua figura allegorica.

O deus Domidico, que acompanhava as esposas ao domicilio de seus esposos, prestava iguaes serviços ás concubinas e aos mancebos.

Julgamos que deve reconhecer-se este deus complacente n'uma estatueta de bronze, que representa um aldeão coberto com uma capa de capuz, debaixo do qual esconde completamente a cabeça. Esta capa movel levanta-se e deixa vêr um priapo com pernas humanas.

A deusa Suadela, cuja missão era persuadir, a deusa Urbana, que tinha os orphãos debaixo da sua protecção, a deusa Genita-Mana, que devia evitar que as creanças sahissem disformes ou contrafeitas, as deusas Postversa e Prorsa, que cuidavam da posição do feto no ventre materno, a deusa Cuba-Dea, que se interessava porque qualquer estivesse deitado, o deus Thalaso, ou Thalasio, que tinha sob o seu dominio o leito e tudo quanto lhe dizia respeito, e uma infinidade de deuses e deusas recebiam offerendas e invocações, quando os libertinos julgavam necessitar da sua protecção ou auxilio.

A deusa Angirona ou Angerona, collocada ao lado de Venus Volupia, ordenava o silencio, pondo o dedo na bocca, e Fauna, a deusa favorita das matronas estava alli para encobrir sob o seu veu discreto tudo o que não podia ser visto pelos profanos.

Finalmente, se havia união dos dois sexos em cumprimento das leis naturaes, derramava-se vinho no rosto obsceno do deus Iugatino. «*Quum mar et*

fœmina conjunguntur, diz Flario Blondo, no seu livro da *Roma Triumphante*, *adhibetur deus Iugatinus*.»

Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, limita as attribuições de Iugatino á assistencia dos esposos na obra do matrimonio.

Taes eram os pequenos deuses, ou divindades tutelares da prostituição e da libertinagem. O paganismo, na sua decadencia, prestou-se de um modo indigno a deificar todos os vicios, e foi essa fatalmente a sua condemnação. A libertinagem tinha altares e deuses protectores, os mais nefandos actos de impureza encontravam sempre justificação. Religião material e grosseira, devia ser a causa da espantosa dissolução dos costumes de Roma.

Faltam-nos, como já dissemos, dados bem precisos para reconstituirmos a variada theogonia do impudor romano. Em todo o caso, ahi deixamos indicados os deuses principaes, a que os romanos recorriam, quando se tratava do amor ou da libertinagem.

CAPITULO XXIII

SUMMARIO

O povo romano, o mais supersticioso de todos os povos.—Os libertinos e as cortezãs, os mais supersticiosos dos romanos.—A *Cledonistica* do amor e da libertinagem.—Presagios nojentos.—Rasão por que as palavras deshonestas e obscenas eram condemnadas e prohibidas, ainda mesmo nas reuniões dos libertinos e das prostitutas.—O urinol ou serviço secreto.—Decente periphrase usada pelos romanos para o designar.—Presagios que os romanos tiravam do som da urina ao cahir no urinol.—*Matula, Matella*, e *Scaphium* e uso respectivo de cada um d'estes vasos urinarios.—Periphrase de Seneca para designar a urina.—Sentido figurado e obsceno que tomava a palavra urina.—Presagios urinarios nas *comissationes*.—Hercules Urinator.—Presagios dos arrotos.—Crepito, deus dos ventos indecentes.—O escravo encarregado de interpretar os arrotos dos convivas.—O deus Crepito, sua origem egypcia, e honras que lhe tributavam os romanos, sob o nome de *Deus Ridiculo*.—Origem das qualificações dadas em Roma ás cortezãs pela linguagem popular.—Presagios tirados do espirro.—A ave de Jupiter-Conservador.—O demonio de Socrates.—Jupiter e Cybele, deuses dos espirros.—Felizes prognosticos attribuidos aos espirros em assumptos de amor.—Acme e Septimio.—O zumbido dos ouvidos e os estremecimentos subitos, tomados como maus presagios.—A esquerda e a direita.—Presagios que se tiravam da inspecção das partes vergonhosas.—Presagios tirados dos ruidos exteriores.—O estalar do leito.—*Lectus adversus et lectus genialis*.—O genio Cubiculario.—O espirrar da alampada.—Habilidade das cortezãs na interpretação dos presagios.—Presagios diversos.—O imperador Proculo e as cem virgens sarmatas.—O encontro de um cão ou de um gato.—Superstições singulares do povo de Venus.—Jejuns e abstinencias dos prazeres que se impunham as matronas em certas solemnidades religiosas.—Privações do mesmo genero que se impunham os libertinos e as cortezãs.—Voto feito Venus.—Superstição empregada pelos romanos para comprovarem a virgindade das jovens.—Offerenda á fortuna virginal.—A noz, allegoria do matrimonio.



O povo romano era o mais supersticioso de todos os povos, e entre os romanos os mais supersticiosos foram sempre os homens e as mulheres, que, por gosto, por habito, ou por profissão, enervavam o corpo e a alma nas artes da libertinagem (*stupri artes*) e em todos os extravios dos maus costumes. Comprehende-se que o temor dos deuses e a preoccupação do porvir perturbassem no meio das suas orgias os libertinos, cuja consciencia só a longos intervallos, e como que por acaso despertava; e do mesmo modo que aquelles entes mercenarios, que vergonhosamente traficavam comsigo proprios, tivessem algumas inquietações a respeito do seu destino e do que lhes reservava a fortuna ou a adversidade. Os amantes tinham tambem muitas cousas a preoccupal-os no vasto labyrintho dos seus cuidados e esperanças, imaginavam mil chimeras, e a cada momento necessitavam de crear uma tranquillidade ou um desejo igualmente ficticio, para darem satisfação ao pensamento dominante que os atormentava. D'aqui essa continua observação dos presagios, essa constante investigação dos meios de conhecer e dirigir o destino, essa paixão fanatica por todas as sciencias occultas e tenebrosas.

O mundo do amor em Roma não tinha mais do que uma religião: —a su-

perstição mais credula, mais imaginosa e mais activa. Mas esta superstição, n'aquelle meio de gosos sensuaes e de desordens sem nome, apresentava caracteres muito differentes dos da superstição geral, que não applicava ao amor ou á libertinagem os auspicios, os horoscopos, as sortes e os maleficios. Todos os romanos, as creanças do mesmo modo que os velhos, as mulheres do mesmo modo que os homens, os sabios e os ignorantes, eram por igual sensiveis aos presagios e subordinavam a estes presagios, bons ou maus, as menores acções da sua vida. As pessoas, que faziam da sensualidade o negocio mais importante da vida, eram tambem as mais susceptiveis em presença d'aquelles suppostos avisos do destino. O conhecimento e apreciação dos presagios formava uma arte completa, com as suas regras e principios. Esta arte chamava-se *Cledonistica,* e nos seus imperceptiveis matizes o capitulo dos amores era mais longo e circumstanciado do que os outros.

Era mau presagio pronunciar ou ouvir palavras obscenas, e eis o motivo por que essas palavras estavam desterradas até mesmo das torpes reuniões dos libertinos e cortezãs, segundo um proverbio commum a todos os tempos e a todos os povos:—*Fazer é bom, dizer é mau.* Relativamente aos actos não havia escrupulo algum; havia-o sómente e muito grande em exprimir esses actos por palavras; por isso não se qualificavam nem nomeavam de modo algum. Plauto diz n'uma das suas comedias: «Proferir palavras obscenas, é attrahir desgraça a quem as ouve. (*Obscenare omen alicui vituperare.*)» Lucio Accio havia dito tambem na sua tragedia *Enomao:*—«Ide no mesmo instante e annunciae por toda a cidade que todos os cidadãos n'este momento dentro dos seus muros, para attrahirem o favor dos deuses por felizes presagios, teem que afastar da sua bocca toda a palavra obscena. (*Ore obscena segregant.*) O certo é que as prostitutas mais vis e abjectas, o mais infame effeminado, e o mais desaforado libertino, abstinham-se completamente de obscenidades oraes, indemnisando-se no emtanto com os gestos e signaes, que tinham tanta ou mais eloquencia em Roma, e que constituiam um vocabulario riquissimo, embora mudo. Tal era o horror que se tinha ás palavras obscenas, e ás expressões de mau agouro, que nunca se pronunciava a palavra urinol (*vas urinarium,*) chegando até os proprios medicos a recorrer a uma periphrase para fallarem da urina, não obstante encontramos esta palavra nos epigrammas de Marcial.

Nos banquetes nocturnos, o vaso urinario era um utensilio obrigado. Os convidados serviam-se d'elle mesmo á mesa e á vista de todos, pedindo-o a um escravo por meio de um signal, que consistia em fazer estalar os dedos (*digiti crepitantis signa.*) A's vezes, quando não se queria chamar a attenção dos circumstantes, fazia-se este signal com uma certa dissimulação, de modo que só o escravo o entendesse. Ao satisfazer esta necessidade natural (*urinam solvere,* diz Plinio) havia grande cuidado em tirar um presagio do ruido que a urina fazia ao cahir no vaso, e que podia interpretar-se de varios modos. Juvenal falla com despreso de um gastronomo riquissimo que se comprazia em ouvir resoar o vaso de ouro ao receber a urina. Este vaso, que Plauto muitas vezes nomeia nas suas comedias, para fazer rir o vulgo romano, chamava-se *matula, matella, scaphium.* Este ultimo termo era especialmente destinado aos que serviam ás mulheres, que o occultavam á vista de seus maridos e de seus amantes. Não estão de accordo os commentadores a respeito da fórma do *scaphium,* que era sem duvida e com frequencia obscena e ictyphallica. A *matulla* era um enorme vaso de metal, em cuja bocca podiam sentar-se. A *matella* era um vaso de tão pequena capacidade, que um bom bebedor (*compotator*) podia enchel-o muitas vezes durante a ceia.

Os lexicographos não fazem distincção entre estes tres vasos, quando definem apenas: «O vaso em que descarregamos a bexiga chama-se *matella* e *scaphium.*» O nome d'este vaso empregava-se em sentido figurado de um modo

que cousa notavel, passou a todas as linguas modernas. Plauto emprega esta imagem impura, quando diz na sua *Mostellaria:* «Por Hercules! se não me dás o vaso, servir-me-hei de ti! (*Tam Hercule! ego vos pro matula habebo, nisi matulam datis.*) Persio, n'outra allusão, emprega tambem em sentido figurado a palavra *matula,* na accepção de estupido, porque este vaso recebe quanto lhe dão sem se queixar. (*Nunquam ego tam matulam esse credidi.*)

A etymologia de *matulam,* quer-nos parecer que é a palavra *mentula.* A urina, que Seneca designa pelas mais honestas periphrases (*aqua immunda, humor obscenus,*) era tambem objecto de presagios, segundo sahia impetuosa, sem interrupção, aos pingos ou aos jorros. Uma evacuação abundante e facil d'esse liquido obsceno antes de um sacrificio a Venus annunciava a feliz consumação d'esse sacrificio, em que a palavra urina tomava um novo sentido figurado e muito mais obsceno ainda. Juvenal approxima-se muito d'este sentido, quando diz que «o espectaculo das danças obscenas de Hespanha introduz a sensualidade pelos olhos e pelos ouvidos, e faz agitar a propria urina que a bexiga encerra. (*Et mox auribus atque oculis concepta urina movetur.*)

Estes presagios urinarios costumavam tirar-se nas *comissationes,* onde a cada instante se ouvia o estalar dos dedos, e até mesmo se collocava sobre a mesa uma pequenina estatua de Hercules *Urinator,* para acalmar os rins e conter a bexiga dos convivas.

Não era menor a importancia que se dava ás *eructationes,* ou arrôtos. Os romanos, principalmente os gastronomos de primeira plana, não pensavam como nós sobre este ponto. Havia arrôtos de bom agouro, que todos os convivas applaudiam, e havia-os tambem tão infaustos, que entristeciam a reunião e desmanchavam todo o prazer do banquete. Ser-nos-hia difficil na actualidade definir quaes eram os arrôtos de bom ou mau presagio; mas em caso algum o arrôto passava por uma inconveniencia. Nenhum impedimento se punha áquellas ruidosas e desagradaveis explosões de uma tempestade do estomago, e até mesmo se chegaram a divinisar, sob o nome de *Crepitus,* todos os vapores, todos os ventos interiores, que se escapavam por cima e... por baixo.

Cicero, nas suas cartas familiares, louva a sabedoria dos estoicos, que eram de opinião que não deviam reprimir-se os desafogos do estomago ou do ventre (*stoici crepitus aiunt æquè liberos ac ructus esse oportere.*) Os antigos tinham a este respeito ideias muito differentes das do nosso tempo: assim, julgavam bem ou mal dos arrôtos e tiravam d'elles agouros ou presagios com uma gravidade imperturbavel. Seria preciso ser-se romano para não se fugir de enjoado, ao ouvir este verso de uma comedia de Plauto: «*Quid lubet? Pergin ructare in os mihi?*» Vê lá bem, continuarás a arrotar-me na bocca?» E o interlocutor responde a esta pergunta immunda: «*Suavis ructus mihi est, sic et sine modo*: Gosto de arrotar assim, e sem cessar.»

Nos banquetes nocturnos, os convivas bem repletos trocavam entre si os arrôtos, como se fossem brindes, fazendo um tiroteio, que chega a parecer-nos hoje inverosimil, e havia até mesmo um escravo encarregado de notar os presagios. Cada conviva, apenas arrotava, sabia logo se o destino seria ou não favoravel ás suas emprezas amorosas: «Ha sempre um homem complacente disposto a gritar: Bravo! Magnifico! se o amphytrião arrotou bem (*si benè ructavit,*) se urinou direito (*si rectum minxit,*) se o vaso de ouro resoou ao receber a sua offerenda.»

Muitos outros presagios, geralmente propicios, se attribuiam á emissão dos flatos, que se revelavam ao ouvido ou ao olfacto: não só havia indulgencia reciproca para estes accidentes, que o ruido ou o cheiro ordinariamente denunciavam, mas até mesmo se mostravam alegres e joviaes por não pôrem obstaculos áquellas vontades da natureza e áquelle deus omnipotente, que se chamava *Gaster.* Cada vez que se fazia ouvir um *crepito,* os convivas voltavam-se

para o austro, ou meio-dia, patria dos ventos, entumeciam as faces e fingiam soprar apertando os labios, como as estatuas de Zephyro. Só nas assembleias sérias ou religiosas se impunha silencio ao ruidoso deus Crepito, tendo-se o cuidado de conservar bem fechados os odres do indecente Eolo. Mas n'outra qualquer parte, e sobretudo á mesa, havia liberdade completa e absoluta indulgencia.

«Quando estamos em casa, no meio dos escravos e das serventes, dizia Catão, se algum d'elles troveja debaixo da sua tunica, não me faz o menor aggravo; se acontece que uma servente ou um escravo se permitte fazer a dormir o que não se faz de companhia, tambem me não offende.»

O pequeno deus Crepito figurava em todas as *commissationes,* sob a figura de um menino acocorado, que opprimia os hipocondrios, como se estivesse no exercicio das suas divinas funcções. Este deus fôra inventado pelos egypcios, que, segundo parece, tinham grande necessidade de o invocar com muita frequencia. «Os egypcios, diz S. Clemente de Alexandria, consideravam como divindades os ruidos do ventre. (*Egyptos crepitus ventri pro numinibus habent.*) Mas, segundo um antigo commentador, não se trata n'esta passagem senão dos ruidos interiores das tripas, que em linguagem technica se chamam *borborygmos.* S. Jeronymo é muito mais explicito, quando se diz que não fallará do crepito, porque é um deus entre os egypcios: (*Taceam de crepitu ventris inflati, quia pelusiciaca religio est.*) São Cesario, nos seus *Dialogos,* accrescenta que este culto inspirava uma especie de fanatismo entre os pagãos que o praticavam: (*Nisi fortè de ethnicis ægiptiis loquamur, qui flatus ventris non sine furore quodam inter deos retulerunt.* Finalmente, Minubio Felix não gracejava decerto, quando dizia que os egypcios temiam muito menos Serapis do que os ruidos que sahem das partes vergonhosas do corpo: (*crepitus per pudenda corporis emissa.*)

Por mais egypcio que fosse, o deus Crepito teve de naturalisar-se romano, porque chegou a occupar em Roma um logar de honra no altar dos deuses lares e a ter um sanctuario extra-muros, perto da fonte Egeria. Em publico era, porém, adorado sob o nome de deus Ridiculo, e debaixo da fórma de um pequeno monstro marinho, representado na posição que melhor convinha ás suas faculdades divinas. O presagio consistia no som do *peditum,* como lhe chama Catullo, e não no cheiro caracteristico d'este desabafo natural, porque a *Cledonistica* referia-se especialmente aos ruidos.

Parece todavia que as mulheres não tinham a mesma liberdade, ou então que se recusavam a ministrar assim presagios da sua lavra, porque Appuleo falla de uma especie de figos, de que as mulheres se abstinham com receio das flatosidades (*quia pedita excitat.*) As mulheres evitavam, se dermos credito a esta passagem, deixar ouvir os ruidos do ventre, que sem embargo muitas vezes rompiam diques e barreiras nas convulsões do prazer. O presagio então era muito significativo. Quando por acaso estas ventosidades haviam annunciado a gravidez, o ruido promettia um filho, a ventosidade surda, que apenas se denunciava pelo cheiro, uma filha.

Estes presagios, cuja indecencia nem a fé mais candida e ingenua logra desculpar, vinham da Grecia em linha recta, porque Aristophanes apresenta-nos n'uma das suas comedias um personagem que tira d'estes ruidos do ventre a razão da potencia de um impudico, e que dá graças aos deuses por tão feliz presagio.

Outros ruidos humanos se prestavam ainda ás caprichosas interpretações da *Cledonistica.* O espirro, por exemplo, significava cousas bem diversas, segundo se manifestava retumbante ou lamentoso, estridente, burlesco, fraco, ou reiterado. Espirrar de manhã, espirrar á tarde, espirrar á noite — eis tres significações distinctas, má, boa e excellente. O espirro tornava-se, porém, muito mais significativo, quando se dava de repente, no meio dos trabalhos de Venus.

A deusa significava d'este modo a sua benevola protecção para com aquelle que ao espirrar havia tido o cuidado de se voltar para a direita. O espirro, n'um banquete, alegrava os commensaes, que saudavam e applaudiam com enthusiasmo o feliz mortal a quem o deus havia visitado, porque, segundo uma antiga crença, que reapparece com frequencia nos auctores gregos, o espirro era attribuido á passagem invisivel de um deus tutelar, que foi denominado a ave de Jupiter. Socrates, no emtanto, dizia que esse ente invisivel era um demonio, jactando-se de comprehender a linguagem sturnatoria d'esse demonio familiar.

O espirro era menos favoravel entre as mulheres, do que entre os homens, e por isso ellas o receiavam a ponto de recorrerem a remedios preservativos, quando estavam sujeitas a este accidente. Espirrar tres vezes seguidas ou um numero impar de vezes era o melhor dos presagios. Opimo diz a este respeito:

«Permittam os deuses que eu espirre sete vezes antes de entrar no leito da minha amada!»

O espirro era sempre explicado por causas sobrenaturaes, pretendendo os antigos vêr n'este estremecimento do corpo a sahida d'algum genio, que houvesse atravessado o cerebro do que espirrava. A mythologia contava que Pallas, concebida no cerebro de Jupiter, havia procurado sahir auxiliada por um espirro, que por pouco deixou de produzir um novo chaos no universo nascente. A mythologia, sempre engenhosa nas suas fabulas allegoricas, suppunha que Venus nunca havia espirrado com o receio de fazer rugas no seu divino semblante. Jupiter e Cybele presidiam, pois, aos espirros, que se tinham como favoraveis e que haviam sido dados para a direita com o maior estrondo possivel. Não eram estes ruidos dos espirros indifferentes ao amor, e attribuia-selhes uma multidão de prognosticos felizes. Quando Catullo nos apresenta Acme e Septimio, jurando-se um amor eterno, Acme exclama no auge do seu delirio amoroso: «Não sirvamos mais do que um deus, se é verdade que o sangue que me percorre as veias é mais ardente que o teu!» E o poeta accrescenta: «O amor, que até aqui havia espirrado para a esquerda, mostra a sua approvação espirrando para a direita: (*Amor, sinistram ut ante, dextrams ternuit approbationem.*)»

Propercio não póde melhor demonstrar os beneficios de similhante espirro do que suppondo que o amor, no dia do nascimento de Cynthia, espirrou d'este modo sobre o berço da deusa:

Nam tibi nascenti et primis, mea vita, diebus,
Candidus argutum sternuit omen Amor.

Havia tambem uma grande preoccupação em negocios de amor a respeito dos zumbidos dos ouvidos, dos estremecimentos subitos do corpo e das convulsões incoherentes de um membro. Estes presagios, ordinariamente pelo menos, não eram favoraveis, considerando-se como indicios de uma infidelidade ou de qualquer outro aggravo feito ao amor. Plinio não era tão credulo como os seus contemporaneos, e affirma todavia que o chiar dos ouvidos é o echo da conversação de pessoas ausentes. Os ciumentos, especialmente, davam credito a estes presagios, e um amante a quem os ouvidos começavam a chiar, não duvidava de que a virtude da sua amada estivesse em perigo. Costumava ser tambem um symptoma de solliloquio de amor, interrogando-se e respondendo a si proprio, como n'estes versos, attribuidos a Catullo:

Garrula quid totis resonans mihi noctibus auris
Nescio quem dicis nume meminisse mei?

Procuravam sempre um effeito sobrenatural para uma causa puramente physica, e bastava que os ouvidos zumbissem, para este facto naturalissimo

perturbar a entrevista de dois amantes, para impedir os seus amores, para transformar em frieza glacial a paixão mais viva e ardente. O chiar dos ouvidos annunciava desgraças, sustos, rixas, traições. O mesmo succedia com as vibrações nervosas que subitamente se sentiam nos membros. As das mãos, dos pés, dos orgãos genitaes, de todo o corpo, emfim, tinham cada uma d'ellas o seu presagio particular, mais ou menos desfavoravel. Depois de um estremecimento d'esta especie, o que o havia soffrido ficava gelado e impotente junto da mais bella e voluptuosa cortezã grega e do adolescente mais provocante. Estes phenomenos da economia eram sempre mais temiveis, quando atacavam a parte esquerda do corpo, podendo explicar-se em bom sentido tudo quanto se manifestava do lado direito. Havia ainda muitos presagios extravagantes, que annunciava a inspecção das partes vergonhosas, e que se consultavam ordinariamente ao sahir do banho. No emtanto, estes presagios, não podendo verter-se decentemente para o nosso idioma, teem de ficar necessariamente a coberto do veu do latim: (*Mentula torta, bonna omen; infaustum, si pendula.*)

Além dos ruidos do corpo humano, os romanos interessavam-se tambem por todos os ruidos exteriores, para lhes darem um sentido favoravel ou adverso, sendo de differentes especies, em razão das pessoas que d'elles se preoccupavam. Assim, o ruido a que os amantes e agentes dos prazeres sensuaes deviam dar mais importante era ao estalar do leito (*Argutio lecti.*) Havia nos murmurios tão variados d'este movel, que ora se lamenta e grita, ora tem os tristes queixumes de uma alma penada, uma linguagem mysteriosa, cheia de presagios e oraculos de amor. Catullo descreve-nos os transportes de uma cortezã delirante (*febriculosi scorti*) e falla ao mesmo tempo do ruido do leito que se move e sahe do seu logar (*tremulique quassa lecti argutatio inumbalioque.*) Este ruido assimilhava-se umas vezes ao estalido secco e rude de um pau que se quebra, outras, á sonora collisão de um ferro n'outro; já a uma supplica, a uma ameaça, a um suspiro, a um lamento, etc. Cada um d'estes ruidos tinha um sentido especial, fausto ou infausto, e muitas vezes as mais doces e ternas caricias perturbavam-se ou eram interrompidas por estes avisos do genio cubiliario. O leito que guardava um absoluto silencio, apesar mesmo de repetidas excitações e violencias, parecia mostrar-se reservado ácerca do porvir, e inspirava sérias desconfianças e receios aos dois amantes.

O logar que o leito occupava não era indifferente tambem: chamava-se *lectus adversus,* quando estava collocado deante da porta do aposento para impedir a entrada ás divindades maleficas: e *lectus genialis,* quando se consagrava ao *Genio,* pae da voluptuosidade. Este genio dava alma e até mesmo voz ao marfim, ao ebano, ao cedro e á prata, que compunham o throno do prazer. Juvenal falla-nos da vil complacencia de um devasso, que consentiu em supprir á virilidade ausente de um marido, tornando-o pae:

«Toda a noite, lhe dizia elle, te estive reconciliando com tua mulher, emquanto que tu choravas á porta. Invoco o testemunho do leito em que se fez a reconciliação, e mesmo o teu, porque te chegaram decerto aos ouvidos os estalidos do leito e os suspiros da dama. (*Testis mihi lectulus et tu, ad quem lecti sonus et dominæ vox.*)»

Se até o proprio leito dava aos amantes na sua mysteriosa linguagem bons ou maus augurios, tudo quanto os rodeava, durante as largas horas passadas sob os auspicios de Venus, tudo tomava uma voz persuasiva e imperiosa. O espirrar da luz era sobretudo augurio muito favoravel, e os amantes nada tinham que receiar, quando a chamma despedia rapidamente uma claridade mais viva, tornando-se ao mesmo tempo mais alta. Ovidio diz algures que a luz espirra, e que este espirro promette tudo quanto um amor póde desejar-se.

As cortezãs eram as mais habeis em explicar estes presagios, que deviam

ser muito especialmente da sua competencia. Todo o tempo que não empregavam no amor era por ellas consagrado a interrogar as sortes e angurios. O amor era sempre o objecto unico das suas aspirações e a causa das suas inquietações constantes. Se o curso ordinario das cousas não lhes suggeria auspicios naturaes, que podessem interpretar no sentido da sua preoccupação, tinham sempre á mão diversos meios de prevêr os acontecimentos, por meio de certos ruidos, que ellas proprias provocavam. Ora faziam estalar nas mãos folhas de arvores; ora escutavam os estalidos das folhas de loureiro deitadas em carvões accesos; ora atiravam ao tecto pevides de maçã ou de pera, caroços de cerejas ou grãos de trigo, procurando acertar no alvo que se propunham. Outras vezes machucavam no punho petalas de rosa, depois de as terem previamente enrolado, ou contavam as folhas de um ramo de papoulas ou as de uma corolla de margarita. Costumavam tambem lançar quatro dados, que deviam offerecer-lhes ao cahir da mesa a sorte de Venus, se todos quatro apresentassem numeros differentes.

Os poetas do amor estão cheios d'estas especies de adivinhações, que faziam palpitar o coração dos amantes. Estes, tendo presagios proprios, mostravam-se igualmente sensiveis aos presagios que diziam respeito aos outros. Uma meretriz que prendia alguma das pregas da tunica nos gonzos da porta, ou tropeçava á sahida, ao ir para o lupanar ou para o passeio, voltava immediatamente para dentro, privava-se de sahir e até mesmo se abstinha dos trabalhos do seu officio durante aquelle dia. Se, pela manhã, ao erguer-se da cama, désse uma pancada qualquer nas taboas do leito, tinha que deitar-se outra vez, sem tirar o menor proveito d'aquelle repouso forçado.

Os *amassi* e as mulheres dedicadas á prostituição eram mais susceptiveis do que outros quaesquer na observação dos presagios que ministravam o vôo ou o grito das aves, o murmurio dos ventos, as fórmas extravagantes das nuvens, o primeiro encontro, ou o ultimo objecto em que fixavam o olhar. Um pombo torcaz, uma pomba, um pato, uma perdiz, essas aves queridas de Venus ou de Priapo, não se achavam sem algum motivo, no caminho de uma pessoa, que só pensava em amores, e por isso, depois d'este encontro, cada qual julgava poder emprehender fosse o que fosse, com todas as probabilidades de bom exito.

O imperador Proculo, depois de haver vencido os sarmatas, viu um dia na fachada do templo de Jupiter dois pardaes, e teve a paciencia de contar os seus gritos e vôos. Em seguida, ordenou que levassem á sua presença cincoenta donzellas sarmatas e, ao cabo de tres dias, deixou-as a todas gravidas. Quando um libidinoso, apaixonado da libertinagem masculina, ouvia gritar um pato, sentia-se cheio de ardor e de força, e quando uma mulher de prazer (*amasia*) via uma tartaruga, fazia voto de se entregar ao primeiro homem que lhe pedisse um sacrificio a Venus. Bastava encontrar-se um cão, para se ter a certeza de que tudo correria bem e á medida dos desejos de cada um. A presença de um gato, pelo contrario, era fatal ao amor, e era prudente, logo que se via um d'estes animaes, deixar para o outro dia o prazer amoroso, se não se queria que esse prazer degenerasse em tristeza e confusão.

Havia, além d'isto, superstições muito singulares, que se referiam á credulidade do povo de Venus. Este povo phantastico não observava os jejuns e abstinencias do prazer; que as matronas se impunham em muitas occasiões, principalmente em certas festividades religiosas; no emtanto, sujeitava-se a muitas privações do mesmo genero, para satisfazer escrupulos de consciencia, que as matronas não teriam tido em igualdade de circumstancias. Uma cortezã que tinha tido a fraqueza de admittir um circumciso (*recutitus*) condemnava-se em seguida ao repouso por todo o tempo de uma lua. Um libertino, que queria obter de um mancebo ou de uma cortezã o favor de uma ou outra Venus, não

tinha mais do que formular o seu pedido, em fórma de voto dirigido á deusa, e tinha muitas probabilidades de ser ouvido. «Oh Venus, minha soberana! exclama um personagem de uma fabula de Atheneu, se obtiver d'esta creatura o que desejo, sem que a noticia d'isto se espalhe, dar-te-hei ámanhã de presente um casal de rôlas.» O adolescente sujeitou-se a tudo, e no dia seguinte a deusa tinha o seu casal de rôlas.

Não só em questões de matrimonio a questão de virgindade parecia difficil de provar. Os libertinos poderosos e opulentos procuravam libar a todo o custo as primicias do amor, e era isto um dos principaes ramos de commercio do lenocinio. As alcoviteiras costumavam apoderar-se das suas victimas na edade de sete annos, para melhor se assegurarem da genuidade de uma mercadoria tão fragil e tão rara. O comprador exigia sempre provas evidentes, que difficilmente lhe poderiam ser dadas, se a superstição não houvesse introduzido um uso estranho, que se empregava tambem nos matrimonios do povo, para comprovar o estado de donzella.

O processo empregado era o seguinte: No momento em que a joven, apresentada como intacta cahia no leito, onde devia deixar a sua pureza, media-se-lhe o pescoço com um fio de linho, que se guardava como uma preciosidade até ao dia seguinte. Tornava então a medir-se, e se o pescoço tinha a mesma circumferencia que na vespera, ajuntando-lhe perfeitamente a medida do dia anterior, julgava-se que a defloração era de data muito antiga e não podia por isso ser attribuida ao ultimo possuidor. A virgindade só era incontestavel no caso em que o pescoço, entumecido desde a recente copula não podia ser abrangido pela medida do dia anterior. A este processo, tão simples como ingenuo, allude Catullo no seu epitaphio de Thetis e Peleu, quando diz: «Amanhã, ao romper do dia, a sua ama não poderá ir medir o pescoço da esposa com o fio da vespera:»

Non illam nutrix orienti luce revisens,
Hesterno collum poterit circumdare collo.

Este fio de linha que provava a virgindade, graças muitas vezes á habilidade da pessoa encarregada de tão delicada operação, ia collocar-se como uma offerenda no templo da *Fortuna Virginal,* edificado por Servio Tullo, junto da porta Capeana. Com este ditoso fio, offereciam-se tambem á deusa, chamada tambem *Virginensis Dea,* os outros signaes da virgindade, escriptos com caracteres vermelhos nas fraldas da mimosa victima? Tu offereces á *Fortuna Virginal* as vestes manchadas das donzellas! » exclama Arnobio, com uma indignação, de que tambem participa Santo Agostinho, na sua *Cidade de Deus.*

A *Fortuna Virginal* não era senão Venus, a quem se offereciam tambem nozes, para recordar que durante a noite das bodas o mysterio conjugal se consumava ao ruido das nozes, que as creanças espalhavam ás mãos cheias á porta do dormitorio, nupcial com o fim de abafarem o ruido dos suspiros da moribunda virgindade. «Escravo, dá nozes aos rapazes,» diz Catullo, no canto epithalamico de Julia e Manlio. «Marido, não poupes as nozes!» diz Virgilio nas suas *Bucolicas:— Sparge, marite, nuces.*

Aos olhos dos romanos, para os quaes tudo era allegorico, a noz representava o enigma do matrimonio. E' preciso quebrar a casca da noz para se saber o que contém.

CAPITULO XXIV

SUMMARIO

As cortezãs de Roma, menos felizes do que as da Grecia, que tiveram illustres historiadores e panegyristas.— O amor das cortezãs.— De como os elementos historicos das cortezãs romanas só se pódem encontrar nas obras dos poetas.— As musas dos poetas eroticos.— Velhice miseravel das cortezãs mais celebres.— Os amores de Horacio.— De como o poeta perdeu as boas graças das matronas.—Juramento de Sallustio.— Marseu e a bailarina Origo.— Philosophia epicurista de Horacio.— Seus conselhos a Cerintho a respeito do amor das matronas.— Comparação que faz entre este amor e o das cortezãs.— Neera, primeira amante de Horacio.— Juramento de Neera.— Sua infidelidade.— Agradaveis recordações que d'este amor conserva Horacio — Origo, Lycoris e Arbuscula.— Leviandades da patricia Catia.— Relações de Horacio com uma velha matrona, a quem dentro em pouco trocou por Inachia.— Terriveis epigrammas, que dirigiu a esta velha libertina.— Inachia.— A boa Cynara.— Gratidia, a perfumista.— As suas poções aphrodisiacas.— Ruptura publica de Horacio e Gratidia.— A cortezã Hagna e o seu amante Balbino.— Affeição de Horacio aos mancebos.— Bathylo.— Lysico.— Os amores de Horacio e da cortezã estrangeira Lyce.— Ode a Lyce.— Versos de Horacio contra esta cortezã, que o enganou.— Pyrrha.— Ode de despedida a esta cortezã, que tambem o enganou.— Lalage, Horacio e Aristio.— Barina.— Tyndaris e sua mãe.— Declaração de amor feita por Horacio a Tyndaris.— A mãe de Tyndaris, amiga de Gratidia, oppõe-se aos amores de sua filha com Horacio.— Multa honorifica de Horacio em favor de Gratidia para obter os seus favores.— Tyndaris reconcilia Horacio com Gratidia.— Lydia.— Ode de Horacio contra esta cortezã pela sua infidelidade.— Myrtale.— Reconciliação de Horacio e Lydia.— Cloé.— Philis, escrava de Xanthyas.— Horacio e Philis.— Ode a Xanthyas.— Philis, resgatada por Xanthyas, toma Telepho por amante.— Horacio succede a Telepho.— Ode a Philis.— Glycere, antiga amante de Tibullo, concede os seus favores a Horacio.— Amor apaixonado do poeta por esta cortezã.— Ode de Horacio a Telepho, que veio a ser seu amigo.— Horacio, por instigação de Glycere, escreve versos injuriosos contra muitas das suas antigas amantes. — Publicação que o poeta faz das suas odes.— Glycere repelle Horacio.— Tentativa feita pelo poeta para se approximar de Cloé e fazer-lhe esquecer o seu amante Giges. — Desdens de Cloé para com Horacio, que toma o partido da sua rival Asteria. — Horacio abandona as luctas amorosas.— A cantora Lyde, ultima amante de Horacio — Vergonhosa paixão do grande poeta por Ligurino.



s cortezãs, e principalmente as cortezãs gregas, que faziam as delicias dos voluptuosos de Roma, não tiveram historiadores nem panegyristas, como essas mulheres famosas, cujo ascendente politico, philosophico e litterario a Grecia havia reconhecido, dando-lhes uma especie de culto de admiração e de enthusiasmo. Os romanos, como já dissemos, eram mais grosseiros, mais materiaes no amor que os gregos do seculo de Pericles e de Aspasia. O que elles exigiam das mulheres de prazer, das estrangeiras, cuja lingua apenas entendiam, não era uma conversação brilhante, solida, profunda, espirituosa, um écco da Academia de Athenas, uma reminiscencia da idade de ouro das grandes cortezãs gregas; o que elles exigiam e apreciavam eram gosos physicos e só contavam como auxiliares d'este amor material os banquetes succulentos e prolongados, os perfumes, os cantos, a musica, a dança e a pantomi-

ma. De resto, não reconheciam o menor predominio, fóra do *triclinium* e do *cubile,* ás companheiras habituaes das suas orgias e libertinagens.

A vida das cortezãs não era publica e a sua mesma intimidade apenas era conhecida dos jovens libertinos. E' certo que este meio, tão preoccupado dos prazeres, comprehendia poetas e escriptores, que poderiam consagrar os seus versos e a sua prosa á biographia das cortezãs, com que viviam em tão boa intelligencia; no emtanto, este assumpto lubrico parecia-lhes indigno de passar á posteridade, e se algum d'elles consentia em cantar os louvores da amante que havia escolhido, rehabilitando-a, digamol-o assim, para o amor, nenhum, pelo menos dos auctores que se respeitavam, se haveria atrevido a tornar-se o poeta das cortezãs de Roma, do mesmo modo que os artistas, embora por vezes fizessem os retratos d'aquellas *preciosas* e *famosas,* se envergonhariam de certo de se intitularem, como alguns dos seus collegas da Grecia, pintores das cortezãs. Se algumas obras, especialmente consagradas á historia das cortezãs celebres entre os romanos, se compozeram debaixo da redacção d'aquellas sereias, com o fim de as immortalisar, temos muitos fundamentos para suppôr que nunca procediam de pennas distinctas, e que foram destruidas juntamente com os *molles libri* e todos os escriptos obscenos, que o paganismo não ousou preservar dos justos anathemas da moral evangelica.

Em compensação, porém, os poetas, que então como sempre eram os commensaes dos amantes e das cortezãs, mostravam-se excessivamente sollicitos em render-lhes particularmente as homenagens, que teriam tido vergonha de lhes tributar em geral. O poeta amava, no emtanto, não uma mulher perdida, infamada pelas leis e stigmatisada com o injurioso epitheto de meretriz, mas uma mulher distincta, amavel, carinhosa, e como tal digna de homenagens e de attenções delicadas. A cortezã, pela sua parte, vendo-se amada, costumava olvidar a sua profissão, e sentia realmente o amor que havia inspirado, sentimento de que se orgulhava e que lhe dava a unica reputação honrosa, a que lhe era dado aspirar.

«Assim, diz Mr. Walkenaer, na sua *Historia da vida de Horacio,* que não deixamos de citar com tanta confiança como as fontes originaes antigas, —assim, apesar dos preceitos dados ás jovens destinadas á profissão de cortezãs pelos que para essa vida as educavam, similhantes mulheres eram susceptiveis de um verdadeiro amor.»

Nas collecções dos poetas classicos, nas poesias por elles dirigidas ás cortezãs, devemos, portanto, procurar os elementos historicos d'aquellas notabilidades da prostituição romana. Horacio, Catullo, Tibullo, Propercio e Marcial subministram-nos os unicos documentos, de que podemos servir-nos para fazer um inventario, embora resumido e incompleto, das cortezãs que tiveram fama, desde Augusto até Trajano, desde o anno 44 antes de Christo até ao anno 100 da nossa éra. Estas cortezãs, que chamaremos as musas dos poetas eroticos, pertenciam, na maior parte, á classe das *famosas,* na qual a sua belleza e talento lhes haviam dado, por assim dizer, fôro de cidadãs. Ao envelhecer, porém, estas mulheres soberbas viam terminar deploravelmente o seu reinado, cahindo na abjecção das meretrizes da infima classe, e algumas d'ellas, muitas até, depois de terem visto consules, pretores e generaes sentar-se á sua mesa, e disputarem com enthusiasmo os seus favores, que pagavam por preços fabulosos; depois de terem vivido rodeadas de clientes, de escravos, de intermediarios e de poetas: depois de terem habitado um palacio e de haverem gasto em festins e prodigalidades de todo o genero o ouro de muitas provincias conquistadas, chegavam gradualmente a tal abandono e a miseria tal, que se costumavam encontrar de noite, cobertas com um manto immundo e esfarrapado, divagando como as lobas do *Summænium* e offerecendo ao transeunte desconhecido os infames serviços da sua mão ou da sua bocca!...

Estes vergonhosos exemplos da decadencia das cortezãs nem mesmo excitavam a piedade dos seus antigos aduladores, que depois de as haverem amado tanto, se desviavam com horror, como confessa o proprio Catullo, que encontrou uma noite no opprobrio da prostituição uma das suas antigas amantes, cuja belleza havia cantado no meio dos esplendores da grande vida.

Passaremos primeiramente em revista os amores de Horacio, para conhecermos as grandes cortezãs do seu tempo, porque o poeta, prudente até mesmo nos seus extravios amorosos, nunca tentava senão faceis emprezas, que não lhe podessem comprometter a tranquillidade. A terrivel *Lei Julia* contra os adulteros não existia, no emtanto, a jurisprudencia romana, embora bastante descurada n'este assumpto, não deixava de pôr armas terriveis nas mãos de um marido enganado, ou de um pae ou irmão offendidos pela má conducta de sua filha ou irmã. Horacio sabia que não se obtinham impunemente os favores de uma matrona, e que um amante surprehendido em adulterio corria o perigo de ser duramente castigado no proprio theatro do seu crime, ainda que o marido muitas vezes se contentasse em cortar-lhe apenas o nariz e as orelhas, ou mesmo os attributos viris, quando a lei lhe facultava poder degolal-o em presença da sua cumplice.

Na satyra 2.ª do livro 1.º, a proposito de Cupiennio, que era muito affeiçoado ás matronas (*mirator cunni Cupiennius albi,*) enumera Horacio as victimas que este amor havia feito, e cujo prazer foi tristemente interrompido:

«Um, diz elle, precipitou-se da janella de um casa; outro morreu moído com um pau; este livrou a pelle a poder de dinheiro; aquelle foi enxarcado com a urina dos escravos, e muitas vezes tem succedido a outros serem despojados do seu caracter viril (*quia etiam illud accidit ut cuidam testes eamdamque salacem demeteret ferrum.*)»

Horacio repetia, pois, o juramento que Sallustio frequentemente fazia: «Jámais tocarei n'uma matrona! (*Matronam nullam ego tango!*) mas no emtanto não imitava as loucuras de Sallustio, que se arruinava pelas libertas, nem o comportamento de Marseu, que dissipou tudo quanto possuia, chegando até mesmo a vender a sua casa para sustentar os caprichos de uma bailarina, chamada Origo.

—Nunca tive relações com mulheres alheias, dizia Marseu a Horacio.

—E' verdade, respondeu-lhe o poeta, a tua especialidade são as bailarinas e as meretrizes, que ainda arruinam mais a reputação do que a bolsa.

No emtanto, Horacio não desdenhava nem as cortezãs nem as bailarinas; mas n'estas relações frivolas sabia perfeitamente guardar o seu dinheiro e a sua saude. Conservava sempre o uso livre da razão em todas as desordens dos sentidos, e era sempre bastante senhor de si para não se entregar á discrição a uma mulher, ainda mesmo que estivesse ardentemente apaixonado por ella. Nas suas paixões mais intensas, como partidario que era da philosophia epicurista, seguia antes de tudo a inspiração da sensualidade, e evitava cuidadosamente tudo o que podesse ser um obstaculo, um incommodo, um arrependimento. Eis o motivo, porque, sem fallar dos vergonhosos extravios auctorisados pelos costumes romanos n'uma ordem de prazeres contrarios á natureza, não concentrava a sua attenção n'um só objecto, repartindo o seu affecto por um grande numero de cortezãs, que eram simultanea ou successivamente suas amantes. Eis o motivo tambem, porque ao examinar a questão com a sua fria imparcialidade, preferia á perigosa promiscuidade das galanterias das matronas a posse tranquilla e extremamente commoda das mulheres mercenarias.

«Para não teres de arrepender-te, dizia elle a um adorador constante das illustres damas, deixa de perseguir as matronas, porque n'essas arriscadas emprezas, são maiores os perigos do que os prazeres. Embora isto te desagrade, Cerintho, a matrona, com todas as suas joias e adornos, não tem as fórmas

mais polidas e elegantes. Pelo contrario, entre as cortezãs costumam encontrar-se bellezas mais appetitosas (*atque etiam melius persæpè togatæ est.*) De mais a mais esta mercadoria está bem á vista; patenteia tudo o que quer vender, não gaba o que tem de bello e de perfeito, mostra-o, e confessa até mesmo qualquer defeito. Na matrona não succede o mesmo; além do rosto, nada mais se póde vêr. O resto, exceptuando o que succede com Catia, conserva-se occulto até ao ultimo momento. Quem deseja apoderar-se d'esse fructo prohibido, tem que vencer muitos obstaculos, os guardadores da dama, a liteira, os parasitas e essa estola que desce até aos calcanhares, e esse manto que a envolve, e tantas outras cousas que não nos deixam approximar do objecto amado...»

Horacio, n'esta satyra, em que revela as suas affeições e os seus habitos, compara com esta matrona tão rigorosamente guardada e defendida, uma cortezã que se entrega ainda mesmo antes que a ataquem:

«Com ella não ha obstaculos. O veu de gaze deixa vêl-a como se estivesse nua. O teu olhar póde penetrar até aos sitios mais encantadores e mais reconditos. Preferirias, por ventura, que te armassem um laço, e que te extorquissem o preço da mercadoria antes de t'a haverem mostrado?»

Em seguida, o poeta confessa que não tem paciencia, quando o fogo do desejo lhe circula nas veias (*tument tibi quum inguina*) e que então se dirige á primeira servente, ao primeiro rapaz, que possa mitigar-lhe o incendio da luxuria:

«Quero, diz elle francamente, amores faceis e commodos (*namque parabilem amo Venerem facilemque.*) A' que me diz: — Estou prompta, mas quero estar á vontade comtigo, espera que meu marido saia — a essa costumo eu deixal-a para os sacerdotes de Cybele, como diz Philon, que prefere a que custa muito dinheiro, mas que não se faz esperar, quando a chamam. Que seja bella, elegante e asseiada, mas que não pretenda parecer mais alta ou mais branca do que a fez a natureza. A que tenho nos braços é a minha Ilia ou a minha Egeria, pois lhe dou o nome que me agrada. Quando estou com ella (*dum futuo,*) não receio que o marido regresse do campo, que a porta caia feita em pedaços, que o cão ladre, que a casa se revolva de baixo para cima, que a mulher, pallida e espavorida, salte do leito e tremula deplore a sua desgraça, receiando pela integridade das costellas ou do dote. Nada temo por mim tambem, porque em taes casos, é mister fugir descalço e mal vestido, ou arriscar a bolsa, as costellas e a reputação. Desgraçado do que cahe nas mãos de um marido! Refiro-me a Fabio.»

No seu amavel epicurismo, Horacio conhecia melhor o prazer do que o amor.

A sua primeira amante, ou pelo menos a que elle celebrou primeiro nas suas poesias, chamava-se Neera, a qual amou, ou para melhor dizer gosou, mais de um anno, sob o consulado de Planco, no anno 714 de Roma. Tinha então Horacio vinte e cinco annos, não era ainda conhecido entre os poetas, e nem possuia recursos para pagar por alto preço os favores d'aquella cantora, que ainda não havia chegado n'essa época á fama que teve bem depressa nas mais esplendidas *comissationes*.

Neera estreitou uma noite em seus braços o seu joven e talentoso amante, que pronunciou este juramento, de que a lua foi muda testemunha:

«Emquanto o lobo perseguir o cordeiro, emquanto o Orion, terror dos nautas, sublevar os mares que bramem com a tempestade, emquanto Zephyro acariciar a loura cabelleira de Apollo, pagar-te-hei amor com amor!»

Bem depressa foi este juramento esquecido, e Neera prodigalisou os seus favores a um amante mais rico, que sabia pagar melhor do que o poeta. No emtanto, não queria malquistar-se com Horacio, mas apenas elle o soube, cortou immediatamente as relações, dizendo: «*Si quid in Flaco vir est,* se em Flaco

alguma cousa ha de homem, procurarei um amor que corresponda ao meu.» Separou-se, pois, da infiel Neera, predizendo logo ao seu feliz rival que seria tambem por ella abandonado, ainda que possuisse numerosos rebanhos e vastos dominios, ainda que fosse mais bello do que Narciso e fizesse rolar o Pactolo para casa da sua amante!

Pouco tempo depois Neera distinguia-se na sua profissão de cantora, e quando Horacio deveu ás suas poesias a amizade de Mecenas e os beneficios de Augusto, lembrou-se de Neera, e varias vezes a convidou para cantar nos festins que dava aos seus amigos.

«Eia, joven escravo! diz elle n'uma ode ao regresso do imperador depois da guerra de Hespanha; traze-nos perfumes, corôas e uma amphora contemporanea da guerra dos Marsas, se alguma escapou á avidez das tropas de Spartaco. Dize á cantora Neera que ate depressa os seus cabellos perfumados em myrrha, e se o seu maldito porteiro se demorar a abrir a porta, vem-te embora sem ella. A idade, que já me branqueou a cabeça, extinguiu-me os ardores, que n'outro tempo bem pouco temiam as luctas e as contendas; na minha ardente juventude, teria sido menos paciente.»

Horacio amara Neera mais do que nenhuma das suas amantes, e por isso queria vingar-se d'ella, fazendo-lhe comprehender quanto perdera com a sua infidelidade.

«Na época em que Horacio entrou no mundo, diz Mr. Walkenaer, na historia do seu poeta favorito, havia em Roma tres cortezãs celebres entre todas as outras mulheres da sua profissão. Eram Origo, Lycoris e Arbuscula.»

Infelizmente, os commentadores antigos nada nos dizem ácerca d'estas tres *famosas* que nomeiam apenas, e Horacio, que segundo parece não teve relações particulares com ellas, refere unicamente que a primeira reduziu Marseu á mais completa pobreza. Parece tambem querer comparar a esta cortezã avida e prodiga a patricia Catia, muito conhecida pela sua vida desregrada e pela audaciosa garridice com que erguia a parte inferior da tunica mais do que permittia a decencia, quando passava pela Via-Sacra. Catia, que não se envergonhava de rivalisar em publico com as cortezãs, foi uma vez surprehendida em adulterio no templo de Venus Theatina, proximo do theatro de Pompeu, e o povo perseguiu-a á pedrada. O seu adulterio, segundo o commentador Porphyrion, sahia muito do vulgar, pois foi surprehendida entregando-se ao mesmo tempo a Valerio, tribuno da plebe e a um rustico siciliano (*Valerio ac siculo colono;*) outros commentadores, porém, não lhe dão mais do que um cumplice n'este flagrante delicto.

Esta aventura serviu para mais robustecer o poeta na sua opinião sobre a preferencia que devia dar-se ao amor das cortezãs. Apenas uma vez teve de faltar ao seu proposito deixando-se seduzir por uma velha libertina, que pertencia, não obstante, a uma familia illustre e que o havia encantado com os seus ares de philosopha e de sabia. De bom grado o poeta haveria limitado as suas relações com a estoica a um trato puramente litterario, mas em todo o caso não esteve por muito tempo sujeito a exigencias amorosas, que mal se adaptavam ás suas affeições. De resto, havia-se ligado com uma esplendida cortezã, chamada Inachia, e ter-se-hia envergonhado de lhe oppôr uma rival indigna d'ella. Vendo-se a principio desprezada, e pouco depois abandonada e repellida, a illustre dama resolveu vingar-se de Horacio e mandou informar de tudo a bella Inachia. Debalde o fez, porém; o poeta nunca revogou a sua resolução de se separar da nobre libertina, que mais perdeu ainda com este passo imprudente, porque foi objecto dos tremendos epigrammas, que correram em Roma com grande detrimento seu.

«Perguntas-me, oh ruina secular! o que debilitou o meu vigor, e és tu que me fazes essa pergunta, tu com esses dentes negros, essa fronte enrugada

e esses membros descarnados como os de uma vacca que soffre de diarrheia! E' fóra de duvida que a tua garganta putrida, o teu peito negro e molle como o ubere de uma egua, esse ventre cheio de pregas e essas pernas hydropicas, deviam esgotar-me os desejos... Contenta-te com a tua opulencia, ufana-te de que nos teus funeraes serão levadas em triumpho as imagens dos teus maiores, e de que não haverá talvez outra mulher que possua perolas tão grossas como as tuas. Como! Pensas talvez que por teres sobre os cochins de seda dos teus aposentos livros de philosophia, poderás impedir que os nervos se me afrouxem na tua presença, e que o meu amor esfrie e se torne exactamente como o gelo? Olha: por mais que me provoques a satisfazer-te os desejos (*ut superbo proroces ab inguine*) nada conseguirás, se a tua bocca não vier em teu auxilio (*oro ad laborandum est tibi.*)»

N'outra ode, faz Horacio um retrato ainda muito mais negro da velha impudica:

«Que pretendes de mim, mulher só comparavel aos negros elephantes? Para que me envias, velha pestilente, presentes e cartas, a mim que ainda tenho um excellente olfacto? Sabe que para descobrir um polypo ou cancro, que se occulta debaixo das tuas enrugadas nadegas, tenho o olfacto mais apurado do que o do cão de caça, que fareja o covil do javali. Que suor e que miasmas tão infectos exhalam todos os teus membros, quando te esforças por saciar os desejos do teu amante, quando o teu rosto goteja humida greda e pinturas preparadas com excremento de crocodilo, quando nos teus lubricos extasis partes a madeira e rasgas as cortinas do teu leito!»

Isto bastou e com razão para que Horacio se livrasse dos zelos e perseguições d'esta mulher importuna: *mulier nigris dignissima barris,* como o poeta lhe chama.

Infelizmente sabemos apenas o nome d'aquella formosa Inachia, a quem o poeta proclamou tres vezes n'uma noite deusa do prazer. *Inachiam ter nocte potes,* exclamava com um ciume feroz a indigna rival da cortezã. Quasi ao mesmo tempo, porém, Horacio achava-se ligado a outra cortezã que nada tinha que invejar á belleza de Inachia, e que apesar d'isso se dera sem a menor recompensa ao poeta. Por este motivo, decerto, é que Horacio a chamava a *boa Cynara.* Não era este realmente o melhor dos meios para a conservar fiel por muito tempo, e por isso Cynara d'ahi a pouco escolhia um novo amante mais generoso. Não lhe foi difficil encontral-o, e Horacio, inconsolavel, não logrou esquecel-a, senão procurando consolações no abuso dos vapores de Baccho.

Esta cortezã teve o mau gosto de ser mãe. O poeta Propercio, que estava a seu lado durante o parto, aconselhou-lhe que fizesse um voto a Juno, e immediatamente, sob os auspicios d'esta deusa benefica, Cynara logrou vêr terminados os soffrimentos. Este voto feito a Juno parece haver motivado a opinião dos commentadores, que asseguram ter Cynara fallecido de parto. Horacio lembrou-se sempre d'esta sua amante, mesmo atravez de todos os amores que succederam a este que o poeta recordava sem cessar. Cynara, a *boa* Cynara, estava sempre ligada nas recordações da juventude de Horacio ás suas mais doces illusões. Cynara havia-o amado só por elle, sem interesse nem recompensa. «Já não sou o que era sob o reinado da boa Cynara!» dizia tristemente Horacio approximando-se dos cincoenta annos.

Gratidia, que substituiu Cynara, não era mulher que fizesse esquecer a amavel cortezã. Era bella, tinha sido uma das mais celebres cortezãs do seu tempo, e fôra tão sollicitada pelos magnates como a outra, mas os annos, dispersando os seus adoradores, haviam-na aconselhado a accumular com o officio de cortezã uma industria mais segura e menos susceptivel de decadencia. Gratidia era perfumista e *saga*, vendia philtros e compunha-os tambem, e os commentadores de Horacio opinam que esta *saga* experimentou no poeta a vir-

tude dos seus aphrodisiacos, esperando assim prendel-o de uma maneira mais segura. Horacio, porém, não tardou muito em sacudir um jugo, que apesar das beberagens e conjuros da *saga,* se lhe tornava extremamente desagradavel. O poeta teve horror das obras tenebrosas, de que as suas relações com a maga o haviam tornado cumplice. Ao mesmo tempo receiou pela sua saude, que um estimulante mais energico poderia compromettter, e separou-se violentamente de Gratidia.

A maga empregou todos os recursos da sua arte para o reter junto de si, para o fazer voltar a seus braços, mas tudo foi inutil. Horacio, advertido das relações que Gratidia mantinha secretamente com um velho libertino, chamado Varo, aproveitou-se d'este pretexto para romper com ella estrepitosamente. Gratidia queixou-se d'este abandono, accusou-o de ingrato e ameaçou-o com uma terrivel vingança. Horacio, sabendo de quanto ella era capaz, receiou profundamente essa vingança, que podia muito bem ser um envenenamento, ou um terrivel maleficio, e para a inutilisar, denunciou nos seus versos á opinião publica as criminosas práticas da arte das *sagas,* deshonrando Gratidia, sob o transparente pseudonymo de Canidia.

Já n'outro logar referimos as revelações de Horacio a proposito dos mysterios do monte Esquilino. Gratidia foi obrigada a justificar-se perante os magistrados, mas obteve de Horacio, não se sabe porque preço ou influencia, uma especie de retratação poetica, na qual transparece ainda uma amarga e injuriosa ironia.

«Reconheço humildemente o poder da tua arte, dizia o poeta n'esta nova ode, destinada a destruir o terrivel effeito das outras. Em nome de Proserpina, da implacavel Diana, te conjuro de joelhos, perdoa-me, perdoa-me! Demasiado soffri os effeitos da tua vingança, oh amante predilecta dos marinheiros e dos mercadores estrangeiros! Olha bem para mim! A minha juventude acabou... os teus magicos perfumes encaneceram-me os cabellos. Vencido pelos soffrimentos, creio que neguei durante muito tempo. Sim, o poder dos teus sortilegios penetra no coração! Esta lyra, que tão desfavoravelmente qualificas... queres que sôe em teu louvor? Pois bem! Tu serás o pudor e a probidade personificada... Não, enganei-me, o teu nascimento nada teve de abjecto!... Não, não é verdade, tu não vaes de noite, maga sapientissima, dispersar nove dias depois da morte as cinzas dos miseraveis. A tua alma é generosa e as tuas mãos estão puras!»

A esta forçada retractação, Canidia responde com imprecações:

«Como! Terás lançado impunemente, tu, novo pontifice, os raios da tua indignação contra o monte Esquilino e enchido Roma com o meu nome! Poderás divulgar, sem soffrer as consequencias da minha colera, os ritos secretos de Cotito, e zombar dos mysterios do Amor livre?»

Esta passagem prova evidentemente que Gratidia, como quasi todas as *sagas,* se prestava ás mais incriveis libertinagens, e que não era estranha a certas orgias nocturnas, que favoreciam uma impudica promiscuidade de sexos, como para renovarem o impuro culto de Cotito, a Venus da Thracia, a antiga deusa hermaphrodita da Syria:

«A morte virá a teu pesar demasiado lenta, exclama a infernal Canidia; viverás uma vida miseravel e odiosa, para servir de pasto a soffrimentos sempre novos. Ora, no accesso de uma desesperação sombria, quererás precipitar-te do alto de uma torre, ou cravar um punhal no coração; ora, em vão, lançarás em volta do pescoço o funesto laço; ver-me-has sahir triumphante do seio da terra, e saltar sobre os teus hombros!»

Horacio tinha necessidade de respirar depois de similhante amor, nascido no meio de poções eroticas e sob a influencia de conjuros magicos. Não perdoou, no emtanto, a Canidia, porque ainda muito depois disparou contra ella por mais

de uma vez dardos acerados, felicitando-se de ter feito do pseudonymo, que lhe dera, o synonymo de envenenadora. «Seria Canidia quem preparou este manjar detestavel?» dizia elle muito tempo depois, fazendo a critica de um banquete, em que predominavam iguarias preparadas com alho.

Horacio era excessivamente sensivel aos maus cheiros, que operavam sobre o seu systema nervoso, e foi por isso que consagrou um odio irreconciliavel a uma formosa cortezã chamada Hagna, cujo nariz apestava, sem que por isso fosse menos querida de seu amante Balbino. Passaremos em silencio as numerosas distracções que o poeta ia procurar aos dominios da Venus masculina, deixando á conta das depravações romanas as numerosas infidelidades que continuamente fazia ao seu Bathylo, coroando-se de rosas e bebendo taças de phalerno. Horacio não era mais moral do que o seu seculo, e se foi muito affeiçoado ás mulheres, não tinha menor predilecção pelos mancebos, aos quaes não poucas vezes preferia.

«A belleza, diz o sabio Mr. Walkenaer, onde quer que a encontrasse, produzia n'elle uma impressão abrasadora. Absorvia-lhe completamente os pensamentos, perturbava-lhe os sonhos, excitava-lhe os desejos, e o poeta aproveitava todas as occasiões para os satisfazer, sem se deter em escrupulos nem em considerações, que nenhum valor tinham nos costumes do seu tempo.»

N'um dos seus epodos dirigidos a Petio, reconhece que o amor o absorve sem cessar, inflammando-o pelos jovens de ambos os sexos:

«Agora amo Lysico, diz elle com paixão, Lysico mais bello e voluptuoso do que uma mulher. Nem as censuras dos meus amigos, nem os desdens do adolescente poderiam fazer com que me separasse d'elle; nada o conseguiria— só se fosse o amor de outro adolescente de compridos cabellos, ou de uma joven formosissima.»

Quando o poeta assim confessava a sua vergonhosa fraqueza, o inverno havia despojado tres vezes os bosques, explicava elle na mesma ode, desde que a sua razão se achava fóra do alcance de Inachia. Por este tempo, aos trinta annos de idade, namorou-se apaixonadamente de Lyce, cortezã estrangeira, que exercia a sua profissão em beneficio de um pretendido esposo, e que teve o tacto de resistir a principio ás insistentes sollicitações do poeta.

Acron e Porphyrion, que recolheram dados preciosos ácerca dos personagens indicados nas poesias de Horacio, não nos dão a conhecer apesar d'isso o verdadeiro nome d'esta Lyce, a quem o poeta amou mais do que a qualquer outra das suas amantes. Dizem-nos apenas que era de origem thyrrenna, quer dizer, que havia nascido na Etruria, onde todos os habitantes, segundo o testemunho do historiador Theopompo, se davam á mais desenfreada libertinagem. Plauto dá a entender que os costumes d'esse paiz não haviam mudado no seu tempo, pondo esta palavas na bocca de um dos personagens da sua *Cistellaria*:

«Não serás obrigada, descança, a ganhar o dote, como as mulheres da Toscana, traficando indignamente com os teus encantos.»

Lyce seguia, pois, os costumes da sua patria vendendo-se a quem mais dava, podendo com as suas riquezas, tão vergonhosamente adquiridas, cercar-se de apparencias de mulher honrada, simular vida conjugal e augmentar d'este modo o preço das suas complacencias. Horacio enganou-se, como todos os outros, crendo de boa fé que tratava com uma virtude, e apesar das suas repugnancias a respeito do adulterio, teve de relaxar o seu rigorismo até ao ponto de ir pela calada da noite pendurar corôas á porta da astuta cortezã, que a principio fechou os olhos e os ouvidos. Ganhando pouco a pouco maior audacia, foi bem depressa bater áquella porta, que para tantos outros se abria com chave de ouro. Por meio de uma ode, pôde o poeta despertar a attenção da bella thyrrena, cujo marido não passava de um habil corretor, da sua confiança. Esta ode composta n'um genero, que os gregos chamavam *paraclausi-*

thyron, era um canto, que se executava ao som de instrumentos, á porta cruelmente fechada de uma beldade esquiva:

«Ainda que vivas, oh Lyce! sob a vigilancia de um esposo barbaro nas origens longiquas do Tanais, compungir-te-has de me vêr açoitado pelo aquilão deante da tua porta! Ouve como os vendavaes agitam essa porta, como gemem plangentes as arvores do teu jardim e os telhados da tua casa. Vê como a neve que cobre a terra endurece, sob o ceu puro e glacial. Suavisa essa feridade tão hostil a Venus! Não verás sempre um amante exposto á inclemencia em frente da tua porta!»

Horacio ignorava decerto, que Lyce fosse uma cortezã, quando lhe mostrava seu marido nos braços de uma concubina thessaliana chamada Pieria, quando lhe dizia que seu pae nascido no Thyrreno, não podia ter gerado uma Penelope, rebelde ao amor, quando appellava até para as lagrimas, para vêr se d'este modo podia vencer a inutilidade das suas dadivas. Em breve a cortezã nada recusou, logo que lhe foi dado quanto exigia. Horacio era generoso. Obtendo a ventura que desejava, foi por algum tempo o amante de Lyce, que bem depressa o trocou por outro mais moço e mais rico. O poeta não se consolou facilmente d'esta perda, e procurou mas inutilmente reatar uma ligação quebrada bem contra a sua vontade. A sua indignação contra Lyce não chegou mesmo a explosir em publico, logo que a belleza da cortezã se resentia do abuso que a liberdade d'ella fizera:

«Os deuses, oh Lyce, ouviram os meus votos! exclama elle com um certo jubilo, que prova não estar ainda completamente extincto o antigo amor. E's velha, e queres ainda passar por nova, e quando bebes invocas o deus Cupido com a tua voz rouca, mas o deus foge de ti. O amor aninha-se de bom grado nas frescas faces de Chias, que sabe cantar com tanta doçura, e afasta-se de ti, porque os teus dentes amarellos, os teus cabellos brancos e as tuas rugas lhe causam medo. Nem a purpura de Cos, nem as pedras preciosas te restituirão aquelles annos, que o rapido tempo sepulta para sempre na historia do passado. Que foi feito da tua belleza, da tua frescura, e dos teus doces encantos? Aquelle rosto gracioso, que igualava quasi o de Cynara, e que as artes reproduziram cem vezes, o que é agora? Que resta d'aquella mulher em quem tudo respirava amor, e que a mim proprio me enlouqueceu? O destino concedeu poucos annos a Cynara, e deixa-te viver a ti, como a gralha centenaria, para que a ardente juventude possa vêr, embora não contenha o riso, como o lume se converte em cinzas!»

Transpira de toda esta composição o despeito de um amante abandonado, e não póde considerar-se completamente hyperbolico um retrato tão differente do que Horacio poucos annos antes havia feito com tamanho enthusiasmo. As mulheres, e especialmente as cortezãs, não conservavam por muito tempo entre os romanos a sua juventude. O clima calido, os banhos frequentes, os cosmeticos, os aphrodisiacos, os festins e os excessos de todos os generos, não tardavam em fanar a primeira flor de uma primavera, que breve chegava ao inverno, arrastando comsigo irremediavelmente os prazeres do amor. A velhice das mulheres começava aos trinta annos, e se o fogo das paixões eroticas ainda ás vezes se abrigava debaixo das pinturas, era preciso recorrer, para o mitigar, aos eunuchos, aos *spadones,* aos gladiadores, aos escravos, ou mesmo ás secretas e vergonhosas compensações do *fascinum.*

Mesmo na época em que Horacio possuia os encantos de Lyce, o poeta não pôde resistir ás seducções de outra encantadora, e deu o exemplo da inconstancia á sua amada, atravessando por assim dizer o leito de Pyrrha. Horacio não a amava, nem tinha ciumes d'ella. Um dia surprehendeu-a n'uma gruta, deitada sobre um leito de rosas, nos braços de um bello adolescente de cabellos perfumados. O poeta não perturbou a ventura d'estes amantes, con-

tentando-se em os admirar embriagados de amor, e deleitando-se com aquelle voluptuoso espectaculo. Retirou-se com todas as precauções, antes que o ditoso par tivesse tempo de o vêr ou ouvir, mas no dia seguinte mandou a Pyrrha um ode de despedida, em que lhe declarava que tinha sido testemunha da sua infidelidade, e que estava para sempre curado de um amor tão mal empregado:

«Desgraçados d'aquelles para quem tu brilhas em um mar em que nunca se arriscaram! Pelo que me diz respeito, o quadro votivo que vou pendurar nas paredes do templo do amor, provará que larguei os meus vestidos humidos depois do naufragio...»

Os naufragos penduravam no templo de Neptuno um quadro votivo, em commemoração do perigo a que haviam escapado. A este costume alludia Horacio, quando dava graças ao deus dos amantes por o ter livrado de uma tormenta de zelos e de infidelidades.

E' notavel que o poeta, cujo forte não era certamente a constancia, não podesse soffrer a menor perfidia da parte de uma cortezã, e não obstante todas as suas amantes eram cortezãs. Esta intolerancia, que contrastava com as suas doutrinas epicuricas, deve attribuir-se antes a uma excessiva vaidade do que a uma grande delicadeza de costumes. A unica vez em que não foi ciumento, foi decerto quando o seu amigo Aristio Fusco poz os olhos n'uma liberta, chamada Lalage, com a qual descançava dos prazeres de Roma e da vida licenciosa das cortezãs na sua *villa* da Sabina. Lalage sahia apenas da infancia, e não sabendo como resistir ás seducções de Fusco, pretextou a sua curta idade, e graças a este pretexto, escapou ás perseguições do seu apaixonado. Horacio, porém, sacrificando o amor á amizade, tomou por sua conta os interesses do amigo, aconselhando-lhe que tivesse paciencia, até poder triumphar da resistencia da joven.

«Não colhas as uvas emquanto estiverem verdes, dizia-lhe Horacio, o outono ha de sazonal-as, tornando-as côr de purpura. Em breve te procurará a propria Lalage, porque o tempo corre a nosso pesar, e vae trazer-lhe os annos que te arrebatou na sua fuga cruel. Em breve, com um olhar menos timido, ella procurará o amor, mais querida do que jámais o foram Cloris e a voluptuosa Pholœ, e mostrar-te-ha os hombros alvissimos, brilhando como a lua no seio dos mares.»

Emquanto assim esperava, celebrava nos seus voluptuosos versos os encantos infantis de Lalage, e percorria o bosque de Sabina, dando o nome da bella a todos os eccos. Foi sem duvida enganado por esta liberta, como o foi quasi ao mesmo tempo por outra chamada Barina, menos creança do que Lalage, mas tão encantadora como ella. Segundo os commentadores, Barina chamava-se Julia Varina, porque era uma das *manumisas* da familia Julia. Horacio teve ainda a pretensão de fazer d'esta cortezã uma amante fiel, mas cedo se convenceu de que os juramentos com que ella o havia lisongeado não eram mais que um meio habil de tirar do poeta maior proveito.

«Barina, escrevia-lhe Horacio, acreditar-te-hia cegamente, se a um só dos teus perjurios se houvesse seguido um castigo, se um só dos teus dentes se tivesse tornado menos branco, se uma das tuas unhas se houvesse quebrado. Mas, perfida, apenas compromettes de novo a tua fé, pareces mais bella ainda e mostras-te com maior orgulho a essa juventude que te adora. Sim, Barina, pódes com enganadoras palavras tomar por testemunhas as ondas dos mares, os silenciosos astros da noite, os deuses inaccessiveis ao frio da morte, — Venus rir-se-ha dos teus sacrilegios, as nymphas indulgentes e o cruel Cupido, afiando sem cessar as suas ardentes frechas, rir-se-hão tambem d'elles. Todos os adolescentes crescem para se transformarem em novos escravos. Aquelles que retens na escravidão censuram-te as traições e não podem resolver-se a separar-se de uma impia adoravel!»

Horacio, que por esse tempo tinha trinta e oito annos (27 antes de Christo) entregava-se a todo o ardor do seu temperamento. Procurava uma mulher fiel e não a encontrava, naturalmente porque não era um exemplar de fidelidade. Costumava retirar-se para uma das suas casas de campo, para Præneste ou para Ustica, levando sempre comsigo alguma formosa liberta, que bem depressa se cançava d'essa especie de escravidão e o abandonava para voltar a Roma. Ao partir uma vez para Ustica, o seu dominio da Sabina, encontrou na *Via-Sacra* uma joven de toga e cabelleira loura, que era um prodigio de belleza. Todos os olhares a seguiam extasiados. De mais a mais, a belleza da desconhecida era realçada pela de uma sua companheira de mais idade, embora não fosse menos esplendida e encantadora. A similhança das duas cortezãs, que apenas differiam na idade, provava evidentemente que uma era filha da outra. Horacio, ao vel-as, ficou tão maravilhado, que logo se enamorou de ambas; mas, quando soube que a mãe era amiga intima da perfumista Gratidia, a quem elle havia dado tão triste celebridade, resolveu dirigir-se apenas á filha, chamada Tindaris, amante de um certo Cyro, homem zeloso e iracundo, que amiudadamente a maltratava. O poeta, portanto, enviou a Tyndaris a seguinte declaração:

«Os deuses protegem-me, os deuses acceitam o meu incenso e os meus versos. Vem para meu lado, e a Abundancia derramará sobre ti da sua fecunda cornucopia todos os thesouros dos campos. Além, n'um valle solitario, ao abrigo do ardor canicular, cantarás ao alegre som da lyra anacreontica a fiel Penelope, a enganadora Circe e o inquieto amor de ambas pelo mesmo heroe. Além, á sombra, poderás esgotar sem perigo uma taça de Lesbos, e os combates de Baccho jámais acabarão como os de Marte. Não terás que temer que um amante zeloso e colerico, abusando da tua fraqueza, ouse pôr em ti as mãos brutaes, arrancando as flores da tua cabeça ou rasgando o teu innocente veu.»

A cortezã, ao receber esta ode, foi consultar sua mãe, que lhe referiu o indigno comportamento do poeta para com Gratidia, aconselhando-lhe que não se expozesse a outro tanto. Tyndaris, á vista d'isto, respondeu a Horacio, que não poderia, sem offender sua mãe, acceitar as homenagens do injurioso accusador de Gratidia. N'esta conjunctura, Horacio recorreu á lisonja para attrahir ao seu partido a mãe de Tyndaris, escrevendo á filha a ode seguinte:

«Oh tu, de uma mãe tão bella, filha muito mais bella ainda! Entrego-te os meus versos culpados. Ordena, e serão consumidos pelas chammas, ou sepultados debaixo das ondas! Tranquillisa, portanto, a tua colera. Tambem eu, na minha juventude, conheci o resentimento, e fui arrastado no meu delirio a satyras sangrentas. Hoje quero que succeda a paz á guerra. Retiro, pois, os meus insultantes versos, mas dá-me em troca o teu coração e sê minha!»

Tyndaris deixou-se commover e reconciliou Horacio com Gratidia, fazendo ella propria as despezas da reconciliação.

Depois de Tyndaris, foi Lydia que inspirou ao inconstante poeta a paixão mais viva que até então havia sentido. Lydia estava perdidamente enamorada de um joven, a quem ella afastara dos exercicios gymnasticos e dos trabalhos da sua educação patricia. Horacio lança-lhe em rosto que perca por similhante modo o futuro d'aquelle mancebo, a quem chegou a substituir, mostrando-se mais liberal do que elle. Apenas havia succedido, porém, ao imberbe Sibaris, quando Lydia, tão caprichosa, como ella só podia sel-o, lhe deu como rival Telepho, que se havia apoderado do seu coração e lhe captivara loucamente os sentidos. Horacio não era homem que podesse soffrer similhante rivalidade; no emtanto, não teve remedio senão soffrel-a, procurando pela persuasão e pela ternura luctar contra um rival temivel, que á noite lhe desbaratava todos os seus projectos da manhã.

«Oh Lydia! exclama elle n'uma ode magnifica, que não logrou commover

*

a deshumana—quando exaltas na minha presença a pelle rosada e os braços de marfim de Telepho—desgraçada de ti!—inflamma-se-me o coração cheio de colera, perturba-se-me o espirito, córo e empallideço alternativamente, uma lagrima furtiva deslisa-se-me pelas faces, trahindo o secreto fogo, que lentamente me devora. Oh dôr! quando vejo as tuas alvissimas espaduas vergonhosamente maceradas por elle nos furores da embriaguez, quando contemplo os teus labios, onde estão ainda impressos os crueis dentes d'esse brutal!... Oh! se queres acreditar as minhas palavras, não te fies n'esse barbaro, cujos beijos profanam uma bocca divina, onde Venus derramou o seu nectar mais doce. Felizes, tres vezes felizes aquelles a quem une um laço indissoluvel, a quem nenhuma contenda separa, a quem só a morte póde desunir!»

Lydia despresou as supplicas e os conselhos de Horacio. Não só não despediu o amante que lhe mordia e que lhe martyrisava os hombros, mas até mesmo não quiz ouvir mais o poeta, fechando a porta ao importuno conselheiro.

Horacio não podia estar um só dia sem mulher. Ainda que tinha amado com phrenesi a cruel que o repellia, quiz com o numero das suas distracções galantes afogar aquelle amor que tinha cada vez mais vivo e magoado no coração. Eis como o poeta faz gala das suas novas amantes:

«Quando um amor mais digno me chamava, estava retido nos braços de Myrtale, a liberta Myrtale, mais arrebatada e impetuosa do que as ondas do Adriatico, quando refervem nos golphos da Calabria.»

Mas o poeta não se consolava de haver perdido a sua Lydia. Voltou a Roma e soube com alegria que o brutal Telepho tinha um successor, que Lydia era já amada de Calais, filho de Orintho de Turios, o qual, joven e bello, não devia temer rivaes. Horacio foi vêr Lydia, e não a viu sem uma profunda emoção.

A reconciliação dos dois amantes foi cantada pelo poeta n'este admiravel dialogo:

—Emquanto consegui agradar-te, emquanto nenhum outro amante rodeava nos seus braços o teu collo de marfim, vivia eu mais feliz do que o rei mais poderoso da terra!

—Emquanto tu não amavas a outra, e Lydia não estava atraz de Cloé, Lydia vivia mais orgulhosa do que a mãe de Romulo!

—Cloé reina hoje no meu coração. Amo a sua doce voz casada com os sons da minha lyra. Morreria sem pena por ella, se o destino por este preço quizesse respeitar-lhe a vida.

—Calais, filho de Orintho, de Turis, e eu amamo-nos loucamente. Por elle soffreria eu mil mortes, se o destino quizesse poupar-lhe a vida.

—Oh! se voltasse novamente o primeiro amor, e submettesse ao seu imperio os nossos corações desunidos! Se eu abandonasse a loura Cloé, e abrisse os braços a Lydia!...

—Apesar de Calais ser bello como o sol, e tu mais inconstante do que a folha e mais irritavel do que as ondas, só comtigo desejaria viver, e morrer tambem comtigo só!...

Os amores das cortezãs eram muito variaveis. Lydia voltou bem depressa a Calais e Horacio a Cloé, sentindo no emtanto a sua vaidade não ter sabido submetter a inconstante. A loura Cloé era muito joven ainda, quando se vendeu ao poeta, que pouco tempo depois a deixou para tomar outras duas mais maduras e menos ignorantes, Philis, liberta de Xanthyas e Glycere, antiga amante de Tibullo. Vamos dizer em que circumstancias pôde Horacio ter a revelação da belleza de Philis, de quem desde então ficou enamorado.

O poeta foi um dia visitar o seu amigo Xanthyas, joven grego da Phocea, epicurico e voluptuoso como elle. Como não quiz que annunciassem a sua visita, dirigiu-se directamente á bibliotheca, onde segundo lhe haviam dito

Xanthyas estava n'esse dia encerrado, no meio dos bustos e retratos dos seus maiores. Desejava fazer-lhe uma surpreza e fez-lh'a realmente, encontrando-o alli, embora não estivesse entregue ás locubrações do estudo com a cabeça inclinada sobre os livros. Xanthyas havia feito afastar todos os seus domesticos para ficar só com uma escrava de quem fizera sua concubina. Horacio deteve-se no limiar da porta, porque não quiz perturbar aquella deliciosa sessão, cujos episodios observou curiosamente, participando até certo ponto do prazer dos dois amantes. Xanthyas só percebeu que havia alli uma testemunha muda da sua ventura, quando teve consciencia da situação, e envergonhado do espectaculo repelliu bruscamente a bella Philis, que se retirou muito surprehendida da repentina cólera de seu senhor.

Havia entre os romanos uma preoccupação muito antiga e muito vulgarisada, que considerava como deshonroso o commercio intimo de um homem livre com uma escrava. Xanthyas, surprehendido n'um momento de fraqueza que julgava improprio da sua dignidade, não voltava a si da perplexidade e vergonha em que se achava, e mal podia attender ás razões com que Horacio pretendia demonstrar-lhe que nada havia de desairoso n'aquella fraqueza amorosa, que ao proprio poeta não se lhe daria de commetter. Em seguida, Horacio fez com tamanho enthusiasmo o elogio da cumplice do seu amigo, que este não póde abster-se de sentir ciumes, que foram como que a rehabilitação da formosa Philis.

Por conselho de Horacio, Xanthyas tratou logo de libertar a sua escrava, para não ter que envergonhar-se mais do seu amor. O poeta, ainda sob a impressão d'aquella mulher deliciosa, dirigiu ao seu amigo uma ode, em que do modo mais delicado lisongeava a bella Philis, comparando-a á famosa Briseis, a amante de Achilles, a Tecmese, amante de Ajax, seu senhor, e á donzella troyanna, de quem Agamemnon se enamora, depois da queda de Troya.

«Não te envergonhes, oh Xanthyas, de amar a tua escrava! Quem te diz a ti que a bella Philis não será oriunda de tão nobre stirpe, que possa ainda vir a ser o teu orgulho? E' muito provavel que a tua escrava se recorde ainda do regio berço e deplore o rigor dos deuses Penates. Não, a mulher que tu amas não póde ser de um sangue vil e obscuro: tão fiel, tão desinteressada, Philis não nasceu de certo de uma mãe, que possa envergonhal-a. Se louvo e exalto o seu rosto, os seus braços e a sua perna deliciosamente modelada, o meu coração não se interessa n'estes louvores. Não tenhas ciumes de um amigo, a cuja vida já o tempo encerrou o oitavo lustro.»

Horacio, porém, era aos quarenta annos tão curioso e inflammavel como aos vinte, e os secretos encantos de Philis, que tão inesperadamente surprehendera, atormentavam-no continuamente com a secreta impaciencia de poder vêr e gosar á sua vontade a encantadora joven. O cuidado, com que na sua ode a Xanthyas procura mostrar-se isempto de qualquer desejo, parece provar o contrario, e é muito natural que Philis se mostrasse reconhecida para com o poeta, que havia contribuido para a sua liberdade. Pouco depois, a beldade, já independente de Xanthyas, a quem não amava, veio a enamorar-se de Telepho, que já n'outra occasião fôra rival de Horacio. Passado algum tempo, Telepho cedeu o logar ao poeta, que escreveu a Philis uma ode, convidando-a a ir com elle a uma das suas casas de campo celebrar os idos de abril, mez consagrado a Venus Marina:

«Telepho, a quem tu amas, não nasceu para ti. Joven, voluptuoso, e rico, já é o amante querido de outra, que o retem em doce escravidão, a exemplo de Phaetonte e Belophoronte, a quem o Pegaso, que não póde soffrer o freio de um mortal, arrojou sobre a terra. Este exemplo deve reprimir esperanças demasiado ambiciosas. Não ergas os olhos muito alto, e receiando pôr muito acima de ti o teu desejo, procura apenas o teu igual. Vem, oh meu derradeiro

amor, porque depois de ti não amarei outra mulher! Aprende canções alegres, que a tua voz adorada me repetirá: as canções adoçam os negros pesares.»

Philis fez-se cortezã e o seu talento de auletrida tornou-a em breve a mais distincta das cantoras, que se alugavam para os festins. Horacio, apesar de a haver denominado o seu derradeiro amor, (*meorum finis amorum*) deu-lhe todavia mais de uma rival preferida.

O poeta amou estremosamente Glycere. Por Tibullo, que a havia amado antes d'elle, sabia o que ella exigia de um amante, e por isso não receiou que voltasse para Tibullo, nem para o gentil adolescente que o substituira junto d'ella.

«Não te entristeças, Albo, com a lembrança dos rigores de Glycere, escrevia elle ao seu amigo Tibullo. Hasde suspirar em eternas elegias, porque um amante mais joven te eclipsou aos olhos da infiel?»

Horacio era bastante rico e amavel para que Glycere fechasse os olhos ás cãs, que cobriam gloriosamente uma corôa de rosas. Glycere acceitou, pois, as offerendas e o culto de Horacio e concedeu-lhe a primeira entrevista n'uma deliciosa casa, em que havia estabelecido o centro do seu amoroso imperio. Horacio enviou-lhe estas palavras, no momento em que Glycere estava no seu toucador, no meio das suas *ancillæ* e *ornatrices,* preparando-se para receber a visita do seu novo e glorioso amante:

«Oh Venus, rainha de Gnido e de Papho! deixa a tua mansão de Chypre e desce ao brilhante palacio de Glycere, que te invoca, no meio de uma grande profusão de incenso. Traz comtigo o ardente Amor, as Graças com os voluptuosos cintos desatados, as Nymphas e Mercurio e a Juventude, que sem ti não tem encantos!»

Glycere tinha todas as qualidades de uma grande cortezã e exerceu uma irresistivel influencia sobre as paixões de Horacio, que a taes excessos se entregou que alterou em breve a saude. Foi então acommettido d'aquellas terriveis crises spasmodicas, que ainda o esgotavam e alquebravam mais do que os seus transportes amorosos, e com frequencia, ao sahir dos braços de Glycere, entregava-se ás tristezas de uma enfermidade, produzida pelos ciumes, e que tendia a aggravar-se cada vez mais. Tão funestos lhe haviam sido os ciumes nas suas paixões amorosas, que o poeta se violentava para os occultar, procurando aturdir-se na alegria dos festins:

«Quero perder a razão, dizia elle ao seu antigo rival Telepho, agora seu intimo amigo e companheiro de mesa. Onde estão as flautas de Berecintho? De que serve esse oboé pendurado junto da lyra emudecida? Odeio as mãos inertes: espalhae por toda a parte flores! Que o ruido das nossas loucuras desperte o insensato Lyco e a juvenil visinha, tão mal unida com esse velho esposo. Teus cabellos negros, oh Telepho! os teus olhos, doces e brilhantes como a estrella da tarde, attrahem a formosa Rhode, e eu ardo em amor por Glycere!...»

Fazendo allusão á mocidade de Telepho, considerava com tristeza os seus quarenta e tres annos, as suas cãs, a calva precoce, os olhos amortecidos, as rugas e a pallidez do rosto. Glycere, como habil cortezã, evitava cuidadosamente evocar estas ideias tristes, e algumas vezes Horacio, sentado á mesa com ella ou antes deitado no *triclinium,* chegava a crêr que não tinha tantos annos. Então o seu estro de poeta inflammava-se e nos seus versos radiava a mocidade e a alegria, cantando o amor de Glycere.

«O filho de Jupiter e Semele, os desejos voluptuosos e sua mãe cruel ordenam-me que entregue o coração aos amores, que eu julgava acabados para mim. Ardo por Glycere! Estou enamorado da sua tez resplandecente e pura como um marmore de Paros, dos seus encantadores caprichos e da perigosa vivacidade dos seus olhares. Venus persegue-me, e approxima-se de mim, communicando-me o seu divino fogo. Em vez de cantar as tribus selvagens da Scy-

thia e o fogoso corcel dos parthas, tão temido na fuga, a minha lyra não tem voz senão para os amores. Escravos, ponde sobre o altar de verde cespede a verbena, o incenso e a taça do vinho! O sangue de uma victima ha de desarmar a colera da deusa!»

Os commentadores teem-se occupado muito d'este sacrificio, sem chegarem a estar de accordo a respeito da deusa a quem Horacio alludia. Segundo uns era Venus, segundo outros Glycere divinisada. Muito se tem discutido tambem sobre outro ponto não menos difficil de aclarar. Qual era a victima, que o poeta se propunha immolar (*mactata hostia*)? O sabio Dacier sustenta que nem os gregos nem os romanos manchavam nunca as mãos com sangue nos sacrificios offerecidos a Venus. Contestando esta douta asserção, o ultimo historiador de Horacio cita uma passagem de Tacito, em presença da qual não póde duvidar-se de que os altares de Venus se ensanguentavam tambem como os dos outros deuses, havendo apenas o cuidado de que os animaes que se immolavam fossem sempre femeas: cabras, vitellas e pombas. O sacrificio de que se trata na ode de Horacio a Glycere podia muito bem ser de um genero mais erotico, porque um amante que acreditava nos maleficios e que pretendia sobre tudo preservar-se do nó da impotencia, queimava incenso e verbena no altar dos deuses lares, derramava vinho nas chammas, e transformava em seguida a sua amada em victima, que offerecia a Venus.

Durante os seus amores com Glycere, Horacio rompeu desapiedadamente com outras muitas amantes, que tinha tido, e que julgava terem sido suas verdadeiras amigas. Por instigação de Glycere não perdoou nem a Cloris, nem a Pholoe, nem a Cloé, nem mesmo á sua querida Lydia. A sua condescendencia chegou até ao extremo de ultrajar nos seus versos as mesmas mulheres, cujos encantos n'outro tempo cantara com o maior enthusiasmo. Não póde deixar de reconhecer-se a ciumenta inspiração de Glycere n'esta injuriosa ode do poeta contra Lydia:

«Os jovens libertinos veem já menos vezes bater repetidas pancadas á tua porta e perturbar-te o somno. Tens a porta emperrada, quando n'outro tempo girava tão facilmente nos gonzos! Cada vez ouves repetir menos este estribilho de outr'óra: Emquanto eu velo pelas longas noites solitarias, tu dormes, Lydia! Dentro em pouco, velha e alquebrada, chorarás á esquina de uma rua solitaria os desdens dos mais vis amantes. Quando os desejos ardentes, quando esse ardor impetuoso que faz bramir as eguas nas campinas penetrar n'esse teu ulcerado peito, gemerás desesperada, vendo essa alegre juventude, que se coróa de myrthos, e que dedica ao gelado Ebro as corôas murchas.»

O poeta que tivera coragem para insultar a formosa Lydia, apresentando-a como uma velha meretriz das esquinas á caça de vulgares transeuntes, não sentiu tambem o menor remorso de sacrificar ao resentimento de Glycere a velha Cloris e sua filha Pholoe, que era n'esse tempo uma das *preciosas* mais em voga:

«Mulher do pobre Ibico, dá immediatamente fim ás tuas loucuras e aos trabalhos infames da tua profissão. Tão perto como estás da morte, deixa de competir com as jovens, fazendo sombra a essas brancas estrellas. O que fica bem a Pholoe, não póde admittir-se em ti, oh Cloris! Que tua filha, como a bacchante excitada pelo ruido do cymbalo, ponha cerco ás casas dos jovens romanos; que nos seus delirios por Noto, vagueie e grite como a cabra lasciva... Mas a ti, oh velha! não te convéem as cytharas, nem as rosas de côres purpurinas. Para ti, unicamente as lãs de Luceria. — De um tonnel de vinho não se bebem as fezes.»

O poeta, em vez de rasgar algumas paginas do seu livro de odes, ia accrescentando outras, bem amargas e crueis, que não desdiziam dos cantos de amor da sua juventude. Tinha quarenta e sete annos, estava perdidamente ena-

morado de Glycere, quando publicou a preciosa collecção d'estas poesias; mas para agradar á sua amada, misturou-as de tal maneira, que não era possivel estabelecer a serie chronologica das suas amantes nas composições que havia feito para as immortalisar. Não obstante isto, Glycere não se deu ainda por satisfeita com o logar que o poeta lhe reservara na collecção, e no auge da sua colera, rompeu com o amante, sem querer nunca perdoar-lhe o imaginario aggravo, por mais esforços que elle empregasse para reconquistar as suas boas graças.

Horacio procurou inutilmente inspirar-lhe ciumes, fazendo-lhe vêr que podia passar sem ella. Com este proposito voltou a sua attenção para uma antiga amante, a quem ao menos não havia ultrajado, e não poupou esforços afim de poder reatar relações com ella. Esta amante era Cloé, a bella escrava da Thracia, que elle fôra o primeiro a possuir, mas que bem depressa deixára, aborrecido da sna ignorancia e simplicidade infantil. A creança havia com o tempo, adquirido a necessaria experiencia do officio e viera a ser uma cortezã da moda, estando em todo o esplendor das suas graças, talentos e reputação. Tinha em volta de si uma côrte de adoradores sollicitos, apparecia com elles em toda a parte, no passeio, no theatro, nos banhos, e no emtanto era amante de um simples commerciante chamado Giges. Cloé amava-o decerto, porque o joven Giges não tinha rival em belleza, mas o motivo principal d'esta ligação era a fortuna enorme do seu adorado. Viviam juntos como esposos, quando por acaso Giges encontrou outra cortezã chamada Asteria, e enamorando-se d'ella perdidamente, não pensou d'ahi ávante senão em separar-se de Cloé, que velava por elle como por um thesouro. Para o conseguir pretextou uma viagem á Bithinia, onde disse que o chamavam os seus negocios, e partiu sem demora promettendo a Asteria que não voltaria senão por ella. Emquanto esteve ausente, enviou á sua nova amante ricos presentes que denunciaram o seu amor aos inquietos ciumes de Cloé. Asteria recebia sem cessar cartas do amante, Cloé nada recebia, ignorando até o paiz em que elle estava, resolvido a não voltar a Roma senão para amar a sua Asteria. Cloé estava fóra de si, furiosa e cheia de desolação ao mesmo tempo. Por fim, conseguindo saber que Giges havia passado de Bithinia ao Epiro, e mandou-lhe alli um emissario com cartas apaixonadas e supplicantes.

Era mal escolhido o ensejo para fazer olvidar a Cloé a ausencia de Giges, e Horacio foi repellido com o maior desdem. O poeta vingou-se não só com um epigramma contra a soberba Cloé, mas tambem tomando o partido de Asteria, de quem se fez amigo e protector. Dirigiu-lhe uma ode em que a incitava a permanecer fiel ao seu amante Giges, sem que a assustassem as intrigas da sua rival abandonada.

«Tem cuidado, Asteria, que o teu visinho Enipeo não te agrade mais do que te convem. E' verdade que ninguem sabe conduzir um cavallo no Campo de Marte com mais destreza do que elle, nem fender com maior rápidez as aguas do Tibre. Fecha a porta, durante a noite, á melodia da sua flauta lamentosa, não chegues á janella, e ainda mesmo que te chamem cem vezes cruel, permanece inflexivel.»

Fazia-lhe saber que o emissario de Cloé havia procurado em vão commover o coração de Giges, aquelle coração que já pertencia a Asteria, e assim póde gosar a desesperação de Cloé. No emtanto, o mau exito das suas tentativas amorosas junto d'esta *preciosa*, havia deixado em seu coração um amargo desengano, um profundo abatimento. Apesar d'isso procurou ainda vencer o desalento que o dominava, invocando pela ultima vez a Venus, que tantas vezes lhe tinha sido favoravel:

«Obtive mil triumphos sobre as mulheres, tendo servido gloriosamente sob as bandeiras do amor. Hoje consagro a Venus Marina as minhas armas e

a minha lyra, que já não é para estes combates. Vou pendural-as á esquerda da deusa, nas paredes do templo. Oh deusa, que reinas na afortunada ilha de Chypre e em Memphis, onde nunca se conheceram as neves de Sytonia! Oh rainha dos amores! digna-te tocar com o teu latego divino o coração de Cloé.»

Mas Horacio despedia-se muito cedo de Venus e reconheceu bem depressa com jubilo que ainda podia ter direito aos favores da deusa. Apenas viu Lyde, habil auletrida que tocava flauta nos festins, sentiu-se loucamente enamorado, e pouco tempo decorreu sem que obtivesse os favores d'esta mulher adoravel, apesar de ter encontrado na bolsa os mais efficazes meios de seducção. O poeta collocou os seus projectos amorosos sob os auspicios de Mercurio, deus dos poetas, dos ladrões e dos commerciantes.

«Inspira-me, dizia elle ao deus das cortezãs,—inspira-me cantos que captivem os ouvidos da barbara Lyde! Como a egua, que salta quando retouça no prado, ao vêr approximar-se o corcel, assim ella foge de mim assustando-se com o meu amor.»

N'uma ode a Quinto Hirpino, Horacio, que tem os cabellos completamente brancos por baixo da corôa de rosas, conta ainda com a cantora Lyde para alegrar um banquete em que Baccho dissipe os vorazes cuidados:

«Escrava, faz promptamente refrescar o ardente phalerno, n'essa fonte que corre longe de nós. E tu faz sahir de casa de Lyde o mancebo que encontrou no seu caminho. Diz-lhe que se apresse, que venha com a sua lyra de marfim e com o cabello atado negligentemente á maneira das mulheres de Sparta.»

A carreira amorosa de Horacio termina nas mãos de Lyde. O poeta já não procura a sociedade das cortezãs, nem ama as mulheres. Sabe que nada possue do que necessita para lhes agradar, e não quer expôr-se aos seus desdens e censuras. No emtanto, invoca ainda Venus, deusa do amor:

«Depois de uma larga tregua, diz elle, oh Venus, tornas a declarar-me guerra. Já não sou o que era sob o reinado da amavel Cynara. Vou em breve contar dez lustros. Não pretendas já, oh mãe cruel dos ternos amores, sujeitar debaixo do teu jugo, tão brando outr'ora, um coração rebelde. Vae para onde te chamam os votos apaixonados da juventude; transporta nas azas dos teus esplendidos cysnes os prazeres e a sensualidade a casa de Maximo, se procuras um coração predestinado para o amor. Pelo que me diz respeito, adeus, mancebos e mulheres e credula esperança do renascimento de novos ardores! Adeus, combates de vinhos e de flores! Nunca mais coroarei a fronte de rosas! Mas, a que vêem Ligurino, estas lagrimas que me descem pelas faces? Porque é que em meio do discurso a minha voz se cala no silencio do embaraço? De noite, nos meus sonhos, é a ti a quem abraço, a ti, cruel, é que persigo pela arena do Campo de Marte e pelas aguas do Tibre!»

Horacio enamorara-se do bello Ligurino, e esta paixão vergonhosa preencherá os seus ultimos annos. O favorito das cortezãs, o poeta das graças e dos amores deshonra as suas cãs gloriosas, entregando-se á mais asquerosa e infame torpeza da prostituição romana.

CAPITULO XXV

SUMMARIO

Catullo.— Licença e obscenidade das suas poesias.— O paciente Aurelio e o *cinœde* Furio.—Epigramma contra os seus detractores.—As suas amantes.— Clodia, ou Lesbia, filha do senador Metello Celer, amante de Catullo.— O pardal de Lesbia.—Porque motivo Clodia se chamou Lesbia.— O que era o pardal de Lesbia.—Morte do pardal cantada por Catullo.—Desespero de Lesbia.—Violenta paixão de Catullo por esta mulher.— Ruptura d'estes dois amantes.— Resignação de Catullo.— A amante de Mamurra.— Casamento concubinario de Lesbia.— Catullo vê Lesbia em presença de seu marido.—Subterfugios de Lesbia para não despertar os ciumes de seu marido.— A cortezã Quintia no theatro.— Versos de Catullo contra Quintia.— Catullo não deu nas suas poesias rival a Lesbia.— A cortezã grega Ipsityla.— Carta de Catullo a esta cortezã.—Epigramma de Catullo aos clientes de uma casa de prostituição onde se refugiou uma das suas amantes.— Colera de Catullo contra Aufilena.— Velhice prematura de Catullo.— Lesbia junto do leito de agonia do seu amante.—Propercio.—Cynthia ou Hostilia.—Seu amor a Propercio.—Statilio Tauro, rico pretor da Illyria, e Cynthia.—Resignação de Propercio.—As orelhas de Lygdamo.—Conselhos de Propercio á sua amante.— A douta Cynthia.— Elegias do poeta aos attractivos da sua amada.— Axioma de Propercio.—Uma noite de amor com Cynthia.—Os seus amantes.—As suas noites dedicadas a Isis e a Juno.—Queixas de Propercio a respeito da conducta de Cynthia.—Os Banhos de Bayas.—Os amores de Gallo.—Propercio entrega-se á libertinagem para esquecer a sua amante.—Reconciliação de Propercio e Cynthia.—Troca de papeis.—Achantis.—Ciumes de Cynthia.—Licinna.—As alegres cortezãs Philis e Thêa.—Propercio colhido no laço.—Furor de Cynthia.—A envenenadora Nomas.—Funeraes precipitados de Cynthia.—Morte de Propercio.—As suas cinzas reunidas com as de Cynthia.



UANDO Horacio nasceu, Catullo, o grande poeta do amor ou da sensualidade, morria na idade de trinta e seis annos, victima do abuso dos prazeres, segundo a maior parte dos seus historiadores. Outros, porém, attribuem a morte precoce do poeta á debilidade da sua constituição delicada e morbida, apesar das precauções de uma vida tranquilla e casta. Esta vida, em todo o caso, não havia sido sempre assim, por isso que as poesias de Catullo, embora mutiladas pela censura nos primeiros seculos do christianismo, respiram com a mais desbragada licença todas as ideias da philosophia epicurista. O poeta, amigo de Cornelio Nepote e de Cicero, compoz os seus versos entre os libertinos e as cortezãs de Roma, falla a linguagem dos dissolutos em muitas das suas poesias, embora essa linguagem seja adornada de todas as graças e encantos do estylo, não hesita nunca em empregar uma palavra obscena, que resôa descaradamente n'uma phrase elegante e harmoniosa, compraz-se nas imagens e mysterios da mais audaz libertinagem, tendo porém, sempre o merecimento e a desculpa de ser franco em tudo quanto ousa dizer. Comprehende-se que as suas viagens e a sua permanencia na Asia, na Grecia e na Africa lhe revelaram tudo quanto podia servir-lhe para compôr o impuro mosaico da prostituição romana, e, no emtanto, n'um epigramma contra os seus detracto-

res, o paciente Aurelio e o *cinœde* Furio (*pathice,*) que, ao lerem os seus voluptuosos versos, não o podiam suppôr muito casto, o poeta não hesita em defender o seu pudor:

«Um bom poeta, diz elle, deve ser casto; mas será mister que seus versos o sejam? Por mais voluptuosos e indecentes que elles se apresentem, não deixam de ter um grande merecimento, quando podem despertar os sentidos não só dos jovens, mas tambem dos homens maduros, que não servem já para os trabalhos de Venus.»

Catullo era demasiado instruido nos segredos do amor, para não haver adquirido esse saber e experiencia a expensas do seu pudor e da sua saude.

O poeta faz-nos conhecer nos seus versos, a maior parte dos quaes não chegaram aos nossos dias, tres ou quatro cortezãs gregas, que foram suas amantes. Tinham estas mulheres uma grande voga no seu tempo (50 ou 60 annos antes de Christo,) mas a sua reputação de belleza, de talento e de graças, por mais notavel e famosa que fosse no periodo dos seus amores, não durou o bastante para poder apparecer um reflexo d'ella nas obras de Horacio. Apenas Lesbia, cujo nome Catullo immortalisou, sobreviveu ao pardal que ella tanto chorara, e ainda essa mesma Lesbia, segundo muitos commentadores, chamava-se Clodia, era filha do senador Metello Celer, e não pertencia á classe das cortezãs. Além d'isso, o poeta parece haver cuidadosamente evitado, nos versos dirigidos a Lesbia e ao seu pardal, apresentar um pormenor qualquer que podesse designal-a pessoalmente. Nunca fez o retrato d'esta bella, nem sequer nos revela a côr dos seus cabellos, limitando-se a enumerar os beijos mil vezes dados e recebidos, cujo numero embrulha de tal modo, que seria impossivel a um voluptuoso verificar-lhe a conta:

«Perguntas-me, querida Lesbia, quantos beijos teus seriam bastantes para me saciar. Tantos como os grãos de areia amontoados na Lybia nos desertos de Cyrene, desde o templo de Jupiter Ammon, até ao tumulo sagrado do velho Batho; tantos como as estrellas que no silencio da noite são as luminosas testemunhas dos furtivos amores da especie humana!»

Lesbia, a quem Catullo chamou assim por allusão aos amores lesbios, e a quem comparou com Sapho, traduzindo para ella a ode da celebre poetisa de Lesbos, é mais conhecida pelo seu pardal, do que pelos seus galanteios amorosos. No emtanto, o pardal que fazia as delicias da bella, que brincava com elle, que o abrigava no seio, que o irritava recebendo com prazer as bicadas que lhe dava nos dedos, passando assim as horas em que esperava pelo amante, como que para esquecer as impaciencias da espera, o pardal cuja morte o poeta cantou n'uma sentida elegia, não era uma ave, se dermos credito á tradição recolhida pelos mais sisudos commentadores de Catullo,—era uma juvenil e formosissima companheira de Lesbia, que repartia entre ella e o seu amante todo o ardor da sua sensualidade.

«Oh Graças! Oh Amores! O pardal da minha amada morreu! o pardal que era as suas delicias e que ella amava mais do que as meninas dos seus olhos!...»

Os commentadores de Catullo abusaram talvez dos privilegios da interpretação, fundando-se na sua bella paraphrase da ode de Sapho, que o poeta não hesitou em dedicar a Lesbia. Não iremos aqui contestar-lhes as affirmações, dizendo que o poeta dos amores não lamentava mais do que a morte de um pardal, quando dizia: «Oh miseravel pardal! Eis a tua obra: os olhos da minha amada estão inchados e vermelhos de haver chorado!»

Catullo estava tão apaixonado de Lesbia, que não previa o termo d'esta paixão, de que ella tambem participava. «Vivamos, minha Lesbia, exclama elle. Vivamos e amemo-nos.» A joven, porém, apesar de ser mais amada do que outra mulher o será jámais, chegou a cançar-se d'este amor, e repelliu o seu

amante. O poeta não procurou reconquistar um coração de que havia sido expulso, nem se queixou de um rompimento que considerava como inevitavel. Resolveu esquecer Lesbia e não amar d'ahi ávante com tamanha abnegação.

«Adeus, Lesbia, disse elle tristemente. O coração de Catullo chegou já a endurecer-se. Catullo não te perseguirá nem supplicará mais. Mas tu has de ainda chorar muito, infiel, quando vires passar as noites sem que te dirijam supplicas. Agora, que sorte te estará reservada? Quem te procurará? A quem parecerás bella? A quem amarás? De quem virás a ser? De quem serão os teus beijos? Que labios morderás tu? E tu, Catullo, já que o destino assim o quer, endurece o coração...»

Bem depressa o poeta conheceu que havia contado demasiadamente com a sua coragem, e que lhe seria impossivel consolar-se da inconstancia de Lesbia. Continuou a adorar a amante, e a sua imagem nunca se lhe apagava do coração, no meio de cem amantes, tanto ou mais formosas do que ella.

«Oh deuses! murmurava elle enxugando as lagrimas do desespero, se a vossa natureza divina vos permitte a piedade, e se alguma vez concedestes allivio aos desgraçados nas angustias da morte, vêde a minha miseria, e em premio de uma vida que tem sido pura, livrae-me d'este mal, d'este veneno, que penetrando-me até á medulla dos ossos me desterra do coração todas as alegrias!»

Ainda muito tempo depois da separação, recordava com saudade o seu amor e aquella que lh'o havia inspirado. Um dia indignou-se extremamente ao ouvir comparar Lesbia com a amante de Mamurra, que não tinha nem o nariz pequeno, nem o pé bem feito, nem os olhos negros, nem os dedos afilados, nem a pelle suave, nem a voz seductora da sua adorada Lesbia. «Oh seculo grosseiro e estupido!» exclama o poeta indignado.

Lesbia havia casado, ou melhor, havia contrahido um d'esses enlaces concubinarios que a lei romana auctorisava. Vivia, pois, com um homem que se intitulava seu marido (*maritus*) e que não era a final mais do que um amo despotico e ciumento. Lesbia não deixava de receber algumas vezes Catullo em presença d'aquelle marido, a quem não podia enganar, bem que não tivesse poucos desejos de o fazer. Para melhor fingir o olvido do passado e para tranquillisar o espirito d'esse homem, costumava apostrophar Catullo em alta voz, dirigindo-lhe palavras duras e ás vezes injuriosas.

«E' um prazer para esse imbecil, diz o poeta, que se consolava fazendo epigrammas contra elle. Que estupido! Não entende uma palavra de tudo isto. Se Lesbia se calasse olvidando os nossos amores, é porque estaria de todo curada d'esse mal. Quando se exalta e me injuria, prova não só que se lembra, senão tambem, e mais grave é isto ainda, que arde ainda por mim, e nem sequer o occulta!»

Não se deprehende todavia das poesias de Catullo que tivesse pedido a Lesbia provas mais positivas da paixão que lhe consagrava. Se era uma illusão, nada fez para a dissipar, contentando-se em visitar a sua antiga amante em casa de seu marido, sem procurar attrahil-a á infidelidade.

Um dia no theatro um grande murmurio de admiração acolheu a chegada de uma cortezã, chamada Quintia, que foi sentar-se ao pé de Lesbia, como que para eclipsal-a com a sua belleza. Effectivamente todos os olhares do publico se fixaram na recem-chegada, e Lesbia, até então alvo de todos os olhares, foi de todo esquecida. Catullo foi uma excepção do publico, e tomado de uma grande indignação pela preferencia que observava em favor de Quintia, improvisou os seguintes versos, que fez circular entre os espectadores para vingar o aggravo feito a Lesbia.

«Quintia é mais bella para o maior numero. Para mim, não. Confessarei de bom grado que tem algum merecimento, mas nego absolutamente que seja

uma beldade, por isso que em corpo tão avantajado não logro descobrir nenhum attractivo. Lesbia é bella, tão bella, desde a cabeça até aos pés, que parece haver arrebatado ás outras todas as suas graças:»

Lesbia formosa est: quæ quum pulcherrima tota est,
Tum omnibus una omnes surripuit veneres.

Póde dizer-se que Catullo não deu nenhuma rival nos seus versos á mulher amada, que nem mesmo cessou de amar, quando cessou de a possuir. Dir-se-hia que a sua musa se envergonhava de nomear outra mulher. Um nome apenas, o de Ipsityla, brilha por um momento junto de Lesbia e desapparece como um meteoro, depois de uma loucura amorosa. Ipsityla, a julgar pelo nome, devia ser uma corteză grega. Para apresentarmos em vernaculo a galante carta que Catullo um dia lhe dirigiu, temos de soccorrer-nos da traducção discreta de um abalisado e conspicuo professor:

«Em nome do Amor, doce Ipsityla, encanto da minha vida e minhas delicias, concede-me a entrevista que te peço para o meio-dia, e, se m'a concedes, accrescenta ainda esta fineza, — que a tua porta permaneça fechada para todo o mundo. Sobre tudo não saias... Permanece em casa, e prepara-te para me veres renovar nove vezes as minhas amorosas façanhas (*paresque nobis novem continuas futationes.*) Mas se dizes que sim, dil-o depressa, porque deitado no meu leito, depois de um succulento banquete, não posso resistir a este ardor.»

Este epigramma, que nos faz comprehender a razão por que o fogoso poeta morreu tão moço, é o unico em que nomeia uma das suas amantes.

N'outro, dirigido aos frequentadores de uma casa de prostituição, lamenta-se amargamente da perda de uma amante, que não nomeia, que havia amado como nunca soubera amar, e pela qual havia soffrido muitos conflictos e contendas. Esta mulher abandonou-o para se refugiar n'um lupanar, o nono que se encontrava ao sahir do templo de Castor e Pollux. Alli se prostituia com os infames frequentadores d'aquella sentina (*omnes pusilli et semitarii mœchi*) que se combinavam para guardar a sua presa, não permittindo a Catullo que entrasse na casa, onde elles se achavam em numero de cem:

«Julgaes que só vós tendes attributos viris, (*solis putatis esse mentullas vobis?*) Julgaes que só vós tende o direito de frequentar mulheres publicas, e que os outros homens são castrados?»

Catullo desafia-os, ameaça-os de escrever a violencia que lhe era feita nas proprias paredes do lupanar, onde se lhe nega o que por dinheiro a todos se concede, e está prestes a vir ás mãos com duzentos adversarios. Mas, por mais que insiste, grita e roga, ouvindo a voz da sua amada que se entrega áquelles dissolutos, tem que passar toda a noite á porta.

Não era Lesbia de certo a heroina d'estas desordens, a escandalosa hospeda d'aquelle infame albergue. O marido de Lesbia, aquelle Lesbio a quem o poeta trata com tamanho despreso, talvez vendesse clandestinamente sua mulher; em todo o caso, nunca a teria deixado descer a similhante grau de prostituição.

Apesar de Catullo dizer a Lesbia que a amava menos, tinha de confessar, chorando a sua desdita, que a amava cada vez mais. (*Amantem injuria talis cogit amare magis, sed bene velle minus.*) Continuava, pois, a viver na sociedade das cortezãs e era com frequencia victima das suas perfidias. Vemol-o muito irritado contra certa Aufilena, que havendo-lhe exigido e cobrado antecipadamente o preço dos seus favores, se recusou depois a satisfazer os desejos do poeta.

«A honra exige, Aufilena, que se cumpra a palavra dada, do mesmo

modo que o pudor exigia que nada me houveras promettido. Roubar defraudando é peior ainda do que prostituires-te por cobiça com todo o mundo.»

N'outro logar, indigna-se tambem contra outra cortezã, que lhe havia roubado os seus versos, e á qual enche de injurias e improperios, chamando-lhe *putida mœcha,* sem obter a restituição d'esses versos. A cortezã não se dá por offendida e ri sem cessar. Catullo acaba por achar graça a este caso comico e rindo-se tambem e mudando de tom, diz-lhe com uma delicada ironia:

«Casta e pura donzella, faze-me o favor de me restituires os meus versos!»

Catullo sentia-se completamente esgotado de forças. Tinha apenas trinta e quatro annos e parecia um velho. Por isso teve de renunciar a todos os prazeres que o haviam levado áquelle estado, mas ainda assim não renunciou a Lesbia. Lesbia não era para elle já senão uma recordação em que encontrava redivivos todos os gozos da sua ardente juventude, e por isso o seu amor por ella apenas se manifestava em versos ternos e apaixonados. Muitas vezes maldizia a amante e chegava até mesmo a ultrajal-a, mas d'ahi a pouco, para obter o seu perdão, admirava-a, exaltava-a, invocava-a, como se fôra uma divindade:

«Nenhuma mulher póde dizer que foi tão ternamente amada, como tu o foste por mim, oh minha Lesbia! Mas vê bem onde me levou a tua ausencia, e que duro sacrificio impozeste á minha fidelidade... Porque eu não poderia nunca estimar-te, se viesses a ser a mais virtuosa das mulheres, nem a deixar de querer-te, ainda mesmo quando chegasses á extrema abjecção da libertinagem.»

Os sentidos calavam-se em Catullo. Só o coração fallava e essa voz suprema resoava na alma de Lesbia. Um dia soube que o seu antigo amante tinha pouco tempo de vida, e julgando que toda a sua doença era o desgosto, quiz restituir-lhe a saude. Correu effectivamente para junto d'elle, abriu-lhe amorosamente os braços e o poeta precipitou-se n'elles, olvidando todos os pesares e desgostos. Lesbia tornou a vêl-o moribundo e Catullo reanimou-se para escrever ainda com mão tremula estes formosos versos:

Restituis cupido, atque insperanti ipsa refers te
Nobis. O luce candidiora nota!
Quis me uno vivit felicior, aut magis hæc quid
Optandum vita, dicere quis poterit?

«Voltas para junto de mim, que te desejo, voltas para junto d'aquelle que te esperava sempre!... Oh dia digno de ser assignalado na pedra mais branca! Quem ha mais feliz do que eu em toda a terra, e quem poderá dizer que haja alguma coisa preferivel a esta ventura?»

Catullo tinha apenas os seus versos para exprimir toda a alegria e reconhecimento da sua alma. Seus olhos apagados tornaram novamente a brilhar, o rosto sulcado pelas lagrimas coloriu-se subitamente, ao estreitar nos braços aquella mulher adorada, que chorava tambem com elle.

Catullo exhalou o seu ultimo suspiro, no momento de compôr ainda versos, em que promettia viver para o amor de Lesbia:

«Promettes-me, minha vida, que o nosso amor será cheio de encantos, e que durará sempre. Oh deuses! Fazei que ella possa cumprir sinceramente com o coração o que promette. Assim poderiamos fazer durar tanto como a nossa vida este sagrado laço de um amor eterno!»

Como deviam ser aquellas cortezãs que sabiam fazer-se amar com uma abnegação quasi religiosa?

O poeta morreu aos trinta e seis annos, feliz por haver encontrado a sua Lesbia (56 annos antes de Christo.)

O mais bello elogio, que se póde fazer de Lesbia, é dizer-se que soube

inspirar um amor terno e constante ao mais illustre dos poetas libertinos, que a respeitou sempre nos versos que lhe dedicou, apesar de nunca ter receiado manchar a sua musa no lodo mais infecto da prostituição romana.

Propercio nascera antes da morte de Catullo. O poeta, que devia ser tambem, na expressão de um rhetorico, *um dos triumviros do amor,* viu a luz na Etruria, na cidade de Perusia, ou de Mevania, no anno 702 de Roma, 52 antes de Christo. Propercio, lendo as poesias de Catullo, tornou-se poeta e vendo Cynthia apaixonou-se loucamente d'ella. O verdadeiro nome d'esta bella era Hostia ou Hostilia. Alguns dos seus aduladores sustentam que era descendente de Tullio Hostilio, terceiro rei de Roma, apesar de ella propria se poder gabar e com muito maior certeza de ser filha de Hostilio, escriptor erudito, que havia composto uma historia da guerra de Istria. Hostilia, porém, cuja belleza, graças e talentos a haviam collocado ao nivel das mulheres mais notaveis do seu tempo, não era mais do que uma cortezã. Amava verdadeiramente Propercio, sem embargo não fazia escrupulo em lhe dar tantos rivaes quantos podia satisfazer, sem lhe permittir de modo algum a mesma liberdade, pois que, muito pelo contrario, pretendia sujeital-o ao mais fiel comportamento. Vivia publicamente com um rico pretor da Illyria, chamado Statilio Tauro, que havia edificado á sua custa um amphitheatro e gastava tanto dinheiro com a amante como com os combates dos animaes ferozes. Propercio, a quem a poesia nunca podéra arrancar da pobreza, não podia de fórma alguma occorrer ás prodigalidades da sua bella, e teve necessariamente de acceitar a concorrencia que lhe fazia o pretor da Illyria, na posse da bella Hostilia. Por isso fechava os olhos e os ouvidos todas as vezes que podia vêr ou ouvir aquelle rival permanente, mas não soffria mais nenhum, ou pelo menos fazia muito má cara aos que mereciam mesmo de passagem os favores da cortezã.

Uma noite, voltando inesperadamente de Mevania, impaciente por se vêr nos braços da sua Hostilia, ouviu o som de flautas e viu a casa esplendidamente illuminada. Propercio perturba-se com este espectaculo, e dirige-se ao vestibulo do palacio da sua bella. Os escravos escondem-se apenas o vêem: nenhum d'elles ousa detel-o e todos desejariam impedir-lhe a entrada. Ha festa no *triclinium,* onde se toca, canta, dança e queimam perfumes. Propercio interroga um liberto, que não lhe responde e foge. Indignado por esta desconsideração e furioso pelo ciume que o devora, segura pelas orelhas o escravo Ligdamo, que procura tambem fugir. «Escravo, pergunta-lhe elle com voz terrivel, quem é o hospede magnifico a quem Cynthia recebe em sua casa com tão ruidoso acolhimento? E' algum consul? algum senador, algum histrião, gladiador ou eunucho?» Ligdamo guarda silencio, o poeta cada vez mais furioso arrancaria de bom grado as orelhas ao escravo. Mas como este despojo do miseravel não lhe podia esclarecer a sua duvida, Propercio larga as orelhas de Ligdamo e dirige-se ao *triclinium.* Afasta as cortinas da porta, e sem hesitar penetra no aposento, no momento em que o cheiro dos manjares e dos perfumes lhe podiam bem claramente revelar o que se passava.

Effectivamente deante de uma mesa sumptuosamente servida, um leito de marfim, de purpura e de prata reunia sobre os mesmos brandos cochins Hostilia e Statilio Tauro, abraçados um ao outro, contentes e namorados. Vendo isto, Propercio tranquillisa-se immediatamente, corre outra vez a cortina e retira-se com passo grave e cadenciado.

—Tolo, disse elle a Ligdamo, que receiava ainda pelas pobres orelhas, porque não me disseste logo que o pretor havia chegado da Illyria?

Foi immediatamente para sua casa e passou a noite, que havia destinado ao amor, no commercio das musas, unica infidelidade que se permittia com a sua infiel Cynthia.

No dia seguinte enviou-lhe uma elegia, que principiava assim:

«Voltou da Illyria o pretor, o pretor, a tua rica presa e o meu desespero, Cynthia! Porque não deixei eu a vida nos rochedos acroceraunios? Oh Neptuno, que ricas offerendas eu te houvera dado então! Quando não estou presente, dás um festim sumptuoso e toda a noite a tua porta está franca, excepto para mim! Fazes bem, Cynthia! Se és prudente, não deixes esse copiosa seara que se offerece á tua cobiça, e despoja completamente do véllo essa estupida ovelha. Em seguida, quando tiveres dissipado todas as suas riquezas, quando o vires pobre e sem recursos, dize-lhe que se faça novamente de vela para outras Illyrias.»

Estes conselhos da parte de um amante não revelam uma grande delicadeza.

Cynthia não era apenas bella. O seu amante achava-a tambem douta, e falla muitas vezes da sua instrucção e talento. Sabe-se além d'isto que era poetisa e a sua affeição á poesia devia ser o laço principal que a ligara a Propercio, que não podia pagar-lhe senão com versos. Nas suas elegias, o poeta traçou muitas vezes o retrato d'esta distincta cortezã, e diz-nos que era de presença magestosa, que tinha os cabellos louros e uma mão admiravel.

«Ah! exclama elle, dirigindo-se a um amigo, os seus attractivos são ainda assim o menor dos alimentos da minha paixão. Oh Varo! Cynthia tem muitas outras perfeições, pelas quaes eu daria a vida: A sua ingenuidade, o esplendor do seu talento, as suas deliciosas voluptuosidades, encobertas sempre sob o veu da mais prudente reserva (*gaudia sub tacita ducere veste libet.*)

O poeta julgava a sua querida Cynthia bastante perfeita para não lhe conceder adornos e pinturas, quando a possuia de noite ou de dia.

«Vida minha! exclamava elle com transporte, para que pões tanta profusão de adornos na cabeça? De que serve esse myrrha do Oronto, que derramas nos teus cabellos? Para que empregas tanto estudo em pregar graciosamente a tunica, tingida na ilha de Cós? Para que te vendes por esse luxo dos barbaros? Para que occultas debaixo d'esses adornos, por tão alto preço adquiridos, as tuas bellezas naturaes, e não deixas resplandecer no seu proprio esplendor tamanhas perfeições? Acredita-me: E's demasiado bella para recorreres a esses artificios. O amor está nu, e não precisa do prestigio dos adornos.»

O axioma de Propercio era sempre o de um amante terno e sensivel. «Mulher que agrada a um homem só, está bastante adornada.» Cynthia, porém, obstinava-se em conservar ainda na entrevista mais intima o incommodo apparato dos seus adornos e joias. Iniciando-nos nos mysterios de uma noite amorosa, Propercio queixa-se amargamente d'aquella mania pudica, que só se poderia explicar por alguma deformidade ou imperfeição secreta. Cynthia, segundo nos diz o seu amante, nunca deixava de cobrir o seio com a tunica, mesmo que estivesse ás escuras.

«De que serve, dizia-lhe Propercio, condemnar Venus a luctar com as trevas? Talvez tu ignores que os olhos são os nossos guias no amor. Nua, e quando sahia do leito de Menelau, incendiou Helena no coração de Páris o fogo que o consumiu. Nu captivou Endymião o coração de Apollo, nua tambem a deusa dormiu com elle (*nudæ concubisse deæ.*) Se persistes em deitar-te vestida, verás como as minhas mãos são habeis em despedaçar breve uma tunica. E se me impacientas muito, terás de mostrar a tua mãe os braços macerados. Será porque teus peitos brandos te aconselhem essa reserva? Poderia ser, se tivesses vergonha de mostrar os signaes da maternidade.»

Cynthia não fazia caso d'estes raciocinios, e Propercio tinha de contentar-se com o pouco que ella lhe offerecia.

«Conceda-me Cynthia algumas noites similhantes, dizia o poeta na embriaguez da voluptuosidade, e a minha vida será longa n'um anno só; conce-

da-me ella muitas, e julgar-me-hei immortal. N'uma noite assim póde qualquer ser deus.»

No emtanto, este amor tinha por vezes negras tristezas a perturbal-o. Cynthia tinha de cumprir os deveres da sua profissão, por isso que, sem contarmos com o pretor da Illyria, tinha muitos adoradores que occorriam ás despezas da casa, e não podia conceder a Propercio todos os favores que elle exigia a titulo de amante declarado. Muitas vezes não o recebia, ou mandava fechar-lhe a porta, principalmente de noite, que ella consagrava quasi sempre aos amores mercenarios. Ainda assim, encobria quanto possivel com boas apparencias a verdade deshonesta, que feria duramente o coração do poeta. Cynthia costumava attribuir ás festas de Isis, de Juno, ou de qualquer outra deusa, a continencia que se impunha a seu pesar, segundo ella propria dizia.

«Vieram essas tristes solemnidades de Isis, escrevia Propercio. Ha dez noites que Cynthia vive longe de mim. Maldita seja a filha de Innacho, que das ardentes margens do Nilo trouxe esses mysterios ás matronas da Ausonia. Essa deusa separa dois amantes avidos de se reunirem. Seja ella quem fôr, tem sido sempre fatal aos amantes.»

Apesar d'isso, Propercio, não duvidava nem um momento que os mysterios de Isis fossem os culpados unicos dos escrupulos e das evasivas de Cynthia, a quem procurava em vão enternecer, dizendo-lhe:

«Nenhuma mulher, por certo, entra com prazer no seu leito solitario. Ha alguma cousa que o amor n'elle faz desejar. A paixão é sempre mais viva para os amantes ausentes. Um goso prolongado prejudica os amantes assiduos.»

Cynthia deixava-o fallar sem mudar em cousa alguma o seu genero de vida. Não só reservava para os rivaes de Propercio as noites que fingia consagrar a Isis, mas passava tambem parte d'essas noites a beber, a jogar e a cantar. Propercio não podia ignorar tambem a origem da opulencia da sua amada, e como não tinha á sua disposição o Pactolo, para sustentar o luxo da cortezã, era-lhe forçoso resignar-se, curtindo as suas maguas o mais poeticamente possivel.

«Viu jámais Corintho em casa de Lais similhante concorrencia, quando toda a Grecia suspirava á porta d'esta celebre cortezã? exclama elle confessando a seu pesar que a sua Cynthia não passava tambem de uma cortezã em voga. Houve nunca uma côrte mais numerosa aos pés de Thais, posta em scena por Menandro, e que entreteve por tanto tempo os ocios do povo de Ericteu? Phryné mesmo, que poderia ter feito renascer Thebas das suas cinzas, teve jámais o orgulho de contar mais admiradores? Não, Cynthia, tu vencel-as a todas e chegas mesmo a crear uma parentella, segundo os teus caprichos, a fim de legitimares certas caricias, que não pódes escusar.»

Estas censuras demasiado obscuras significavam sem duvida que Cynthia fazia passar os seus amantes por parentes, que recebia com a mais franca hospitalidade. Propercio era a tal ponto ciumento que chegava a suspeitar que ella occultava algum amante debaixo da tunica (*et miser in tunica suspicor esse virum*).

Não era só em Roma que Cynthia reunia esta multidão de concorrentes, mais ou menos enamorados, mais ou menos generosos. Tinha tambem a sua côrte nos banhos de Bayas, durante a estação das aguas thermaes. A cidade de Bayas e seus arrabaldes viam affluir então a flôr e a nata da corrupção, da riqueza e do prazer. As celebres cortezãs gregas julgar-se-hiam apeiadas da sua fama e predominio, se não fossem ostentar o seu luxo insolente nas orgias d'aquelle logar de delicias, e apressavam-se a partir para a estação thermal, em demanda de novas intrigas e de novos proventos tambem. Propercio ficava então a tal ponto ciumento de Bayas, como se se tratasse de dez rivaes a um tempo.

«Oh Cynthia! Lembrar-te-has tu acaso de mim? costumava elle escrever-lhe n'estas ausencias, durante as quaes alimentava o seu amor com as recordações do passado e as esperanças do porvir. Recordar-te-has ainda das noites que passamos juntos? Qual é o logar que me resta no teu coração? Talvez n'este momento um rival odiado pretenda fazer com que eu apague o teu nome dos meus versos.»

Propercio que não tinha direito, nem talvez meios para ir a Bayas, amaldiçoava esta cidade corrompida, escolho da castidade das mulheres e causa de tantas disputas e tristezas para o amor.

«Ah! desappareçam para sempre, exclamava elle com indignação, desappareçam para sempre Bayas e as suas aguas, que produzem todos os crimes do amor!»

De resto, o poeta não podia ter a menor illusão a respeito do fim d'esta viagem a Bayas. Elle sabia perfeitamente que Cynthia não tinha outros rendimentos para viver, além dos que lhe poderia produzir a sua belleza e os seus favores. Elle proprio, se a conhecia, era por a ter visto exercer a profissão de prostituta.

«Cynthia não procura homens de elevada posição, escreveu um dia Propercio n'um momento de despeito; o que ella cubiça é a bolsa dos amantes. Assim se trafica sobre a terra com o amor! Oh Jupiter! Oh infamia! E as nossas jovens a envilecerem-se n'esse commercio indigno. A minha amada encarrega-me de vez em quando de lhe ir pescar perolas ao mar. Envia-me a Tyro, obriga-me a estar privado d'ella. Oh! Prouvéra aos deuses que ninguem fosse rico em Roma!»

Quando Propercio se deixava dominar pelo seu mau humor escrevendo isto, Cynthia toda occupada em attender ao seu opulento pretor, prohibira a entrada da sua porta ao pobre amante dos dias em que predominava o amor e a phantasia. Essa prohibição durou sete noites consecutivas.

Cynthia havia sido a primeira amante de Propercio, que lhe jurava tambem que seria a ultima. Devemos suppôr que o poeta lhe deu por muito tempo em vão o exemplo de fidelidade e de constancia. O poeta declara em muitas passagens das suas elegias que sempre guardára fidelidade á sua amada, e que tudo lhe perdoava, qaando ella lhe permittia uma d'essas secretas entrevistas que a tantos outros prodigalisava. Tão pouca era a sua illusão a este respeito, que chegou a dizer-lhe, abraçando-a e beijando-a, no excesso d'uma paixão inquebrantavel:

«Malvada, não pódes passar só nem uma noite!»

Por este motivo houve entre elles muitas contendas, ralhos e separações, que uma reconciliação vinha depressa transformar em novos excessos de carinho. N'uma d'estas questões, Propercio, o severo Propercio, quiz esquecer Cynthia entregando-se de corpo e alma á libertinagem, frequentando as cortezãs mais levianas e faceis. Desde o dia em que o seu amigo Gallo, para distrahil-o dos seus pesares, lhe fez assistir durante uma noite inteira aos seus amores com uma nova concubina, Propercio perdeu o seu pudor ordinario.

«Oh noite, cuja recordação é tão doce para mim! disse o poeta enthusiasmado por aquelle espectaculo. Oh noite que eu evocarei com frequencia em meus ardentes votos; noite voluptuosa em que te vi, oh Gallo, estreitar nos braços a tua amante adorada, e morrer de amor, dirigindo-lhe palavras entrecortadas!...»

Ao sahir d'este perigoso espectaculo, Propercio era infiel a Cynthia, e em tudo pensou, menos em dar-lhe uma rival escolhida entre as matronas. Era muito amigo do seu repouso para ir procurar prazeres difficeis. Como elle proprio diz, entrou na senda trilhada pelo vulgo, com animo de saciar os seus desejos nas impuras fontes da prostituição publica (*ipsa petita lacu nunc mihi*

dulcis aqua est.) A maxima que adoptou era bem contraria ao amor: «Malditos os que se comprazem em sitiar praças fechadas!» O poeta estava resolvido a não tornar a amar, nem a abdicar d'ahi em deante a sua liberdade. «Que todas as mulheres que o Oronto e o Euphrates parecem ter enviado a Roma para mim, que todas essas sereias me empolguem e seduzam!» E, no emtanto, não se consolava de haver perdido Cynthia, e continuava a cantar o seu amor, ainda que amaldiçoando-o constantemente. «Nem a propria velhice me consolará do seu amor, dizia elle em voz baixa, ainda que eu venha a ser um Anchises ou um Nestor.» Apenas soube que Cynthia havia cahido doente, correu para junto d'ella, tratando-a tão sollicita e carinhosamente, que julgou havel-a arrancado á morte.

Logo que a bella entrou em convalescença, Propercio escreveu-lhe:

«Oh luz da minha vida! Uma vez que estás fóra de perigo, leva as tuas offerendas ao altar de Diana. Rende tambem homenagens á deusa que foi transformada em novilha (a deusa Io): dez noites de abstinencia para esta deusa, e outras dez para mim.»

Em consequencia d'esta reconciliação, trocaram-se os papeis entre os dois amantes: acalmaram-se os zelos no coração de Propercio para se despertarem no de Cynthia. O amante via-se livre da odiosa vigilancia, que por tanto tempo lhe perturbara o repouso. Acanthis, a intermediaria que tamanha influencia exercia no animo de Cynthia, que lhe ministrava os perfumes, philtros e cosmeticos, que se encarregava de levar as suas mensagens amorosas, que era a protectora nata dos amantes ricos e a inimiga implacavel do poeta desherdado e sem recursos,—havia exhalado a alma vil n'um accesso de tosse. Já não existia a infame conselheira, que costumava dizer a Cynthia:

«Recommenda ao porteiro que vigie e tome bem conta nos que chegam. Se a mão que bater estiver vasia, que durma como um surdo apoiando a fronte contra a solida fechadura. Não repillas a callosa mão do marinheiro, se a vires cheia de ouro, nem as rudes caricias do soldado que paga, nem mesmo as dos vis escravos, que de cartaz ao peito fazem piruetas no meio do mercado. Olha para o ouro e não para a mão que t'o dá. Que te ficará depois de teres ouvido cantar sonoros versos? Sê surda para esses versos, quando não os acompanhar um presente esplendido. Não queiras ouvir a lyra, cujo som não seja o do ouro.»

Propercio assistiu aos ultimos momentos de Acanthis e aos seus vergonhosos funeraes, que lhe puzeram bem em evidencia os raros cabellos, as mitras velhas e desbotadas e todos os accessorios do seu mister de intermediaria.

«Que uma amphora velha e de gargalo quebrado seja a urna cineraria d'essa abominavel feiticeira! exclama Propercio, e que uma figueira sylvestre a opprima entre as suas raizes. Que todos os amantes venham apedrejal-a na sua tumba, e que as pedras que lhe atirarem sejam acompanhadas de maldições!»

Cynthia, ao deixar de ouvir as preversas instigações de Acanthis, deu livre curso ao seu amor para com Propercio, e ao mesmo tempo aos seus terriveis ciumes. Mandou-o espiar, foi ella propria seguil-o muitas vezes na rua e começou a suppôr que o seu poeta lhe fazia tantas infidelidades como ella. Em vão Propercio protestava a sua innocencia, Cynthia cumulava-o de injurias e de censuras, agatanhava-o, mordia-o, feria-o, acabando por se martyrisar tambem a si propria, como que para se castigar de não ser nem bastante bella nem bastante amada.

Estes vagos ciumes vieram a fixar-se n'uma cortezã chamada Licinna, de quem Propercio fôra amante, antes de conhecer a sua Cynthia. A tal extremo chegaram os seus furores contra Licinna, que Propercio se viu obrigado a pedir misericordia para a supposta rival, que não tinha com effeito culpabilidade alguma. Confessou-lhe francamente que na sua juventude tivera algumas relações com Licinna, mas que nem sequer já se lembrava d'ella, apesar

de que aquella cortezã lhe havia ensinado nas suas noites de amor uma sciencia que lhe era muito familiar.

«O teu amor, oh minha Cynthia, foi o tumulo de todos os meus amores! dizia o poeta para a convencer. Depõe o teu resentimento contra Licinna, que não o merece, em boa verdade. Oh mulheres! Quando a vossa colera foge, nunca mais volta.»

Para conservar esta paz tão necessaria ás tarefas do espirito, Propercio procurava sempre não fazer cousa alguma, que Cynthia podesse interpretar no sentido dos seus ferozes ciumes. Como elle, porém, deixasse havia muito de soffrer d'este sentimento, mostrava naturalmente uma certa indifferença, que excitava em Cynthia o desejo de descobrir a causa d'esta mudança.

Um dia, pretextando um voto, foi offerecer um sacrificio a Juno Argiva, no seu templo de Lanuvio. Este templo estava situado á direita da Via Apia, não longe dos muros de Roma. No bosque sagrado, que rodeava o templo, havia um profundo antro, servindo de asylo a um dragão, ao qual as donzellas levavam todos os annos uns certos pães de trigo, que lhe offereciam com os olhos vendados. Quando estavam puras, o monstro acceitava as suas offerendas. Quando haviam sido desfloradas, repellia-as com espantosos rugidos. Cynthia, é claro, nada tinha que levar ao dragão. O fim da sua ida ao templo não podia ser senão a deusa. De resto, esta vinda fôra apenas um meio de se ausentar de casa, deixando o campo livre ao amante.

Propercio viu-a partir n'um carro tirado por mulas de comprida crina, conduzido por um effeminado de rosto coberto de pinturas, e precedido de seis cães de colleiras riquissimas. «Depois de tantas offensas feitas ao meu leito, disse o poeta contando a sua aventura, quiz, mudando tambem de dormitorio, trasladar o meu campo para outro terreno.» Mandou, portanto, avisar duas alegres e jovens cortezãs: Philis, que era pouco interessante antes de beber, mas que não tinha rival quando bebia, e Theia, branca como a açucena, mas cuja embriaguez não se contentava com um só amante. A primeira vivia no monte Aventino, perto do templo de Diana, a segunda nos bosques do Capitolio, e ambas se dirigiram ao bairro Esquilino, onde ficava a pequena casa de Propercio. Tudo fôra alli preparado para as receber de um modo digno d'ellas, e Propercio pretendia suavisar na sua companhia os pesares que o torturavam e excitar os sentidos com sensualidades, que lhe eram desconhecidas (*et venere ignota furta novare mea.*)

O banquete foi servido sobre a fresca relva ao fundo do jardim. Nada faltava alli, nem o vinho de Metimna, nem os aromas, nem as bebidas geladas, nem as rosas desfolhadas. Ligdamo estava encarregado das amphoras. Havia apenas um leito de mesa, mas bastante amplo para tres commensaes. Propercio recostou-se entre as duas convidadas. Um egypcio tocava flauta, Philis cymbalo, um anão disforme um pifano de madeira, musica que singularmente augmentava a distracção do poeta, cujo pensamento seguia Cynthia ao templo de Lanuvio.

Philis e Theia embriagaram-se por fim. A luz da lampada declinava, e a mesa rodou pelo solo para se poderem jogar os dados. Jogaram, mas o poeta tirava sempre numeros funestos, como os que se davam aos cães. A sorte de Venus, quer dizer, o numero um, nunca lhe tocava. Por mais que Philis descobria o seio e Theia levantava a parte inferior da tunica, Propercio estava cego e surdo. (*Cantabant surdo, nudabant pectora cœco.*)

De repente, a porta da entrada girou nos gonzos e uns passos precipitados se fizeram ouvir no jardim. Era Cynthia, que acudia pallida e terrivel, com os cabellos em desordem, os olhos flammejantes e as mãos crispadas. A embriaguez colerica d'aquella mulher tinha o furor sombrio de deus do exterminio. Dir-se-hia que vinha tomar de assalto uma cidade (*Spectaculum capta nec*

minus urbe fuit.) Atira com violencia a lampada ao rosto de Philis: Theia, assustada começa a pedir luzes em altos gritos. Cynthia persegue-as pelo jardim, rasgando-lhes as tunicas, arrancando-lhes os cabellos, ferindo-as no rosto, cumulando-as de insultos, e tel-as-hia até matado, se ellas não tivessem conseguido escapar-se-lhe das mãos, correndo a refugiar-se na taberna mais proxima. Entretanto, a este ruido, desperta toda a visinhança e acode muita gente com archotes. Póde então vêr-se a furiosa Cynthia, desgrenhada como uma bacchante, encarniçada contra o pobre poeta, esbofeteando o amante desleal, arranhando-o e mordendo-o até lhe fazer sangue, querendo mesmo tirar-lhe os olhos...

Propercio, que se sente culpado, acceita o seu castigo com secreta alegria e abraçando os joelhos de Cynthia supplica-lhe que se tranquillise e que lhe conceda o perdão.

Cynthia aplaca por fim a sua colera, e perdoa debaixo das seguintes condições: Nunca mais poderia passeiar debaixo do portico de Pompeu, nem no Forum; nunca mais havia de olhar para as ultimas filas do amphitheatro, onde se sentavam as cortezãs, e o seu Ligdamo havia de ser vendido, como um escravo infiel, com uma cadeia de ferro presa em cada pé!

Propercio acceita as condições e consente em tudo para expiar aquella impotente tentativa de infidelidade, e beija humildemente as mãos da sua tyranna, que sorri orgulhosa do seu triumpho.

Em seguida Cynthia, victoriosa, queima perfumes e lava com agua pura tudo quanto o contacto de Philis e de Theia poderia ter manchado. Ordena a Propercio que mude de vestidos, sobre tudo de camisa, e que exponha tres vezes os cabellos a uma chamma de enxofre. Depois, apressa-se a mudar tambem a roupa do leito, onde acaba de reconciliar-se com o seu amante. (*Et toto solvimus arma toro.*)

Propercio devia sobreviver a Cynthia. Uma rival, a infame cortezã Nomas, que vendia as suas noites por baixo preço nas ruas e praças publicas, deu-lhe a beber um veneno, que lhe fôra preparado por um dos seus amantes, graças á intervenção de uma maga, para vingar um aggravo que havia recebido d'aquella altiva cortezã.

Propercio estava ausente n'essa occasião e não póde dirigir os funeraes, que foram feitos a toda a pressa sem ostentação nem pompa de especie alguma. Não se lançaram perfumes na pyra, não se derramou uma taça de vinho sobre as cinzas da victima de tão odioso crime, como se tudo se empenhasse em fazer desapparecer de prompto os vestigios d'aquelle crime.

Quando Propercio voltou a Roma, Cynthia havia sido enterrada á beira do Annio, no caminho de Tibur, exactamente no mesmo sitio por ella designado para a sua sepultura. Esta morte subita e deploravel deixou o amante como que ferido por um raio. No emtanto, não pediu o castigo dos criminosos. A sombra de Cynthia, que o perseguia de dia e de noite pedia-lhe vingança, mas o poeta não se atreveu o accusar o envenenador. Este devia ser um elevado personagem, visto que Nomas, instrumento da sua vingança, varria d'ahi a pouco o pó das ruas de Roma com a cauda das suas tunicas franjadas de ouro, passando rapidamente da miseria á opulencia. Pelo contrario, as amigas de Cynthia que ergueram a voz para a defender, ou mesmo para a chorarem apenas, foram tractadas barbaramente, não se sabe por quem, ou porque poder.

Por ter levado algumas corôas ao tumulo de Cynthia, a velha Petala foi horrorosamente espancada, e por haver fallado no nome da victima de tão cruel vingança, a bella Lalage foi pendurada pelos cabellos e açoitada barbaramente.

Propercio, perseguido continuamente pela sombra de Cynthia, que nem mesmo em sonhos lhe dava um momento de repouso, ousou um dia erigir-lhe uma columna e gravar um epitaphio, que foi collocar no tumulo da sua

amada. Cumpriu tambem as ultimas vontades da mallograda Cynthia, recolhendo em casa a sua ama de leite e a sua escrava predilecta. Mas, apesar dos repetidos avisos que tinha em sonhos, não quiz queimar os versos, que havia consagrado aos seus amores.

Uma noite a sombra melancolica de Cynthia appareceu, e disse-lhe:

«Pódes ser de outras já agora. Dentro em pouco serás exclusivamente meu, e os nossos ossos descançarão no mesmo tumulo.»

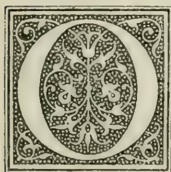
E, dizendo isto, a sombra desappareceu por entre os braços do poeta, que julgou havel-a retido e arrebatado ao imperio dos manes.

Propercio não sobreviveu muito tempo á sua amada, cuja morte nunca cessou de chorar. Morreu aos quarenta annos de idade e foi enterrado com Cynthia, no sepulchro que elle proprio lhe havia erigido n'um dos mais deliciosos e pittorescos sitios das cascatas do Tibur. Cynthia, que participa da immortalidade do seu poeta, não foi entretanto senão uma cortezã famosa.

CAPITULO XXVI

SUMMARIO

Tibullo.—Sua vida voluptuosa.—A liberta Plania ou Delia.—O marido d'esta cortezã.—A mãe de Delia protege os seus amores com Tibullo.—Platonismo de Tibullo.—Recommendações de Tibullo á mãe da sua amada.—Philtros e encantamentos.—Delia despede Tibullo.—Tibullo denuncia ao marido de Delia a conducta de sua mulher.—Nemesis e o seu amante.—Nemesis e Tibullo.—Preço dos favores d'esta cortezã.—Cerintho impede que Tibullo se arruine por Nemesis —Tibullo enamorado de Neera.—Nemesis recusa casar com Tibullo —Desespero de Tibullo.—Declaração de amor a Sulpicia, filha de Servio.—Sulpicia concede os seus favores a Tibullo.—Infidelidade de Tibullo.—Glycere e Tibullo.—Desdens de Glycere.—Ode de Horacio a Tibullo.—Morte de Tibullo.—Delia e Nemesis nos seus funeraes.—Cytheris.—Cornelio Gallo e Cytheris.—Gallo na guerra dos parthas.—O seu poema a Lycoris.—Regresso de Gallo.—Infidelidades de Lycoris.—Gentia e Cloé.—Lydia.—A Lycoris de Maximiano, embaixador de Theodorico.—Ovidio.—Corinna.—Conjecturas a respeito do verdadeiro nome d'esta cortezã.—O marido de Corinna.—Conselhos de Ovidio a Corinna.—Corinna em casa de Ovidio.—Zelos e violencias de Ovidio.—Desesperação do poeta por haver maltratado Corinna.—A intermediaria Dipsas.—Insinuações d'esta horrivel velha.—O eunucho Bagoas.—Nape e Cypasis, cabelleireiras de Corinna.—Amores de Ovidio e Cypasis.—Aborto de Corinna.—Indignação de Ovidio, ao ter noticia d'este odioso attentado.—Sollicitude de Corinna para reconquistar o coração de Ovidio.—Frieza de Ovidio.—Vergonha e despeito de Corinna.—Ovidio é repellido.—Supplicas e instancias de Ovidio para obter o perdão da sua conducta.—Corinna e o capitão romano.—Despeito de Ovidio.—Ovidio retira-se para o paiz dos falliscos.—Seu regresso a Roma.—Corinna entrega-se á prostituição mais desaforada.—Ultima carta de Ovidio a Corinna.—O poeta compõe a sua *Arte de amar* na presença e sob a inspiração das cortezãs.—Suas relações secretas com a filha de Augusto.—Ovidio é desterrado para o Ponto Euxino.—De como o seu destino é attribuido a um amor adulterino.—Ovidio sabe que Corinna desceu ao ultimo grau da prostituição.—O poeta morre de pesar, e o seu ultimo pensamento é para Corinna.



O AMOR das cortezãs absorveu tambem a vida e a fama de um illustre contemporaneo de Propercio. Tibullo amou e cantou muitas das mais afamadas cortezãs romanas. Tibullo, amigo de Virgilio, de Horacio e de Ovidio, foi como elles um grande poeta e um terno amante. Havia nascido em Roma quarenta e tres annos antes da éra christã e precisamente no mesmo dia em que nascia Ovidio. A predilecção para a poesia revelou-se n'elle muito cedo. Aos dezesete annos reconheceu que não tinha vocação para as armas e que o seu temperamento o impellia para a brandura dos prazeres. «Aqui é onde eu sou bom chefe e bom soldado!» exclama elle n'uma das suas elegias. Effectivamente, a vida voluptuosa, que era a sua vocação, não tardou a enervar-lhe as forças physicas e a desenvolver-lhe a sensibilidade nervosa. O poeta não possuia uma compleição bastante energica para resistir por muito tempo ao abuso d'aquelles prazeres, que a corrupção romana havia monstruosamente aperfeiçoado, e no meio dos jovens libertinos, de cujas orgias participava, reconheceu bem depressa a sua inferioridade, envergonhando-se d'ella.

N'esta convicção resolveu-se a procurar no coração os gosos que a sua pobre natureza era incapaz de procurar-lhe. Até então havia dispendido entre centenares de mulheres toda a actividade das suas paixões vagabundas; d'ahi por diante quiz concentrar todo o seu affecto n'uma só mulher.

Esta mulher não podia ser senão uma cortezã, porque em Roma as leis e os costumes oppunham-se a qualquer amor illegitimo, que se dirigisse a uma *ingenua* e que não tivesse por fim o casamento. Tibullo não pensava em casar-se, nem queria tambem um enlace mysterioso e culpado que tivesse de occultar aos olhos dos seus amigos. Ao contrario d'isto, queria tomar o publico por testemunha e confidente das suas occupações amorosas.

Tomada esta resolução, fixou a sua escolha n'uma cortezã, que elle chama Delia, no primeiro livro das suas elegias, e que tinha por certo outro nome. Segundo a opinião mais provavel, era uma liberta chamada Plania, cujo marido complacente explorava habilmente com a sua belleza e leviandade.

Tibullo não era bastante rico para ser acceite ou, pelo menos, tolerado por aquelle infame, que só manifestava ciumes no caso de alguma infidelidade improductiva de Delia: a mãe de Delia, porém, indignada da vergonhosa escravidão imposta a sua filha, interessou-se por Tibullo, junto d'aquella que elle amava sem lhe poder pagar. Foi ella propria que conduziu Delia uma noite a casa de Tibullo, e quem uniu em segredo as tremulas mãos dos dois amantes. Ella mesma presenciava as suas entrevistas nocturnas e esperava Tibullo á porta, reconhecendo-lhe os passos a distancia.

Estas entrevistas não eram, na realidade, muito perigosas nem para a virtude da mulher nem para a honra do marido, porque o proprio Tibullo refere que antes de possuir o coração de Delia, já não era homem, por sua desgraça...

«Mais de uma vez, diz elle, estreitava entre os braços uma ou outra beldade, mas quando ia gosar a suprema ventura, Venus recordava-me a minha amada, e apagava-me os ardores. Então a beldade erguia-se do leito, dizendo que eu era victima de algum maleficio e publicava a minha triste impotencia.»

E' muito de suppôr que Tibullo não mudasse de natureza ao ser amante de Delia. Eis o motivo porque, descontente de si proprio e inquieto pela sua impotencia, supplica á mãe de Delia que «lhe ensine a castidade (*sit modo casta doce*) apesar da santa venda das vestaes não lhe atar os cabellos, apesar da tunica fluctuante não lhe occultar os pés.» Este amor era, pois, da parte do poeta, mais ideal que material; o coração era apenas o unico interessado em tal sentimento.

Não obstante, os dois amantes costumavam vêr-se de noite a occultas do marido, e Tibullo, exaltado pela sua ternura completamente platonica, esperava pacientemente á porta de Delia, que essa porta de ordinario muda e immovel girasse nos gonzos, quando o ciumento marido estava ausente ou dormia.

«Não sinto o menor incommodo pelo penetrante frio de uma noite de inverno, dizia o poeta, depois de haver amaldiçoado a inexoravel porta; não me afflige a chuva que se despenha em torrentes. Estas rudes provas tornam-me insensivel, comtanto que Delia corra emfim os ferrolhos da porta, e o tacito signal do seu dedo me chame para junto de si.»

Este amor teve todas as peripecias dos outros amores: zelos, arrufos, reconciliações, lagrimas e beijos. Tibullo, no emtanto, tinha uma grande repugnancia em se habituar a supportar o officio que a sua amante exercia, mas, como não podia dar-lhe o preço das suas caricias, ou tinha de romper com ella, ou de fechar os olhos sobre tudo quanto via.

«Oh! tu que primeiro ensinaste a vender o amor! exclamava elle enfurecido, fosses tu quem fosses, pese sobre teus ossos a pedra funeraria!»

Tibullo não tinha ouro para satisfazer a cobiça do infame esposo da sua Delia, e n'esta impossibilidade teve de recorrer a philtros e encantos, com a esperança de repellir os seus rivaes e de obrigar a sua amante a ser-lhe fiel. Estes meios, porém, não produziram resultado.

«Fiz tudo quanto pude, escrevia elle a Delia, tudo, e convenço-me agora de que outro possue o teu amor, e gosa feliz e triumphante o fructo dos meus remedios de amor.»

Cançada por fim Delia de tantas queixas e censuras, que a final de contas não deixavam de ser merecidas, fechou a porta ao desditoso poeta.

«Não se me abre já a tua porta, é preciso bater a ella com a mão cheia de ouro.»

No furor do seu ciume, chegou até a denunciar os seus proprios amores ao marido, que fingia ignoral-os, offerecendo-se para o auxiliar na tarefa de guardar sua mulher, como poderia fazer o mais sollicito escravo. Delia, a quem o habito da vida havia tornado astuta, riu-se da accusação de Tibullo, e sustentou descaradamente que nunca lhe havia concedido outra cousa senão compaixão. O marido fingiu acreditat-a e impoz silencio ao accusador, mas o poeta, irritado por se vêr tão descaradamente desmentido, revelou os mais circumstanciados pormenores das suas relações com a perfida:

«Muitas vezes, disse elle ao marido, fingindo admirar-lhe as perolas e o annel, pude estreitar-lhe apaixonadamente as mãos. Outras, consegui adormecel-a, dando-lhe a beber um vinho puro, emquanto que uma pouca de agua, deitada furtivamente no meu copo, me assegurava sempre a victoria.»

O marido encolheu os hombros, sorrindo sem responder a esta accusação, e dizendo de si para si: «Muito loucos são estes poetas!» E Tibullo, torturado pelos remorsos, chegava até mesmo a dar conselhos áquelle marido enganado, que tão satisfeito parecia de o ser:

«Tem cuidado, dizia-lhe, tem cuidado em evitar que Delia conceda aos jovéns licenciosos o favor de frequentes conversações. Repara bem que, quando repousar, tenha o seio castamente coberto. Não te deixes illudir por alguns signaes de intelligencia que ella dirigir aos que a requestam. Vê lá não trace sobre a mesa com o dedo molhado amorosos caracteres!»

Tibullo esquecia que Delia havia aprendido com elle proprio a arte de enganar o seu Argus. O poeta fôra quem lhe ensinara o segredo dos liquidos e das hervas, que apagam os signaes deixados na pelle mimosa de uma beldade pelos dentes de um amante exercitado nos combates de Venus (*livor quem facit impresso mutua dente Venus.*)

Tibullo havia offendido muito a Delia, para que ella podesse perdoar-lhe. O rompimento entre os dois era, portanto, definitivo, e o marido estava contentissimo, confiado em que, pela experiencia d'este desastroso amor, sua mulher d'ahi ávante não tornaria a acceitar senão amores lucrativos. Quando Tibullo se convenceu da impossibilidade de uma reconciliação, não se obstinou mais em perseguil-a em vão e foi procurar amores a outra parte. Escolheu uma outra cortezã, mas muito mais avida e inflexivel do que a propia Delia. Tibullo, não obstante, preparou os seus versos e lisongeou-se de chegar a possuir aquelle coração avaro pelas seducções da vaidade. N'este empenho, queimou o seu incenso poetico aos pés da bella desdenhosa, a quem adorava com o nome de Nemesis. Esta cortezã era sustentada por um rico liberto, que havia sido por varias vezes vendido no mercado dos escravos, e que devia as suas riquezas a diversas industrias, nem muito limpas nem muito recommendaveis. A bella bem pouco se importava com este ricaço grotesco e enfatuado, apesar da opulencia de que elle a rodeava, no emtanto, tambem não estava disposta a perder tempo em amores que nada lhe rendiam.

«Ah! exclamava tristemente Tibullo, demasiado sei que só os ricos logram

agradar á belleza. Pois bem, que o roubo venha enriquecer-me, uma vez que Venus ama tanto a riqueza! Que Nemesis viva cercada de luxo e ostente por toda a cidade as minhas liberalidades, que todos poderão presenciar; que arraste pelas ruas tunicas transparentes, bordadas a ouro, pela habil mão de uma nympha de Cós; que sigam submissos seus passos esses escravos negros, que o sol da India abrasa; e que offerecendo-lhe á porfia as suas mais bellas côres, a Africa lhe dê o escarlate e Tyro a purpura riquissima!»

Tudo isto, porém, não passava de castellos no ar, e o poeta depois de os ter descripto pomposamente n'uma esplendida elegia, não se dava pressa em realisar os seus projectos. Tibullo esperou durante um anno que a sua amada lhe concedesse os seus favores, que ella por fim fez pagar de qualquer modo, mostrando-se, porém, renitente a conceder-lh'os novamente por aquelle preço. O poeta esteve a ponto de vender a modesta herança de seus maiores para satisfazer ás exigencias d'esta cortezã, e teria consummado a propria ruina, se o não houvesse impedido o seu amigo Cerintho, a quem pagou em primorosos versos a fineza de tão bons conselhos. Nemesis repelliu-o então desdenhosamente:

«Uma infame medianeira, escrevia elle aos seus amigos Cerintho e Macer, é quem se oppõe aos meus amores, porque Nemesis tem bom coração. E' Phryné, essa miseravel, que me afasta cruelmente da minha amada, levando-lhe sem cessar e em segredo estranhas mensagens de amor. Muitas vezes, quando á porta, onde em vão espero, ouço a voz da mulher que adoro, Phryné diz-me que não está em casa; e quando vou reclamar a noite que me foi promettida, diz-me que a minha bella está enferma. N'essas occasiões, sinto-me morrer de inquietação e de ciumes. A imaginação exaltada representa-me um rival nos braços de Nemesis. Então, infame Phryné, voto-te indignado ás crueis Eumenides!»

Os dois amigos consolaram-no dos seus pesares, dizendo-lhe que em Roma havia muitas cortezãs, que por felizes se dariam de serem amadas e cantadas por um poeta como elle.

Por isso, Tibullo mudou bem depressa de rumo, enamorando-se cegamente da casta e joven Neera, que não era provavelmente a de Horacio. Tibullo, no terceiro livro das suas *Elegias*, representa-a como uma creança innocente, educada pela mais terna das mães e pelo mais amavel e carinhoso dos paes. Esta joven não podia ser senão uma filha de libertos, e não obstante Tibullo propoz-lhe tomal-a em matrimonio, ou pelo menos em concubinato. Ainda mesmo que as cãs não lhe tivessem invadido a cabeça, ainda que a velhice do corpo encurvado e o andar incerto e tardio não houvesse chegado para elle, sentia-se proximo do seu fim; era uma lampada esgotada, que despedia os ultimos clarões. A casta Neera, como elle continuamente a denomina, recusou unir a sua fresca e ardente juventude áquella juventude envelhecida e esgotada. Olhava com prazer as attenções de que era objecto por parte d'aquelle notavel poeta; escutava os seus versos e suspiros, e não exigia outros presentes além da collecção das *Elegias* de Tibullo, escriptas n'uma *aluta vitulina* (pelle de vitella preparada) com a respectiva capa ou forro dourado. E, como estava na edade do amor, escolheu um amante, embora não retirasse a amizade ao poeta, que esperava muito mais.

«Fiel ou inconstante, dizia-lhe, tu serás sempre a minha querida Neera.» Não foi sem lagrimas, nem sem uma grande violencia, que se resignou a ser apenas o irmão de Neera, e prevendo que morreria d'este desgosto, encarregou os seus amigos de lhe mandarem gravar no tumulo estas palavras:

«A dôr de haver perdido Neera causou a morte de Tibullo.»

Os amigos do poeta, os seus antigos companheiros de meza e de prazer, os poetas do amor e das cortezãs arrastaram-no para o distrahir, ás suas ale-

gres reuniões, convidando-o a cantar os louvores de Baccho, que era o deus consolador dos soffrimentos amorosos.

«Oh quão doce me seria, murmurava Tibullo, despejando a sua taça, repousar junto de ti durante a noite e estar a teu lado todo o dia Infiel! a quem era digno do teu amor, concedel-o apenas a quem não é digno d'elle! Perfida! Mas, apesar de perfida, amo-te ainda.»

Baccho, apoderando-se do poeta, ia pouco a pouco desvanecendo o phantasma de Neera.

«Eia, escravo, exclamava elle estendendo a taça ao copeiro, é preciso que o vinho corra em maior abundancia! Ha muito tempo que eu devia ter derramado sobre a cabeça os perfumes da Syria e cingir a fronte com corôas de flôres.»

Tibullo sabia perfeitamente que não devia esperar de uma cortezã aquella doce reciprocidade de sentimentos, em que a sua imaginação sonhava ainda com a felicidade. «A juventude e o amor, dizia elle n'outro tempo sentindo ser ainda muito novo e não estar namorado, a juventude e o amor são os unicos prazeres da vida.» Nem sequer já podia recorrer á magia e aos philtros para supprir o que lhe havia feito perder a sua lenta corrupção. No emtanto, queria provar a Neera que era capaz de ser marido e mesmo amante ardente e apaixonado, se fosse necessario, e com esta ideia fez uma declaração de amor a Sulpicia, filha de Servio. Eis o retrato que faz d'essa nova divindade:

«As Graças ensinam-lhe secretamente cada um dos seus movimentos e dos seus gestos e seguem-lhe todos os passos. Se desata os cabellos, ou os deixa fluctuar em tranças negligentemente cahidas, esta desordem fica maravilhosamente á sua belleza. Quando se levanta, envolvida no seu manto de purpura tyria, inflamma-nos o coração e os sentidos, e o mesmo succede, quando se nos mostra vestida com a sua tunica alva, como a neve.»

Sulpicia teve piedade do poeta moribundo, e concedeu-lhe mais do que elle pretendia, recolhendo assim os ultimos reflexos d'aquelle coração que se apagava.

«Nenhuma outra mulher, dizia-lhe elle com enthusiasmo, poderá arrancar-me do teu leito. E' a primeira condição imposta por Venus ao nosso carinho. Só tu sabes agradar-me, e não ha em Roma mulher mais bella a meus olhos. Em vão o ceu mandaria outra mulher a Tibullo, em vão! Nem a propria Venus teria poder para me arrancar de junto de ti!»

Apenas pronunciára este juramento de fidelidade, o poeta era infiel á sua amada. Glycere, uma das mais formosas cortezãs gregas que n'esse tempo havia em Roma, quiz tambem uma pequena parte de immortalidade nos versos de Tibullo, e este homem inconstante, surprehendido de uma fortuna que não tinha procurado, attribuia-a aos seus meritos pessoaes, pensando em amar seriamente Glycere, que apenas amava os versos do poeta. Pela primeira vez na sua vida, Tibullo apresentou-se nas luctas do amor como um amante e não como um poeta, e como não compozera ainda um unico verso em honra de Glycere, a cortezã não teve paciencia para esperar uma velleidade poetica e voltou immediatamente as costas ao pobre poeta.

Esta crueldade impressionou profundamente Tibullo, cuja saude melindrosa tanto se alterou, que os seus amigos julgaram que o poeta havia recebido o ultimo golpe. Horacio dirigiu-lhe uma ode, em que lhe supplicava, consolando-o, que esquecesse a cruel Glycere (*ne doleas plus nimio memor immitis Glyceræ,*) mas Tibullo soube quasi ao mesmo tempo que Horacio o havia substituido no amor d'aquella mulher caprichosa.

Tibullo não se levantou mais, morrendo na idade de vinte e quatro annos. Sua mãe e sua irmã, vieram cerrar-lhe os olhos, e no dia dos funeraes appareceram as suas duas amantes, Delia e Nemesis, vestidas de luto, e dando

mostras da mais profunda dôr. As duas rivaes seguiram juntas o cortejo funebre e confundiram as suas lagrimas na pyra do amante, disputando-se a gloria de haverem sido cada qual mais amada do que a outra.

O reinado de Augusto foi a grande época dos poetas e das cortezãs, que se entendiam de tal modo, que pareciam inseparaveis. Onde havia uma cortezã, havia sempre um poeta namorado d'ella, pelo menos em seus versos. A brilhante Glycere competia em prestigio e em adoradores com a encantadora Cytheris, outra cortezã grega, que poderia muito bem ser filha da que Julio Cesar havia amado. Horacio amou tambem outra Cytheris, na qual não sabemos se devemos reconhecer a de Cesar ou a de Cornelio Gallo. Este ultimo, amigo de Tibullo, de Ovidio, e de Virgilio, poeta como elles e como elles tambem muito procurado na sociedade das cortezãs, havia-se affeiçoado a Cytheris, a quem cantava debaixo do nome de Lycoris, celebrando o seu amor, n'um poema em quatro cantos, de que apenas possuimos alguns fragmentos, cheios de paixão:

«Que quer essa medianeira, exclamava o poeta indignado, quando procura oppôr-se aos meus amores e leva ricos presentes occultos no seio? Elogia extraordinariamente o joven que os envia e falla do seu nobre caracter, da sua physionomia fresca e fina, sem vestigios de barba ainda, dos cabellos louros, que lhe corôam a cabeça em anneis ondeantes, da sua habilidade em pulsar a lyra e em cantar... Oh, como eu receio que a minha amante me seja infiel! A mulher é de seu natural variavel e voluvel. Nunca se sabe bem quando ama ou quando odeia.»

Gallo estava ausente de Roma e a guerra havia-o arrastado com as aguias romanas a povos distantes, contra os quaes combatia, evocando a recordação da sua amada.

«A minha Lycoris, dizia elle, não se deixará seduzir pelo rosto fresco de um adolescente, nem por dadivas. A auctoridade e as ordens rigorosas de sua mãe serão inefficazes para fazerem com que me esqueça. O seu coração permanece inquebrantavel e firme no meu amor.»

N'esta disposição amorosa, não tardou muito em pensar que a gloriosa victoria obtida sobre os parthos não valia uma noite passada nos braços da sua querida:

«Que me importa a mim a guerra? dizia elle com pesar. Combatam muito embora os que procuram nos feitos de Marte riquezas ou conquistas. Nós, os poetas, pelejamos com outras armas. E' o amor que toca o clarim e dá o signal do combate, e, se eu combater como um bravo desde o nascer até ao pôr do sol, que Venus não me trate como um cobarde, arrancando-me as armas. Mas, se os meus votos se cumprirem, e succeder o que desejo, que a mulher a quem amo seja o premio do meu triumpho, que eu a estreite nos braços e cubra de beijos, emquanto tiver forças para amar e não tiver vergonha de o fazer. Venham então vinhos generosos, misturados com rosas e nardo, inflammar o meu ardor, e saturar de perfumes a minha cabeça coroada de flôres. Não me envergonharei por certo de dormir nos braços da minha amada, nem de não sahir do leito até ao meio dia.»

Quando Gallo voltou da guerra dos parthos com algumas feridas e cãs, não encontrou a sua Lycoris como a havia deixado. Não lhe havia bordado, como elle esperava, outro manto para a campanha proxima, nem havia deixado de o substituir por cem amantes, nem sequer havia pensado que o seu amante voltara da guerra. O poeta reconheceu então que não vivia já na idade de ouro, na qual, como elle mesmo havia dito, a mulher era bastante casta, quando sabia occultar ao publico as suas fraquezas. O poeta-soldado não queimou os versos que havia dirigido a Lycoris, que se conservavam na memoria de todos os amantes, mas correspondeu á infiel com a mesma infidelidade, encontrando logo com quem se consolar na classe das cortezãs. Queria tambem que Lycoris

sentisse a sua infidelidade, e com esta ideia deu que fallar de si, com as suas elegias de amor, dirigidas a muitas jovens, cuja belleza não se tinha feito ainda notavel.

«Não disputeis cheias de inveja, dizia elle para as pôr de accordo, não disputeis qual das duas tem a pelle mais branca, ou menos morena; disputae apenas sobre este ponto: Qual prende mais o seu amante, com os olhos ou com os cabellos?»

Os cabellos de Gentia eram louros como o ouro; os olhos de Cloé brilhantes como duas estrellas. Depois d'estas, Gallo amou uma bella e candida creança chamada Lydia, de quem foi o preceptor amoroso.

«Mostra, seductora creança, dizia-lhe, mostra os teus cabellos louros que brilham como o ouro mais puro. Mostra, formosa menina, o teu pescoço branco, que se eleva com graça sobre os teus alvos hombros; mostra, seductora creança, as estrellas dos teus olhos, debaixo dos graciosos arcos das negras sobrancelhas; mostra, seductora creança, as tuas faces rosadas, em que ás vezes se vê a purpura de Tyro; dá-me, seductora creança, os labios de coral; dá-me os teus beijos de pomba! Ah! Tu absorves uma parte da minha alma embriagada, e os teus beijos penetram-me até ao fundo do coração! Não és tu que me absorves o sangue e a vida? Occulta essas pomas delicadas, occulta esses botões, que destillam mel. O teu seio descoberto exhala o odor da myrrha, em todo o teu corpo gracioso não ha senão delicias. Occulta, pois, esse collo, que me mata com o seu nevado esplendor e com a sua belleza! Cruel! Não vês que morro? Estou prestes a morrer e abandonas-me!»

Mas, por mais que o poeta fizesse não deu nenhuma rival áquella famosa Lycoris, que tão apaixonadamente cantara, e cujo nome se tornou tão celebre entre as mulheres de prazer.

Mais de quatro seculos depois, outra Lycoris inspirou tambem a musa do poeta Maximiano, que muitos confundiram com Cornelio Gallo, assim como a sua Lycoris com a que fôra amada e cantada por aquelle poeta. Maximiliano, porém, embaixador de Theodorico, não era senão um velho impotente, que se queixava de ser o joguete da sua amada, e que tinha de pedir ás longiquas recordações da sua juventude ardor para inflammar o coração e para ser menos ridiculo aos seus proprios olhos.

«Eis aqui essa bella Lycoris, a quem tanto amei, dizia o poeta lamentando-se, a quem já entreguei o meu coração, a minha fortuna. Depois de havermos vivido tantos annos juntos, repelle e extranha as minhas caricias! Ah! Ella quer amores novos, pois me chama velho, debil e decrepito, sem querer recordar os gozos do passado, sem se recordar tambem, que foi ella propria quem fez de mim um velho!»

Um amigo do verdadeiro Gallo, como apreciador dos encantos de Lycoris, um grande poeta, consagrou tambem ao amor as primeiras inspirações da sua musa. Póde dizer-se que Ovidio, o cantor e o legislador da arte de amar, havia aprendido esta arte no commercio das cortezãs. Ovidio pertencia á familia *Naso*. A proeminencia do nariz era o caracter distinctivo e o attributo erotico dos varões d'esta familia, e o sobrenome de *Nasones* passou de paes a filhos, desde o enorme nariz que fizera a celebridade de um dos seus antepassados. Sob este ponto de vista, como sobre todos os outros, o ultimo dos *Nasones* não havia degenerado. Era um voluptuoso, que começou a viver muito cedo segundo as suas affeições.

«Os meus dias, diz elle proprio, alludindo á origem do seu sobrenome poetico, os meus dias passavam-se na ociosidade. O leito e a voluptuosidade haviam já enervado a minha alma, quando o desejo de agradar a uma beldade veio pôr termo á minha vergonhosa apathia.»

Esta beldade não era, como se tem querido sustentar com hypotheses

meramente gratuitas, Julia, filha de Augusto, viuva de Marcello e esposa de Marco Agrippa, mas uma simples cortezã, a quem o poeta cantou sob o nome de Corinna. Corinna, segundo o proprio poeta nos diz, tinha um marido, ou antes um corretor (*lenone marito,*) que, como todos os das cortezãs, explorava com os costumes faceis de sua esposa. Ovidio, que não era mais rico do que os outros poetas, agradava talvez á mulher, mas desagradava com toda a certeza ao marido. A sua situação para com Corinna era exactamente a mesma que a de Tibullo para com Delia, ou para com a cortezã Nemesis, mas com a vantagem da sua reputação, que o punha acima dos demais poetas, e por conseguinte as cortezãs disputavam a honra ou o interesse do seu amor, para se tornarem celebres. Póde crêr-se que deu muitas rivaes a Corinna, mas, apesar d'isso, não satisfez os desejos de nenhuma d'ellas, porque nas suas elegias só nos apparece o nome d'esta ultima, embora essas elegias fossem inspiradas por todas ellas. Devemos notar, para explicar esta singularidade, que Ovidio compoz primeiramente cinco livros de elegias, dos quaes queimou dois, ao corrigir definitivamente as obras que deviam subsistir.

Seja como fôr, o que é certo é que nunca se soube positivamente quem era essa mysteriosa Corinna, e esse segredo tão bem guardado foi no tempo de Ovidio, que os seus amigos em vão lhe pediam a revelação d'elle, e mais de uma cortezã, aproveitando-se da discrição de amante de Corinna usurpou o pseudonymo da bella desconhecida, dando-se publicamente como a heroina dos versos do poeta. Segundo uma opinião, que não é a menos verosimil, Corinna não foi mais do que a personificação imaginaria das muitas cortezãs que Ovidio amou ao mesmo tempo, ou successivamente.

Segundo o poeta refere, o amor havia-o maravilhosamente disposto a receber a impressão que o affectara ao encontrar Corinna.

«Quem poderá dizer-me, pergunta o poeta, porque me parece tão duro o leito, porque não posso segurar a roupa que o cobre, porque esta noite, que tão comprida nos pareceu, não fechei os olhos, e porque os membros fatigados me parecem espicaçados pelo aguilhão de vivas dores?»

Ovidio tinha visto Corinna, amava-a, desejava-a. Devia encontrar-se com ella n'uma d'aquellas *comissationes*, em que os manjares delicados, o vinho, os perfumes, a musica e a dança, favoreciam as ligações do coração e todas as fraquezas dos sentidos. Mas o marido de Corinna devia tambem acompanhal-a, e os zelos nasceram no coração do poeta, ainda antes da posse da mulher lhe haver dado direito para ser zeloso. Para regular o seu comportamento durante aquelle festim, o poeta escreve-lhe ternamente, dando-lhe instrucções, e ensina-lhe uma multidão de manejos amorosos, que talvez ella ainda conhecesse melhor do que elle.

«Quando teu marido, lhe diz elle, se recostar no leito da mesa, irás com uma attitude modesta collocar-te a seu lado, e o teu pé procurará então tocar secretamente o meu.»

Em seguida, supplica-lhe que lhe faça chegar ás mãos a taça em que tenha bebido, para pôr os labios no mesmo sitio em que ella tiver posto os seus.

«Não permittas, accrescenta elle, que teu marido te deite o braço em torno do pescoço, nem encostes no seu peito cabelludo a tua cabeça encantadora. Não consintas tambem que te leve a mão ao seio. Não lhe dês beijos, porque se lhe dás um só que seja, não poderei encobrir que te amo. Esses beijos, são meus, direi, e irei buscal-os. Mas, dado que me fosse possivel vêr beijar-te, as caricias que se escondem por debaixo da tunica são as que eu mais temo (*quæ bene pallia celent.*) Não approximes a tua perna da sua, nem toques os seus grosseiros pés com os teus pés delicados.»

Mas o pobre amante, que tantos tormentos está phantasiando, entristece-se e indigna-se, temendo as liberdades que o marido, já inflammado pelo vinho, po-

deria permittir-se deante d'elle, sem que ella ousasse oppôr-se a estas caricias brutaes:

«Para me livrar de toda a suspeita, diz elle á sua amada, tira o manto, que seria cumplice das voluptuosidades que receio, por eu proprio as ter feito já varias vezes com outras mulheres:»

Sæpè mihi dominæque meæ properata voluptas
Veste sub injecta dulce peregit opus.
Hoc tu non facies; sed ne fecisse poteris,
Conscia de gremio pallia deme tuo.

Ovidio espera aproveitar para o seu amor a embriaguez e o somno d'aquelle marido, que o espia, mas reconhece immediatamente a inutilidade de tantas e tão refinadas precauções. Acabada a ceia, o marido levará comsigo a mulher e poderá dispôr d'ella sem violencia nem testemunhas.

«Não te abandones senão mau grado teu, e como que cedendo á força. Bem pódes fazel-o, diz-lhe elle com tristeza. Que as tuas caricias sejam mudas e que Venus lhe seja amarga!»

Mas no dia seguinte Corinna, entendendo do seu dever indemnisar o seu dedicado conselheiro, foi visital-o a sua casa, á hora em que recostado no seu leito repousava da fadiga e do calor do dia.

«Corinna chega com a tunica descida e o cabello fluctuante sobre os hombros de alabastro, como Semiramis dirigindo-se para o leito imperial, como a propria Lais celebre pelos seus numerosos amantes. Arranquei-lhe os vestidos, que nada me encobriam, todavia. Corinna resistia, querendo conservar a sua tunica, mas, como a sua resistencia era a de uma mulher que não quer vencer, consentiu logo em ser vencida.

«Quando appareceu ante meus olhos sem veu, não pude notar n'ella a menor imperfeição. Que hombros e que braços vi e toquei! Que seio me foi dado acariciar! E, debaixo d'aquelle seio irreprehensivel, que ventre tão liso e tão branco! Que pernas tão bellamente modeladas! Para que me deterei em pormenores? Nada vi que não fosse digno de elogio, e tive-a nua entre os braços. Quem não adivinha o resto? D'ahi a pouco adormeciamos de fadiga. Que os deuses me concedam muitas tardes como aquella!»

O poeta possue a sua amada, mas não é feliz. Tem ciumes d'ella, sabe que os seus rivaes pagam por alto preço os favores que elle obtem gratuitamente, e por isso injuria e chega mesmo a ferir a sua Corinna.

«O furor fez-me erguer sobre ella mão temeraria, exclama elle com pesar, e a pobre chora, por isso que a maltratei no meu delirio.»

Ovidio nunca se perdoará esta brutalidade.

«Tive, accrescenta elle, o horrivel valor de lhe arrancar os cabellos e de dilacerar com as minhas unhas impias o seu rosto infantil. Vi-a pallida, aniquillada, similhante ao marmore, que o cinzel arrebata ás montanhas de Paros: vi o seu rosto inanimado, os seus membros tão tremulos como a folha do alamo agitada pelo vento, como a debil cana, que se inclina sob o doce alento do zephyro, como a onda cuja superficie enruga o sopro do norte. Suas lagrimas, contidas por muito tempo, correram-lhe pelas faces, como a agua quando as neves se descongelam.»

Corinna tinha quasi sempre junto de si uma velha medianeira, chamada Dipsas, que empregava toda a sorte de artificios para a indispôr com Ovidio, ou pelo menos para o afastar de junto d'ella e vender a outros amantes mais ricos os momentos que ella lhe roubava.

«Ora dize-me, perguntava Dipsas a Corinna com ironia, o que te dá o teu poeta, além dos versos? Tola! Ha milhares de versos em Roma, que tu pódes lêr sem tanto incommodo. O proprio deus dos versos cobre-se com um manto

de ouro e pulsa uma lyra de ouro. Corinna, aquelle que te der ouro deve ser por ti considerado maior do que o grande Homero!

Ovidio teve conhecimento dos perfidos conselhos da velha, e foi-lhe mister appellar para toda a sua prudencia, a fim de não lhe arrancar os tristes restos de cabello branco que tinha na cabeça, e aquelles olhos que distillavam o vinho pelas faces encarquilhadas. Contentou-se de amaldiçoal-a nos seguintes termos:

«Que os deuses te recusem um asylo, furia do inferno! Que te dêem uma velhice desgraçada e uma sêde eterna!»

O poeta tinha necessidade de toda a sua eloquencia e sobre tudo do seu amor para combater a perniciosa influencia de Dipsas, que trabalhava sem descanço para preverter cada vez mais a simplicidade de Corinna.

«Não peças ao pobre poeta senão sollicitude, serviços e fidelidade, escrevia elle á sua amada, que havia deixado pensativa. Um amante não póde dar mais do que possue. Celebro nos meus versos as bellas que julgo dignas d'elles; é tudo quanto por ellas posso fazer. A'quella, porém, a quem eu escolher, a minha arte dar-lhe-ha o meu nome, que não morrerá nunca. Perecerão os tecidos mais ricos, o ouro e as pedras preciosas, mas a fama dada pelos meus versos será eterna!»

Esta consideração não era indifferente aos olhos de Corinna, que se via com orgulho designada nos passeios, no theatro e no Circo, como a musa de Ovidio.

Seu marido havia posto ao lado d'ella um eunucho, chamado Bagoas, que a acompanhava por toda a parte, e que nunca se deixava seduzir sem consultar seu amo. Ovidio nunca pôde lograr adormecer aquelle cerbero; no emtanto, conseguiu attrahir ao seu partido as duas cabelleireiras de Corinna, Nepe que lhe levava as cartas e Cypasis que o introduzia secretamente nos aposentos da sua amada. Esta ultima era bella e elegante, e o poeta deu por isso um dia, emquanto esperava por Corinna. Para não lhe parecer tão cruel a demora, passou o tempo permittindo-se tudo quanto Cypasis teve a amabilidade de lhe permittir. A' sua chegada, Corinna pôde ainda notar uma certa desordem suspeita no seu quarto, e o subito rubor de Cypasis parecia confirmar aquellas suspeitas, que por outro lado a dissimulação de Ovidio não podia desmentir cathegoricamente.

«Suspeitas que ella manchou comigo o leito de sua ama! exclamou o poeta esforçando-se por conquistar a sua serenidade. Se alguma vez me occorresse o desejo de te ser infiel, os deuses me preservem de o ser com uma mulher de condição desprezivel. Que homem livre quereria conhecer uma escrava e estreitar nos seus braços um corpo marcado pelo latego?»

Com estas e outras palavras não lhe foi difficil convencer Corinna, e n'aquella mesma noite o poeta escrevia a Cypasis marcando-lhe outra entrevista. Corinna, pela sua parte, nada tinha tambem que censurar-lhe em questões de infidelidade, e mais de uma vez o seu predilecto julgou notar que ella sabia mais do que elle lhe havia ensinado.

«Taes lições só se dão no leito, (*illa nisi in lecto nunquam potuere doceri*) dizia elle de si para comsigo, saboreando alguma caricia estranha aos seus habitos. Quem seria o mestre que recebeu o inestimavel preço d'estas lições?»

Corinna afastou-o por algum tempo de sua casa sob differentes pretextos de religião, de saude e de caprichos do seu temperamento facilmente impressionavel. Ovidio indagou a causa d'esta separação forçada e veio finalmente a descobril-a. Para entreter o tempo, requestou algumas servas da sua amada, que não eram menos bellas do que ella, mas que, ainda assim não satisfaziam o coração do poeta. Soube então por uma d'ellas que a sua Corinna havia abor-

tado por meio de uma poção qualquer, que a puzera em perigo de vida, e indignou-se altamente ao saber de similhante attentado.

«A primeira mulher que d'este modo procurou expulsar de suas entranhas o tenro fructo, que ellas encerravam, disse-lhe o poeta severamente, merecia ser victima das suas proprias armas! Como! Só com o receio de que se te enrugue o ventre, tens coragem de destruir o triste campo das luctas amorosas?!»

Depois d'este acontecimento, Corinna redobrou as demonstrações do seu carinho para com o poeta. Nunca se cançava de estar a seu lado. O eunucho Bagoas fechava os olhos ou voltava a cabeça; o marido não os incommodava, nem sequer já os cães ladravam á chegada do amante. Quando Ovidio estava ausente, ia-se procurar; quando estava presente, não se deixava sahir. Concedia-se-lhe tudo quanto desejava, sem nem mesmo se lhe dar tempo de pedir. No emtanto, Ovidio cançou-se bem depressa de ser tão amimado por Corinna.

«Os amores tranquillos e faceis, dizia elle, tornam-se-me insipidos. Se uma torre de bronze não tivesse encerrado Danae, Jupiter nunca a teria feito mãe.»

Corinna ouviu com grande espanto esta linguagem caprichosa e brutal, e não se sentindo com forças para responder, chorou silenciosamente.

«Acaso tenho eu, lhe redarguiu elle com maior dureza ainda, necessidade de aturar um marido complacente, um marido intermediario?»

Corinna comprehendeu que já não era amada, e com effeito, bem depressa teve uma prova irrecusavel. O poeta conservou-se uma noite inteira frio como um cadaver, apesar dos ardentes beijos que ella lhe prodigalisava. O proprio Ovidio ficou altamente surprehendido d'aquella extraordinaria impotencia.

«N'outro tempo, dizia elle comsigo mesmo, costumava eu pagar duas vezes o meu debito com a branca e formosa Childis, mais tres com a seductora Pytho e outras tres ainda com Lybas. Agora, para satisfazer uma só vez ás exigencias de Corinna, tenho de gastar uma noite inteira!»

E por mais que Ovidio procurasse encontrar o seu antigo ardor, não o conseguia, apesar de todos os seus esforços.

«Para que zombas de mim? exclama Corinna, vermelha de vergonha e de despeito? Quem te obrigava, pobre insensato a vir, a pesar teu, para junto de mim? Ou foi que alguma habil maga de Eoa te fez o sortilegio dos nós, ou então vens esgotado dos braços de outra (*aut alio lassus amore venis.*)»

E, dizendo isto, ergueu-se do leito, e vestindo a tunica fugiu d'elle, sem mesmo se demorar a calçar-se. Em seguida para occultar ás suas serventes a affronta que recebera do amante, fez as suas abluções como de costume (*dedecus hoc sumpta dissimulavit aqua*) e foi encerrar-se n'um aposento retirado, como n'uma fortaleza. Ovidio não se sentia em estado de reparar a sua vergonhosa derrota, e retirou-se sem ousar reapparecer no campo da batalha. Apenas elle sahiu, Corinna ordenou que nunca mais o recebessem, e com effeito no dia seguinte encontrou a porta fechada.

Ovidio então queixou-se, insistiu, dirigiu versos e supplicas á insensivel Corinna, mas sem o menor resultado. Nem por isso o poeta desistiu do seu empenho, e n'uma das occasiões em que andava a rondar a casa da cortezã, uma das cabelleireiras veio dizer-lhe que sua ama n'aquella mesma manhã havia recebido a visita de um capitão romano, que acabava de chegar das guerras da Asia, carregado de feridas e de despojos do inimigo. Não foi preciso mais para que Ovidio, envergonhado de se vêr expulso para dar logar a um estranho, se obstinasse em bater áquella porta, que se lhe fechava. O eunucho Bagoas veio abrir, mas só para o ameaçar de soltar o cão que guardava a casa.

Desde essa funesta noite, Ovidio ganhou um odio entranhado aos soldados enriquecidos e ás mulheres que preferem esses robustos filhos de Marte aos po-

bres e debeis sacerdotes das Musas, e votou a todos os deuses vingadores as mulheres e os soldados. Comparava a verdadeira idade de ouro, em que o amor não se vendia, com aquella idade de ferro, em que tudo, até mesmo o amor, se comprava a peso de ouro.

«Hoje em dia, dizia o poeta com amargura, uma mulher, embora tenha o fero orgulho das sabinas, obedece como uma escrava a quem póde dar-lhe muito. O guarda d'esta belleza prohibe-me de me approximar d'ella. A bella receia por mim a cólera do marido; mas, se eu quizesse dar ouro, marido e eunucho entregar-me-hiam a casa em peso. Ah! se ha um deus vingador dos amantes despresados, que esse deus reduza a pó os vís thesouros tão infamemente adquiridos!»

Ovidio não estava ainda curado do seu amor. A resistencia, que encontrava, cada vez o exaltava mais. Passava as noites sentado á porta de Corinna, repetindo o seu nome com lagrimas, supplicas e suspiros. Foi, no emtanto, mais de uma vez consolado pela bella Cypasis, que costumava ir aquecel-o e levar-lhe alguma cousa de beber. Apesar d'isso, a carinhosa e boa escrava não podia fazer-lhe esquecer Corinna, e o poeta queria deixar-se morrer deante d'aquella porta inflexivel. Uma manhã, porém, a porta abriu-se cautelosamente e... sahiu um homem.

«Como! exclamou o infeliz amante, com a cabeça completamente perdida. Quando tu estavas acariciando um desconhecido, pude eu, como um vil escravo, guardar a tua porta, a porta que me foi cruelmente fechada!... Eu vi esse amante sahir de tua casa, fatigado e arrastando os pesados pés como um artista cançado do trabalho... Mas soffri menos ao vêl-o, do que ao notar que eu proprio fôra visto e reconhecido.»

Ovidio julgava-se livre de um amor, que já lhe parecia uma vergonha, mas não podia esquecer Corinna, Corinna infiel, Corinna que se entregava a caricias venaes, Corinna que se vendia como uma meretriz das escuras viellas de Roma!...

Torturado pelo despeito e pelo ciume, ausentou-se de Roma para procurar longe d'ella o esquecimento d'aquelle vergonhoso amor, e retirou-se para o paiz dos falliscos, onde sua mulher havia nascido e onde esperava que emmudecessem os ecos do seu coração apaixonado. O nome de Corinna, porém, resoava e fazia-se ouvir no seu animo, dominando todos os ruidos do ar e da natureza campestre. Voltou a Roma, e sentiu-se mais namorado do que nunca á porta de Corinna. Os seus amigos sahiram a recebel-o e disseram-lhe que a sua Corinna se havia transformado n'uma cortezã infame, descendo cada vez mais no declive do vicio e no despreso publico. Os amigos de grande poeta accrescentaram que ella apparecia em toda a parte com os seus amantes, vestida com trajos indecentes, que á vista de todo o mundo, e mesmo do seu infame esposo, dava e recebia beijos, que costumava trazer os cabellos em desordem, o collo e os braços assignalados por amorosas mordeduras, e que se contavam a seu respeito numerosas anecdotas de impudor, cobiça e desvergonha.

Ovidio recusou-se a acreditar no que lhe referiam, mas, quando se certificou da degradação em que a sua amada havia cahido, escreveu-lhe pela ultima vez estas palavras:

«Eu não pretendo, como um censor austero, que sejas casta e pudica. O que te peço é que procures ao menos occultar-me a verdade. Não é culpada aquella que póde negar a falta que se lhe imputa. A confissão, que d'ella faz é que a póde unicamente tornar infame. Que desvario é esse de revelar em pleno dia os mysterios da noite, e de dizer publicamente o que se faz em segredo? Antes de abandonar-se ao primeiro que chega, a meretriz põe uma porta entre ella e o publico. E tu? Tu divulgas por toda a parte o opprobrio de que te cobres e denuncias tu propria as tuas vergonhosas faltas!»

Mas Corinna estava já perdida para si propria, do mesmo modo que para Ovidio, caminhando a passos agigantados para o abysmo da mais infame prostituição.

Ovidio, não obstante, nunca se decidiu a apagar o nome de Corinna dos versos que lhe havia dedicado. Sob este nome a amára e sob este mesmo nome a cantou. «Busca um novo poeta, deusa dos amores!» exclamava elle, dando a ultima demão aos seus livros de elegias. Effectivamente, se teve ainda outras amantes, não cantou nenhuma d'ellas, porque nenhuma tambem lhe inspirava amor. Viveu, todavia, de ahi em deante mais do que nunca, na intimidade das cortezãs, e para as recompensar dos prazeres que lhe causavam, compoz á vista d'ellas e sob a sua inspiração o seu poema, a *Arte de amar*, o codigo do amor ou da sensualidade.

Nas suas numerosas poesias, deu sempre um logar notavel ás suas reminiscencias amorosas, mas sem nomear nenhuma das suas amantes, mesmo nos versos compostos para ellas. No emtanto, ha motivo para crêr que teve relações secretas com Julia, filha do imperador, e que se contentava com a sua felicidade sem a divulgar. A esta paixão adulterina, que Augusto não ousava castigar de outro modo, se deve attribuir o seu desterro, ainda que, segundo outros boatos que correram em Roma, a verdadeira causa d'esta desgraça fôra o haver surprehendido o imperador em flagrante incesto com sua propria filha.

Seja como fôr, Ovidio, o terno Ovidio, desterrado para as praias do Ponto Euxino, para o meio de uma população barbara, que não podia comprehender o grande poeta,

Barbarus hic ego sum,

morreu de desgosto, depois de haver procurado destruir todas as suas obras, incluindo mesmo as elegias dos seus amores. Acabára de saber por cartas de Roma, que a sua Corinna, velha e enrugada, vestida com uma tunica desbotada e rota, era creada de uma taberna, onde os barqueiros do Tibre iam entregar-se á mais grosseira libertinagem.

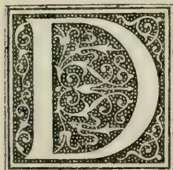
«Mais lhe valera ter-se feito maga ou perfumista!» disse o poeta cheio de tristeza.

E exhalou o ultimo suspiro, beijando um annel que encerrava cabello de Corinna.

CAPITULO XXVII

SUMMARIO

Mario Valerio Marcial, poeta complacente das libertinagens de Nero e dos seus successores.—Os epigrammas de Marcial e a sua grande acceitação.—Resposta de Marcial ao seu critico Cornelio, que lhe censurava a obscenidade dos seus versos.—Victimas habituaes dos epigrammas de Marcial.—Costumes desregrados d'este poeta.—Abominavel epigramma de Marcial a Clodia Marcella, sua mulher.—Leitores ordinarios das obras de Marcial.—O livreiro Secundo.—Retratos das cortezãs.—Lesbia.—Libertinagem desaforada d'esta cortezã.—As lobas errantes Chione e Helide.—Velhice infame de Lesbia.—Cloé e Luperco.—A mulher que chorava sete maridos.—Thais.—Injurias de Marcial a esta cortezã, que o repelliu.—Philenis e Diodoro.—Horrivel depravação de Philenis.—Epitaphio d'esta infame cortezã feito por Marcial.—Galla.—Injustiça de Marcial a respeito d'esta cortezã.—Epigrammas do mesmo poeta contra ella.—Causa d'esta animosidade.—As velhas namoradas.—Espantoso cynismo de Philis.—Epigrammas contradictorios de Marcial contra esta cortezã.—Lydia.—Conducta de Marcial com Paulo, que lhe pediu versos contra Lycisca.—Aversão invencivel de Marcial contra as velhas cortezãs.—Fabulla —Lila.—Vetustila.—Galla.—Saupheya.—Marcella.—Thelesilla.—Poncia.—Lecania.—Ligella.—Lyris.—Fescennia.—Senia.—Egle.—As falsas cortezãs gregas.—Celia.—Epigramma de Marcial contra esta supposta filha da Grecia.—Lycoris —Glycere.—Chione e Phlogis.—Modo grosseiro com que Marcial acolheu um convite de amor que Polla lhe enviou.—Vergonhosa profissão de fé que Marcial teve a coragem de fazer a sua mulher Clodia Marcella.—Regresso de Marcial á Hespanha.—Meios de que se valeu Clodia Marcella para fazer sahir seu marido de Roma.—Epigramma expiatorio de Marcial.—Seu fim campestre.—Honroso desforço de Marcial contra Lupo.—Petronio.—O seu *Satyricon*, quadro dos impuros costumes da Roma imperial.—Alcile e Giton.—A sacerdotisa do deus Enotheu e a sua companheira Proselenes.—Philomena.—Emmolope.—Os epigrammas de Petronio.—Sertoria —Marcia.—Delia —Arethusa.—Basilisa.—Suicidio de Petronio.



EPOIS de Ovidio, temos que passar ao tempo de Marcial, para de certo modo encontrarmos a filiação das cortezãs de Roma. Por espaço de mais de meio seculo, a poesia calou-se a respeito d'este ponto, mas póde suppôr-se que não estiveram as cortezãs tanto tempo á espera de cantor. Se nos faltam poetas eroticos d'essa época, que nos informem dos feitos das *famosæ,* não deve inferir-se d'esta falta que houve uma especie de paralysação nos progressos da prostituição antiga. Bem ao contrario d'isso, os successores de Augusto tomaram sob os seus auspicios a desmoralisação da sociedade romana e deram com o seu cynismo o exemplo de todos os refinamentos da libertinagem. Os costumes publicos alteraram-se n'essa época tão profundamente, que não seria facil entre os poetas encontrar quem se sujeitasse ao ridiculo de cantar a epopeia dos seus amores, como haviam feito Tibullo, Propercio e Ovidio. Nenhuma cortezã tambem se decidiria a perder a sua juventude na tarefa de ministrar assumptos de elegias a um poeta enamorado e ciumento.

Os ciumes, do mesmo modo que o amor, haviam passado de moda. Vivia-se muito á pressa para se consagrarem annos inteiros a uma unica paixão,

cuja duração a tornava quasi digna de respeito, e que tinha uma certa similhança com o concubinato matrimonial. Quando Marco Valerio Marcial, nascido em Balbilis de Hespanha, no anno 43 da éra christã, foi para Roma aos dezesete annos tentar fortuna, não pensou em imitar os poetas do amor, que haviam encontrado um Mecenas no tempo de Augusto. Seguindo um caminho diverso, tornou-se o poeta complacente dos libertinos do tempo de Nero e dos imperadores, que tão rapidamente se succederam até Trajano. Marcial deveu a sua celebridade litteraria ao sabor obsceno dos seus epigrammas.

O impudico poeta tomou para modelo dos seus versos os epigrammas de Catullo, que ainda assim escrevia com uma especie de ingenuidade grosseira. Marcial, pelo contrario, para agradar aos libertinos da côrte imperial, procurava exceder em immoralidade todos quantos no seu tempo escreveram poesias desbragadas. Nem sequer deixava ás suas immundas imagens o veu das expressões decentes, applicando um estudo monstruoso de lubricidade a todas as suas composições eroticas. Os applausos, que por toda a parte recebia, se não o desculpam, animavam-no a seguir nos seus propositos. Cada novo livro de epigrammas pedido e esperado com impaciencia por todos os leitores, que sabiam de cór os precedentes, multiplicava-se prodigiosamente nas mãos dos livreiros, e os copistas que reproduziam os exemplares não podiam satisfazer o empenho dos compradores. Este enthusiasmo, como se vê, não era muito de molde para desviar Marcial do seu caminho. Assim, quando um censor austero lhe aconselhava que tivesse algumas reservas nas palavras, já que não as tinha nas ideias, o poeta licencioso tomava á má parte o conselho, tendo sempre promptas mil razões para demonstrar aos criticos que procedia muitissimo bem, escrevendo d'aquella e não de outra maneira os versos impudicos, asperamente censurados por uma critica benefica e salutar.

«Queixas-te, Cornelio, dizia elle a um dos seus censores, dos meus versos não serem bastante severos, e dizes que um *magister* não ousaria lêl-os na sua escola. Seja. Deves, porém, lembrar-te que estes opusculos, do mesmo modo que os maridos a suas mulheres, nunca poderão agradar se não tiverem *mentula* (o orgão da virilidade.) Tal é a condição imposta ás poesias jocosas, que não poderão agradar,. se não excitarem os sentidos. Depõe, portanto, a tua severidade e perdôa ao meu bom humor, renunciando á tarefa de castigar os meus livros, porque nada ha mais desprezivel do que Priapo convertido em sacerdote de Cybele.»

Marcial pouco se importava com a censura dos homens serios, tendo a seu favor o applauso dos imperadores e libertinos e a acceitação vulgar dos seus epigrammas, que, passando de bocca em bocca, entre as cortezãs e os mancebos, bem depressa chegavam aos ouvidos do vulgo. D'aqui a ruidosa fama que o poeta adquiriu, fama que esteve para eclipsar a gloria de Horacio e de Virgilio, e que abalou os triumphos satyricos de Juvenal.

Effectivamente, toda a chronica escandalosa de Roma estava synthetisada n'essa grande multidão de composições poeticas, faceis de reter e de circular. N'esses versos, o poeta apresentava, sob transparentes pseudonymos, certos personagens que mettia a ridiculo ou marcava com um ferro em braza. Apesar d'isto, declarava que fugia dos nomes proprios, respeitando sempre as personalidades nas suas composições; mas, depois d'esta observação, permittia-se todas as injurias contra pessoas, que todo o mundo reconhecia nos seus retratos, onde não eram apenas nomeadas, mas pintadas com espantosa verdade. Não se arriscava o poeta a diffamar pessoas collocadas em altas posições, nem a cuspir a baba da calumnia na vida privada dos cidadãos; as victimas ordinarias da sua maledicencia eram sempre os maus poetas, as cortezãs altivas, as vis prostitutas, os corretores, os prodigos, os avarentos, todos os perdidos de ambos os sexos. Fallava com frequencia a mesma linguagem dos personagens, que punha em

scena, tendo o cuidado de avisar os seus leitores, de que não encontrarião n'elle nem reservas nem timidez de expressão.

«Os epigrammas, diz elle, são feitos para os frequentadores dos Jogos Floraes. Que não venha, pois, Catão ao nosso theatro, mas, se vier, que veja!»

Marcial frequentava certamente a sociedade corrompida, que descreveu com côres tão vivas, como deshonrosas, deixando vêr em duas ou tres passagens que os seus costumes não eram mais puros do que os outros que censurava. Não se limitava a escolher para objecto dos seus amores as cortezãs. Entregava-se não poucas vezes a desordens, que nem a corrupção geral do seu tempo póde desculpar, desordens que se vê obrigado a justificar, para responder ás amargas censuras de sua mulher Clodia Marcella.

E, no emtanto, apesar dos seus habitos de libertinagem masculina, pretende exaltar em muitos dos seus epigrammas a honestidade e a pureza da sua vida. E' de crêr que a julgasse tão favoravelmente, ao comparar os seus costumes com os dos seus contemporaneos, sobre tudo com os dos imperadores aos quaes dedicava os seus livros.

«Os meus versos são livres, dizia elle a Domiciano, mas a minha vida é irreprehensivel. (*Lasciva est nobis pagina, vita proba est.*)»

Para explicar esta apparente contradição, bastará talvez confrontar as datas das composições em que Marcial se jacta da sua moralidade, com as das outras composições, de que tanto partido soubera tirar. As primeiras pertenciam á sua juventude; as segundas á idade madura. Não deve esquecer-se que os onze primeiros livros da sua collecção representam um intervallo de trinta e cinco annos, que passou constantemente em Roma. Marcial, aos vinte e cinco annos, podia talvez viver castamente, embora lisongeasse e acariciasse os gostos depravados dos seus protectores; aos cincoenta annos, porém, havia-se tornado libertino, á força de ser testemunha da libertinagem dos seus amigos. Effectivamente, nota-se que nos ultimos livros dos seus epigrammas, o poeta não cuida já de aspirar á reputação de castidade, que os seus escriptos licenciosos de ha muito lhe haviam feito perder. No livro undecimo, teve a inqualificavel imprudencia de inserir o infame epigramma dirigido a sua mulher, que o fôra surprehender em flagrante delicto de luxuria com um mancebo, e que se mostrara disposta a sacrificar-se a si propria para o deshabituar de tão infames e vergonhosas affeições.

«Quantas vezes tem feito Juno a mesma censura a Jupiter!» respondeu rindo Marcial.

E auctorisava-se com o exemplo de immundos deuses e heroes, para persistir nos seus nefandos vicios, e para responder ás recriminações de sua mulher com esta obscena grosseria:

Para te tuis igitur dare mascula nomina rebus
Teque, puta cunnos, uxor, habere duos.

O poeta não se illudia a respeito da indole dos seus livros, sabendo muito bem para que classe de leitores compunha os seus versos, quasi sempre obscenos e sempre livres.

«Nenhuma pagina dos meus livros é casta, diz elle francamente. Por isso só me lêem os jovens, as mulheres licenciosas e os velhos libertinos.»

Compara-os em seguida com os do seu emulo Cosconio, que fazia como elle epigrammas, mas tão pudicos, que nunca se notava n'elles a menor sombra de impureza (*inqua suis nulla est mentula carminibus.*) Louva este pudor, mas declara que versos tão commedidos apenas servem para creanças e virgens innocentes. Não pretende por isso inculcar-se como exemplo, e zomba das veneraveis matronas, que lêem as suas obras ás escondidas, e que ao mesmo tempo o accusam de não haver escripto para mulheres honestas.

«Eu escrevi para mim, diz elle sem reticencias. O gymnasio, as thermas, e o estadio ficam para este lado, retirae-vos, pois! Nós aqui despimo-nos. Tende cuidado, se não quereis vêr homens nús. Aqui, cercada de rosas, depois de ter bebido, Therpsycore, abdica o pudor e a sua embriaguez não sabe já o que diz: nomeia francamente e sem rodeios o que Venus triumphante recebe no seu templo no mez de agosto, o que o camponez põe como que em custodia no meio da sua horta, o que a casta virgem não olha, sem collocar a mão deante dos olhos!»

Adverte tambem o poeta, n'este epigramma, que os seus versos não procuravam ser lidos pelas matronas, e que era preciso, para gostar d'aquelle desaforo de ideias e de expressões, estar habituado á vida dos libertinos e de suas amaveis e deshonestas cumplices. A collecção completa do poeta das *comissationes* figurava nas bibliothecas de todos os voluptuosos, e como era facilmente portatil, levava-se para toda a parte e em toda a parte se lia, nos banhos, na liteira, na meza e no leito.

O livreiro que vendia, muito barato por certo, os epigrammas de Marcial, chamava-se Secundo, liberto do douto Lucensis, e tinha a sua tenda atraz do templo da Paz e do mercado de Pallas. Secundo vendia tambem todas as especies de livros lubricos, os de Catullo, de Peto, de Marso, e de Getulico, que não eram menos sollicitados pelos jovens e velhos libertinos, mas que as cortezãs fingiam não estimar tanto como as elegias de Tibullo, de Propercio e de Ovidio.

Em todos os tempos, as mulheres, ainda as mais depravadas, foram sensiveis ás descripções do amor terno e delicado. Marcial offerecia, sem embargo, aos seus leitores um interesse de actualidade, que nenhum outro poeta jámais soubera dar aos seus versos. Havia n'elles, por assim dizer, uma galeria de retratos tão parecidos, que não precisavam de se apresentar os modelos para serem immediatamente reconhecidos, e esses retratos eram tão maliciosamente retocados, que o vicio ou ridiculo do original passava a ser um proverbio, com o nome que o poeta havia posto ao epigramma.

Escolheremos entre esses retratos, rarissimas vezes lisongeiros, os das cortezãs, que Marcial ás vezes fez em épocas bem differentes, como para julgar melhor das mudanças que a idade e a sorte causavam na existencia da pessoa que lhe servia de modelo. Deixaremos de parte, por decoro ou repugnancia, os retratos dos mancebos, que a prostituição romana punha na mesma cathegoria das mulheres publicas, e que Marcial não tinha escrupulo de collocar junto d'ellas, na sua collecção erotica e sotadica.

Temos, em primeiro logar, Lesbia. Não é a gentil adorada de Catullo, pois não tem o pardal domesticado, cuja morte chorou tão amargamente; mas tem amantes, e todo o mundo o sabe, porque abre as suas janellas e cortinas, quando está com elles. Lesbia gosta da publicidade; os prazeres secretos não teem sabor para ella (*nec sunt tibi grata gaudia signa latent.*) A sua porta nunca está fechada, nem sequer guardada, quando se entrega ás suas sensualidades. Quereria que Roma inteira tivesse os olhos n'ella em taes momentos, e por isso não se perturba nem procura a menor compostura, quando entra alguma testemunha, porque a testemunha da sua libertinagem lhe procura maiores gosos do que o seu actual amante. O seu maior prazer é ser surprehendida em flagrante (*deprehendi veto te, Lesbia, non potui.*) «Toma, ao menos, lições de pudor de Chione e de Helide,» diz-lhe Marcial indignado. Chione e Helide eram lobas errantes, que occultavam as suas infamias nas sombras dos tumulos. Lesbia, ao envelhecer, chegou ao ultimo grau de prostituição, dedicando-se então mais especialmente ás immundas torpezas da arte fellatoria (lib. II, epigr. 50.) Com os annos e com os excessos d'aquella vida dissoluta, havia perdido toda a sua belleza, e admirava-se, apesar das advertencias de seu esposo, de que

antigos amantes não conservassem por ella todos os seus desejos e ardores. Chegou mesmo a censurar a indifferença de Marcial, que lhe respondeu: « A tua cara é o teu peior inimigo.» (*Contra te facies imperiosa tua est.*)

Muito tempo depois, reduzida ás recordações, que n'ella despertavam, ao ver-se em tal abandono, Lesbia contava com orgulho os numerosos amantes que tinha tido, descrevendo-lhes as qualidades, os caracteres e as prendas pessoaes ante o areopago das velhas intermediarias, que a escutavam sorrindo. «Nunca, dizia ella, nunca me dignei outhorgar os meus favores de graça a pessoa alguma.» (*Lesbia segurat gratis numquam esse fututam.*) E emquanto assim fallava do passado, os miseraveis que tinha alugado por turnos para os prazeres, batiam-lhe á porta para saberem qual d'elles seria pago n'aquella noite!

Em seguida, o poeta falla-nos de Cloé. Não era a amante de Horacio, esta nem sequer pensa em fazer lembrar os encantos da sua homonyma. Não é joven, mas é galante ainda, e consola-se com Lesbia de não ser procurada, comprando o prazer com o seu dinheiro. Não era preciso mais nada para a habituar aos desdens de que por toda a parte é objecto, quando tem ainda a pretensão de se fazer pagar. Marcial diz-lhe com dureza:

«Posso passar perfeitamente sem a tua cara, sem o teu pescoço, sem as tuas mãos, sem as tuas pernas, sem o teu peito, sem... Emfim, para me não cançar em descrever tudo aquillo de que prescindo, posso passar perfeitamente sem a tua pessoa.»

Mas Cloé era rica, e podia passar tambem sem o dinheiro dos seus galanteios, que pagava com uma generosidade rara entre as mulheres da sua classe. Havia-se enamorado de um joven, que não tinha outra fortuna, além da sua belleza. Marcial chama-o Luperco, alludindo áquelles sacerdotes de Pan, que corriam pelas ruas de Roma completamente nus, nas festas Lupercaes, e que, segundo a crença vulgar, tornavam fecundas as mulheres, a quem fustigavam com correias ou tiras feitas de pelle de bode. O Luperco de Cloé andava nu tambem, era tão pobre como um verdadeiro luperco, e a cortezã dava-lhe para se vestir riquissimos tecidos de Tyro e da Hespanha, um manto de purpura, uma toga de lã de Tarento, perolas da India, esmeraldas da Scythia e cem peças de ouro recentemente cunhadas. Nada podia recusar áquelle avido e cubiçoso amante, que lhe pedia sem cessar.

«Desgraçada de ti, pobre ovelha pellada! dizia-lhe Marcial. Desgraçada de ti! O teu formoso Luperco deixar-te-ha a pedir esmola!»

A predicção não se realisou, todavia. Cloé havia ganho muitas riquezas nos aureos tempos da sua celebridade, para poder devolver aos amantes uma parte do ouro que d'elles havia recebido; mas desde que pagava, em vez de receber, era difficil de contentar e devorava como um monstro a saude dos seus funccionarios. Sete foram os seus predilectos e todos sete morreram successivamente e pela mesma causa. Como compensação ao sacrificio d'estas victimas, mandou-lhes erigir mausoleus sumptuosos, com inscripções, que diziam apenas o seguinte:

CLOÉ ERIGIU ESTES SEPULCHROS

Desde então, esta cortezã foi cognominada em Roma *a mulher que chora sete maridos.*

Temos de confessar desde já que Marcial nem sempre foi imparcial nos seus epigrammas. As injurias, por exemplo, que dirigiu á cortezã Thais procederam unicamente de um resentimento pessoal. Umas vezes, accusa Thais de de se entregar descaradamente a todos os homens (liv. IV, epigr. 12,) outras, verbera os desdens d'esta *preciosa,* que não quiz satisfazer aos seus desejos, dizendo que o poeta era demasiado velho para ella (liv. IV, epigr. 50.) Thais não quiz talvez prestar-se á ignominiosa prova de virilidade que elle lhe offe-

recia, e por isso o poeta vinga-se d'ella fazendo o retrato mais desfavoravel que se póde fazer de uma mulher:

«Thais, diz o poeta, cheira peior do que o velho barril de um picoeiro avarento, que se parte no meio da rua; peior do que um bode ao acabar de cobrir a sua femea; peior do que as fauces de um leão; peior do que a pelle de um cão abandonado nas margens do Tibre; peior do que um feto putrefacto; peior do que uma canastra infecta de peixe corrupto. Para neutralisar este fetido insupportavel, a prostituta, cada vez que se despoja das suas tunicas para se banhar, unge todo o corpo com pomada (*psilothrum*) ou com greda diluida n'um acido, ou esfrega-se tres ou quatro vezes com unguento de favas. Mas, quando julga haver-se livrado do seu fedor com mil artificios de toucador, Thais cheira sempre a Thais.»

E ainda esta pintura, apesar mesmo de toda a sua immundicie, é menos repugnante do que outra em que o poeta nos apresenta a cortezã Philenis, contra a qual, ao que parece, tinha maiores aggravos. De resto, Philenis não estava já em idade de inspirar um capricho, pois que o poeta lhe attribue a idade da sybilla de Cumas. Esta cortezã tinha um marido, ou antes um concubino chamado Diodoro, que parece ter ido para alguma expedição longinqua, e que volvendo a Roma, onde o esperavam as honras do triumpho, naufragara no mar da Grecia, conseguindo, porém, salvar-se a nado. Marcial attribue esta felicidade a um voto indecente de Philenis, que para obter dos deuses o regresso de Diodoro, promettera a Venus uma filha ingenua e candida como as sonhavam as castas Sabinas. (*Quam castæ quoque diligunt Sabinæ.*)

Philenis, uma especie de virago, que se jactava do seu aspecto decidido e varonil, tinha uma paixão desenfreiada pelos homens. «Nos seus transportes amorosos, diz Marcial, chega a devorar n'um dia onze raparigas, sem contar com os adolescentes, que esfalfa quasi ao mesmo tempo.» Com a tunica arregaçada e os braços esfregados com pó amarello, jogava a pella, e atirava as pesadas barras de chumbo, que só costumavam manejar os athletas. Philenis luctava tambem com elles, e toda cheia de lodo recebia igualmente como os seus contendores as chicotadas do director da esforçada *palestra*. Nunca ceiava, nunca se sentava á meza antes de haver tragado sete medidas de vinho, julgando-se apta para tragar outras tantas, depois de haver comido dezeseis pães ictyphallicos. Em seguida abandonava-se ás mais sordidas sensualidades, com o pretexto de fazer de homem até ao fim (*Non fellat: Putat hoc parum virile; sed plane medias vorat puellas.*)

A abominavel gladiadora era tambem maga e medianeira. Tinha uma voz de Stentor. Ella só fazia mais bulha do que mil escravos postos á venda e do que um bando de grous nas margens do Strimon.

«Respiremos! exclamou Marcial, quando a morte arrebatou a impudica aos seus exercicios gymnasticos, aos seus sortilegios, e aos outros infames officios. Que lingua foi agora reduzida ao silencio! Que a terra te seja leve, diz o epitaphio que o poeta lhe dedica, que uma ligeira camada de areia te cubra para que os cães te possam desenterrar!»

Philenis havia talvez prejudicado Marcial nos seus amores, visto que em presença do retrato que d'ella faz não é de presumir que n'algum tempo a tivesse olhado com melhores olhos.

O poeta é tambem implacavel para com outra cortezã, chamada Galla, embora deixe transparecer nos seus insultos o maior despeito. Depois de a injuriar violentamente, depois de haver escarnecido da sua decrepitude, o poeta faz-nos uma revelação, que bem prova a injustiça com que a trata. Refere que n'outro tempo esta cortezã pedia 20:000 sestercios por uma noite. 20:000 sestercios equivaliam a 3:600$000 réis da nossa moeda. E não era demasiado, como o proprio poeta chega a confessar. Ao cabo de um anno, já não pedia

mais de 10:000 sestercios: «E' mais extraordinario ainda do que da primeira vez,» disse Marcial, que não acceita o contracto.

Seis mezes depois, a cortezã baixou o preço a 2:000 sestercios. Marcial apenas offerece mil. Pouco tempo depois offerece-se por quatro peças de ouro: Marcial recusa; Galla mostra-se generosa e desce ainda o preço a cem sestercios. Marcial, cujo capricho já de ha muito havia desapparecido, julga a quantia ainda exhorbitante. Galla volta-lhe as costas.

Passados dias encontram-se. Marcial mostra-lhe uma esportula ou o equivalente a 4$000 réis. Galla quer acceitar esta quantia em troca do que ainda ha pouco avaliava em 20:000 sestercios. O poeta responde-lhe seccamente que aquella esportula é para um dos seus mancebos, e vae-se embora. Galla nem ainda assim lhe conserva rancor e, de outra vez que o encontra, offerece-se-lhe gratuitamente:

«Já é tarde!» responde-lhe o caprichoso poeta.

Devemos acreditar cegamente n'este epigramma, e admittir que a cortezã Galla chegâra a ser tão desprezivel e tão differente de si mesma em tão pouco tempo? Marcial diz-nos que ella sustentára pouco depois seis ou sete eunuchos, que a seduziram com os seus bem penteados e perfumados cabellos, mas que illudiram bem depressa as suas amorosas esperanças:

Deinde experta latus, madidaque simillima loro
Inguina, nec lassa stare coacta manu,
Deserit imbelles thalamos, mollemque maritum.

O poeta aconselha-lhe que procure indemnisar-se, fazendo a sua escolha entre os rusticos, fortes e espadaudos, mas ao mesmo tempo adverte-lhe que não se fie nas apparencias, porque ha tambem entre elles eunuchos. «E' difficil, Galla, casar com um verdadeiro homem,» diz-lhe elle com zombaria. Depois desculpa os impotentes e effeminados, quando se encontram no toucador de Galla e assistem aos adornos e preparos da cortezã. «Emquanto estás em casa, o teu cabello está ausente n'uma tenda do bairro de Suburra. Durante a noite, tiras os dentes e os adornos e deitas-te ensopada em unguentos. Nem a a tua cara dorme comtigo: *Nec facies tua tecum dormiat.*»

Galla tinha um grande pesar de se ter feito surda ás propostas de Marcial, e procurava a cada passo uma occasião de se reconciliar com elle. Offerecia-lhe prendas, fazia-lhe mil affagos, mas o rancoroso poeta era surdo a tudo isto. *Mentula surda est,* dizia elle em tom chocarreiro, não sentindo já as antigas disposições em presença d'aquella cara enrugada, d'aquellas fórmas engelhadas, d'aquelle cabello branco, mais proprio para inspirar respeito do que amor: *Cani reverentia cunni.*

O poeta compraz-se em morder nas velhas namoradas, e não tem consideração alguma por quem a não teve para com elle. Assim, depois de haver apresentado aos seus leitores com o maior cynismo Philis, que em vão se esforça por satisfazer a dois amantes a um tempo (liv. x, epigram. 81,) diz-nos que a mesma Philis lhe dá os nomes mais ternos, os beijos mais apaixonados e as caricias mais ardentes, sem conseguir dissipar-lhe a sua frieza (liv. xi, epigram. 29.) E' com ironia, por certo, que lhe indica o meio mais seguro de tirar partido de um joven, por mais velha que seja: «Olha, tens cem mil sestercios em terras sitas nas faldas do monte Setia, em vinhos, em casas, em escravos, em baixellas de ouro e em moveis.»

Philis era, ao que se vê, riquissima, se o poeta não empregou aqui uma hyperbole burlesca para exprimir as loucas promessas que as velhas faziam aos seus amantes no meio da vertigem das suas torpes paixões. Seja como fôr, Philis, ou outra do mesmo nome, reapparece n'outro epigramma do mesmo li-

vro, e Marcial não a ultraja d'esta vez, mas parece dirigir-lhe supplicas, queixando-se das suas mentiras e da sua rapacidade.

«Umas vezes é a tua astuta confidente que vem chorar a perda do teu annel ou dos teus brincos; outras, vem fallar em sedas de contrabando que podem comprar-se baratas. Pretextos não lhe faltam: perfumes de que é mister encher-lhe o toucado, uma amphora de velho phalerno para fazer expiar as suas insomnias a uma charlatã, ou então um peixe de duas libras de peso para regalar a opulenta amiga que convidas para ceiar. Por pudor, oh Philis! diz a verdade e sê justa ao mesmo tempo! Eu não te recuso nada. Nada me recuses tambem a mim.»

Como foi que esta mesma cortezã, que ainda ha pouco tinha a mão gelada, se transformou tão repentinamente n'uma bella que se deseja e pretende contentar-se a todo o custo? A metamorphose continua e Marcial chega ao cumulo dos seus desejos.

«A bella Philis, durante uma noite inteira, prestou-se a todas as minhas exigencias (*se præstitisset omnibus modis largam*) e eu de manhã pensava no presente que devia fazer-lhe, se uma libra de perfumes de Cosmo ou de Niceros, se uma carga de lã de Hespanha, se dez peças de ouro com a effigie de Cesar. Philis salta-me ao pescoço, acaricia-me, beija-me tão demoramente como os pombos nos seus amores, e acaba por me pedir uma amphora de vinho.»

Passaria Philis por uma nova transformação em desvantagem da sua belleza, e Martial reconhecia que procedera com leviandade retratando todo o mal que d'ella havia dito antes de a possuir? Tudo se explicaria melhor, se este nome de Philis designasse duas ou tres cortezãs differentes, que Marcial tratasse de differentes modos tambem, começando pelo desdem, passando pelo amor, e acabando pela indifferença.

As outras cortezãs que figuram nos doze livros de epigrammas de Marcial apenas são por elle nomeadas duas vezes cada uma, e algumas uma vez só. Em todo o caso não poderemos affirmar que produzisse uma impressão menos viva e duradoura no animo inconstante e phantastico do poeta. Não devemos tomar á lettra as durezas que lhes dirige, e que muitas vezes não passavam de ameaças de guerra para mais depressa poder firmar tratados de paz. Assim, quando falla de Lydia (liv. XI, epigram. 21) descreve-a como uma mulher incapaz de inspirar amor e de dar prazer: (*Lydia tam laxa est, equitis quam culus aheni.*) A sua imaginação libertina vae a este proposito até aos mais monstruosos desvarios. Comtudo estes exaggeros eram apenas um modo de entrar em materia, modo um tanto brutal, seja dito de passagem. O poeta muda de opinião, quando vê Lydia de perto, reconhecendo-lhe certas qualidades apreciaveis. Em todo o caso a guerra continúa para que não se diga que depoz as armas antes de tempo.

«Não mente, Lydia, quem affirmar que tens uma bella tez, se não uma physionomia bella. E' a pura verdade, sobre tudo se permaneces immovel e muda como uma figura de cera, ou como uma pintura. Mas, assim que fallas, perdes esse bello predicado, e póde dizer-se que a lingua a ninguem prejudica tanto como a ti.»

Eis uma maneira habil de fazer perceber a Lydia que elle não desejava mais do que ensinal-a a fallar, e que até mesmo fallaria por ella em caso de necessidade. Marcial tinha feito a sua profissão de fé a respeito das suas affeições amorosas:

«Prefiro uma joven de condição livre, mas na falta d'esta contentar-me-hei com uma liberta. Uma escrava seria peior; em todo o caso preferil-a-hia sem hesitar ás outras duas, se pela sua belleza valesse para mim tanto como uma joven de condição livre.»

Vê-se que Marcial não era difficil a respeito da questão da origem das suas amantes, e que estas não tinham de justificar para com elle o seu nascimento, por estar despido da preoccupação dos romanos de puro sangue, que consideravam uma deshonra o commercio de um homem livre com uma escrava. Não se apresenta como defensor das cortezãs, que eram frequentes vezes escravas exploradas ou vendidas por um senhor tyrannico e avarento, mas concede-lhes uma grande indulgencia.

Paulo, cavalleiro romano, pede-lhe um dia que faça contra Lycisca versos que a envergonhem e irritem. O poeta recusa prestar-se a uma covarde vingança e volta a acerada ponta do seu epigramma contra o mesmo Paulo. Talvez esta Lycisca fosse a mesma, cujo nome adoptava Messalina para se fazer admittir no lupanar onde se prostituia com a gentalha de Roma. Na época em que Paulo estava tão irritado contra ella, Lycisca tinha descido á escoria das *fellatrices,* que se recrutavam entre as cortezãs fóra de moda ou de serviço.

Estas immundas e asquerosas prostitutas eram tão numerosas em Roma no tempo de Marcial, que se encontram a cada passo nos seus epigrammas, onde se atropellam com homens miseraveis e creanças prevertidas, que exercem o mesmo officio. O poeta tem ás vezes velleidades de reprovar estes criminosos excessos, em todo o caso nunca manifesta a este respeito uma indignação resoluta e franca, que teria sido um anachronismo nos costumes romanos. Contra quem chovem os raios da sua ira é apenas contra as prostitutas já velhas, que continuavam em scena, offendendo os olhares da mocidade voluptuosa.

«Fabulla, tu não tens por amigas senão mulheres velhas ou feias, e quasi sempre mais feias ainda do que velhas. E' com ellas que vaes aos festins, é com ellas que passeias debaixo dos porticos, e que vaes aos espectaculos e a toda a parte. Só assim é que poderás, oh Fabulla! parecer joven e bella!»

Entre os romanos, uma mulher aos trinta annos não podia dizer-se joven; era velha aos trinta e cinco e decrepita aos quarenta. Marcial manifesta a cada passo a sua aversão ás mulheres que haviam passado da idade dos prazeres e das aventuras; o poeta chega mesmo a ser feroz e implacavel para com ellas, persegue-as com amargos e duros sarcasmos, e só lhes aconselha o recurso de sahirem do mundo, onde não servem senão de espantalhos. Silla quer casar com elle a todo o custo e possue um milhão de sestercios, mas é velha, pelo menos aos olhos de Marcial, que pretende submettel-a ás seguintes condições: Dormirão em leitos separados desde a primeira noite, inclusivè; elle poderá ter os mancebos e as concubinas que quizer, sem que ella lhe faça a menor observação; poderá abraçal-os na sua presença, sem que a esposa rival tenha nada que dizer; quando estiverem á mesa, sentar-se-hão a tal distancia um do outro, que nem os vestidos possam tocar-se; permittir-lhe-ha um ou outro beijo á sobremeza, mas os d'ella serão unicamente maternaes, dados na fronte e nunca proximo dos labios. Se Silla está por tudo isto, Marcial consente em casar com ella e com os seus sestercios.

Esta aversão ás velhas era uma monomania em Marcial. O poeta persegue-as e afflige-as sem cessar. O seu desejo era estar sempre rodeado de rostos frescos e juvenis, e só a ideia de uma velha amante lhe tira completamente a faculdade de amar. Quando faz o epitaphio de uma velha, que vae reunir-se com o seu amante no sepulchro, representa-a convidando o morto a dar-lhe as boas-vindas (*hoc tandem sita prurit in sepulchro calvo Plotia cum Melanthone.*) No emtanto, apesar do seu horror a tudo o que não é joven, parece comprazer-se singularmente em pintar a velhice com as côres mais repugnantes. Na sua paleta ha sempre côres novas para estes retratos de velhas, á similhança d'aquelles que teem medo dos espectros, e que fallam sem cessar n'elles, como para se acostumarem a esta ideia. Nenhum poeta soube jámais fazer como elle

retratos de velhas tão originaes, tão ridiculos, tão hediondos; n'esta especialidade chega a levar grande vantagem ao proprio Horacio. A obra prima de Marcial n'este genero é o seguinte epigramma, cuja energia, bem a pesar nosso, desapparece na traducção:

«Vetustilia, tu, apesar de teres vivido sob tresentos consules e de não te restarem mais de quatro cabellos e tres dentes; apesar de teres um peito de cigarra, uma perna de formiga, uma testa mais enrugada do que as pregas da tua estola; apesar do caimão do Nilo ter as fauces estreitas em comparação das tuas queixadas; apesar das rãs de Ravenna terem uma voz mais agradavel do que a tua; apesar do moscardo do Adriatico zumbir com mais doçura; apesar de veres tanto como as corujas vêem de manhã; apesar de seres tão fetida como os machos das cabras, ou os cabrões; apesar do banheiro te receber entre as prostitutas do cemiterio; apesar do mez de agosto ser para ti janeiro e nem uma febre perniciosa poder degelar-te o sangue... Oh Vetustilia! apesar de tudo isto, e de teres passado duzentas vezes pelos transes da viuvez, pensas ainda em casar e procuras marido que se inflamme sobre as tuas cinzas! Não será isto o mesmo que tentar lavrar um rochedo? Quem poderá chamar-te jámais companheira ou esposa, a ti a quem Philomelo chamava nos seus tempos avó? Mas, se queres que se disseque o teu cadaver, que o cirurgião Coricles te prepare o leito. A elle só pertence fazer o teu epithalamio, e o ustuario dos mortos levará deante de ti as tochas da nova esposa (*intrare in ipsum sola fax potest cunnum.*)»

De resto, Marcial pouco se importava tambem de usar de galanterias com as cortezãs, inspirando-se apenas para lhes dirigir palavras causticas. Gallia, que provavelmente não tinha no corpo um odor muito agradavel, na opinião do poeta, é similhante á botica de Cosmo, cujos vasos se quebraram derramando-se as essencias. «Não sabes tu, diz-lhe Marcial, que por esse preço até o meu cão poderia cheirar ao que tu cheiras? (liv. III, epigram. 55.) Saupheya consente em satisfazer-lhe os desejos, mas resiste tenazmente a banhar-se em sua companhia. Esta resistencia parece suspeita a Marcial que procura descobrir-lhe a causa e pergunta a Saupheya se terá os peitos molles, o ventre enrugado, etc.

Aut infinito lacerum patet inguem hiatu,
Aut aliquid cunni prominet ore tui.

Mas, depois de haver dado muitas voltas á imaginação, chega á conclusão de que Saupheya é uma presumpçosa, (*fatua*) e deixa-a.

Fallando de Marula, diz que esta cortezã não admitte os homens senão depois de se assegurar do que pesam.

A respeito de Telesila diz apenas, injuriando-a e fazendo o proprio elogio, que fez as suas provas amorosas, e que, não obstante, não está seguro de poder em quatro annos provar uma só vez a Telesila que é homem.

Poncia envia-lhe algumas peças de caça e uns bolos, dizendo-lhe que tira os boccados da bocca para lh'os dar a elle. «Esses boccados, diz o cruel Marcial, recordando a Poncia que lhe cheira mal a bocca, esses bocados não os daria eu a ninguem, mas tambem não os comeria.»

Lecania faz-se servir no banho por um escravo, cujo sexo está decentemente coberto por um cinto de couro preto, e não obstante, novos e velhos completamente nús se banham com ella. «Será por acaso o teu escravo, pergunta-lhe Marcial, o unico que seja verdadeiramente homem?»

Ligela arranca os cabellos do seu velho pubis para não mostrar o alvejar das cãs que lhe denuncia a antiguidade. Ligela tem a idade da mãe de Heitor, e crê-se ainda na idade dos amores: «Se te resta algum pudor, dizia-lhe Marcial, não estejas a arrancar as jubas a um leão morto!»

Liris embriaga-se e é uma *fellatrix* abominavel. Fescennia bebe muito mais do que Liris, mas come pastilhas de Cosmo para neutralisar os envenenados vapores do seu estomago.

Sennia contava que, passando uma noite por um caminho deserto, fôra surprehendida por uns ladrões, que não se contentaram de a roubar. «Tu o dizes, Sennia, objectou Marcial, mas os ladrões negam.»

Galla, á força de annos e de amantes, veio a ser rica e sabia. Marcial reconhece-o sem grande violencia, mas foge d'ella por não saber fallar de amor como ella falla. E o epigramma termina por este verso engraçado apesar da sua obscenidade:

Soepè solecismum mentula nostra facit.

Finalmente Egle, que gosta dos novos e dos velhos e que dá aos primeiros o vigor dos segundos, ensinando a estes tudo quanto aquelles sabem, Egle vende os seus beijos e dá gratuitamente o resto. «Aquelle que pretende que tu dês gratuitamente os teus favores, dizia-lhe Marcial, é o mais perfido dos homens. Não dês nada gratis, excepto os beijos.»

A maior parte das cortezãs, apesar dos nomes que adoptavam, não eram gregas. Muitas d'ellas sahiam dos bairros de Roma, onde as proprias mães as tinham vendido á prostituição. Passára havia muito já o tempo das preoccupações e dos escrupulos da velha Roma, que n'outras éras não teria soffrido que seus filhos a deshonrassem, offerecendo-se assim em venda publicamente. As cortezãs gregas eram ainda procuradas e pagavam-se por mais elevado preço do que as outras; poucas se encontravam, porém, que fossem realmente oriundas da Grecia, e tanto menor era o numero d'ellas, quanto mais se faziam todas passar por gregas, ainda mesmo conservando o seu nome latino, afim de obterem mais elevado preço na venda. Umas não sabiam uma palavra do grego; outras não revelavam a pretendida origem na sua belleza pessoal. As que fallavam o grego, pelo haverem aprendido, careciam necessariamente de correcção, e as que usavam trajos gregos davam-lhes muitas vezes os mesmos nomes das modas romanas.

Uma d'estas presumpçosas filhas da Grecia, chamada Celia, julgou poder provar melhor a sua origem, evitando todo o trato com os romanos. Marcial dirigiu-lhe os seguintes versos:

«Entregas-te aos parthos, aos germanos e aos dacios, não desdenhas os da Cilicia, não te atreves a rejeitar os cappadocios. Acolhes o egypcio que vem da cidade de Ceres, e o indio que vem do mar Vermelho. Não foges do judeu circumciso, nem o alano passa pela tua porta no seu cavallo sarmata, sem se deter em tua casa. De que provém que tu, filha de Roma, não gostas dos romanos?»

Qua ratione facis, quum sis romana puella,
Quod romana tibi mentula nulla placet?

Esta mesma Celia, a quem chama Lelia n'outro epigramma, havia aprendido de cór algumas palavras gregas que repetia, sem tom nem som, com uma accentuação completamente romana.

«Ainda que não sejas de Epheso, nem de Rhodes, nem de Mytilene, accrescenta o implacavel poeta; ainda que tua mãe, que jámais se perfumou, descenda da raça dos negros etruscos e teu pae seja um rustico dos campos de Aricia; tu, compatriota de Hersilia e de Egeria, estragas a cada passo voluptuosas palavras gregas, que só se dizem no leito, e nem em todos os leitos se dizem. Tu quererias saber as palavras de uma casta matrona n'essas occasiões, mas serias mais deliciosa nos mysterios do prazer. Desgraçada! Pódes aprender

e reter na memoria Corintho em peso: está certa, porém, de que nunca chegarás a ser Lais.»

Revela-se um certo despeito n'estes epigrammas, e Marcial não póde encobrir que bem desejaria ser amado á grega por esta Lais romana. Quando o poeta não diz de uma cortezã que é velha, que cheira a vinho, que é uma harpia que devora os seus amantes, ou que não os tem, póde dizer-se com bastantes probabilidades que tem projectos a respeito d'ella e que está proximo a realisal-os. Ordinariamente, porém, não tem compaixão nem piedade com a amante que abandona. Por isso podemos considerar, como um rasgo de extrema delicadeza da sua parte, não diffamar nem deprimir Lycoris, quando a deixou por Glycere.

«Não havia mulher que podésse comparar-se comtigo, diz-lhe o poeta: — adeus. Não ha mulher que possa comparar-se com Glycere. Ella será tambem o que tu és agora; tu não pódes ser já o que ella é: — nova. O tempo traz estas fataes consequencias: amei-te muito; hoje não amo senão a ella.»

Não diz por emquanto mal de Lycoris, que era muito morena, e que para se tornar mais branca foi viver para Tibur, cujos ares vivos se tinham por efficazes para este resultado. Quando voltou do campo, já o poeta notava que não era menos morena, e d'ahi a pouco pareceu-lhe algum tanto vesga. Verdade seja que Lycoris havia substituido Marcial por um bello mocetão, tão esbelto e tão brilhante como o proprio pastor Páris.

Marcial parece não gostar muito de fallar das suas amantes, mas quando as louva, exalta-se e enthusiasma-se. Em presença de Chione e de Phlogis, pergunta qual das duas é mais digna de ser amada. Chione é mais bella que Phlogis, mas esta é ardente e apaixonada, como todos desejariam que fossem as suas amantes. Chione nada sente (*at Chione non sentit opus.*) «Oh deuses! exclama Marcial, se me é licito fazer-vos uma grande supplica, e se quereis conceder-me o mais precioso dos bens, fazei com que Phlogis tenha o bello corpo de Chione, e com que Chione tenha o ardor e a paixão de Phlogis!»

Os libertinos de Roma desejavam sempre novas delicias. O delirio da sua imaginação lubrica estava sempre em opposição com uma realidade, de que estavam cansados, ou que não os satisfazia já. A carreira aberta a estas phantasias especulativas da libertinagem rodeava-se de voluptuosos horisontes, para os quaes se dirigiam sem cessar os olhares de Marcial. Entre todas as suas amantes, era sempre a que não possuira ainda que lhe excitava mais ardentes desejos. Uma cortezã, mais delicada do que as suas congeneres, Polla, sente pelo poeta uma terna affeição, que, seja dito de passagem, elle não havia procurado inspirar-lhe. Polla não procura suffocar este sentimento, entrega-se a elle com toda a sua alma, e para que Marcial o conheça manda-lhe corôas de frescas rosas, que devem fallar por ella. Marcial recebe as corôas e não as colloca no seu leito, segundo o costume dos amantes.

«Polla, escreve o poeta a esta mulher, para que me mandas corôas tão frescas? Preferia que me enviasses rosas murchas, desfolhadas por ti (*a te malo vexatas tenere rosas.*)»

Em paga do gracioso convite de amor que aquellas flôres lhe levavam, Marcial responde a Polla com uma ideia grosseira, libertina e repugnante; teria querido saber pelas corôas murchas que Polla trouxesse dos festins o numero de assaltos, que n'essas orgias tivera que soffrer. Como se vê por este rasgo de grosseria, Marcial não sabia imitar essa delicadeza estremada, que caracterisava os poetas gregos, e de que apenas se encontram indecisos vestigios nos eroticos latinos do seculo de Augusto. Quando o poeta, n'um devaneio de sensualidade, pretende descrever a mulher que desejaria ter por amante, a sua imaginação, na liberdade do desejo, não a vae buscar ao meio das virgens puras ou das castas matronas:

«A que eu quero, diz elle com todo o desplante, é a mulher de amor facil e venal, que anda errante por toda a parte, coberta com a sua cogulla; a que eu quero é a que se entregou ao seu predilecto antes de se entregar a mim; a que eu quero é a que se vende a todo o mundo por dois obulos; a que eu quero é a que contenta tres ao mesmo tempo.»

Marcial chega a tornar-se grosseiro de sentimentos, atolando-se cada vez mais no lodaçal immundo da libertinagem imperial. Aquella sociedade corrompida e sordida de prostitutas vis e mancebos infames, que o rodeava, acabou por extinguir na consciencia do poeta o germen do senso moral, corrompendo-lhe e gastando-lhe o coração.

Não admira, portanto, que nem a sua propria mulher respeitasse, sua mulher Clodia Marcella, hespanhola como elle e companheira da sua sorte havia trinta e cinco annos. Pouco tempo antes de regressar com a casta esposa ao seu paiz natal, teve a coragem de lhe fazer esta abominavel profissão de fé, digna de um libertino consumado e incorregivel:

«Sujeita-te aos meus costumes, ou então afasta-te de mim, ó minha esposa! Eu não sou um Curio, nem um Numa, nem um Tacio. Gosto de passar alegremente as noites, esgotando taças de phalerno, emquanto que tu apressas-te a levantar-te da meza, depois de haveres bebido tristemente agua pura. Gosto de illuminar com uma lampada os meus prazeres, ou de conceder aos gosos de Venus a luz do dia, e tu procuras as trevas e o mysterio. Gosto da nudez, acho que a mulher que se deita a meu lado nunca está bastante nua, e tu envolves-te em véus e tunicas e mantos. Gosto dos beijos á maneira das rôlas, e os que tu me dás assimilham-se aos que recebes de tua avó todas as manhãs. Nunca te dignas secundar o meu ardor amoroso nem com palavras, nem com os dedos, nem com o menor movimento, como se estivesses apresentando o vinho e o incenso n'um sacrificio. Os escravos phrygios masturbavam-se detraz da porta, sempre que Andromacha estava nos braços de Heitor...»

Masturbantur Phrygii post ostia servi,
Hectoreo quoties sederat uxor equo.
Et quamvis Ithaco stertente, pudice solebat
Illic Penelope semper habere manum.
Pœdicare negas: dabat hoc Cornelia Graccho;
Julia Pompeio; Porcia, Brute, tibi,
Dulcia dardanio nondum miscente ministro
Pocula, Juno fuit pro Ganymede Jovi.

Marcial não se envergonha de invocar o exemplo d'estas infamias, que os illustres nomes que cita deviam absolver aos olhos de uma matrona. Sua mulher, porém, não trata de imitar Juno, nem Porcia, nem Cornelia. Então Marcial, indignado de encontrar tão pequena complacencia no leito conjugal, exclama com dureza: «Se te agrada ser uma Lucrecia todo o dia, eu de noite quero uma Lais.»

A Lucrecia não tardou, porém, a recobrar o seu imperio, cousa que uma mulher honesta não pede nunca aos sentidos. E' de suppôr que a salutar influencia de Marcella decidisse Marcial a voltar a Bilbilis. Marcella possuia alli bens patrimoniaes, de que fez doação a seu marido, conseguindo arrancal-o ao abysmo das depravações romanas, em que se afundava havia trinta e cinco annos.

Marcial purificou-se immediatamente apenas deixou de respirar aquella athmosphera infecta, saturada da respiração envenenada de homens e mulheres prostituidas, de corretores do vicio e da infamia, d'esse formigueiro de ricos e miseraveis de que se compunha a população da cidade imperial. Não queimou os seus livros de epigrammas, em que havia registrado, por assim

dizer, os actos da prostituição, sob a enlameada purpura de sete imperadores, mas accrescentou-lhes um epigramma expiatorio, em que implicitamente reconhecia ter vivido mal até então, e que a felicidade consistia na vida campestre, ao lado de uma esposa honesta.

«Este bosque, estas fontes, esta parreira, que me concede uma fresca sombra, este arroio de limpidas aguas, que regam a campina, os canteiros de rosas, não inferiores ás de Pestum, que florescem duas vezes no anno, estes legumes verdes em janeiro, e que jámais se cobrem de gelo, estas piscinas onde nada a enguia domestica, esta torre onde se abrigam as brancas pombas. . . Eis o presente de minha esposa, depois de uma ausencia de sete lustros. Marcella deu-me este dominio, um reino pequeno. Se Nausica me desse os jardins de seu pae, eu poderia dizer a Alcinoo: Prefiro os meus.»

Este singelo epigramma offerece um grato repouso ao espirito e ao coração, depois de todas as impurezas que Marcial parece haver accumulado com prazer na sua famosa collecção, onde é para admirar encontrar-se uma ideia nobre e virtuosa.

Só de longe em longe apparecem na obra de Marcial passagens como esta, em que o poeta descreve os vicios a que arrasta a prostituição:

«Dizes que és pobre de amigos, Lupo. Pois não o és com a tua amante. Só a tua *mentula* se não queixa de ti. A adultera engorda com peixes de Venus em flor de farinha, emquanto o teu conviva satisfaz o seu appetite com pão negro. O vinho de Setias, que inflammaria a propria neve, espuma na taça d'essa amante, e nós bebemos o turvo e envenenado licor de Corso. Tu compras uma noite ou parte d'ella com a herança de teus paes, e o teu companheiro da infancia ara solitariamente campos que não são seus. A tua prostituta brilha carregada de perolas de Erithrêa, e emquanto te embriagas de amor, levam o teu cliente para o carcere. Tu dás a essa mulher uma liteira com oito portadores syrios, e o teu amigo será lançado nu ao athaude. E tu, Cybele, castigas miseraveis eunuchos! A *mentula* de Lupo merecia muito mais cahir debaixo dos teus sagrados cutelos!. . .»

Não temos coragem para fazer fallar o poeta sobre o escandaloso assumpto da prostituição masculina, que segundo parece o preoccupou sempre mais do que a prostituição das mulheres. E' difficil ter-se uma ideia perfeita do estado de desmoralisação a que Roma antiga havia chegado, relativamente aos monstruosos extravios da libertinagem anti-physica. E' preciso lêr Marcial para se erguer uma ponta do veu d'aquelles repugnantes costumes, que chegaram quasi a desthronar o poderio do sexo feminino, fazendo dos mancebos ou effeminados um sexo novo, consagrado a vergonhosissimos prazeres. E' preciso lêr Marcial para se comprehender que n'essa época de corrupção, em que o poeta vivia, se considerava como cousa vulgar e naturalissima a promiscuidade dos sexos entre si.

Quando se vê n'esta collecção de epigrammas, quasi todos obscenos, o panegyrico do imperador Domiciano seguir ou preceder o elogio dos mancebos; quando se encontra na mesma pagina uma invocação á virtude, um voto a uma divindade e uma excitação á mais vergonhosa sodomia, adquire-se a convicção de que o senso moral estava completamente prevertido na sociedade romana. Entre os gregos, pelo menos, se não havia mais continencia nos actos, havia mais decencia, menos grosseria nas expressões. E' certo que não havia mais repugnancia para certos actos, reprehensiveis sob o duplo ponto de vista da dignidade humana e das leis naturaes, no emtanto, essa degradação sensual diminuia consideravelmente com o prestigio da abnegação, da amisade e da paixão ideal. Pelo contrario, nos romanos, em vez do refinamento do vicio, não se encontrava senão a mais grosseira materialidade. Os ouvidos não eram mais respeitados do que os olhos, e parecia que o coração havia perdido os seus ins-

tinctos de delicadeza, n'aquella especie de endurecimento moral, que lhe déra o habito do impudor, da obscenidade e dos actos mais torpes e vergonhosos.

Não procuraremos penetrar n'essas tenebrosas veredas da prostituição romana, que só nos offereceriam objectos repellentes e desconsoladores, em cuja presença a nossa imaginação teria de deter-se assombrada. Preferimos enviar os leitores para o proprio Marcial e para os satyricos do seu tempo, Juvenal e Petronio.

O primeiro não diz menos do que o poeta hespanhol, mas encerra o seu estylo n'uma concisão, que o torna as mais das vezes obscuro, e portanto mais reservado. Os commentadores apenas lograram dar alguma luz ás discretas trevas do poeta, enchendo algumas das suas reticencias. Assim póde o espirito devassar uma parte dos mysterios da obra do poeta e contemplar com assombro as torpezas d'aquelle inferno dos Cesares. O segundo, sob a fórma de uma novella comica, fez uma pintura dos excessos do seu tempo. Esta obra é um extenso hymno, em honra de Giton, seu monstruoso heroe.

No emtanto, Petronio era um voluptuoso dos mais habeis e refinados. Tacito denomina-o o *arbitro do bom gosto e dos prazeres* (*Arbiter,*) sobre-nome que lhe ficou, sem implicar a approvação dos seus costumes, que só a côrte de Nero podia justificar. Petronio não se jactava tambem, como Juvenal, de ser um sabio incorruptivel; não apontava com o dedo as infamias do seu tempo para afastar d'ellas os que não as haviam conhecido ainda; não se indignava nem muito nem pouco á vista dos escandalos, que cada qual ostentava com o maior cynismo. Muito ao contrario de tudo isto, divertia-se com este espectaculo, era o primeiro a rir-se d'elle, e parece que sentia não poder dizer mais do que dizia. O seu livro é um quadro horroroso da licença de Roma, e quando pensamos que só chegou ao nosso tempo a decima parte d'essa collecção de obscenas aventuras, é facil de suppôr que se perderam os episodios mais repugnantes, as descripções mais infames, as immundicies mais caracteristicas, visto que a obra de Petronio foi mutilada pela censura christã, que não conseguiu aniquilal-a completamente.

No emtanto, ficaram consignadas impurezas de todos os generos, nos fragmentos que foram conservados, para podermos por elles julgar a obra que fazia as delicias da juventude romana, o auctor que a escreveu sob a inspiração das suas recordações ou ao reflexo das suas impressões pessoaes, e finalmente a época que produzia taes auctores e taes livros permittia. Ha muitas passagens no *Satyricon,* que parecem haver sido escriptas no lupanar: o estro, o estylo, a febre do escriptor accusam ainda a excitação, que havia procurado nos braços do amor, antes de pegar na penna.

Não recordaremos as principaes scenas d'esse drama erotico, nem a orgia de Quartilla, nem a de Trymalcion, nem a de Circe, porque n'essa extranha acção a orgia succede á orgia com um furor terrivel, e os personagens movem-se constantemente n'uma athmosphera de luxuria. Alcite e Giton, a quem Petronio representa com as côres mais agradaveis, são, no emtanto, dois typos de baixesa e de preversão. Um, segundo a propria expressão do auctor, é um adolescente manchado com todas as torpezas, liberto pela prostituição, e por ella elevado á cathegoria de cidadão (*stupro liber, stupro ingenuus,*) que se alugava por mulher aos mesmos que o julgavam homem; o outro, o execravel Giton, tomou a tunica feminina desde a mais tenra idade, e imaginando que não devia ser do seu sexo, fazia officio de mulher n'um ergastulo de escravos.

Em presença de similhantes retratos, bem póde presumir-se o que seria a obra de Petronio, se houvesse chegado completa aos nossos dias. Assim, o matrimonio de Pannychis, menina de sete annos, com Giton, devia offerecer pormenores extraordinarios, bem proprios para tirar o somno a algum rhetorico, Padre da Egreja, cuja casta mão os fez desapparecer, sem perdoar á ori-

ginalidade e riqueza da narrativa. Póde avaliar-se o que falta n'esta passagem pela prodigiosa scena que tem logar no templo de Priapo, quando o heroe da acção, tendo tido a imprudencia de matar os gansos sagrados, que o inquietavam, se vê á mercê da sacerdotisa do deus Enotheu e da sua companheira Proselenes. Só o latim tem o privilegio incontestavel de pôr em relevo similhantes horrores, que não poderiam reproduzir-se sem repugnancia em nenhuma outra lingua.

Eis as singulares e obscenas reprezalias, que as duas velhas tiram do pobre matador de gansos:

Profert Ænothea scortum fascinum, quod ut oleo et minuto pipere, atque urtice trito circumdedit semine, paulatim cœpit inserere ano meo. Hoc crudelissima anus spargit subinde humore fœmina mea. Masturisi succum cum abrotono miscet, perfusisque inguinibus meis, virides urticæ facem comprehendit, omniaque infra umbilicum cœpit lenta manu.

Talvez seja esta a unica passagem de um auctor antigo, em que se trata, debaixo do ponto de vista erotico, da flagellação com urtigas verdes. Não acertamos com a razão por que os monges dos primeiros seculos, que haviam declarado guerra implacavel ás obras profanas, deixaram na obra de Petronio esta espantosa passagem.

Quasi todas as phases da prostituição antiga se encontram no *Satyricon,* onde só se vêem prostitutas, mancebos, corretores do amor e tudo quanto ha de mais impuro no trafico da mulher e do homem. Entre as medianeiras da sensualidade figura uma matrona das mais respeitadas, Philomena, que, graças ás complacencias da sua juventude, havia esfalfado mais de um amante e que, depois da idade lhe haver murchado a belleza, entregava seu filho e sua filha aos velhos sem posteridade, e sustentava para os seus successores a honra do seu primeiro officio. Philomena mandou os seus dois filhos a casa de Eumolpe, grave personagem, cheio de ardor e de caprichos, que seria capaz de attentar contra o pudor de uma vestal, e que não hesitou em revelar á menina osmysterios de Venus Callypigia.

Depois, o narrador, que por fortuna falla em latim, entra em pormenores, que não ousamos traduzir, nem mesmo sob o veu de um estylo pudico e decente. Eumolpe havia dito a toda a gente que era gottoso e que padecia dos rins:

Itaque ut constaret mendacio fides, puellam quidem exoravit, ut sederet supra commendatam banitatem. Coraci autem imperavit, ut lectum in quo ipse jacebat, subiret, positisque in pavimento manibus, dominum lumbis suis commoveret. Ille lento parebat imperio, puellæque artificium pari motu remunerabat.

Tal é de certo modo o quadro final do drama. As tiradas de versos, que se colligiram depois, e que, segundo parece, faziam parte do texto em prosa supprimido ou perdido, são poemetos dirigidos provavelmente a cortezãs, que se tornam mais notaveis por elogios, do que por epigrammas á maneira de Marcial. Petronio era demasiado amigo das cousas doces e agradaveis, para envenenar o seu espirito contra aquellas mulheres a cujo lado só procurava prazeres. Sertoria é a unica por elle tratada menos favoravelmente, e talvez com boa intenção, para a corrigir do seu vicio ou mania de usar de pinturas sem necessidade. «E' perder ao mesmo tempo, diz elle, a belleza e a pintura.» Quando Marcia lhe envia do campo castanhas e laranjas, escreve-lhe que para a outra vez leve ella propria o presente, ou que lhe envie ao mesmo tempo muitos beijos. «Comerei tudo, fructa e beijos,» diz elle á sua amavel camponeza. Ha outra ainda, que não nomeia e que tem uma rosa ao peito. «Essa rosa, diz-lhe elle com galanteria, tira do teu seio o perfume da ambrosia, e por isso cheira verdadeiramente a rosa.»

Uma noite acorda, sob a impressão de um sonho encantador. Ouviu a voz de Delia, que lhe fallava com meiguice, pousando-lhe um beijo na fronte. Chama por ella, procura-a estendendo as mãos em todas as direcções, mas não encontra em torno de si senão obscuridade e silencio. «Ah! exclama elle, era um écco do meu coração e dos meus ouvidos!»

A Delia succede Arethusa, a ardente Arethusa, de cabellos de ouro, que penetra com passos discretos no aposento do amante e que vae deitar-se anhelante a seu lado. Não quer dormir a travessa rapariga. Entretem-se a imitar as posições e descobertas voluptuosas, que estudou no famoso codigo do prazer e nos desenhos que o acompanham (*dulces imitat tabellas.*)

«Não te envergonhes de nada, diz-lhe Petronio para a animar; sê mais libertina do que eu. (*Nec pudeat quidquam, sed me quoque nequior ipsa.*)»

Basilisa não lhe offerecia tanto, por isso que não concedia os seus favores, senão avisando-a com antecipação (*et nisi præmonuit, te dare posse negas.*) Petronio pretende fazer-lhe comprehender as delicias do imprevisto. «Os prazeres nascidos do acaso, diz-lhe elle, valem mais do que os que se premeditam e previnem por meio de cartas.» Para vingar-se talvez das calculadas resistencias de Basilisa, censura-a de usar muito carmim na cara e muita pomada no cabello. «Quem sem cessar se arrebica, é porque não confia no amor.»

Petronio, rico e generoso, bello e elegante, ancioso de gosos e infatigavel, multiplicava os seus amores, mudando todos os dias de amantes. O abuso dos prazeres e a libertinagem em que vivia tel-o-hiam consumido bem depressa, se a colera de Nero não o houvesse obrigado a abrir as veias para escapar ao terror do supplicio que o ameaçava. O poeta houvera preferido uma morte mais lenta e voluptuosa, por isso que costumava repetir este axioma: «Os banhos, o vinho e o amor destroem a saude do corpo, mas o que faz a felicidade da vida são os banhos, o vinho e o amor:»

Balnea, vina, Venus corrumpunt corpora sana;
Et vitam faciunt balnea, vina, Venus.

CAPITULO XXVIII

SUMMARIO

Os imperadores romanos.—Influencia dos seus costumes depravados—Rigor das leis relativas á moralidade publica antes do advento dos imperadores.—O edil Q. Fabio Gurges.—Os edis Vilio, Rapulo e M. Fundanio.—O consul Posthumio.—O cavalleiro Ebucio e sua mulher, a cortezã Hispala Fecennia.—Julio Cesar.—Costumes depravados do grande homem.—Mulheres distinctas que seduziu.—As favoritas Eunoe e Cleopatra.—Infames adulterios de Cesar.—Cesar e Nicomedes, rei da Bythinia.—Canção dos soldados romanos contra Cesar, por elles denominado: *Mechus calvus.*—Octavio.—Sua impudicicia.—Episodio singular dos amores tyrannicos de Augusto.—Sua aversão ao adulterio.—Incesto com sua filha Julia.—Predilecção do imperador pelas donzellas.—Paixão desenfreada pelo jogo.—As mulheres do imperador, Claudia, Scribonia e Livia Drusila.—O festim das doze divindades.—Apollo Verdugo.—O imperador Tiberio.—Sua propensão para a embriaguez.—Severidade das suas leis contra o adulterio.—Estranhas contradições entre a vida publica e a vida particular d'este imperador.—Tiberio Caprinco.—Vida abominavel d'este monstro no seu antro da ilha de Caprea.—O quadro de Parrhasio.—Retrato de Tiberio—O imperador Caligula.—Infames amores do imperador com Marco Lepido e o comico Mnester—Paixão do imperador pela cortezã Pyralis.—Sua conducta com as mulheres de distincção.—Abertura de um lupanar no palacio imperial.—O perfeito dos prazeres.—O imperador Claudio.—Costumes infames das suas mulheres Urgulina e Messalina.—O imperador Nero.—Sua juventude.—Ceias publicas de Nero no campo de Marte e no Grande Circo.—As hospedaria do golfo de Bayas.—Petronio, arbitro dos prazeres.—Abominaveis torpezas de Nero.—Casamento do imperador com Esporo.—Paixão incestuosa por sua mãe Agrippina.—As metamorphoses dos deuses.—Acté, concubina de Nero.—O imperador Galba.—Costumes infames de Galba.—O imperador Othon.—Corrupção dos seus costumes.—Vitellio, loucuras e desordens d'este imperador.—Sua paixão pelo liberto Asiatico.—Sua espantosa voracidade.—Vespasiano.—Seus costumes.—Cenis, sua favorita.—O imperador Tito.—Sua juventude licenciosa.—Seu reinado exemplar.—Domicia e Páris.—O imperador Domiciano.—Suas devassidões.—Nerva, Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurelio.



Aos imperadores, á funesta influencia dos seus costumes depravados, ao seu mau exemplo e instigações, deve attribuir-se o espantoso progresso da corrupção da sociedade romana, corrupção que veio emfim a desorganisal-a, preparando o triumpho obtido pela moral christã. Esta moral sã e pura tinha tido já alguns precursores na philosophia do paganismo, mas os seus conselhos careciam de força e de alcance, porque não emanavam da auctoridade religiosa, porque não procediam do dogma, porque eram estranhos ao culto. A religião dos deuses falsos parecia desmentir constantemente as doutrinas philosophicas, que tendiam a tornar o homem melhor, ensinando-o a deixar-se dirigir pela propria estima e a merecer tambem a estima alheia. Esta religião toda material e sensual não podia satisfazer os espiritos elevados e os nobres corações, que o Evangelho ia encontrar dispostos a comprehendel-o. Era, porém, mister alguns seculos de trabalho perseverante e mysterioso nas almas, para as apropriar de certo modo á nova fé e á moral austera do christianismo. Todos os ex-

cessos do luxo, todas as desordens das paixões, todos os refinamentos do prazer, foram o resultado de uma excessiva civilisação, que não tinha um freio religioso, e que não aspirava a outro fim senão á satisfação do mais brutal egoismo, e nunca se levou mais longe esse egoismo brutal, do que na época dos Cesares, que foram, por assim dizer, a sua monstruosa personificação.

«O vicio chegou ao seu cumulo,» dizia tristemente Juvenal, espantado das infamias, que denunciava nas suas satyras. Em vinte passagens da sua collecção este incorruptivel estoico maldiz as torpezas do seu tempo e recorda com saudade as austeras virtudes dos romanos da republica.

«Eis a extrema decadencia a que chegamos, diz elle amargamente. E' verdade que levamos as nossas victorias aos confins da Hibernia. Submettemos recentemente as Orcadas e a Bretanha, onde as noites são tão curtas. Mas o que faz o povo vencedor na cidade eterna, não o fazem os vencidos.»

Effectivamente, a historia de Roma antes da depravação imperial está cheia de factos que provam, senão a pureza dos costumes, pelo menos o rigor das leis relativas á immoralidade publica. No anno 457 da fundação de Roma, Quinto Fabio Gurges, filho do consul, assignalou o seu cargo de edil accusando ante o tribunal do povo certas matronas que se entregavam á libertinagem (*matronas stupri damnatas,*) e fel-as condemnar a uma multa enorme, que foi destinada á erecção de um templo de Venus, proximo do Grande Circo. Em 539, os edis populares Vilio Rapulo e M. Fundanio fizeram uma accusação similhante contra matronas culpadas de iguaes desordens, e tiveram forças para as fazer sahir de Roma desterradas. Em 568, o consul Posthumo, advertido das espantosas obscenidades que tinham logar na celebração das Bacchanaes, tomou energicas medidas para extirpar o mal pela raiz e para aniquillar a seita impudica, que se propagava nas sombras, sob o vão pretexto dos mysterios de Baccho.

Um cavalleiro romano, chamado Eubucio, foi queixar-se ao consul de que haviam levado á força sua mulher ás Bacchanaes. A esposa de Eubucio não era, todavia, senão uma cortezã chamada Hispalia Fecennia. Escrava na sua juventude, continuava como então, apesar de emancipada, o seu officio de cortezã, acima do qual a collocava a elevação dos seus sentimentos. Contrahira com Eubucio um enlace, que não prejudicava a reputação do joven cavalleiro, ainda que vivesse á custa da liberta (*meretriculæ munificentia continebatur.*) Hispala vivia no monte Aventino, onde era bem conhecida (*non ignotam viciniæ.*) O consul pediu a sua sogra Sulpicia que mandasse chamar aquella cortezã, que não se admirou pouco de ser introduzida em casa de uma matrona respeitavel.

Posthumo interrogou-a em presença de Sulpicia, e teve a revelação completa de todos os horrores que se praticavam nas assembleias nocturnas das Bacchanaes. No dia seguinte, foi ao senado e pediu que lhe fossem concedidos os meios de exterminar uma seita infame, que contava já sete mil adeptos em Roma e nas sua immediações. O senado participou da indignação de Posthumo e estabeleceu penas terriveis contra os abominaveis auctores das Bacchanaes.

Quanto a Eubucio e á sua companheira, ambos foram generosamente recompensados. O senado declarou que a bella Hispala, apesar da sua origem e da sua profissão, podia casar com um homem de condição livre, sem que este casamento compromettesse em cousa alguma, nem a fortuna, nem a reputação de seu marido. Hispala casou então com Eubucio, entrando na cathegoria das matronas, sob a salvaguarda dos consules e dos pretores, que deviam defendel-a e preserval-a de qualquer insulto. As Bacchanaes, proscriptas por decreto do senado, não ousaram reapparecer em Roma senão no tempo dos imperadores.

Os costumes publicos preverteram-se em todo o imperio romano, desde o momento em que o chefe do estado cessou de os respeitar e deu o signal e o

exemplo dos vicios, que tinha por dever reprimir. Julio Cesar, o grande homem, cujo genio tanto elevou o poder de Roma nas armas, na politica e na legislação, foi o primeiro a offerecer aos romanos o espectaculo corruptor das suas devassidões. Dir-se-hia que queria d'este modo provar que o seu ascendente Eneas lhe havia transmittido alguma porção do sangue de Venus. Todos os historiadores, Suetonio, Plutarcho, Dion Cassio são unanimes em reconhecer que era muito dado aos prazeres do amor, e que não poupava despezas para os satisfazer (*pronum sumptuosum in libidine fuisse,* diz Suetonio.)

Julio Cesar seduziu grande numero de mulheres distinctas. Entre outras, Posthumia, mulher de Servio Sulpicio, Lolia, mulher de Aulo Gabinio, Tertulla, mulher de Marco Crasso, Marcia, mulher de Ennio Pompeu, etc. A nenhuma amou tanto, porém, como a Servilia, mãe de Bruto. Durante o seu primeiro consulado presenteou-a com uma perola, que havia custado seis milhões de sestercios (perto de duzentos e dez contos de réis) e na época das guerras civis, além dos presentes que lhe deu, fez-lhe adjudicar por baixo preço os melhores dominios que se vendiam por esse tempo em leilão. Como alguem estranhasse a barateza d'essas aquisições, Cicero respondeu com este epigramma:

«O preço é tanto mais vantajoso que até se fez deducção da *terça.*»

Havia aqui uma transparente allusão. Suspeitava-se que Servilia favorecia um commercio escandaloso entre sua filha Terça e o seu proprio amante. Cesar não respeitava tambem o leito conjugal nas provincias por onde passava com o seu exercito. Depois da conquista das Gallias, os soldados cantavam em côro no dia do seu triumpho:

Urbani, servate uxores, mœchum calvum adducimus,
Aurum in Gallia effutuisti; at hic sumpsisti mutuum.

«Cidadãos, guardai vossas mulheres, porque trazemos o libertino calvo. Gastaste na Gallia em emprezas amorosas todo o ouro que tomaste em Roma!»

Julio Cesar foi amante de muitas rainhas estrangeiras, entre outras de Eunoe, mulher do rei da Mauritania. A mais amada de todas foi, porém, a voluptuosa Cleopatra, rainha do Egypto, de quem teve um filho, que pretendeu deixar por herdeiro da sua gloria.

Os ardores sensuaes do grande capitão cresceram de tal modo, em vez de diminuirem, com os annos, que desejava todas as mulheres do imperio romano, sentindo tão sómente não poder dispôr d'ellas, segundo os seus appetites e caprichos. Inspirado pelos constantes desejos que o preoccupavam, chegou a redigir um projecto de lei, que felizmente se envergonhou de apresentar á sancção do senado. Por este projecto, reservava-se o direito de casar com quantas mulheres quizesse, para ter todos os filhos que lhe fosse possivel gerar.

A infamia dos seus adulterios era tão notoria, segundo Suetonio, que o velho Curion, n'um dos seus discursos, denominou-o *o marido de todas as mulheres, e a mulher de todos os maridos.* A segunda parte d'este sangrento epigramma é um exaggero manifesto, porquanto, segundo nos refere a historia, Cesar apenas peccára uma vez na sua vida *contra naturam,* sendo este vicio o unico que aos olhos dos romanos ultrajava o pudor. Esta vergonhosa proeza de Cesar levantou tão escandaloso ruido, que o nome do conquistador ficou manchado aos olhos de todo o mundo com um indelevel opprobrio. A calumnia apoderou-se de certo de um facto, que não fôra a final mais do que um episodio de crapula, que teria passado desapercebido, se os culpados não fossem homens tão notaveis como Cesar e o rei Nicomèdes. Cicero conta n'uma das suas cartas que Cesar fôra conduzido por uma escolta de guardas pretorianos á camara do rei da Bythinia, que se deitára alli coberto de purpura n'um leito de ouro, e que

o illustre e glorioso descendente de Venus não tivera escrupulo de prostituir a sua virgindade nos braços do referido Nicomedes (*floremque ætatis a Venere orti in Bythinia contaminatum.*)

Desde esta infame complacencia, Cesar tornou-se o alvo das mais amargas ironias, que soffreu pacientemente, sem desmentir o boato, nem sequer responder a respeito d'elle. Umas vezes, Dolabella chamava-o em pleno senado concubina de um rei e colchão do leito real, outras, o velho Curion dardejava contra elle os injuriosos epithetos de *lupanar de Nicomedes* e *prostituta bythiniana.* Um dia, como Cesar se arvorasse em defensor de Nisa, filha de Nicomedes, Cicero interrompeu-o com um gesto de desgosto, dizendo-lhe:

«Põe similhante assumpto de parte. Demasiado sabemos tudo o que recebeste de Nicomedes e o que lhe déste a elle tambem.»

De outra vez um certo Octavio, que tinha plena liberdade de dizer o que quizesse, porque passava por louco, saudou Cesar com o titulo de rainha e Pompeu com o de rei. Caio Memenio contava a quem queria ouvil-o, que vira o joven Cesar, servindo á mesa de Nicomedes, confundido com os eunuchos do rei. Finalmente, quando Cesar subia ao capitolio, depois da submissão das Gallias, os soldados cantavam alegremente em redor do carro triumphal:

«Cesar submetteu as Gallias; Nicomedes submetteu Cesar. Cesar triumpha por haver submettido as Gallias, mas Nicomedes não triumpha, apesar de haver submettido Cesar.»

Octavio não ficou atraz de Cesar, emquanto ao impudor e á sensualidade. A sua reputação, segundo Suetonio, foi manchada na sua juventude por mais de um opprobrio. Sexto Pompeu apodou-o de effeminado. Marco Antonio lançou-lhe em rosto haver comprado a preço da sua deshonra a adopção de seu tio. Lucio, irmão de Marco Antonio, sustentava que Octavio, depois de haver entregado a flôr da sua innocencia a Cesar, a vendera segunda vez em Hespanha a Hircio por 300:000 sestercios—dez contos e quinhentos mil réis. Lucio accrescentava que o sobrinho de Cesar tinha o costume de queimar o cabello das pernas com cascas de nozes inflammadas, para que nascesse mais sedoso. O povo applicou-lhe um dia com implacavel malignidade um verso pronunciado em scena para designar um sacerdote de Cybele:

Viden, ut cinœdus orbem digito temperat?

O trocadilho consistia na palavra *orbem*, que podia significar ao mesmo tempo o pandeiro do sacerdote, o universo e as partes deshonestas, que governava e dirigia tambem o dedo de um vil *cinœdus.*

Mais tarde Octavio refutou estas accusações, talvez calumniosas, com a castidade dos seus costumes, relativamente a um vicio que ninguem poderia imputar-lhe desde que chegou á idade viril. Relativamente aos seus costumes, sob outros pontos de vista, estavam elles muito longe de ser castos ou mesmo reservados. Parecia que o segundo imperador herdara em linha recta todo o furor erotico do primeiro, a avaliar pela sua paixão pelas mulheres. Apesar das leis que sanccionou contra o adulterio, não foi tão severo comsigo proprio como o era com os mais, não respeitando de modo algum a honra conjugal dos seus vassallos.

Marco Antonio affirmava ter sido testemunha de um episodio singular dos amores tyrannicos do imperador. No meio de um festim, levou da sala da mesa para um aposento immediato a mulher de um consul, apesar do marido ser do numero dos convidados. Quando d'ahi a pouco ambos voltaram á sala, depois de haverem dado tempo aos commensaes para esgotarem algumas taças em honra de Cesar, a matrona trazia as orelhas incendiadas e o cabello despenteado. O marido, como quasi sempre succede em casos taes, foi o unico que nada percebeu.

Marco Antonio, antes de se haver declarado seu inimigo e competidor, escrevia-lhe familiarmente:

«O que te fez mudar a meu respeito? A ideia de que possuo uma rainha? Mas Cleopatra é minha esposa, e não é recente este facto, que dura ha mais de nove annos. Mas tu não te contentas com Livia. Conheço-te. Quando leres esta carta, julgo-te capaz de haveres tomado Tertulla, ou Terentila, ou Rufila, ou Salvia, ou Titiscenia, ou talvez todas ellas ao mesmo tempo. Pouco te importa em que logar e porque objecto sentes despertar os teus desejos (*Anne refert ubi et in quam arrigas.*)

Fosse qual fosse, porém, a incontinencia de Augusto, tinha uma certa repugancia pelo adulterio, que lhe parecia uma chaga social, e que em vão procurou combater, por meio de leis rigorosas. Quando elle proprio se permittia infringir a legislação n'esta parte, não omittia precaução alguma para occultar uma fraqueza de que se envergonhava, e que nunca revelava nem aos seus confidentes mais intimos. Assim, segundo opiniões auctorisadas, o poeta Ovidio pagou com um castigo inflexivel, com um desterro por toda a vida, a desgraça de haver sido testemunha involuntaria dos amores incestuosos do imperador com sua filha Julia. Augusto não tinha que temer uma indiscrição da parte d'aquelle leal servidor, que era seu rival, ou pelo menos passava por isso, junto de Julia, mas não queria expôr-se á mortificação constante de vêr todos os dias um homem deante do qual se havia deshonrado.

Na sua juventude não fôra muito dado a escrupulos, pois que os seus amigos, segundo Suetonio, não se occupavam de outra cousa senão de procurar-lhe mulheres casadas, ou donzellas, que obrigavam a pôr nuas deante d'elles para as examinarem como escravas em venda no mercado de Toranio. Estas tristes pacientes da luxuria imperial, antes de serem escolhidas e approvadas, deviam satisfazer a certas condições, requeridas pelos caprichos de Augusto, que se mostrava muito curioso dos mais secretos pormenores da belleza feminina. Assim interpretaram os commentadores estas palavras *conditiones quæsitas,* que o historiador deixou de certo modo debaixo de um transparente veu.

O ardor de Augusto pelos prazeres sensuaes não esfriava com os annos. Deixou, porém, de procural-os entre as mães de familia, que não lhe inspiravam já os mesmos desejos, e dedicou-se exclusivamente ás virgens (*ad vitiandas virgines promptior.*) Levavam-lh'as de toda a parte e a propria imperatriz se prestava a introduzil-as no leito do seu illustre esposo. Esta especie de furor não podia durar sempre, e a velhice veio pôr ponto final em taes excessos. Então á paixão das mulheres succedeu a do jogo, paixão menos fatigante, mas não menos insaciavel do que a outra. Augusto jogando os dados comprazia-se ainda com sorte de Venus (tres senas,) que tirava a miudo, como elle proprio confessa a Tiberio n'uma carta cheia de bom humor.

A paixão desenfreada de Augusto pelas virgens na ultima quadra da sua vida produziu a decadencia da sua virilidade. Quando se sentia joven e vigoroso, havia vivido com sua mulher Claudia, joven apenas nubil, sem reclamar o uso dos seus direitos de marido, pois Claudia não era menos virgem do que na vespera do seu casamento, quando Augusto se separou d'ella para casar com Scribonia, viuva de dois consules. Tambem repudiou Scribonia pela preversão dos seus costumes, para casar em terceiras nupcias com Livia Drusila, que arrebatou a Tiberio Nero, de quem estava gravida. Augusto amou constantemente Livia, apesar das infidelidades que lhe fazia e que nem sequer procurava occultar-lhe. Satisfeita de ser amada mais do que todas as outras, Livia não considerava como suas rivaes aquellas mulheres mercenarias, que se succediam nos braços de seu esposo.

Por maiores que fossem os excessos de Augusto, quando as cãs lhe invadiram o cabello, desappareciam completamente na opinião publica á recorda-

ção das monstruosidades da sua juventude. Fallava-se muito sobretudo de uma ceia mysteriosa, que foi denominada o *Festim das doze divindades,* ceia em que os convivas, vestidos de deuses e de deusas, representaram todos os episodios obscenos a que a poesia antiga dera por theatro o Olympo, sob a influencia da ambrozia, que a gentilissima Hebe e o seductor Ganymedes serviam a todos os divinos commensaes. N'esta magnifica orgia, Octavio representara Apollo, e um satyrico desconhecido immortalisou a recordação de tão obscenas impiedades n'estes famosos versos:

«Quando Cesar ousou tomar a mascara de Apollo e celebrar n'um festim os adulterios dos deuses, estes indignados afastaram-se da mansão dos mortaes e o proprio Jupiter abandonou os seus dourados templos.»

Aquella espantosa ceia, cujas particularidades nunca foram bem conhecidas, coincidiu com a fome que n'essa occasião flagellou a cidade eterna. «Os deuses comeram o trigo todo,» disseram os romanos ao saber que o Olympo havia ceiado no palacio de Cesar. «Se Cesar é effectivamente o deus Apollo, accrescentaram os mais audazes, é Apollo Verdugo.» O deus era adorado sob a invocação de *Tortor,* n'um bairro da cidade em que se vendiam os instrumentos de supplicio, entre outros as varas. Segundo um commentador, esta injuriosa qualificação applicada a Augusto, alludia ao papel que o imperador desempenhára n'aquella festa nocturna.

As orgias de Augusto eram simples e innocentes distracções em comparação das do velho Tiberio. Este imperador, cuja propensão para a embriaguez o havia gradualmente levado aos vicios mais abominaveis, presava-se, no emtanto, de reformador dos costumes romanos. Confirmou as severas leis que o seu predecessor fizera contra o adulterio e restabeleceu a antiga usança de ser votado por uma assembléa de parentes e por unanimidade de votos o castigo das mulheres que tivessem faltado á fé conjugal. Quanto aos maridos, que fechavam os olhos ao escandaloso comportamento de suas mulheres, obrigava-os sómente a repudiar essas impudicas. Desterrou para ilhas desertas as patricias que se haviam feito inscrever nos registos da prostituição, para se entregarem sem risco ás maiores desordens. Desterrou tambem de Roma os jovens libertinos de condição livre, que para obterem o direito de apparecer no theatro, ou na arena, haviam requerido voluntariamente a nota de infamia. Em compensação, porém, e pela parte que lhe dizia respeito, nenhum caso fazia das austeras prescripções da sua jurisprudencia, e parecia até mesmo dar tratos á imaginação para inventar e commetter crimes e torpezas, que ninguem antes d'elle teria ousado imaginar.

Os seus actos de supremo magistrado do imperio offereciam continuamente as mais estranhas contradições com os vicios da sua vida particular. Um dia no senado apostrophou severamente Sexto Gallo, velho prodigo e libidinoso, que já havia sido castigado por Augusto, e poucos momentos depois, á sahida do senado, convidou-se elle proprio para ceiar em casa do velho libertino, com a condição de que em nada se alterariam os costumes da casa, devendo portanto servir á mesa, como sempre, raparigas completamente nuas (*nudis puellis administrantibus.*)

N'outra occasião, trabalhando na reforma dos costumes, passou dois dias e uma noite á mesa com Pomponio Flaco, e L. Pison, aos quaes recompensou pelas suas infames complacencias, nomeando um governador da Syria, e outro perfeito de Roma, e chamando-os nas suas cartas credenciaes, *os seus mais deliciosos amigos de todas as horas.*

Costumava castigar com a pena de morte todo o homem ou mulher, que que não se prestava immediatamente aos seus sordidos desejos. Para se vingar de uma resistencia d'esta especie, comprou uns vis delatores que foram accusar a bella Malonia. A formosa dama preferiu a morte á deshonra. Perante os

debates d'este processo, continuava o impudico e miseravel imperador a sollicital-a, mas a corajosa mulher, resistindo indignada a todas as propostas, apostrophou-o duramente, atirando-lhe ás faces com este insulto, sibilante como uma chicotada:—«Velho de bocca obscena, pelludo e hediondo como um bode!» E ao terminar a phrase, atravessou-se com uma espada.

Nos primeiros jogos que se celebraram depois d'esta aventura tragica, todos os espectadores applaudiram, applicando a Tiberio, esta passagem:

Hircum vetulam capreis naturam ligurare.

O pôvo tinha posto ao imperador a alcunha de *Caprineo,* alludindo ao mesmo tempo aos seus costumes de bode e á sua residencia habitual na ilha de Caprea.

Eis como Suetonio refere a vida abominavel d'este monstro no seu antro imperial:

«Imaginou e preparou uma grande camara, onde estabeleceu a séde das suas mais secretas desordens. Alli, comparsas de ambos os sexos, dirigidos pelos inventores de uma monstruosa prostituição, que o imperador chamava *spenthries,* formavam uma triplice cadeia, mutuamente enlaçados deante d'elle para reanimarem com este espectaculo impudico as suas paixões já esgotadas. Tinha além d'isso muitos outros aposentos diversamente preparados para o mesmo uso, onde se viam em baixos relevos os assumptos mais lascivos, e estavam alli á mão os livros de Elephantis, para que nada faltasse á voluptuosidade. Nos bosques não havia senão asylos consagrados a Venus, e as grutas e cavidades dos rochedos offereciam sempre aos olhares pares amorosos em trajes de nymphas e de satyros. Levou muito mais longe ainda a sua torpeza com excessos e desvarios tão difficeis de referir, como de crêr. Tinha creanças de tenra idade, que elle chamava *peixinhos, ut natanti sibi inter femora versarentur ac luderent, lingua morsuque sensim appetentes, atque etiam, quales infantes firmiores, necdum tamen lacte depulsos, inguini seu papillæ admoveret,* genero de prazer a que a sua idade e temperamento o inclinavam especialmente.»

Por este motivo, tendo-lhe alguem legado o quadro de Parrhasio, em que Atalante prostitue a bocca ao prazer de Meleagro, e dando-lhe o testamento a faculdade de escolher entre o quadro e um milhão de sestercios, o velho impudico preferiu o quadro, collocando-o como um objecto sagrado no seu quarto de dormir. Dizem tambem que um dia, durante um sacrificio, se enamorou da belleza de um mancebo que levava o incenso, e apenas deu tempo para que se acabasse a ceremonia, com o desejo de satisfazer a sua sordida paixão, a que teve de prestar-se tambem um irmão do thuribulario, tocador de flauta, que agradou igualmente ao infame imperador; e como pouco depois um dos irmãos censurasse ao outro o opprobrio commum, o tyranno ordenou que os castigassem, e por sua indicação quebraram as pernas a ambos. O retrato physico de Tiberio acabará de lhe caracterisar os costumes. «Tiberio era grosso e robusto, de estatura superior á ordinaria, largo de hombros e de peito bem proporcionado. Era canhoto, ou mais habil da mão esquerda do que da direita. As suas articulações eram tão vigorosas, que atravessava com o dedo uma maçã ainda verde, e com um carolo abria a cabeça de uma creança e mesmo a de um adolescente. Era de boas feições, mas costumava ter o rosto cheio de borbulhas.»

Caligula, menos reservado ainda do que Tiberio, a quem procurava imitar, amou desenfreadamente Marco Lepido, o comico Mnester e outros muitos, com quem tinha um commercio reciproco (*stupratum a se ac latera sibi contubernio ejus defessa, vociferatus est;*) mas grosseiro e brutal nos seus prazeres, não procurava dar-lhes variedade, recorrendo a refinamentos de voluptuosidade. A glotoneria, muito mais do que a luxuria, era a inspiradora dos desvarios da

sua imaginação. Em assumptos de gastronomia procurava o extraordinario e o monstruoso. O amor nem mesmo era um pretexto das suas prodigalidades.

«Sem fallar dos incestos com suas irmãs, e da grande paixão que teve pela cortezã Pyralis, diz Suetonio, Caligula não respeitou nunca as mulheres da mais alta distincção (*non temere ulla illustriore fœmina abstinuit.*) Ordinariamente convidava estas matronas e seus maridos para ceias, que se prolongavam toda a noite, e passando-as em revista como um mercador de escravas, examinava-as com toda a minuciosidade e attenção. Em seguida, ia tirando successivamente da sala do festim aquellas de que mais gostava. Quando voltava com ellas, apresentando bem claros indicios da sua infamia, o miseravel comprazia-se em referir, sem que o rubor lhe assomasse ao rosto alvar e repugnante, as suas façanhas impudicas, enumerando as bellezas ou imperfeições secretas d'aquellas desgraçadas. Chegou mesmo a repudiar algumas em nome dos maridos ausentes, levando o descaramento e a infamia ao ponto de fazer inserir estes divorcios nas actas dos registos publicos.»

De resto, Caligula fez esquecer as suas libertinagens com as suas engenhosas crueldades, com as suas enormes exacções e com as suas assombrosas dilapidações. Entre os estranhos e enormes impostos que estabeleceu em Roma, basta citar o *vectigal* da prostituição, ou taxa de cada prostituta, segundo o preço que ella mesma fixava cada vez que traficava com o seu corpo (*ex capturis prostitutarum, quantum quæque uno concubitu mereret.*) O imperador accrescentou logo o este capitulo da lei que similhante imposto havia de exigir-se de todos, homens ou mulheres, que tivessem vivido do lenocinio ou do *meretricium*, Comprehende-se que a distribuição de tal imposto não podia deixar de ser arbitraria.

Um dos factos mais singulares do imperio de Caligula é a fundação ou abertura de um lupanar no proprio palacio dos Cesares. Este facto monstruoso que nos referem Dion Cassio e Suetonio, tão inverosimil pareceu a alguns criticos, que o julgaram uma alteração de texto n'esta passagem. Segundo elles, Dion copiára levianamente a passagem de Suetonio, amplificando-a a seu arbitrio. E' mais provavel, opinam elles, que se tratasse de uma casa de jogo e não de um lupanar. Dion accrescenta unicamente á narração do historiador latino que o imperador havia trazido das Gallias a ideia do seu lupanar imperial.

«Para não deixar de praticar genero algum de exacções e escandalos, estabeleceu um lupanar no palacio, construindo-se para esse fim grande numero de cellas, adornadas segundo o fim a que se destinavam. Matronas e ingenuós occupavam estas cellas. O imperador mandava os seus *nomenclatores* ás praças e templos da cidade afim de convidarem á libertinagem (*in libidinem*) os mancebos e os velhos dissolutos. Os frequentadores d'este lupanar encontravam alli tambem dinheiro á usura, e os nomes dos que pagavam generosamente eram inscriptos, como se tivessem subscripto para o augmento dos rendimentos imperiaes.»

Estes pormenores são effectivamente muito vagos e obscuros, e melhor se applicariam a uma casa de tavolagem do que a um lupanar, por não se poder explicar sobre tudo esse emprestimo a usura que esperava os frequentadores, recrutados pelos creados do imperador nas ruas publicas. Quererá Suetonio dar a entender com isto que o preço d'aquella prostituição debaixo da garantia do imperador era tão consideravel, que ninguem trazia bastante dinheiro comsigo para a pagar? O que nos faz presumir que este supposto lupanar não era senão uma casa de jogo, dirigida por matronas e filhos-familias (*ingenuii,*) é que Suetonio accrescenta logo certos pormenores, que só poderiam referir-se aos jogos de azar (*alea,*) nos quaes o imperador Caligula empregava a fraude e o perjurio para que a sorte lhe fosse continuamente favoravel.

Seja como fôr, se o emprego do prefeito dos prazeres (*a voluptatibus,*) creado por Tiberio, subsistiu até ao reinado de Nero, é certo que o lupanar imperial não sobreviveu a Caligula, seu fundador, que tirara d'elle grandes beneficios.

O successor d'este monstro, Claudio, não foi menos cruel nem menos sanguinario do que elle; em todo o caso, nem mesmo assim conseguiu chegar a similhantes excessos de impudencia. Este imperador teve numerosas mulheres legitimas para poder prescindir de amantes, e as que teve, mais por capricho que por amor, não alcançaram fama sufficiente para que o historiador nos cite os nomes d'ellas. Suetonio, registra os matrimonios e divorcios de Claudio, condemnando os vergonhosos extravios (*libidinum probra*) da sua primeira mulher Urgulanilla e os furores lascivos da terceira, a infame e escandalosa Messalina, e depois d'isto formula do seguinte modo o seu juizo sobre os costumes d'este imperador:

«Amou apaixonadamente as mulheres, mas não teve nenhum commercio impuro com os homens. (*Libidinis in fœmina profusissime, marium omnino expers.*)»

Por outro lado, quaesquer que fossem os excessos de Claudio, estava muito longe de igualar os de Messalina, immortalisada por Juvenal, e cujo nome infame veio a ser em todas as linguas synonymo de prostituta sem preoccupações nem vergonha. Póde lêr-se em Tacito a relação dos crimes e luxurias d'esta immunda imperatriz (Livr. XI,) que teve a ousadia de casar publicamente em vida do imperador seu marido com o seu amante Silio, e de celebrar este casamento adulterino com uma orgia em que fez o papel de bacchante. Não obstante a existencia de uma cortezã chamada Lycisca, que se parecia muito com Messalina, chegando, graças a esta parecença, a poder passar por ella no exercicio da sua profissão, não tomaremos a peito a difficil empreza de provar que esta imperatriz foi calumniada pela historia, e que só uma funesta similhança deu logar á sua infame celebridade.

O exemplo de Messalina parece haver incitado o imperador Nero a exceder todos os seus antecessores na carreira dos crimes da prostituição. Logo que este monstro imperial deitou para longe a mascara, que occultava as suas horriveis propensões, entregou-se de corpo e alma a todos os excessos que o refinamento da libertinagem podia imaginar e deu satisfação a todos os seus vicios. Nos primeiros tempos, fingia ainda uma certa reserva, ao dar-se aos excessos das suas paixões luxuriosas, que os poucos annos podiam talvez desculpar. Assim que anoitecia, disfarçava-se com um trajo vulgar para percorrer as tabernas e outros logares suspeitos. Vagueava pelas ruas como um perdido, insultando as mulheres, provocando os homens e atropellando quantos lhe resistiam. Intromettia-se então com as mais vis prostitutas, com os corretores mais infames, travando luctas, em que umas vezes dava e outras recebia grossa pancadaria. Segundo elle, era este o meio mais habil de estudar e conhecer o povo, e de aprender a viver como um bom cidadão. Como os *lupanarii,* os patronos e os traficantes de escravos, os padeiros e taberneiros, com quem sempre andava em guerra, tinham jurado partir-lhe o espinhaço, na primeira occasião, o augusto rufião não ousava já percorrer o campo d'estas batalhas, sem que de perto ou de longe lhe guardassem as costas as espadas dos seus intimos ou confidentes.

Em breve se cançou, porém, d'estes disfarces para occultar os seus costumes, e começou a gostar de os patentear ao publico, sem se importar nem com o escandalo nem com os vituperios. Ia ceiar publicamente, umas vezes no Campo de Marte, outras, no Grande Circo, fazendo-se servir por todas as prostitutas de Roma e por flautistas estrangeiras. (*Inter scortorum totius urbis ambubalarumque ministeria.*)

E ainda não é tudo. Todas as vezes que Nero ia a Ostia pelo Tibre, ou navegava em redor do golpho de Bayas, estabeleciam-se ao longo da praia casas de hospedagem e de prostituição, onde as matronas, fazendo o officio de estalajadeiras, o convidavam a deter-se. Não é preciso dizer que o libertino imperador não queria desagradar ás matronas, e a viagem prolongava-se assim por muitas semanas. Não lhe bastando um prefeito dos prazeres, instituiu tambem um Arbitro, e parece que Petronio desempenhara este difficil cargo com grande contentamento de Nero. O poeta não era apenas o Arbitro do prazer, mas tambem da elegancia (*elegantiæ arbiter,* diz Tacito,) e Tigellino não lhe perdoou ser tão habil na sciencia das sensualidades, (*scientia voluptatum potiorem.*) Não podemos crêr, porém, que Petronio *Arbiter* approvasse a abominavel libertinagem d'aquelle imperador, que se permittia as mais obscenas e vergonhosas monstruosidades. Tacito, Suetonio, Xyphilino e Aurelio Victor fallam das suas infamias, mas recusam-se a descrevel-as circumstanciadamente, e nem sequer offerecem nos seus quadros os retratos dos vis complacentes, que intervinham nas orgias imperiaes, doceis e pacientes instrumentos das suas torpezas. Depois de haver indicado os desvarios e loucuras de Nero com alguns *ingenuii* e os seus numerosos adulterios, Suetonio accusa-o de haver violado a vestal Rubria. E' muito mais explicito sobre o casamento de Nero com Esporo e a respeito do seu incesto com sua mãe.

Esporo era um mancebo de incomparavel belleza. Nero enamorou-se d'elle, e desejando que em vez de homem fosse mulher, teve a execravel phantasia de lhe mudar o sexo, mandando-o mutilar (*ex sectis testibus etiam in mulierem transfigurare conatus.*) Depois d'este barbaro processo, assignalou-lhe o dote, poz-lhe o veu nupcial como a uma noiva, e celebrou pomposamente a ceremonia do casamento, recebendo-o por esposa (*celeberrimo officio deductum ad se pro uxore habuit,*) no meio de uma numerosa concorrencia, que applaudiu aquella infame e deshonrosa mascarada. Houve alguem, no emtanto, que teve a proposito d'esta farça um bom dito, que poderia ter-lhe custado muito caro:

— Teria sido uma grande felicidade para o genero humano, se Domicio, pae de Nero, tivesse casado com uma femea d'esta especie!

A historia deixou no olvido o nome do malicioso critico.

Nero esteve por muito tempo enamorado de Esporo, que trazia sempre vestido de imperatriz e com quem andava em publico, sem vergonha da sua propria ignominia. Viajou pela Grecia em companhia d'aquella imperatriz sem sexo, prostituta que não era mulher, mancebo que não era homem, e de regresso a Roma, apresentou-se com elle n'uma liteira nas festas Sigilarias, onde a cada instante se beijavam á vista do publico, paciente e desmoralisado (*identidem exosculans.*)

Quanto a sua mãe Agripina, foi ella, segundo Tacito, que sollicitou ou preparou este horrivel incesto, pretendendo satisfazer as paixões do filho com a mira posta em conquistar uma influencia suprema, assegurando-a com os laços de uma ligação impudica. Mas o filho, abandonando-se a estes amores criminosos, não concedeu á sua infame cumplice o poder que tanto cubiçava. Não tardou muito tempo em cançar-se da importunação de que se via cercado, como que em castigo da sua horrorosa aberração. Segundo Suetonio, Nero teria amado loucamente Agripina, se não houvera satisfeito a ardente sede do seu desejo brutal, bem que Agripina tivesse tido o tacto ou a força de resistir sem o exasperar, bem que os seus confidentes lhe tivessem feito comprehender o perigo de se submetter assim á vontade de uma mulher imperiosa e dominadora. Conservou, no emtanto, a respeito de sua mãe uma intenção libidinosa, que se traduzia por actos impuros, quando passeava de liteira com ella. (*Olim etiam, quoties lectica cum matre veheretur, libidinatum inceste ac maculis vestis proditum, affirmant.*) Mas, para que a illusão lhe offerecesse melhor as apparencias

da realidade, admittiu no numero das suas concubinas uma cortezã, que se parecia muito com Agripina.

Nero jactava-se de poeta e deixou-se arrastar pelas ficções da poesia a inverosimeis caprichos de furor erotico. Costumava imitar as metamorphoses dos deuses, vestindo-se com pelles de animaes, e atirando-se umas vezes vestido de lobo, outras de leão, de touro ou de cysne, sobre mulheres e homens atados de antemão, aos quaes arranhava, mordia ou mutilava, segundo os caprichos da sua feroz lascivia (*suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit, ut contaminatus pœne omnibus membris, novissime quasi gemis ludus excogitaret, quo feræ pelle contectus emitteretur è cavea viro rumque ac fœminarum ad stipitem deliaytorum inguina invaderet.*) D'este modo reproduzia e realisava a fabula de Andromeda, de Leda, de Io, e de tantas outras bellas contemporaneas das idades heroicas.

Exaltado por esta febre de luxuria, persuadia-se de que os deuses propicios o tinham metamorphoseado em mulher e entregava-se ao seu liberto Dyophoro, imitando os gritos de uma donzella enamorada, victima da sua paixão e do ardor do seu amante. (*Et quum affatim desœvisset, coficeretur à Dyophoro liberto, cui etiam, sicut ipsi Sporus, ita ipse denupsit, voces quoque ei ejaculatus vim patientium virginum imitatus.*)

Um monstro como Nero não chegou ao cumulo da torpeza, sem fazer recahir sobre a humanidade inteira todo o despreso que de si proprio sentia. Nero estava convencido de que não havia homens absolutamente castos ou isemptos do peccado de luxuria (*neminem hominem pudicum, aut ulla corporis parte purum esse,*) e dizia que a maior parte d'elles sabiam dissimular o vicio e occultal-o com extrema habilidade. «Assim, accrescenta Suetonio, perdoava todos os outros defeitos áquelle que lhe confessava francamente a sua lubricidade.»

Este miseravel imperador era muito digno de morrer desfeito em pranto nos braços de Esporo, que ainda assim não misturou o seu sangue com o do seu companheiro de prostituição, a quem detestava, porque o imperador tinha o corpo todo coberto de manchas e ulceras, que exhalavam um cheiro fetido e que provinham d'estes amores. Não obstante, a sua concubina Acté honrou as cinzas do monstro, depositando-as orvalhadas pelas suas lagrimas no sepulchro dos Domicios.

Galba, apesar de fazer remontar a sua origem a Pasiphae e ao touro, não tinha temperamento nem saude para continuar as tradições libidinosas de Nero. Apesar do seu nome, que significava homem gordo e avantajado, Galba era muito fraco, e esta mesma fraqueza accusava a infamia dos seus habitos. Nas suas affeições eroticas, dava sempre a preferencia ao homem, moço ou velho, comtanto que fosse robusto (*libidinis in mares pronior, et eos, non nisi præduros exoletosque.*)

Quando Icilo, um dos seus antigos concubinos (*veteribus concubinis*) lhe foi annunciar em Hespanha a morte de Nero, conta-se que não contente de o abraçar, dando-lhe as alviçaras da boa noticia, indecente e publicamente o mandou lavar e o levou d'alli para o seu leito, onde dormiu com elle toda a noite.

Othon, que não deu tempo a Galba para *gosar a sua juventude,* como diziam os soldados, passeando pelos acampamentos a sua cabeça na ponta de uma lança, era um discipulo e um complacente de Nero, e fôra sempre, desde a mais tenra idade, prodigo e libertino, frequentador de todos os lupanares e amigo de todos os excessos. Na idade da ambição consagrou-se para ganhar credito a uma liberta, que tinha muito dinheiro, e fingiu estar enamorado d'ella, apesar de ser muito velha. Foi por este meio que conseguiu insinuar-se nas boas graças de Nero, a quem prestou ignominiosos serviços. Pouco tempo depois, malquistava-se com o imperador por causa de Popea, que ambos disputavam, e que Othon teve que ceder ao direito do mais forte.

E' de crêr que os seus costumes se fossem corrompendo mais com os annos, e o modo de vida do tyranno póde apreciar-se pela descripção do seu toucador, que prova os seus gostos effeminados:

«Fazia tirar todo o cabello do corpo, e punha na cabeça quasi calva cabellos comprados, collocados com tal arte que ninguem descobria a fraude. Escanhoava todos os dias a cara com excessivo cuidado e esfregava-se com pão molhado, costume que havia contrahido desde que lhe despontara o buço, para nunca ter barba.»

Proclamado imperador em Roma, apenas teve tempo para ordenar algumas orgias secretas no palacio dos Cesares, por se vêr logo obrigado a sahir ao encontro de Vitellio, que vinha disputar-lhe o imperio. Othon suicidou-se depois de tres derrotas successivas, apesar do seu aspecto effeminado e enfermiço não prometter tanto valor.

Vitellio, seu venceder e successor, já na sua mocidade se havia deshonrado com uma paixão por uma liberta, cuja saliva misturada com mel costumava beber, como um remedio contra as doenças de garganta a que estava sujeito. Tinha sido tambem educado na escola da prostituição, por isso que passára a sua mocidade em Caprea, entre os favoritos de Tiberio, e fôra tambem infamado com o epitheto de *Spinthria*, por haver dirigido estas obscenidades do velho e impudico imperador. Continuou por muito tempo a deshonrar-se com similhantes infamias, até chegar á idade do *touro velho*, como elle costumava dizer gracejando, vindo a ser successivamente o impuro familiar de Caligula, de Claudio e de Nero.

Desde esse tempo, havia-se violentamente enamorado de um liberto chamado Asiatico, que tinha sido seu companheiro de infamia em Caprea, e que procurava constantemente fugir-lhe sem conseguir que o seu amante o esquecesse. Vitellio encontrava-o, umas vezes vendendo vinho aos arrieiros, outras luctando com os gladiadores, mas, ao vêl-o, o liberto sentia-se envergonhado das recordações da mocidade. Tornou finalmente a encontrar aquella victima rebelde e procurou attrahil-o por meio de presentes e de outras seducções, até que deu a Asiatico o titulo de cavalleiro e o fez governador de uma provincia.

Como a idade o havia tornado muito gordo, o imperador resolveu sacrificar a luxuria á gula, dizendo que o estomago era a parte mais complacente e mais forte do corpo, ao contrario das outras partes que se debilitam ou gastam com o uso. Com largo exercicio, chegou a ampliar de tal modo a cavidade do estomago, que comia quasi sem interrupção, quando não estava a dormir, e a sua gula insaciavel revelava-se a cada instante pelo habito que havia contrahido de não esperar para comer outra vez que o apparelho digestivo houvesse terminado as suas funcções. D'este modo podia comer diariamente quatro vezes, passando n'estes banquetes todo o dia e parte da noite.

Foi assim que o imperador embotou completamente os sentidos, no meio d'aquelles continuos festins, onde raras vezes invocava a deusa Venus, todo entregue como estava a despejar taças enormes e a devorar lampreias de grande tamanho. A sua enorme corpulencia, o rosto vermelho, o abdomen proeminente e as pernas delgadas revelavam bem que passara á mesa todo o tempo do seu governo, e que não se fatigára a correr atraz de aventuras e de prazeres amorosos.

Depois de um imperador voraz, Roma teve um imperador avarento, que se absteve dos ruinosos excessos dos seus predecessores e não quiz seguir-lhes as pisadas vergonhosas. Vespasiano, embora perseguisse os christãos, não deixou de soffrer a seu pesar a influencia do christianismo. Comprehendeu que a dignidade do homem exigia certa reserva nos costumes, e que o chefe do estado devia até certo ponto dar o exemplo do respeito que todos devem á opinião publica. A razão de estado foi o principio d'esta philosophia quasi christã, que

Vespasiano poz em pratica, por lhe permittir o seu temperamento frio e austero ser consequente com a moral. Vivia, no emtanto, em concubinato desde a morte de sua mulher Flavia Domitilia com uma antiga amante, chamada Cenis, liberta de Antonia, mãe de Claudio, a quem elle havia servido na qualidade de secretario; mas este enlace illegitimo viera com o tempo a ser tão respeitavel como um casamento sanccionado pela lei, e Cenis occupava junto do imperador o logar distincto de uma esposa. Vespasiano fôra-lhe sempre fiel, não só porque a amava, mas tambem porque não amava outra.

No emtanto, Suetonio refere que uma mulher fingiu por elle uma paixão violenta, e acabou por triumphar dos seus desdens, persuadido como estava o imperador de que ella morreria inevitavelmente, se não obtivesse da parte do monarcha uma prova de ternura. Concedida a prova desejada, Vespasiano desmentiu por essa occasião a sua avareza habitual até ao ponto de privar-se, em favor d'aquella mulher, de 400:000 sestercios (treze contos e quinhentos mil réis,) e isto por causa da originalidade do facto. Tendo-lhe o seu intendente perguntado como havia de escripturar aquella somma na conta das despezas imperiaes, Vespasiano respondeu-lhe: «D'este modo: —Por uma paixão inspirada pelo imperador, tanto.» Não obstante a castidade dos seus costumes, Vespasiano costumava cantar coplas muito grosseiras e não se abstinha tambem de expressões sordidas (*prætextatis verbis.*)

Tito, antes de succeder a seu pae Vespasiano, havia alcançado em Roma uma terrivel reputação, tendo-lhe alienado as sympathias populares a sua crueldade e intemperança. Costumava prolongar até á meia noite as suas orgias com os mais dissolutos do seus familiares, rodeava-se a todos os momentos de uma multidão de licenciosos e eunuchos (*exoletorum et spadonum greges,*) n'uma palavra, era geralmente temido, e dizia-se que seria um outro Nero. De repente, porém, mudou de costumes, ao subir ao throno imperial, e reinou como um philosopho, conformando-se sem o saber com a moral evangelica. A' imitação de seu pae não perseguia os christãos, que admiravam n'elle um modelo de todas as virtudes. Por isso foi chorado por todo o seu povo, quando uma morte prematura o arrebatou do throno, declarando n'aquelle derradeiro transe que não havia feito em toda a vida mais do que uma acção de que tivesse de arrepender-se.

Suetonio diz que talvez o imperador se referisse ás relações illicitas que tivera com Domicia, mulher de seu irmão, mas o historiador accrescenta que Domicia protestou sempre a sua innocencia, tomando os deuses por testemunhas. «Se houvesse existido alguma cousa, diz Suetonio, não era mulher que negasse essas relações, antes se ufanaria d'ellas, como se ufanava de todas as suas infamias.»

Em compensação, Domicia não negou as suas relações adulterinas com o histrião Páris, a quem amava loucamente, a ponto de Domiciano, ao subir ao throno dos Cesares ter de a repudiar ou, pelo menos, afastal-a de si por algum tempo para satisfazer a indignação publica. Pouco depois, chamou-a novamente, declarando que apesar das desordens d'aquella segunda Messalina, não podia passar sem ella, porque valia para elle por cem amantes.

Comtudo o imperador dera-lhe uma rival na filha de seu irmão Tito, pela qual teve a mais violenta paixão, e cuja morte causou, obrigando-a a tomar um abortivo na duvida da sua monstruosa paternidade. De resto, era muito affeiçoado aos prazeres do amor, que elle chamava gymnastica do leito (*libidinis nimiæ assiduitatem concubitus, velut excitationis genus.*)

Não obstante, apesar mesmo da sua libertinagem, Domiciano occupou-se da reforma dos costumes, e reclamou a applicação de muitas leis antigas de policia, que haviam cahido em desuso. Assim, emquanto Claudio Pollilion, cognominado o *Torto,* fazia circular a copia de uma carta autographa, em que

Domiciano, joven ao tempo em que a escrevera, fallava dos seus vicios vergonhosos (*noctem sibi pollicentis,*) o imperador fazia condemnar um grande numero de cavalleiros romanos, convencidos do crime de sodomia. Foi elle que prohibiu ás mulheres publicas o uso de liteiras (*probosis fœminis lecticæ usum ademit*) e comminou penas terriveis aos violadores das vestaes. Mandou enterrar viva a grande sacerdotisa Cornelia, que tivera muitos cumplices e mandou tambem espancal-os a todos elles até haverem rendido o ultimo suspiro. Outras vestaes, as irmãs Occlata e Varronila, tiveram a faculdade de escolher o genero de morte e os seus seductores foram desterrados.

Finalmente, Domiciano, envergonhado talvez do seu procedimento, fez expulsar da magistratura um juiz, que acceitára novamente sua mulher, depois de a haver repudiado como adultera.

A moral evangelica desponta no horisonte do mundo pagão e vae transformal-o em breve aos raios da sua luz benefica. O paganismo parece envergonhar-se já das suas prostituições, justificadas pela historia dos falsos deuses. A philosophia christã infiltra-se na doutrina de Platão e os imperadores, que consideram como grande honra ser philosophos, applicam-se a corrigir os seus vicios, domando as proprias paixões. Assim, o velho Nerva, que no dizer de Suetonio havia corrompido a juventude de Domiciano, Trajano, que era affeiçoado aos prazeres anti-physicos, e Adriano, que teria sacrificado o imperio ao seu favorito Antinoo, divinisado por elle, e que passava por voluptuoso de ambos os sexos,—reinaram sabiamente e trabalharam quanto lhes foi possivel na reconstrucção da sociedade romana sobre as novas bases de honestidade, de pudor e de religião, que já a esse tempo emanavam da nova fé. Antonino, o Pio, e Marco Aurelio foram verdadeiramente imperadores christãos, e debaixo dos seus gloriosos reinados poderia suppôr-se que o Evangelho ia ser o codigo universal da humanidade.

O paganismo, porém, amaldiçoado nas suas tendencias materiaes e condemnado na sua depravação organica, devia tentar o ultimo esforço sob a influencia de Commodo e Heliogabalo para arrastar o mundo romano ás derradeiras saturnaes da prostituição.

CAPITULO XXIX

SUMMARIO

O imperador Commodo.—Mocidade dissoluta d'este principe.—O seu concubino Anthero.—Como o imperador empregava os seus dias e as suas noites.—Anthero, assassinado por instigação dos prefeitos do pretorio.—As trezentas concubinas e os trezentos mancebos de Commodo.—Espantosas orgias do imperador.—Incestos.—Scenas vergonhosas a que obrigava os seus cortezãos.—O liberto Onon.—Commodo-Hercules.—Horriveis excessos d'este monstro.—De como Marina, concubina de Commodo, descobre o plano por elle combinado para a fazer morrer juntamente com um grande numero de officiaes da casa imperial.—Philocommodo.—Morte do tyranno.—O imperador Heliogabalo.—Unica celebridade por elle deixada na historia.—Heliogabalo, grande sacerdote do sol.—Luxo macedonico dos trajos de Heliogabalo.—Semiamira Clarissima.—O *senaculo,* ou pequeno senado creado por elle para comprazer com os desejos de sua mãe.—Infames affeições do imperador.—Pantomimas indecentes que fazia representar e papeis que elle proprio n'ellas desempenhava.—Gente que escolhia de preferencia para companheiros das suas orgias.—Como celebrava as *Floraes.*—Sua predilecção por assistir incognito aos actos da prostituição popular.—Sympathia que tinha pelas prostitutas.—Convocação que fez de todas as cortezãs e de todos os corretores da prostituição.—De como o imperador foi presidir a essa infame assembleia.—O imperador-cortezão.—Como celebrava as vindimas.—Mulheres legitimas d'este imperador hermaphrodita.—A viuva de Pomponio Baso.—Cornelia Paula.—A sacerdotisa de Vesta.—Maridos de Heliogabalo.—O carreiro Jeroclo.—Aurelio Zotico, chamado *O cosinheiro.*—Casamento dos deuses e das cortezãs no palacio imperial.—Morte de Heliogabalo.—O imperador Alexandre Severo.—Benefica influencia do seu reinado.—O imperador Galliano.—O divino Claudio, imperador.—O imperador Aureliano.—Tacito.—Prohibição dos lupanares no interior de Roma.—Probo, Caro e Diocleciano.



A FAMILIA dos Antoninos, depois de haver dado ao throno imperial dois grandes philosophos, que procuraram regenerar o mundo pagão pela moral, devia produzir o infame Commodo e extinguir-se em Heliogabalo. As abominações d'estes dois ultimos fazem um contraste desconsolador com as virtudes de Antonino e Marco Aurelio, que inspiraram os seus gloriosos predecessores Trajano e Adriano.

Marco Aurelio havia previsto que seu filho Commodo se assimilharia a Nero, a Caligula e a Domiciano, e quizera morrer antes de vêr realisada esta previsão fatal. Se Commodo só tivesse tido maus costumes, seu pae teria fechado os olhos a respeito de ligeiros desvarios, que eram uma consequencia ordinaria da juventude e do temperamento. Assim, tolerava a vida licenciosa do seu filho adoptivo Lucio Vero, que havia associado ao imperio, não ignorando que era victima dos prazeres sensuaes. Mas Lucio Vero tinha todo o cuidado em encerrar-se no interior do seu palacio, para se abandonar ás suas diversões libidinosas, em que entravam histriões, bailarinas e cortezãs, e em publico, os seus costumes eram decentes, honestos e austeros. Os excessos da sua vida privada não influiam de modo algum na sua vida publica, e podia

apresentar-se ao lado de Marco Aurelio, sem que este virtuoso imperador tivesse que envergonhar-se dos seus vicios.

Commodo, muito ao contrario de Lucio Vero, não ficaria satisfeito, sem que as suas torpezas tivessem mil testemunhas. Envilecer-se á vista de todos, era para elle um gosto e uma necessidade. De resto, o abuso da luxuria havia-lhe excitado os sentidos a tal ponto, que para os contentar tinha que recorrer á effusão de sangue. Era naturalmente cruel, e a crueldade desenvolveu-se no seu animo até se transformar n'uma paixão brutal, que intervinha em todos os accessos do seu furor erotico.

Diz Lampridio, que escreveu consultando historiadores gregos e latinos hoje perdidos, que Commodo foi impudico, libidinoso, cruel e malvado, chegando a manchar até a bocca em vis e hediondas torpezas (*Turpis, improbus, crudelis, libidinosus, ore quoque pollutus, consturpatus fuit.*)

No emtanto, pouco depois de haver tomado a toga viril, á volta da expedição do Egypto, onde acompanhara seu pae, compartilhou as honras do triumpho com Marco Aurelio.

Expulsou os sabios e dignos preceptores que seu pae lhe havia dado e rodeou-se dos homens mais corrompidos. Tentaram afastal-o de tão preversa companhia, mas, como adoeceu com o pesar da sua ausencia, tiveram de restituir-lhe outra vez os seus infames amigos, e desde então não foi possivel refrear-lhe as indomaveis paixões. Fez do seu palacio uma taberna e um asylo de libertinagem (*propinas et ganeas in palatinis semper œdibus fecit,*) levando para alli as mulheres mais notaveis pela sua belleza e escravas de lupanares para o serviço das suas sensualidades. Emfim, passava a vida entre gladiadores e meretrizes, frequentando as casas de prostituição, em cujas cellas penetrava disfarçado em eunucho para servir agua e refrescos (*aquam gessit ut lenonum magister.*)

Quando Marco Aurelio morreu em Roma, Commodo estava nas margens do Danubio na guerra contra os barbaros, suspirando sem cessar pelas delicias da Italia. Deixou immediatamente o exercito, que o havia proclamado imperador, e voltou á cidade eterna, onde foi tambem proclamado pelos romanos, que esqueceram as torpezas da sua mocidade, ao vel-o tão brilhante e tão formoso.

«Não tinha aspecto effeminado, diz Herodiano. O seu olhar era doce e vivo ao mesmo tempo. Tinha os cabellos louros e annellados. Quando o sol lhe dava de chapa, a cabeça de Commodo resplandecia, como se tivesse uma grande porção de pó dourado.»

Esta radiante belleza, que não tinha igual, se dermos credito a Herodiano, não tardou muito em desapparecer no meio das mais impuras orgias, nas quaes Commodo consultava menos as suas forças do que os seus desejos insaciaveis. A sua constituição, ainda que robusta, não pôde resistir a tantos excessos, e d'ahi a pouco o imperador, debil, com o corpo curvado, a cabeça tremula, a tez cheia de borbulhas, os olhos inflammados e a bocca distillando uma baba asquerosa, parecia um velho tropego e repugnante. Em consequencia de certas enfermidades vergonhosas que contrahiu, teve um tumor tão consideravel nas virilhas, que chegava a conhecer-se atravez dos seus vestidos de seda. No dia da sua entrada em Roma, emquanto o povo olhava com enthusiasmo para o seu bello semblante, elle não tirava os olhos do seu concubino Anthero (*subactore suo,*) que vinha no mesmo carro, e durante a ceremonia voltava-se a cada instante para beijar este vil e infame personagem. Estas repugnantes caricias continuaram em pleno theatro com applauso dos espectadores.

Desde esse dia Commodo voltou ao mesmo genero de vida que tinha no tempo de seu pae. Ao escurecer, percorria as tabernas e os lupanares (*vespera etiam per tabernas ac lupanaria volitavit,*) e depois d'esta excursão bebia até

de madrugada em companhia do seu favorito Anthero e de outros mancebos impudicos. Quanto aos negocios do Estado, abandonou-os completamente a Parennis, que lhe aconselhava que se divertisse e que deixasse tudo o mais a seu cuidado. Foi este um convenio feito com os palacianos, depois da morte de Anthero, mandado assassinar pelos prefeitos do palacio, para se subtrahirem aos caprichos tyrannicos do infame favorito.

Commodo não se consolou d'esta perda, senão atolando-se em sensualidades e torpezas cada vez mais extravagantes. Nunca apparecia em publico, vivia encerrado no seu palacio, onde reuniu trezentas concubinas, escolhidas indistinctamente pela belleza entre as matronas e as prostitutas, e outros trezentos mancebos, escolhidos igualmente entre a nobreza e o povo, e não menos notaveis de que as mulheres pela perfeição voluptuosa das fórmas. Estes seiscentos convivas tinham assento á mesa de Commodo e offereciam-se alternativamente ás suas impuras e desaforadas phantasias (*In palatio per convivia et balneas bacchatus.*) Quando lhe faltavam as forças physicas, recorria á imaginação, ordenando ás suas concubinas que se entregassem na sua presença a prazeres de que não lhe era possivel gosar n'aquelle momento. Estes quadros impudicos tinham o poder de reanimar os seus esgotados sentidos, podendo assim continuar a ser actor n'aquellas obscenas bacchanaes, em que os sexos estavam confundidos e a prostituição punha em pratica os mais assombrosos artificios.

Não se dava com o imperador Commodo o mesmo que succedia a Tiberio e a Nero, que tinham o ardor de saciar grandes paixões materiaes. Era a irritabilidade, a ancia de uma imaginação já depravada, que só aspirava a dar vida a sentidos quasi amortecidos. N'esta preversão, Commodo dava tratos á phantasia para inventar as mais extraordinarias combinações de obscenidades. Depois de haver violado suas irmãs e parentas, deu o nome de sua mãe a uma das suas concubinas, para se persuadir de que commettia com ella um horrivel incesto. Não perdoou a nenhum dos adeptos que o rodeavam, submettendo-os, para cumulo de vilipendio e deshonra, a vergonhosos caprichos, ainda mesmo que na sua infrene libertinagem elle proprio se prestasse a saciar a sensualidade d'aquelles que humilhava. D'elle diz o grave historiador das suas torpezas, e com razão: *Omne genus hominum infamavit quod erat secum et ab hominibus est infamatus.* E ai d'aquelle, que ao vêl-o submetter-se a todas as infamias, tivesse um sorriso ou uma observação qualquer: — seria immediatamente condemnado ás feras do Colyseu!

Não póde imaginar-se a que espantosas aberrações desceu este monstro coroado! Lampridio conta que o imperador amava com singular preferencia os que haviam adoptado como nome de guerra, nas orgias do palacio imperial, os nomes das partes vergonhosas de um ou outro sexo. Quando algum se lhe apresentava com um d'esses nomes obscenos, beijava-o com delirio, e não o largava sem haver saciado a sua furiosa luxuria! (*Habuit in deliciis homines appellatos nominibus verendorum utriusque sexus, quos libentis suis osculis applicabat.*)

Uma variante do texto latino *occulis*, olhos, por *osculis*, beijos, attenua bastante esta passagem, dando a entender que se contentava em os vêr com interesse, dando-lhes maior importancia do que dava aos que tinham nomes decentes. Entre estes familiares, estimava especialmente um liberto, a quem chamava *Onon*, burro, alludindo a certa analogia obscena que o assimilhava a este animal. *Onon*, segundo o historiador, devia á natureza uma grande exaggeração do membro, que para Commodo tinha a maior importancia. (*Habuit et hominem pene proeminente ultra modum animalium, quem Onon appellavit, sibi carissimum.*) O imperador enriqueceu este afortunado liberto e nomeou-o grande sacerdote do templo de Hercules. Commodo exigiu tambem que o se-

nado o denominasse Hercules, assim como já pela mesma complacente assembleia havia sido honrado com os immerecidos titulos honorificos de *Pio* e *Feliz*.

E' impossivel relatar, sem nos sentirmos possuidos de invencivel horror, as sensualidades manchadas de sangue humano, que aquelle monstro divinisado praticava, com uma especie de genio infernal, que nem sequer respeitava os templos dos deuses (*deorum templa stupris pulluit et humano sanguine.*) Gostava de se vestir de mulher, e n'este trajo procurava imitar os modos e requebros femininos. Em compensação, porém, costumava tambem vestir-se de Hercules, cobrindo os hombros com uma pelle de leão. «Cousa extravagante e ridicula, diz a este respeito Herodiano, vêl-o assim fazer ao mesmo tempo alarde da fraqueza da mulher e da força do leão!» Nos festins costumava misturar excrementos com os manjares mais delicados, e não hesitava em comer, para obrigar os outros a seguir-lhe o exemplo (*dicitur sæpe preciosissimis cibis humana stercora miscuisse nec abstinuisse gustu, aliis, ut putabat, irrisis.*) Os gestos que então faziam os commensaes eram para elle um grande divertimento, ao qual não se limitava, ainda assim. Um dia ordenou a Juliano, prefeito do pretorio, que se despisse e dançasse completamente nu, com o rosto pintado de negro, tocando cymbalos deante das cortezãs e mancebos, que applaudiram esta espantosa farçada. Em seguida, irritou-se contra elle e mandou-o atirar a um tanque, onde as lampreias, destinadas á mesa imperial, o devoraram. Para eterna fama da sua ignominia, o monstro inscrevia solemnemente nas actas publicas de Roma tudo quanto fazia de vergonhoso, impuro e cruel, n'uma palavra, todas as suas proezas de gladiador e libertino (*omnia quæ turpiter, quæ impurè, quæ crudeliter, quæ gladiatorè, quæ lenonicè faceret.*)

Finalmente, o execravel imperador, depois de haver escapado a muitas conspirações tramadas contra a sua vida, morreu assassinado por instigação de Marcia, a sua concubina predilecta. Marcia amava-o, apesar dos seus crimes, e velava pela conservação dos seus dias como se fôra mãe sollicita e carinhosa, mais talvez ainda por piedade do que por amor.

Commodo teve a ideia de celebrar o primeiro dia do anno com uma festa, em que devia apresentar-se no Circo armado com a sua massa e precedido de todos os gladiadores. Marcia pediu-lhe que não fizesse tal, e todos os officiaes da sua casa lhe supplicaram tambem que não se expozesse de similhante modo aos punhaes dos assassinos. Irritado por esta opposição que lhe faziam os seus mais fieis e leaes servidores, resolveu desembaraçar-se d'elles, condemnando-os á morte, e para esse fim fez uma lista dos que deviam morrer, deixando-a ficar por esquecimento debaixo da cabeceira do leito.

«Havia na côrte, refere Herodiano, um d'aquelles meninos que serviam para os prazeres sensuaes dos romanos voluptuosos, os quaes appareciam em todas as orgias meios nus, e cuja belleza mais fazia ainda realçar o esplendor das pedrarias que os adornavam. Commodo amava-o apaixonadamente, e tinha-o denominado Philocommodo.»

A creança entrou na camara do imperador, e encontrando por acaso a lista da hecatombe apanhou-a como se fôra um brinquedo. Marcia viu d'ahi a pouco o pergaminho nas mãos de Philocommodo, e afagando-o carinhosamente conseguiu apoderar-se d'elle.

A excellente rapariga, ao vêr o seu nome na lista dos que deviam ser suppliciados, disse amargamente:

—Muito bem, Commodo! Não desmintas a preversidade do teu caracter. Aqui está, pois, a recompensa da minha estima e da notavel paciencia com que tenho soffrido todas as tuas brutalidades!... Maldito! Oh, mas não se dirá jámais que um monstro como tu, ebrio sempre de crimes e de vinho, ha de poder mais do que uma mulher sobria, e que tem pelo seu lado a razão e a justiça!...

Effectivamente, Marcia avisou no mesmo instante os que estavam destinados a morrer com ella, e foi ella propria quem deitou o veneno na taça de Commodo, que dando ainda mostras de resistir aos effeitos da poção depois de a haver bebido, foi estrangulado por Narciso, alliciado por Marcia, que lhe offereceu os seus favores.

«Commodo foi mais cruel do que Domiciano e mais impuro do que Nero!» exclamou o senado, que pretendia que o cadaver do monstro fosse arrastado até ao *Espoliarium,* onde se recolhiam os cadaveres dos gladiadores,

Quem julgasse que o imperador Commodo nunca seria excedido nos annaes da prostituição, não contava de certo com Heliogabalo, que deixou na historia uma celebridade unica de infamia. Lampridio, descrevendo a vida mais que impura (*impurissimam*) d'este monstro, sob a auctoridade dos contemporaneos gregos e latinos, que a haviam escripto antes d'elle, quasi que se envergonhava da sua obra, apesar de ter omittido um grande numero de pormenores, que o pudor não lhe permittia relatar (*quam multa improba reticuerim et quæ ne dici quidem sine maximo pudore possunt,*) apesar de haver decentemente recatado sob o veu de palavras honestas os factos que constituiam a sua narração, dirigida ao imperador Constantino. Herodiano e Xyphilino, os unicos que sobreviveram á perda dos historiadores originaes, referem-nos algumas das odiosas particularidades que Lampridio não quiz reproduzir.

«E' caso para assombro, diremos como Lampridio, que similhante monstro fosse elevado ao imperio e que governasse por espaço de quatro annos, sem que apparecesse alguem que livrasse d'elle a sociedade romana, quando nunca faltaram tyrannicidas aos Neros, aos Vitellios, aos Caligulas e outros monstros d'esta especie.»

O imperio de Heliogabalo é verdadeiramente a ultima convulsão do paganismo agonisante, e que na sua agonia se revolve com desespero em toda a lama do mundo antigo.

O verdadeiro nome de Heliogabalo era Abito. O nome que adoptou designava o seu ministerio de sacerdote do sol. Ainda tomou o de Antonino, pretendendo descender da familia Antonina, de que haviam sahido Marco Aurelio e Antonino, mas que fôra, pouco antes, deshonrada pelo vil e execravel Commodo. Segundo o proprio Heliogabalo, sua mãe Semiamira, que era cortezã, e que havia commettido na côrte dos Cesares toda a classe de torpezas (*quum ipsa meretricio more vivens in aula omnia turpia exerceret,*) tivera com Antonino Caracalla relações illicitas, de que elle fôra o fructo. Esta origem foi, porém, desmentida pelos que o denominavam *Varius,* alludindo aos numerosos amantes que obtinham n'aquella época os favores de sua mãe.

Seja como fôr, o que é certo é que quando Macrino fez assassinar Caracalla, Heliogabalo receiou ser comprehendido no decreto de exterminio d'aquelle que julgava seu pae, e foi procurar um asylo inviolavel no templo do sol, de onde apenas sahiu no anno seguinte para se fazer proclamar pelos soldados, que lhe chamaram Assyrio ou Sardanapalo.

«Apresentava-se vestido com um trajo luxuosissimo, diz Herodiano, coberto de ouro e de purpura, cingia braceletes, um collar e um corôa á maneira de tiara, enriquecida com perolas e pedras preciosas. Este trajo dava alguma ideia do dos sacerdotes da Phenicia e do luxo usado pelos magnates da Macedonia. O imperador despresava o trajo dos romanos e gregos, que só usavam estofos de lã.»

Para acostumar os romanos a este luxo barbaro ou estrangeiro e aos seus adornos feminís, teve a ideia de se fazer retratar vestido de sacerdote do sol, e de mandar este retrato para Roma, antes de se apresentar pessoalmente na capital do imperio. Esta extravagancia nada era, porém, em comparação da infamia dos seus costumes, que inspiravam horror aos romanos. (*Quis enim ferre*

posset principem per cuncta cava corporis libidinem recipientem, quum ne belluam quidem talem quisquam ferat?) Heliogabalo não chegou pela embriaguez do poder áquelle excesso de depravação sensual. O imperio encontrou-o já corrompido no sanctuario do seu deus phenicio. Deve dizer-se até que depois de acclamado imperador não foi nem mais preverso nem mais infame, mas unicamente mais cruel. Que podia esperar-se de um miseravel insensato, que não tinha a menor noção de honradez, e que fazia consistir o maior prazer da sua vida em ser capaz de satisfazer as vergonhosas paixões de muitos licenciosos? (*Cum fructum vitæ præcipuum existimans si dignus atque aptus libidini plurimorum videretur?*) Comprehende-se que os christãos tinham razão quando representavam tão vil e preverso imperador como a viva encarnação do diabo.

Na primeira sessão do senado, Heliogabalo apresentou-se com sua mãe, a velha cortezã que muitos dos senadores se recordavam de ter conhecido no infame exercicio da sua profissão, traficando desaforadamente com o seu corpo. Semiamira tomou logar ao lado dos consules e assignou o senatu-consulto, redigido n'aquella solemne circumstancia. Foi ella a unica mulher que se sentou na qualidade de *Clarissima*, no senado romano.

Seu augusto e digno filho instituiu logo para comprazer com os seus desejos um *senaculus*, ou pequeno senado, composto de matronas que se reuniam em certos dias no monte Quirinal para discutirem leis sumptuarias relativas ao seu sexo. Alli determinavam o trajo que deviam usar em publico, qual d'ellas teria a presidencia, que classe de pessoas admittiriam ao osculo do costume, quaes d'ellas poderiam usar carroagem e que especie de carroagem, as que podiam montar cavallos, burros, ou passeiar em carros puxados por bois ou mulas; as que podiam andar de liteiras, e se estes vehiculos deviam ser guarnecidos de pelles ou adornados com ouro, prata ou marfim. Tambem se determinou por senatu-consulto a fórma e o ornato do calçado, que cada classe feminina teria direito de usar.

Semiamira parecia ter-se reservado a auctoridade suprema exclusivamente sobre o seu sexo e Heliogabalo sobre o sexo masculino, como se limitasse o seu papel de imperador a governar sómente os homens.

Durante o inverno que passou em Nicomedia, antes de estabelecer-se em Roma, Heliogabalo soltou as redeas ás suas paixões infames de um modo tão cynico e escandaloso, que até os soldados tinham vergonha do imperador que tinham escolhido, e que viam confundido com a gentalha mais vil e infame que elles proprios desprezavam. (*Omnia sordide ageret inireturque a viris et subaret.*) Quando foi para a capital, não se mostrou mais cuidadoso na escolha das suas relações.

«Todas as suas occupações, diz Lampridio, consistiam em escolher emissarios encarregados de procurar por toda a parte e de conduzir á corte homens de certas condições favoraveis a seus gostos depravados.»

Xyphilino explica quaes eram essas condições, que a natureza havia repartido mais largamente entre um pequeno numero de privilegiados. Os que se julgavam dignos de se apresentarem ante o indigno imperador figuravam nas indecentes pantomimas que fazia representar, e nas quaes elle proprio desempenhava um papel de deusa da fabula. Era sobretudo affeiçoado a pôr em acção os torpes amores de Venus, e para representar este personagem do bello sexo com maior verosimilhança, pintava a cara e ungia todo o corpo com oleos aromaticos. Reproduzia muitissimas vezes a scena principal do Juizo de Páris, e n'esta representação deixava cahir de subito a tunica aos pés e apparecia completamente nu á vista de todos, levando com fingido pudor uma das mãos ao peito para occultar as pomas e outra aos attributos viris, que tapava completamente (*posterioribus eminentibus in subactorem rejectis et oppositis.*)

Heliogabalo escolhia no theatro e no Circo os seus companheiros de li-

bertinagem entre os athletas mais robustos e os gladiadores mais membrudos e esforçados. Foi alli que se enamorou de Protogenes, Gordio e Hierocles, que tomaram parte em todas as suas torpezas. Por este ultimo teve uma paixão tão vehemente, que lhe dava os beijos mais asquerosos e repugnantes. (*Hierocle vero sic amavit ut eidem oscularetur inguina.*)

Mandou construir no seu palacio banhos publicos e banhava-se sem decoro algum entre a gente do povo, afim de descobrir por si proprio as qualidades particulares que admirava nos homens (*ut ex eo conditiones bene vasatorum hominum colligeret.*) Percorria tambem as estradas e as margens do Tibre, procurando os que elle chamava *monobeles,* isto é, homens completos (*viriliores.*)

E só para esta classe de gente infame e vil eram as honras e os favores. (*Homines ad exercendos libidines bene vasatos et majoris peculii.*)

Heliogabalo elevou tambem ás primeiras dignidades do imperio certos personagens, que não tinham outro titulo á sua munificencia senão a magnitude hyperbolica dos seus attributos viris. (*Commendatos sibi pudibilium enormitate membrorum.*) Nas *comissationes* fazia-os sentar a seu lado em intimo contacto, deleitando-se em toques obscenos e vergonhosos (*eorumque attrectatione et tactu præcipue gaudebat;*) e só da mão d'elles queria acceitar a taça em que bebia em honra dos proprios feitos e dos seus amigos.

A exemplo de Nero e de Commodo, Heliogabalo tinha um grande prazer em assistir incognito aos diversos actos da prostituição popular.

«Disfarçado em trajos vulgares para não ser conhecido, diz Lampridio, visitou, segundo é fama, n'um só dia as cortezãs do Circo, do theatro, do Amphitheatro e de todos os bairros de Roma. Se não se entregou aos prazeres sensuaes com todas as prostitutas (*sine effectu libidinis*) a todas ellas deu, não obstante, ouro, dizendo-lhes: «Não deve saber-se que Antonino vos fez este presente.»

Heliogabalo tinha uma grande sympathia por aquellas desgraçadas instigadoras da libertinagem publica. Um dia convocou todas as cortezãs inscriptas nos registos da policia edilitaria n'um bairro da cidade, e elle proprio foi presidir áquella escandalosa assembleia, em que admittiu todos os agentes da libertinagem, corretores, proxenetas, libertinos mais notaveis, mancebos e creanças vendidas á luxuria.

Para melhor se impôr áquella turba infame, apresentou-se vestido de sacerdote do sol e pronunciou um discurso de occasião, começando por esta palavra: *Commilitones!* Commilitones! quer dizer, companheiros, collegas; e repetia a palavra em cada periodo da sua impudica oração, com o mais revoltado cynismo.

Em seguida abriu a discussão sobre muitas questões abstractas de voluptuosidades e libertinagem, (*disputavitque de generibus schematum et voluptatem.*)

O seu infame e digno auditorio dava palmas e rompia em vivas enthusiasticos, de cada vez que ouvia alguma aberração libidinosa. Embriagado com o seu exito, sahiu e voltou d'ahi a pouco vestido de mulher. E vestido de que modo! O imperador trazia a toga e a cabelleira loura das cortezãs, mostrando um volumoso peito postiço e as pernas nuas, e apparentando o andar, os gestos, os meneios e as palavras de uma meretriz. Com este trajo approximava-se d'aquellas que pretendia imitar, e provava-lhes que sabia tão bem do officio como ellas. Em seguida desembaraçando-se do peito postiço (*papilla ejecta*) tomou o trajo e as maneiras das creanças que se vendiam á prostituição, e dirigiu-se aos libertinos, para lhes provar que não era menos habil do que elles n'aquella outra arte vergonhosa.

Emfim, depois d'estas ignominias, encerrou a sessão com outra arenga, muito mais monstruosa ainda do que a primeira, promettendo a cada um dos

circumstantes um donativo de tres peças de ouro, e recommendando-se ás suas orações para obter que os deuses lhe conservassem a saude, o vigor e os prazeres de que teria necessidade até á morte.

Não foi esta a unica prova de benevolencia especial, que por amor ao officio o infame imperador quiz dar á classe das cortezãs. Costumava tambem comprar á custa do thesouro imperial as que viviam na escravidão dos corretores e *lupanarii,* libertando-as logo para que podessem exercer em proveito proprio o trafico do seu corpo. A este respeito, conta-se que, tendo comprado por cem mil sestercios (trinta contos de reis, approximadamente) uma cortezã formosissima e famosa, a respeitou como se fôra uma virgem (*velut virginem coluisse.*)

Quando viajava, levava na comitiva seiscentos carros de meretrizes, mancebos e libertinos vantajosamente dotados de attributos viris. Tinha sempre comsigo mulheres quando se banhava, e elle proprio lhes tirava os cabellos da pelle. Servia-se tambem para a barba de uma especie de pasta depilatoria e gostava muito de empregar a mesma de que já se havia servido alguma mulher. Empregava igualmente com muito gosto a mesma navalha com que tinha escanhoado as partes pudendas dos seus mancebos. (*Rasit et virilia subactoribus suis navacula manu sua, quæ postea barbam fecit.*)

«Não ha ninguem, diz Xyphilino, que possa fazer a enumeração das execraveis torpezas que fez aos outros, ou que os outros fizeram no seu corpo.»

Xyphilino tem repugnancia de entrar n'estes pormenores, que Dion Cassio recolheu minuciosamente e que a lingua grega cobria com uma especie de veu, que os tornava mais toleraveis. Mas a historia original de Cassio não conservou o que dizia respeito ao reinado de Heliogabalo, como se as paginas relativas a este monstro tivessem sido rasgadas por uma mão pudibunda. Lampridio observa tambem que as historias d'aquella época conteem um grande numero de obscenidades, que elle entendeu dever passar em silencio, por não serem dignas de ficar na memoria dos homens (*digna memorata non sunt.*)

«Heliogabalo inventou, diz elle, muitos generos de impudicicia, e excedeu todos os antigos libertinos, pois conhecia todas as praticas de Nero, de Caligula e de Tiberio. (*Libidinum genera quædam invenit, ut spinthrias veterum malorum vinceret, et omnes apparatus Tiberii, Caligulæ et Neronis norat.*)

Damos em seguida o texto original de Dion Cassio, prudentemente modificado na traducção de Mr. Cousin:

«Heliogabalo ia aos logares de prostituição, expulsava d'elles as prostitutas e substituia-as nas mais infames sensualidades. Destinou até para estas torpezas um aposento do seu palacio, a cuja porta se punha nu e em pé, á maneira das cortezãs, correndo uma cortina presa em anneis de ouro e chamando os que passavam com voz effeminada e doce. Tinha outras pessoas empregadas no mesmo mister, das quaes se servia para procurarem e trazerem frequentadores, cuja luxuria poderia dar-lhe algum prazer. Exigia dinheiro pelo trafico do seu corpo e comprazia-se com este infame lucro. Quando estava entre os seus cumplices de libertinagem, gabava-se de ter maior numero de amantes do que elles e de ganhar por conseguinte mais dinheiro. Verdade seja que não deixava de receber nunca o preço da sua deshonra de nenhum dos seus impudicos amantes.»

Mr. Cousin, n'esta pallida traducção, fugiu da cynica franqueza do texto grego, que não seria compativel com a susceptibilidade e pudor dos nossos costumes.

Se os appetites sensuaes de Heliogabalo eram immoderados, a sua imaginação depravada tinha ainda maior poder e actividade. Por exemplo, o que o imperador procurava sempre com uma curiosidade impaciente era um novo modo de manchar os olhos, os ouvidos, o corpo e a alma, manchando ao mesmo

tempo o pudor dos demais. Nas ceias escandalosas que offerecia aos seus mancebos e gladiadores, as taças, as amphoras e os outros utensilios da mesa tinham sempre fórmas eroticas ou imagens obscenas (*schematibus libidinosissimis inquinata.*) Esta impudica baixella de prata figurava sobretudo nas ceias solemnes, que dava por occasião das vindimas, nas quaes tinha um gosto singular em deshonrar os cidadãos mais dignos e os anciãos mais veneraveis. Perguntava-lhes, só para se rir da sua confusão, se na sua juventude haviam tido tanto vigor como elle proprio manifestava, e dizia-lhes tudo isto com uma impudencia inaudita (*impudentissimè,*) pois nunca poupava expressões obscenas, accrescentando quasi sempre signaes e gestos mais obscenos ainda (*neque enim unquam verbis pepercit infamibus, quam et digitis impudicitiam ostentaret, nec ullus in conventu et audiente populo esset pudor.*)

Perguntava, por exemplo, bruscamente a um ancião de barba branca e de presença veneravel:

—E's fiel ao culto de Venus?

O silencio e o rubor equivaliam para elle a uma confissão. Julgava-se então auctorisado a fallar dos proprios actos, e se todos os anciãos presentes baixavam os olhos, de envergonhados, dirigia-se aos seus jovens companheiros, convidando-os a responder sem rodeios á questão proposta. Estes devassos obedeciam immediatamente, procurando ainda exaggerar a torpeza de seu amo, que se comprazia em ouvil-os, animando-os até com vergonhosissimas excitações.

A lisonja ás vezes movia a lingua dos anciãos, que se jactavam de commetter as mesmas ignominias e de terem maridos (*qui improba quœdam pati se dicerent, qui maritos sibi habere, jactarent.*) A estas inesperadas revelações, o indigno imperador pulava de prazer, sem comprehender na sua estupidez que aquelles miseraveis fingiam vicios que não tinham, só para comprazerem com os seus desejos e para o divertirem.

Este imperador hermaphrodita quiz ter muitas mulheres legitimas e muitos maridos. Casou primeiramente com a viuva de Pomponio Baso, a quem havia condemnado á morte, accusando-o de haver censurado a sua vida particular. Esta matrona, tão bella como nobre, era neta de Claudio Severo e de Marco Antonino. Heliogabalo teve que recorrer á violencia para a fazer consentir n'este repugnante enlace, mas d'ahi a pouco deixou-a por outras rivaes.

«Não tomava amantes, diz Xyphilino, para satisfazer qualquer necessidade, mas sim para imitar os excessos e as loucuras dos seus concubinos.»

Em seguida, casou com Cornelia Paula, na esperança, segundo elle proprio dizia, de ser mais depressa pae—«elle que não era homem,» observa Xyphilino, como que para torturar a imaginação dos seus futuros commentadores. Este casamento foi celebrado com jogos e festas publicas, mas d'ahi a pouco repudiou a nova esposa, sob pretexto de ter uma nodoa no corpo.

Penetrou depois no templo de Vesta, e por um triz que não deixa apagar o fogo sagrado (*ignem perpetuum extinguere voluit,*) emquanto que profanava o santuario com uma violencia sacrilega. Raptou do templo a vestal Aquila Severa, e casou com ella escandalosamente, dizendo que os filhos da sacerdotisa de Vesta e do grande sacerdote do Sol haviam de ter por força alguma cousa divina. Heliogabalo, porém, não teve filhos d'esta união sacrilega, e depressa se cançou da Vestal, substituindo-a por duas ou tres mulheres successivamente, até que tornou a receber Aquila Severa.

Para fallarmos dos seus casamentos sodomiticos, temos de recorrer á traducção de Xyphilino, que Mr. Cousin não se atreveu a reproduzir com escrupulosa fidelidade. Heliogabalo casou na qualidade de mulher, e fez-se denominar matrona e imperatriz.

«Trabalhava em bordados de lã, usava roca muitas vezes e esfregava os

olhos com pomada. Escanhoava a cara, tendo o maior cuidado em que não lhe apparecesse cabello algum n'ella para melhor parecer mulher, e recebeu deitado no leito os senadores, que foram visital-o. Seu marido era um escravo natural da Caria, chamado Hierocles, e carreiro de profissão.»

Heliogabalo vira Hierocles um dia em que cahindo do carro lhe mostrara o rosto imberbe e o cabello annellado. Hierocles tinha effectivamente abundantes cabellos louros, a tez lisa e de grande alvura, feições finas e delicadas e um olhar brilhante; mas reunia a estas apparencias femininas um corpo de gigante e umas fórmas athleticas. Heliogabalo apoderou-se d'elle immediatamente, fel-o banhar, porque vinha coberto de pó e de suor, installou-o no seu dormitorio, e no dia seguinte deu-lhe solemnemente a mão de esposa.

«Fazia-se maltratar por seu marido, refere Xyphilino, comprazendo-se com as suas injurias e pancadas, e o marido fazia-lhe esta vontade ás vezes com tal violencia, que o imperador ou a imperatriz, ou o que quer que era afinal aquella ignominia humana, mostrava aos cortezãos no rosto as nodoas lividas das pancadas. E não vá imaginar-se que o amava com um capricho passageiro e fraco, mas sim com uma paixão forte e constante, que em vez de se revoltar contra o duro tratamento que d'elle recebia, se submettia sempre docil e ternamente. No enthusiasmo da sua paixão pelo *marido,* tel-o-hia proclamado Cesar, se sua mãe e sua avó não se tivessem energicamente opposto áquelle acto de impudica demencia.»

Hierocles teve não obstante um rival, que fez vacillar por um momento o favor de que então gosava junto do Cesar. Este novo miseravel era Aurelio Zotico, denominado o *Cozinheiro*, porque seu pae o havia creado nas cozinhas do palacio. Zotico, porém, em breve renunciou ao mister paterno para se dedicar ao da lucta, no qual se avantajava em vigor e boa apparencia a todos os athletas, com que media as suas forças nos jogos do Circo. Os intendentes do Circo reconheceram com grande admiração o merito singular d'aquelle robusto luctador e apoderaram-se d'elle para o conduzirem a Roma com pompa triumphal. Pelos elogios que d'elle fizeram a Heliogabalo, o imperador desejava ardentemente vêl-o e nomeou-o desde logo seu camareiro (*cubicularius.*)

A impaciencia com que o imperador o esperava manifestou-se do modo mais indecente, quando o novo camareiro foi introduzido no palacio á luz dos archotes.

«Quando o infame principe o viu, diz Xyphilino, empregando os mesmos termos da narração de Dion Cassio, approximou-se d'elle com o rosto incendido em rubor, e como Zotico, ao saudal-o, o chamasse *Senhor,* segundo a uso palaciano, o imperador fazendo gestos de pieguice, como uma mulher amimada, e contemplando-o com olhares lascivos, disse-lhe: — Não me chames senhor, porque sou senhora!» Foram logo banhar-se juntos, e tendo-o o imperador achado tal como lh'o haviam descripto, ceou nos braços d'elle como se fôra sua amante.»

Cheio de ciumes contra este rival, Hierocles teve a habilidade de fazer com que os copeiros lhe ministrassem uma bebida, que lhe tirou todo o vigor viril, e o deixou de todo impotente. Heliogabalo, que não teve a menor suspeita do crime de que o seu Zotico fôra victima, começou a ter por elle tanto despreso e colera, quanta fôra a affeição que até então lhe havia consagrado. Esteve tentado a arrojal-o ás feras, e por muito feliz se deu o pobre Zotico, em meio da sua desgraça, de se vêr apenas despojado de todas as honras e expulso não só do palacio imperial, mas de Roma e até mesmo da Italia.

Heliogabalo, que assim escarnecia da instituição do matrimonio sob o duplo ponto de vista da moral e das leis, teve ainda a extravagante ideia de casar os deuses e as deusas. Começou por dar mulher ao seu deus phenicio, como se este deus tivesse necessidade de mulher e filho, diz ingenuamente Xyphi-

lino. A escolhida para este matrimonio foi Pallas, e para o consummar mandou levar ao seu palacio o *Palladium,* aquella estatua veneranda, que os romanos consideravam como a salvaguarda de Roma, e que nunca mudára de rito, excepto quando houve um incendio no templo da deusa.

No dia seguinte ao d'esta profanação tão extravagante como ridicula, que o imperador levára o mais longe que lhe fôra possivel, deitando as estatuas no mesmo leito, declarou que uma deusa tão guerreira não convinha a um deus tão pacifico, e ordenou que trouxessem a Roma para casar com o deus a estatua de Venus Urania, a deusa dos carthaginezes.

Urania, que presidia á incubação dos seres no trabalho mysterioso da natureza, e que personificava a lua e os astros da noite, devia naturalmente ser a esposa do deus do sol e da geração. O imperador celebrou, pois, as suas nupcias com todo o esplendor, fazendo contribuir todos os subditos do imperio para os presentes magnificos por elle offerecidos aos noivos. O proprio imperador, com o rosto pintado e com uma tunica de seda, dançou em redor das duas estatuas deitadas n'um leito e estreitamente unidas com faxas de linho. Estes incriveis casamentos de estatuas deram logar a grandes regosijos em Roma e em toda a Italia.

Heliogabalo identificava-se de certo modo com o deus, cujo nome tinha, e considerava como um dever religioso submetter-lhe e sacrificar-lhe todos os deuses, até o dos christãos, porque profanou os seus templos com impurezas, e mandou collocar as suas imagens no templo do sol. Ia alli muitas vezes, ao sahir de monstruosas orgias, desempenhar o seu ministerio de grande sacerdote. Não recusava por isto prestar culto ás outras divindades, sobretudo se tinha algum papel importante que desempenhar nos mysterios religiosos. Via-se muitas vezes agitando a cabeça desgrenhada entre os mutilados sacerdotes de Cybele. Ligava como elles as partes genitaes (*genitalia sibi devinxit*) e fazia tudo quanto aquelles fanaticos impuros tinham o costume de fazer. Igualmente se associou aos obscenos ritos de Iris, Priapo, Flora e Cotito.

Não ha descripções que dêem uma ideia exacta e completa d'aquelles festins phantasticos, em que se reunia tudo o que o luxo, a prodigalidade, a gula e o capricho podiam inventar para satisfazer as suas paixões e depravados instinctos. Póde dizer-se que aquelle monstro só vivia para inventar novos prazeres (*exquirere novas voluptates.*) Lampridio descreve algumas das maravilhas dos banquetes a que o imperador assistia, calcando flores e vertendo essencias, coberto de purpura, ouro e pedrarias, sob cujo peso succumbia de prazer (*quum gravare se diceret onere voluptatis*) e cingido de um diadema oriental. Aquelles fabulosos banquetes duravam dias inteiros e noites inteiras, sem outra interrupção além dos intervallos consagrados ao amor, para que o estomago podésse repousar. Os convivas deixavam de ser homens para se transformarem em animaes, esforçando-se por imitar o seu imperador, mas sem esperança de o poderem igualar.

Heliogabalo então, exaltado pelo vinho e embriagado pelo perfume das flores, despojava-se de todos os seus vestidos, coroava-se com uma aureola de ouro, punha um carcaz a tiracollo, e completamente nu, com os cabellos fluctuantes e o corpo ungido de pomadas odoriferas, mettia-se n'um carro resplandecente de metaes e de pedras preciosas, tirado por mulheres igualmente nuas, que o passeavam pela sala do festim. (*Junxit et quaternas mulieres pulcherrimas et binas ad papillam, vel ternas et amplius et sic vectatus est: sed plerumque nudus quum illum nudæ traherent.*)

A sua generosidade para com os companheiros de mesa manifestava-se por presentes gigantescos ou ridiculos, que eram distribuido á sorte e ria-se como um insensato, quando a fortuna cega fazia cahir nas mãos d'um velho libertino, completamente esfalfado, uma concha de nacar em que ia escripta esta

ordem: «Porta-te como um homem deante do imperador.» E mais se ria ainda, quando pelos caprichos da sorte uma velha tinha de ser a amante de um joven libertino. A's vezes as cedulas selladas e lacradas que os convivas tiravam da urna, prescreviam-lhes os doze trabalhos de Hercules, ou convidavam-nos a serviços infames e degradantes. Estas especies de loterias dos banquetes, nas quaes o imperador collaborava com as phantasias e irritabilidades do seu caracter, costumavam dar tambem o desterro, a confiscação e até a morte, áquelles que a sorte não favorecia. Felizes dos que tiravam como premio dez moscas, dez ovos ou dez teias de aranha!

As mulheres, quasi sempre prostitutas recrutadas pelas ruas, eram as que melhores proventos lucravam n'estas orgias imperiaes. Sahiam esgotadas de forças, é certo, com o rosto desfeito, o corpo fatigado, desgrenhadas, em misero estado, em summa; no emtanto, eram bem recompensados do seu trabalho. A mais infame e miseravel dava graças á sua estrella de a haver conduzido á mesa imperial, podendo gabar-se inclusivamente de haver sido por um momento imperatriz, porque Heliogabalo comprazia-se em debicar em todas as convidadas, evitando apenas cuidadosamente não favorecer duas vezes a mesma mulher (*idem mulierem numquam iteravit præter uxorem.*)

Finalmente as cortezãs de Roma tinham o direito de ir prostituir-se ao lupanar imperial, que tanto de noite como de dia estava sempre aberto no interior do palacio, (*lupanaria domi amicis, clientibus et servis exhibuit.*) As cortezãs e os libertinos recommendavam-se á sua sollicitude paternal. Um dia distribuiu-lhes a setima parte das provisões de trigo, que Trajano e Severo haviam accumulado nos celleiros publicos, e que podiam supprir a sete annos de carestia.

Aquelle monstro de face humana deshonrou o imperio por espaço de quatro annos, em que accumulou todas as libertinagens, todas as abominações que podiam ultrajar a natureza. Ufanava-se de imitar Apicio na vida privada, e Nero na vida publica, e não só este monstruoso tyranno, mas tambem Othon e Vitellio. Apesar d'isso, não tinha mais de dezoito annos, quando foi assassinado pelos histriões nas latrinas, onde se havia escondido.

Os soldados, que conspiraram para libertar Roma e o mundo de similhante imperador, entenderam tambem dever castigar os cumplices do tyranno, fazendo-os soffrer differentes supplicios. A uns arrancaram as entranhas, e a outros vergastaram-nos até morrerem, para que a morte, segundo a soldadesca dizia, se assimilhasse bem á sua vida (*ut mors esset vitæ consentiens.*)

O monstro, o impuro, o arrastado, como lhe chamavam os que arrastavam o seu cadaver pela lama da cidade, não devia ter um successor das suas infamias na série dos imperadores. Depois d'elle, a humanidade descançou sob a benefica influencia de Alexandre Severo, abrindo os olhos á luz da moral evangelica.

Antes, porém, que o christianismo, invadindo por toda a parte a sociedade pagã, tivesse posto um freio ás paixões sensuaes e organisasse a policia dos costumes nos governos, houve ainda imperadores, que, succedendo-se no throno como os histriões no theatro, deram ao seu povo o pernicioso exemplo de todos os extravios da prostituição.

Gallieno, que só vivia para o seu ventre e para o prazer (*natus abdomini et voluptatibus*) imitava ás vezes os excessos de Heliogabalo. Convidava grande numero de mulheres para os seus festins, e escolhia para si as mais jovens e as mais bellas, deixando aos convivas as mais velhas e as mais feias.

Se o divino Claudio, como que para fazer esquecer o impuro Gallieno, reinou como um philosopho casto e modesto; se Aureliano reprimiu o luxo por meio de leis sumptuarias e castigou vigorosa e exemplarmente o adulterio, ainda mesmo entre os escravos; se o imperador Tacito prohibiu os lupanares

dentro da cidade, prohibição que não póde ser mantida (*meritoria intra urbem stare vetuit, quod quidem diu tenere non potuit,*) se fechou os banhos publicos durante a noite, prohibindo ainda os vestidos de sêda e as demazias do luxo effeminado; se Probo foi verdadeiramento digno do seu nome,—Caro, predecessor de Diocleciano, foi em compensação, segundo se expressa Flavio Vopisco, o mais libertino de todos os homens, o mais desaforado dos adulteros, o mais infame corruptor da mocidade, levando a infamia ao extremo de se prostituir a si proprio. (*Homo omnium contaminatissimus; adulter, frequens corruptor juventutis, ipse quoque male usus gessit sexus sui.*) Tinha por prefeito do pretorio um velho corretor de lupanares, chamado Matroniano; por secretario um impuro (*impurum,*) com quem dormia a sesta, por amigos os homens mais preversos. Manchou-se com os vicios mais infames (*enormibus se vitiis et ingenti fœditate maculavit,*) n'uma palavra, nada respeitou (*moribus absolutus.*)

Diocleciano varreu todas estas immundicies, que tinham feito um lupanar do palacio dos Cesares. O austero imperador, que foi um christão pela castidade dos costumes e pela moralidade das suas leis, apesar de perseguir cruelmente os christãos, Diocleciano, o sabio, o casto, o philosopho, teve apesar de tudo isto a odiosa coragem de fazer da prostituição um dos supplicios mais frequentemente infligidos ás virgens e ás matronas romanas, que abraçavam o christianismo.

Não obstante este requinte de crueldade, sob o reinado de Diocleciano, parece haverem cessado os extravios da prostituição romana.

[illegible]

CAPITULO XXX

SUMMARIO

Era christã.— O matrimonio christão.— Epistolas de S. Paulo aos romanos a respeito dos seus vicios abominaveis.— A escoria da população dos arrabaldes de Roma nas predicas de S. Paulo.— O matrimonio aconselhado por S. Paulo, como o mais efficaz dos preservativos contras as tentações da carne.— *Fornicatio, immunditia, impudicitia et luxuria.*— Predicas de S. Paulo contra a libertinagem.— De como os philosophos pagãos não recommendavam a temperança, senão sob o ponto de vista da economia physica.—A castidade religiosa entre os pagãos e o celibato christão.— Triumpho obtido pela virgindade christã.— Guerra moral evangelica contra a prostituição.— Os esposos no matrimonio christão.— Severidade da Egreja nascente a respeito das infracções carnaes, que a lei não punia.— Razão por que os pagãos infligiam de preferencia ás virgens christãs o castigo da prostituição.

ODOS os cultos do paganismo não eram, por assim dizer, mais do que symbolos e mysterios da prostituição. O christianismo propondo-se destruil-os e substituil-os por um culto unico, fundado na moral humana e divina, devia desde logo atacar a prostituição e reformar os costumes, antes de atacar o dogma religioso. E' sabido que os primeiros apostolos começaram a sua missão no meio de um mundo corrompido, prégando a continencia e a castidade como principios fundamentaes da nova doutrina. Jesus-Christo vivera sobre a terra casta e virginalmente, apesar de haver absolvido a mulher peccadora e de haver convertido Magdalena, apesar de ter rehabilitado pelo arrependimento as desgraçadas victimas do demonio e da carne. Eram cousas desconhecidas na sociedade pagã aquella moral pura e suave, aquella pratica de virtudes, que podem chamar-se sensuaes, aquelle perdão celestial, que tinha sempre o privilegio de lavar as manchas ainda as mais inveteradas. Foi tambem um estranho contraste com as leis civis e moraes da antiguidade aquelle duro freio imposto aos appetites carnaes e aquella tão indulgente piedade para os erros da fragilidade humana. Em frente da jurisprudencia romana, que condemnava á morte as adulteras, contra as praticas da lei de Moysés, que não era menos rigorosa, e que fôra sempre estrictamente observada, Jesus-Christo disse aos escribas e phariseus, que lhe apresentaram uma mulher surprehendida em flagrante adulterio, e a quem pretendiam apedrejar na sua presença:

—Aquelle de entre vós, que estiver limpo de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

Depois, perguntando á culpada ajoelhada a seus pés quem eram os seus juizes e accusadores, disse-lhe com a sua palavra doce e consoladora:

— Eu não te condemno. Vae-te, e não tornes a peccar (*vade, et jam amplius noli peccare.*)

E, não obstante, Jesus havia instituido o matrimonio de um modo bem differente na verdade da união conjugal entre os gregos e os romanos. A santidade do matrimonio christão, contrahido deante de Deus, brilha admiravelmente n'estas palavras, que encerram uma legislação, uma moral e uma philosophia completas:

«O homem deixará seu pae e sua mãe e unir-se-ha com sua mulher, fazendo com ella uma só carne. Assim, não serão dois, mas uma só carne. Que o homem não separe, pois, o que Deus uniu.»

A obra de Christo devia regenerar o mundo moral e ensinar á humanidade o respeito que ella deve a si propria. A religião do Evangelho foi como que um dique levantado para conter a inundação da corrupção antiga, que ameaçava suffocar e extinguir todas as noções primitivas do bem.

Foram precisos tres seculos de lucta, de prégação e sobretudo de exemplo, para destruir os impuros templos de Isis, de Ceres, de Venus, de Flora e das outras divindades da prostituição pagã. O christianismo, declarando guerra não só aos abusos dos prazeres sensuaes, mas até a esses mesmos prazeres, teve maior difficuldade em vencer o paganismo que os protegia, quando não os excitava e alentava. Comprehendem-se perfeitamente os prodigiosos esforços dos apostolos e dos seus austeros successores para chegarem a este feliz resultado: — o restabelecimento da lei moral e a repressão religiosa da sensualidade.

Moysés havia estabelecido este preceito no Deuteronomio: «Não haverá em Israel nenhuma meretriz.» Mas este artigo da lei mosaica foi sempre lettra morta para os israelitas, que não só tiveram meretrizes proprias, mas que até as tiveram de sobra para fornecer com frequencia as nações estranhas. A prostituição legal achava-se talvez muito mais propagada na Judeia do que no resto do imperio romano. S. Paulo, inspirado pelo Evangelho, tinha de fazer o que Moysés não havia conseguido, e applicou-se de alma e coração a expulsar da Egreja nascente o espirito da prostituição.

«Não vivaes nos festins da embriaguez, dizia elle nas suas Epistolas aos romanos, nem nas impudicicias, nem nas sensualidades, nem nos menospresos, nem nas invejas, mas revesti-vos de nosso senhor Jesus Christo, e não queiraes contentar a vossa carne, segundo o prazer da sensualidade.»

No decurso do seu apostolado, S. Paulo perseguiu com inflexivel rigor o peccado da carne, no qual julgava combater a propria essencia do paganismo.

E' verdade que S. Paulo conhecia perfeitamente o excesso de que eram capazes os pagãos em questões de incontinencia. O apostolo havia vivido por muito tempo nas sensualidades para apreciar bem a sua fatal influencia. Assim, desde a sua primeira epistola aos romanos, dirige-lhes energicas censuras pelos seus vicios abominaveis, que elle denomina paixões de ignominia (*passiones ignominiæ*) e representa-os horrorosamente manchados de luxuria (*masculi in masculos turpitudinem operantes.*) Attribuindo á idolatria aquella espantosa desmoralisação, que viera a ser uma fórma do culto dos falsos deuses, diz com horror:

«Transformaram a fórma do Deus incorruptivel, dando-lhe a figura do homem corruptivel, dos passaros, dos quadrupedes e das serpentes. Eis a razão por que Deus os abandonou aos desejos do coração e á impureza, de modo que submettem seus corpos uns aos outros deshonrando-se. (*Propter quod tradidit illos Deus in desideria cordis eorum, in immunditiam, ut contumeliis afficiant corpora sua in semetipsis.*)

Os romanos extranharam muitissimo que o apostolo de Jesus, que elles denominavam o rei dos Judeus, viesse censurar-lhes o que os mais rigidos e austeros philosophos haviam auctorisado plenamente, tanto com o exemplo, como

nos seus escriptos, excepto Seneca, que a esse tempo passava por um christão disfarçado. Mas S. Paulo não tinha ido a Roma para transigir com o seu inimigo, o peccado da carne, que Deus havia condemnado, dizia o apostolo, por isso mesmo que Deus havia enviado á terra seu proprio filho em fórma de carne de peccado (*in similitudinem carnis peccati*) para resgatar o peccado:

«O amor da carne está em hostilidade com Deus, porque não se sujeita á lei de Deus; por isso os que estão na carne não podem agradar a Deus (*qui autem in carne sunt, Deo placere non possunt.*»)

Os que escutavam as pregações de S. Paulo não eram os ricos voluptuosos dados ás delicias e aos prazeres, mas sim pobres plebeus que nada sabiam d'aquelles monstruosos refinamentos da libertinagem asiatica, levada a Roma com os tropheus dos povos vencidos. O auditorio do apostolo eram os barqueiros do Tibre, os mendigos das ruas, os vendedores de peixe e de hortaliças, os escravos fugidos e alguns miseraveis libertos. N'aquella escoria da população, sahida dos arrabaldes da cidade eterna, estava, porém, a geração nova, que se creava para uso da prostituição mercenaria. O apostolo dirigia-se especialmente ás victimas desgraçadas da corrupção paterna, ou da dos senhores, procurando, não envergonhal-os, mas sim aconselhar-lhes que renunciassem ao seu genero de vida para se consagrarem ao serviço do verdadeiro Deus, que só queria as almas e não os corpos.

«Pozestes os vossos membros, dizia elle, ao serviço da impureza e da iniquidade para commetterdes iniquidades. Applicae-os, pois, agora ao serviço da justiça para vos santificardes.»

Muitas vezes os proselytos de S. Paulo, assombrados com a severidade dos seus preceitos sobre as relações carnaes dos dois sexos, perguntavam-lhe como poderiam impôr silencio aos seus desejos e appetites mais ou menos imperiosos. O apostolo então aconselhava-lhes a oração, o jejum, a meditação e a penitencia, como os mais efficazes remedios contra as rebelliões da carne. Depois, quando estes remedios não bastavam a certas naturezas, dotadas de paixões indomaveis, deixava ao matrimonio a missão de as satisfazer.

«Se fordes debeis para guardar continencia, dizia elle aos Corinthios, casae-vos. Mais vale casar do que arder no fogo da concupiscencia.»

O matrimonio christão era, pois, o supremo preservativo que S. Paulo aconselhava contra as tentações da carne, e não obstante, o apostolo das gentes não parecia ser grande partidario da união conjugal, quando dizia aos de Corintho, em guisa de enigma:

«Quem casa sua filha, faz bem; mas quem não a casa ainda faz melhor.»

Verdade seja que, pouco depois, voltou a esta delicada questão, a proposito das mulheres que oravam sem descobrir a cabeça:

«A mulher é a gloria do homem, dizia elle inclinado já a sentimentos mais humanos. E' a gloria do homem, porque o homem não sahiu da mulher, a mulher é que sahiu e procede do homem.»

S. Paulo era sempre inflexivel a respeito de qualquer concessão feita á carne:

«A vontade de Deus, dizia elle aos thessalonicenses, é que sejaes santos e puros, que vos abstenhaes da fornicação e que cada um de vós saiba conservar o vaso do seu corpo honrado e santamente, e não obedeça aos movimentos de concupiscencia, como os pagãos que não conhecem a Deus, pois Deus não vos chamou para serdes impuros, mas para serdes santos.»

N'outro logar enumera os diversos graus de impureza por que póde passar o corpo, manchando-se tambem em graus diversos. «As obras da carne, diz elle, são a fornicação, a impureza, a impudicicia e a luxuria.» Cada um d'estes peccados foi explicado e definido pelos Padres da Egreja e pelos theologos:

A fornicação é o commercio de um homem livre com uma mulher livre, o acto carnal consummado fóra do matrimonio. A impureza é o habito de sordidas sensualidades, o vicio dos prazeres obscenos. A impudicicia é a sodomia, ou qualquer outro acto contra a natureza. A luxuria, finalmente, é o desenfreamento completo da sensualidade.

Em Epheso, em Corintho, em Colosis e em Thessalonica, S. Paulo persegue o paganismo debaixo da fórma da sensualidade e da luxuria. O objecto de todos os seus anathemas e condemnações é sempre a prostituição, porque por toda a parte a encontra, e vae combatel-a até nos mysterios do culto dos falsos deuses.

S. Paulo havia sido pagão. Tinha, pois, conhecido por si proprio o verdadeiro caracter da religião material que queria substituir pela religião do espirito. Eis o motivo por que nas suas predicas se apresentava como reformador dos costumes em nome de Jesus-Christo que, segundo a expressão de um Padre da Egreja, havia vivido castamente, ainda que nascido de uma mulher, sem nunca se despojar da sua virgindade. Eis o motivo por que o apostolo dizia litteralmente aos thessalonicenses:

«A vontade de Deus é a vossa santificação, afim de que vos abstenhaes da fornicação (*ut abstineatis vos a fornicatione*) e que cada um de vós saiba conservar honrada e santamente o vaso do seu corpo, sem ceder aos movimentos da concupiscencia, á imitação dos gentios que não conhecem a Deus.»

O mesmo dizia aos de Colosis:

«Mortificae, pois, os vossos membros, que estão na terra, quer dizer, a a fornicação, a impureza, a luxuria e a concupiscencia.»

E aos Galathas dizia:

«Quem semeia na sua carne, da sua carne colherá a corrupção; e quem semeia no espirito, do espirito colherá a vida eterna.»

Se escrevia aos de Epheso, era para os conjurar a que não vivessem como as demais nações, que tendo perdido todo o sentimento de pudor se abandonavam á dissolução dos seus costumes, manchando-se com insaciavel avidez em toda a especie de torpezas. Quando prégava a castidade e a continencia no meio da corrupção da voluptuosa Corintho, em presença da multidão de dissolutos, que a curiosidade attrahia para junto d'elle, dizia-lhes:

«Não sabeis que quem se une com uma meretriz fórma um só corpo com ella? Porque os que eram dois não são mais do que uma só carne. Fugi da fornicação. Qualquer outro peccado, que o homem commetta, é fóra do seu corpo; mas aquelle que commette o peccado da fornicação pecca contra o seu proprio corpo.»

De resto, todos os apostolos estavam de accordo com S. Paulo para condemnar o paganismo nas suas obras de prostituição, no que não faziam mais do que conformar-se com os sentimentos dos prophetas e com a lettra da Biblia. Os evangelistas, porém, mostraram-se menos energicos contra os peccados da carne. S. João dividiu em duas cathegorias distinctas os actos espirituaes e corporaes, de modo que não podessem confundir-se. «Quem nasceu da carne, é carne, e quem nasceu do espirito, é espirito.» Talvez isto fosse uma desculpa caritativamente offerecida aos peccadores carnaes, que quizessem purificar-se nas aguas do baptismo. Seja como fôr, a doutrina de S. Paulo, mais austera e menos equivoca, foi geralmente adoptada pelos primeiros Padres da Egreja e pelos concilios. «Odiae como um vestido immundo, tinha dito S. Judas, tudo o que tiver alguma cousa da corrupção da carne.» D'este horror pela incontinencia, devia inevitavelmente sahir o celibato christão.

Verdade seja que a philosophia havia algumas vezes ensinado a temperança aos pagãos, mas essa temperança philosophica não tirava a sua razão de ser senão de considerações puramente humanas; era apenas relativa e acciden-

tal, porque Cicero sustentava que a natureza devia fazer-se obedecer e que as suas leis fallavam tão alto como as de um deus. Aristoteles, pela sua parte, não estabelecia outra regra no uso dos prazeres sensuaes senão o conhecimento das proprias forças; quer dizer, o instincto da natureza. Assim, os philosophos só recommendavam a temperança sob o ponto de vista da saude e da economia physica. Elles mesmos costumavam abandonar-se aos seus desejos, considerando os prazeres sensuaes muito conformes com a natureza, segundo o testemunho de S. Nilo, discipulo de S. João Chrysostomo. O pudor não era uma virtude senão nos versos dos poetas, e nem mesmo esta virtude tinha entre os antigos a extensão que podia julgar-se inherente á significação da palavra. O pudor, que teve templos e altares em todo o imperio romano, não representava, na opinião dos mais sabios antiquarios, nem a virgindade nem a continencia, mas sim a consciencia, a voz intima da alma, a vergonha do mal e o amor do bem. O pudor romano representava-se na figura de uma mulher sentada, coberta com um veu, levando a mão direita ao rosto, na attitude de apontar para elle com o dedo indicador, para exprimir que o signal do pudor se revela ás vezes n'um olhar que se baixa e n'uma fronte que se enrubece.

Seneca foi talvez o unico philosopho pagão, que havia comprehendido e ensinado a castidade moral que os christãos se impunham, como uma piedosa abnegação do instincto da natureza.

«Entre elles, refere Origenes, as pessoas mais simples e menos illustradas, e ainda mesmo aquellas que pertencem á mais baixa condição, offerecem frequentemente nos seus costumes e na sua conducta uma gravidade, uma pureza, uma castidade e uma innocencia admiraveis, emquanto que esses grandes philosophos, que se intitulam como sabios, estão tão longe d'estas virtudes, que se mancham facilmente com os mais infames e abominaveis crimes.»

Apesar de tudo isto, a castidade religiosa não era absolutamente despresada pelos pagãos. Já dissemos que homens e mulheres se abstinham de todas as relações sexuaes, quando pretendiam offerecer um sacrificio aos deuses. Os proprios amantes se afastavam então das suas amadas e estas evitavam um contacto casual que as teria obrigado a purificarem-se antes da ceremonia. O acto venereo não era reprehensivel em caso algum, nem offendia, portanto, uma divindade, que pelo contrario o alentava e incitava, mas, no emtanto, já era começar por uma obra agradavel ao deus a quem o sacrificio era dirigido, privar-se qualquer do mais apreciado e delicioso de todos os gozos. Havia n'esta abstenção um sacrificio de uma especie muito delicada, porque n'este caso o sacrificador era ao mesmo tempo a victima.

Esta continencia de pura devoção encontrava-se, pois, com frequencia na vida privada dos romanos que praticavam a sua religião com algum escrupulo. Na vespera de certas solemnidades e mysterios religiosos, o leito conjugal não reunia os dous esposos, que cuidavam de conservar-se a certa distancia, impondo-se uma reserva absoluta nos prazeres do matrimonio. Ovidio nos seus *Fastos* (Liv. II) apresenta-nos Hercules, o proprio Hercules! conformando-se com os usos, quando se preparava com Omphale para sacrificar no altar de Baccho: — os dois dormiam então em leitos separados, ainda que immediatos (*et positis juxta succubuere toris*) e nada faziam que podésse prejudicar a decencia do sacrificio.

Os sacerdotes, que sacrificavam todos os dias, não estavam obrigados decerto a ser castos todos os dias tambem. No emtanto, póde inferir-se de muitas passagens dos auctores latinos que não se considerava bom e favoravel o sacrificio, senão quando o sacrificador tinha as mãos puras. «A castidade agrada aos deuses, diz Tibullo (*casta placent superis,*)» recommendando aos neophytos que não se approximassem do altar senão com o vestido immaculado (*pura cum veste*) e que não tirassem a agua sagrada senão com as mãos puras. «Longe

dos altares, exclama o mesmo poeta, longe dos altares aquelle que tiver consagrado uma parte da sua noite a Venus! (*Discedite ab aris quis tulit hesterna gaudia nocte Venus!*)»

Quanto ao voto de virgindade, a religião pagã auctorisava-o ou prescrevia-o em differentes circumstancias, mas esta especie de virgindade materia não tinha analogia com a virgindade moral, que comprehendiam e guardavam os christãos. As vestaes, por exemplo, deviam conservar intacta a sua flor virginal, sob pena de serem enterradas vivas e entregues ao mais horrivel supplicio, mas a necessidade de se conservarem virgens cessava para ellas na idade em que terminava a puberdade, podendo então já manter o fogo de Venus como haviam mantido o de Vesta. Além d'isto, as mais ovens não eram obrigadas á castidade do espirito, nem á innocencia do coração; assistiam aos jogos publicos, aos combates dos gladiadores, ás mimicas, ás danças dos theatros e aos demais espectaculos, e nem fechavam os olhos ás imagens voluptuosas, nem os ouvidos ás palavras obscenas e aos canticos impudicos. A virgindade, pois, d'estas donzellas não passava da cintura, segundo a expressão de um Padre da Egreja.

«Poderão comparar-se, diz Santo Ambrosio (*De Virginitate*, liv. I) ás nossas virgens christãs as virgens de Vesta e as sacerdotizas de Pallas? Mas que especie de virgindade é essa, que consiste, não na pureza e santidade dos costumes, mas sim no numero dos annos; que não é perpetua, mas tão sómente prescripta até certa idade? Essa integridade transforma-se bem depressa em libertinagem, quando se espera perdel-a em idade mais adiantada (*petulantior est talis integritas, cujus corruptela seniori servatur ætati.*) Os que prescrevem um periodo á virgindade, ensinam assim as suas virgens a não preserverar em tal estado. Que religião é essa, que ordena a castidade ás jovens e a libertinagem ás velhas? Não! Essas vestaes não são castas, porque o são sómente por coacção, nem honestas porque se compram, ou alugam por dinheiro, e não deve chamar-se pudor o que se offerece todos os dias aos olhares impudicos de um povo corrompido (*nec pudor ille est qui intemperantium occulorum quotidiano expositus convitio, flagitiosis aspectibus verberatur.*)

Os Padres da Egreja não se cançavam de comparar as virgens christãs ás vestaes, ou virgens pagãs, para melhor fazerem resaltar a differença que existia entre a virgindade de umas e a das outras. Santo Ambrosio volta sem cessar ao assumpto das vestaes para rebaixar o merito da sua virgindade interessada e imperfeita, ainda que não vá tão longe como Minucio Felix, que julga essa virgindade muito suspeita, accrescentando que todas as vestaes seriam enterradas vivas, se a impunidade não protegesse as suas leviandades.

«Não se louvem, pois, as vestaes, exclama Santo Ambrosio, porque a castidade que se vende a peso de ouro, não é castidade. Não é virgindade aquella que, como n'um leilão, se compra ou aluga por certo tempo.»

Quanto a essa virgindade puramente corporal, que os pagãos exigiam ás suas vestaes, era segundo parece tão difficil de guardar e tão perigosa de jurar, que nenhuma joven por vontade propria se consagrava á triste condição de sacerdotisa de Vesta.

«Tendes apenas sete vestaes, escrevia Santo Ambrosio ao imperador Valentiano, e essas mesmas porque eram muito jovens quando foram consagradas a Vesta. Ahi está tudo quanto a respeito de virgens a idolatria póde ter a seu serviço. Ha sete desgraçadas que se deixaram seduzir por vestidos bordados de purpura, por sumptuosas liteiras, por um grande sequito de escravos, por privilegios e rendimentos enormes, e sobretudo pela esperança de não morrerem virgens, apesar do seu voto.»

O celibato christão, e especialmente o das mulheres, havia sido um dos mais poderosos meios de propaganda evangelica. A doutrina formulada por

S. Paulo sobre a continencia foi acceite com fanatismo pelas jovens neophytas, que faziam consistir a sua gloria em domarem os movimentos da carne, porque o ardor dos sentidos arrefecia, se não se extinguia de todo, com a abstinencia, a sobriedade, a oração e o recolhimento. Quando o celibato, que a lei romana prescrevia como uma vergonha, foi considerado pelos novos adeptos de Jesus Christo como uma honra e como uma victoria, viu-se uma especie de emulação entre as virgens, que se consagravam a um matrimonio mystico com o filho de Deus. A prostituição antiga teve de parar e mesmo de retroceder, humilhada pelo esplendido triumpho obtido pela castidade.

«Que os gentios, dizia Santo Ambrosio, elevem os olhos da carne e ao mesmo tempo os do espirito; que vejam essa multidão illustre, essa assembleia veneravel, esse povo inteiro de virgens que honram a Egreja (*plebem pudoris, populum integritatis, concilium virginitatis.*) Não usam diademas na cabeça, mas tão sómente um modesto véu, que apenas se recommenda pelo seu casto uso, nem se permittem esses adornos de toucador, que servem para o vergonhoso trafico da belleza (*lenocinia pulchritudinis.*)

Prudencio, no seu livro contra Simmaco, exaltava tambem a religião christã:

«Os mais bellos privilegios das nossas virgens, dizia elle, são o pudor, o recato do rosto coberto com um veu sagrado, a sua vida honesta e decorosa longe dos olhares profanos, a sua frugalidade nas comidas, o seu espirito sempre sobrio e casto.»

E' preciso, no emtanto, confessar, que o que fazia aquella emulação das jovens christãs não era sómente a gloria do estado virginal, mas tambem o gosto, um tanto mundano, de terem uma certa superioridade sobre as outras mulheres e de se tornarem notadas por uma virtude, que tinha uma especie de apparato.

Effectivamente, as virgens occupavam um logar especial nas ceremonias do culto; tinham tambem um toucado distinctivo que as indicava em publico, e caso estranho! esse toucado era a mitra que as cortezãs de Roma, especialmente as syrias, haviam tomado por divisa e que deshonrava a mulher desaforada ou imprudente que a usava. A mitra das virgens, de que falla Santo Optato (*Contra Donat.*, Livr. VI) differia por certo na altura, na fórma e na côr da mitra das cortezãs. Não tinha cabello comprido e fluctuante, nem cabelleira loura ou pulvilhada de ouro, por isso que as virgens christãs proclamavam a sua vocação cortando o cabello. Além d'isso, esta mitra rehabilitada occultava-se debaixo de um veu côr de violeta, pardo ou negro, que descia tambem sobre o rosto e os hombros, como o *flammeum* das vestaes.

Durante os tres primeiros seculos que foram necessarios para a fundação do dogma catholico, houve uma guerra intransigente entre a moral e a prostituição, e os doutores da egreja oppuzeram constantemente á philosophia sensual dos pagãos os castos e austeros exemplos da vida christã. Os Santos Padres queriam assenhorear-se do corpo para melhor poderem encaminhar os espiritos. As mulheres enthusiasmaram-se desde logo com a virgindade, e a exemplo d'ellas, os homens submetteram-se tambem á continencia.

«Que póde imaginar-se de mais bello do que a sublime virtude da castidade? dizia S. Bernardo no seculo XI, inspirando-se nos grandes pensamentos da Egreja primitiva. Ella purifica um corpo proveniente de uma massa immunda e corrompida; de um inimigo faz um amigo, de um homem um anjo.»

Em opposição á libertinagem religiosa do paganismo, o novo culto rodeava-se de praticas simples e modestas. Os seus mysterios celebravam-se n'uma santa contemplação, sem tumulto, sem clamores, sem escandalo. O pudor e a decencia presidiam a todas as ceremonias christãs: os dois sexos estavam separados nas egrejas, sem nem sequer se verem, ainda quando estavam em presença um do outro ante o altar, nem tambem se encontrarem, quando iam

*

orar, evitando assim os perigos de um trato familiar, que teria dado occasião ou estimulo ás fraquezas da carne. As exhortações dos sacerdotes não tinham um texto mais usual do que estas palavras de S. Paulo nas suas epistolas aos romanos: «Não entregueis os vossos membros ao peccado para lhe servirem de armas de iniquidade.»

O elogio e a glorificação da castidade servia de ponto de partida a todas as prédicas, praticas e conselhos.

«A continencia, dizia S. Bazilio, é a ruina do peccado, o despojo dos affectos viciosos, a mortificação das paixões e ainda mesmo dos desejos naturaes do nosso corpo, o accrescentamento dos meritos, a obra de Deus, a escola da virtude e a posse dos bens.»

Como os christãos se orgulhavam da superioridade da sua moral e da pureza dos seus costumes, os pagãos empregaram contra elles a arma da calumnia, affirmando que aquelle culto religioso não era senão um monstruoso consorcio de prostituições infames. Effectivamente, os christãos, ameaçados ou perseguidos, não se reuniam senão em segredo, longe dos olhares dos seus inimigos, no fundo dos bosques, nas cavernas, e sobretudo nas profundidades das catacumbas. Nenhum profano penetrava nos seus reconditos santuarios, e nada se sabia dos seus ritos, dos seus usos e dos seus dogmas, além do que transpirava cá fóra pelas fallazes narrações de alguns raros apostatas. Assim a opinião do povo, espicaçada constantemente pelos fanaticos sacerdotes dos deuses falsos, foi por muito tempo hostil áquelles piedosos cathecumenos, que viviam na pratica das virtudes mais austeras, e que preferiam a morte á menor macula dos seus costumes.»

Espalhava-se adrede o boato de que os irmãos de Jesus Christo professavam uma religião tão espantosa, que nem elles proprios ousavam confessar os seus principios e os seus actos. Referiam-se horrores inauditos commettidos nos concilios nocturnos, chegando a calumnia ao extremo de dizer que a horrivel luxuria dos christãos não respeitava nem idade, nem sexo, nem laços de sangue, nem relações de familia. O christianismo, segundo uns, não era mais do que um judaismo disfarçado; segundo outros, era um execravel phrenesi de atheismo e de libertinagem, que havia intentado muitas vezes introduzir-se na religião do imperio romano, e que se compunha das mais odiosas invenções da preversão humana. Eis como a prostituição antiga procurou defender-se e justificar-se, attribuindo os seus proprios excessos ao christianismo, que por espaço de dois seculos minou a sociedade pagã, antes de se apresentar triumphantemente, offerecendo-se ao mundo inteiro com todo o esplendor da sua pureza.

Os philosophos platonicos foram os primeiros a conhecer e a justificar a doutrina evangelica. No anno 170 da nova era, já Athenagoras refutava victoriosamente as indignas calumnias que attribuiam aos christãos toda a especie de incestos e de infamias. Na sua apologia da religião christã, dirigida aos imperadores Marco Aurelio e L. Vero, proclama a castidade dos christãos, segundo a differença dos sexos, das idades e dos graus de parentesco.

«Nós, dizia elle, cosideramos uns como nossos filhos e outros como nossos irmãos, e honramos os anciãos como nossos paes. Assim, temos grande cuidado em conservar a pureza dos que consideramos como membros da propria familia. Quando trocamos o osculo da paz, damol-o com toda a castidade de um acto religioso, porque, se o manchassemos com alguma intenção impura, privar-nos-hia da vida eterna. Quando qualquer de nós toma uma mulher, não tem em vista senão ter filhos, como o lavrador que, havendo confiado á terra a semente, espera o fructo com paciencia.»

N'uma outra passagem da sua apologia, Athenagoras volta com maior energia ainda á questão da castidade, que era a principal caracteristica dos

christãos, no meio da incontinencia habitual e permanente que distinguia os costumes dos gentios:

«Os christãos, diz elle, não só se absteem de adulterios, senão tambem de commercio com as mulheres publicas; e o temor que teem de cahir n'este abysmo impede-os de admittir o pensamento do mais leve prazer impudico, obrigando-os a evitar cuidadosamente todos os olhares lascivos, que podem transmittir a imagem de alguma impureza. Condemnam as visitas assiduas, os jogos e discursos livres, as conversações prolongadas, os contactos, os risos immoderados. Recusam-se ás mais innocentes liberdades, e nunca mostram as partes do corpo, que a honestidade manda conservar cobertas. Os vestidos occultam-nas aos olhares e o pudor encerra-as interiormente, de modo que, nas suas proprias casas, teem vergonha dos seus familiares; no banho, das mulheres, e em particular, de si proprios.»

Todos os Padres da Egreja nascente protestam com a mesma energia contra as imputações perfidas e calumniosas, que tendiam a diffamar indignamente os christãos.

«O amor da castidade, dizia S. Justino, nos seus Dialogos, tem tanta força entre os christãos, que muitos passam toda a vida sem nenhuma relação carnal e são virgens na idade de sessenta annos, sem que nem o temperamento nem o clima façam fraquejar a sua continencia.»

S. Cypriano, S. Clemente de Alexandria, S. Gregorio, S. Basilio, todos os Padres gregos e latinos fizeram uma pintura edificante dos costumes christãos, que eram tão puros, como depravados e preversos os dos pagãos. S. Cypriano consagra o seu *Tratado da pudicicia* á exaltação da virtude dos christãos:

«Sabem, diz elle, que os prazeres carnaes começam com a esperança de grandes alegrias e terminam com grandes illusões, que fazem com que nos envergonhemos de nós mesmos. Esses prazeres precipitam-nos com furor em toda a brutalidade dos seus movimentos, induzem-nos a todas as classes de crimes, conduzindo-nos ao horror e á abominação d'essas relações monstruosas, que passam, do sexo a que a natureza nos inclina, ao nosso proprio sexo e descem ao dos animaes, inventando mil e mil execrações voluptuosas, em que a imaginação não póde deter-se sem vergonha.»

S. Gregorio appella para o testemunho dos proprios pagãos, afim de demonstrar a gloriosa castidade christã:

«Não se contentam, diz elle, com a castidade do corpo para a mortificação de todas as sensualidades, sabendo que a verdadeira virgindade deve abster-se até da ideia do peccado.»

Com o temor de mancharem o espirito, apartavam da sua vista todos os espectaculos vergonhosos, todas as imagens deshonestas. Nunca assistiam aos espectaculos do theatro, que S. Cypriano denomina escolas de impureza; desterravam das suas mesas frugaes esses manjares diabolicos, que excitam os sentidos e arrastam a aberrações grosseiras; não se permittiam o uso dos perfumes, que afagam e produzem os pensamentos lubricos, de que a sensualidade se rodeia; não admittiam canções, nem danças, nem risadas, nem a embriaguez ou a gula nos seus banquetes, nos quaes se revelava sempre a presença do Espirito Santo.

S. Clemente de Alexandria entra em pormenores mais intimos ácerca d'esta castidade, orgulho dos fieis e vergonha dos gentios. Depois de haver estabelecido nos seus *Stromates* (Liv. II) a differença radical que existia entre os matrimonios de uns e os dos outros, dizendo que os pagãos não buscam mais do que o deleite brutal nas suas uniões, emquanto que os christãos só procuram a união, que os conduz e eleva a Jesus Christo, accrescenta estas palavras:

«Os christãos querem que as mulheres agradem a seus maridos pela pu-

reza de seus costumes e não pela sua belleza. Querem tambem que os maridos não se sirvam das suas mulheres como das prostitutas, em que só se procuram as corrupções sensuaes, porque a natureza concede-nos o matrimonio, como os alimentos, cujo uso e não abuso está auctorisado por ella n'uma proporção util á saude do corpo.»

Este mesmo Padre da Egreja offerece-nos um curioso quadro da decencia do matrimonio christão:

«Os esposos, diz elle, levam o pudor para o leito conjugal, com o receio de que, se violassem nas trevas os preceitos d'esse pudor, se tornariam similhantes a Penelope, que desfazia durante a noite o que havia feito de dia. Este pudor é uma prova de que sabem reprimir a sua sensualidade, no proprio logar em que ella tem o direito de emancipar-se, e dando-se mutuamente esta prova, são castos exteriormente. Nos seus leitos não ha essas desordens do peccado, que a voluptuosidade inventou, porque Jesus Christo, permittiu-lhes casarem, sem lhes permittir serem voluptuosos.»

N'outro logar define S. Clemente a castidade do matrimonio christão, em comparação do qual o dos pagãos não era mais do que uma prostituição concubinaria ou um trafico immoral.

«O unico fim da união dos dois sexos, diz elle, é procrear filhos, para fazer d'elles homens de bem. E' proceder contra a razão e contra as leis procurar só o prazer no matrimonio, mas que não se abstenha ninguem d'esse prazer com o temor de ter filhos. A natureza prohibe igualmente na infancia e na velhice as relações impudicas dos dois sexos. Aquelles a quem o matrimonio permitte estas relações carnaes, devem estar sempre attentos á presença de Deus, e respeitar os seus corpos, que são membros seus, abstendo-se de todo o olhar, de todos os toques impudicos ou illicitos...»

A conducta reservada dos esposos no estado do matrimonio levou naturalmente certos Padres da Egreja, Origenes, por exemplo, a supprimir o sexo feminino na outra vida, como inutil e perigoso. Origenes, que havia applicado a si proprio a doutrina da suppressão sexual, pretendia que só o sexo masculino resuscitaria. Outros Padres, para melhor assegurarem a continencia dos bemaventurados, foram de parecer que os escolhidos não tinham sexo, mas que os condemnados conservavam o seu e com elle todas as suas miseraveis paixões. O maior numero dos doutores, pelo contrario, fundavam-se nas palavras do Apocalypse, para crerem e ensinarem que os santos se casariam no ceu, gerando filhos e gosando de todos os prazeres do corpo. Tertulliano, Lactancio, Ireneu, Justino e Matodio pronunciaram-se em favor d'este matrimonio celestial e eterno. Mas a Egreja, pela voz dos concilios, declarou que se os dois sexos persistiam no ceu, não haveria matrimonio, nem gosos terrestres, e muito menos procreação de filhos.

Santo Agostinho diz a este respeito, na sua *Cidade de Deus* (Livro II, cap. 17):

«Deus apagará tudo quanto houver de vicioso nos escolhidos, mas deixará substituir os sexos, o que não é um mal, porque foi Deus que os creou. Os membros, que não terão mais paixões nem servirão para os seus antigos usos, serão revestidos de uma nova belleza.»

Os casuistas não attenderam a esta passagem, quando imaginaram que a resurreição repararia a integridade virginal nos corpos que a tivessem perdido na terra.

A castidade, aquella virtude, cujo monopolio se attribuia os christãos, era, pois, a sua preoccupação constante e o signal mais caracteristico da sua crença. Guardavam-na como um precioso deposito que lhes houvesse confiado o Salvador, e faziam d'ella uma arma de provocação contra o sensualismo pagão, que se sentia incapaz de a imitar. Comprehende-se perfeitamente que os fun-

dadores do catholicismo, sabendo a força de acção que esta castidade tinha nas massas como no individuo, chamassem em seu auxilio todos os rigores da penalidade ecclesiastica, tanto interesse tinha a Egreja nascente em proteger os costumes e prégar o exemplo.

D'aqui aquella severidade do codigo christão a respeito dos peccados carnaes que a lei romana não punia. Pela simples fornicação pretendia S. Gregorio que a penitencia fosse de nove annos, divididos em tres cathegorias, de modo que os fornicarios fossem tres annos excluidos da oração, outros tres annos ouvintes, e outros tres orassem prostrados.

S. Bazilio era mais indulgente, contentando-se com uma penitencia de quatro annos por este mesmo peccado, um anno para cada estado de penitencia. Em compensação augmentava a severidade contra o adulterio, o incesto, a sodomia e a bestialidade, que castigava com uma penitencia de quinze annos, assim distribuidos: — quatro annos para chorar o peccado; cinco para ouvinte, quatro para se conservar prostrado no templo e dois como simples assistente.

Não obstante, o adulterio commettido entre um homem casado e uma mulher solteira equivalia a uma simples fornicação. A polygamia, ainda que considerada como um estado de bestialidade e indigna do homem, só produzia a pena de quatro annos, um chorando e tres prostrado. O concubinato das pessoas consagradas a Deus não se considerava senão como um caso de fornicação, comtanto que se quebrassem os vinculos illicitos. Uma joven que se prostituia com o consentimento de seus paes ou de seus amos fazia tres annos de penitencia. A que apenas havia cedido á violencia não incorria em pena alguma, nem ficava manchada ante Deus ou ante os homens. Quanto ao diacono culpado de fornicação, tinha que voltar á classe de simples leigo e trabalhar na mortificação da sua carne peccadora.

Esta legislação da egreja primitiva prova exhuberantemente o inestimavel valor que os christãos davam á conservação da sua pureza corporal e mental. Por isso os pagãos se mostravam encarniçados contra essa virtude, que os seus adversarios oppunham como um *veto* ás desordens e impurezas do paganismo. Os pagãos dedicaram-se obstinadamente a experimentar até onde podia chegar esta virtude e procuraram manchal-a, entregando-a aos attentados da violencia e aos ultrages da luxuria, mas esta especie de supplicio não teve mais força do que os outros contra a santa resignação das virgens e dos martyres.

Estas virgens faziam a Deus o sacrificio da sua virgindade e supportavam sem deixar de ser puras o duro supplicio da fornicação. A Egreja auxiliava-as n'esta agonia de perseguição e a sua voz consoladora animava-as a subir ao ceu pela via amarga e penosa da prostituição.

«A virgindade, dizia-lhes Santo Agostinho (*Contra Juliano,* liv. IV) está no corpo; a pudicicia no espirito. Esta fica residindo n'elle, quando aquella é arrancada ao corpo.»

«Não é, pois, a violencia que corrompe os corpos das santas mulheres,» accrescentava S. Jeronymo.

«Uma virgem, dizia Santo Ambrosio, póde estar prostituida e não manchada.»

«Tudo quanto se póde fazer do corpo e no corpo pela violencia, dizia ainda Santo Agostinho, tudo isso não mancha a pessoa que soffreu essa violencia sem poder resistir, porque, se a pureza perecesse d'esse modo, não seria então uma virtude do espirito, mas sim uma qualidade do corpo, tal como a belleza, a saude e os outros bens transitorios.»

Um sacerdote chamado Victoriano escreveu a Santo Agostinho para lhe annunciar dolorosamente as horriveis violencias, que os barbaros faziam soffrer ás virgens christãs. O santo respondeu-lhe (Ep. 122) que, se essas virgens so-

friam as violencias sem consentirem n'ellas, nem se submetterem, não eram culpadas em presença do Senhor.

«Pelo contrario, dizia o erudito doutor da Egreja, será uma ferida honrada e gloriosa. Porque a castidade, que está na alma, tem tão grande força espiritual que permanece inviolavel e faz com que a pureza do corpo não possa soffrer nenhum detrimento, bem que os corruptores tenham ousado vencer e violar os membros d'aquelle corpo material.»

S. Bazilio ensina uma doutrina analoga para tranquillisar o espirito das virgens ameaçadas do mais terrivel dos martyrios:

«Se algumas ha que tenham soffrido a violencia, sem que suas almas n'ella consentissem, nem por isso deixarão de apresentar ao seu divino esposo essas almas puras e sem corrupção, ainda com maior honra e gloria.»

Era uma consolação para as pobres virgens tão infamemente prostituidas pelos seus algozes. A ideia d'este cruel supplicio fôra certamente inspirada aos perseguidores pela singular admiração que os christãos manifestavam pelas suas virgens, e ao mesmo tempo pelo orgulho que ellas tinham da sua immaculada pureza. Eis o motivo por que durante as perseguições houve tantas virgens christãs ultrajadas pelos carrascos, que em ultima analyse não faziam mais do que applicar uma antiga lei romana, em virtude da qual nenhuma virgem podia ser suppliciada.

Quanto ás virgens, diz Suetonio, na vida de Tiberio, como um antigo costume prohibia estrangulal-as, o carrasco violava-as primeiro e estrangulava-os depois (*immaturatæ puellæ, quia more tradito nefas esset virgines strangulari, vitiatæ prius a carnifice, dein strangulatæ.*)»

A violação das virgens christãs não era, portanto, no principio senão um preliminar da pena ultima, conforme o uso da penalidade romana. Mais tarde, essa violação veio a ser a parte principal do mesmo supplicio, e não obstante as virgens nunca declinaram perante os juizes as responsabilidades do seu estado virginal, apesar d'estes magistrados pagãos terem um cruel prazer em as ferir exactamente no que ellas mais estimavam. Mas a perda da sua virgindade era um sacrificio que offereciam castamente a Deus, em troca da corôa do martyrio.

Admire-se o cantico de victoria que S. Cypriano dirige áquellas resignadas martyres, devoradas pelo monstro insaciavel da prostituição pagã:

«As virgens, diz elle, são as flores do jardim da Egreja, a maravilha da graça, o adorno da natureza, uma obra perfeita e incorruptivel, digna de todos os louvores e de todas as honras, a imagem de Deus correspondente á santidade de Nosso Senhor e a parte mais selecta e pura do rebanho de Jesus Christo.»

O paganismo esperava destruir o germen da nova religião, atacando o proprio principio da virgindade. Mas as virgens foram mais fortes que os seus verdugos.

CAPITULO XXXI

SUMMARIO

Razão da necessidade por que S. Paulo e os apostolos impuzeram aos christãos a abstinencia dos prazeres da carne e a pureza virginal.—Os *agapes*.—Os coveiros, ou *fossores* das catacumbas de Roma, primeiros adoradores de Christo.—Regeneração operada pela religião christã sobre os entes miseraveis e abjectos que se dedicavam ao serviço da prostituição.—As cortezãs martyres.—Historia de Maria Egypciaca contada por ella propria.—Lenda de Santa Thais.—O que fez Santo Ephrem para converter uma mulher de má vida.—Os dois solitarios e a prostituta.—S. Simeão.—Conversão de Porphyrio.—Santa Pelagia.—Santa Theodota.—Conversão e supplicio de Santa Afra.—Oração de Santa Afra sobre a fogueira e oração das prostitutas arrependidas.



Não é difficil comprehender os motivos de alta previsão, que fizeram recommendar a castidade entre todas as virtudes christãs. Esta virtude fôra de certo prescripta pela lei de Moysés, e a cada passo se encontra nas Santas Escripturas a condemnação dos peccados da carne. Salomão, que teve setecentas concubinas na sua velhice, não perdoou a todos os excessos sensuaes, embora prevaricasse a cada passo, deixando-se arrastar por todos os vicios.

«O adultero perderá a sua alma pela loucura do seu coração, dizia elle nos *Proverbios* (cap. VI;) attrahirá cada vez mais sobre si a torpeza e a ignominia e o seu opprobrio nunca mais se apagará.»

S. Paulo e os apostolos não fizeram mais do que seguir a doutrina mosaica, impondo aos christãos a abstinencia dos prazeres da carne e a pureza virginal. Mas havia uma razão de necessidade que vinha juntar-se a todas as outras, que a religião aconselhava no interesse da moral ditada pelo Evangelho: a vida commum dos cathecumenos de ambos os sexos expunha-os a tentações e perigos diarios, e requeria um poderoso preservativo, para não degenerar em excessos e desordens quasi inevitaveis. Estes mysterios, que teriam recordado os vergonhosos ritos do paganismo, confundiriam aos olhos dos infieis a divina religião do Crucificado, e o culto do verdadeiro Deus não poderia luctar com vantagem contra os cultos vis e corruptores de Venus, de Baccho, de Cybele e de Isis, porque n'aquellas differentes idolatrias a celebração dos mysterios não manchava os templos e bosques sagrados senão em certas épocas do anno, emquanto que as ceremonias occultas da fé catholica tinham logar em todo o tempo, todos os dias, ou melhor, todas as noites, sob o nome de *agapes*.

N'estes *agapes,* n'estas ceiás fraternaes, em que a palavra do Senhor nutria a alma e mortificava o corpo, os dois sexos estavam reunidos, e a concupiscencia ter-se-hia despertado ainda nos corações mais castos e frios, se a lei

do novo culto não tivesse posto um freio salutar aos instinctos da natureza e aos impulsos do vicio. Eis o motivo por que a continencia era a primeira virtude exigida aos christãos para assegurar e favorecer todas as outras. Se esta virtude não fosse prégada continuamente, se não dominasse todos os corações, os *agapes* não teriam servido senão para propagar os erros e crimes da prostituição.

Nada póde dar uma ideia da exaltação dos fieis, que não aspiravam senão ao martyrio, e que o soffriam voluntariamente em si proprios, nos seus desejos e nas suas paixões antes de se entregarem em corpo e alma ao martyrio da arena e ás garras das feras do amphitheatro. Esta exaltação facilmente sujeita a excessos e loucuras, como se viu nas frequentes heresias da nova fé, teria necessariamente produzido uma libertinagem monstruosa, desacreditando o christianismo e cobrindo de um despreso geral os apostolos e os seus proselytos. Imaginem-se tambem os perigos que incessantemente corria n'esta existencia contemplativa o pudor dos irmãos de ambos os sexos, reunidos para a oração e penitencia.

As mulheres apresentavam-se envolvidas em amplos veus e em trajos que não lhes delineavam as fórmas. Este honesto e recatado trajo de lã grosseira e de côr uniforme, branco, pardo ou negro, não attrahia os olhares com os seus adornos mundanos, nem excitava os sentidos com a voluptuosidade dos perfumes. Aquellas mulheres de vestidos compridos, que nem sequer descobriam a extremidade dos pés, pareciam estatuas immoveis de carpideiras dos funeraes.

Pela sua parte, os homens não vestiam menos modesta e decentemente, tendo em logar de veus grandes chapeus ou amplas cogullas, debaixo das quaes os rostos pallidos e macillentos tinham a apparencia de cadaveres.

Mas ainda isto não bastava para impedir que a natureza fallasse mais alto que a vontade; era preciso que essa natureza fogosa e rebelde se deixasse algemar pela auctoridade do preceito e pela efficacia do exemplo.

Assim, homens e mulheres podiam permanecer impunemente reunidos dias e noites inteiras sem que praticassem actos culpados, ou que tivessem mesmo impuros pensamentos. Respiravam o mesmo ar, dormiam juntos nas catacumbas e no meio dos bosques, mas adormeciam, exactamente como acordavam, orando.

Quando as perseguições obrigaram os christãos a occultar-se e a viverem juntos no recesso solitario das catacumbas e dos bosques, o dogma da castidade estava solidamente estabelecido entre as filhas e as esposas de Jesus Christo. Haviam domado as mais violentas rebelliões da carne, apesar da continua ameaça, do desalento e da ociosidade. Não havia sexo, por assim dizer, n'aquella piedosa agglomeração de santos e santas, que habitavam juntos aquelles retiros subterraneos, onde muitos d'elles haviam nascido e onde esperavam ter inviolavel sepultura.

Não é para admirar, portanto, que os pagãos ignorando a castidade d'esta vida secreta, a suppozessem tal como elles a teriam feito, com a licença dos seus costumes e a sensualidade das suas crenças religiosas. Não podiam persuadir-se de que os sentidos acceitassem de bom grado similhante escravidão, nem mesmo suspeitavam qual podésse ser a efficacia e o poder da oração, nem os prodigios de que seria capaz o fanatismo do dever religioso. D'aqui, essas odiosas calumnias que acreditavam e espalhavam contra os christãos, com os quaes confundiam os impuros heresiarcas, que a Egreja nascente repellia do seu seio com horror.

Nas catacumbas, n'aquellas vastas excavações, d'onde Roma havia extrahido o material dos seus templos e de todos os seus edificios, n'aquelles extensos subterraneos, que serviam de cemiterio aos escravos e aos pobres da ci-

dade eterna, foi onde Jesus Christo encontrou os seus primeiros adoradores, porque o seu Evangelho fallava especialmente aos desgraçados que soffriam. Os coveiros (*fossores,*) que abriam os leitos do somno eterno e que nunca viam o sol, acceitaram desde logo, cheios de confiança, uma religião que abatia os soberbos e elevava os humildes. Assim se enriqueceram aquelles pobres com todas as alegrias do paraiso, que o Salvador lhes promettia, e viram-se rehabilitados, elles que eram perseguidos pelo horror e despreso dos homens, cujos restos mortaes tinham o triste privilegio de enterrar.

Aquella rehabilitação divina dirigia-se ás almas abjectas que tinham necessidade de encontrar a sua propria estima debaixo do opprobrio de que as sobrecarregava a opinião publica. O christianismo apagava todas as manchas originaes pelo baptismo e pelo arrependimento, creava no homem antigo um homem novo, restituia a pureza que se havia perdido pelo peccado, cingia com uma aureola de gloria as frontes stigmatisadas pela ignominia. Comprehende-se facilmente qual devia ser a sua acção benefica e regeneradora entre os desgraçados seres envilecidos, consagrados ao serviço da prostituição.

Aquelles miseraveis, que até então nunca haviam tido sequer a consciencia da sua degradação, sentiram-se de repente tristes e envergonhados, logo que abriram os olhos á luz da moral evangelica e comprehenderam com espanto toda a profundidade do abysmo em que o vicio os despenhára. Uns converteram-se e abjuraram aquella vida de escandalos e ignominias, outros, menos felizes, continuaram-na em lagrimas e orações, submettendo-se a ella como a uma odiosa tyrannia e offerecendo ao verdadeiro Deus o holocausto da sua vergonha.

A religião christã propagou-se rapidamente n'aquellas almas cheias de amargura e de arrependimento, e a mais vil e miseravel prostituta póde então, graças ao Evangelho, erguer a fronte aviltada, para contemplar o ceu com um sorriso de esperança. As prégações dos apostolos e dos seus discipulos tinham logar a principio nas encruzilhadas dos caminhos, á entrada das cidades, nas praças e nos arrabaldes, em toda a parte, em summa, onde uma multidão ociosa prestava ouvidos ao apostolo. Operarios, barqueiros, escravos, n'uma palavra, a escoria social, tal era o auditorio que se apinhava em torno do homem de Deus, que prégava a continencia e a mortificação da carne.

As prostitutas eram sempre as mais constantes em ouvir aquella palavra benefica e santa, que lhes acalmava as tormentas da alma e lhes dava alento para procurarem a Deus. Estas desgraçadas, victimas da libertinagem, tinham menos horror de si proprias, quando julgavam haver communicado com o Redemptor, e renunciavam frequentemente ao seu vergonhoso officio para se consagrarem á divina missão enviada por Jesus ás virgens e ás arrependidas.

Tal foi certamente o imperioso motivo que presidiu nos primeiros seculos do christianismo á instituição do celibato christão. Jesus havia absolvido Maria Magdalena, porque muito amara. A exemplo do Divino Mestre, os seus discipulos mostravam-se indulgentes com as mulheres que haviam vivido na impureza, emquanto eram pagãs, e que, convertendo-se ao christianismo, entravam na gloriosa via da penitencia.

As lendas piedosas dos primeiros tempos christãos estão cheias de cortezãs tocadas pela mão do Senhor, e que seguem seus passos para chegarem á salvação, apagando com as lagrimas do arrependimento as manchas da torpeza do seu passado. Todas essas pobres mulheres estão animadas do Espirito Santo, como as tres Marias, que tudo abandonaram para seguirem o Redemptor. Quanto mais manchadas e envilecidas estavam pelo peccado, tanto mais se esforçavam por se purificarem nas chammas da fé e da expiação. Muitas d'ellas, as mais prevertidas muitas vezes, convertem-se em santas e obteem a corôa do martyrio.

*

O numero das santas d'esta especie é tão consideravel, que o jesuita Theophilo Raynaud fez um martyrologio especial d'ellas, em continuação da historia de Maria Egypciaca, modelo e padroeira de todas ellas.

Não pretendemos escrever a lenda poetica de todas estas meretrizes beatificadas, nem é nosso empenho tambem regatear-lhes o logar que, com razão ou sem ella, occupam na bemaventurança. Citaremos apenas algumas passagens dos antigos agiographos, para demonstrarmos a influencia do christianismo sobre a prostituição pagã e para fazermos resaltar este facto singular: — que as prostitutas tiveram a honra insigne de serem as primeiras a abjurar o culto dos falsos deuses, esses symbolos mais ou menos honestos da sensualidade humana.

Maria, a Egypciaca, que viveu no reinado de Claudio e que se retirou para o deserto para fazer penitencia depois da sua conversão, conta nos seguintes termos a sua historia ao padre Zozymo, que a encontra completamente nua e com o corpo ennegrecido pelo sol:

«Nasci no Egypto, diz a santa, cobrindo a sua nudez com a capa que Zozymo lhe offerecera. Aos doze annos fui para Alexandria, onde por espaço de mais de dezesete vivi no abysmo da libertinagem publica, sem recusar o meu corpo ás sollicitações fosse de quem fosse. Como alguns habitantes da cidade resolvessem fazer uma viagem a Jerusalem para adorarem a verdadeira cruz, pedi aos marinheiros que me levassem a bordo. Quando me fallaram na importancia da passagem, disse-lhes: «Amigos, não tenho dinheiro para pagar o que me pedis. Tomae o meu corpo e pagae-vos n'elle de quanto entenderdes.» Combinada assim a viagem, embarquei e cheguei a Jerusalem, e tendo-me apresentado com os outros ás portas do templo para adorar a cruz, senti-me subitamente repellida por uma força invisivel. Em vão insistia para vencer aquella mysteriosa repulsão, sentia-me sempre detida, emquanto os outros entravam sem difficuldade. Considerei então o meu passado, e vi que os meus numerosos peccados eram a causa do que me estava succedendo. N'esse momento comecei a chorar amargamente, castigando com as mãos a minha carne peccadora.»

A Egypciaca fez voto de castidade e collocou-se sob a protecção da Virgem Maria, que lhe permittiu entrar no templo e adorar a verdadeira cruz. Depois, atravessou o Jordão e penetrou no deserto, onde permaneceu quarenta e sete annos sem vêr nenhum homem e alimentando-se com tres pães que levara comsigo.

«Durante os primeiros dezesete annos da minha vida solitaria, accrescenta ella, tive de soffrer grandes tentações da carne, mas com a graça de Deus pude vencel-as a todas.»

Eis os exemplos que o missionario christão offerecia ás mulheres de má vida, que accudiam em tropel a ouvir a sua palavra.

A narração da vida da Egypciaca, ainda ha pouco apresentada aos leitores, é de Thiago Voragine, o grande agiographo da idade-média. E' mais decente do que a dos *Actos* da santa, paraphraseados e commentados com bem pouca reserva pelo seu historiador Theophilo Raynaud.

Maria Egypciaca era ordinariamente a padroeira das cortezãs, e o abandono, que fez do seu corpo aos marinheiros durante a viagem, via-se representado nos vidros das egrejas, especialmente em Santa Maria de la Jussienne, capella situada n'outro tempo na rua d'este nome em Paris. Esta capella pertencia á grande confraria das mulheres publicas.

Outra cortezã, que não teve a reputação da Egypciaca entre as suas companheiras, figura tambem no agiologio, pela honrosa confissão dos seus peccados. E' possivel que esta santa não fosse mais do que uma personificação da libertinagem penitente e um emblema sympathico da purificação de um corpo

manchado pela culpa. Seja o que fôr, esta corteză chamava-se Thais e vivia n'uma cidade do Egypto, cujo nome a tradição omittiu. A sua belleza era tão tentadora, que muitos insensatos vendiam tudo quanto possuiam para lhe comprarem os favores, ficando ao sahir do leito da sensualidade reduzidos á ultima miseria. Os amantes da bella peccadora travavam frequentes desordens motivadas pelos ciumes, e a porta de Thais estava quasi sempre regada de sangue, diz Voragine.

O padre Paphnuco teve um dia a ideia de a converter, e para este fim vestiu um trajo profano, muniu-se de uma moeda de ouro e foi offerecer-lh'a em pagamento do peccado que d'ella pretendia sollicitar. A corteză acceitou a moeda, e disse-lhe:

— Vamos para o meu quarto.

Quando Paphnuco alli entrou e a corteză o convidava ao peccado, o santo homem objectou-lhe que não estava á sua vontade. Queria um aposento mais afastado onde não podésse ser visto.

Thais conduziu-o successivamente a muitos quartos da casa, que o padre achava sempre pouco occultos, dizendo-lhe que receiava ser visto.

A corteză levou-o afinal ao mais afastado que possuia e disse-lhe:

— N'este aposento não entra ninguem, mas se receias ser visto por Deus, posso dizer-te, meu amigo, que não ha logar algum occulto ao seu olhar.

Admirado o ancião d'esta linguagem, perguntou-lhe se sabia da existencia de um Deus remunerador e vingador, ao que a corteză respondeu affirmativamente.

—Pois se sabes essa verdade, disse-lhe Paphnuco severamente, para que perdeste tantas almas? Sim, peccadora, ha um Deus a quem terás de dar contas não só da tua alma, como tambem de todas aquellas que incitaste ao erro e ao peccado!

A estas palavras Thais cahiu aos pés do velho, derramando lagrimas de sincera contrição.

—Padre, exclamou a penitente, eu espero obter ainda pela oração a remissão das minhas culpas! Peço-te que me concedas tres horas para me preparar. Depois d'isto, seguir-te-hei, e farei tudo o que me ordenares.

O ancião indicou-lhe o sitio em que a esperaria, e sahiu d'aquella casa de impureza.

Thais fez no meio da praça publica um montão de todos os seus vestidos, joias e moveis, de tudo quanto lhe produzira o trafico infame da prostituição, e lançou o fogo a tudo aquillo, á vista do povo que este espectaculo fizera agglomerar.

—Vinde todos os que peccaste commigo, dizia a corteză, arrependida, e vereis como eu destruo o lucro do peccado!...

Quando todos aquelles despojos do vicio, foram devorados pelas chammas, a corteză foi ter com o virtuoso Paphnuco, que a conduziu a um mosteiro de virgens e a encerrou n'uma cella, cuja porta tapou a cal e areia, sem deixar livre senão uma pequena janella, por onde passava alguma claridade e por onde davam á penitente apenas pão e agua. No momento em que o ancião se despedia da arrependida, Thais perguntou-lhe:

— Padre, onde hei de deitar a agua que a natureza expellir do meu corpo?

— Na tua cella, que não mereces outra cousa, respondeu-lhe duramente Paphnuco.

— E como hei de adorar a Deus?

—Não és digna de o nomear, miseravel! disse-lhe o velho com despreso, nem de levantares as mãos ao ceu, porque os teus labios estão cheios de iniquidades e as tuas mãos de torpezas! Prostra-te para o lado do Oriente e repete com frequencia: «Tu que me creaste, tem piedade de mim!»

Esta terrivel penitencia durou tres annos, depois dos quaes, a cortezã absolvida pelo padre Paphnuco, sahia, bem a seu pesar, do mosteiro. Thais não sobreviveu mais do que tres dias á remissão dos seus peccados e morreu em paz como uma virgem.

Santo Ephrem foi menos feliz na conversão de outra mulher de má vida que quiz induzir o santo a peccar com ella. Para se subtrahir ás suas importunas provocações, o santo disse-lhe:

—Segue-me.

A cortezã seguiu-o effectivamente, mas o santo homem em vez de procurar um sitio favoravel para o peccado, um local solitario qualquer, conduziu-a á esquina de uma rua muito frequentada.

—Bem, disse-lhe Ephrem. Podemos parar aqui para fazermos o que desejas.

—Aqui?! perguntou a cortezã muito admirada. Não vês que ha muita gente n'esta rua? observou ella cheia de rubor.

—Pois, se te envergonhas de peccar em presença dos homens, disse Santo Ephrem muito indignado, porque não te envergonhas do Creador, que descobre até as cousas occultas no fundo das trevas?

A cortezã, envergonhada e confusa, abaixou a cabeça e fugiu, mas não para um mosteiro como a outra, que havia queimado todos os proventos da sua infamia.

Os Padres da Egreja não receiavam fallar com estas desgraçadas, porque o seu empenho constante era vêr se conseguiam trazer ao bom caminho as pobres peccadoras, fazendo com que se envergonhassem do seu officio. As *Vidas dos Santos Padres* estão cheias de aventuras, que provam a continencia e caridade d'aquelles venerandos luminares da Egreja.

Dois anachoretas, que iam á cidade de Aige, em Tharso, viram-se obrigados, por causa do excessivo calor e da fadiga da jornada, a recolherem-se n'uma estalagem, apesar da repugnancia que tinham de entrar em lugares suspeitos.

Estavam ao tempo na estalagem alguns libertinos e uma prostituta. Esta, inspirada pelo demonio, approximou-se de um dos santos varões e convidou-o a peccar com ella. O santo repelliu-a indignado e afastou-se, pedindo a Deus que lhe perdoasse. Mas a desgraçada seguiu-o com insistencia, rogando-lhe com mil caricias e requebros que não se oppozesse aos seus desejos, e como que para o determinar, recordou-lhe o facto de Maria Magdalena haver sido carinhosamente acolhida por Jesus.

—E' verdade, disse o santo homem, mas quando o meu Divino Mestre dirigiu a palavra á peccadora, já ella havia deixado de ser cortezã.

—E eu tambem, respondeu a mulher, obedecendo decerto a uma inspiraçao do Espirito Santo.

E depois d'isto, separou-se dos seus companheiros de libertinagem para seguir piedosamente os dois anachoretas, que a levaram a um mosteiro de mulheres, onde viveu em austera penitencia, sob o nome de Maria.

As suas companheiras nunca lhe lançaram em rosto o seu antigo estado, e a peccadora, apesar de tanto haver descido no vicio antes da sua milagrosa conversão, foi depois uma das mais fieis e exemplares esposas de Christo.

Uma passagem de S. Simeão Estellita, que viveu mais de quarenta annos no capitel de uma columna, onde tinha a sua cella de anachoreta, demonstra-nos a sollicitude com que as cortezãs de todos os paizes vinham vêr o commovedor espectaculo das suas austeridades, e ouvir as exhortações salutares da palavra divina. S. Simeão, do alto da columna, converteu uma multidão de homens viciosos ou preversos, que de toda a parte vinham ouvir as suas prédicas. As meretrizes, que a fama do santo attrahira em grande numero, mal o

viam orando e prégando na sua columna, renunciavam ao seu modo de vida, aos seus sumptuosos vestidos, aos perfumes e outras voluptuosidades, para entrarem n'um mosteiro, onde se convertiam á força de penitencia e de lagrimas:

«Quid porro de meretricibus dicam, quæ, ex diversis procul terris, ad servi Dei septum profectæ, postquam illum conspexere, patriam suam deseruere, et severiorem ascetarum disciplinam in monasterio professæ, sanctorum honorem commeruerunt posteaque, Domino largiente, præteritorum criminum chirographa suis lacrymis.» (*Acta sanctorum,* tit. II, pag. 334.)

Poderia inferir-se d'esta curiosa passagem que as cortezãs faziam uma confissão geral dos seus peccados e um inventario circumstanciado, que tinham sempre á vista durante a sua longa penitencia, para não esquecerem as suas antigas culpas e as chorarem eternamente.

De resto, as penitentes podiam ser cathecumenas desde que abandonavam a vida da prostituição. Assim, na vida de Santa Pelagia, vê-se esta famosa comica, que não havia renunciado ao mundo, assistir a uma instrucção religiosa na egreja de Antiochia, onde nunca havia entrado até então. E não obstante, tinha dado um grande escandalo ao bispo e aos seus suffraganeos, sentados á porta da egreja de S. Julião, quando passára perto d'elles toda resplandecente de pedras preciosas, perolas e ouro, que brilhavam até nos seus borzeguins, perfumada de essencias embriagadoras e orgulhosa da sua extremada formosura. O santo bispo e os seus companheiros retiraram-se com os olhos baixos, para não verem aquellas fórmas esplendidas, aquelles hombros, aquelles braços e seios nus, que a tentadora offerecia aos seus castos olhares.

Esta Santa Pelagia não é a mesma que se chamava Porphyria no seu officio de cortezã, e que viveu em Tyro dois ou tres seculos mais tarde. Um dia viu esta ultima na rua dois anachoretas, que andavam pedindo esmola para os pobres e enfermos, e sentiu-se no mesmo instante ferida pela setta da divina graça. Dirigiu-se, pois, ao mais velho dos santos e disse-lhe n'uma grande effusão da sua alma:

—Padre, salvae-me, como Jesus salvou a peccadora!...

O homem ergueu os olhos para a cortezã e contemplou-a com doçura e tristeza:

—Bem, segue-me! respondeu-lhe.

A cortezã seguiu-o com humildade e respeito, mas o santo velho tomou-lhe da mão e conduziu-a assim publicamente atravez da cidade. Quando sahiram d'ella, entraram n'uma egreja que se lhes deparou e Porphyria encontrou alli um menino recemnascido, que immediatamente mandou adoptar.

O anachoreta e a cortezã seguiram o seu caminho com a creança, mas este facto deu logar a escandalos e murmurações, porque houve quem suspeitasse que o filho adoptivo de Porphyria era apenas o fructo das suas relações com o anachoreta. O santo homem fez cessar as murmurações dos maldizentes, trazendo carvões accesos na sua tunica, para provar que estava innocente. Porphyria tomou então o nome de Pelagia e foi encerrar-se austeramente n'um convento.

O seu exemplo fez tamanha impressão no animo das cortezãs de Tyro, que houve logo quem o imitasse, e muitas d'ellas se consagraram a Deus para lavarem as manchas dos seus peccados e serem esposas de Jesus-Christo.

A primeira Santa Pelagia morreu em Antiochia, durante a perseguição de Licinio, em 308, havendo-se atirado á rua de uma janella, para escapar ao furor dos soldados, que iam apoderar-se d'ella e ameaçavam attentar contra o seu voto de castidade.

Durante a mesma perseguição, houve outras cortezãs que soffreram o martyrio, entre ellas Theodota, Afra e as suas companheiras, que exerciam igualmente a prostituição. O sabio Ruynart, que faz remontar áquella data a vida

de santa Theodota, faz esta observação, que deveria ter apoiado em algumas auctoridades!

«Não se vê admittida nenhuma corteză na communhão dos fieis e recebida na Egreja antes do tempo da perseguição de Licinio, e não póde negar-se que Theodota traficava com o seu corpo (*quæstum corporis fecisset.*)»

O martyrio de Santa Afra foi ainda mais notavel que o de Theodota, que soffreu a affronta de ser condemnada a tomar de novo o seu vergonhoso officio. Afra compareceu ante o juiz Gayo, que a acolheu com uma certa affabilidade:

—Tu és meretriz, segundo me disseram. Pois então sacrifica aos deuses. Tanto mais facil te será isso, quanto é certo que uma corteză nada tem que vêr com o Deus dos christãos.

Afra guardou silencio, encommendando-se mentalmente a Jesus Christo.

—Sacrifica, continuou o magistrado, sacrifica para que os deuses te concedam a graça de ser amada e de teres de futuro tantos amantes como até agora tens tido. Sacrifica, para obteres o lucro dos teus amores.

Afra sentiu-se morrer de vergonha, ao vêr assim relembrada toda a sua vida infame de outros tempos.

—Não acceitarei esse lucro execravel, disse ella com amargura, porque todo o dinheiro que havia adquirido n'essa vida miseravel e infame repelli-o para longe de mim. Pedi a um dos meus irmãos, a um pobre, que o purificasse acceitando-o e orando por mim, e elle recusou-o com horror. Se me desfiz de um lucro mal adquirido, como poderia agora adquiril-o do mesmo modo?

—Christo, objectou o juiz, não te acha digna d'elle. Por isso não tens razão para o chamares teu Deus. Elle não te reconhece como sua, porque uma meretriz não póde chamar-se christã.

—Effectivamente, eu não mereço o nome de christã. No emtanto, a misericordia de Deus, que julga, não o meu merito, mas a minha fé, não me fechará as portas do paraiso.

O juiz proferiu então a seguinte sentença:

—Ordenamos que a corteză Afra (*publicam meretricem,*) que se declarou christã e não quiz sacrificar aos deuses, seja queimada viva.

Afra caminhou corajosamente para o supplicio, emquanto as suas duas amigas Eunormia e Eutropia, que como ella haviam recebido o baptismo da mão do bispo Narciso, estavam cobertas com os seus veus e silenciosas á beira do rio, esperando poder participar do martyrio de Afra, assim como haviam participado da sua má vida (*simulque fuerant in peccato.*)

Ao subir á fogueira, Afra fez uma supplica extremamente commovente a Jesus Christo, que se adoptou na idade média, como a oração das meretrizes arrependidas:

«Meu senhor Jesus Christo, Deus poderoso, que não vieste chamar os justos, mas sim os peccadores, á penitencia; meu Jesus, cuja promessa é verdadeira e manifesta, porque te dignaste dizer que no momento em que um peccador se arrepende das suas culpas, nunca mais te lembras dos seus peccados, recebe, oh meu Jesus, n'esta hora a expiação da minha morte! (*Accippe in hac hora passionis meæ pœnitentiam.*)

Uma corteză martyrisada em nome de Jesus Christo arrancava sempre uma multidão de victimas á prostituição e produzia com o seu sangue e com a sua fé novos martyres christãos.

CAPITULO XXXII

SUMMARIO

Razão porque os gentios infligiam ás mulheres christãs o supplicio da prostituição publica.—Lenda das sete virgens de Ancira.—Agonia de uma virgem abandonada aos ultrages da impudicicia pagã, segundo a descripção de Aurelio.—Santa Ignez, denunciada como christã.—Sentença do prefeito Simphronio.—A santa é conduzida a uma casa de prostituição.—Morte milagrosa do filho de Simphronio.—Particularidades importantes para a historia da prostituição.—Santa Theodora denunciada como christã é tambem condemnada ao supplicio do lupanar.—Abnegação sublime de Didimo.—Decapitação de Theodora e de Didimo—Facto analogo referido por Palladio.—Lenda de Santa Theodora.—Santa Dionysia entregue aos libertinos por mandado do proconsul Optimo.—Libertação milagrosa da santa.—Lenda de Santa Euphemia.



ÃO enthusiastas eram os christãos da sua castidade, tal estima consagravam a esta virtude, de tal modo temiam perder ou prejudicar este thesouro, que os seus perseguidores se compraziam em mortifical-os, atacando-os na posse de um bem, que ninguem se lembraria jámais de arrebatar-lhes, se não fosse como que um repto arremessado á religião pagã. Só assim se explica esse estranho e cruel supplicio, que consistia em entregar ás brutalidades e infamias da prostituição publica uma mulher christã, virgem e honesta. E' muito frequente este supplicio nas vidas dos primeiros santos, para que o possamos pôr em duvida, considerando-o apenas como um emblema dos excessos da idolatria. Os agiographos entram a este respeito em singulares pormenores, e Santo Ambrosio, no livro III do seu *Tratado das Virgens,* onde refere o martyrio de Santa Theodora, dá-nos a entender que aquella penosa prova era sempre reservada ás virgens que recusavam sacrificar aos deuses.

De resto, como já dissemos, esta obscena crueldade não era mais do que a applicação da antiga lei romana, que prohibia suppliciar uma virgem e que a entregava a uma especie de degradação, que o carrasco tinha obrigação de fazer na sua victima antes de executar a sentença. Mas nem por isso a este antigo uso de penalidade deixou de accrescer, tratando-se das virgens christãs, a intenção de as deshonrar a seus proprios olhos e aos dos seus correligionarios.

O sacrificio aos deuses, que era imposto a todas as mulheres accusadas de christãs, não era para ellas mais do que a prostituição, ou pelo menos o caminho que mais directamente á vergonha e ao opprobrio conduzia, porque a maior parte dos deuses gentilicos pareciam ter sido inventados para deificar as

paixões sensuaes dos povos e para promover a libertinagem com permanentes e irresistiveis seducções.

«Os gentios, diz S. Clemente de Alexandria, renunciando a todo o sentimento de modestia e de pudor, têem em suas casas quadros em que os deuses estão representados no meio dos mais infames transportes e excessos de sensualidade; adornam os seus quartos de dormir com estas obscenas pinturas e teem como uma especie de piedade a mais monstruosa incontinencia. Do seu leito podem estar contemplando a imagem de Venus e da ave que vôa em volta de Leda. Quanto mais impudico é o quadro, mais excellente parece. Os deuses em todas as suas impurezas, eis os modelos das vossas sensualidades; eis as ideias infames que tendes dos vossos deuses; eis a doutrina criminosa que vos ensinam e que elles praticam comvosco. Commetteis a fornicação e o adulterio com os olhos e os ouvidos, antes de os commetterdes realmente; ultrajaes a natureza do homem e anniquillaes a divindade, em todas as vossas indignas e infames acções.»

As christãs, portanto, julgariam tambem haver commettido fornicação e adulterio, sacrificando aos deuses gentilicos, approximando-se dos seus altares, queimando n'elles um grão d'incenso, elevando a vista para aquellas estatuas que offendiam o pudor e ensinavam o peccado com os seus attributos e mudas provocações. As virgens desviavam a vista ou cobriam o rosto com horror em presença de deuses tão impuros, e o juiz então, como que para as preparar para sacrificarem a Venus, a Isis, a Baccho ou a qualquer outro idolo, mandavam-nas fazer uma rude aprendizagem a uma casa de prostituição.

As santas soffriam com horrivel pesar aquella cruel violencia; pediam a seu divino esposo que as chamasse a si, antes que a sua pureza fosse presa dos impios; abysmavam-se na oração, como que para não serem testemunhas da sua propria deshonra e teriam preferido, não uma, mas mil mortes, á perda da sua innocencia.

Parece que a exposição das christãs á mercê dos libertinos não foi posta em pratica antes da terrivel perseguição de Marco Aurelio, porque Tertulliano, na sua *Apologetica*, falla d'este genero de supplicio como de uma invenção da crueldade. (*Exquisitior crudelitas.*)

«Condemnando ultimamente uma virgem antes ao corretor da prostituição do que ao leão, diz elle empregando um amargo jogo de palavras, como se verá mais abaixo na citação do texto latino, confessaes vós proprios que um ultrage ao pudor entre os christãos é considerado como uma mancha mais atroz que todos os supplicios e todos os generos de morte! (*Proximè ad lenonem damnando christianam, potiusque ad lenonem, confessi estis labem pudicitiæ apud nos atrociorem omni pœna et omni morte reputari.*)

Mas Jesus Christo teve muitas vezes piedade das suas castas esposas, e concedia-lhes a graça de morrerem puras e innocentes; ou fazia descer os seus anjos para as defenderem e exhortarem, ou então tornava impotentes os carrascos mais temiveis, quando não fazia d'elles subitamente christãos e confessores.

«Quando a implacavel perseguição estava no seu auge, refere S. Basilio (*De vera virginitate*, n.º 52) virgens escolhidas pela sua fé no divino esposo, havendo sido condemnadas a servirem de joguetes das sensualidades dos impios, conservaram a pureza dos seus corpos, e isto não succedeu senão por graça de Jesus Christo, que pretendeu mostrar que todos os esforços dos impios não conseguiriam manchar a carne das virgens e que seus corpos ficavam inviolaveis sob a sua guarda, por effeito de um milagre.»

Não temos espaço sufficiente para relatar aqui todos os martyrios que começaram ou terminaram pela prostituição violenta. Sobre esta materia seria mister fazer um livro inteiro. Resumimos tão sómente alguns factos analogos



Virgem christã conduzida ao lupanar

para fazermos apreciar a fórma como o paganismo attentava contra o pudor christão. Comprehender-se-ha o puro amor com que as santas mulheres se entregavam a Jesus Christo, vendo o gracioso retrato que Santo Agostinho faz da castidade christã nas suas *Confissões:*

«A castidade apresentava-se á minha vista com um rosto cheio de magestade e de doçura e unindo a um amavel sorriso caricias sem affectação, a fim de me inspirar coragem para me approximar d'ella. Estendia-me os braços piedosos, entre os quaes eu via tantas outras pessoas que podiam servir-me de exemplo. Via um grande numero de jovens de ambos os sexos, homens e mulheres de todas as idades e virgens quasi velhas. E esta excellente virtude não é esteril, senão fecunda em suas boas obras, porque é mãe de tantos desejos celestiaes, que de ti concebe, oh meu Deus! que és o seu verdadeiro e santo esposo!»

Esta castidade era igualmente sollicita da sua conservação, tanto na velhice como na infancia, e a perseguição não tinha a menor contemplação com a idade, quando destinava uma victima á prostituição. Santa Ignez não tinha ainda treze annos, e as sete virgens de Ancira não se recordavam já de terem sido jovens, porque eram todas ellas de idade avançada.

Estas sete virgens, posto que tivessem setenta a oitenta annos cada uma, foram condemnadas como christãs ao supplicio da prostituição, e para esse fim entregues aos libertinos de Ancira. Não tiveram elles coragem, e comprehende-se perfeitamente porquê, para se tornarem os instrumentos da crueldade dos perseguidores. Houve apenas um que teve a audacia de emprehender a aventura, mas o espirito de Deus collocou-se entre elle e as santas virgens. O prefeito de Ancira, furioso de ver mallograda a sua resolução, condemnou-as ironicamente, por causa da sua invencivel virgindade, ao serviço do templo de Diana. Por uma singularidade que o auctor da lenda não explica, todas sete foram encarregadas de ir lavar, completamente nuas, a estatua da deusa a um lago sagrado proximo da cidade. O cortejo teve de atravessar as ruas mais frequentadas, onde a população se apinhava para contemplar o espectaculo da nudez das virgens. As pobres victimas só nas aguas do lago acharam um refugio contra os olhares da multidão.

Este estranho martyrio data do quarto seculo, segundo Nilo, que nos conserva a memoria d'elle. As outras santas, que foram igualmente expostas á brutalidade pagã, são quasi todas da mesma época. Theodora, Irene, Ignez e Euphemia foram castigadas do mesmo modo na horrivel perseguição ordenada por Diocleciano em 303, perseguição que durou até 311 e que fez muito maior numero de martyres do que as precedentes. Nunca se haviam inventado supplicios mais dolorosos para a castidade christã. Na Thebaida, por exemplo, atavam-se as mulheres por um pé e penduravam-se de cabeça para baixo e completamente nuas á vista da multidão. O genio da prostituição parecia inspirar aos juizes e aos carrascos um luxo prodigioso de torturas infames!

O poeta Aurelio Prudencio, que escreveu mais de sessenta annos depois dos horrores d'esta perseguição, recolhera sem duvida todas as recordações d'ella, quando descrevia a agonia de uma virgem, entregue aos ultrajes da impudicicia pagã. Se a virgem não encostava a fronte ao altar de Minerva, e não pedia perdão á deusa, era immediatamente enviada ao lupanar, insultando-a a plebe impudicamente por todo o caminho. Todos os libertinos vinham ao encontro da desgraçada victima, disputando-se o direito de a ultrajar (*novum ludibriorum mancipium petat.*) Gritavam-lhe que parasse ao voltar de cada esquina, mas a virgem apressava o passo, desviando, a vista sempre com o receio de que algum depravado lhe pozesse a mão para afrontar publicamente o seu sexo (*ne petulantius quisquam, verendum conspiceret locum;*) e sob a ameaça d'este perigo apressava-se a pôr a sua virgindade ao abrigo do lupanar, como

se alli devesse estar segura! Nada ha mais commovedor do que este quadro do pudor christão!...

Santa Ignez teve a fortuna de não perder a sua virgindade, apesar de haver sido levada a um lupanar de Roma. A joven pertencia a uma das primeiras familias da cidade, e apesar de ter apenas treze annos incompletos, havia já sido pedida em matrimonio por muitos jovens patricios. A sua extraordinaria belleza não a afastou da vida austera que havia abraçado, e foi denunciada como christã ao prefeito Simphronio, pelo proprio filho d'este magistrado, cujas pretenções, como as de tantos outros, a joven havia despresado. Ignez proclamou em voz alta a sua fé, declarando que havia consagrado a sua virgindade a Jesus Christo.

«Escolhe, disse-lhe o prefeito, ou sacrificares no altar de Vesta com as suas sacerdotizas, ou prostituires-te com as cortezãs n'um lupanar de soldados, onde não terás o auxilio dos christãos que te seduziram. Escolhe, pois! (*aut cum meretricibus scortaberis in contubernio lupanarii.*)»

Ignez respondeu ao prefeito, arrostando todas as suas iras, que permanecia firme e inabalavel na fé de Jesus Christo.

Irritado Simphronio com aquella coragem, admiravel em tão tenros annos, mandou que a despissem, e que a conduzissem completamente nua ao lupanar, precedida de um pregoeiro, que ia gritando:

«Ignez, virgem sacrilega, havendo blasphemado dos deuses, é entregue á prostituição publica (*scortibus lupanaribus datam.*)

A ordem do prefeito foi executada. Os algozes despojaram Ignez dos seus vestidos.

Mas ninguem logrou vêl-a nua, porque os seus formosos cabellos, crescendo no mesmo instante, formaram um veu de setim em volta d'aquelle bello corpo nu.

Quando ia para o lupanar, um anjo acompanhava-a n'esse trajecto de amargura, e rodeava-a um esplendor divino. Entrou assim resplandecente n'aquelle antro do vicio, mas o seu pudor estava solidamente garantido por uma tunica de esplendida alvura, que a cobria desde a cabeça até aos pés.

Os libertinos, que a esperavam no antro do vicio, não ousaram approximar-se d'ella, contemplando-a com terror, até que por fim se prostraram a seus pés pedindo-lhe perdão. O filho de Simphronio accudiu tambem com os seus companheiros de libertinagem, com o desejo de se apoderar da sua victima, mas, ao erguer a mão impudica para o corpo da virgem, cahiu a seus pés como se fôra ferido por um raio.

Tal é a narração de Santo Ambrosio, nas suas *Epistolas* (liv. IV. epist. 34.) Mas os Actos da santa publicados por Ruinart accrescentam a esta narrativa muitas particularidades importantes para a historia da prostituição.

Segundo estes Actos, logo que a santa chegou ao lupanar, vestiram-lhe uma das camisas de gaze transparente, que as meretrizes usavam no interior do prostibulo, para melhor excitarem a luxuria dos frequentadores, deixando entrevêr ou adivinhar tudo quanto podia incendial-a. No mesmo instante, a multidão invade o lupanar e cada qual pretende fazer valer os seus direitos de primeiro desflorador d'aquella innocente creança. De subito, porém, todo aquelle ardor impudico se extingue e desvanece, os libertinos permanecem immoveis, tremulos, indecisos, sem força nem vontade, envergonham-se da sua lubricidade, e retiram-se sem haverem tocado na santa, que os contempla serenamente!

O lupanar despovoara-se para se encher novamente de libertinos, mas o milagre renova-se, e os mais audazes que ficam não se atrevem á menor tentativa de violencia, que a joven e bella Ignez nem sequer parece temer. Todos se afastam com respeito e temor, e ninguem se atreve a penetrar no albergue

da prostituição. Apresenta-se um mancebo, que parece nada receiar, e que se mostra disposto a vencer todos os obstaculos. Não lhe passa pela mente que a sua empreza possa deixar de ter o exito que deseja. Afasta a cortina que véda a entrada da cella da condemnada, dirige-se fremente de luxuria para a santa creança, estende os braços para se apoderar d'ella, e... cahe redondamente morto a seus pés!

Os amigos do libertino, no emtanto, esperavam-no á porta, curiosos, inquietos, ardendo por saber se aquelle lobo cerval havia devorado a candida ovelha de Christo, para empregarmos as proprias palavras da lenda. Como o não vissem chegar, como nada ouvissem tambem no interior da cella de Ignez, alguns d'elles atrevem-se a entrar alli. A' vista do cadaver, sentem-se possuidos de uma enorme perturbação, invocam o perdão da santa e convertem-se. Ninguem será já tão ousado, que queira fazer-se executor da ordem de Simphronio, perante o qual Ignez vae novamente comparecer, tão pura como anteriormente.

Ignez consente em resuscitar o morto, victima da sua impudica temeridade, e o resuscitado abstem-se d'ahi ávante de perseguir virgens christãs. Mas a sua milagrosa resurreição é attribuida a invocações magicas, e a santa, condemnada a ser queimada viva, chega á fogueira com a sua flôr virginal intacta.

O erudito editor d'esta lenda menciona a tradição, que collocava debaixo das abobadas do Circo, denominado Agonal e destinado aos combates dos gladiadores, (*agon*, a lucta) o lupanar em que a virgindade de Ignez alcançara tão brilhante victoria contra os seus impuros inimigos.

O supplicio do lupanar reproduz-se com frequencia no agiologio christão, mas sempre em circumstancias differentes, variantes de pormenores sobre o mesmo thema.

O mais celebre dos martyrios d'esta especie é o de Santa Theodora, que deve sem duvida a celebridade do seu nome a uma tragedia mediocre de Pedro Corneille.

Theodora era uma nobre dama de Alexandria. O juiz mandou-a comparecer na sua presença e intimou-lhe a ordem de sacrificar no altar dos deuses.

— Segundo as ordens do imperador, disse-lhe o magistrado, todas aquellas que se recusarem a offerecer incenso aos deuses, serão enviadas para logares infames; mas eu tenho compaixão do teu nascimento e da tua belleza.

— Faze o que fôr da tua vontade, respondeu Theodora. A minha alma não terá parte nas violencias que contra mim exerceres.

O juiz mandou esbofetear a virgem, com a ideia de a vencer pelo terror.

— Apesar da tua condição illustre, vi-me obrigado a causar-te esta affronta deante do publico, que espera a tua resolução. Dou-te ainda assim tres dias para reflectires. Depois d'este praso, se insistires na tua cegueira, mandar-te-hei para um lupanar, para que as pessoas do teu sexo vejam a tua deshonra e se emendem.

Passados os tres dias, Theodora permaneceu inquebrantavel na sua fé christã.

— Theodora, disse-lhe o juiz, uma vez que persistes na tua temeridade, ordeno que te conduzam ao lupanar. Veremos se o teu Christo te liberta!

— O Deus, que até agora tem guardado a minha pureza, sabe melhor do que tu o que succederá, e é bastante poderoso para me proteger contra os que pretenderem injuriar-me, respondeu Theodora com doçura.

Conduzem-na a uma casa de prostituição, á porta da qual dirige a seu celestial esposo uma supplica fervorosa. O povo rodeia a casa, cheio de curiosidade, mas entre elle não ha senão espectadores. D'esta vez ninguem se offerece para fazer affronta á virgem christã.

Por fim, um soldado atravessa a multidão e penetra no logar do supplicio. Theodora estremece ao ruido dos passos e procura com as suas mãos tremulas estender sobre a sua nudez o veu que lhe deixaram, e que apenas chega para cobrir as partes mais vergonhosas d'aquelle corpo verdadeiramente esculptural.

O soldado é um christão, que tomou aquelle trajo marcial para salvar a virgem, á qual pede que se disfarce tambem com aquelle mesmo uniforme, e fazendo-lhe vêr a horrivel sorte que a espera n'aquelle logar infame, decide-a a salvar-se d'aquelle modo.

O soldado, que o povo havia visto entrar ainda ha pouco, sahe outra vez do lupanar, cobrindo o rosto com uma ponta da capa, e atravessa por entre a multidão, sem responder ás suas perguntas nem aos seus ditos deshonestos.

O soldado era Theodora!

Uma hora depois, o christão conduzido perante o juiz, era condemnado á morte por haver facilitado a evasão de Theodora.

Mas a virgem reapparece, disputando ao seu libertador a palma do martyrio.

—Sou eu o condemnado á morte, diz-lhe Didimo.

—Tu quizeste salvar a minha castidade, mas eu não consinto que me salves a vida, porque fujo apenas da infamia; da morte, não!

Theodora e Didimo foram decapitados; mas Theodora morreu virgem.

Palladio, na *Vida dos Padres* (*Vita Patrum*, cap. 148, *De fœmina nobilissima, quæ fuit semper virgo*) refere um caso quasi similhante, succedido um seculo antes, mas cujo protogonista não nomeia, apesar de dizer que copiára a sua narração de um antigo livro escripto por Hippolito, que fôra amigo dos apostolos.

Uma joven nobre e virtuosa vivia ém Corintho, praticando austeramente o celibato christão, e foi denunciada ao juiz em tempos de perseguição. Este impio magistrado tinha uma paixão desenfreiada pelas mulheres, e afim de satisfazer este amor carnal recorria com frequencia aos bons officios dos corretores da prostituição. Estes miseraveis haviam-lhe feito grandes elogios da belleza da virgem christã. O juiz achou-a ainda mais bella do que lhe haviam dito, e não poupou meio algum de seduzir a joven, que repelliu energicamente tanto os seus rogos como as suas ameaças.

Não podendo obter os seus favores, nem mesmo nas dores da tortura, o juiz indignado condemnou a virgem ao supplicio da prostituição publica e para esse fim enviou-a a um lupanar, recommendando-a particularmente ao *lupanarius*:

—Entrego-te esta joven, dissera-lhe o magistrado, mas hasde dar-me tres peças de ouro por dia.

O miseravel acceitou o contracto e procurou sem demora tirar da sua victima o maior proveito. Por meio de um cartaz, annunciou uma nova prostituta, indicando o preço dos seus favores aos libertinos da cidade, que accudiram logo de bolsa na mão a este agradavel convite, disputando-se a pre ferenciana posse d'aquella virgindade indefeza.

—Ouçam, disse-lhes a pobre joven, que não podia resignar-se a soffrer aquelle martyrio; é mister que lhes revele o que occultei ao dono d'esta casa, mas peço-lhes que guardem todo o segredo. Tenho uma ulcera (*ulcus*) nas partes vergonhosas, uma ulcera pestilente e contagiosa, e não quero que se arrependam de terem tido coito commigo. Dêem-me alguns dias de treguas e, quando estiver curada, sujeitar-me-hei aos seus desejos.

Todos se retiraram sem querer ouvir mais nada, e a virgem, vendo-se livre dos seus algozes, só pedia a Deus que a puzesse de uma vez a salvo de similhante perigo, enviando-lhe a morte.

De repente, entra no lupanar um homem que parecia demasiado resoluto para que a fabula da ulcera o fizesse desistir dos seus designios. A desgraçada virgem julgou que era chegada a ultima hora da sua pureza. Mas o recem-chegado não era senão um mancebo piedoso e casto, que soubera do perigo que corria sua irmã em Jesus Christo e formára o projecto de salval-a, abrindo caminho até a cella do lupanar a preço de ouro. Mudou de trajo com ella, e tapando o rosto, permaneceu no aposento obsceno que a virgem acabava de deixar.

Quando se descobriu a piedosa fraude, o christão foi condemnado á morte e entregue ás feras, ou antes, segundo um commentador, a todos os horrores da prostituição anti-physica.

Não foram estas as ultimas christãs que sahiram virgens do lupanar. A lenda cita outra, que depois de haver prostituido o corpo n'um logar de libertinagem, como meretriz que era, encontrou de novo a sua virgindade caminhando para o supplicio. Esta foi a famosa santa Theodota, aquella cortezã de quem já fallámos e que soffreu a perseguição no anno de 249, em tempo do imperador Filippe.

Quando o pretor lhe ordenou que sacrificasse aos deuses, deu esta resposta notavel:

— Bem basta que eu tenha sido uma prostituta para todo o mundo. Não accrescentarei um novo crime ás minhas outras culpas, para que me seja permittido no dia do juizo final allegar ante o tribunal divino o merito de não haver renegado o verdadeiro Deus.

Encerraram-na n'um carcere, onde permaneceu vinte e um dias sem tomar alimento algum. Quando voltou á presença do juiz, dirigiu a Jesus Christo esta commovente supplica, em presença de todos os que compunham o auditorio:

— Meu Deus, rogo-te que me absolvas do crime em que cahi por suggestões do demonio, pois é com justiça que me chamam *meretrix*. Fortalece o meu espirito e olha-me com clemencia, para que nem os mais atrozes tormentos me façam fraquejar o coração!

O juiz procedeu ao interrogatorio.

— Qual é o meu estado? disse Theodota com um certo orgulho. Sou cortezã. Mas de religião, sou christã, se é que sou digna de Christo.

Theodota foi condemnada. A multidão exhortava-a a sacrificar aos deuses, e os seus antigos amantes supplicavam-lhe que salvasse a vida.

— Dependurem-na por um pé e rasguem-lhe as carnes com pentes de ferro! ordenou o juiz.

Theodota soffreu este horroroso martyrio, cantando os louvores do Senhor. Deitaram-lhe vinagre e chumbo derretido nas feridas e arrancaram-lhe os dentes. A martyr nem um só momento deixou de orar em alta voz. Os christãos, que enterraram os tristes despojos da desgraçada, verificaram com surpreza que a cortezã estava virgem!...

Algumas vezes, os juizes não as mandavam para os lupanares, mas entregavam-nas a algum libertino emerito que não as restituia aos magistrados, senão depois de bem deshonradas e aptas para o supplicio capital. Assim succedeu a Santa Dyonisia, que compareceu perante o proconsul Optimo com tres christãos mais, chamados Pedro, André e Paulo. O proconsul intimou-a a que sacrificasse aos deuses sob pena de ser queimada viva.

— O meu Deus é maior do que tu, respondeu a santa, e por isso não temo as tuas ameaças.

O proconsul não a mandou para a fogueira, mas entregou-a a dois libertinos (*ad corrumpendam.*) Estes levaram-na para sua casa e fizeram os maiores esforços para a obrigarem a ceder aos seus impudicos desejos. A lucta, ainda que desegual, durou até á meia noite, sem que os libertinos podessem trium-

phar de uma virtude tão valorosa (*ut ei vim turpitudinis inferrent.*) Entretanto o seu ardor começou a esfriar e o demonio da luxuria afastava-se d'elles (*marescebat eorum cupiditatis libido.*)

Por ultimo, um subito resplendor illuminou o aposento e appareceu um anjo que tomou sob a sua protecção a martyr. Os libertinos, assombrados, cahiram aos pés da triumphante virgem, que os ergueu sorrindo.

—Nada temais, disse-lhes. Eis o meu defensor, o guarda da minha pureza. E' a elle que eu devo o estar livre dos vossos ultrajes.

Os dois pagãos supplicaram-lhe que se dignasse intervir junto do seu divino protector, e prometteram converter-se, jurando nunca mais attentar contra o pudor das virgens de Jesus Christo.

Podemos ter como averiguado que estes attentados contra as virgens christãs se praticavam especialmente em Alexandria, durante a grande perseguição de Diocleciano. O prefeito do Egypto, chamado Hierocles, ordenou com a maior instancia a todos os juizes que applicassem sem excepção esta pena a todas as mulheres, que se diziam virgens por amor de Christo. Este Hierocles, que os *Actos dos Martyres* chamam muitas vezes Heraclio, encarniçava-se ferozmente contra as pobres mulheres e entregava-as sem dó nem piedade aos infames agentes da prostituição (*santas Dei virgines lenonibus tradentem*, dizem os *Actos* publicados por Ruinart, tit. II, pag. 199.)

Não é difficil acreditar que em muitos casos o juiz não se fazia rogar muito para ser elle proprio o executor das suas sentenças. Era isto mesmo o que fazia o juiz Prisco, que tão cruel foi para os christãos na mesma época. A lenda de Thiago Voragine representa-o como um homem iniquo e libidinoso. Euphemia, filha de um senador, foi ella propria denunciar-se a Prisco, reclamando o favor do martyrio, e queixando-se de que não a perseguiam, apesar da sua profissão de fé christã.

Prisco mandou-a açoitar e encerrou-a em seguida n'uma prisão, onde se apresentou passados alguns dias com intenção de a violar, mas a santa defendeu-se heroicamente e a graça de Deus paralysou a lubricidade do tyranno. Este julgou-se victima de algum maleficio e encarregou o seu intendente de seduzir com promessas e afagos, ou de vencer com ameaças a intransigente prisioneira, mas o intendente não pôde abrir a porta da masmorra, na qual se embotavam todos os machados, e foi possuido pelo diabo, que o obrigou a estrangular-se por suas proprias mãos.

O juiz expoz inutilmente a virgem a diversos supplicios, que não lograram tirar-lhe a vida e muito menos a virgindade. Sem embargo, deu ordem para que fosse entregue a todos os libertinos que quizessem abusar d'ella até que morresse, mas os libertinos receiaram ter de luctar contra uma maga, e os mais audazes nem sequer ousaram transpôr o limiar da cella onde a santa esperava a sua deshonra. Um d'elles, porém, a quem a luxuria infundia maior coragem, atreveu-se a chegar até onde a santa estava, e ficou surprehendido e extasiado de a vêr rodeada de virgens, que oravam com ella. O libertino confessou então timidamente a sua ruim intenção e converteu-se ao christianismo.

Euphemia ficou, portanto, virgem, apesar dos projectos de Prisco. O vingativo pretor quiz vêl-a decapitar, mas nem sequer teve tempo para descobrir os mysterios d'aquelle corpo sem mancha, porque no momento em que ia profanar com os seus olhares impudicos aquella virgindade, que a morte lhe havia occultado, foi devorado por um leão fugitivo, que nem um unico osso deixou do perseguidor das virgens christãs.

«Santa virgem triumphante! exclama Santo Ambrosio, auctor d'esta narração do martyrio de Euphemia. Recebendo a corôa da virgindade, mereceste tambem a palma do martyrio!

Estes exemplos ganhavam para a castidade christã todas as almas, que arrebatavam á prostituição e á impureza do paganismo.

O reinado de Diocleciano foi, como dissémos, a época mais difficil e calamitosa que a Egreja nascente teve de atravessar.

Diocleciano, o trigesimo oitavo imperador romano, foi proclamado depois da morte de Carino, e tomou para socio Maximiano.

No seu reinado os barbaros, que haviam feito a sua primeira irrupção no imperio no tempo de Decio, vigesimo nono imperador, proseguiram de tal modo nas suas devastações, que não se julgando os dois socios do imperio sufficientes para lhes resistirem ao formidavel embate, escolheram os dois illustres generaes Galero e Constancio Chloro, e o imperio foi dividido pelos quatro imperadores. Pouco tempo depois, Diocleciano abdicava voluntariamente o sceptro.

Rigido e austero, Diocleciano foi um dos melhores imperadores romanos. A nodoa do seu reinado é a atroz perseguição contra os christãos, começada no anno 286 da nossa era. Foi tão atroz e cruel, que ainda se chama a essa época de dolorosa provação da Egreja nascente a *Era de Diocleciano, ou dos martyres.*

[illegible]

CAPITULO XXXIII

SUMMARIO

Os falsos doutores e as seitas blasphemadoras.—Os *Nicolaitas.*—Atrozes preceitos attribuidos ao diacono Nicolau, fundador da seita.—Os *Fibionitas.*—Os *Stratioticos,* os *Leviticos* e os *Borboritas.*—Abominação d'estas seitas descripta por Santo Epiphanio.—As heresias do corpo e as do espirito.—Santo Epiphanio.—Marcellina.—Os *Cainitas* e os *Adamitas.*—Impurezas corporeas a que se entregavam os *Cainitas.*—Ascensão de S. Paulo ao ceu.—Heresia de Quintilla.—Prodico.—Excessos monstruosos dos *Adamitas.*—Reforma moral d'esta seita, depois da morte do seu fundador.—Os *Marcionistas.*—Os *Valentinianos.*



Dissémos que, se a continencia e a castidade dos primeiros christãos era suspeita aos gentios, os herejes haviam justificado a opinião dos incredulos a este respeito. Estes herejes pareciam ter tomado a peito a empreza de manchar a moral evangelica e de suffocar com os mais infames extravios a luz espiritual do christianismo. E não eram pagãos disfarçados que haviam penetrado no santuario da Egreja de Christo para a deshonrarem, introduzindo n'ella as impurezas do culto idolatra, as ideias da doutrina epicurista e dos antigos philosophos gregos. Eram christãos illuminados, se é licito empregarmos a respeito das cousas d'aquelle tempo esta expressão moderna, eram innovadores fanaticos, que queriam fazer servir o poderoso auxiliar da voluptuosidade para o triumpho de uma religião inteiramente metaphysica.

Por espaço de tres seculos, o scisma não deixou de reproduzir-se e de transformar-se no proprio seio da Egreja nascente, e a prostituição foi sempre empregada como meio de propaganda e predominio por aquellas heresias, que muitas vezes provinham das crenças e costumes da India.

A primeira heresia que invadiu o christianismo remonta ao tempo dos apostolos e relaciona-se talvez com as antigas tradições, que o culto de Baal havia deixado na Judeia. A segunda epistola de S. Pedro, que a chronologia christã data do anno 65, parece referir-se a esta heresia, que teve por fundador um dos sete primeiros diaconos.

«Tem havido falsos prophetas no povo, escrevia S. Pedro, como haverá tambem entre vós falsos doutores, que introduzirão seitas de perdição e que renegarão de Deus que os resgatou, attrahindo logo a perdição sobre elles, e muitos imitarão a libertinagem dos maus, que blasphemarão da voz da verdade.»

S. Pedro diz em seguida, que o mesmo Deus, que desencadeou as aguas do diluvio sobre o mundo antigo, sem perdoar senão a Noé e a sua familia, que reduziu a um montão de cinzas as impias cidades de Sodoma e Gomorra, arrancando o seu servo Loth do impuro contacto dos seus habitantes, (*a luxu-*

riosa conversatione eripuit) havia necessariamente de livrar de tentações os que o honrassem, reservando o castigo dos peccadores para o dia de juizo. Entre estes peccadores distingue particularmente os que, arrastados pela carne, ardem na concupiscencia da sensualidade (*qui post carnem in concupiscentia impudicitiæ ambulant,*) os que despresam toda a sujeição, os audazes que se comprazem nos proprios meritos e que não receiam introduzir seitas blasphemadoras.

«Esses homens, continúa o apostolo, similhantes aos irracionaes, que correm naturalmente para a sua perda, blasphemando contra aquillo que ignoram, perecerão na sua corrupção e receberão a recompensa da sua iniquidade. Aquelles que consideram as sensualidades como as delicias do seculo, que se repastam n'essas delicias de iniquidade e infamia e se prostituem nos seus festins impudicos; aquelles que têem os olhos cheios de adulterios e que ardem constantemente em peccado; aquelles que seduzem as almas fracas e que têem o coração exercitado nos desejos, — todos esses, filhos de maldição, andam errantes fóra do bom caminho, como Balaam que amou o preço da iniquidade.»

Vê-se, d'esta passagem bastante confusa, que aquelles herejes não tinham grandes preoccupações a respeito da pureza, mas é difficil conhecer pelo proprio texto da Vulgata o gen ro de impureza que S. Pedro lhes censura. Um commentador, dando a esta comparação dos *Nicolaitas* com Balaam uma latitude, que não apreciamos n'este logar, suppõe que a heresia havia feito intervir a burra n'um officio infame, se póde explicar-se n'este sentido um versiculo que não traduzimos para não lhe fazer dizer nem mais nem menos: *Subjugale mutum animal, hominis, voce loquens, prohibuit prophetæ insipientia.*

Comtudo, se não se tratava de bestialidades na seita dos *Nicolaitas,* não resta a menor duv.da que a sodomia intervinha n'ella sob o manto da fraternidade christã. Os Padres da Egreja, que fallaram dos *Nicolaitas* com tanto ardor como indignação, Santo Ignacio (*Epist., ad Trall.,* e *ad Philadelph,*) S. Clemente de Alexandria (*Strom.* I, 3.°,) Santo Ireneu, Santo Epiphanio, etc., não tinham visto o principio d'esta seita e referiam-se apenas á tradição oral. Segundo muitos d'elles, o diacono Nicolau, a quem Santo Ireneu qualifica formalmente de mestre dos *Nicolaitas,* planeou a sua heresia para se vingar dos apostolos, e especialmente de S. Pedro, que o censurára de haver novamente chamado para junto de si sua mulher, depois de a ter deixado para guardar continencia. Nicolau, no intuito de justificar a sua fraqueza, começou a ensinar descaradamente que para alcançar a vida eterna era necessario manchar-se cada qual com toda a especie de impurezas. Os argumentos, em que apoiava esta monstruosa doutrina, não diminuiam em cousa alguma a sua responsabilidade. Pretendia o heresiarcha que uma carne manchada devia ser mais agradavel a Deus, porque os merecimentos do Redemptor tinham então maior ensejo de se exercitarem n'ella para a fazerem digna do paraiso.

Outros Padres aventuraram-se a defender a memoria de Nicolau contra a deshonra da execravel heresia, que debaixo do seu nome se havia propagado entre os christãos. Declararam, pois, que Nicolau havia vivido castamente sob o tecto conjugal, sem ter outro commercio carnal que não fosse o de sua mulher legitima, que lhe havia dado muitas filhas e um filho. Este foi bispo de Samaria e as filhas morreram virgens. Quanto aos atrozes preceitos que se lhe attribuiam, Nicolau não era culpado senão de haver empregado uma expressão amphibologica, dizendo *abusar da carne,* em vez de *mortificar a carne.* Os seus discipulos tomaram ao pé da lettra esta locução viciosa, e não se privavam effectivamente de abusar da carne, sob a responsabilidade do piedoso diacono, que nunca tivera tido similhante cousa em vista.

Não foi esta a unica exaggeração da lenda, relativamente a esse Nicolau, a quem a Egreja nascente devia amaldiçoar muitas vezes, por causa dos ex-

cessos dos seus suppostos proselytos. Conta-se que sua mulher era muito formosa, e que o diacono tinha grandes ciumes d'ella. Os apostolos tantas vezes lhe censuraram os seus ciumes, que para se subtrahir a esses sarcasmos perpetuos levou sua mulher a uma assembleia de christãos e auctorisou-a em voz alta a tomar por marido aquelle que mais lhe agradasse. A lenda não diz mais a este respeito, e não sabemos por isso se a mulher de Nicolau aproveitaria a auctorisação que lhe fôra concedida.

Seja como fôr, viu-se na conducta do diacono uma excitação á libertinagem e uma indulgencia plenaria concedida aos gosos sensuaes. Os primeiros *Nicolaitas* não trataram de relacionar com os dogmas a sua heresia licenciosa, nada mudando no ensino christão, prégando apenas de exemplo o esquecimento de todo o pudor sexual.

Mais tarde, para justificarem a sua separação da Egreja, combateram a divindade de Jesus Christo, e sustentaram que as mais torpes sensualidades eram boas e santas, uma vez que o Filho de Deus teria podido approval-as, tomando como tomou um corpo terrestre e sensivel.

Pouco depois, sem abandonarem as suas praticas obscenas, approximaram-se dos gnosticos e confundiram-se com elles, formando novas seitas sob os nomes de *Fibionitas, Stracioticos, Leviticos* e *Borboritas.*

Estas novas seitas, cujas abominações descreveu Santo Epiphanio no fim do seculo IV, tinham todas o mesmo objecto, a saber: — a satisfação dos apetites carnaes e o retrocesso aos instinctos da natureza. Perpetuaram-se secretamente até ao seculo XII, em que procuraram sahir da obscuridade, cahindo, porém, n'ella para sempre.

As heresias dos primeiros seculos dividiam-se, por assim dizer, em duas classes distinctas, as do corpo e as do espirito. Estas ultimas, entre as quaes basta nomear as de Sibilio, Eutiches, Simmacho e Joviniano não tratavam senão de questões de philosophia religiosa e metaphysica abstracta, perdendo-se geralmente em subtilezas relativas á divindade e missão de Jesus Christo. As heresias do corpo uniam ás ideias mais ou menos engenhosas ou extravagantes, como meio, ou como fim, um incentivo sensual. O *Gnosticismo,* emanado das religiões asiaticas, veio adherir a todos os ramos da religião christã, suffocando-os com as suas vegetações parasitas, que muitas vezes destillavam venenos e escandalos.

A doutrina mais corrente entre todos os herejes era a communidade das mulheres e a promiscuidade dos sexos. Os *Carpocratenses* e os *Valesianos* professavam esta doutrina no principio do seculo segundo. Carpocrates, que havia estudado na escola pagã de Alexandria, não era realmente senão um discipulo de Epicuro, apesar de se intitular christão. Considerava Jesus Christo como um philosopho epicurista, que se havia posto em communicação com Deus e que havia vencido os demonios creadores do mundo. Como estes demonios foram por Christo encerrados nos infernos, o mal não existia já sobre a terra, e tudo quanto o homem podesse fazer, segundo a maxima do Evangelho — *não faças aos outros o que não quizeres que te façam* — era licito e permittido.

Vê-se que similhante preceito destruia pelos fundamentos toda a continencia christã. Os *Carpocratenses* abusavam de si e dos outros, no interesse das suas paixões brutaes. O pudor, esse instincto nobre, que distingue o ser intelligente dos irracionaes, foi supprimido pelos sectarios da seita, que o negavam, considerando-o injurioso para a divindade.

Carpocrates não levou para o sepulchro a sua heresia. Seu filho Epiphanio, que havia aprendido tambem a philosophia epicurista e platonica nas escolas de Alexandria, teve tempo de completar o systema philosophico de seu pae, apesar de ter morrido aos dezoito annos. Sustentava que as mulheres deviam ser communs entre os *Carpocratenses,* e que nenhuma podia negar os seus

favores a quem, em virtude de um direito natural, lh'os pedisse. Epiphanio foi considerado como um deus e foi-lhe erigida uma estatua em Samos, cidade de Cephalonia.

Uma mulher d'esta seita, chamada Marcellina, foi a Roma no anno de 160 e fez alli muitos proselytos com o suor do seu corpo. Nos *agapes*, ou banquetes nocturnos, era onde os *Carpocratenses* e os *Epiphanienses* commettiam as suas infamias. Comiam e bebiam com pouca sobriedade, e concluida a ceia, e dadas as graças ao Creador, o presidente do festim gritava tres vezes:

— Longe de nós as luzes e os profanos!

Logo que se apagavam as luzes, o que então se passava nas trevas sem distincção de sexos, nem de parentesco, ou idade, não devia deixar vestigios na memoria, e representava aos olhos dos doutores da seita a imagem confusa da natureza antes da creação.

Os Padres da Egreja, Santo Epiphanio especialmente, trovejaram contra as mysteriosas prostituições d'estes herejes, que pareciam apostados a deshonrar o nome christão, mas os sectarios de Carpocrates e de Epiphanio eram uns santos em comparação dos *Cainitas* e *Adamitas*, que o seculo segundo viu multiplicarem-se no seio da Egreja com espantosa emulação.

O nome do fundador do *Cainismo* não é conhecido, mas ha razão para crêr que era um dos mais audazes gnosticos, que não temia afagar as mais preversas inclinações da humanidade, para fundar um dominio impuro sobre um credulo rebanho de escravos. Os *Cainistas* tinham por dogma a rehabilitação do mal e o triumpho completo da materia sobre o espirito. Interpretavam, pois, a seu gosto os livros santos e honravam como victimas injustamente sacrificadas os mais execraveis typos da iniquidade humana, marcados com o sêllo da reprovação divina, desde Cain até Judas de Kerioth. Cain, sobre tudo, tinha a triste honra de excitar no mais alto grau a admiração d'estes sectarios, justificando assim a morte de Abel.

Reconhece-se n'esta odiosa doutrina uma inspiração do arianismo persico, applicada á leitura da Biblia e do Evangelho. Os seus sequazes gloriavam-se de imitar os horrorosos vicios que attribuiam a Cain, e que encontravam nos habitantes de Sodoma e Gomorrha. Protestavam contra a destruição d'estas cidades malditas, e lisongeavam-se de poder reedifical-as um dia, sob os auspicios de Cain, que personificava para elles o principio do mal, ou o Arimano de Zoroastro.

Os Padres da Egreja enganaram-se talvez ácerca da heresia que combatiam, e que conheciam a fundo, porque é difficil crêr que similhantes torpezas tivessem a acceitação do povo, e se houvessem manifestado no seio das puras crenças christãs. Os *Cainitas* não negavam a divindade de Jesus Christo e a sua obra de redempção. Mas como poderemos conciliar esta crença com o culto do mal e da abominação?

«Não havia impureza corporal, com que se não manchassem, diz Bayle, que não fez mais do que analysar os escriptos de Tertuliano, de Theodoredo, de Santo Ireneu e de Santo Epiphanio, nem crime em que não encontrassem direito de participação na communidade christã, porque, segundo os seus abominaveis principios, o caminho da salvação era diametralmente opposto aos preceitos da Egreja. Imaginavam que cada sensualidade era presidida por algum genio, e por isso, quando tentavam praticar alguma acção deshonesta, invocavam nominalmente o genio que inspirava e protegia aquella deshonestidade.»

Esta definição do culto dos *Cainitas* prova que estes sectarios não haviam ainda perdido os seus habitos de idolatria paga, substituindo apenas os deuses pelos genios. Os seus livros perderam-se completamente, e é muito para sentir a perda principalmente da sua famosa *Ascensão de S. Paulo ao ceu*, especie de

Apocalypse, em que a visão de S. Paulo revelava a estes herejes a mais absurda theoria de impurezas.

Seja como fôr, não póde duvidar-se que os *Cainitas* foram mais ou menos dados aos vergonhosos extravios do amor anti-physico, e para attrahir as mulheres a esta seita, que as despresava, uma mulher chamada Quintilia lembrou-se de crear uma heresia na propria heresia, prégando um *Cainismo* para uso das mulheres. Este *Cainismo,* menos infecto do que o de Sodoma, descendia de Sapho em linha recta, mas figurava talvez tambem no livro da missão de S. Paulo. Graças a Quintilia, que não era talvez senão uma cortezã, esta sub-seita teve grande acceitação na Africa, especialmente em Carthago, onde chegou a lançar profundas raizes.

Os *Adamitas* faziam remontar a sua doutrina ao primeiro homem para nada terem de commum com os *Cainitas*. Ainda assim, a doutrina da seita inspirada pelo primeiro homem não despresava a mulher, como os herdeiros de Cain e de Sapho. O fundador d'esta seita foi um certo Prodico, que havia sido carpocratense, mas que não approvava o mysterio imposto por Carpocrates ao acto carnal. Segundo Prodico, o que era bom nas trevas não podia ser mau á luz do dia, e por este motivo teve a audacia de prescrever *copulas publicas entre os dois sexos,* para nos servirmos das expressões com que Bayle traduziu o texto de Theodoredo: —*publicè scortari.*

S. Clemente de Alexandria imputa as mesmas infamias á seita de Carpocrates, que, segundo elle, devia ter estabelecido os seus dictames para *cães, bodes* e *porcos.*

A iniciação dos *Adamitas* tinha logar n'um d'aquelles *agapes* em que os herejes libidinosos aproveitavam o ensejo de satisfazer os seus infames appetites. Prodico resolveu alterar algum tanto o modo de realisar as uniões formadas ao acaso e repetidas sem haver escolha alguma na obscuridade, que igualava as classes e as idades. Theodoredo (*Heret,* liv. II e V) refere que Prodico, descontente das decepções d'aquellas tenebrosas orgias, convidou os que celebravam os *agapes* a precaverem-se de antemão e a combinarem-se entre si, de modo que o consentimento e o accordo de ambas as partes determinassem o seu encontro e união carnal, no momento em que as luzes se apagassem.

As condições, por tanto, d'aquellas tenebrosas torpezas ajustavam-se segundo as sympathias e os interesses, antes dos sectarios se reunirem em torno da mesa corpocratica. Theodoredo apoia-se no testemunho de S. Clemente de Alexandria (*Strom.*, liv. III,) que falla effectivamente d'aquellas convenções impudicas, tomadas dos costumes dos banquetes nocturnos da Roma pagã, porque Horacio, n'uma das suas odes (liv. III, 6) indica os adulterios que se commetiam assim, de connivencia com o marido embriagado, e quasi á sua vista, quando se apagavam as luzes e se dava alegremente largas á sensualidade:

Mox juniores quærit adulteros
Inter mariti vina: neque elegit
Cui donnet impermissa raptum
Gaudia, luminibus remotis;
Sed jussa coram non sin conscio
Surgit marito: seu vocat institor,
Seu navis Hispaniæ magister,
Dedecorum pretiosus emptor.

Vê-se por esta passagem do poeta de Venuza que os pagãos e o proprio Horacio eram sem o saber verdadeiros carpocratenses, d'onde podemos colligir que esta seita não passava de uma aggremiação de pagãos mal convertidos. Para justificar os seus monstruosos extravios, Prodico sustentava «que as almas haviam sido concedidas aos corpos, não para serem castigadas, mas sim

para prestarem homenagem aos genios ou aos anjos que haviam creado o mundo, entregando-se a todos os generos de sensualidades.» Além d'isto, quizera por um sacrilegio detestavel representar a união mystica dos irmãos em Jesus Christo na união carnal do homem e da mulher. Devemos agradecer-lhe, no emtanto, que, a exemplo dos *cainitas,* não santificasse os costumes de Sodoma, nem tentasse destruir as fontes da humanidade.

Depois de Prodico, que viveu no anno de 120, os *Adamitas* soffreram uma reforma, cujo auctor é desconhecido. Consagraram-se á continencia e á virgindade, bem que abusassem da imitação do seu patrono até ao ponto de quererem voltar ao estado de nudez do primeiro homem. Os Santos Padres não nos dão a razão d'esta extranha heresia, e estamos reduzidos a conjecturas, que nos levam a crêr que os *Adamitas,* adoptando a nudez para as suas ceremonias secretas, se é que não a adoptaram tambem para os ritos publicos do culto, haviam tido a intenção de prestar homenagem á innocencia do homem, antes do peccado de Adão.

«Reunem-se, diz Santo Epiphanio, tão nus como sahiram do ventre materno, e é assim que fazem as suas leituras, as suas orações e os outros exercicios da religião.»

Santo Agostinho repete quasi textualmente as palavras de Santo Epiphanio:

«Homens e mulheres apresentam-se nus, e nus tambem celebram os sacramentos.»

Apesar d'esta difficil e delicada prova da sua continencia, os *Adamitas* permaneciam castos, ou pelo menos nunca chegavam aos gozos da carne. Em todo o caso, não conservavam o pudor dos olhos, e o espectaculo d'aquella nudez manchava-lhes os pensamentos, tornando-lhes mais difficil defender-se do aguilhão da concupiscencia. Mas Santo Epiphanio e Santo Agostinho dizem expressamente que resistiam áquella continua provocação da luxuria, e que acabavam por se consumirem no ardor dos desejos.

Não obstante, S. Clemente de Alexandria, que continúa a vêr imitadores de Prodico em todos os herdeiros da sua heresia, accusa-os de se conhecerem carnalmente nas trevas, depois dos seus impuros *agapes.* Não ousaremos pronunciar-nos nem pró nem contra os *Adamitas.* Diremos tão sómente que estes herejes, que não eram senão gnosticos de uma especie particular, se comportavam nas suas assembléas nocturnas tão honestamente, como lhes permittia a nudez, de que faziam alarde em honra de Adão e Eva.

Esta nudez allegorica veio a ser para certos *Adamitas* de ambos os sexos uma condição normal da vida ascetica. Completamente nus, ou com um cinto, quando muito, iam occultar-se em grupos, ou isoladamente, no fundo dos bosques ou nos desertos, fugiam á approximação de algum ser humano, que se distinguisse d'elles pelo vestido, julgavam-se, ou fingiam julgar-se transportados ás primeiras idades do mundo, em que o homem vivia exactamente como os animaes.

Esta vida bestial devia produzir necessariamente entre aquelles seres degradados um esquecimento completo do seu sexo e um aniquillamento dos sentidos. Assim, quando ás vezes voltavam á sociedade dos seus similhantes, sem consentirem, ainda assim, em vestiram-se como os outros homens, fingiam não pertencer a nenhum sexo, e pareciam insensiveis á vista e ao tacto da carne.

«São homens com os homens, diz S. Clemente de Alexandria, e mulheres com as mulheres, querendo ser dos dois sexos.»

Esta phrase complementar affigura-se-nos que tem um sentido bem differente do que Evagrio julgou dever attribuir-lhe, referindo este caso verdadeiramente extranho. (*Hist. Eccl.*, liv. I, cap. 21.) Effectivamente é preciso confessar que aquelles satyros se entregavam a todos os extravios lubricos, sem

distincção de sexos nem de pessoas. Foi assim, pelo menos, que os *Adamitas* se perpetuaram atravez dos seculos, até ao decimo sexto, em que appareceram pela ultima vez, se não é que devemos ainda reconhecer n'elles os convulsionarios do seculo XVIII.

Os inauditos excessos de sensualidade, que os heresiarchas cobriam com o manto da nova fé, deviam necessariamente produzir em sentido contrario excessos de continencia e de ascetismo. O gnosticismo tomava sempre uma fórma christã e creava um novo foco de heresia. Viram-se então nascer successivamente muitas seitas gnosticas, que se votaram a extranhos excessos de castidade, umas para imitar Jesus Christo, que morreu virgem, outras para se approximarem o mais possivel do estado do homem no paraiso, estas para matarem o peccado, matando tambem a humanidade, quer dizer, evitando que ella se perpetuasse, aquellas para se subtrahirem ao imperio do demonio encarnado na mulher.

Os *Encratitas,* ou *continentes,* os *Marcionistas* e os *Valentinianos* tornaram-se notaveis, quasi ao mesmo tempo dos precedentes, em meiados do seculo segundo, pelos seus exaggeros de castidade. O fundador da seita dos *Marcionistas,* Marcion, filho de um piedoso bispo de Synope, na Paphlagonia, não fôra desde o principio da sua vida publica um modelo muito edificante da continencia, que mais tarde prégou com tanta auctoridade como S. Paulo. Os seus primeiros actos de heresiarcha começaram por uma fornicação, que seu pae não pôde perdoar-lhe, e foi para se vingar d'esta excommunhão que procurou introduzir a perturbação no seio da Egreja orthodoxa. Depois de haver corrompido uma joven, ligou-se com outra mulher que o auxiliou no seu apostolado de heresia. Só admittia na sua doutrina o celibato e a continencia absoluta entre os christãos e não baptisava senão aquelles que faziam voto de conservar a sua pureza carnal e espiritual. No emtanto, dizia que os sodomitas haviam sido libertos do inferno pelos meritos do Redemptor, e affirmava que, como os corpos não deviam resuscitar, as suas manchas não alteravam as almas, que chegavam á presença de Deus purificadas pela morte.

Os *Marcionistas* não fugiam da companhia das mulheres, porque julgavam haver completamente domado as rebelliões da carne. Associavam-nas ao seu apostolado, e permittiam-lhes que administrassem o baptismo e dissessem missa, comtanto que tivessem as mãos puras e as almas candidas. Marcion, á imitação dos principaes gnosticos, reconhecia a existencia de dois principios da natureza, um bom e outro mau, eternamente em guerra. Attribuia á continencia o poder de combater e de vencer todas as tentações do demonio, que assentara os seus arraiaes na cabeça da mulher. Esta heresia, apesar das privações que impunha aos seus adeptos, fez taes progressos em todo o imperio, que Constantino Magno teve de publicar um edicto contra os *Marcionistas,* no anno de 326, e um seculo mais tarde, Theodoredo, bispo de Tyro, converteu mais de dez mil, durante o tempo do seu episcopado.

Valentino, que era contemporaneo de Marcion, foi mais versado do que elle nas abstracções da philosophia gnostica e platonica, mas como elle e como muitos philosophos de Alexandria, julgou util pôr o homem debaixo do jugo da continencia. As suas obscuras theorias religiosas não se dirigiam senão ás mais altas aspirações do espirito, que o fundador da seita queria despojar do corpo como de um peso inutil.

Os *Valentinianos,* que evitavam com cuidado a excitação da luxuria, mortificavam o corpo de maneira que não lhe deixavam o livre uso das suas faculdades: não bebiam vinho, jejuavam, dormiam pouco e sobre pedras, não detinham os olhares nos objectos exteriores e só tendiam a perder-se nas nebulosidades da mais transcendente metaphysica.

Apesar d'isto, porém, eram accusados de extravios sensuaes, que teriam

sido superiores ás suas forças, quando não fossem mesmo contrarios á essencia da sua doutrina.

Os *Marcionistas* eram, por assim dizer, seres quasi ethereos e intelligencias immateriaes, occupados continuamente nas relações ideaes com os genios por elles inventados, como intermediarios entre o homem e a divindade. Não obstante, é muito possivel que a mystica prostituição dos *incubos* e *succubos*, que com tanta frequencia manchavam o leito mais casto na idade media, nascesse da heresia dos *Marcionistas*.

Os *Encratitas*, ou *continentes*, não foram menos severos que os *Marcionistas* no que dizia respeito ao peccado da carne, e tiravam a sua origem das epistolas de S. Paulo, explicadas por Taciano, discipulo de S. Justino. Taciano converteu em dogma as repugnancias de S. Paulo para com o matrimonio, condemnou este sacramento como uma união detestavel e ordenou o celibato como um meio de chegar á perfeição da vida conjugal. Era o abuso de uma fé viva e impaciente, porque Taciano propunha-se implantar na terra a perfeição ideal dos escolhidos do paraiso.

Os sectarios d'este heresiarcha levaram até á loucura a paixão da continencia. Só elles se julgavam puros e perfeitos entre os christãos, e tanto uso faziam da agua, interna e externamente, como symbolo de ablução, que foram denominados *Hydroparastates*.

Os *Valesianos*, que começaram a ser notados no anno de 240, levaram mais longe ainda o culto da pureza corporal, porque o seu fundador, o arabe Valesio, inspirando-se no sacrificio que Origenes fizera do seu sexo, persuadiu-se que a verdadeira castidade não podia existir senão n'uma natureza mutilada. Por isso declarou que, para aniquillar o peccado da incontinencia, era mister destruir-lhe a causa, e elle proprio nenhuma repugnancia mostrou em se privar d'aquella perigosa virilidade, que o havia induzido a peccar, e que tantos outros tinha arrastado a funestos erros. Os discipulos do heresiarcha pareciam inspirados nas doutrinas dos sacerdotes de Cybele, e não contentes de se entregarem ao ferro do castrador, consagravam-se com uma especie de phrenesi á propaganda da sua cruel heresia. Andavam continuamente armados de uma faca extremamente afiada, similhante ao instrumento usado pelos cirurgiões para mutilarem os escravos destinados á condição de eunuchos ou ao officio de *spadones*, e sem interromperem as suas orações mentaes andavam sempre á procura de uma victima do seu zelo religioso. Não encontravam, por certo, muitos proselytos que consentissem voluntariamente no sacrificio, mas pouco se importavam com isso e empregavam a violencia para conquistar corpos á castidade *valesiana*, mutilando cruelmente quantos christãos ou gentios achavam ao alcance da sua mão. Na Judeia foi onde principalmente estes phreneticos herejes, que, de resto, tinham os mesmos principios religiosos dos *Gnosticos*, acommetteram maior numero de infelizes peccadores, sob o pretexto de transformarem os homens em anjos.

Estes *Gnosticos*, porém, nem todos eram tão encarniçadamente inimigos da carne. Debaixo do nome de *Manicheus* proclamaram, conjunctamente com o horror do matrimonio, o livre e absoluto exercicio de todas as faculdades sensuaes.

Os *Manicheus*, que chegaram a contrabalançar a preponderancia dos verdadeiros christãos no quarto seculo, e que se perpetuaram quasi até aos tempos modernos, atravez das rudes guerras que a Egreja constantemente lhes moveu, tentaram estabelecer, se dermos credito aos Padres e aos concilios, o culto dos sentidos, querendo substituir pela prostituição religiosa o Evangelho e o culto do espirito.

O auctor d'esta mysteriosa heresia foi um persa chamado Manes, que expoz a sua extranha doutrina em livros, onde os seus discipulos beberam o prin-

cipio de todas as impurezas. Custa a crêr o que Santo Agostinho refere d'este systema heretico, a respeito da salvação das almas separadas do corpo. Segundo este systema, Deus construira uma grande machina, composta de doze naus aereas, que estavam continuamente carregadas de almas, e que as transportavam pelos espaços á lua e ao sol, mas esta viagem realisava-se debaixo dos mais extranhos e extravagantes auspicios. Havia n'essas naus virgens divinas, que tomavam a fórma de homem para darem amor ás mulheres e a fórma de mulher para excitarem os sentidos dos homens, de maneira que as almas dos dois sexos não cessavam de purificar-se n'aquella mysteriosa união. Segundo a theoria dos *Manicheus,* durante a emoção da luxuria, a alma desprende-se das substancias tenebrosas da materia e sobe até á divindade (*ut per hanc illecebram commota eorum concupiscentia, fugiat de illis lumen, quod membris suis permixtum tenebant.*)

Tendo os *Manicheus* feito subir ás espheras celestes a prostituição, não podiam vêl-a de certo com maus olhos na terra. Por isso consideravam o acto venereo como uma obra santa, mas com a condição de que a santidade do acto não se compromettesse ou aniquillasse pela concepção. Santo Agostinho diz a este respeito: — *Et si utuntur conjugibus conceptum tamen generationemque devitant, ne divina substantia quæ in eos per alimenta ingreditur vinculis carneis ligetur in prole.* Ideia verdadeiramente espantosa! Na geração dos filhos viam uma diminuição da substancia divina, que cada qual recebia no organismo pela nutrição. Com ideias tão monstruosas, os *Manicheus* estavam antecipadamente convencidos de todas as torpezas que se lhes imputavam, e foram perseguidos pelos christãos, como estes o haviam sido pelos pagãos.

«Como acreditavam que o espirito procedia do bom principio, diz Mambourg, na sua *Historia de S. Leão,* e a carne do mau, ensinavam que se devia odiar o corpo e deshonral-o de todos os modos possiveis, e segundo este infame preceito, não havia genero de obscenidade ou de torpeza com que não manchassem as suas reuniões secretas.»

Não podemos, no emtanto, acreditar plenamente na horrivel e repugnante pratica de que os accusa Santo Agostinho, quando diz que misturavam com as hostias que commungavam e com os alimentos que ingeriam — *semen humano!*

«*Qua occasione, vel potius execrabilis superstitionis quadam necessitate coguntur electi eorum, velut eucharistiam conspersam cum semine humano sumere, ut etiam inde, sicut de aliis cibis quos accipiunt, substantia illa divina purgetur... Ac per hoc sequitur eos, ut sic eam et de semine humano, quam admodum de aliis seminibus, quæ em alimentis sumunt, debeant manducando purgare.*»

Não é evidente que a prostituição apparecia em todas as seitas, que não seguiam á risca o christianismo do Evangelho?

CAPITULO XXXIV

SUMMARIO

A prostituição religiosa e a prostituição hospitalar no christianismo.—Os eremitas, as virgens e os primeiros monges. — Quadro dos soffrimentos physicos a que se submettiam os Padres do deserto. — As mulheres eremitas. — Lenda de Santo Arsenio e de uma patricia romana.—O joven eremita e o patriarcha.—O eremita e sua mãe.—Lenda popular de S. Barlaam e do rei Josaphat.—O demonio da luxuria. — Lenda de um velho eremita que teve de combater este demonio. — A prostituição hospitalar nos *agapes* nocturnos e no meio das solidões catholicas. — Os monges errantes. — Os *Sarabaitas*. — Conducta impudente d'estes monges dissolutos. — Relaxação dos costumes em certas communidades de mulheres.— A prostituição sagrada no culto das imagens.—Os santos apocryphos.—Cultos obscenos tributados a certos santos até á Revolução franceza pelas mulheres estereis, pelos maridos impotentes e pelos que se consideravam como victimas de maleficios.—Lenda de S. Guignolet.—O olho de Isis e o ganso de Priapo.—Estatua indecente de S. Guignolet em Montreuil da Picardia.—S. Paterno.—S. Guerlichon.—S. Gil — S. Renato.—S. Projecto.—Santo Arnaldo.—Vestigios do paganismo no culto christão.



QUANDO o christianismo estava em lucta com a prostituição pagã, encontrou no seu proprio seio indignos adversarios, que se esforçaram por manchal-o com as mais abominaveis torpezas. Estes adversarios eram umas vezes sectarios das religiões profanas, feridas pela fé de Christo nas suas mais profundas raizes; outras, os mais temiveis heresiarchas eram apenas cathecumenos ignorantes ou diaconos de boas intenções, exaltados pelas austeridades, pela oração e pelas mortificações da carne. A excessiva castidade produzia ás vezes uma excessiva impureza. Christãos, por muito tempo castos e virtuosos, deixavam-se levar a aberrações criminosas, que os proprios pagãos não ousariam praticar.

O principio da castidade da alma e do corpo era a maior força d'aquella nova lei, que transformava em escravos submissos cada um dos seus proselytos. Os doutores e Padres da Egreja não cessaram em tempo algum de perseguir e condemnar o paganismo na sua obra de prostituição religiosa e legal. Mas, cousa verdadeiramente estranha! emquanto o christianismo nascente fazia esta guerra infatigavel ás doutrinas e actos da iniquidade, verificava com surpreza e indignação que a prostituição sagrada e a prostituição hospitalar, essas duas irmãs, tão velhas como o mundo, ousavam apresentar-se novamente sob um disfarce christão, que lhes mudava completamente o caracter e lhes dissimulava a sua origem primitiva. Graças a esse disfarce, occupavam como parasitas o logar que a heresia lhes conquistara, logar d'onde a moral religiosa não conseguiu desalojal-as senão muito tarde, purificando tudo quanto apresentava vestigios do seu contacto.

Na vida ascetica dos eremitas, das virgens e dos primeiros monges, foi

onde a prostituição hospitalar, essa fórma simples da prostituição religiosa, procurou, pelo menos, provar que já havia existido em circumstancias analogas. Solitarios de um e outro sexo, haviam rompido violentamente com o seculo, retirando-se para as margens do Jordão, ou para os desertos da Thebaida, para alli viverem uma vida contemplativa e penitente, longe das occasiões do peccado, leão terrivel que ainda os aterrava mais do que os leões d'aquelles vastos ermos. Muitos annos d'esta existencia laboriosa e selvagem eram precisos pora domar o demonio da carne, para apagar o fogo das paixões e para que o espirito de Deus se tornasse verdadeiramente senhor do campo. Durante estes annos de lucta e provação, em que as rebelliões da carne ameaçavam sem cessar despedaçar todos os vinculos da continencia, a alma tinha muitas horas de duvida e de fraqueza, muitos e longos intervallos de vertigem e de febre. Vinham então voluptuosas allucinações perturbar a tranquillidade d'aquellas pobres victimas do tentador; o santo varão ou a santa mulher deixavam de ter consciencia da sua individualidade ou do seu estado. A cella estreita e nua, a cova medonha e fria, a choça miseravel aberta á intemperie do clima, transformavam-se aos olhos do seu apavorado habitador, n'um palacio saturado de enebriantes perfumes, cheio de harmonias de uma doce e extranha musica voluptuosa, resplandecente de vasos de ouro e de prata, de riquissimas tapeçarias e de brandos cochins orientaes; e nas mesas de marfim dos vastos salões dourados fumegavam os manjares mais delicados e espumavam os vinhos mais deliciosos...

Ordinariamente, a oração triumphava d'aquelles laços ardilosos do inferno, e o sopro de Deus desfazia a miragem fascinadora. Mas n'aquelles momentos difficeis, n'aquellas noites de febril insomnia, n'aquelles dias de involuntario retrocesso ás cousas terrenas, se de subito um viajante extraviado penetrava no asylo da virgem, se uma mulher, uma christã sedenta de consolações mysticas apparecia de improviso na gruta do anachoreta, a virgem e o eremita julgavam-se transportados aos antigos tempos biblicos, e acolhiam extasiados o hospede divino que o ceu lhes enviava. Depois, bastava uma pequena suggestão diabolica, para que a prostituição hospitalar reconquistasse o seu imperio, deixando d'ahi a pouco entregue ás lagrimas do arrependimento a fragil virtude que havia enganado com as illusões da sciencia e da vaidade mundanas. Fossem ou não tidos como anjos os que visitavam os solitarios, não era uma occasião de peccado o dever da hospitalidade?

Lendo as vidas dos Padres do deserto, vê-se em cada pagina qual era o poder da carne sobre aquellas naturezas energicas, esgotadas pelo jejum, pelas macerações e pelos soffrimentos physicos, mas exaltadas pelo terror do peccado e pela impaciencia da perfeição espiritual.

«Oh meu Deus! exclama S. Jeronymo, o modelo dos anachoretas, quantas vezes, quando estava n'aquella solidão abrasada pelos ardores do sol, julguei achar-me no meio das delicias e diversões de Roma! Os meus membros emagrecidos causavam horror até mesmo dentro do sacco que os cobria, e tinha a pelle tão negra como a de um ethiope. Não fazia senão chorar e gemer, não dormia, e se alguma vez o somno me entorpecia e cerrava as palpebras, apesar de toda a minha resistencia, atirava-me sobre a terra dura, mais para quebrantar os ossos do que para lhes dar repouso. Nada direi dos alimentos, porque os solitarios, seja qual for a sua fraqueza, só bebem agua fria, e seria um excesso condemnavel comerem um alimento cosido. E, não obstante, eu que me achava em tal estado, e que me havia condemnado voluntariamente a esta penalidade pelo medo que tinha do inferno, eu que não tinha outros companheiros, além dos escorpiões e das feras, imaginava ás vezes que estava acompanhado de mulheres!

«Tinha o rosto macillento, á força de jejuns, e o corpo frio e resequido,

e não obstante, sentia ardores impuros que me faziam renascer a concupiscencia, incendiando uma carne meia morta. Quantas vezes me prostrei aos pés do Filho de Deus, para os regar com as minhas lagrimas e enxugal-os depois com os meus cabellos! Quantas vezes passei semanas inteiras, luctando por domar as rebelliões da carne! Quantas vezes passei os dias e as noites a gritar continuamente e a retalhar o peito até poder conseguir a tranquillidade!

«Tinha horror á minha cella, como se ella tivesse conhecido os meus impuros pensamentos, e ia, indignado de mim mesmo, para os desertos mais selvagens. Se via algum rochedo horrivel, alguma caverna tenebrosa, alguma montanha bem escarpada, era alli que ia procurar um asylo para offerecer a Deus as minhas orações e soltar desafogadamente os meus gemidos.

«Finalmente, Deus, que escutava os meus suspiros e via as minhas lagrimas, depois de conhecer que eu tivera por muito tempo os olhos cravados na sua adorada cruz, punha-me em tal situação de espirito, que me parecia estar de repente na companhia dos anjos, e nos seus transportes de jubilo, o peccador exclamava então: Meu Deus, meu Deus, o meu espirito segue-te á celeste morada para aspirar os effluvios dos teus perfumes!»

Esta passagem, que tem muita analogia com as confissões de todos os Padres do deserto, basta para nos informar da natureza das tentações diabolicas que cercavam aquelles santos personagens. Comprehende-se depois d'isto a provocadora influencia que devia exercer a vista de uma pessoa de sexo differente, n'um espirito torturado pela concupiscencia e n'uma carne irritada pelas privações.

Vimos o padre Zozymo perseguindo nos areiaes do Egypto uma creatura nua, queimada e enegrecida pelo sol, e que não era outra senão a famosa peccadora Maria Egypciaca. Havia na Africa e na Asia Menor uma multidão de mulheres eremitas, que se consagravam á vida monastica, e que não escapavam sem tremendas luctas ás perigosas rebelliões da carne, o que fazia dizer a S. Jeronymo, testemunha, juiz e parte d'estas violencias tyrannicas: «Eu ponho a virgindade no ceu, e não me gabo de a ter.»

A historia dos Padres, recolhida e escripta por elle, está cheia de narrações singulares, que nos apresentam os solitarios de ambos os sexos em communicação permanente com seres, vindos do ceu ou do inferno para os fortalecerem ou tentarem. Sem offender o caracter religioso e terno d'essas extraordinarias narrações, é licito suppôr tambem que a communicação de homens e mulheres n'aquelles ermos povoados de cellas habitadas, devia produzir muitos abusos, sob o ponto de vista dos costumes, se tivermos em conta o fogo das paixões que o retiro, o silencio, o jejum e a insomnia podem desenvolver n'uma alma ardente e fanatica. A submissão dos sentidos era muitas vezes tarefa superior ás forças humanas, e o demonio, a quem se attribuiam estas suggestões de luxuria, vinha em auxilio de todas as perturbações do espirito e de todas as rebelliões da carne.

Santo Arsenio, que vivia completamente nu no deserto, e que se alimentava de hervas como os animaes, fugindo pertinazmente da approximação dos seus similhantes, encontrou um dia á porta do seu asylo uma matrona já de idade, a quem a devoção inspirara o pensamento de procurar o santo:

Arsenio disse-lhe com indignação:

— Se queres vêr o meu rosto, olha!

Mas a mulher não ousou erguer os olhos para o semblante do anachoreta e permaneceu prostrada a seus pés.

— Agora voltas a Roma, disse-lhe tristemente o eremita, vaes dizer a outras mulheres que me viste, e ellas virão aqui tambem, como tu, para me vêr!

— Com a graça de Deus, disse a matrona, muito afflicta d'aquella tris-

teza do santo homem, procurarei impedir que nenhuma mulher venha interromper as tuas meditações n'este santo asylo.

—Mulher, o que eu peço a Deus, é que apague do teu coração a minha lembrança!

A mulher regressou da sua visita ao deserto com febre, cheia de desalento e amargura, e com desejo de morrer.

—Pois tu não sabes, disse-lhe um prelado, procurando confortal-a, que és mulher e que o demonio emprega sempre a mulher para tentar o eremita? Foi esse o motivo porque Arsenio te fallou tão desabridamente, mas pódes ter a certeza de que o santo anachoreta roga a Deus pela tua alma...

A matrona, ouvindo estas consoladoras palavras, não pensou mais em morrer.

O auctor que refere esta melancholica aventura, o ingenuo Thiago Voragine, accrescenta outros dois exemplos, que provam quanto póde a fragilidade humana, ainda mesmo na energica natureza d'aquelles homens de Deus.

Um joven eremita dizia a um patriarcha, de quem era discipulo:

—Como és muito velho já, podemos approximar-nos um pouco do mundo.

—Vamos para onde não houver mulheres, respondeu-lhe o ancião.

—Só no deserto evitariamos o perigo de as encontrar.

—Leva-me então para o deserto.

Outro Padre para ajudar sua mãe, senhora de idade decrepita, a passar um rio, cobriu as mãos com a capa.

—Para que cobres as mãos, meu filho? perguntou a velha dama.

—O corpo da mulher é de fogo, respondeu o santo varão, afugentando o demonio benzendo-se repetidas vezes.

—Mas eu sou tua mãe...

—O teu contacto, minha mãe, podia recordar-me a carne das outras mulheres!...

O papel que o demonio fazia para tentar os santos por meio da carne póde vêr-se na lenda popular de S. Barlaam e do rei Josaphat, lenda que inspirou muitas vez a epopeia romanesca da idade média em todas as linguas.

Barlaam converteu Josaphat, filho de um rei idolatra, a quem a lenda chama, por allegoria talvez, o rei *Porvir*. Este monarcha tem uma grande tristeza por vêr seu filho christão e esforça-se por attrahil-o novamente á religião dos falsos deuses. O mago Theodas aconselha o rei a afastar todos os homens do serviço do principe e a dar-lhe apenas a companhia de mulheres ricamente adornadas e muito seductoras.

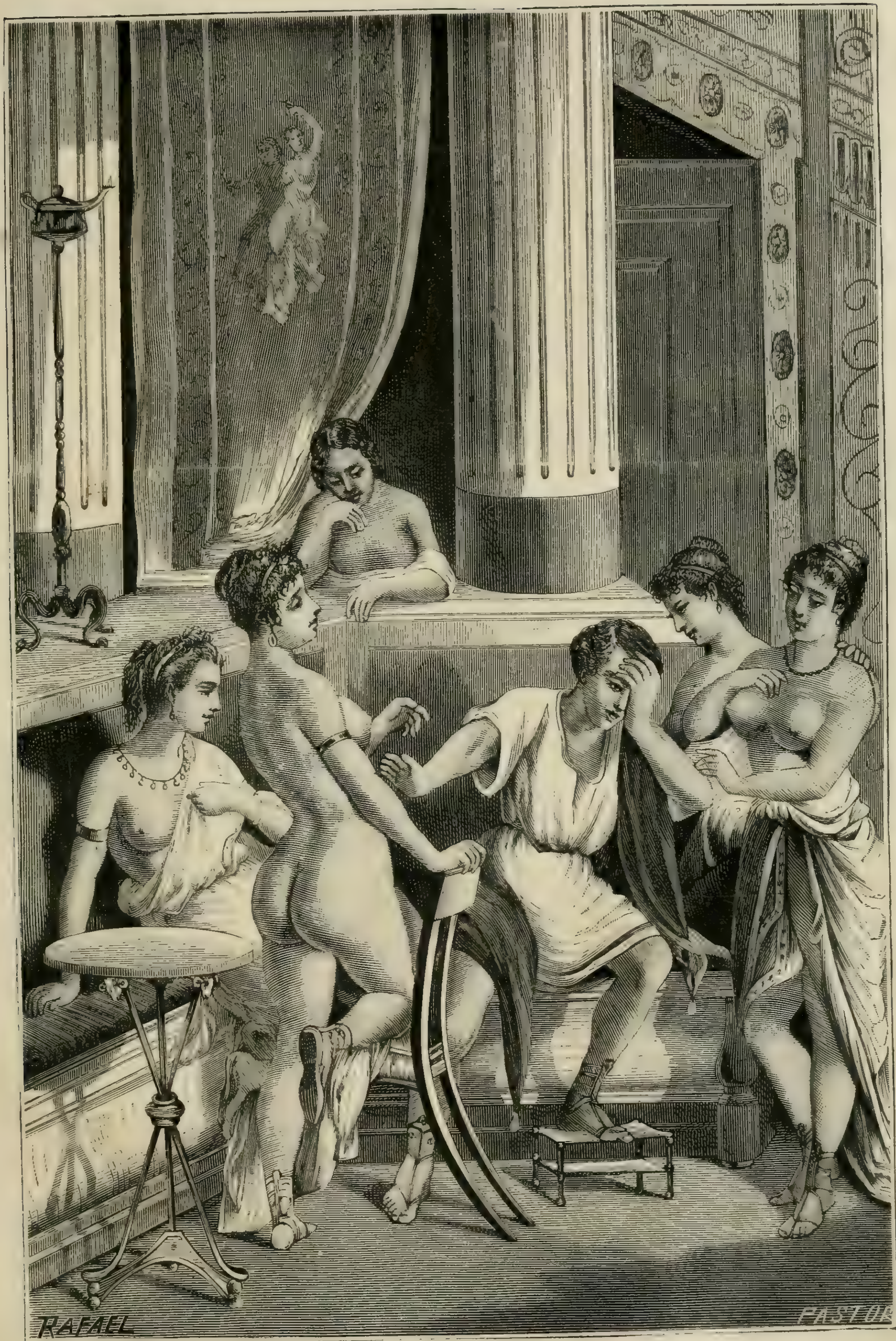
—Mandarei tambem, continúa o feiticeiro, para junto d'elle um dos espiritos que tenho ás minhas ordens, para o incitar á luxuria, porque nada ha mais proprio que a presença das mulheres para seduzir os mancebos.

Em virtude d'este conselho, o principe christão teve d'ahi em deante por companheiras muitas mulheres formosissimas, que o provocavam continuamente a peccar, e além d'isso, o espirito maligno enviado pelo mago apoderou-se de Josaphat tão irresistivelmente, que o pobre rapaz teria succumbido, se o Deus dos christãos não viesse em seu auxilio. O principe resistiu, pois, á tentação e submetteu a carne ao predominio do espirito.

Mas um dia encontrou no seu caminho a filha de um rei, que por sua extraordinaria belleza fez n'elle mais effeito do que todas as outras mulheres juntas. O joven procurou convertel-a, sem que apesar d'este piedoso intento deixasse de admirar a sua belleza encantadora.

—Se queres que renuncie aos idolos, disse-lhe a sereia, casa commigo. De mais a mais, os christãos não teem aversão ao matrimonio. Os patriarchas, os prophetas e S. Pedro, principe dos apostolos, foram casados.

—E' em vão que me persegues, respondeu-lhe o principe. Bem sei que



Josaphat entre as cortezãs

é permittido aos christãos o matrimonio, mas não aos que fizeram voto de virgindade.

A princeza fingiu chorar amargamente, e disse-lhe com a mais seductora meiguice, tendo na voz um fremito de voluptuosidade:

—Pois bem: se queres concorrer para a minha salvação, concede-me uma graça, que não é um grande sacrificio afinal. Dorme commigo esta noite, e prometto-te que ao amanhecer converter-me-hei ao christianismo.

Josaphat não estava preparado para tão extranha proposta. De resto, sabia qual era o jubilo dos anjos pela conversão de um idolatra. Não ignorava tambem a tristeza do ceu por causa do peccado da luxuria. No emtanto, estava indeciso e procurava no olhar da formosissima princeza a vergonhosa coragem do peccado. Então o maligno espirito, cuja missão junto do principe era induzil-o a peccar, disse aos seus companheiros infernaes:

—Vejamos como esta mulher vence a virtude do principe christão, que nós nunca pudémos vencer. Vinde, pois, e trabalhemos corajosamente na sua perdição, que o ensejo é opportuno.

Effectivamente Josaphat sentia-se devorado pelo fogo da concupiscencia, emquanto o demonio lhe suggeria o detestavel pensamento de salvar a preço da sua alma a alma d'aquella gentilissima donzella. Mas antes de consentir no que se esperava da sua caridade christã, fez o signal da cruz e pôz-se a fazer oração. No mesmo instante, adormeceu e foi transportado em sonhos á mansão dos bemaventurados.

As acordar, segundo as palavras do ingenuo compilador da *Lenda dourada,* que seguiu passo a passo a narração de João Damasceno «a belleza d'aquella joven e das suas companheiras só lhe inspirava a mesma repugnancia que se sente á vista da cara mais immunda e desprezivel.»

Os Padres da Egreja acreditavam na existencia de um demonio, que presidia á luxuria e que não tinha outro officio senão excitar a sensualidade entre os homens, idolatras ou christãos. Na vida dos padres e nas mysticas lendas dos santos, encontra-se a cada passo esse demonio debaixo das fórmas mais seductoras e proprias para vencer a virtude das virgens e confessores. Esse ente malefico é frequentes vezes repellido e posto em fuga. No emtanto, ás vezes o astuto demonio consegue realisar o seu proposito, á força de maquinações e de enganos. Ser-nos-hia difficil dizer se este demonio da luxuria era o mesmo que o da prostituição, que encontramos sob o nome de *demon scortationis,* na historia ecclesiastica de Evagrio, cap. 26.

Um velho eremita destruia havia muito tempo todas as traças e astucias do demonio, que o perseguia de mil maneiras differentes e com um empenho infatigavel. O que valia ao santo homem era ter procurado o seu refugio no Monte das Oliveiras, onde o espirito de Deus estava sempre presente.

—Quando me deixarás em paz? disse-lhe um dia o piedoso solitario. Vae-te, que já envelheceste tanto como eu!

O demonio assim interpellado respondeu ao velho anachoreta que não o atormentaria mais, se o santo homem lhe promettesse que não revelaria a pessoa alguma o que ia confiar-lhe. O velho não hesitou em comprar por esse preço o seu repouso, e fez o juramento que o tentador lhe exigia. Foi então que o inimigo lhe disse:

—Aconselho-te que não adores mais essa imagem que representa uma mulher com um menino nos braços.

Ditas estas palavras retirou-se.

O velho ficou muito perturbado pelo conselho, que o juramento até lhe impedia de revelar ao seu confessor. Como esta perturbação crescesse de ponto, o anachoreta dirigiu-se á cidade visinha, chamada Pharan, e foi confessar-se ao abbade Theodoro, que o absolveu de seu perjurio, accrescentando:

— Apressa-te agora a sahir d'esta cidade, que não é mais do que um lupanar. Parece-me que não serias dos mais fortes para resistires ao demonio da prostituição! Quando partires, adora Jesus Christo e sua divina Mãe.

Quando o santo homem regressou á sua gruta, encontrou lá o demonio, que lhe lançou em rosto o seu perjurio.

— Afasta-te de mim, tentador! exclamou o piedoso eremita, afugentando-o com o signal da cruz. Sou demasiado velho para te escutar e temer!

A vida cenobitica estava, pois, rodeada de desejos sensuaes e de pensamentos mundanos. A victoria do tentador não dependia muitas vezes senão da sua perseverança na tentação dos solitarios, e as occasiões do peccado reproduziam-se com demasiada frequencia. A prostituição hospitalar fallava mais alto do que as austeras lições da Egreja; não só penetrava com os herejes nos *agapes* nocturnos e na visitação das virgens e viüvas christãs, mas insinuava-se até mysteriosamente nas solidões, em que se reuniam para orar e trabalhar em commum os irmãos e as irmãs da nova familia catholica. A ignorancia e a credulidade preparavam as victimas que o monstro da sensualidade devorava, devendo attribuir-se ás heresias o profundo rebaixamento moral da christandade desde o anno 230.

«Já não havia castidade na vida dos christãos, diz S. Cypriano, testemunha ocular d'aquella desgraçada época, nem havia disciplina nos costumes. Os homens penteavam a barba, as mulheres usavam enfeites e adornos; corrompiam a pureza dos olhos, violando a obra das mãos de Deus, e davam até côres estranhas aos cabellos. Empregavam subtilezas e artificios para enganar a gente simples. Os christãos surprehendiam seus irmãos em infidelidades e enganos, casavam com os infieis, prostituiam com os pagãos os membros de Jesus Christo.»

Esta passagem e muitas outras provariam em caso de necessidade a existencia da prostituição hospitalar na vida commum dos christãos de um e outro sexo, apesar das excommunhões dos concilios e das admoestações dos doutores da Egreja.

E' mister attribuir esta corrupção de costumes, que fermentava no interior de um grande numero de conventos de mulheres, á influencia desmoralisadora de uma multidão de monjes errantes e seculares, que o vicio e a preguiça faziam pulullar por toda a parte. Estes herejes passavam vida alegre, sem residencia fixa, sem occupação sedentaria, sem meios de existencia, e dividiam-se em muitas seitas, que apenas se distinguiam entre si pela variedade da libertinagem. Andavam de povoação em povoação, ou melhor, de convento em convento, porque antes da instituição regular das ordens monasticas, as consagradas viviam juntas no retiro e na oração, evitando o contacto e até mesmo a vista dos profanos, mas frequentando com muito gosto a convivencia dos sacerdotes e dos fieis.

Entre estas seitas de folgazãos e libertinos, notava-se a dos *Sarabaitas*, que S. Jeronymo chama *Remoboth* e os historiadores do seculo quinto *Gyrovagues*. Os *Sarabaitas*, nome que na lingua egypcia significava *Indisciplinados*, faziam remontar a sua origem ao judeu Ananias, a quem S. Pedro castigou pela sua mentira, dando uma morte repentina tanto a elle como a sua mulher Saphira. Apesar de se dizerem christãos, estes herejes não renunciavam á circumcisão, que favorecia os seus habitos de impureza.

«Tudo n'estes homens respira affectação, escrevia em 384 S. Jeronymo, procurando não os confundir com os cenobitas e anachoretas. Usam mangas e calçado largo, um vestido grosseiro, soltam amiudados suspiros, visitam frequentemente as virgens, menoscabam a reputação dos clerigos, e nos dias de festa entregam-se á mais desenfreada intemperança (*saturantur ad vomitum.*)»

A principio formavam associações fraternaes, dois a dois ou tres a tres,

e ganhavam com o seu trabalho um sustento sobrio e commum; tinham, porém, frequentes disputas, que provinham, segundo S. Jeronymo de não quererem sujeitar-se ás imposições de ninguem. No emtanto, a causa d'essas disputas, que por vezes passavam a vias de facto, póde attribuir-se a ciumes e rivalidades amorosas. Por este motivo, não tardaram muito a separar-se, e a procurar cada qual fortuna por seu lado. Cassiano, nos seus *Commentarios* (*Coll.* 18, 8.) descreve com os pormenores mais odiosos o procedimento impudente d'estes monges dissolutos, que se propagaram pelo Egypto e chegaram aos asylos mais afastados da Thebaida, e que não haviam ainda desapparecido no seculo IX, por isso que ha uma lei de Carlos Magno expressamente feita contra elles (*Capitul. regum Franc.* tomo I, pag. 370.) Não estamos muito dispostos a defender os *Sarabaitas,* como procurou fazel-o nas *Memorias da Academia de Gotingue* (t. 6. 1775) o douto Francisco Walch, que pretende distinguil-os dos *Gyrovagues,* attribuindo a estes todos os excessos de que elles eram arguidos. Cassiano, a quem muitas vezes temos seguido na sua opinião a respeito d'estes e outros herejes, tinha presenciado o seu modo de vida no Alto Egypto, onde só a cidade de Oxirnigue tinha mais de dez mil virgens, e cuja população era exclusivamente composta de monges e cenobitas.

Quatro seculos depois, quando as ordens religiosas se estendiam por todo o mundo christão e a regra monastica fechava as portas dos claustros aos perigosos apostolos da prostituição hospitalar, S. Bento recommendava aos seus discipulos que desconfiassem d'aquelles corruptores.

«Ha uma terceira e pessima classe de monges, diz elle, que é a dos *Sarabaitas,* que, não se submettendo a nenhuma regra, surdos aos conselhos da experiencia, conservam os gostos e predilecções do seculo e ousam calumniar a Deus, usurpando as ordens sagradas. Reunidos aos dois e aos tres, e ás vezes isoladamente, vivem sem pastor, encerrados, não no redil do Senhor, mas sim no proprio aprisco. O seu desejo é a unica lei d'estes homens. Chamam santo a tudo quanto lhes agrada e consideram como prohibido apenas o que lhes desagrada.»

A regra de S. Bento falla tambem dos *Gyrovagues,* que não tinham nem casa nem lar, e que andavam ao acaso, comendo, bebendo e alojando-se nos conventos, onde costumavam deixar desagradaveis recordações da sua intemperança, irreligião e impureza (*per diversarum cellas hospitantur, semper vagi et nunquam stabiles et propriis voluptatibus et gulæ illecebris servientes.*)

Para descobrir os ultimos vestigios da prostituição hospitalar, seria mister profundar a historia monastica e verificar os numerosos extravios que teem provado a fragilidade da virtude humana e a impotencia dos votos mais sagrados. Veriamos assim que nos mosteiros de mulheres a recepção dos homens da egreja, e a hospitalidade concedida aos monges errantes, produziam ás vezes irregularidades, que nem sempre o escandalo revelava, porque pela maior parte não transpunham os silenciosos claustros das communidades religiosas. A Egreja, mãe indulgente, cobria com a capa da sua misericordia as infracções das regras e os arrebatamentos das suas jovens ovelhas. A tradição, apoiada no testemunho dos romances e poesias populares, e o vago murmurio dos écos do passado, melhor ainda que as actas dos concilios e as chronicas monasticas, ou os factos perfeitamente averiguados, poderiam descrever-nos a relaxação dos costumes de certos mosteiros, onde a chegada de um peregrino ou de um monge evocava as alegres reminiscencias da heresia dos *Sarabaitas.*

O povo, que tinha, por assim dizer, olhos e ouvidos no interior d'estes asylos impenetraveis, contava as suas lendas escandalosas, e dizia maravilhas da hospitalidade dos conventos. O *Conto* do conde Ory, que se encontra muitas vezes debaixo de differentes nomes em quasi todas as litteraturas da idade média, é uma graciosa indiscrição, que nos esclarece muito melhor a respeito

d'esta hospitalidade do que as actas authenticas da reforma de muitos conventos de mulheres, nos quaes as desordens da sensualidade se haviam introduzido com tão audazes como amaveis hospedes.

Não julgamos necessario insistir mais sobre esta delicada questão da relaxação dos costumes claustraes, nem sobre os perigos da hospitalidade monastica.

Quanto á prostituição sagrada, que pertencia exclusivamente ás religiões idolatras, e que havia impresso n'essas religiões os seus stygmas allegoricos, vemos com espanto e indignação que procurou sempre reviver, ou pelo menos não morrer de todo n'uma religião fundada na moral mais pura, e que se destinava a satisfazer as mais nobres aspirações da alma.

O culto das imagens foi o propagador dos vestigios d'esta sacrilega prostituição. A egreja succedia ao templo profano, as castas estatuas do Salvador, da Virgem e dos santos substituiam por toda a parte as impudicas estatuas de Venus, de Priapo, de Baccho e de Hercules; mas o povo tinha difficuldade em mudar ao mesmo tempo de deuses e de culto, e por isso conservou do antigo culto tudo quanto era possivel misturar-se grosseiramente com o culto do verdadeiro Deus.

Pela sua parte os sacerdotes não tiveram escrupulo em se apropriarem de certas fórmas de ceremonias religiosas, a que deram significação christã, mas não impediram a introducção de algumas praticas essencialmente idolatras e mesmo injuriosas para a nova fé. E' indubitavel que n'estes primeiros reguladores do culto houve espiritos preversos ou corrompidos que abusaram da candura dos neophytos. Por isso vemos nos primeiros tempos da constituição da Egreja aproveitadas algumas das primitivas heresias, em que se havia fundido a prostituição religiosa. A cada passo se encontram esses deploraveis vestigios. Aqui as danças e a musica, esses dois insidiosos auxiliadores da sensualidade; alli os *agapes*, em que se reflectiam as obscenidades das Bacchanaes; por outra parte os santos disfarçados em deuses e tendo os mesmos attributos. Os proprios sacramentos não foram isemptos d'estas vergonhosas iniciações: assim o baptismo, conforme S. João Chrysostomo escrevia ao papa Innocencio I, offerecia espectaculos indecorosos. As mulheres apresentavam-se nuas, sem que se lhes permittisse mesmo occultarem os distinctivos naturaes do seu sexo. No sacrificio da missa, os assistentes beijavam-se na bocca; nas procissões as virgens envolvidas em amplos veus levavam amuletos e idolos, que melhor conviriam ao culto de Isis ou de Mitra; os pãesinhos obscenos das festas do paganismo, os *coliphia* e os *siligines* apenas haviam modificado as suas fórmas e os seus usos. N'uma palavra, a prostituição religiosa adheria por toda a parte como uma planta parasita, não ao dogma, mas sim á lithurgia. Para remediar o mal foi mister que os padres da Egreja disposessem gradualmente os espiritos e os corações para soffrerem o jugo divino da moral evangelica.

Mas, se o culto catholico repellia de si o mal que havia germinado no seu seio, o paganismo perpetuava-se em certas crenças, em certas ceremonias, que se ligavam de perto aos antigos tempos da prostituição sagrada. O culto secreto dos deuses domesticos intrincheirou-se no lar como n'uma fortaleza e alli permaneceu inviolavel por centenares de annos, desde o estabelecimento do christianismo. Foi assim que Venus, Priapo, o deus Termino, os faunos e os sylvanos tiveram altares e sacrificios até á idade média.

Os amantes e as virgens foram os ultimos sustentaculos das theogonias que divinisaram os sentidos e as paixões. Em todo o caso, esta adoração dos idolos, feita junto do tronco de uma arvore secular, n'uma fonte solitaria, no recesso de uma gruta, ou no cume das montanhas, estava longe de ter o fervor dos antigos tempos do paganismo. A supplica era ás vezes imperiosa e mesmo insultante. E' só a esperança que sustenta já no seu pedestal o idolo fragil

e desprestigiado: á primeira prova da sua impotencia, o idolo cahirá por terra feito em pedaços.

As donzellas, que procuram amantes ou maridos, consagram a sua virgindade ao genio do rio, do bosque, de uma arvore, de um monte, mas não offerecem a esses genios invisiveis o attributo material da virgindade, que de bom grado immolariam na florida relva, se por acaso um pastor tão bello como Daphne alli apparecesse para receber a victima. Venus continúa a ser a alma do universo; a deusa do amor conserva o seu culto externo no grande templo da natureza.

Os recem-convertidos não se separam facilmente d'estas divindades que lhes alentam a juventude e os ardores amorosos. Recebem o baptismo, frequentam as egrejas, assistem aos *agapes*, sentem percorrer-lhes a alma uma doce emoção que se desprende da moral evangelica, mas ha sempre algum laço material, algum instincto physico que os liga ás imagens divinisadas das suas paixões, ás analogias divinas do seu corpo. Venus havia sido a primeira personificação da idolatria, debaixo dos nomes de Milita, de Urania e de Astarté. A deusa do amor foi tambem a ultima, com o seu nome de Venus, que os seus grosseiros e rusticos adeptos pronunciavam *Benus*.

Descobriu-se em Pompeya uma curiosa inscripção, que prova terem existido já em meiados do primeiro seculo de Jesus Christo adoradores de Venus, que se revoltavam contra a deusa. O que falla é um amante infeliz que pretende vingar as penas do seu coração na deusa do amor.

«Venham aqui todos os que amarem. Eu quero partir as costellas de Venus e tozar-lhe o corpo com um pau. Se ella teve coragem para me despedaçar o coração, porque não a terei eu para lhe quebrar a cabeça?»

Quisquis amat, veniat. Venere volo frangere costas
Fustibus et lumbus debitare deæ.
Si potest illa mihi tenerum pertundere pectus,
Quin ergo non possim caput deæ frangere?

Esta idolatria insinuou-se no culto de differentes santos, escolhidos pelo capricho popular para substituirem os deuses familiares, que se invocavam nas circumstancias mais ordinarias da vida. Apesar dos direitos da sciencia, não devemos insistir n'um assumpto que se refere ás cousas mais respeitaveis; o que faremos tão sómente é registar o facto da prostituição sagrada pretender refugiar-se ainda no christianismo sob os auspicios dos santos, que o povo havia creado á imagem dos falsos deuses, e que nem todos os esforços da Egreja foram capazes de derribar, antes do povo ter aprendido a envergonhar-se das suas deploraveis e repugnantes superstições. Taes eram os santos apocryphos, que tinham o privilegio de curar a esterilidade das mulheres e a impotencia dos homens.

Não resta a menor duvida de que estes santos provinham em linha recta de Priapo e dos seus impudicos auxiliares, o deus Termino e os pequenos deuses Mutino, Tychon, etc.

A Egreja nunca deu entrada no seu seio a similhantes santos, que recebiam como fetiches apenas a adoração do vulgo. Por isso a influencia d'este culto reduzia-se a uma limitada esphera na credulidade de certas pessoas convencidas de taes superstições por tradição immemorial. A maioria d'estes santos não eram senão Priapos disfarçados, tendo hoje a archeologia demonstrado que por toda a parte, onde este culto indecente se estabeleceu, houvera n'outros tempos um templo, uma estatua, ou um emblema de Priapo.

Não enumeraremos todos esses santos, invocados pelas mulheres estereis, pelos maridos impotentes, e pelos que se julgavam victimas de maleficios. Cal-

vino denunciou-os á decencia publica, no seu famoso *Tratado das Reliquias*. Henrique Etienne, na *Apologia de* Theodoto, expol-os tambem á vergonha publica, apontando-os com o dedo a todo o mundo christão. Mas antes mesmo d'esses protestos satyricos, já a religião tinha condemnado como supersticioso o culto de taes impurezas.

E' desnecessario dizer que o paganismo, no que tinha de mais obsceno, se perpetuara no culto particular, que em diversos logares se tributava aos santos apocryphos Paterno, Renato, Gil, Projecto, Guignolet, etc. Mas este ultimo, mais celebre do que todos os outros, deve merecer tambem mais detidamente a nossa attenção, porque havia herdado todos os attributos de Priapo e foi em França, até á revolução de 1789, o ultimo symbolo da prostituição sagrada. No fundo do porto de Brest, refere Harmant de la Meuse nas suas *Anecdotas relativas á Revolução*, para lá das fortificações, havia um sanctuario, perto de uma fonte e de um pequeno bosque, onde se via uma estatua de pedra honrada com o nome de *Santo*. Se a decencia nos permittisse descrever Priapo com os seus indecentes attributos, estava tambem feita a descripção da estatua d'este santo. Quando eu a vi, a capella estava meio demolida e descoberta e a estatua derribada, mas não quebrada ainda, e com algumas restaurações que a tornavam muito mais escandalosa. As mulheres estereis, ou que receiavam sel-o, vinham procurar este *santo*, e depois de haverem raspado a parte da estatua, que não me atrevo a nomear, bebiam aquelle pó e voltavam para casa com uma grande esperança de serem fecundas.»

Aqui temos, pois, o culto de Priapo ainda em pleno exercicio na época da Revolução e na provincia mais religiosa da França.

A lenda de S. Guignolet não tem, em todo o caso, analogia alguma com a fabula do Priapo da mythologia hellenica. Este santo, chamado *Winvalocus Guignolet, Guenolé, Guingulois*, e *Wigneralay*, foi o primeiro abbade de Landevenec em meiados do seculo V e viveu na maior austeridade, sem ter tido jámais relações impuras com mulheres. Apesar d'isso, a sua lenda parece-nos impregnada de symbolismo erotico, e muitos dos seus milagres directos affectam uma especialidade que as suas reliquias e estatuas conservaram por mais de tres seculos. Estabelecendo bem a etymologia do nome da abbadia de Landevenec, situada a tres leguas da cidade, ter-se-ha a chave d'este culto especial de Brest.

Landevenec deriva-se evidentemente de *Landa Veneris*, e consta que este *lande* ou planicie proxima do mar, havia tido em épocas remotas um templo de Venus, muito celebre sobre tudo entre os marinheiros bretões, que ao voltarem das suas expedições maritimas vinham sacrificar no altar da deusa, supplicando-lhe a facundidade das suas mulheres. Em Landevenec, assim como em todos os logares consagrados ao culto de Venus, o christianismo purificou o templo pagão e santificou o idolo, mas a obstinação popular attribuiu ao santo as qualidades do falso deus, e Guignolet continuou a ser o deus Priapo da antiguidade. As reliquias d'este santo bretão eram adoradas n'outras partes, especialmente na abbadia de Blandinberg, perto de Gand, e em Montreuil, na Picardia. O nome da cidade de Montreuil refere-se provavelmente á lenda de Guignolet e aos symbolos de Priapo. Segundo a lenda, um ganso tragou um dia um olho de Guignolet. O santo abriu o ventre do ganso, apoderou-se do olho ainda intacto e tornou a collocal-o no seu logar. Os leitores sabem já o que significava o olho mystico em todas as religiões da antiguidade, especialmente no culto de Isis, com o qual veio a confundir-se o culto de Venus. Quanto ao ganso, ninguem ignora tambem que era a ave symbolica de Priapo.

Cambry conta este milagre na sua *Viagem á Finisterra*, mas não tracta de indagar o seu primitivo sentido, nem parece suspeitar o que havia de commum entre o ganso de Priapo e o olho de Isis.

A estatua de S. Guignolet em Montreuil era mais indecente ainda do que a outra do mesmo santo adorada pelos marinheiros de Brest. Dulaure, cujo testemunho não é decerto muito recommendavel n'uma questão como esta, tinha visto tambem esta estatua, venerada ainda em 1789, e não hesita em descrevel-a na sua *Relação dos principaes logares de França*. Era de pedra e representava o santo completamente nu, deitado, e armado de um phallo monstruoso. O attributo viril do santo era postiço e ia-se empurrando por detraz á medida que a devoção das mulheres lhe diminuia as proporções, á força de o rasparem. Consideramos, porém, esta particularidade como um grosseiro chiste de Dulaure, que não perdia a occasião de ridicularisar as praticas supersticiosas.

S. Guignolet, como dissemos, não foi o unico santo que conservou alguma cousa da physionomia e do caracter de Priapo. A Bretanha principalmente tinha uma especial devoção pelos santos d'esta familia. Havia tambem um S. Paterno, ou Paternal, que se invocava em Vannes, e que intervinha nos mysterios da paternidade. Henrique Etienne colleccionou a agiographia dos outros successores de Priapo, a quem as inscripções antigas dão os epithetos de *paternus e pantheus*.

«Relativamente á esterilidade, que tanto preoccupa e embaraça os medicos, diz o auctor da *Apologia de Herodoto*, ha muitos santos que a curam, fazendo ter filhos ás mulheres, sómente com uma aprehensão devota. Em primeiro logar S. Guerlichon, que é uma abbadia na cidade de Bourg de Dieu, quando se vae para Romorantin, preza-se de tornar fecundas todas as mulheres que alli se apresentem, contanto que no tempo do seu embaraço vão deitar-se sobre o idolo, que alli se vê deitado tambem, e não de pé como os outros. Além d'isto, devem tomar tambem todos os dias uma certa bebida, em que se deita pó, raspado da imagem e até mesmo de uma certa parte d'ella, que não mencionaremos por decencia.»

Henrique Etienne, que se indigna e com razão de encontrar uma devoção tão vergonhosa entre os christãos, accrescenta que a parte da estatua que especialmente se raspava já estava muito gasta na época em que esta imagem priapica foi examinada por uma pessoa perfeitamente fidedigna, que não nomeia, mas que affirmou a authenticidade do facto no anno de 1550.

«Ha tambem no paiz de Constantino, na Normandia, accrescenta o mesmo auctor, um S. Gil, que não tem menos fama de milagroso n'estas cousas, por mais velho e estropeado que esteja, segundo os mesmos que se divertem com similhantes abusos, que costumam dizer, como que em proloquio, não haver milagre senão de santos velhos. Tambem ouvi fallar de um certo S. Renato do Arjon, que intervem n'estas cousas. O modo como as mulheres se intendem a tal respeito com o santo, que lhes mostra o que a honestidade manda occultar, não o referiremos aqui, porque a mesma vergonha que tenho de o escrever, tel-a-hiam os meus leitores ao verem tamanha indecencia.»

E' fóra de duvida que o destino d'estes santos de pedra seria o mesmo do idolo Mutino, que encontraremos outra vez nas religiões da India, como já o reconhecemos nas da Phenicia e do Egypto. Seria facil referir pela etymologia S. Gil e Guerlichon a Priapo e aos seus auxiliares.

Quanto a Renato (Réné, ou Renard) ha n'este nome do santo obsceno uma allusão ás palavras *reins, rena,* rins, e um poeta do seculo XVI nota esta approximação etymologica n'um verso jocoso, em que invoca

Et Saint Renaud pour les rognons.

Não é difficil tambem estabelecer analogia entre Priapo e S. Projecto, que se escrevia *Proietus*. No emtanto, S. Projecto era um bispo de Clermont do Auvergne, martyrisado no seculo VII. As suas reliquias e imagens foram muito

sollicitadas e as mulheres estereis tributavam-lhes em culto escandaloso de que o santo varão nunca teve a menor culpa. A vida do piedoso bispo corre impressa na *Collecção dos Rollandistas*, mas nada se encontra n'ella que possa justificar as indecencias d'aquella superstição popular. De resto eram bem raras as ermidas em que o santo era d'este modo deshonrado, ao passo que a sua imagem era venerada com o decoro devido ás suas austeras virtudes, em mais de quatrocentas egrejas.

Na aldeia de Cormeil, proximo de Paris, viu-se por muito tempo uma imagem de S. Projecto, que era originariamente uma estatua do deus Priapo, ou que foi feita pelo modelo da do deus pagão. O caso é simples: na origem do culto catholico as estatuas não fizeram mais que mudar de nome, do mesmo modo que os templos da idolatria se transformaram com egrejas de Christo e dos seus santos.

Finalmente, o douto Duchat, nas suas observações sobre a *Apologia de Herodoto,* accrescenta ao nosso catalogo de santos ictyphallicos um Santo Arnaldo que se adorava em Saint-Auban. Não podemos dizer em que provincia ficava esta povoação.

«A estatua de Santo Arnaldo, diz elle, tinha um avental que lhe occultava as partes pudendas. As mulheres estereis, suppondo que pela similhança do nome o santo devia ter a mesma virtude que o S. Renato dos borgonhezes, erguiam o avental da estatua, como se a simples inspecção do que ficava a descoberto tivesse a virtude de as tornar fecundas.»

Talvez podessemos encontrar no culto antigo de Priapo ou Horus algum uso analogo que se houvesse inveterado nas crenças do povo, e que se propagasse de seculo para seculo no interesse das uniões estereis.

Podia escrever-se um grosso volume sobre os vestigios do paganismo no culto christão, podia do mesmo modo fazer-se um curioso estudo da prostituição sagrada atravez das metamorphoses religiosas e lithurgicas. Limitar-nos-hemos, porém, a indicar este assumpto tão novo como curioso aos archeologos, que encontrarão nos Santos Padres e especialmente em Lactancio e Santo Agostinho uma multidão de pormenores relativos á tenacidade da prostituição pagã, apesar da propaganda evangelica. Por mais que o imperador Constantino destruisse os templos de Venus em Heliopolis e em Aphagues, não póde desviar o curso das peregrinações que se dirigiam constantemente a estes logares, consagrados á deusa geradora pela devoção de tantos seculos. As basilicas christãs, que fez construir com os proprios alicerces dos templos destruidos, conservaram, para assim dizer, o sêllo do antigo culto, vendo-se o imperador obrigado a prohibir por meio de uma lei escripta a prostituição das virgens e mulheres casadas em Heliopolis, sem que os seus decretos tivessem força contra a primitiva fórma do culto de Astarté. Esta prostituição sagrada ficava de certo modo affecta aos logares que a tinham feito nascer e á ruina dos templos que tinham sido testemunhas d'ella.

Os imperadores christãos tiveram necessidade de empregar todo o seu poder para acabarem com o culto publico das divindades pagãs, mas derribando os templos, destruindo as estatuas, perseguindo os sacerdotes, não poderam arrancar as profundas raizes que este culto havia lançado na opinião e nos costumes. O povo dos campos, mais grosseiro do que o das cidades, mas muito mais fiel ás lições de seus maiores, tomou debaixo da sua protecção os deuses que amava, e que para elle não podia de fórma alguma substituir o symbolismo moral da ideia christã. Por isso protegeu e guardou emquanto póde as imagens dos seus deuses, nos bosques, nas planicies desertas, no cume das montanhas e nas margens dos rios.

Com o decorrer do tempo, quando cedendo emfim ás excommunhões dos concilios e á vigilancia dos bispos renunciou a essas imagens, a esses altares,

a esses pequenos templos, cujas ruinas não deixava de respeitar, não acceitou senão com sentimentos inteiramente pagãos o culto particular dos santos, que foram pelo povo revestidos dos mesmos privilegios dos falsos deuses.

E assim se explica o motivo por que Venus, Flora, Baccho, Isis, Priapo e as outras divindades que representavam a natureza e o principio gerador tiveram fieis e templos muitos seculos ainda depois do estabelecimento do christianismo, quasi, por assim dizer, até aos nossos dias.

Hoje é facil encontrar ainda nas aldeias de todos os paizes christãos vestigios bem claros d'esse culto obsceno. A credulidade popular não se desprende completamente das tradições do passado, mórmente quando essas tradições lisongeiam os sentidos d'essas massas rudes e ignorantes, sempre rebeldes á comprehensão das doutrinas elevadas.

Muitos dos santos do catholicismo teem ainda hoje um culto obsceno, eivado das mais ridiculas superstições. A muitos d'elles vão ainda as camponezas pedir a fecundidade, por meio de rezas e praticas de uma orthodoxia bastante duvidosa, e que só terminarão de todo, quando o novo evangelho da instrucção se espalhar convenientemente por essas pobres victimas obscuras da superstição e do preconceito!

CAPITULO XXXV

SUMMARIO

Opinião da Egreja ácerca da prostituição.— O que S. Jeronymo e Santo Agostinho pensavam a respeito das cortezãs.— Definição da prostituição legal por S. Jeronymo.— Os canones dos apostolos.— Constituições apostolicas do papa Clemente.— Opinião da Egreja a respeito das abluções corporaes.— Definição dos principaes peccados da carne. —Doutrina da Egreja sobre o commerc o carnal illicito. —O concilio de Elvira ou de Enla. — Mães que prostituiam as suas filhas.— Dos que exercem o lenocinio.—Dos que violam os seus votos de virgindade.— Das mulheres que os bispos e clerigos podem ter na sua companhia.— Das jovens que depois do baptismo cahiam em peccado de impureza. — Dos idolos domesticos. — Das cortezãs que contrahem matrimonio depois de haverem renunciado á sua profissão.— Das adulteras que fazem morrer o fructo do seu crime.— Das mulheres que vivem no adulterio até á morte.— D'aquelles ou d'aquellas que commetteram adulterio uma só vez.— Dos corruptores da infancia.— O concilio de Neocesaréa.— Os eunuchos, que o eram contra vontade.— A entrada do sanctuario prohibida ás mulheres pelo concilio de Laodicêa.— O concilio de Tyro.— Santo Athanasio e a mulher de má vida.— O concilio de Toledo.— Retrato milagroso do patriarcha Palemon.— O concilio de Carthago.— O decimo setimo canon do concilio de Toledo.— O duodecimo canon do concilio de Roma.— O concilio de Bale.—Capitulo unico da historia dos concilios.



IMOS QUAL era a doutrina da Egreja primitiva a respeito da impureza e da incontinencia. Os Padres da Egreja eram unanimes em exigir dos fieis uma vida casta e decente, quando elles não se sentiam com forças para se consagrarem ao celibato christão. Não havia, pois, em frente d'esta prescripção de castidade absoluta dirigida a todos os membros da egreja de Jesus Christo nenhuma jurisprudencia ecclesiastica especialmente applicavel aos agentes da prostituição. Para ser consequente com a propria essencia da sua moral, a Egreja não podia approvar nem reconhecer como um facto legal essa prostituição, que se exercia á sua vista, junto dos seus templos, como antigamente nas immediações dos templos pagãos. As cortezãs não eram mais do que peccadoras ordinarias a quem a graça e o arrependimento iam procurar no meio do seu degradante officio e que se achavam por tanto dispostas a entrar no caminho da salvação. Quanto aos instigadores e especuladores da prostituição, esses confundiam-se na multidão dos libertinos e não tinham cathegoria especial entre os escravos do peccado. Aos confessores cumpria proporcionar a penitencia á culpa e não concederem a absolvição senão depois de comprida essa penitencia, que devia ser publica como o havia sido o peccado.

De resto, todas as classes de prostituição estavam comprehendidas sob a denominação generica de *fornicação,* que se dividia, ainda assim, por graus proporcionaes, em fornicação simples, dupla, eventual e permanente ou multiplicada. E', pois, muito natural que em virtude d'este principio, que exigia que um christão fosse um austero defensor do seu corpo, a prostituição legal

não tivesse razão de ser aos olhos da Egreja, que não a teria nunca auctorisado, nem mesmo tolerado.

Os concilios não fazem menção d'esta lepra moral das sociedades antes do seculo decimo quinto, encerrando-se em generalidades para condemnarem em globo todos os generos de libertinagem. Evitando este delicado ponto, parecia quererem fugir de se pôrem em contradicção com as leis humanas que regulavam a prostituição, e a reconheciam como uma impura escravidão das paixões do vulgo. Os concilios nunca deixaram de lembrar-se de que a Magdalena fôra uma mulher de má vida, e de que as meretrizes haviam dado tantas martyres, como as pessoas honestas, á fé de Christo, que tem misericordias infinitas para todos os peccados.

Ha, no emtanto, alguma razão para crêr que a Egreja, debaixo do ponto de vista da policia humana e da economia dos estados, admittia a prostituição legal, ou, pelo menos, fechava os olhos em presença d'essa triste necessidade da vida dos povos. Esta opinião da Egreja encontra-se clara e formalmente ennunciada, senão no texto dos concilios ou dos synodos, pelo menos nos escriptos de Santo Agostinho.

«Supprimi as cortezãs, dizia o doutor da Graça, no *Tratado da Ordem*, e transtornareis tudo pelo capricho das paixões.» (Liv. II, cap. 12.)

A lei ecclesiastica não se intromettia, portanto, nas attribuições da lei civil. S. Jeronymo (*Epist. ad Furiam*) parece participar do sentir de Santo Agostinho, a respeito d'essas desgraçadas victimas da prostituição. Longe de as opprimir sob o peso da sua ignominia, incita-as a despojarem-se da sua infame libré:

«A cortezã do Evangelho, diz elle, baptisada com as suas lagrimas (*meretrix illa in Evangelis, baptisata lacrymis suis*) e enxugando com os seus cabellos os pés do Senhor, foi salva. Ella não tinha uma mitra, nem borzeguins dourados, nem os contornos dos olhos enegrecidos com antimonio, nem era menos impudica do que bella.»

N'outra passagem da mesma epistola, S. Jeronymo levanta a mulher cahida no tremedal do vicio, estendendo-lhe a mão da penitencia:

«Nós não perguntamos aos christãos como começaram, mas sim como acabam.»

O baptismo das lagrimas póde lavar sempre as antigas manchas e regenerar uma alma n'um corpo impuro. Emfim, S. Jeronymo n'outra epistola (*Epist. ad Fabiolam*) define a prostituição legal, como o havia feito o jurisconsulto Ulpiano, e diz com a precisão de um legista:

«A cortezã é a mulher que se abandona á luxuria de muitos homens.» (*Meretrix est quæ multorum libidini patet.*)

Procuramos cuidadosamente tudo quanto se poderia referir á prostituição nos Canones dos Apostolos e nas Constituições apostolicas, que não precederam as Actas dos concilios, apesar da origem que se lhes attribuia na antiga Egreja, mas que contém sem embargo a expressão sincera da doutrina canonica dos primeiros christãos. Só uma unica vez alli se trata da prostituição propriamente dita (*scortatio*,) emquanto em muitos logares se falla da fornicação simples ou dupla.

O sexto Canon dos Apostolos prohibe ao bispo e aos sacerdotes repudiarem suas mulheres, ainda mesmo por causa de religião, e fulmina a excommunhão sobre todos os que d'este modo se subtrahirem aos laços conjugaes. O Canon decimo oitavo prohibe que sejam admittidos na ordem sacerdotal os bigamos, quer dizer, os que tiverem sido casados duas vezes, porque ha uma especie de impudor ligado ás segundas nupcias que revela incontinencia da parte dos viuvos. O vigesimo terceiro Canon prescreve a deposição do clerigo, que por temor do peccado, ou por outra causa qualquer, se houver privado do seu

sexo. O vigesimo quarto condemna os leigos pelo mesmo facto e afasta-os da sagrada mesa por espaço de tres annos. O sexagesimo primeiro prohibe tambem admittir na ordem sacerdotal qualquer ordinando convencido de adultero ou fornicario. O sexagesimo setimo, emfim, pronuncia a excommunhão contra aquelle que tiver violentado uma virgem, e obriga-o a casar com ella.

Faremos aqui observar que nos Canones dos Apostolos, escriptos em grego do mesmo modo que as Constituições apostolicas, o acto da prostituição está representado pelas palavras *adulterio* e *fornicação*. Tanto a palavra grega como a latina, que nós traduzimos por *fornicação*, significava no seu sentido proprio abobada e logar abobadado, e estendia-se figuradamente ao acto que se consumava em similhantes logares. Vêr-se-ha que esta palavra não foi usada em sentido figurado, antes dos escriptores ecclesiasticos a haverem empregado para substituir as vozes *meretricium, scortatio* e outras muito mais deshonestas e mal soantes ainda.

Nas Constituições apostolicas, attribuidas ao papa Clemente, eleito no anno 67 de Jesus Christo, mas redigidas certamente no seculo III, em harmonia com as tradições da Egreja primitiva, encontramos indicada a regra de conducta que as mulheres christãs devem seguir para não se parecerem com as idolatras, que não tinham bons costumes, nem mesmo julgavam necessario tel-os.

As christãs deviam principalmente evitar mostrarem-se em publico com esses requintes de adornos, que o redactor do santo codigo chama insignias da prostituição (*quod sunt omnia meretriciæ consuetudinis indicia,* diz a versão latina litteral.) Esses adornos eram cabelleiras artisticamente penteadas e ungidas com oleos perfumados, vestidos estudados e preciosos, calçado largo e anneis de ouro nos dedos.

«Se queres ser fiel a teu divino esposo, accrescenta o legislador christão, e se queres agradar-lhe, cobre a cabeça antes de sahires á rua, occulta o rosto nas pregas do veu para o subtrahires aos olhares indiscretos, não uses enfeites e pinturas para melhorares o que Deus fez, anda sem ergueres os olhos, e está sempre coberta, como a decencia quer que o estejam as mulheres.» (Liv. I, cap. 8.)

Prohibe aos dois sexos o banharem-se juntos no mesmo sitio. E' alli, diz o texto, onde principalmente o demonio arma as suas redes. Uma mulher não irá, pois, senão ao banho das mulheres; deve lavar-se modesta, pudica e moderadamente; nunca demasiado, nunca ao meio dia, e sendo possivel, nem todos os dias. A Egreja não mudou de opinião sobre as abluções corporaes, cujo abuso unicamente condemna.

No livro VII das Constituições, o legislador define muito claramente os principaes peccados da carne.

«Distingue-se, diz elle, a abominavel conjunção *contra naturam* e a conjunção *contra legem*. A primeira é a dos sodomitas e esse vergonhoso extravio confunde o homem com os animaes; a segunda comprehende o adulterio e a prostituição. N'estes extravios ha primeiramente impiedade, depois iniquidade, e por ultimo, peccado, porque os primeiros machinam o fim do mundo, quando se esforçam por fazer contra a natureza o que se faz pela natureza; os segundos, pelo contrario, injuriam os demais quando violam os matrimonios alheios, e quando dividem por dois o que foi apenas feito para um pelo Senhor, quando tornam suspeitoso o nascimento dos filhos e expõem o marido legitimo a taes burlas. Emfim a prostituição é a corrupção do proprio corpo e esta corrupção não se applica á obra da geração para ter filhos, mas tem por unico objecto o prazer, o que é um indicio de incontinencia e não um signal de força.»

Esta notavel passagem, que resume toda a doutrina da Egreja sobre o commercio illicito e criminoso deve figurar aqui completa e litteralmente na sua versão latina, onde se acclaram um pouco as obscuridades do texto grego:

«*Contra naturam nefaria conjunctio aut illa contra legem, illa sodomitarum et cum bestiis miscentium flagitiosa libido, contra legem verò adulterium et scortatio: exquibus libidinibus, in illis quidem impietas est, in iis verò injuria et denique peccatum... Primi enim interitum mundi machinatur, qui quod a natura est contra naturam facere conantur; secundi verò injuriam aliis faciunt, enim aliena matrimonia violant et quod a Deo factum est unum in duo dividunt et liberos faciunt suspectos et legitimum maritum insidiis exponunt: ac scortatio corruptio est proprii corporis, quæ non adhibetur ad generationem filiorum, sed tota ad voluptatem spectat, quod est indicium incontinentiæ, non autem virtutis signum.* (Liv. VIII, cap. 27.)»

Aqui temos, sem duvida alguma, o primeiro texto canonico em que se condemna propriamente a prostituição como uma das fórmas mais culpaveis da impureza.

N'outra passagem das Constituições apostolicas, prohibe-se aos christãos o emprego de palavras obscenas, os olhares impudicos e os abusos do vinho.

«D'aqui, diz o texto, nascem os adulterios e as prostituições. (*Non eris turpiloquens, neque injector occulorum, neque vinolentus; hinc scortationes et adulteria oriuntur.* Liv. VII, cap. 7.)»

Finalmente, n'outro logar (Liv IV, cap. 5) a lei ecclesiastica preceitua «que se evite o contacto dos libertinos, por isso que o Deuteronomio diz: Não offerecerás a Deus o preço da prostituição (*non offeres, inquit Deuteronomius, Deo mercedem prostibuli.*)

As Constituições apostolicas, apesar de haverem sido redigidas depois dos primeiros concilios, conteem a doutrina original do christianismo, emanada da Escriptura e do Evangelho. Esta mesma doutrina se encontra tambem desenvolvida e interpretada nas decisões dos concilios. Assim, a opinião da Egreja não variou jámais a respeito da prostituição, que ella chama adulterio, fornicação e *scortatio*.

O famoso concilio de Elvira ou Elna, que mais parece ser uma recopilação de muitos outros concilios do que um concilio particular, por isso que se ignora a época da sua celebração, offerece-nos um certo numero de decisões, que se referem ao nosso assumpto e que não se afastam das Constituições apostolicas.

O canon duodecimo priva da communhão, ainda mesmo *in articulo mortis*, os paes que tiverem prostituido as suas filhas; excommunga igualmente todo o que haja exercido o lenocinio, vendendo o corpo do seu proximo, ou o proprio corpo. (*Si lenocinium exercuerit eo quod alienum vendiderit corpus vel potius suum.*)

O decimo-terceiro pronuncia a mesma pena contra aquelles que, depois de se haverem consagrado a Deus, violarem os seus votos e viverem na libertinagem.

O canon decimo-quarto diz o seguinte:

«As que, sem haverem consagrado a sua virgindade a violarem, poderão reconciliar-se depois de um anno de penitencia, se casarem com os seus corruptores. A penitencia será de cinco annos, se houverem conhecido muitos homens.»

O concilio, n'este canon, que foi reformado como demasiado indulgente pelos concilios posteriores, considera a pena da virgindade não consagrada a Deus, como uma violencia das nupcias ou do matrimonio christão.

Segundo o canon vigesimo setimo, um bispo, ou qualquer outro clerigo, podia ter em sua casa sua irmã ou sua filha, comtanto que fossem virgens, mas nunca uma mulher estranha.

O trigesimo-primeiro é mais elastico e póde abranger todas as especies de prostituições. Diz este canon que os jovens que depois do baptismo houverem

cahido no peccado de impureza serão admittidos á communhão da Egreja, depois de casados e penitenciados.

Como se vê, este canon differe muito da regra de S. Basilio, que impõe quatro annos de penitencia pela simples fornicação e da de S. Gregorio Nazianzeno, que estabelece nove annos para este peccado. A moderação da pena imposta no concilio a que nos referimos prova sobejamente que esta decisão da Egreja não é posterior ao seculo terceiro.

O canon quadragesimo primeiro d'este concilio refere-se indirectamente aos actos da prostituição, porque exhorta os fieis a não consentirem idolos em casa e a conservarem-se puros de idolatria, no caso em que receiassem a violencia dos seus escravos por os privarem dos idolos. E' conveniente saber que estes idolos domesticos eram os deuses obscenos, que presidiam aos mysterios do amor e da geração. Já n'outro logar descrevemos, referindo-nos ao que encontramos nos livros de Santo Agostinho e de outros Padres da Egreja, as impuras divindades que os antigos installavam nos seus dormitorios e adornavam, quando praticavam os actos mais intimos da sua vida de amantes ou de esposos. O deus Subigo e a deusa Prema sobreviveram sem duvida ao Jupiter Tonante e á Venus Victoriosa ou Armada.

O canon quadragesimo quarto do concilio prescreve expressamente que póde ser recebida na communhão da Egreja a mulher que tiver sido cortezã e que depois casar com um christão (*meretrix quæ aliquando fuerit et postea habuerit maritum.*) Assim a Egreja não reconhecia a mancha indelevel de ignominia com que a lei romana marcava a prostituição.

O sexagesimo terceiro excommunga para sempre a mulher que, achando-se gravida de um adulterio, fizer morrer o fructo d'estes amores criminosos.

O sexagesimo quarto excommunga igualmente a mulher que tenha vivido em adulterio até á morte.

O sexagesimo setimo prohibe ás mulheres fieis ou cathecumenas, sob pena de excommunhão, que tenham á sua custa comicos ou musicos.

Segundo o sexagesimo nono aquelles ou aquellas que tiverem cahido uma só vez em adulterio farão penitencia por cinco annos, e não poderão ser reconciliados senão em caso de enfermidade mortal.

O Canon septuagesimo faz uma grave distincção na questão do adulterio, referindo-se a uma das circumstancias da prostituição. N'este canon ordena-se que a mulher, que tenha commettido adulterio com a connivencia do marido, seja excommungada, mesmo *in articulo mortis,* mas limita esta penitencia a dez annos, se a mulher tiver sido repudiada pelo marido.

Finalmente, o septuagesimo primeiro excommunga os corruptores da infancia (*stupratoribus puerorum.*)

Póde dizer-se que toda a doutrina da Egreja a respeito da prostituição se acha contida nos canones do concilio a que nos estamos referindo, pois nenhum outro até ao concilio de Trento entrou em tantas questões relativas a este assumpto. Nos concilios seguintes, só se encontram artigos isolados, que repetem ou completam os canones do de Elvira, porque a maior parte d'estes concilios eram convocados para combater e condemnar heresias determinadas, que se referiam mais ao dogma do que á moral.

Notam-se todavia nas actas d'estes concilios differentes canones, que conteem preciosos promenores a respeito dos costumes. No concilio de Neocesarêa, celebrado em 314, decidiu-se que um homem, triumphante do peccado que ia commetter, havia sido perseverado mais pela graça de Deus do que pela sua propria virtude. No concilio de Nicêa, em 325, celebrado contra a heresia dos *Valesianos,* que reuniam todos os seus esforços para fazerem eunuchos em nome de Deus, o primeiro Canon declara que quem tiver sido privado da sua

virilidade, ou pelo cirurgião ou por doença, ou mesmo por obra dos *barbaros* ou herejes, póde ser clerigo, mas quem se houver mutilado a si proprio, ou consentido n'essa mutilação, não póde permanecer n'essa ordem. A' maior parte d'estes clerigos, que assim eram os possuidores e os guardas da sua virilidade, prohibia-se-lhes pelo Canon oitavo terem comsigo outra mulher, que não fosse mãe, irmã, tia, ou uma velha isempta de qualquer suspeita de cohabitação.

O concilio de Laodicéa, em 364, que trata principalmente da vida clerical, prohibe ás mulheres, quaesquer que ellas sejam, entrar no sanctuario, sem explicar o motivo d'esta prohibição, e sem fazer excepção alguma. Mas um Canon do concilio de Nicéa, o vigesimo nono, explica perfeitamente o motivo de similhante prohibição.

«*Ne mulier menstruata ingrediatur ecclesiam, neque sumat sacram communionem, donec completur dies illius mundationis et purificationis, quamvis sit in regum mulieribus.*»

Assim, pois, a prohibição de entrarem as mulheres nos logares sagrados, durante o periodo mais ou menos longo das suas purgações naturaes, nem sequer as rainhas exceptuava. E, como as mulheres eram as unicas pessoas que podiam determinar as épocas da prohibição canonica, a Egreja achou mais simples declarar essa prohibição perpetua e definitiva, para evitar sacrilegios, facilmente motivados por devotas pouco escrupulosas.

A opinião dos Padres da Egreja a respeito do sexo feminino justificava demasiadamente a desconfiança, com que as mulheres eram afastadas do sanctuario.

«Os corpos das santas mulheres, tinha dito um dos seus mais eloquentes advogados, são verdadeiros templos. (*Sanctorum fœminarum corpora templum sunt.*)»

Um concilio caracterisava mais tarde a mulher do seguinte modo:

«A mulher é a porta do inferno, o caminho da iniquidade, a mordedura do scorpião, um genero nocivo (*Fœmina janua diaboli, via iniquitatis, scorpionis percussio, nocivum genus.*)

A malicia da mulher manifestou-se com todo o seu horror no concilio de Tyro, no anno de 353, onde os arianos apresentaram muitas falsas denuncias contra Santo Athanasio, patriarcha de Alexandria. Uma mulher de má vida, conhecida pelas suas libertinagens (*muliercula, libidinosa et petulans*) foi introduzida na grave assembleia dos Padres do concilio, e declarou em alta voz que havia feito voto de virgindade, mas que Athanasio, em paga da hospitalidade, se atrevera a violental-a em sua propria casa. Athanasio, acompanhado de um sacerdote chamado Thimoteo, compareceu depois, e tendo sido interrogado a respeito da denuncia, calou-se como se não tivesse ouvido. Thimoteo então tomou a palavra por elle, e disse com doçura:

— Boa mulher, eu nunca entrei em tua casa.

A mulher, mais impudente depois d'esta resposta, jura e torna a jurar que diz a verdade, e que tem em seu poder um annel do violador Athanasio, mas dirige-se sempre a Thimoteo, tomando-o pelo accusado, e repete a sua accusação:

— Roubaste-me a virgindade, despojaste-me da minha pureza!

Por fim os Padres do concilio tiveram vergonha do escandalo, e mandaram sahir da sala aquella mulher perdida, que offendia o pudor da assembleia. Mas, ainda assim, Santo Athanasio foi condemnado a vinte annos de desterro.

O concilio decretou depois que a entrada das casas onde viviam clerigos fosse interdicta ás mulheres, fossem ellas quaes fossem.

No concilio de Carthago, em 397, promulgou-se uma outra medida de prudencia no mesmo sentido, determinando-se que os clerigos e os que haviam

feito voto de castidade se abstivessem de visitar as virgens e as viuvas, sem licença de um bispo ou sacerdote, e que em todo o caso deviam ir por prudencia devidamente acompanhados.

A conversão das peccadoras era a preoccupação constante dos primeiros christãos, 'escolhendo de preferencia no lodo da prostituição as almas penitentes, que offereciam a Deus em holocausto. Como succedia muitas vezes aos diaconos, na sua precipitação de cathechisar, admittirem mulheres impuras que não haviam abjurado de todo o seu officio infame e que voltavam ao peccado depois da communhão, os concilios exigiam serias garantias de arrependimento e de expiação, antes de converterem as cortezãs em esposas de Jesus Christo.

Santo Agostinho resume a este respeito a doutrina expressa dos concilios, dizendo que não havia egreja alguma que admittisse ao baptismo as mulheres publicas, sem que ellas abandonassem a torpeza do seu officio. N'outro logar, diz o mesmo e quasi nos mesmos termos: *Nisi ab illa primitus prostitutione liberatas.*

Feita, porém, esta reconciliação na fórma prescripta pela Egreja, e recebidos o baptismo e a communhão, a mulher publica podia ser, deante de Deus e do christão com quem casava, tão pura como uma virgem, uma vez que não conservasse no estado do matrimonio nenhum dos habitos da sua vida passada. Tal é a opinião do concilio de Toledo, em 750: *Licet fuerit meretrix, licet prostituta, licet multis corruptoribus exposita, si nuptiale incontaminatum fœdus servaverit priores vitæ maculas posterior munditia diluit.* O mesmo concilio não reconhecia adulterio anterior ao matrimonio, nem no homem nem na mulher, absolvidos pela penitencia, attendendo a que todo o commercio illicito, que houvesse precedido este sacramento, devia ser considerado como um acto de luxuria e não de adulterio (*et quidem talis coitus luxuriæ sed non adulterii.*)

As conversões das mulheres de má vida eram mais frequentes do que outras quaesquer, porque as cortezãs aproveitavam com enthusiasmo uma rehabilitação que as punha de repente ao nivel das virgens e que lhes permittia o refugio do matrimonio. Mas a Egreja não apagava senão os peccados de impureza commettidos antes do baptismo. Os peccados posteriores deixavam uma mancha indelevel, pois nenhum agente de prostituição podia ser recebido nas ordens clericaes, se não lavasse as manchas da sua vida nas aguas lustraes do baptismo. Tharisio, bispo de Constantinopla, n'uma carta dirigida ao segundo concilio de Nicéa, em 787, diz expressamente que tinha visto cortezãs e libertinos reconciliados pela penitencia (*meretrices et publicanos receptos per penitentiam,* diz a traducção d'esta carta, escripta em grego) mas que, se depois do baptismo algum homem ou mulher era surprehendido em peccado de prostituição ou de adulterio, (*in scortatione aut adulterio*) já não era admissivel ás funcções sacerdotaes.

Entre os Padres e doutores, que se dedicavam especialmente á reconciliação das mulheres perdidas, citaremos um santo patriarcha, chamado Palemon, que os historiadores ecclesiasticos esqueceram injustamente, e cujo retrato ainda depois da morte do prelado realisava conversões de peccadoras. S. Gregorio de Nazianzeno refere em bellos versos gregos um milagre que fez muito ruido em fins do seculo IV. Um mancebo, perseguido pelo demonio da luxuria, chamou uma meretriz deante de uma egreja, cuja porta estava aberta. A mulher, ao approximar-se do libertino, viu na egreja um retrato de Palemon, com os olhos fixos n'ella. A pobre mulher sente-se immediatamente perturbada e foge do convite lubrico. No dia seguinte converteu-se e morreu em cheiro de santidade.

S. Basilio, bispo de Ancira, glorificou em pleno concilio este admiravel retrato, que possuia virtudes tão efficazes. Segundo o prelado, o libertino mais endurecido não o poderia vêr sem se sentir córar de vergonha, e sem renunciar

logo á incontinencia: *Ex illa patrata est, nisi enim vidisset scortum iconem Palemonis nequaquam a stupro cessasset.*

No mesmo concilio, S. Nicephoro, bispo de Dirrachium, diz que aquella maravilhosa imagem devia ser venerada pelos fieis, pois que tivera já o poder de evitar que uma mulher publica exercesse o seu impudico officio.

Póde bem suppôr-se, lendo certas passagens dos Padres da Egreja e dos concilios, que a incontinencia era n'outro tempo mais ardente, impetuosa e irresistivel do que hoje em dia. Talvez aquella mesma licença dos costumes da antiguidade houvesse desenvolvido nos homens a faculdade de occorrerem a tão prodigiosos abusos de virilidade; talvez mesmo o excesso da continencia christã produzisse em certas naturezas energicas uma terrivel sublevação dos sentidos. Santo Agostinho, nas suas *Confissões*, descreve com grande eloquencia as formidaveis luctas que tinha de sustentar contra o demonio da carne. «O meu coração, diz elle, inflammava-se, abrasava-se, ardia em sensualidade, dilatava-se, transbordava, fundia-se no fogo dos desejos (*Et jactabar, et effundebar, et ebulliebam per fornicationes meas.*»

S. Jeronymo, (*Epist. ad Furiam*) descreve energicamente as tempestades dos sentidos nos jovens libertinos, exaltados pela saciedade de comidas e bebidas. Que o veneravel Padre da Egreja nos perdôe, mas somos forçados a omittir a traducção d'estas suas demasiado eloquentes palavras: *Non ætnæi ignes, non Vesuvius et Olympus tantis ardoribus æstuant, ut juveniles madullæ vino plenæ et dapibus inflammatæ; nihil hic inflammat corpora aut titillat membra genitalia, sicut indigestus cibus ructusque convulsus.*

Resulta d'estas auctoridades ecclesiasticas que, quando se comia e bebia em excesso, era mais exigente a sensualidade. A Egreja procurava, pois, extinguir o fogo da concupiscencia, submettendo-a ao regimen de uma prudente sobriedade, pois não ignorava quanto era difficil mudar, por assim dizer, o temperamento humano e as ideias e usos do paganismo, que não considerava a fornicação como má em si, ou illicita.

Os impulsos da sensualidade eram tão violentos nos primeiros christãos, que ás vezes iam da egreja ao lupanar, e corriam a manchar-se com o contacto impuro de uma cortezã, depois de haverem recebido o divino corpo de Jesus Christo. Era este o horrivel adulterio, que a Egreja condemnava nos seguintes termos: *Infame meretricis et Christi corpus uno et eodem tempore contractare.*

Os bispos, os diaconos, os auxiliares do altar nem sempre tinham a força de se subtrahirem a esta concupiscencia, e segundo a bella expressão de um concilio, ousavam mostrar na presença de Deus a impureza das suas mãos. O concilio de Carthago, em 390, recommenda a todos os sacerdotes e demais auxiliares que administram os sacramentos, que sejam guardas austeros do seu pudor e que se abstenham de conhecer suas mulheres no caso de serem casados.

E' provavel que esta continencia do leito conjugal não fosse prescripta aos sacerdotes casados, senão no tempo em que tinham de administrar os sacramentos e tocar nos vasos sagrados, porque a Egreja não prohibia o exercicio honesto e moderado dos direitos do matrimonio.

O concilio de Gangre, na Paphlagonia, fulmina o anathema contra todo aquelle que vituperar o matrimonio, dizendo que uma mulher que cohabitar com um homem não póde salvar-se. O mesmo concilio, reconhecendo a excellencia da virgindade christã, prohibe que a mulher se vista de homem, sob pretexto de guardar melhor a continencia. A Egreja, na sua admiravel previsão, não se descuidava de oppôr constantemente remedio aos perigos do peccado: assim, pois, nos *agapes*, que as Constituições apostolicas chamam festins de caridade ou de amor (*caritas,*) como os sexos se achavam reunidos, e este con-

tacto carnal podia trazer serios inconvenientes sob a excitação ou estimulo da mesa, lembrou-se de collocar as velhas, como salutares obstaculos, entre os jovens de um e outro sexo. (*Const. apost.* liv. II, cap. 28.)

Apesar d'isto, a Egreja tão severa em manter a caridade na communhão dos fieis, parece haver auctorisado, pelo menos até ao seculo V, os leigos christãos a tomarem uma concubina, para d'este modo poderem satisfazer a carne, sem excederem a prudencia ou moderação do matrimonio christão. O canon decimo setimo do concilio de Toledo, no anno 406, decreta que quem tiver ao mesmo tempo uma mulher e uma concubina seja excommungado, não o sendo, porém, aquelle que se contentar com uma concubina sedentaria para as necessidades do seu temperamento.

O concilio de Roma, em 1059, via com os mesmos olhos o habito das relações concubinarias entre os christãos, porque o duodecimo canon d'este concilio não condemna senão a cohabitação simultanea de uma esposa e de uma concubina. A Egreja tolerava, pois, até certo ponto as relações illicitas entre um homem e uma mulher solteiros ambos, mas unidos por aquelles laços de mutua convenção que o codigo romano approvara quasi como legitimos. No espirito do catholicismo, o adulterio ou a fornicação começava, a respeito do homem, no uso de duas mulheres, quaesquer que fossem os seus direitos e qualidades. A frequentação de um grande numero de homens estabelecia logo os graus da prostituição a respeito da mulher, que, segundo a extranha doutrina de um casuista da idade média não devia considerar-se meretriz, emquanto não tivesse tido vinte e tres mil corruptores differentes. Segundo outros doutores, mais reservados n'esta questão de cifras, o *meretricium* só exigia quarenta ou sessenta provas do mesmo genero, depois das quaes o caso de impureza publica ficava determinado na mulher, que incorria então na penitencia das prostitutas.

Pelo que respeita á propria prostituição, não vêmos que os concilios houvessem empregado os meios de a fazer desapparecer da vida civil das sociedades christãs. Pelo contrario, parece que a acceitaram como um mal necessario, destinado a impedir maiores males. No emtanto, a tal respeito evitaram cautelosamente formular uma opinião, que teria desmentido a moral evangelica, conciliando-se com as leis organicas da civilisação humana.

S. Thomaz tocou indirectamente este delicado ponto, quando disse que o homem procurava em vão realisar a perfeição n'um mundo em que o Creador havia permittido o mal. Considerar a existencia do mal como uma condição inevitavel e essencial da humanidade, era reconhecer implicitamente a prostituição legal.

Tendo sido admittida pela auctoridade ecclesiastica a necessidade d'esta prostituição, os concilios não recusaram accudir em auxilio da auctoridade secular e suggerir-lhe os regulamentos mais proprios para conter o mal em estreitos limites, e dissimulal-o aos olhos das pessoas honestas.

«Um dos padres do concilio de Bale, diz o douto historiador da prostituição na idade média, Mr. Rabutaux, expoz em 1431 ante os Padres d'aquella assembleia e n'um discurso destinado a corrigir os costumes do seu tempo, os principios que haviam inspirado a legislação da idade média e apresentou-os como os guardas e mantenedores da decencia publica.»

E' notavel que a previsão da legislação canonica não houvesse accrescentado algumas disposições salutares á jurisprudencia romana, que regulava todavia o exercicio da prostituição na maior parte dos paizes da Europa. Dir-se-hia que os concilios, ao occuparem-se de um assumpto que lhes repugnava, evitavam com summo cuidado pronunciar-se sob o ponto de vista moral e religioso. Temos, pois, de chegar a meiados do seculo XVI para encontrarmos nas Actas dos concilios alguma cousa que ponha em evidencia o systema de tole-

rancia, que a Egreja havia adoptado, a respeito da prostituição, considerada como uma instituição de utilidade publica.

O documento a que nos referimos, apesar da sua data recente, póde estabelecer o verdadeiro caracter da neutralidade que a Egreja entendera dever guardar a respeito d'esta importante questão social. No concilio de Milão, no tempo do episcopado de S. Carlos Borromeu, os Padres d'esta respeitavel assembleia introduziram no texto das Constituições, que haviam sanccionado um titulo especial, relativo ás meretrizes e aos corretores da prostituição.

Damos a traducção d'esse capitulo, em que se reflecte a jurisprudencia de Theodosio e de Justiniano, perceituada debaixo dos auspicios dos bispos, dos principes e dos magistrados de todos os paizes e de todas as cidades da christandade:

«A fim de que as meretrizes se distingam inteiramente das mulheres honradas, os bispos providenciarão, que para se apresentarem em publico se vistam com um trajo especial, que indique a sua condição vergonhosa e o seu genero de vida. Não se lhes permittirá, se forem estranhas á localidade, passar as noites nas estalagens ou tabernas, a não ser que o seu itinerario a isso as auctorise, e ainda n'este caso não durará mais que um dia a sua permanencia. Em cada cidade os bispos designarão a estas impudicas os logares da sua residencia, longe das cathedraes e dos sitios frequentados, em cujos logares lhes será permittido viverem juntas, sob a advertencia de que se forem residir fóra dos limites d'este logar, ou permanecerem mais de um dia n'outra casa da cidade, serão severamente castigadas, bem como os donos das casas que as houverem recolhido. Esta medida de policia se confiará particularmente á illustrada piedade dos principes e magistrados, aos quaes tambem nos dirigimos para que prohibam ás mulheres de má vida o uso de pedras preciosas, de ouro, prata e seda nos seus vestidos, e sobretudo para que expulsem todos os infames que se entregam ao lenocinio.»

Inserimos na sua integra este capitulo das Constituições do concilio de Milão, porque é o unico da historia dos concilios que nos mostra o poder ecclesiastico de perfeita intelligencia com o poder civil, para organisar e reprimir a prostituição publica, sem a destruir nem mesmo a excommungar.

CAPITULO XXXVI

SUMMARIO

Os vestibulos do lupanar.—A tragedia heroica substituida pela comedia libertina.—A Egreja não podia deixar subsistir o theatro em frente da cathedra evangelica.— Indulgencia para com os actores e cumplices da libertinagem scenica.—A prostituição nos costumes do theatro.—As *dicelias* e as *magodias*.—As mimicas.—As *pantomimas* —As *attelanas*.—Pantomima de Ariana e Baccho.—As comediantes.—As danças exoticas da Grecia.—Os *epiphallos* — O *hedion* e o *hedecumos*.— A *brydalica*.— A *lamptrotera*.— O *strobilos*.— O *didaris*.— O *apokinos*.—O *sybaritike*.— O *mothon*.— As danças romanas.— A *cordax*.—Os equilibristas e os funambulos.—Immoralidade theatral.



AUCTORIDADE ecclesiastica, que se pronunciava pela voz dos concilios e pelos escriptos dos Santos Padres, apesar de ser tão tolerante para com a prostituição legal, essa enfermidade do corpo social e politico, procurava destruir-lhe as causas, com um zelo e severidade incessantes. Entre essas causas mais ou menos immediatas, que o christianismo havia apontado á indignação dos fieis, citaremos em primeiro logar os jogos do circo e do theatro, que comprehendiam as danças, a pantomima e a musica profana.

Já nos occupamos d'estes espectaculos, descrevendo a obscenidade de taes danças e pantomimas. Dissémos que o circo e o theatro não eram mais do que os vestibulos do lupanar; indicamos qual era o verdadeiro officio dos musicos e bailarinas, mas este assumpto foi apenas levemente bosquejado nas poucas passagens em que só offerecia uma das suas phases, e não podemos por fórma alguma dispensar-nos de voltar a elle mais detidamente, para que os leitores possam fazer uma ideia perfeita do espantoso fóco de prostituição, que a Egreja de Christo tinha de suffocar, ou, pelo menos, de restringir.

E' inquestionavel que o theatro entre os gregos e os romanos tinha uma acção funesta sobre os costumes publicos e abria, por assim dizer, uma escola permanente de prostituição. Comprehenderemos muito melhor a intransigencia dos doutores da Egreja contra o theatro e contra tudo o que d'elle dependia, quando profundarmos bem a enorme desmoralisação produzida e desenvolvida pela paixão do theatro na sociedade pagã, que se precipitava completamente desvairada no abysmo de todos os prazeres sensuaes.

Muito embora o polytheismo tivesse tido uma parte importantissima na creação do theatro antigo, muito embora a mythologia se houvesse encarnado nos dramas populares da Grecia e da Italia, muito embora a tragedia na sua origem não fosse mais do que uma fórma dos mysterios religiosos, a Egreja teria poupado as obras lyricas de Eschylo, Sophocles e Euripedes, e o theatro, que podemos denominar heroico, teria encontrado indulgencia ainda mesmo na censura mais rigorosa e intransigente. Em consequencia, porém, da relaxação

dos costumes, na época em que o christianismo teve necessidade de fundar-se sobre a moral, a tragedia, aquella casta musa, que ensinava n'outros tempos a moral e a virtude ao povo, parecia haver descido da sua tripode e achar-se completamente desterrada do seu templo. Substituira-a a comedia, a musa tresloucada e libertina, que sob o pretexto de corrigir os vicios, se comprazia em descrevel-os com as mais risonhas côres, patenteando cynicamente na scena as torpezas occultas no seio das familias ou no intimo dos corações.

A escola satyrica de Aristophanes e de Eupolis, ainda mesmo permittindo-se uma linguagem licenciosa e indecente, havia despertado muito mais facilmente a malicia do que a libertinagem; a escola amena e burlesca de Plauto e de Menandro fazia rir e reflectir ao mesmo tempo o publico illustrado, que se comprazia em assistir á representação das grandes obras comicas; mas nem Menandro, nem Philemon, nem Plauto, nem os seus emulos e imitadores se importaram com a decencia. Pelo contrario, estes illustres auctores comicos nunca receiaram offender nem os olhos nem os ouvidos dos espectadores. O seu fim era talvez apresentarem os mais audaciosos quadros dos costumes do seu tempo, como uma especie de espelho fiel, em que podessem vêr-se em toda a sua abjecção os modelos d'aquellas cynicas pinturas, e assim não tinham o menor escrupulo nas expressões com que caracterisavam os amores ridiculos dos velhos, as paixões e loucuras dos mancebos, as baixezas dos parasitas, a avidez insaciavel dos usurarios, a infidelidade dos creados, as infamias dos corretores de prostituição e dos traficantes dos escravos, as astucias e ardis das cortezãs. Todos estes typos fallavam no theatro a sua linguagem habitual, e nunca o receio do escandalo obrigou a penna do poeta comico a sacrificar uma palavra feliz. E, o que mais incitava ainda o desbragamento da linguagem, nunca os applausos do publico faltavam nos espectaculos a estas impudicas trivialidades!

E' muito provavel, ainda assim, que a rigidez christã houvesse contemporisado com a reputação litteraria, que os grandes comicos gregos e latinos haviam alcançado, apesar mesmo das suas licenciosas imagens e preceitos immoraes, mas essa alta comedia, que não reproduzia senão scenas copiadas da vida intima das cortezãs, prostituiu-se ainda mais, por assim dizer, e acabou por descer ás jogralidades indecentissimas dos mimos e das attelanas.

A Egreja de Jesus Christo não podia prégar a castidade e deixar ao mesmo tempo subsistir o theatro em frente da cathedra evangelica. A ruina do theatro foi, pois, uma cousa inevitavelmente resolvida, do mesmo modo que a dos templos pagãos. Ainda assim, os templos resistiram muito menos tempo do que o theatro. A propria tragedia foi envolvida n'essa proscripção, que comprehendia indistinctamente todos os generos de espectaculos, todos os generos de actores, todos os generos de diversões profanas. A lei ecclesiastica estava de accordo com a lei romana em marcar com o estygma da infamia todos os que desempenhavam algum papel nos jogos do theatro. Pela sua parte, a Egreja excluia-os da communhão dos fieis, e não tratava menos rigorosamente os poetas do que os musicos, que prestavam o seu concurso á *impudicicia theatral*. Não era provavelmente á origem do theatro que os Padres dirigiam as suas reprezalias, mas exclusivamente ás suas obras de iniquidade e corrupção, embora tão louvaveis esforços se inutilisassem por muito tempo em presença das predilecções do publico por esta especie de diversões. Assim, nos anathemas que Tertuliano, Lactancio, S. Cypriano e outros Padres fulminaram contra o theatro, não fazem allusão áquellas festas de Baccho, que foram o berço da arte dramatica, festas em que um côro de bacchantes e faunos cobertos de pinturas e cingidos de pampanos, cantavam assumptos lascivos e dançavam em redor das obscenas imagens que levavam em triumpho. Os antigos gregos julgaram a sua comedia tão severamente como os Padres da Egreja, chamando-lhe tambem cor-

tezã elegante e engraçada. S. Cypriano chama-lhe escola de impureza e S. Jeronymo arsenal de prostituição.

Não se trata, porém, aqui de conglobar todas as accusações e vituperios da Egreja contra as representações theatraes, de qualquer especie que fossem. Queremos apenas demonstrar quaes eram esses excessos de obscenidade e escandalo, que obrigaram os bispos christãos a condemnar indistinctamente tudo quanto pertencia ao theatro pagão.

Quando a perseguição canonica tendente a desterrar a impureza das obras do theatro começou, o gosto do publico bem pouco se satisfazia já com as representações da boa comedia dos tempos menos decadentes. Aristophanes, Menandro, Eupolis, Plauto e os principaes comicos de Athenas e de Roma figuravam a esse tempo muito menos na scena do que nas bibliothecas. As cortezãs, as proxenetas, os *cinædes* e os libertinos haviam causado a perda de todas essas bellas obras de arte, que personagens tão infames e deshonestos enchiam com os seus retratos e com as suas doutrinas crapulosas.

Eis a razão por que não possuimos senão informes fragmentos de Menandro, que compoz cento e dez comedias, sobresahindo na descripção de tudo quanto se referia á prostituição. Menos ainda possuimos de Philemon, de Eupolis, e dos comicos gregos, que pela licença da sua linguagem e pela audacia das suas pinturas, tiveram que ser irremediavelmente condemnados ao fogo. Plauto haveria perecido tambem com o alegre Menandro, cujo estylo pretendeu imitar, se um feliz acaso não tivesse salvo vinte das suas comedias, que nos dão ideia do que era a comedia grega, consagrada á historia das cortezãs e dos seus amores, do mesmo modo que a tragedia fôra consagrada á historia dos deuses e dos heroes.

Quanto a Aristophanes, seria difficil averiguar o motivo por que sobreviveu quasi toda a sua obra ao aniquilamento systematico das obras de theatro. Se foi perdoado, apesar das abominaveis indecencias que enchem os seus dialogos, podemos suppôr que os Padres da Egreja quizeram deixar uma prova bem evidente de que um poeta pagão tinha arrastado pela scena os deuses e deusas do paganismo, açoitando-os com o latego da satyra e enchendo-os de lodo e de saliva. Luciano deveu a motivo analogo a conservação das suas obras, apesar das obscenidades que as faziam dignas dos anathemas da Egreja.

Os Santos Padres, que eram implacaveis para com os monumentos escriptos da licença theatral, eram de uma grande indulgencia com os actores e cumplices da libertinagem comica. Todo o que pisava a scena era só por este facto stygmatisado com uma nodoa indelevel, segundo a lei romana. Na communhão dos christãos essa mancha lavava-se completamente pelo arrependimento, se o histrião abjurava para sempre o seu officio ignominioso.

«Se algum comico, dizem as Constituições apostolicas (Liv. VIII, cap. 32), fôr recebido no gremio da Egreja, seja homem ou mulher, carreiro do circo, gladiador, andarilho, director de theatro, athleta, corista, tocador de harpa ou de lyra, equilibrista ou saltimbanco, é mister que renuncie ao seu officio, ou então que seja excluido da communhão dos fieis.»

A excommunhão pesava igualmente, como já dissémos, sobre todos os peccadores que viviam do theatro, e que não eram tão culpados como os que já enumerámos. Mas, aos olhos dos Padres, o theatro era o dominio da luxuria e da obscenidade. *Theatra luxuriant*, dizia S. Jeronymo: «Os theatros produzem a luxuria.» Tertuliano, no livro sobre a heresia de Marcion, denunciava as criminosas voluptuosidades do Circo, dizendo: *Voluptates Circi furentis, caveæ insanientis, scenæ lascivientis.*

Vimos anteriormente o que succedia no Grande Circo de Roma nas festas Floraes, onde um dia a presença do austero Catão impediu que fosse dado o signal para um indecoroso e infame espectaculo. Pois, apesar de Catão, ape-

sar das admoestações dos philosophos e apesar dos edictos dos consules, as Floraes foram sempre celebradas do mesmo modo, e Lactancio, que as descreve em côres bem vivas, prova sufficientemente as grandes difficuldades que o christianismo tinha de vencer para afastar d'aquellas vergonhosas diversões a população pagã.

«Além da licença das palavras, que transbordam n'uma torrente de obscenidades, diz o santo auctor das *Institutiones*, as meretrizes, aos gritos dos espectadores impacientes, despojam-se dos seus vestidos. São ellas que n'este dia se encarregam das pantomimas, e á vista de todo o povo e até que os olhares dos espectadores se saciem de obscenidades, executam infames contorsões e movimentos (*cum pudendis motibus detinentur.*)».

Arnobio, referindo tambem estes horriveis escandalos, julga que a propria cortezã Flora se retiraria envergonhada como Catão, se podésse vêr as abominações que em sua honra se realisavam, e que excediam todas as obscenidades dos lupanares e dos theatros.

Se as Floraes se celebravam ainda em presença dos romanos, no decurso do seculo III da era christã, póde julgar-se da obscenidade das representações theatraes, a que a Egreja catholica oppunha já victoriosamente as suas prégações e abstinencias.

A comedia de toga (*togata*) não se dirigia senão aos espiritos cultivados, e por conseguinte ao menor numero. S. Cypriano, na sua Epistola 103, não condemna menos os elementos da comedia grega e latina, as intrigas dos personagens, os enganos dos adulterios, a licença das mulheres, o desplante dos histriões, a desvergonha dos parasitas, e todos aquelles personagens representando paes de familia, umas vezes nescios, outras, impudicos.

«Todos esses actores, diz elle com indignação, quer desempenhem um papel sagrado, quer profano, removem o lodo do theatro, não só porque as obras que representam são indecentes, mas tambem porque os seus movimentos e gestos são impudicos, porque os actos da prostituição se traduzem sobre a scena, e a prostituição se exerce ao mesmo tempo debaixo da scena.»

Effectivamente, já descrevemos, aproveitando-nos dos elementos que nos forneciam os poetas criticos, a prostituição que se exercia nos theatros e nos circos, fazendo os seus traficos impuros ás portas e nas immediações d'estes estabelecimentos publicos e debaixo das abobadas (*fornices*) do edificio onde se celebravam os jogos. Este facto demonstra bastante a parte que tinha a prostituição nos costumes do theatro. E' verdade que as mulheres honestas, as mães de familia, as matronas austeras, só rarissimas vezes assistiam ás representações, mas os corretores do impuro trafico, as cortezãs famosas, as meretrizes populares, os *cinœdes*, e os *spadones* tinha alli o campo livre, e cada um d'elles se aproveitava dos arrebatamentos sensuaes a que dava occasião o espectaculo para exercer o seu vergonhoso officio.

O proscenio do theatro era especialmente reservado aos jovens e imberbes *cortezãos* da mais repugnante libertinagem. Não obstante, Plauto quer expulsal-os d'alli no prologo do seu *Penulo*: *Scortum exolentum ne quis in proscenio sedeat.*

Nos bancos mais apparentes, viam-se triumphantes as estrangeiras em voga, as que usavam mitra e as que mandavam por toda a parte os seus emissarios, a esperar, sollicitar ou receber uma offerta ou proposta. Os logares mais baratos eram occupados pela escoria da prostituição, que divagava nos pateos e manchava com as suas impurezas as vastas e sombrias construcções do theatro ou do amphitheatro. Esta escoria infame não se compunha só de meretrizes, mas sim tambem de creanças vendidas á libertinagem, que se prostituiam n'aquelles sitios, dependendo, por assim dizer, de todos os espectaculos. O jesuita Boulenger assim o refere expressamente no seu tratado *De Circo Roma-*

no, sem dissimular o execravel destino da abobada de um theatro: *Certe ad omnia penè gymnasia et spectacula erant popinæ et ganeæ utrique veneri maculæ et feminæ.* Póde suppôr-se por duas passagens do livro dos Machabeus que aquelles infames sanctuarios da Venus *Mascula* se chamavam *ephebia.* O christianismo, para chegar a destruir estes asylos infames do vicio, resolveu não deixar um unico theatro de pé.

Espectadores e actores faziam, pois, alarde de impudor e desvergonha, mas a comedia mais licenciosa e obscena era honesta e casta, em comparação das pantomimas e *mimos,* que não pareciam senão terem sido inventados como auxiliares da prostituição. Entre os gregos, as acções scenicas, já mudas, já traduzidas por gestos, já dialogadas, já cantadas e dançadas, derivavam-se das festas campestres que se instituiram em honra de Baccho, Pan, Flora e outras divindades rusticas. Não eram já os cantos publicos repetidos em côro pelos camponezes ebrios, saltando em redor das suas amphoras meio despejadas, emquanto que outros agitavam certas imagens obscenas (*oscilla*) suspensas de paus e recebendo do movimento que se lhes communicava as fórmas e aspectos mais impudicos. Os cantos publicos haviam-se perpetuado sem duvida nas cidades da Attica, onde passeava ainda o carro de Thespis na época das Bachanaes. Mas este grosseiro espectaculo havia tomado nas cidades um caracter mais theatral. Tal foi a origem das *dicelias,* das *magodias* e dos *mimos.*

Os *dicelistas,* que eram tambem denominados *phallopheros,* só appareciam no theatro adornados com os attributos de Priapo, de Termino, de Pan e dos satyros. Quanto ás *magodias,* os actores, que Atheneu designa sob o nome de *magodes,* vestiam-se de mulher ou disfarçavam-se com os trajos lubricos dos libertinos mais em voga, cuja insignia era um pau grosso e direito. Representavam scenas de embriaguez, imitando os costumes dos camponezes, e expressavam-se por gestos.

Nos *mimos,* pelo contrario, accrescentavam a estes esgares e gestos impudicos cantos infames e dialogos não menos indecentes.

Os *mimos* passaram a Roma, acompanhados de todos os accessorios voluptuosos da dança e da musica. Os histriões, que figuravam n'estas comedias burlescas e grosseiras, tinham a cabeça rapada e usavam um calçado e um trajo, exactamente como o das cortezãs da infima especie.

As pantomimas, que não tinham o recurso do dialogo, empregavam os prodigiosos recursos da mimica para pôrem em scena os episodios mais impudicos da mythologia.

Finalmente, as attelanas, que recordavam frequentemente o estro satyrico de Aristophanes e atacavam os cidadãos, censurando em alta voz os seus vicios e defeitos, não deixavam tambem de ir buscar as suas anecdotas e ditos picarescos ás scenas mais desbragadas do lodaçal da prostituição. Estas attelanas, oriundas da cidade de Attela, eram a comedia nacional da Italia e conservavam as tradições lubricas dos faunos e lupercos.

As pantomimas mythologicas foram sempre de todos os espectaculos os que fallavam mais agradavelmente aos sentidos do espectador. Muito tempo antes de ousarem apparecer em scena faziam já as delicias das *comissationes* e orgias nocturnas tanto em Roma como na Grecia. Xenophonte, no livro do *Banquete,* descreve uma d'estas pantomimas, que ainda que bastante livre, não dava uma ideia exacta do que chegou a ser este genero de espectaculos, quando passou do mysterio das salas dos festins para a publicidade das representações theatraes. Um syracusano, mestre de pantomimas, annuncia um d'estes espectaculos aos convidados, nos seguintes termos:

«Cidadãos, Ariana vae agora entrar na camara nupcial. Baccho, que tem andado na crapula com os deuses, virá ter com ella, e dentro em pouco os dois amantes cahirão na embriaguez da voluptuosidade.»

Ariana entra, ricamente vestida com os seus trajos nupciaes, e senta-se muito pensativa e receiosa. Baccho apparece pouco depois, vestido de deus, e andando ao compasso rithmico dos hymnos triumphaes consagrados a estas festas solemnes. Ariana expressa por mimica quanto se alegra com a chegada de seu esposo, mas nem se dirige ao seu encontro, nem sequer muda de posição. No emtanto, o seio agita-se-lhe, as faces tingem-se-lhe de rubor, treme-lhe todo o corpo, revelando uma profunda emoção. Baccho, ao vêl-a, approxima-se d'ella fazendo gestos apaixonados.

A pantomima expressava muito claramente o que nem mesmo a palavra teria podido exprimir e suppria de certo modo a linguagem dos deuses. Póde suppôr-se o que seria no theatro a representação da fabula de Pasiphae, a de Leda, a de Ixion e tantas outras monstruosidades, interpretadas de um modo tão fiel como eloquente.

Ordinariamente os papeis de mulher eram desempenhados por mancebos, que, segundo a energica expressão de S. Jeronymo, haviam sido transformados em mulheres desde a infancia. (*In scenis theatralibus unus atque idem histrio nunc mollis in venerem frangitur, nunc tremulus in Cybelem.*) Comprehende-se, portanto, que á vista d'aquelles gestos impudicos (*impuris motibus scenicorum,* como diz, na sua *Cidade de Deus,* Santo Agostinho,) os que ainda conservavam um resto de pudor tinham de voltar o rosto envergonhados, mas nem por isso deixavam de aprender n'esta escola de lubricidade as espantosas corrupções, que bem depressa se esforçavam por imitar e até mesmo por exceder o mais desaforadamente possivel.

Ainda que a maior parte d'estes papeis fossem confiados a homens, havia tambem mulheres nas differentes companhias de theatro, para excitarem opportunamente as paixões mais depravadas. As comediantes, qualquer que fosse o seu emprego em scena, eram mais despreziveis ainda do que os histriões, e á sua nota de infamia accrescia a nota de impudicas. Estas mulheres tinham necessidade de esquecer o seu sexo, para se prestarem ás vergonhosas exigencias da sua profissão. Procopio, na sua historia, faz o retrato de uma cortezã theatral, famosa pela sua belleza e pelas artes de que dispunha. Este retrato, copiado do natural no seculo sexto, provar-nos-ha que n'aquella época, apesar dos esforços da Egreja christã, o theatro não se havia submettido ainda á reforma moral reclamada por todos os bispos e doutores.

«Quando chegou á puberdade, diz o historiador, bem que nascida de condição livre, quiz inscrever-se no registo das mulheres que se prostituem em scena. Fez-se, pois, meretriz, como essas desgraçadas que se chamam *pedestres,* ou *pedaneas,* porque vão tentar fortuna nos festins, sem levarem instrumentos musicos, ou então porque se deitam no chão para se livrarem dos assaltos dos libertinos brutaes. Esta joven meretriz não tinha flauta nem harpa, nem sabia dançar ao som da orchestra, mas vendia-se a quantos a solicitavam, e traficava mesmo com todas as partes do seu corpo. D'ahi a pouco, offereceu os seus serviços para tudo o que dissesse respeito ao theatro, e tornando-se companheira dos comicos e histriões, tomava parte nos trabalhos scenicos, desempenhando varios papeis em todas as representações. Tinha que apresentar-se muitas vezes nua á vista dos espectadores, conservando-se em scena sem outra compostura além de um veu de gaze, que lhe cobria apenas metade do corpo.»

Esta nudez impudica, aquelles gestos obscenos, aquellas repugnantes pantomimas, justificavam plenamente o rigoroso juizo, que Tertuliano faz do theatro em geral e das suas tristes victimas da libertinagem publica em particular.

«Estes verdugos do seu proprio pudor, diz o illustre doutor da Egreja, envergonham-se ao menos uma vez por anno das horriveis prostituições, que ousam exhibir á luz publica, e das quaes até o proprio povo se horrorisa.»

S. Basilio dá a ultima pincelada ao espantoso quadro que os Padres da Egreja fizeram da impureza theatral, descrevendo-nos a attitude do publico, durante as representações:

«A orchestra, que abunda em espectaculos impudicos, diz elle na sua quarta homilia, é uma escola publica e commum de impudicicia para todos os que assistem a ella. Os sons das flautas e os cantos dissolutos, que se apoderam das almas dos espectadores, não teem outro resultado senão fazerem chegar ao cumulo do phrenesi esses insensatos, que se entregam a todas as torpezas e as praticam a compasso com os tocadores de cythara e de flauta.

O grego é de tal modo expressivo n'esta singular passagem, que procuramos traduzil-o na nossa lingua tão litteralmente, como o jesuita Boulenger o traduziu em latim:

«*Orchestra quæ abundat spectaculis impudicis publica et communis schola impudicitiæ iis qui assident, et tibiarum cantus et cantica meretricia insidentia audientium animis, nihil aliud persuadent quam omnes fœditati studeant et emittentur citharistarum aut tibicinum pulsus.*»

De resto, os Padres da Egreja, condemnando as torpezas do theatro, não escrupulisam em pintal-as ou descrevel-as. Arnobio falla de uns certos movimentos lubricos (*clunibus crispatis*) que não podiam vêr-se a sangue frio. S. Cypriano diz-nos que a pantomima é a arte de expressar com as mãos tudo o que ha de obsceno nas fabulas mythologicas. Lactancio affirma que esta pantomima theatral consistia sobre tudo em gestos e attitudes, que imitavam perfeitamente todas as impressões do prazer. Salviano declara que seria demasiado extenso enumerar todas as imitações de cousas deshonestas, todas as obscenidades de palavras, todas as torpezas dos movimentos, todas as indecencias dos gestos.

Os Padres, apesar mesmo de christãos, indignam-se de vêr os deuses do paganismo representados nas infames mascaradas e atrozes profanações das pantomimas. Arnobio espanta-se de que se ouse fazer de Venus uma infame cortezã, e uma phrenetica bacchante, em Roma, onde Venus tinha tantos templos e estatuas como divina ascendente do povo romano.

O christianismo, proscrevendo todos os jogos scenicos, attendia menos á comedia do que á dança, que abrangia todos os generos de prostituição. «A dança, como diz Luciano, no seu dialogo sobre esta arte voluptuosa, remonta ás primeiras origens do mundo e nasceu com o amor.» Luciano refere a proposito d'isto uma fabula bytiniana. Priapo, encarregado da educação de Marte, exercitou-o primeiro na dança do que no uso das armas, para desenvolver ao mesmo tempo as forças physicas e o caracter bellicoso do seu illustre educando. Eis o motivo porque, na moralidade d'esta fabula allegorica, se diz que a decima parte da presa feita por Marte na guerra reverte sempre em proveito de Priapo. Os Padres da Egreja, no emtanto, não julgaram dever perdoar á dança erotica por causa da sua divina origem guerreira. Havia muito tempo já que não se dançava a *Pyrrica* e outras danças marciaes, que n'outro tempo exaltavam o valor dos lacedemonios e dos outros povos gregos, ao som dos escudos. As proprias danças religiosas pareciam frias e mudas. Em toda a parte, porém, nos theatros, nos gymnasios, e nos festins se havia introduzido a dança lasciva e a pantomima mythologica, que fazia furor tanto entre os velhos como entre os mancebos. Ninguem se enfadava de vêr dançar desde pela manhã até á noite.

Estas danças causavam uma especie de delirio nos espectadores, que, sem exclusão mesmo dos velhos, se agitavam a compasso nos seus logares, e applaudiam phreneticamente os bailarinos, esses vis histriões do impudor, homens aviltados e mulheres perdidas, marcados com o stygma indelevel da infamia pela lei romana.

Luciano apresenta-nos um velho philosopho no meio das cortezãs e dos libertinos, meneando a cabeça veneranda, e extasiando-se de prazer ante um miseravel effeminado, indigno de ser chamado homem.

«Vae sentar-te na orchestra, diz Craton a Luciano, para embriagares o ouvido com os cantos suaves do espectaculo e com os melodiosos sons da flauta, para encantares os olhos com o espectaculo de um infame, que lubricamente vestido e obedecendo a um rythmo lascivo, imita em todos os seus excessos as paixões de algumas mulheres descaradas, taes como Phedra, Parthenope e Rodopisa, e gesticula ao tenue som da lyra e ao ruido dos pés, que marcam o compasso.»

Luciano, que acceita de bom grado a arte da dança, proclamando-a tão agradavel como util, não póde deixar de censurar as *gymnopedias* e outras danças gregas, em que figuravam nuas virgens e crianças.

«A dança, diz elle, deve pintar ao vivo os costumes e as paixões. A dança não tem limites; abrange todos os objectos, é um espectaculo que resume todos os outros, os instrumentos, o rythmo, o compasso, a voz e os córos.»

Explica-se depois d'isto com facilidade o supremo influxo que esta arte provocadora exercia em homens, cujos sentidos estavam sempre dispostos para o prazer. Explica-se ao mesmo tempo o motivo por que os bispos christãos tinham tanto empenho em suffocar as seducções irresistiveis da dança.

Seria prolixo em demasia citar aqui todos os generos de danças scenicas ou *conviviales*, que despertaram a attenção da Egreja por lhe parecerem eivadas de prostituição. Indicamos já mais particularmente as que interpretavam algum facto mythologico dos amores do Olympo. As mais conhecidas e menos decentes eram as de Venus. A historia dos deuses e seus inumeraveis adulterios eram reproduzidas com tanto relevo e impudor n'estas danças, que o poeta das *Metamorphoses* e da *Arte de Amar*, o sulmonense Ovidio, o desterrado das solidões do Ponto Euxino, envergonhava-se de vêr os seus versos traduzidos em movimentos, em gestos e em attitudes eroticas: *Scribe in fas est imitantes turpia mimos*, dizia elle admirado da licença de similhantes quadros.

Atheneu cita os nomes d'algumas d'estas danças, que não descreve, mas cuja indecencia caracterisa mais ou menos. Taes eram o *epiphallos*, que descendia directamente das festas e dos jogos fallicos; o *hedion* e o *heducomos*, danças combinadas com canções lubricas; a *brydalica*, originaria da Laconia, executada por mulheres com mascaras ridiculas de uma indecencia monstruosa; a *lamptrotera* em que as bailarinas completamente nuas se provocavam com palavras impudicas; o *strobilos*, ou furacão, que fazia erguer impudentemente as tunicas das dançarinas; o *kidaris*, ou o chapeu, dança deshonesta da Arcadia; o *apokinos*, que consistia n'um prodigioso movimento das nadegas; o *sybaritike*, que justificava plenamente o seu nome; o *mothon*, ou o escravo, que dava ensejo a grandes desaforos: o *ricnoustai* e o *diaricnoustai*, que se distinguiam pelas titillações e estremecimentos voluptuosos do corpo, etc., etc. O sabio Meursio escreveu um curioso volume a respeito das danças gregas, e ainda assim está bem longe de ter esgotado este delicado assumpto, no que diz respeito ás danças do amor.

Os romanos refinaram o impudor e a luxuria d'estas danças, que se apresentavam descaradamente nos theatros e favoreciam diariamente a corrupção dos costumes. Cada um dos bailarinos mais habeis inventava a sua e dava-lhe o seu nome. Assim, Bathylo, Pylades, Fabaton e outros celebres mimicos, foram os creadores de diversas danças, que não eram inferiores na expressão lasciva e voluptuosa ás mais impudicas do Egypto e da Grecia. A dança mais estimada, porém, em Roma era a *cordax*, que devia o seu exito a um voluptuoso movimento, que se imprimia ao corpo da cintura para baixo. Seneca lamenta que uma dança tão obscena se houvesse introduzido no theatro. Se-

gundo a etymologia d'esta dança grega, parece que os primeiros dançarinos se suspendiam de uma corda, e se bambaleavam no ar em mil posturas grotescas e deshonestas. Era uma reminiscencia tradicional d'aquellas *oscillas* das festas de Baccho, que ás vezes tomavam fórmas tão singulares.

Quasi todas as danças scenicas exigiam uma grande agilidade do corpo e uma extraordinaria flexibilidade de membros. Mais ou menos, todos os bailarinos eram equilibristas e funambulos. No *Banquete* de Xenophonte, vemos uma dançarina infantil juntando a cabeça com os pés, emquanto um histrião executa a mesma difficuldade ao som da dupla flauta. Tão excessivo costumava ser o exercicio dos bailarinos no theatro, que chegavam a cahir no chão, prostrados de fadiga.

Desde a mais remota antiguidade os bailarinos apresentavam-se nus, carregados uns de amuletos indecentes, outros pintados de açafrão. Havia alguns que se vestiam de mulher, outros augmentavam as proporções do seu sexo, e todos elles pintavam o rosto e os cabellos. A nudez dos coripheus das danças augmentava ainda o seu caracter impudico e vergonhoso.

Um fresco de Herculanum representa uma dançarina infantil, completamente nua, que dança na mão de um flautista, sentado ao pé de um leito convivial, onde os commensaes se animam mutuamente em presença d'aquelle espectaculo acirrante. Suidas faz menção de outra dança lubrica, em que os bailarinos suspendiam da cintura ou do pescoço enormes bexigas pintadas de vermelho, que tinham a fórma de *oscillas*, e tomavam a cada movimento da dança um aspecto impudico.

E' muito natural que os mercenarios, que se prestavam a similhantes scenas de prostituição, fossem classificados como meretrizes e *cinædes*. Assim, nos primeiros seculos do theatro latino, os actores, que se exposeram d'este modo ao despreso publico, foram não só excluidos da classe dos cidadãos, mas tambem expulsos de Roma por ordem dos censores. N'aquella época do poder censorial, nem sequer se permittia em scena um homem vestido de mulher, e a differença de sexo nas representações apenas se indicava pelo caracter especial da mascara de theatro.

Mas, apesar das decisões dos magistrados, a immoralidade theatral rompeu bem depressa com todos os obstaculos, e a prostituição installou-se como rainha n'aquelles impuros estabelecimentos. Salvo certas excepções, que o talento do actor e o caracter do homem apenas podiam determinar, tudo o que figurava em scena era infame e diffamado, e os applausos dos espectadores não faziam mais do que consagrar aquella infamia. Entre os actores não houve mais do que eunuchos, *cinædes, patientes, spadones* e similhantes cumplices da libertinagem anti-physica; as actrizes eram tambem prostitutas de todas as cathegorias. Arnobio expressa-se a este respeito com uma energia, que a traducção mais fiel não é capaz de reproduzir, quando falla dos effeitos corruptores da musica e da pantomima:

«Estas mulheres, diz o illustre doutor da Egreja, fazem-se meretrizes e musicas para abandonarem o corpo a um trafico vergonhoso, para ostentarem a sua ignominia perante um povo que lhes pertence, sempre promptas a lançarem-se nos lupanares, procurando aventuras debaixo das abobadas do theatro, sem resistirem a nenhuma obscenidade, pois até a propria bocca expõem ao serviço da prostituição. (*In fœminis fierent meretrices, sambucistriæ, psaltriæ, venalia ut prosternerunt corpora, vilitatem sui populo publicarent, in lupanaribus promptæ, in fornicibus obviæ, nihil pati renuentes, ad oris stuprum paratæ.*)

E, não obstante, no meio d'aquellas mulheres deshonradas e vis, recrutou o christianismo martyres e santas!

Os fundadores da religião do Evangelho sentiram a necessidade de ata-

car frente a frente o theatro pagão, e destruil-o, para poderem realisar a reforma dos costumes. N'este firme proposito, reuniram todas as suas forças, toda a sua auctoridade, toda a sua eloquencia contra aquelle formidavel inimigo, que se defendia com as poderosas armas da sensualidade, do prazer e da prostituição. Nada menos de seis seculos foram precisos para a Egreja ganhar a sua victoria, e o theatro só cahiu por terra, quando haviam baqueado já todos os altares do polytheismo.

A prostituição, essa é que não ficou esmagada sob as ruinas da scena pagã.

CAPITULO XXXVII

SUMMARIO

Fins que o christianismo tinha em vista ao occupar-se das reformas dos costumes publicos.—O *vectigal*, ou imposto que as prostitutas pagavam ao imperio romano.—Os trabalhos de dia e os trabalhos de noite.—O *victigal*, obsceno.— A taxa meretricia no reinado de Heliogabalo.—O *aurum lustrale*.—Os recebedores do imposto da prostituição.—Epitaphio de um agente d'esta especie.— Alexandre Severo decreta que o *aurum lustrale* seja empregado em estabelecimentos de utilidade publica.—Suppressão do direito do exercicio para a prostituição masculina. — O Crisargiro.— Epitaphio do primeiro lustral do imperio.— Sua filha Verecundia, ou Pudibunda.— Origem da palavra lustral.— Constantino Magno.— Edictos d'este imperador a respeito do lustral.— Protesto dos philosophos contra o tributo da prostituição.— Theodozio II supprime a quota dos corretores de prostitutas no tributo lustral.— As cortezãs tributarias do fisco.— Explicação da constituição do Crisargiro por Cedreno.— Rigores dos cobradores do *vectigal meretricio*.— O imperador Anastacio e a abolição do Crisargiro.— Projecto dos especuladores para restabelecer este imposto.— Sua reapparição no tempo de Justiniano.— Indulgencia d'este imperador para com as mulheres publicas.— A imperatriz Theodora.— Casa de retiro e penitencia para as cortezãs.— As quinhentas reclusas da imperatriz.



Resta-nos examinar a influencia exercida pelo christianismo na jurisprudencia romana e nos direitos imperiaes, sob o ponto de vista da prostituição. Esta notavel influencia, que emanava dos concilios, não se separava da sua doutrina e todos os imperadores christãos, desde Constantino até Justiniano, trataram de encerrar a prostituição em limites mais estreitos, sob uma vigilancia mais severa, sem comprometter, ao procurar supprimil-a completamente, a segurança da vida social. Não póde pôr-se em duvida que os imperadores foram inspirados n'este assumpto pelo juizo illustrado dos Padres da Egreja, que admittiam a existencia da prostituição n'um estado, como um mal necessario e incuravel, como uma chaga que não póde cicatrisar-se, mas unicamente dissimular-se. Em compensação, porém, e pelo mesmo systema, procuravam atalhar o mal no seu principio, oppondo a penalidade mais rigorosa a todo o acto de lenocinio. Podemos, pois, resumir nos seguintes termos os fins que o christianismo tinha em vista na reforma dos costumes publicos pela legislação imperial: deter o progresso da prostituição, diminuir e circumscrever o seu dominio, livral-a de todos os seus parasitas impuros, deixal-a subsistir nas trevas do despreso para uso de alguns libertinos apenas, tornal-a, se fosse possivel, mais vergonhosa e mais degradante, e pôr entre ella e a vida honesta e decente uma linha divisoria, mais profunda e mais ostensiva.

Antes de tratarmos, porém, do que chamaremos policia christã da prostituição debaixo do imperio de Constantino e dos seus successores, devemos fallar de um assumpto que a ella se refere e que merece ser estudado á parte. Queremos tratar do *vectigal*, ou imposto lustral, que pagavam as prostitutas em todo o imperio romano, desde o reinado de Caligula, seu inventor. E' no-

tavel que este escandaloso imposto, fructo amargo da depravação social, subsistisse só até Anastacio Primeiro, e que os imperadores christãos, anteriores a este principe, consentissem em manchar as mãos com um ouro, extrahido de fonte tão impura. Verdade seja que pretenderam depurar, pelo menos ao que parece, este ouro infame, empregando-o em instituições pias e uteis, entre as quaes achamos o estabelecimento de uma casa de refugio e penitencia para as mulheres publicas. A taxa da prostituição na antiguidade é um facto interessante, por isso mesmo que a vêmos reapparecer mais regular e menos arbitraria nos tempos modernos, sob o regimen de uma administração fundada na moral e na religião.

Os romanos davam o nome de *vectigal* a toda a especie de imposto tirado (*vectus*) da substancia do povo que para elle contribuira. Tudo podia servir de materia de *vectigal* nas cousas e nos habitos da vida social. Não acreditamos, porém, que a prostituição fosse collectada antes de Caligula, que ordenou que cada prostituta pagasse ao fisco a oitava parte dos seus lucros diarios (*ex capturis,*) o que produzia um imposto proporcional, que seguia o curso da prostituição subindo ou baixando com ella. Não acceitamos, no emtanto, a distincção que o douto commentador de Suetonio, Torrencio, julga dever estabelecer entre os trabalhos de noite e os trabalhos de dia das mulheres publicas, dizendo que só estes ultimos estavam equiparados aos trabalhos do jornaleiro e submettidos á fiscalisação imperial. A palavra *captura* não suppõe essa distincção demasiado subtil, e Caligula não era tão innocente que se privasse por causa d'ella da maior parte das suas rendas *pornobolicas*. Mas ha mais ainda: Caligula, para tornar mais rendosos os productos do *vectigal* impudico, sujeitou a esse tributo todos aquelles, tanto homens como mulheres, que tivessem exercido o *meretricio* ou o lenocinio. Suetonio não nos diz qual era esse direito, que não era provavelmente fixo e constante, visto que os matrimonios estavam igualmente sujeitos a um direito do mesmo genero (*nec non et matrimonia obnoxia essent.*) Este imposto não tinha certamente por fim moderar os abusos da prostituição, tornando-a mais onerosa; era, muito pelo contrario, uma garantia de tolerancia, exigida pela auctoridade a todos os agentes da depravação publica. Bem longe estava isto das leis prohibitivas de Tiberio, que desterravam as prostitutas patricias e os libertinos da ordem equestre, as primeiras como castigo de se haverem inscripto no registro das cortezãs e os segundos por haverem ousado apparecer no theatro ou na arena. O imposto creado por Caligula não foi abolido pelos imperadores que lhe succederam; no emtanto variaram por diversas vezes as suas bases, e mudou frequentemente de fórma, para produzir mais e para se estender a maior numero de contribuintes.

Vimos, n'alguns dos capitulos anteriores, que o execravel Heliogabalo, para augmentar os redditos da prostituição, mandou abrir lupanares no seu palacio e elevou arbitrariamente a tarifa d'esses estabelecimentos imperiaes, aos quaes concorriam as matronas e os cavalleiros romanos, desejosos de accrescentar os rendimentos do impudico Cesar. A taxa meretricia não tinha já n'esse tempo uma base determinada, e os louvados encarregados de a fixarem lançavam-na segundo os seus caprichos e segundo a fortuna dos interessados.

O *vectigal* da prostituição (*meretricium*) comprehendia toda a especie de direitos que se percebiam de todo aquelle que fazia profissão de libertinagem, fosse qual fosse o seu sexo, idade ou condição. Os alcoviteiros de ambos os sexos não haviam sido esquecidos n'estas contribuições, e até as creanças dos lupanares faziam embolsar ao fisco maiores sommas, porque eram mais numerosas do que as outras classes de perdidos.

Para não confundir este imposto vergonhoso com os outros do mesmo nome (*vectigalia,*) que pesavam sobre a população honesta, disfarçou-se sob a denominação de *aurum lustrale,* entendendo-se por estas palavras que simi-

lhante imposto tinha um caracter de expiação, ou equivalia á expiação do facto obsceno e era uma allusão, como parece mais provavel, á propria procedencia do imposto, que sahia principalmente dos lupanares, chamados tambem *lustra.*

A percepção d'este imposto devia ser mui difficil, e os cobradores que tinham o encargo de a realisar, precisavam de revestir-se de uma especie de auctoridade, para poderem dominar as reluctancias e má vontade das creaturas envilecidas sujeitas á sua vigilancia.

De resto, as funcções de collector do imposto lustral não imprimiam a nota de infamia n'aquelles que desempenhavam este espinhoso cargo publico, visto que nas inscripções de Gruter (n.º 347) se achava o epitaphio de um funccionario d'esta especie, qualificado d'este modo:

P. AELIO T. F. AURI LUSTRALIS COACTORIS

O imposto do ouro lustral fazia entrar importantissimas sommas no thesouro publico, e por isso o Estado não podia facilmente resignar-se a passar sem elle. Assim, pois, Alexandre Severo, que tinha horror a esse ouro manchado de infamia, ordenou que fosse purificado, empregando-se em instituições de utilidade publica e applicou-o tambem á restauração do theatro, do Circo, do Amphitheatro e do Estado, a fim de que estes monumentos consagrados aos prazeres do povo, fossem sustentados a expensas das prostitutas.

Lampridio, referindo esta honesta e sensata reforma, que tanto honra Alexandre Severo, accrescenta que este virtuoso principe tivera ideia de fazer desapparecer completamente os jovens auxiliares da libertinagem publica. Receiou, porém, que esta medida produzisse funestas consequencias á moralidade publica, pelos desvarios e excessos das paixões particulares «pois, accrescenta o historiador dos Cesares, os homens desejam mais vivamente o que lhes é prohibido e pretendem possuil-o, com uma especie de furor.»

De resto, como Alexandre Severo diminuisse todos os impostos, reduzindo-os á trigessima parte do que eram no tempo de Heliogabalo, devemos crêr que deixou subsistir a antiga taxa do *ouro lustral.*

Este imposto soffreu, no emtanto, differentes modificações, a que não é possivel determinar bem as épocas. No tempo do imperador Filippe, que não occultava as suas preoccupações christãs, a prostituição masculina deixou de pagar direitos de exercicio, por isso que foi abolida de direito, se não de facto por um edito do imperador. Mais tarde o *vectigal impudicum* só se pagava por quinquennios, como muitas outras collectas impostas ao officio e condição das pessoas. Chamou-se então *chrysargyrum,* palavra formada do grego, e que comprehende as duas — ouro e prata —, para dar a entender talvez que uns mantinham a sua infame industria a peso de ouro e outros a peso de prata, e que a taxa era desegual para todos, ainda que o motivo da sua imposição fosse homogeneo, e a differença da prostituição não regulasse a differença da tarifa legal.

Não temos noções exactas ácerca da quota da contribuição lustral, que se exigia no principio do anno quinto d'esta especie de arrendamento, contratado entre o Estado e os agentes directos ou indirectos da prostituição. O pagamento do imposto era de certo modo uma auctorisação adquirida para exercer o escandaloso officio, para o qual se necessitava um privilegio e uma patente, se é possivel caracterisar com estas expressões modernas o facto antigo, que ellas tão exactamente representam. O privilegio lustral estava assim limitado a cinco annos, afim de que os traficantes da prostituição podessem sempre, antes que expirasse o praso de rigor, declarar que abandonavam o vergonhoso officio e entravam na vida honrada.

A contribuição d'este imposto estava confiada a officiaes de bons costu-

mes encarregados de fixar as taxas e de fazer entrar os fundos nos arcos do thesouro publico. Estes officiaes tinham o titulo de *lustrales,* como se vê em uma inscripção da collecção de Fabricio:

PRIMOGENIO LUSTRALI AUGG. N. N.
ALFIA VERECUNDINA PATRI PIENTISSIMO

Esta inscripção, que deve ser do quarto seculo, refere-se ao administrador principal do imposto lustral, ou ao primeiro Lustral do imperio, sem o nomear. O nome da filha d'este superintendente da prostituição é digno de notar-se. *Verecundina,* quer dizer pudibunda, e este nome não é sufficiente para justificar a posição equivoca de uma joven educada no meio das impuras attribuições da casa paterna.

Não julgamos que seja mister attribuir a origem da palavra *lustral* ao periodo de cinco annos, durante o qual a prostituição nada tinha que pagar ao fisco. Ulpiano empregou a palavra *lustral* no sentido de *quinquennal* (de *lustrum*) sem tirar á palavra a sua significação primitiva, que envolvia uma especie de penalidade expiatoria.

Zozymo, historiador grego, muito parcial contra os christãos, censura amargamente Constantino Magno, por haver opprimido a prostituição com um imposto novo. O historiador, porém, não apresenta prova alguma em apoio da accusação que dirige contra a moral do Evangelho, attribuindo ao primeiro imperador christão a creação de um imposto escandaloso e corruptor. A verdade é que este imposto existia desde o tempo de Caligula, e nunca foi abolido, mas sim circumscripto e regulamentado. Constantino teve a ideia de supprimir a um tempo o imposto e a culpada tolerancia, que lhe servia de sustentaculo. Publicou nove edictos sobre a contribuição lustral, que comprehendia os subsidios exigidos a todas as classes de commercio e deixou subsistir os corretores e as cortezãs, entre os traficantes que deviam ao fisco uma parte dos seus beneficios. Era fechar os olhos em presença de um abuso contrario ao espirito do Evangelho e da philosophia, no emtanto, nunca se podia dizer que isto fosse approvar esse abuso, que não foi reformado até ao tempo de Theodosio, o Moço.

Já desde o segundo seculo da éra christã os philosophos haviam protestado com toda a indignação contra o odioso imposto, que assegurava a impunidade da libertinagem e collocava a prostituição debaixo da garantia do Estado. Justino, na sua *Apologia dos christãos,* escripta em meiados do referido seculo, accusa energicamente os imperadores de receberem este tributo da prostituição.

«Assim como os antigos, diz elle, apascentavam grandes rebanhos e manadas, assim hoje se criam meninos e meninas, destinados á infamia, e mulheres destinadas a soffrer as vossas libertinagens; e esta multidão de mulheres, de *cinœdes* e de *fellatores* de bocca impura, pagam direitos, que não tendes vergonha de acceitar.»

Foi Theodosio II quem realisou em parte o que Constantino havia projectado e supprimiu a quota dos corretores impuros na contribuição lustral, porque sem supprimir esta quota não poderia ter supprimido o lenocinio. Pondo termo a este vergonhoso commercio, e prohibindo-o sob as penas mais severas, não perdoou á incuria dos seus predecessores e censurou-a nos prelegomenos da lei *De lenonibus,* promulgada em 439:

«A maioria dos nossos antecessores deixaram-se illudir pela astucia d'estes traficantes impuros, que, sob o pretexto de certa contribuição lustral, ficavam auctorisados a exercer o commercio de corrupção e libertinagem.»

N'esta mesma lei, pergunta o imperador se seria licito aos traficantes

d'esta especie residirem na capital do imperio do Oriente, e se o thesouro devia enriquecer-se com a sua infame industria.

Theodosio eximiu, pois, os corretores da prostituição da contribuição lustral, mas deixou ainda as cortezãs tributarias do fisco. O *chrysargirum* continuou a ser exigido com toda a severidade a quantos negociavam, fosse de que modo fosse, mas os corretores impuros e os jovens auxiliares da libertinagem não foram já comprehendidos no novo censo, que tinha logar todos os quatro annos e não todos os cinco, como succedia antes de Constantino.

Este censo tão escrupulosamente era feito em todas as casas, que cada habitante tinha de justificar os seus meios de subsistencia e dar parte d'elles ao imperador. Os que não podiam pagar a sua quota, por causa da sua extrema pobreza, não escapavam aos maus tratamentos que lhes fazia soffrer o recebedor do imposto. Zozymo diz que esta exacção se fez no tempo de Constantino com tanto rigor, que as mães vendiam seus filhos e os paes prostituiam suas filhas para poderem pagar o imposto do *chrysargirum*, o mais oneroso de todos os impostos. Vê-se, pois, que o *vectigal impurum* não havia cessado de se estender, envolvendo nas suas redes toda a população mercenaria das cidades.

Os historiadores não estão de accordo sobre a applicação d'este imposto, que não alcançava tão sómente os agentes da prostituição e acabara por ser annual, em vez de ser apenas cobrado de quatro em quatro annos. Não obstante, Cendreno, que compilava no seculo XI a sua *Historia Universal* das obras de muitos chronistas hoje perdidos, teve o cuidado de explicar, debaixo do seu ponto de vista, a constituição do *chrysargirum*, tal como este imposto existia em fins do seculo V.

«Os mendigos, diz elle, as prostitutas, as mulheres repudiadas, os escravos e os libertos pagavam certa quota ao thesouro publico. Havia tambem um imposto para as mulas, para os burros, para as eguas e para os cães, quer estivessem na cidade, quer nos campos. Todo o individuo, homem ou mulher, submettido a este imposto, pagava uma peça de prata. O mesmo se exigia de cada cavallo, de cada boi, de cada mula. No emtanto, o burro e o cão não eram collectados em mais de seis obulos por cabeça.»

Cendreno parece ter esquecido n'esta nomenclatura os negociantes de todas as classes (*negociatores,*) que contribuiam mais ou menos para o *chrysargirum* e que eram designados collectivamente nos direitos relativos ao imposto lustral. Todos os historiadores estão de accordo, porém, a respeito das violencias e crueldades dos exactores, que todos elles consideram como altos personagens da inteira confiança dos imperadores. Cendreno diz a proposito d'isto que se erguia um grande clamor unisono na cidade e nos seus arrabaldes, quando o fisco mandava para a cobrança um implacavel exercito de collectores, similhante a uma praga de gafanhotos. Parece todavia que as cortezãs e o seu estado maior de corruptores e auxiliares era quem mais tinha a soffrer a exacção. Evagrio, na sua *Historia Ecclesiastica,* refere que se iam procurar estes contribuintes aos lupanares e ás tabernas, que se empregava a astucia e a violencia para os convencer do facto de prostituição, e que não se lhes dava a liberdade de disporem do seu corpo senão depois de se lhes haver entregue um documento, em que constava do seu officio e da quota a que ficavam sujeitos.

Estava reservado ao imperador Anastacio levar a effeito uma reforma, que reclamava desde muito tempo a egreja christã, e que Constantino, o Grande, não pudera effectuar, apesar de todos os seus bons desejos. Tal é o testemunho de um escriptor anonymo, auctor de uma relação de Synodos, citada por Ducange no seu *Glossarium ad scriptores mediæ et infimæ grecitatis*. Evagrio fez uma curiosa relação da abolição do *chrysargirum* por Anastacio nos principios do seculo VI.

«Este execravel imposto, diz elle, era um ultrage a Deus, uma vergonha para os proprios pagãos e uma affronta para o imperio christão, posto que auctorisada pelas infamias de cujo vergonhoso lucro participava.»

Os recebedores d'este imposto eram, não obstante, pessoas honradas, que depois de haverem enriquecido a expensas do vicio, desempenhavam no Estado funcções importantissimas, sem se envergonharem da torpeza, que os seus secretarios e agentes haviam exercido em seu nome e debaixo da sua auctoridade.

Anastacio teve noticia de todas as violencias que se commettiam n'esta cobrança, e resolveu pôr fim ao escandalo. Em vão um homem habil chamado Thucydides tomou a defeza do *chrysargirum,* propondo-se provar que era tão justo como necessario. Anastacio denunciou-o como immoral e iniquo ante o senado, e aboliu-o por uma lei, mandando queimar os registros dos exactores e arrematantes do imposto. Estes promettiam aos seus deuses obter de novo o restabelecimento do imposto, que tão pingues beneficios lhes havia produzido, e só esperavam o advento d'outro principe para levantarem de novo o *chrysargirum,* com o auxilio dos documentos originaes que haviam conservado, ou sabiam onde poderiam encontrar, em caso de necessidade. Mas Anastacio, advertido das suas esperanças e projectos, cuidou logo de applicar-lhes o ultimo golpe.

Para este fim, fingiu arrepender-se da precipitação com que havia obrado, privando-se de uma fonte tão productiva de rendas publicas, accusou-se em alta voz da sua imprudencia e queixou-se de não haver escutado os conselhos de Thucydides, que lhe representara tantas vezes a conservação de um imposto, que todos os imperadores desde Caligula consideravam como a riqueza do thesouro imperial. Não ficava bem purificado aquelle ouro com o uso que d'elle se fazia, applicando-o ás despezas do exercito e do culto?

Anastacio demonstra claramente a sua intenção de restabelecer o imposto. Chama os recebedores havia pouco demittidos, e faz-lhes esta declaração. Todos elles applaudem cheios de jubilo e declaram tambem que podem ainda recolher-se os documentos e titulos originaes para restabelecer as bases do imposto supprimido. Anastacio felicita-os pela sua previsão e zelo e anima-os a não omittirem diligencia alguma para reunirem todos os titulos ainda existentes. Os especuladores animam-se effectivamente e consagram-se com a maior sollicitude a tão importante tarefa, emquanto que a desolação se apodera das meretrizes, que já se haviam julgado livres de tão odiosa exacção.

Ninguem podia explicar o motivo que havia determinado o imperador à revogar uma disposição, approvada e applaudida por todos os verdadeiros christãos. Sabia-se que os monges de Jerusalem tinham mandado a Constantinopla uma deputação, encarregada em nome da Egreja de sollicitar a abolição do *chrysargirum.* Os delegados monasticos haviam sido recebidos com as maiores attenções pelo imperador, que tambem havia manifestado um grande interesse pela representação de uma tragedia grega, em que Thimoteo de Gaza, não menos recommendavel pela sua reputação de sabedoria, do que pelo seu talento de poeta, havia apresentado em scena as abominações do imposto, invento digno de Caligula.

Anastacio dissimulou até que os documentos originaes lhe foram entregues pela sollicitude e diligencia dos cobradores, que lograram descobril-os nos archivos publicos e nas casas particulares.

— Está aqui tudo? perguntou o imperador ao primeiro lustral do imperio.

Com a affirmativa d'este alto funccionario, mandou fazer ao som de trombetas um convite ao povo, para ir vêr ao Circo um espectaculo nunca visto até então.

O povo não faltou a este convite. Todos os titulos do imposto haviam sido empilhados no meio da arena, e um arauto annunciou aos assistentes que o *chrysargirum* havia sido condemnado ao fogo, como impio e infame.

Effectivamente tudo foi queimado entre os applausos dos espectadores, e as cinzas d'aquelle montão de papyro cahiram sobre as cabeças das cortezãs e dos corretores infames, que não haviam sido os ultimos a invadir os logares do Circo.

Não obstante este curioso auto de fé, o imposto não foi completamente aniquilado nas chammas, e parece que resuscitou sob outra fórma para subministrar ao thesouro somma consideraveis. Existia no reinado de Justiniano, que evitou especifical-o no regulamento dos cobradores de impostos. O mesmo imperador não o menciona na sua lei contra os corretores do impuro trafico, que a esse tempo se entregavam sem a menor reserva ao seu commercio infame. Ao que parece, só as mulheres eram admittidas á profissão e taxa da prostituição legal, em que não figuravam, pelo menos ostensivamente, os agentes passivos da libertinagem.

Devemos notar que Justiniano foi muito mais indulgente que Theodosio com a prostituição e com as desgraçadas que a exerciam. Derogou as leis romanas, em virtude das quaes não era permittido a nenhum cidadão unir-se em matrimonio com as mulheres de theatro, sobre as quaes pesava o estygma da infamia, e o proprio imperador casou com Theodora, famosa n'outro tempo entre as prostitutas, filha de uma meretriz da mais infima classe e digna discipula de sua mãe. Justiniano cobriu com a sua purpura as manchas d'aquella bailarina, que havia passeado descaradamente a sua vergonha de povo em povo, antes de subir ao throno das imperatrizes, mas o imperador lembra-se ainda de que sua esposa se apresentava no theatro para divertir a populaça e que fôra expulsa ignominosamente pelos magistrados, que a accusavam de corromper a juventude.

E' possivel que Theodora não esquecesse tambem estas dolorosas scenas do seu passado, e determinou fundar uma casa de asylo e de penitencia para as suas antigas companheiras de libertinagem. E' provavel que esta instituição piedosa fosse custeada com os fundos do imposto lustral. Procopio nada nos diz a tal respeito, quando falla d'este convento de novo genero, no seu *Tratado dos edificios construidos sob o imperio de Justiniano,* mas ha razões para crêr, que desde Alexandre Severo o producto do *vectigal impurum* se applicava especialmente a obras de utilidade publica.

Estava no espirito do christianismo empregar o dinheiro da prostituição em a combater e em reparar os seus funestos resultados. Theodora, porém, enganou-se na execução da sua ideia, que devia produzir felizes resultados n'outras tentativas analogas, que veremos reproduzirem-se com frequencia na idade média. Esta meretriz coroada commetteu a imprudencia de recorrer a meios violentos e não á persuasão para realisar os seus fins. Quinhentas mulheres publicas foram presas nas ruas de Constantinopla e conduzidas a um antigo palacio, situado na margem asiatica do Bosphoro. Este palacio havia sido magnificamente disposto para receber as reclusas. Havia alli tudo quanto podia consolal-as da perda da sua liberdade, por isso que a imperatriz nada havia esquecido para lhes proporcionar distracções honestas; mas as desgraçadas, separadas dos seus amantes e das suas orgias, preferiram uma morte prompta a uma vida solitaria sem gozos sensuaes. A maior parte d'ellas atiraram-se ao mar logo na primeira noite, e as que ficaram na sua prisão dourada morreram dentro de pouco tempo de nostalgia e de desespero.

Procopio não nos diz tambem se Theodora insistiu nos seus ensaios de moralisação forçada, que tão maus resultados lhe haviam dado. As pobres victimas, que mandava encerrar assim á viva força n'aquelle palacio esplendido,

de bom grado voltariam á vida da prostituição, se lhes fosse permittido sahir do asylo em que Theodora procurava empregar tão violentos processos de conversão.

Justiniano foi o mais celebre dos imperadores, que depois da queda do imperio do Occidente se sentaram no throno de Constantinopla, durante os mil annos d'este imperio, que terminou em 1453 pela conquista de Mahomet II.

Erudito e previdente, Justiniano compilou todas as leis romanas, fazendo colligir o *Digesto* e as *Institutas*. O seu reinado, que durou 39 annos, assignalou-se pelas façanhas do famoso Belizario, o vencedor dos vandalos e dos persas.

O templo de Santa Sophia em Constantinopla é um monumento da magnificencia d'este imperador, que falleceu no anno de 561.

CAPITULO XXXVIII

SUMMARIO

Legislação dos imperadores christãos ácerca da prostituição.—O *meretricium* considerado como um commercio legal.—A nota de infamia applicada ás filhas dos corretores da prostituição e dos *lupanarios*.—O *meretricium anti-physico* excluido do imposto lustral.—Lei ácerca dos raptos das nubiles.—As donas e serventes de taberna, exceptuadas das penas do adulterio.—Prohibição da venda de escravas christãs para o serviço da prostituição.—Os peccados contra a natureza, castigados com a pena de morte.—Theodosio, o Moço, defensor das victimas do lenocinio.—O *vectigal impurum* abolido por instigações de Florencio, pretor de Constantinopla.—O imperador Justiniano.—Leis contra o lenocinio.— Quadro espantoso do commercio occulto do lenocinio em Constantinopla.— A lei relativa aos banhos publicos.—Os successores de Justiniano.



A legislação dos imperadores christãos pequenas alterações introduziu na antiga jurisprudencia romana relativa á prostituição. Esta chaga que corroia o corpo social não podia curar-se com leis rigorosas de repressão ou prohibição. Era mister pelo contrario deixal-a aberta nas trevas, como um movel de más paixões e de impuros vicios, uma vez que se tornava indispensavel para impedir a violação, o adulterio e a seducção das mulheres honradas. Tal foi em todo o tempo o espirito da Egreja primitiva, tal devia ser tambem o prudente e sensato procedimento do poder temporal, que se dirigia quasi sempre pelos conselhos do poder espiritual.

Vimos anteriormente a prudencia com que os concilios se abstinham de abolir de facto o que não podiam deixar de condemnar como principio, e mostramos tambem o caminho indirecto que seguiam para chegarem gradualmente á reforma dos costumes. Os imperadores desde Constantino em deante não seguiram caminho diverso e atacaram a prostituição nas suas causas e nos seus excessos. Eis a razão porque nos codigos de Theodosio e de Justiniano não se encontra nenhuma lei relativa á prostituição em geral, mas encontram-se disseminados muitos titulos que a ella se referem e que a regulam, encerrando-a em limites cada vez mais apertados. A tolerancia é completa com o *meretricium,* propriamente dito, que é perfeitamente considerado um genero de commercio, pagando como tal o seu imposto ao thesouro publico. A libertinagem anti-physica é, porém, excluida do *meretricium* sob as mais severas penas, ficando assim a prostituição reduzida aos seus limites naturaes. O lenocinio é o objecto constante de todas as perseguições dos successores de Constantino, sendo denunciado pela Egreja aos implacaveis rigores da lei, como a fonte principal da prostituição, como o foco permanente d'esta chaga social.

Assim, pois, sob a influencia do christianismo o direito romano não se modifica no que diz respeito ao exercicio legal da prostituição, e a cortezã póde ainda invocar a protecção dos magistrados. Ulpiano decide, como pagão e não

como christão, que uma meretriz está ao abrigo de toda a imputação pelas sommas que receber na sua qualidade de meretriz; por isso mesmo que, tendo-se tornado uma cousa vergonhosa, trabalhando no seu vil officio, não recebe vergonhosamente o seu salario de meretriz.

Este subtil commentario sobre a natureza de uma dadiva ou recompensa prova que o *meretricium* era considerado legalmente como um commercio sujeito a certos regulamentos de policia e a uma jurisprudencia especial, como qualquer outro commercio. Levando mais longe a investigação do commentario sobre o texto da lei, o jurisconsulto declara que a meretriz não podia reclamar em juizo o cumprimento de uma promessa, que lhe houvesse sido feita na sua qualidade de meretriz, porque similhante promessa não podia ter senão uma causa vergonhosa.

Chega-se finalmente d'este modo a concluir que a meretriz usa do seu direito de meretriz, recebendo uma retribuição, e até mesmo que recebe essa retribuição ou paga honradamente, ainda que a exija e ganhe de uma maneira vergonhosa.

Não é, pois, de admirar que os juriconsultos, de accordo sem duvida com os doutores da Egreja, omittissem em favor das cortezãs a nota de infamia, que deshonrava todos os agentes da prostituição legal e se preoccupassem com esta extranha distincção que rehabilitava a mulher na meretriz: «A mulher de má vida é uma pessoa deshonesta, mas não é infame, emquanto não houver sido surprehendida em adulterio,» diz um texto da legislação a que nos referimos.

A nota de infamia das cortezãs subsistiu até ao advento dos imperadores christãos. Antes de Constantino, as antigas leis relativas a esta nota de infamia haviam sido postas em vigor por Diocleciano e Maximiano, que quizeram pôr um dique aos desregramentos dos maus costumes publicos. Estas leis prohibiam aos cidadãos de condição livre casar com libertas, quer houvessem quer não vivido na libertinagem; prohibiam igualmente aos senadores e a seus filhos contrahir matrimonio com patricias que se houvessem dado á prostituição.

Mais tarde a nota de infamia foi imposta ás filhas dos que viviam do lenocinio e ás vezes ás dos lupanarios, com o fim de pôr obstaculos aos matrimonios escandalosos dos senadores com estas jovens enriquecidas pela prostituição e pelo lenocinio.

De resto, esta nota de infamia não fazia mais do que descer dos paes para as filhas, porque os do lenocinio e do lupanar não tinham ainda outro castigo além de serem notados de infamia pelo pretor. A *Lei Julia* perdoava-lhes tambem, excepto no caso de adulterio, ainda que fossem inconscientes. Desde Constantino começaram a ser castigados com um rigor, que apenas servia para os tornar mais habeis nos seus manejos, sem lhes tirar ainda assim a vontade de continuarem n'esse officio, muito mais lucrativo para elles, do que o das suas desgraçadas victimas.

Constantino deu um golpe terrivel na prostituição, fazendo entrar nas trevas a libertinagem sodomitica, que até esse tempo se ostentava desaforadamente á luz do dia, passeando por toda a parte os seus impudicos e descarados pacientes. Desde então o que era apenas considerado como uma intemperança sensual veio a ser um acto vergonhoso, detestado pela gente de bem e punido severamente pelas leis.

Esta grande reforma, que Alexandre Severo havia tentado realisar por honra da moral e da philosophia, foi apoiada e sustentada pelo christianismo, que feria com o seu anathema os que o pretor castigava com penas corporaes e pecuniarias. Sem duvida a prisão, a multa e a deshonra não eram um remedio immediato e radical para um vicio horroroso, que desde tantos seculos estava corrompendo todas as classes da sociedade, mas ao menos o governo

não auctorisava já com o seu silencio os infames habitos da depravação escandalosa e o escandalo não contribuia tambem para a propaganda do mal.

Como dissémos no capitulo anterior, Constantino não supprimiu completamente o imposto lustral, mas purificou-o, prohibindo a sua applicação d'ahi ávante ao *meretricium anti-physico* e ao lenocinio cynico e secreto. E não foi só isto o que resultou das medidas rigorosas do imperador. Aggravou a penalidade do senado-consulto de Claudiano, contra as mulheres ingenuas ou livres que se abandonavam a escravos ou libertos, quiz tambem acabar com uma das prostituições mais communs entre as patricias descaradas, que iam procurar os seus amantes ao Circo e ao Amphitheatro, quando não os tomavam menos escandalosamente entre os eunuchos, *spadones,* e bobos do serviço domestico.

Constantino não se occupou apenas depois da sua conversão ao christianismo d'esta regeneração dos costumes aviltados. Já anteriormente havia promulgado leis, que embora muito rigorosas, não foram muito efficazes contra os excessos da corrupção publica. Entre esses excessos, o rapto das donzellas nubiles havia chegado a tal audacia, que não respeitava os conventos de mulheres espalhados por todo o imperio. Estes asylos da virgindade christã offereciam um incentivo constante á cobiça da libertinagem. Succedia tambem que as jovens e bellas neophytas, que faziam voto de castidade e que se consagravam á vida claustral, encontravam frequentemente entre os parentes e amigos da sua familia instigadores e cumplices de raptos, que devia deshonral-as, transportando-as novamente á vida mundana.

A lei *Si quis,* publicada no 1.º de abril do anno 320, dizia que todo aquelle que raptasse uma donzella, com ou sem o seu consentimento, seria castigado severamente, e que a donzella consentiente soffreria a mesma pena que o seu raptor. (*Cod. Theod. De rap. virg. vel vid.*) Esta lei não determinava qual seria a penalidade infligida, para deixar toda a latitude de severidade ou de clemencia ao juiz. O imperador Constantino fixou bem depressa as incertezas da lei, a respeito da penalidade, ordenando que os culpados fossem decapitados. Se algum amigo da familia, se a ama da donzella, ou quaesquer outras pessoas houvessem aconselhado o rapto, lançava-se-lhes chumbo derretido pela bocca, a fim de que esta parte do corpo, que aconselhara tão grande crime, ficasse para sempre fechada. Quanto ás donzellas, raptadas contra sua vontade, mas que não houvessem gritado por soccorro, eram privadas da herança paterna ou materna. No caso em que o raptor se pozesse de accordo com os paes da donzella para obter o silencio ou a impunidade, qualquer cidadão tinha o direito de o accusar e perseguir em juizo. O denunciador receberia então uma recompensa, e os paes, convictos de encobridores do crime, seriam desterrados para uma ilha deserta. Os cumplices do raptor deviam incorrer na mesma pena que elle, mas sendo de condição servil, eram condemnados ao fogo.

Esta lei, ainda assim, não comprehendia senão as donzellas *ingenuas,* porque o rapto das escravas e libertas só obrigava á indemnisação dos interesses que reclamavam os donos ou patronas da joven raptada. Não obstante a igualdade humana sanccionada no Evangelho, a mulher de nascimento servil nem sequer tinha o direito de fazer respeitar o seu pudor. Assim, uma lei de Constantino exceptua das penas do adulterio as donas e serventes das tabernas, como indignas de serem regidas pelas mesmas leis que os cidadãos livres. O christianismo tambem não tinha intenção de diminuir a infamia inherente ao serviço das tabernas, nas quaes entrava mais a prostituição que a embriaguez. Prestar os seus serviços aos bebedores, era para uma mulher o cumulo da vergonha e o synonymo da prostituição. Um commentador pergunta a este respeito se o latim *præbere ministerium* significava mais do que dar de beber, e se os beberrões, que ordinariamente enchiam elles proprios os seus copos, não teriam necessidade n'uma circumstancia mais delicada da boa vontade das

taberneiras, por exemplo, quando faziam estalar os dedos para pedirem o vaso urinario, invocando Baccho ou Hercules *Urinator*.

Seja como fôr, está averiguado que toda a servente de estalagem ou de taberna estava isempta da obrigação de observar as leis do pudor e decencia publica, por causa da mesma abjecção do seu mister (*vitæ vilitas.*) A lei de Constantino sobre o divorcio comprehendia tambem a prostituição, fazendo figurar entre as causas de repudio o lenocinio posterior ao matrimonio, e privando a mulher que o houvesse exercido do seu dote e de todas as davidas nupciaes.

Por mais louvaveis que fossem os energicos exforços de Constantino para o estabelecimento da reforma christã dos costumes no imperio, a desmoralisação era geral em todas as classes d'aquella sociedade, em que vivia sempre o espirito do polytheismo, isto é, a prostituição, e Constantinopla tinha lupanares em cada rua, mulheres e homens de prazer em cada casa, e as cortezãs vagueavam de noite em torno das egrejas, como n'outro tempo em redor do theatro.

Os dois filhos de Constantino Magno, Constante e Constancio não se mostraram menos sollicitos em pôrem um freio legal á prostituição, mas não conseguiram tambem curar esta lepra, que sobreviveu ao paganismo. Prohibiram a venda de escravas christãs, para uso da libertinagem publica, e pela lei de julho de 343 declararam que estas escravas, filhas de paes christãos, não podiam ser compradas senão por ecclesiasticos ou por fieis, que podessem justificar a sua religião. Esta lei offerece, porém, alguma obscuridade, pois não se sabe se o primeiro possuidor d'estas escravas podia submettel-as aos ultrages do lupanar, quando o seu direito de propriedade era anterior ao decreto do imperador.

O douto Godofredo, nos seus commentarios ao codigo Theodosiano, diz que esta lei era um meio engenhoso de embaraçar o commercio das escravas e de abolir pouco a pouco a prostituição, porque se os pagãos obstinados se compraziam malignamente em arremessar á libertinagem as pobres escravas christãs que haviam comprado para este fim, estas não tinham mais de que recommendar-se á caridade dos seus irmãos em Jesus Christo para encontrarem uma boa alma que lhes pagasse o seu resgate e que lhes assegurasse com a liberdade o direito de permanecerem puras. Era uma piedosa emulação entre os christãos sacrificarem os seus bens terrenos ao resgate das escravas, que a lei da escravatura entregava á prostituição.

Santo Ambrozio (*Offic.* II, 15) diz que a Egreja tinha mais interesse em livrar as mulheres da deshonra do que os homens da morte. Assim, comprehende-se o motivo porque os imperadores Constancio e Constante alentavam o resgate das donzellas christãs, cuja condição servil havia condemnado ao odioso serviço da prostituição legal.

Estes mesmos imperadores fizeram ainda mais. Pronunciaram a pena de morte contra todo o homem que commettesse, debaixo de qualquer fórma que fosse, o vergonhoso peccado contra a natureza. O christianismo punha em vigor a antiga *Lei Scantinia*, que não se applicava havia seis ou sete seculos. A nova lei não especificava de uma maneira clara e precisa a classe de crime que podia produzir-se de modos tão differentes. Não caracterisa, é certo, os graus de penalidade que deviam applicar-se n'estes differentes casos, mas ergue-se com uma grande indignação contra todos os actos d'esta especie, cujo castigo deixava á discrição do juiz.

«Quando um homem, diz a lei, muda de condição, e se faz mulher para se entregar a outros homens, o que resta a fazer n'um caso em que um sexo perde os seus direitos, em que Venus soffre uma violenta metamorphose, em que, finalmente, se procura o amor e só se encontra a infamia? Ordenamos que se invoquem todas as leis humanas, e que a justiça se arme com a espada

vingadora a fim de que os infames que são culpados d'esse crime, ou que tenham procurado sel-o, sejam entregues aos maiores supplicios.»

Similhante lei no codigo romano era uma condemnação brilhante de todos os vicios que a civilisação pagã tinha acceitado e acariciado por muito tempo, mas que o christianismo repellia com horror no culto dos falsos deuses.

Theodosio, o Moço, codificando as leis do imperio romano não teve o valor de completar esta jurisprudencia relativa a um dos factos mais vergonhosos da prostituição, mas declarou-se o defensor supremo de todas as victimas do lenocinio, que perseguiu com muito mais energia ainda do que os seus predecessores, porque o lenocinio não era uma industria exercida em proveito do povo, mas sim pelo contrario excitada e sustentada pelas paixões dos grandes e dos ricos.

Não obstante, Theodosio não levou o seu rigor até ir procurar a fonte do lenocinio, castigando os que justificavam a sua existencia. Declarou desapossados do seu poder legal os paes e patronos, que exercessem coacção sobre suas filhas ou escravas para que estas se entregassem á prostituição. As desgraçadas victimas d'esta violencia, ou de sollicitações impuras, não tinham mais do que reclamar o amparo dos bispos, dos juizes ou dos governadores, os quaes tratariam então de fazer cessar a criminosa oppressão dos seus patronos indignos, ou dos seus paes, mais indignos e infames ainda. No caso d'estes insistirem nos seus infames propositos, eram condemnados ao desterro ou aos trabalhos das minas.

A lei accrescenta que esta seria a menor pena por então applicada aos corretores da impureza. Alguns annos depois, o mesmo imperador e o seu collega Valentiniano deram um golpe mais decisivo á prostituição, abolindo o *vectigal* dos traficantes impuros. A iniciativa d'esta honrosa medida pertenceu ao administrador da pretura de Constantinopla, o illustre Florencio, que vendo propagar-se enormemente o lenocinio, multiplicando sem cessar o numero das suas victimas, propoz aos dois imperadores a abolição do infame imposto, que o thesouro publico a esse tempo recebia, consagrando a sua fortuna particular a supprir o *deficit* d'esta abolição.

Os dois imperadores acceitaram o generoso offerecimento de Florencio e resolveram fazer d'elle honrosa menção na lei que decretaram, para que não ficassem esquecidas as piedosas e nobres inspirações do pretor. Esta lei não só abolia o *vectigal* do lenocinio, mas tambem procurava destruir indirectamente a prostituição, perseguido os que tiravam proveito d'ella e tinham o seu monopolio.

«Se de futuro, dizia a lei, alguem tiver a sacrilega audacia de tentar prostituir escravas suas ou alheias, ou mulheres *ingenuas,* que fizerem mercancia do seu corpo (*ingenua corpora quolibet taxatione conducta*) as infelizes escravas ficarão desde logo em liberdade, as *ingenuas* serão livres de todos os compromissos do seu contrato impio, e o auctor do escandalo será açoutado e expulso da cidade, que houver sido theatro do seu delicto.»

Em consequencia d'isto, os magistrados eram obrigados a velar escrupulosamente pela estricta observancia do edicto imperial, sob pena de serem multados em vinte libras de ouro. Mas esta lei contra os especuladores e traficantes da libertinagem não abrangia a prostituição individual, que conservava o privilegio da sua vergonhosa impunidade, sem ter que receiar senão os incommodos da policia pretoriana ou ecclesiastica. Assim, quando uma mulher de má vida vinha residir na visinhança de pessoas honradas, a lei auctorisava a sua expulsão, com o receio de que corrompesse os costumes de toda aquella gente honesta. Esta expulsão arbitraria, sem nenhuma outra pena afflictiva, prova que a prostituição estava sempre limitada em logares retirados, nos arrabaldes das cidades e extramuros.

O codigo de Theodosio, que esteve em vigor cerca de um seculo, não foi modificado no que diz respeito á prostituição até ao imperio de Justiniano, que não fez mais do que confirmar a maior parte das leis dos seus predecessores, completando-as em harmonia com a doutrina da Egreja.

A primeira disposição do codigo de Justiniano, relativa ao lenocinio tem muito interesse, por isso que apresenta um quadro espantoso de commercio clandestino dos costumes de Constantinopla em 535, data da promulgação da lei. Esta lei reune em si toda a jurisprudencia imperial e christã sobre a prostituição, que foi por ella regida até ao fim da idade média. Parece-nos, portanto, opportuno conhecel-a no seu conjuncto e devemos traduzil-a na sua integra, como base da legislação pornographica.

Damol-a em seguida, apenas com ligeiras suppressões:

«As antigas leis consideraram com horror o odioso estado e o nome dos que commerciam com as mulheres publicas (*lenonum causam et nomen;*) muitas d'estas leis conteem disposições severas contra elles, e nós mesmos aggravamos os castigos impostos a esses miseraveis. Além d'isto, supprimos com outras leis o que podessem ter omittido os nossos predecessores, e ultimamente ainda, quando nos foram annunciadas as escandalosas desordens, que similhante trafico occasiona na nossa capital, não descuramos este assumpto. Soubemos que algumas pessoas vivem illicitamente, empregam meios crueis e odiosos para se enriquecerem com lucros abominaveis, percorrem as provincias e os paizes remotos afim de enganarem jovens dignas de compaixão (*juvenculas miserandas,*) promettendo-lhes vestidos e adornos, e depois de as haverem seduzido com estes attractivos, as conduzem a esta venturosa cidade, as estabelecem em casas que possuem, lhes dão mesquinho alimento e vestidos e as entregam logo á lubricidade publica, tirando por sua propria conta o producto d'esta infame prostituição.

«Soubemos, além d'isto, que fazem acceitar a essas desgraçadas victimas certos compromissos, pelos quaes ficam obrigadas a exercer as suas impias e criminosas funcções durante todo o tempo que a esses infames especuladores apraz fixar-lhes, havendo até alguns que exigem caução das suas proprias victimas, e os crimes d'esta especie de tal modo se multiplicam, que se commettem quasi por toda a parte, tanto n'esta imperial residencia, como nos paizes de além do Bosphoro, e, o que é mais horrivel ainda, esses antros de impureza, acham-se abertos perto das egrejas e das casas mais respeitaveis.

«Finalmente, em nossos dias as cousas chegaram a tal extremo de impiedade e iniquidade, que as pessoas honradas, que compadecidas d'estas infelizes as quizerem arrancar á sua vil profissão para as conduzirem ao estado do matrimonio legitimo, não podem lograr os seus bons desejos.

«Ha tambem alguns malvados, que expõem as meninas ao perigo da corrupção, antes de completarem os dez annos, e as pessoas caritativas podem apenas resgatar a peso de ouro essas pobres creaturas para que contraiam castas uniões. Os corruptores empregam milhares de ardis, que nem podem bem explicar-se, e o mal chega n'este momento a tão grande abominação, que as casas de prostituição, que n'outro tempo se occultavam nos bairros mais afastados de Constantinopla, vêem-se agora por toda a parte e nos sitios mais concorridos da cidade. Ha tempos que fomos advertidos d'estas torpezas, e ultimamente os magnificos pretores, encarregados por nós de se informarem d'este assumpto, nos fizeram iguaes revelações, em presença das quaes entendemos ser mister implorar o favor de Deus para livrar sem demora a nossa capital de similhantes ignominias.

«Em consequencia d'isto, recommendamos a todos os nossos subditos que sejam castos, quanto lhes seja possivel, que a castidade unida, á confiança em Deus, póde unicamente elevar a alma humana; mas, como ha muitos espiritos

fracos que se deixam arrastar ao peccado da luxuria por artificios, por enganos, ou por necessidade, prohibimos absolutamente o commercio de prostituição, (a passagem da lei n'este ponto é muito obscura,) ter mulheres em casa, entregal-as publicamente á libertinagem, ou compral-as para qualquer outro trafico.

«Prohibimos tambem que se façam acceitar e assignar contratos de prostituição, que se exijam cauções ou qualquer outra cousa que obrigue essas imprudentes jovens a perderem a castidade a seu pesar. Não será por mais tempo permittido enganal-as com seducções de vestidos ou adornos, ou do sustento quotidiano para as obrigar a deshonrar-se. Nada d'isto permittiremos de ora ávante e determinaremos sobre isto o necessario, para que toda a caução que se tenha prestado em garantia de taes compromissos, seja declarada nulla e sem effeito. Tambem não permittiremos que os indignos corruptores despojem as jovens do que lhes houverem dado, e ordenamos além d'isso que sejam expulsos d'esta venturosa cidade, como empestados, como destruidores da castidade publica, como corruptores de mulheres escravas e livres, reduzindo-as á necessidade de se venderem, depois de as haverem seduzido e educado para a sensualidade do publico.

«Ordenamos, pois, que se de futuro alguem se atrever a apoderar-se de uma mulher contra vontade d'ella, a tel-a em casa sob o pretexto de a sustentar e a apropriar-se do fructo da sua prostituição, seja preso por ordem dos nossos honrados pretores e condemnado aos ultimos supplicios. Porque, se nós delegamos nos pretores a faculdade de castigar os assassinios e os roubos de dinheiro, com maior razão os encarregamos de perseguir o assassinio e o roubo da castidade.

«Se alguem recolher em sua casa algum d'estes corruptores e permittir que elle alli exerça o seu vil officio, sem o expulsar logo que tenha conhecimento d'isso, será condemnado a uma multa de cem libras de ouro e á confiscação da sua casa.

«No caso de algum corruptor, que tenha levado para sua casa uma donzella, fazer com ella uma convenção escripta, para cuja garantia a joven houver dado um fiador, é preciso que esse corruptor saiba que nenhuma vantagem poderá tirar, nem da obrigação principal da joven nem da do fiador, porque sendo nulla em todas as suas partes a obrigação da joven, o fiador não fica de modo algum obrigado para com o corruptor. Este incorrerá além d'isso, como acabamos de dizer, n'uma pena corporal, e será expulso d'esta grande cidade, capital do nosso vasto imperio.

«E' nosso desejo que as mulheres (e isto lhes supplicamos) vivam castamente, e não se deixem arrastar para a vida licenciosa, nem sejam coagidas a fazer o mal, porque prohibimos e castigamos o lenocinio, não sómente n'esta cidade e logares circumvisinhos, mas tambem nas provincias que pertenciam anteriormente á republica, e sobretudo nas que Deus concedeu ao nosso imperio, desejando conservar puros e immaculados os dons que d'Elle recebemos.

Temos fé em Nosso Senhor e crêmos que o nosso zelo pela castidade fará a gloria e a força do nosso governo, porque Deus nos recompensará, segundo as nossas obras.

«Honrados cidadãos de Constantinopla, gozae dos beneficios d'esta lei. Depois recorreremos á santa voz da Egreja para que saibais da nossa sollicitude para comvosco e dos nossos esforços para fazermos reinar a castidade e a piedade, a cuja sombra esperamos vêr a republica dotada da maior prosperidade.»

Esta excellente lei, datada no consulado de Belisario, nas calendas de dezembro do anno 535, foi dirigida a todos os magistrados do imperio do Occidente, com ordem de a publicarem e fazerem chegar ao conhecimento de to-

dos os cidadãos, afim de que ninguem podesse allegar ignorancia a respeito das prescripções da lei.

Apesar de todas estas precauções, não foi cumprida, e os corruptores continuaram muito a seu salvo o commercio infame da prostituição, tomando como antigamente as suas precauções para obrigarem as jovens illudidas ao cumprimento dos seus onorosos contratos. Não sómente lhes exigiam sempre cauções solidarias, mas até muitas vezes se asseguravam da sujeição das suas victimas, obrigando-as a ligar-se aos seus contratos por juramentos terriveis, que ellas não ousavam violar, de modo que para não serem prejuras tinham de soffrer em silencio a infamia da prostituição.

Além d'isso, os magistrados não faziam differença alguma entre a natureza e o objecto das cauções, e para serem fieis ao antigo direito romano, condemnavam todo e qualquer fiador a cumprir a sua obrigação, sem se importarem se ella era ou não honesta e decente.

Justiniano viu-se, pois, obrigado a promulgar outra lei, poucos annos depois da promulgação da primeira. Esta lei, provocada pelas queixas e representações de João, prefeito do pretorio, duas vezes consul e patricio, indicava as astucias que os corruptores haviam inventado para enganarem as desgraçadas jovens, as quaes considerando-se ligadas por um juramento, julgavam proceder piamente cumprindo-o á custa da sua castidade. Como se a infracção de similhante juramento não fosse mais agradavel a Deus do que a sua observancia!

«Effectivamente, diz o preliminar da lei, se alguem houver recebido de outrem, por exemplo, o juramento de commetter um homicidio, ou um adulterio, ou qualquer outro crime, não deve esse juramento ser cumprido, por isso que é illicito, vergonhoso e conduz á perdição. Como consequencia d'isto, o que exigir um juramento d'esta naturéza será condemnado á multa de dez libras de ouro, e o juiz que houver auctorisado esse juramento soffrerá a mesma pena, sejam quaes forem as suas intenções.» Esta multa devia ser entregue á mulher, que houvesse prestrado o juramento, para ficar em estado de poder ter uma vida mais honrada, e a desgraçada era libertada do seu sacrilegio ante Deus e ante os homens.

Não foi esta a ultima providencia legislativa tomada pelo imperador Justiniano, para reformar os costumes do imperio e conseguir, quanto fosse possivel, curar a chaga da prostituição. Não deixou, por exemplo, de fazer observar a antiga legislação ácerca dos banhos publicos e accrescentou certas prescripções, que tinham por fim afastar toda a occasião de escandalo. Assim, ainda que os banhos publicos dos homens estivessem separados dos das mulheres, quiz que existisse a mesma separação nos banhos particulares, e prohibiu expressamente aos dois sexos o banharem-se juntos, a não ser que estivessem dentro da legalidade do matrimonio. Mas a mulher casada não podia banhar-se com outros homens, nem mesmo com creanças, sob pena de ser repudiada e privada dos seus direitos.

Quanto aos maridos que se banhassem com mulheres estranhas, eram castigados com a pena de perderem todas as doações e heranças que podessem esperar de suas mulheres legitimas. (*Cod. Just. De repud.* liv. I. *Nov.* XXII, *De nupt.*)

Poderiamos ainda extrahir do codigo Justiniano muitas outras disposições, que se dirigiam mais ou menos a actos reprehensiveis, ainda mais considerados moralmente do que sob o ponto de vista da legalidade. A influencia da imperatriz Theodora não foi de nenhum modo perniciosa á policia dos costumes. Em toda a parte, porém, se nota a indulgencia do legislador para com as tristes victimas da prostituição, quando procura e persegue com severidade a instigação á libertinagem.

Os successores de Justiniano poucas addições fizeram á sua jurisprudencia. Augmentaram tão sómente a penalidade a respeito do lenocinio, que se occultava sempre nas corrupções do *meretricium,* e que se arriscava até mesmo ao supplicio, só com a mira posta na consecução de enormes riquezas.

Quanto ás meretrizes, essas eram realmente protegidas, muito embora fossem vigiadas e estivessem submettidas a rigorosas medidas policiaes, sobre tudo em Constantinopla e nas grandes cidades do imperio. A prostituição legal foi regulada, pouco mais ou menos, do mesmo modo no mundo christão, que ia «*mudar de face, sem mudar de vicios,*» segundo a expressão do douto escriptor Rabuteaux, o primeiro historiador da prostituição na Europa.

GRAVURAS — PAG.

HQ Lacroix, Paul
111 História da prostituição
L219
1885
t.1

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

